

"Um thriller que se passa em 1804 e incorpora idéias do grande pensador Immanuel Kant numa trama inacreditável. Os amantes da ficção de qualidade vão adorar este livro." - *Publishers Weekly*

Crítica da Razão Criminosa

(Critique of Criminal Reason)



Michael Gregorio

 **Planeta**

Michael Gregorio

CRÍTICA
— DA —
RAZÃO CRIMINOSA



Critique of Criminal Reason, 2006

Capa: Jennifer Carrow

Imagens da capa: Gravura de Immanuel Kant, Bettman/Corbis; gravura da Royal Opera House ©

Snark/Art Resource, N.Y.

Michael Gregorio

Crítica da Razão Criminosa

Tradução Liliana da Silva Lopes

Copyright © Michael Gregorio, 2006

Título original: Critique of Criminal Reason

Publicado originalmente pela Faber and Faber Limited

Preparação e revisão: Túlio Kawata

Diagramação: Nobuca Rachi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gregorio, Michael Crítica da razão criminosa / Michael Gregorio; tradução Liliana da Silva Lopes. –

São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.

Título original: Critique of criminal reason

ISBN 85-7665-221-8

1. Ficção inglesa I. Título.

06-7292

CDD-823

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção: Literatura inglesa 823

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda

Av. Francisco Matarazzo, 1500 — 32º andar — cj. 32B

Edifício New York — Centro Empresarial Água Branca 05001-100 — São Paulo-SP

vendastgfeditoraplaneta.com.br

Contracapa

Na fria Königsberg, em plena Prússia da virada do século 18 para o 19, o grande filósofo Immanuel Kant escrevia páginas obscuras. Depois de ter tratado da mente comum em *Crítica da razão pura*, seu mais famoso livro, agora enveredava pela mente doentia de um *serial killer*. Mas o que aquelas ideias secretas poderiam ter com os assassinatos que apavoravam a cidade em 1804? Acompanhe neste *Crítica da razão criminosa* as investigações do jovem magistrado Hanno Stiffeniis, um dos poucos que conversaram com Kant sobre as páginas secretas. Michael Gregorio construiu uma trama apaixonante, na qual razão e superstição se combinam de forma assustadora.

Uma leitura cativante e uma história brilhantemente construída... Michael Gregorio faz a filosofia entrar na sua narrativa gótica com segurança.

CRIME TIME

A recriação da Prússia do século 19, os crimes góticos e o personagem que tenta descobrir o responsável pelos assassinatos combinam-se de maneira inédita.

PUBLISHING NEWS

Orelhas

Já havia alguns anos que *Crítica da razão pura* trouxera fama a Immanuel Kant, que ficara então conhecido por toda a Europa e se transformara no mais importante cidadão de Königsberg. Agora, rumores sobre um novo trabalho daquela mente prodigiosa começavam a vir à tona. No entanto, ao contrário de seu famoso texto filosófico, o novo livro não examinava a mente do homem médio, mas a de um *serial killer*.

Hanno Stiffeniis, um jovem magistrado, foi chamado a Königsberg para ajudar na investigação de uma enigmática série de assassinatos. Seria parte de um complô formado pelos espões de Napoleão para derrubar o rei da Prússia ou o trabalho de um desconhecido assassino? O caso pareceria insolúvel não fossem a ajuda e as ideias de Immanuel Kant. Juntos, Stiffeniis e o excêntrico filósofo devem encontrar o assassino que mantinha a cidade de Königsberg presa pela garganta.

Divertido e inteligente, *Crítica da razão criminosa* marca a estreia de um importante nome da ficção histórica.

Os Autores



MICHAEL JACOB e DANIELA DE GREGORIO escrevem juntos como Michael Gregorio. Daniela ensina filosofia; Michael é interessado em história da fotografia. Eles moram em Spoleto, pequena cidade na Itália central.

Sua série de romances policiais com o procurador prussiano Hanno Stiffeniis como personagem central inclui *Crítica da Razão Criminosa*, *Dias de Expição*, *Uma escuridão visível* e *Despertar Profano*.

Um falso início

— Observe, Stiffeniis. Ela desliza como faca aquecida cortando banha.

Como a Lógica ceifando a névoa da Ignorância, pensei, plenamente consciente da presença ilustre a meu lado. Ainda assim, meu estômago se revoltou ante aquela visão. Forcei-me a olhar, mas teria virado as costas caso o dever não me obrigasse a examinar a prova com todo o cuidado que fosse capaz de reunir.

— Ainda assim, não foi uma faca.

Dentro do grande pote de vidro, a cabeça decepada girava em um mar voluteante e turvo de álcool. Um emaranhado de tendões vermelho-acinzentados, coágulos e crostas de sangue ressequido balançavam gentilmente no líquido amarelo-palha como as gavinhas rastejantes de uma água-viva. Os olhos cinzentos estavam revirados para cima na órbita, a boca, retorcida em uma expressão que parecia traduzir mais surpresa que lástima. Não pude evitar me perguntar se o imediatismo da morte interrompera tão rapidamente o fluxo elétrico do pensamento quanto bloqueara as reações físicas. Doeu-me não saber qual teria sido a impressão final da vítima, sentia-me incomodado pela inexistência de algum método conhecido de depuração, como aqueles utilizados para destilar vinho, que fosse aplicável às ideias preciosas que devem ter ficado em suspenso no cérebro e que me ajudasse a entender como a morte foi infligida. Eu lera *De viribus electricitatis in motu musculari*,¹ mas o exame físico que agora empreendia ultrapassava em muito qualquer coisa que o grande Galvani tivesse jamais concebido. A cabeça girou vagarosamente como uma enorme concha espiralada no mar avultante e meu mestre esticou seu longo dedo para a frente apontando o ponto exato.

— Aqui, bem na base do crânio. Consegue ver?

— O que causou a ferida, senhor? — perguntei, cautelosamente.

— Foi o Diabo. Suas garras são afiadas — replicou, com uma calma inabalável.

Ele parecia explicar um princípio elementar da disciplina de dedução material na aula para estudantes universitários a que assisti certa vez, apenas onze anos atrás...

Quase três anos se passaram desde aquela conversa e decidi colocar a pena no papel. Minha esperança era informar ao mundo sobre um método de trabalho que seria de uso prático para qualquer magistrado designado a solucionar um crime. Em resumo, comecei a escrever um tratado para o qual o mais brilhante filho da Prússia Oriental já fornecera um título provisório, e também irônico.

Mas tão nobre projeto foi interrompido abruptamente depois que essas poucas linhas introdutórias chegaram ao papel. E não somente pelas reviravoltas dramáticas da história. Minha alma e mente desceram a profundezas sombrias pelas descobertas feitas no decorrer da investigação e custou-me muito encontrar uma maneira de escapar desse abismo. Na verdade, o homem simplório que escreveu aquelas frases e o que redige estas são duas criaturas tão completamente diferentes — apesar das alegações do bom senso e da prova que vejo no espelho de barbear — que me sinto na obrigação de questionar se eles são realmente a mesma pessoa. O que vi em Königsberg² vai me assombrar pelo resto dos meus dias na terra...

¹ *Comentários sobre o efeito da eletricidade no movimento muscular*, trabalho publicado em 1791 pelo médico e fisiologista italiano Luigi Galvani (1737-1798). Alessandro Volta deu continuidade a suas pesquisas, o que possibilitou a invenção da pilha voltaica, fonte constante de corrente elétrica. (N. T.)

² Atual Kaliningrado, capital da província do mesmo nome, pertencente à Rússia, situa-se entre a Polônia e a Lituânia, na costa do mar Báltico. Fundada em 1255 por cavaleiros teutônicos sob o nome de Königsberg, foi capital da Prússia e depois fez parte do império alemão a partir de 1871. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, foi anexada pela URSS e rebatizada como Kaliningrado em homenagem ao presidente do comitê central do Partido Comunista, Mikhail Kalinin. (N. T.)

1

Baleeiros retornando do Ártico no verão de 1803 registraram uma aurora boreal de intensidade nunca antes observada. O professor Wollaston tinha sido plenamente convincente ao descrever, para a comunidade científica, alguns anos atrás, o fenômeno da refração polar. É claro que esse fato não diminuiu o assombro dos habitantes da costa do mar Báltico. Todos os que viviam em Lotingen, inclusive eu, a menos de oito milhas da costa, observaram o céu aquela noite. Não havia como não nos surpreender com o que víamos. Com nuvens maciças tingidas de carmim escuro como sangue, a aurora boreal brilhava como um leque de madrepérola sob o sol do meio-dia. A pequena Lotte Havaars, a criada que estava conosco desde que Immanuel nascera, contou-nos que os vizinhos no vilarejo dela notaram um comportamento diferente nos animais e o outono trouxe novidades sobre plantas horríveis e nascimentos monstruosos que pareciam desafiar as leis da Natureza. Leitões com duas cabeças, bezerros com seis patas, um nabo do tamanho de um carrinho de mão. O próximo inverno, Lotte murmurou sombriamente, seria como nenhum outro na história da Humanidade.

Os olhos escuros da minha mulher brilhavam de alegria à medida que Lotte tagarelava. Helena me olhou, convidando-me a partilhar de sua felicidade e fui forçado a retribuir o sorriso, ainda que contra minha natureza, pois eu nascera e fora criado no campo.

Meu coração parecia se comprimir em um nó apertado, eu experimentava uma forte sensação de opressão, quase sufocamento, o tipo de desconforto que nuvens distantes pressagiando tormenta provocam em um dia muito quente de verão. E, quando o inverno chegou, foi terrível. A intuição de Lotte se provou acurada. Chuvas torrenciais durante o dia, geada cortante à noite. E, depois, neve. Mais neve do que eu jamais vira.

Realmente, o primeiro dia de fevereiro, 1804, foi o mais frio de que se tem notícia. Naquela manhã, eu estava ocupado na minha sala no tribunal de Lotingen, redigindo a sentença de uma disputa que demandou a maior parte de uma semana para ser decidida. Herman Bertholt incumbira a si mesmo a tarefa de melhorar a aparência da localidade. Podou dois galhos de uma valiosa macieira pertencente ao seu vizinho, o fazendeiro Dürchtner. A árvore atrapalhava a vista da sua cozinha, o acusado argumentou.

Os prós e contras do caso dividiram a cidade, pois obviamente tratava-se de um caso da mais vital importância. Se aberto um precedente, podia-se esperar uma avalanche de casos similares no futuro. Eu estava justamente prestes a redigir minha conclusão — *sentencio Herman Bertholt a pagar treze táleres e passar seis horas nos troncos do vilarejo* — quando uma batida soou na porta e meu secretário entrou.

— Há um homem lá fora — Knutzen resmungou de modo ininteligível.

Fitei o secretário já idoso com desagrado. A camisa encardida não fora trocada, o colarinho estava manchado de um marrom-escuro, as botas pesadas há muito não eram engraxadas. Estivera novamente trabalhando na sua criação de patos. Eu perdera aquela batalha e há muito me cansara de reclamar. Gudjøn Knutzen era um dos poucos homens do vilarejo capaz de escrever o próprio nome. Por esse motivo, escapara do destino do pai e de todos os ancestrais varões da família. Mas o bolso real estava vazio. O rei escolhera a neutralidade armada, enquanto as outras grandes nações da Europa decidiram arriscar-se contra os franceses. Como consequência, os gastos civis foram reduzidos para financiar as necessidades militares. Era necessário comprar equipamentos para os soldados, remunerar melhor os generais, alimentar e cuidar dos cavalos, tudo ajustado e pronto para a guerra que, todos sabiam, era iminente. Artilharia pesada fora adquirida da Bessarábia.¹ Tudo isso trouxe privação, até mesmo miséria para a Prússia. Os níveis mais baixos do sistema judiciário, no qual eu estava incluído, foram fortemente atingidos pelos últimos cortes de despesas, mas Knutzen fora arremessado para a Idade das Trevas. Seu

salário fora cortado pela metade. Consequentemente, trabalhava ali o mínimo possível e empregava no trato de seus patos a maior quantidade de tempo que era capaz de roubar de mim. Tornara-se novamente um camponês. Como qualquer europeu da época, ele pagava pela Revolução Francesa e pelo terror que Napoleão espalhara pelo continente.

Helena prometera lhe dar uma das minhas camisas usadas na próxima vez que o caixeiro-viajante viesse à cidade. Olhei pela janela, pensando que o veículo do comerciante não chegaria ainda por algum tempo. Recomeçara a nevar, flocos grandes como folhas de louros. Nevava o dia anterior inteiro e, durante toda a manhã, ameaçara cair mais neve. O que — perguntei-me, indolentemente — levaria um homem a sair de casa em um dia como esse? Minha curiosidade fora aguçada, admiti. Ainda assim, decidi que, no exato minuto em que ele tivesse encerrado o assunto que o trouxera até ali, eu fecharia o escritório e iria para casa pelo resto do dia.

— Faça-o entrar — falei.

Knutzen limpou o nariz na manga. Sempre que ele, porventura, tirava seu único casaco, o que era raro, eu me inclinava a acreditar que a roupa se manteria em pé por conta própria.

— Sim — respondeu, retirando-se vagarosamente da sala.

Deixou a porta escancarada e pude ouvir seus murmúrios no hall.

Alguns momentos depois, um homem corpulento, em roupas escuras de viagem e botas altas de montaria, entrou com passos pesados e decididos na sala, espalhando atrás de si uma trilha de gotas e neve derretida. A palidez fantasmagórica do homem e o tremor que lhe sacudia o corpo ao se postar à minha frente levaram-me a acreditar que ele tivesse errado de endereço. Parecia necessitar dos cuidados de um médico e não dos serviços de um magistrado.

— Em que posso ajudá-lo, senhor? — perguntei, apontando para a cadeira de visita e sentando-me novamente atrás da escrivaninha.

O estranho ajustou ainda mais a enorme capa preta sobre o corpo trêmulo e pigarreou alto. — O senhor é o magistrado Stiffeniis, não é? — perguntou rispidamente.

— Sou eu mesmo — assenti —, mas de onde o senhor vem? O senhor não é de Lotingen.

Os olhos grandes e cinzentos do visitante brilharam desafiadoramente.

— Não estava à minha espera? — perguntou com evidente surpresa.

Meneei a cabeça. — Dada a súbita mudança no clima — retorqui, olhando, através da ampla janela, a neve que caía mais espessa que antes —, não esperava ninguém esta manhã. Em que posso ajudá-lo, senhor?

Ele ficou em silêncio por algum tempo. — A carruagem de Königsberg não chegou? — perguntou subitamente.

— Não tenho a menor ideia — repliquei, perguntando-me que rumo esta conversa tomaria.

— O senhor não recebeu nenhuma mensagem do procurador Rhunken? — insistiu.

— Não recebi nada pelo correio esta manhã — repeti. — Eu nem mesmo conheço *Herr* procurador Rhunken. Só ouvi falar da sua reputação.

— Nada pelo correio? — o estranho murmurou, batendo com força a palma da mão direita no joelho. — Bem, isso atrapalha tudo.

— Ah, sim? — perguntei, perplexo.

Ainda sem responder, abriu a sacola de couro que trazia ao ombro e começou a vasculhar o seu interior. Qualquer esperança que eu alimentasse de ele encontrar algo que pudesse explicar sua presença no meu escritório desapareceu quando o homem retirou um enorme lenço de linho branco e assoou ruidosamente o nariz.

— Devo presumir que o senhor é o procurador Rhunken? — tentei.

— Oh, não, senhor! — balbuciou atabalhoadamente, por trás do quadrado de tecido branco. — Com todo o respeito, ele é a última pessoa que eu gostaria de ser neste momento. Meu nome é Amadeus Koch,

sargento de polícia da cidade de Königsberg. Trabalho como auxiliar administrativo no departamento do procurador Rhunken. — Ele pressionou o lenço de linho sobre a boca para sufocar uma tosse. — Na falta do correio, senhor, o melhor que tenho a fazer é contar-lhe a razão da minha vinda.

— Por favor, faça isso, *Herr* sargento Koch — encorajei-o, na esperança de dar algum sentido àquela visita enigmática.

Um sorriso tênue se esboçou nos lábios pálidos do homem.

— Não perderei mais tempo, que é precioso, senhor. Em minha defesa e, dado meu presente estado de saúde, só posso dizer que a viagem de Königsberg até aqui pouco contribuiu para minha capacidade de raciocínio. Para ser breve, tenho instruções de levá-lo de volta comigo.

Olhei fixamente para ele. — Para Königsberg?

— Rezo somente para que a neve não nos impeça de...

— Instruções, *Herr* Koch? Conte-me exatamente o que o traz aqui!

O sargento Koch recomeçou a vasculhar a bolsa. Depois de alguns instantes, puxou um grande envelope branco. — O comunicado oficial da sua convocação foi enviado ontem pelo correio. Por razões desconhecidas, não chegou. Mas sou o encarregado de levá-lo até lá. Isto é para o senhor.

Agarrei o papel da sua mão esticada, li meu nome na capa e o virei. Um grande lacre Hohenzollern² vermelho fechava o envelope e hesitei um instante antes de ousar rompê-lo e examinar o conteúdo.

Ilustríssimo Procurador Stiffeniis,

Seus talentos foram a nós mencionados por um cavalheiro da mais alta eminência, que acredita que somente o senhor seja capaz de resolver uma questão aterrorizante que assola nossa amada Königsberg. Toda nossa fé e consideração repousam nessa notável figura que nos sugeriu seu nome e essa mesma fé e consideração agora estão depositadas na sua pessoa. Não temos razão para duvidar que o senhor aceitará esse desígnio real e agirá com toda a brevidade. O destino da nossa cidade está em suas mãos.

A carta estava assinada com um floreio pelo rei Frederico Guilherme III.

— Ocorreram assassinatos em Königsberg, procurador Stiffeniis — continuou em sussurros o sargento Koch, como se temesse que alguém nos escutasse. — Esta manhã encarregaram-me de informá-lo da questão.

Um atordoamento obscureceu-me a mente.

— Sinto-me perdido, *Herr* Koch — murmurei, olhando fixamente para o papel na minha mão, lendo sucessivas vezes uma frase específica. Quais eram os talentos que se supunha que eu possuísse? E quem era o “cavalheiro da mais alta eminência” que mencionou esse talento a Sua Majestade, o rei? — O senhor está seguro de que não houve um equívoco?

— Não houve equívoco algum — replicou o sargento, apontando para o envelope com um sorriso. — Estamos na Prússia, senhor. Este envelope tem seu nome escrito.

— O procurador Rhunken não está investigando o caso? — perguntei. — Ele é o magistrado mais importante na comarca de Königsberg.

— *Herr* Rhunken sofreu um derrame — explicou o sargento Koch. — Ele perdeu o movimento dos membros inferiores. Ao que tudo indica, o senhor foi escolhido para dar continuidade ao trabalho dele.

Considerarei essa afirmação por um momento. — Mas por quê, sargento Koch? Eu nem conheço *Herr* Rhunken. Por que ele teria me recomendado ao rei Frederico Guilherme em termos tão inflamados?

— Não posso ajudá-lo nesse ponto, senhor — replicou o homem. — Mas tudo se esclarecerá em

Königsberg, sem sombra de dúvida.

Eu não tinha outra alternativa além de aceitar sua convicção. — O senhor mencionou assassinatos, sargento. De quantos estamos falando?

— Quatro, senhor. Prendi a respiração.

Eu nunca tivera que lidar com um crime grave na minha carreira de árbitro da lei e sempre considerei tal fato uma sorte. A sentença que eu estivera escrevendo há dez minutos era a mais importante a chegar às minhas mãos nos três anos em que trabalhava em Lotingen.

— A primeira vítima foi encontrada um ano atrás — Koch prosseguiu a custo —, mas a polícia não fez progressos no caso e ele caiu rapidamente no esquecimento. Há três meses, porém, outro corpo foi encontrado e uma terceira pessoa morreu no mês passado. Exatamente ontem, outro cadáver surgiu. As provas parecem sugerir que eles morreram pela mesma...

Uma batida na porta congelou as palavras nos lábios de Koch.

Knutzen entrou novamente arrastando os pés e deixou cair uma carta sobre a minha mesa. — Acabaram de entregar, *Herr* procurador. A carruagem do correio perdeu uma roda nos arredores de Rykiel e se atrasou quatro horas.

— Felizmente peguei a estrada costeira — murmurou Koch enquanto Knutzen nos deixava mais uma vez a sós. Ele apontou para a carta fechada na minha mão. — O senhor encontrará nela a confirmação do que acabo de lhe contar, senhor.



Abri o envelope e encontrei um despacho assinado pelo procurador Rhunken com uma letra incerta, comprida e fina que parecia confirmar o que o sargento Koch relatara sobre a saúde precária do magistrado. Ela continha uma notificação formal de que o caso dos assassinatos estava agora sob minha responsabilidade, mas não acrescentava mais nenhuma informação. Baixei a carta, tomado por ondas de emoções conflituosas. Obviamente, sentia-me gratificado que meu talento profissional tivesse sido reconhecido, e ainda mais pelo procurador Rhunken, cujo nome sobressaía entre os magistrados da Prússia por seu rigor e determinação. O que mais me surpreendia, entretanto, era o fato de ele até mesmo saber o meu nome. E que o tivesse transmitido ao rei. O que teria eu feito para atrair sua atenção? Por que aquelas pessoas tão poderosas depositariam sua confiança em mim? Eu não era tão vaidoso a ponto de imaginar que, na Prússia inteira, não houvesse nenhum outro magistrado mais bem preparado para a tarefa. Com exceção, é claro, da questão não solucionada dos meus misteriosos "talentos". As últimas palavras do documento de *Herr* Rhunken em nada contribuíram para esclarecer minhas dúvidas: ... *há aspectos específicos deste caso que não devem ser registrados por escrito. O senhor será informado destas questões no devido tempo.*

— O senhor está pronto? — perguntou o sargento Koch, pegando sua bolsa e se levantando. — Estou às suas ordens para ajudá-lo em qualquer providência que apresse nossa partida.

Permaneci sentado, em um protesto silencioso contra esse sentido de urgência. O conteúdo de uma outra carta, originária de Königsberg, e a mim dirigida onze anos atrás, ecoou-me na mente como uma ironia. Naquela ocasião, eu fora compelido a fazer uma promessa que o simples ato de acompanhar o sargento Koch a essa cidade me forçaria a quebrar.

— Quanto tempo serei obrigado a permanecer em Königsberg? — perguntei a ele como se se tratasse, basicamente, de uma questão prática.

— Até que o caso esteja solucionado, *Herr* Stiffeniis — respondeu ele inexpressivamente.

Recostei-me na cadeira, perguntando-me qual seria a melhor saída. Se fosse o caso de passar alguns

dias na cidade, encerrar um caso que o procurador Rhunken fora impedido de completar por motivo de saúde, não haveria problema algum. Se eu me mostrasse inadequado para a tarefa, simplesmente receberia ordens para retornar ao esquecimento de onde viera. Mas, pensei, sentindo um jorro de ambição crescer dentro de mim, quais seriam os limites da minha carreira futura se eu fosse bem-sucedido?

— Preciso me despedir da minha esposa — falei, saltando em pé, a escolha já feita.

O sargento Koch apertou a capa mais junto ao corpo. — Não temos muito tempo se quisermos chegar a Königsberg antes do anoitecer, senhor — disse ele.

— Necessito somente de uns poucos minutos para me despedir da minha esposa e dar um beijo nos meus filhos — determinei, com base na minha recém-adquirida autoridade.

— Nem o procurador Rhunken nem o rei me negariam esse pequeno privilégio, creio eu.



Na rua, uma grande carruagem adornada com o brasão imperial esperava na neve. Ao subir ao veículo, não pude evitar refletir sobre a incongruência da minha situação.

Ali estava eu, em uma carruagem do governo imperial, segurando uma carta assinada pelo rei que me implorava para resolver um caso que nenhum dos grandes magistrados a seu serviço tinha sido capaz de solucionar. Esse deveria ser o ápice da minha carreira, o dia em que as nuvens negras partiram e um sol brilhou intensamente sobre outro sol, minhas habilidades não apenas reconhecidas, mas utilmente empregadas para o bem da nação. Mas, então, as palavras daquela carta antiga ecoaram mais uma vez: Não retorne. Sua presença já causou um dano mais do que suficiente. Para o bem dele, nunca mais venha à Magisterstrasse!

O cocheiro estalou o chicote e o veículo saltou para a frente. Tomei isso como um sinal do destino. Eu devia deixar o passado para trás e encarar um futuro mais brilhante e promissor. O que mais poderia querer? Depois de tudo resolvido, seria uma gloriosa oportunidade de crescimento profissional.

Helena devia estar sentada na janela quando o esplêndido veículo se deteve diante da pequena e fria casa na fronteira da cidade que pertencia à prebenda de Lotingen.

Enquanto eu descia, ela correu ao meu encontro sem chapéu nem capa, ignorando o vento gelado do norte e a neve que caía ininterrupta. Ela parou diante de mim, olhando-me com uma expressão de dúvida: — O que aconteceu, Hanno? — arquejou ela, aproximando-se e passando o braço pelo meu.

Ela escutava meu relato do que ocorrera, distanciando-se vagarosamente de mim, apertando as mãos protetoramente sobre o peito. Era um gesto que ela só fazia quando estava perturbada ou aborrecida por algo que eu tivesse dito ou feito.

— Pensei que você tivesse escolhido Lotingen precisamente para evitar situações como essa, Hanno — murmurou. — Acho que aqui você realmente encontrou o que buscava.

— Encontrei, querida — respondi imediatamente. — Quero dizer, é claro que sim.

— Não compreendo, então — replicou ela. Hesitou por um instante e depois prosseguiu. — Se você está fazendo isso pelo seu pai, nada pode mudar o que aconteceu, Hanno.

Nada nunca o fará mudar.

— Tinha esperança de que você ficasse orgulhosa em me ver progredir — falei, talvez em um tom levemente mais áspero do que pretendia. — O que a aflige, mulher? Não tenho escolha. Devo obedecer a uma ordem do rei.

Ela olhou para o chão por alguns momentos.

— Mas assassinato, Hanno? — desafiou repentinamente, erguendo o olhar. — Você nunca lidou com

um crime tão hediondo antes.

Ela falou com uma paixão feroz. Eu nunca a vira tão nervosa assim. Jogou-se contra meu peito para, finalmente, esconder a evidência das lágrimas e olhei rapidamente na direção do sargento Koch. Ele estava em pé, postado rigidamente ao lado da porta da carruagem, inexpressivo e inalterado, como se não tivesse escutado nada do que minha esposa dissera. Senti uma pontada de ressentimento pelo embaraço que ela me causava.

— Espere-me aqui, sim, sargento? — dirigi-me a ele. — Não me demorarei. — Koch assentiu com a cabeça, os lábios contraídos em um leve sorriso.

Conduzi Helena rapidamente para o hall. Suas maneiras eram contidas e observadoras. Não consigo determinar que reação esperava dela. Orgulho, talvez? Alegria pela minha promoção rápida? Não mostrava sinais de nenhum desses sentimentos.

— O rei convocou-me para uma missão — argumentei.

— Um magistrado sênior em Königsberg indicou meu nome a Sua Majestade. Como você espera que eu proceda?

Helena fitou-me, o aturdimento estampado no rosto, como se fosse incapaz de entender o que eu acabara de relatar.

— Não sei. Por quanto tempo você vai se ausentar? — perguntou ela finalmente.

— Não sei dizer — respondi. — Não por muito tempo, espero.

— Corra lá em cima, Lotte. Pegue os pertences do seu patrão — Helena gritou repentinamente, voltando-se para a empregada.

— A carruagem está esperando na porta. Seja rápida. Ele ficará fora por alguns dias.

Quando ficamos sozinhos no hall, eu não sabia o que dizer. Helena e eu estávamos casados há quatro anos e nunca passáramos uma noite separados. Um vínculo especial de sofrimento compartilhado unia-nos um ao outro.

— Não estou indo lutar contra os franceses! — declarei com um riso nervoso, esticando a mão e desenhando a linha do nariz da minha amada, beijando-a gentilmente na testa, face e lábios até que o retorno de Lotte interrompeu aqueles breves e bem-vindos momentos de intimidade.

— Escreverei todos os dias, meu amor, e lhe contarei sobre minhas atividades. No minuto da nossa chegada você terá notícias minhas — falei com todo o entusiasmo artificial que consegui reunir para amenizar a dor da partida. — Beije Manni e Süsi por mim.

Quando peguei a sacola de viagem das mãos de Lotte, Helena jogou-se contra mim mais uma vez e extravasou suas emoções com uma força e intensidade que eu nunca soubera existirem dentro dela até aquele momento. Considerei que fosse por causa das crianças: Immanuel ainda não tinha um ano, Susanne mal completara dois.

— Perdoe-me, estou tão confusa, Hanno — murmurou ela mansamente, sua voz suave quase se perdendo nas dobras profundas da minha capa de lã. — O que eles esperam de você?

Incapaz de responder, e sem vontade de especular, afastei-me do abraço dela, endireitei meu manto, joguei a sacola sobre o ombro e caminhei rapidamente pela trilha em direção à carruagem à minha espera e ao sargento Koch, cabisbaixo pela tempestade de neve. Entrei no veículo com os pés leves e o coração pesado. À medida que ele começava um movimento lento, as rodas rangendo no carpete espesso de neve, olhei para trás, até que a querida e fina figura em um vestido branco tivesse sido inteiramente engolida pela tempestade de neve.

A questão que deixara Helena perplexa agora retornava para me exasperar e confundir. Por que o rei escolhera a mim?

¹ Região entre os rios Prut Dniester, o mar Negro e o delta do Danúbio. Faz parte da Moldávia, e esteve sob domínio turco (até o século XIX), russo (até a Primeira Guerra Mundial), romeno (até a década de 1940) e soviético (até 1991). Atualmente, sua região encontra-se dividida entre Ucrânia e Moldávia. (N. T.)

² Dinastia que governou o território da Prússia até o fim da Primeira Guerra Mundial. (N. T.)

2

A carruagem sacolejou pela estrada rumo a Königsberg por mais de uma hora e mal trocamos algumas palavras.

O sargento Koch sentado no seu canto, eu, no meu, ambos tão melancólicos quanto o ambiente que nos rodeava. Observei a paisagem campestre que se descortinava aos nossos olhos. Cidades geladas e fazendas isoladas pontilhavam a paisagem aqui e ali, demarcando os picos das montanhas e a estrada. Camponeses com neve até os joelhos labutavam nos campos para salvar suas vacas e ovelhas encalhadas. O mundo era um maciço borrão cinzento, montanhas distantes fundiam-se com o horizonte sem que se pudesse identificar o ponto preciso em que a terra acabava e começava o céu.

Tínhamos acabado de passar por um pequeno vilarejo chamado Endernfords quando a carruagem foi forçada a parar em uma rampa próxima a uma ponte giratória sobre um rio estreito. Gritos de dor quebraram a paz. Os uivos eram tão intensos e horripilantes que, a princípio, pensei tratar-se de um ser humano. Saltei do assento, puxei com força o vidro, abri a janela e me inclinei para fora do veículo a fim de ver o que acontecia.

— A carroça de um fazendeiro derrapou no gelo — reportei por cima do ombro para Koch. O cavalo perdera o tirante e estava deitado de costas no meio da estrada, uma das patas dianteiras pendendo quebrada no ar. O homem, bêbado, em pé ao lado do animal, uivava imprecações e açoitava perversamente o animal caído com o chicote.

Meu primeiro impulso foi descer, embora não saiba dizer se para ajudar o cavalo condenado ou para repreender a crueldade irracional do condutor. O desenrolar dos acontecimentos se deu de forma tão rápida e bem orquestrada que me convenci de que aquela era uma ocorrência muito comum naquele cruzamento e permaneci onde estava.

Todos os homens presentes na cena — havia quatro sentados na viga de madeira da ponte — pareciam saber exatamente o que estava ocorrendo. Três desses indolentes espectadores correram de repente, um brandindo uma faca comprida e curva, os outros dois empunhando machados no ar. A lâmina da faca brilhou, deslizando, em seguida, sobre o pescoço torcido do cavalo. O lamento pungente de sofrimento do animal foi amortecido pelo assobio de sangue esguichado e bolhas que transformaram a neve sob os pés do assassino em um purê vermelho e sangrento. O condutor se deteve, o chicote erguido acima da cabeça e então, em uma fração de segundo e sem uma palavra, largou o chicote, virou-se e correu, escorregando e cambaleando sobre a ponte em busca de um local mais seguro. Silenciosamente, os esquadrejadores lançaram-se sobre a carroça com o machado. Foi trabalho de um minuto. O vapor elevou-se ao redor deles em uma nuvem espiralada à medida que cortavam e retalhavam o animal caído em dúzias de pedaços e, em seguida, carregavam rapidamente a carroça com a carne. O quarto homem apressou-se à frente ajudando os salteadores a abastecer a carroça e, então, tirou-a do caminho, fazendo sinais ao nosso cocheiro para que passasse pela ponte giratória.

Minhas pernas baquearam e me sentei. Mas saltei rapidamente de novo para fechar a janela. Ao passarmos pela carroça com sua asquerosa carga de vísceras, carne e entranhas, o mau cheiro de sangue invadiu nossa carruagem um uma névoa quente e envolvente. Era doce, nauseabunda, corrosiva, dolorosa para minha sensibilidade.

— Tempos difíceis alimentam homens brutos — disse o sargento Koch em voz baixa. — Devemos fazer algo sobre isso, senhor?

Fechei os olhos e me inclinei para trás, recostando-me no banco de couro.

— Eles provavelmente passam fome — murmurei. — E a fome leva muitos homens a atos

vergonhosos.

— Vamos torcer para que estejam prontos para retalhar os franceses com o mesmo entusiasmo — Koch acrescentou secamente. — Se Bonaparte aparecer na Prússia, não terá sobrado nada para comer, muito menos cavalos. Aí veremos que tipo de homens eles são realmente.

— Rezemos para que nunca sejamos postos à prova — repliquei, mais asperamente do que pretendia. Outra hora se passou e pouco foi dito de parte a parte.

— Quem já viu um céu como esse! — exclamou Koch repentinamente, tirando-me da letargia. — Parece que o mundo vai desabar sobre nossas cabeças, senhor. Tempo inclemente é a punição justa para nossos pecados, diz um provérbio.

Havia algo quase cômico na seriedade do homem; o chacoalhar da carruagem deslocara seu chapéu de três bicos do alto da cabeça, mechas de cabelo completamente preto espreitavam por debaixo dos rígidos cachos brancos da sua peruca como donzelas tímidas. Concordei com a cabeça e sorri, decidido a ser o mais sociável possível durante o resto da jornada. Entretanto, eu mal sabia como. Do ponto de vista profissional, Koch era meu subalterno, pouco mais que um criado.

— Seria um bom momento para o senhor examinar esses papéis, *Herr Stiffeniis* — o sargento Koch anunciou, pegando a bolsa antes que eu tivesse chance de falar.

O bom humor que eu me determinara a empregar desapareceu em um segundo.

— Isso quer dizer que você escondeu alguma coisa de mim, *Herr Koch*?

— Obedeço somente às instruções que me foram dadas, senhor — respondeu, enquanto tirava um maço de papéis da bolsa de couro. — Ordenaram-me que só lhe entregasse esses documentos quando tivéssemos chegado à estrada para Königsberg.

Como em resposta às suas palavras, a carruagem virou à esquerda na encruzilhada de Elbing.

Então, este é o seu jogo, pensei. Eu fora adulado para aceitar uma incumbência desagradável e agora, que era tarde demais para desistir, tomaria conhecimento de todos os detalhes sórdidos que teriam me convencido a recusá-la.

— As autoridades precisam garantir a paz — Koch continuou entusiasmado. — Todos os envolvidos na investigação juraram manter segredo.

— Isso o inclui? — perguntei, cortante. — Você deve ter dado à sua esposa alguma justificativa para tê-la deixado sozinha tão cedo esta manhã.

Sentia uma raiva crescente ao imaginar esse mensageiro simplório ocultando-me informações. — Você omite fatos, Koch, revelando-os quando a necessidade assim ordena ou quando lhe apetece.

A suspeita que crescia em mim era a de que o sargento Koch não estava simplesmente levando-me a algum lugar; ele me observava, julgava, preparava um relatório mental crítico a ser reportado a seus superiores. Esse era o procedimento normal no serviço civil prussiano. Espionar uns aos outros era a maneira mais segura de ascender um degrau na incerta hierarquia burocrática.

— Não tenho nada a esconder do senhor — o sargento Koch replicou com os dentes cerrados, o lenço para fora outra vez. — Sou um simples auxiliar. Não desempenho papel ativo na investigação. Esta manhã, como em qualquer outra, cheguei para trabalhar às cinco e meia e fui instruído a fazer o que fiz. Não tenho necessidade de dar nenhum tipo de satisfação das minhas atividades à minha mulher nem a ninguém. Vivo sozinho.

Começamos mal, Koch e eu.

— Você alega saber tão pouco sobre este caso, *Herr Koch*, que acho estranho ser justamente você o encarregado de fornecer informações a um indivíduo que desconhece completamente o assunto. É como um cego guiando o outro, não?

— Esses documentos devem esclarecer suas indagações, senhor. Obviamente, ordenaram-me que não deixasse que o senhor os visse antes de ter aceitado a tarefa.

— Isso quer dizer que eu poderia ter recusado? — indaguei, agarrando os papéis da mão do homem.

Ele olhou pela janela, mas não respondeu.

A contragosto, voltei minha atenção para os documentos. O primeiro assassinato fora cometido há mais de um ano. Jan Konnen, um ferreiro de meia-idade fora encontrado morto na Merrestrasse na manhã de 3 de janeiro de 1803. Investigações policiais revelaram que ele passara a noite anterior em uma taverna nas imediações do cais, não muito distante do local onde o corpo foi encontrado. O estalajadeiro não se lembrava de ter visto *Herr Konnen* antes e negou tê-lo visto jogando na companhia de marinheiros estrangeiros. Pensara que o homem fosse um estrangeiro também, relatou. Um navio lituano tinha atracado naquele dia e o estabelecimento estivera particularmente cheio até as primeiras horas da manhã. Konnen deixara a taverna pouco depois das dez da noite, mas ninguém reparou nele do lado de fora. Fazia muito frio aquela noite e não havia transeuntes nas ruas. O cadáver fora encontrado ao alvorecer por uma parteira que ia ver uma mulher prestes a dar à luz. Correndo pela névoa, excepcionalmente espessa naquela manhã, ela quase caíra sobre Konnen, que estava de joelhos apoiado contra um muro. A parteira pensou que ele estivesse doente, mas ao se aproximar percebeu que estava morto. O boletim de ocorrência fora assinado por dois oficiais da guarda noturna de Sua Majestade Real, Anton Lublinsky e Rudolph Kopka. Redigido em um alemão passável, apresentava uma data seis meses posterior à ocorrência. Ergui os olhos, notando que a neve pesada começava agora a chicotear as janelas da carruagem, determinado a pedir uma explicação a Koch. Ele era um burocrata, natural de Königsberg: devia conhecer o procedimento padrão para casos como esse. Mas a cabeça do homem pendia sobre o peito, o rosto semioculto nas dobras do manto e ele soltava um ronco ruidoso. Por um instante, brinquei com a ideia de acordá-lo.

Em vez disso, voltei-me para o segundo relatório.

Logo de início, observei a data escrita no rodapé da quarta página. Esse relatório também fora compilado recentemente, em 23 de janeiro de 1804; para ser exato, uma semana atrás, e quase quatro meses depois do assassinato, o que não contribuía muito para a imagem de eficiência das autoridades locais. Teria o segundo assassinato levado-os a rever o primeiro? Parecia uma forma muito irregular de procedimento. O nome da segunda vítima era Paula-Anne Brunner.

E lá se foi minha primeira hipótese! Eu acalentara a ideia de que devia haver algo banal no cerne daquele caso, algo tão simples que tivesse passado despercebido.

Afinal de contas, não havia nada de surpreendente em dívidas de jogo e brigas violentas em uma taverna de segunda categoria entre homens que jogaram dados e beberam mais do que o recomendável. Mas as mulheres prussianas, via de regra, não bebem em público nem jogam dados. Especialmente em Königsberg, que é conhecida por sua moral pietista.¹

No dia 22 de setembro de 1803", comecei a ler, "o corpo de Paula-Anne Brunner (nascida Schobart) foi encontrado no parque público na Neumannstrasse.

Um oficial da cavalaria austríaca, Herr coronel Viktor Rodiansky, um mercenário registrado do exército prussiano, caminhava pelo local à espera de uma dama cujo nome se recusa a revelar. Chegou ao parque às quatro da tarde, quando sabia que grande parte dos cidadãos teria comparecido à cerimônia de enterro do recém-falecido e muito saudoso superintendente Brunswig na catedral. O coronel Rodiansky relata que a noite em questão não estava excessivamente fria nem úmida, mas uma névoa vinda do mar reduzia a visibilidade a um máximo de cinco ou seis metros. O tempo inclemente era muito adequado aos seus propósitos, admitiu o oficial. Caminhando pelo local e fumando um cigarro enquanto esperava até a hora marcada, o coronel Rodiansky vislumbrou uma mulher ajoelhada ao lado de um banco de madeira e não foi pouco o incômodo que sentiu por sua presença indesejada no local. Naquele momento, a dama pela qual esperava chegou e a

atenção do coronel Rodiansky se desviou da desconhecida. Ele prestou pouca atenção ao fato de ela estar ajoelhada em um parque público, atribuindo a posição às preces que supôs que ela, como muitas das suas conterrâneas, estaria fazendo pela alma do superintendente Brunswig, ainda que, por alguma razão, algo a tenha impedido de unir sua voz às dos demais cidadãos na catedral.

A amiga do coronel Rodiansky mostrou-se mais perturbada ao encontrar uma terceira presença no encontro e olhava constantemente em direção à mulher ajoelhada, na esperança de que ela terminasse a prece e se retirasse do parque. Finalmente, aventando a possibilidade de a estranha estar doente ou ter sofrido um acidente, o casal se aproximou. Perceberam então que a mulher orando era, na verdade, um cadáver ajoelhado, e a polícia foi notificada pelo coronel Rodiansky, que, primeiramente, tomou medidas para salvaguardar o anonimato da amante levando-a para casa.

O documento vinha assinado pelos mesmos dois oficiais que redigiram o relatório do primeiro assassinato, Lublinsky e Kopka.

Recostei-me no assento de couro. O segundo relato era pródigo em detalhes, quase literário, mas, como no primeiro, era impossível deixar de notar a ausência de elementos excessivamente óbvios. Não se mencionava como a vítima fora morta. Nem a arma utilizada pelo criminoso.

Virei-me novamente para Koch. Ele ainda dormia, a cabeça balançando desconfortavelmente para cima e para baixo com o sacolejo imprevisível da carruagem na estrada lamacenta e esburacada. O chapéu caíra sobre o joelho e a peruca tinha agora escorregado sobre a orelha direita. Fechei os olhos e me deixei embalar pelo movimento do veículo, tentando clarear as ideias. Como essas pessoas morreram? Qual o propósito em assassiná-las? E por que dois oficiais com uma considerável experiência em investigação (o que eu podia supor pelo fato de Lublinsky e Kopka terem estado presentes em ambas as ocasiões) não abordaram esses pontos essenciais? Um trovão ensurdecedor, seguido por uma luz ofuscante, pôs fim às minhas meditações e ao cochilo de Koch. Ele se sentou como se atingido por uma bala, seu primeiro impulso foi tocar a peruca com uma das mãos, o segundo fazer o sinal-da-cruz com a outra.

— Oh, meu Deus, senhor! — ele se queixou em voz alta. — A natureza foi criada para flagelar os homens.

— Foi somente vapor de água, sargento — sorri. — Descargas elétricas no céu. Só isso. Um importante conterrâneo seu certa vez escreveu um trabalho sobre isso: "Não existe nada que não possa ser explicado pela Ciência".

Koch voltou-se para mim, os olhos brilhando com inequívoca indulgência. — Acredita nisso, *Herr Stiffeniis*?

— Sim, acredito — respondi.

— Invejo sua certeza — murmurou ele, inclinando-se para pegar o chapéu que caíra ao chão da carruagem. Limpou o veludo marrom e colocou-o no alto da cabeça com cuidado.

— Para o senhor não existem mistérios, então?

Não pude ignorar a conotação de incredulidade contida na pergunta.

— Tenho sempre tentado seguir o caminho da racionalidade em busca de conclusões lógicas, *Herr Koch* — respondi.

— O senhor não admite a possibilidade do Desconhecido, do Impensável? — ele tinha o hábito de fazer certas palavras soarem como se escritas com letras maiúsculas, mesmo quando isso não se aplicava. — O senhor me permite perguntar o que faz quando se encontra frente a frente com o Inexplicável?

— Não quero com isso dizer que a razão seja capaz de explicar e justificar todas as ações humanas — argumentei com uma mal contida irritação. — Há limites para nosso entendimento. O que é desconhecido, como o senhor denomina, permanece assim pela simples razão de que ninguém se determinou a explicá-lo por enquanto. Eu chamaria de ignorância qualificada, não uma derrota da Ciência Ilustrada.

Uma luminosidade brilhou novamente e sua pele pálida tornou-se um azul metálico contra o fundo de árvores escuras e as gotas fugidias da chuva que caía, emolduradas pelo painel da janela.

— Espero ter a honra de levá-lo de volta para casa quando esse assunto estiver totalmente resolvido — disse ele, inclinando-se para a frente. — Rezo sinceramente para que eu esteja errado e o senhor esteja certo, *Herr Stiffeniis*. Se não, que Deus tenha misericórdia de nós!

— Você parece duvidar da minha capacidade para solucionar esses assassinatos — repliquei com ácida irritação.

— Eu não ousaria tanto, *Herr* procurador. Na verdade, acho que começo a entender por que tanta esperança foi depositada na sua pessoa — concluiu ele, desviando o olhar.

Esfreguei o nariz e decidi me arriscar. — Minhas preocupações são de ordem prática, sargento Koch. Nesses relatórios, não é feita nenhuma menção à causa da morte. O que devo fazer? Adivinhar a natureza da arma com a qual as vítimas foram mortas? A passagem da vida para a morte não é meramente uma questão religiosa. E um fato inquestionável e há muito poucos fatos aqui — argumentei, sacudindo os papéis na mão. — Não sei como os senhores resolvem esses assuntos em Königsberg, mas nós em Lotingen acreditamos que, se um ovo desapareceu, foi porque alguém o roubou.

O sargento Koch ignorou a provocação.

— Desconheço totalmente o conteúdo desses relatórios, senhor — atalhou.

— Você viu os corpos, Koch? Sabe como eles morreram?

— Não, senhor.

— Então, até mesmo você, um funcionário de confiança da polícia, não tem ideia de como essas pessoas foram mortas? Ninguém comenta sobre isso? Elas foram esfaqueadas, estranguladas, espancadas até a morte?

- O senhor se refere à ausência de qualquer menção sobre a arma utilizada? — ele parecia genuinamente surpreso. — Entendo a necessidade de discrição, mas é difícil acreditar que omitam essas informações até mesmo do senhor. Muitos rumores circulam pela cidade, como o senhor pode imaginar.

— Que tipo de rumores, Koch?

— Eu dificilmente ousaria comentar tais assuntos com um racionalista como o senhor — Koch replicou com uma leve ironia que me pareceu afetada.

— Não seja irônico.

— Não tive intenção de ofendê-lo, senhor — o sargento tirou o chapéu e se mostrou arrependido. — As pessoas em Königsberg dizem que o Diabo foi o autor dos crimes.

Que a morte chegou com rapidez e crueldade.

— O que mais?

— São só boatos. As pessoas têm a língua solta — acrescentou ele, com repentina seriedade. — Que benefício esses falatórios podem lhe trazer, senhor?

— Solte a sua língua, sargento Koch. Deixe que seja eu a julgar.

Ele se recostou no assento e ponderou por um momento antes de falar.

— Eles dizem que a mulher que encontrou o corpo do Jan Konnen viu a arma.

— Ela viu?

— Eles dizem que viu — Koch me corrigiu.

— O que eles dizem que ela viu? Que arma o Diabo utilizou? *Herr* sargento Koch me olhou e um sorriso constrangido se formou nos seus lábios.

— As próprias garras, senhor.

— Garras, Koch. E o que significa isso'

Novamente ele pareceu relutante em dizer o que pensava. — Acho que o mais indicado é o senhor conversar com o procurador Rhunken. Não sou qualificado para lhe contar sobre isso.

— Quero saber o que você pensa, *Herr Koch*. Pedirei a opinião do procurador Rhunken quando a ocasião se apresentar.

— Só posso contar-lhe o que ouvi, *Herr Stiffeniis* — Koch mexeu-se desconfortável no assento e recolocou o chapéu. — Esses crimes foram cometidos de uma forma estranha.

Tudo aponta para isso. Todos os fatos...

— Quais fatos, Koch? — interrompi. — Não me deparei com um único fato em tudo o que li.

Ele me olhou friamente por um momento.

— É esse exatamente o ponto, *Herr Stiffeniis*. Não é? É o mistério que abre as portas para a especulação desenfreada. O boato que corre de boca em boca não diz que Konnen tenha sido esfaqueado, estrangulado ou espancado até a morte. Apenas que ele foi morto pelo Diabo. E que o Diabo usou as próprias garras para executar a tarefa.

— Garras, pois sim! Repito, isto é superstição absurda!

— Mas, se as autoridades não revelaram até mesmo para o senhor a causa das mortes — sibilou ele, apontando para o maço de documentos oficiais que eu tinha em mãos —, só nos restam duas alternativas. Ou eles não sabem ou não querem que saibamos. Em ambos os casos, isso abre as portas para a superstição absurda, como o senhor chamou.

Koch recostou-se no assento, os olhos bem fechados, visivelmente perturbado pelo que acabara de contar. Vóltei à leitura, mais fingindo trabalhar do que fazendo progressos efetivos, desconcertado pela sugestão do sargento de que as autoridades estavam pouco dispostas a revelar detalhes precisos dos assassinatos até mesmo para mim, o magistrado designado a conduzir a investigação. Eu permanecia tão no escuro quanto estivera no dia anterior, quando nada sabia do caso. Decidi pular o terceiro relatório por um momento e olhar as provas que pudessem ter surgido no dia anterior, na esperança de que a polícia local tivesse estabelecido algum método para o trabalho de investigação e que o caso mais recente fosse um pouco mais esclarecedor que os dois primeiros.

No dia 31 de janeiro do ano 1804 da era cristã, o corpo de Jeronimus Tifferch, tabelião, foi encontrado antes do amanhecer por Hilde Gnute, esposa do fazendeiro Abel Gnute. A testemunha relata que, tendo nevado a maior parte da noite, a manhã estava fria, seus olhos lacrimejavam e ela não conseguia enxergar direito. Quando percorria a Jungmannenstrasse em direção à mercearia de propriedade de Herr Bendt Frodke, a quem pretendia vender ovos, deparou-se com o cadáver de Herr Tifferch ajoelhado contra uma parede. Ele fora morto por indivíduo, ou indivíduos, desconhecidos.

O relatório era tão curto que chegava a ser ridículo. Vinha assinado unicamente por Anton Lublinsky. Será que o oficial não encontrou mais nada a acrescentar sobre como ou por que o homem fora morto? Descansei a testa contra a fria janela de vidro e fechei os olhos, que queimavam e doíam pela leitura na luz que se esvaía. Quando os reabri, tínhamos entrado em um bosque. A chuva ainda caía. Um grupo de camponeses se abrigara sob as árvores esperando a tempestade passar. A carruagem salpicou-lhes lama quando passamos ao seu lado. Silenciosamente, roguei a Deus Nosso Senhor pedindo proteção àqueles pobres indivíduos e também a mim. Tomei consciência de que teria que me tornar mais humilde, prestar a mais cuidadosa atenção e escutar sem preconceitos o que os habitantes de Königsberg tinham a dizer.

Deveria tentar compreender o que eles realmente pensavam e interpretar suas crenças, pouco importando quão extravagantes ou supersticiosos esses pensamentos soassem para mim. Aproximei-me novamente da janela, aproveitando a pouca luz que ainda restava para ler a nota acrescentada ao relatório: *"Inquirida se teria visto alguém perto do local do crime, Hilde Gnute respondeu que somente o Diabo poderia cometer uma atrocidade daquelas"*.

Lá estava, escrito em preto e branco, a possível identidade do criminoso. O próprio Satã. Aquele teria que ser o meu ponto de partida, e só me restaria indagar que rumo um começo como esse poderia tomar. Tratava-se simplesmente de uma questão de fé? Talvez, no fim das contas, o nome do assassino fosse realmente conhecido, e bastasse somente minha própria disposição para abrir mão da descrença.

Não sei precisar quanto tempo fiquei sentado contemplando, pela janela, a paisagem inóspita. A chuva parara e agora voltara a nevar com intensidade. Lentamente, diante dos meus olhos, os campos passaram de um cinza monótono para um branco brilhante, a Lua era um disco pálido e fino no horizonte escuro, e os lobos começaram a uivar em coro de algum lugar dentro do bosque. Não consigo me lembrar que pensamentos cruzaram minha mente, mas devo ter adormecido em algum momento. Seja em sonhos agradáveis ou pesadelos terríveis, a viagem terminou. De repente, senti uma leve batida no ombro.

— Nosso destino, senhor — o sargento Koch anunciou. — Königsberg.

¹ Pietismo: movimento de renovação da fé cristã que surgiu na Igreja luterana alemã em final do século XVII, defendendo a primazia do sentimento e do misticismo na experiência religiosa, em detrimento da teologia racionalista. (N. T.)

3

O céu sobre nossa cabeça era um imenso e escuro lençol ondulado e sacudido pelo vento forte. Fragmentos de estilhaços velozes da aurora boreal tremeluziam em um horizonte prateado que eu sabia ser o mar Báltico. A neve cessara de cair, mas se depositava no chão formando um tapete brilhante à medida que nos aproximávamos da cidade.

— O clima parece dar sinais de melhora — retomei o diálogo, quando a carruagem passou por um enorme arco gótico que demarcava a entrada ocidental de Königsberg.

O sargento Koch não respondeu, já que uma tropa de soldados fortemente armados veio correndo do portão e cercou rapidamente o veículo. Ele abriu a janela e se inclinou para encará-los. — Sou funcionário da Corte. Este cavalheiro é o novo procurador de Königsberg — anunciou com atrevimento aos guardas, convidando-me a mostrar o rosto à janela.

Os soldados olharam para nós, depois se entreolharam, os mosquetes prontos, e um deles correu de volta ao portão. Nenhuma palavra foi dita até ele retornar poucos instantes depois na companhia de um oficial.

— Qual dos senhores é o magistrado? — perguntou asperamente.

O azul-marinho da capa, o quepe de couro com a alta pluma púrpura, a variedade impressionante de condecorações de prata entrecruzando-se no paletó do uniforme forneciam pouca dignidade ao homem enquanto ele esquadrihava meu rosto. Tinha bolsas sob os olhos bovinos, o bigode engomado cedendo sob o próprio peso, a expressão, uma mescla desconcertante de incredulidade zombeteira e tensão alerta. A mão direita gorducha, forjada pela natureza com o propósito de revolver a terra em algum vilarejo remoto nos campos de Bory Tuchoskije,¹ apontou uma pistola de percussão para o meu rosto. Estava claro que ele não hesitaria em descarregá-la.

— Sou o procurador Hanno Stiffeniis — disse, erguendo minha sacola para que ele pudesse ver. — Tenho uma carta assinada pelo próprio rei...

— Você está impedindo que o procurador cumpra com suas obrigações — Koch falou repentinamente, com um inesperado tom autoritário na voz.

— Sinto muito, senhor, mas necessito ver sua autorização de entrada — o oficial insistiu. — Obedeço a instruções. A ordem do dia do general Katowice. Ninguém deve entrar em Königsberg por terra sem permissão. Vocês não ouviram falar? Houve um assassinato...

— É exatamente por isso que estou aqui! — retruquei, entregando-lhe a designação que o sargento Koch me entregara naquela manhã.

O oficial leu o documento inteiro, olhou-me novamente e então o devolveu.

— Não perca este papel, senhor — avisou, fazendo sinal para os guardas se afastarem. Fez uma saudação e ordenou ao cocheiro para prosseguir.

— O que quer dizer tudo isso, sargento? — perguntei, enquanto a carruagem trotava sobre o pavimento de pedras arredondadas na direção do centro da cidade. Ainda não eram quatro da tarde, mas todas as lojas tinham as portas fechadas, as ruas estavam vazias, exceto por pelotões de soldados marchando pelas ruas ou montando guarda com baionetas em quase todas as esquinas. — A lei marcial foi declarada?

— Não tenho ideia, senhor — Koch replicou. De fato, ele não acrescentou nem uma palavra por algum tempo, até que o veículo se deteve em uma praça com árvores de ambos os lados, diante de um edifício amplo, verde, que se assemelhava a um celeiro.

— Ostmarktplatz — anunciou ele, saltando da carruagem com uma surpreendente agilidade e puxando

o degrau dobrável para mim. — *Herr Rhunken* está à sua espera, senhor.

Eu devia ter adivinhado que *Herr* procurador Rhunken gostaria de falar comigo imediatamente. Mas por que o sargento Koch não me avisou de antemão? Respirei profundamente e me esforcei ao máximo para me acalmar, assegurando-me que em breve tudo seria esclarecido. Afinal de contas, Rhunken era a pessoa mais indicada para me instruir sobre minhas responsabilidades. Esperava escutar diretamente dele os fatos essenciais que faltavam nos documentos que eu lera durante a viagem.

— Você disse que ele não estava em condições de falar, Koch.

O sargento não respondeu e se ocupou em dar ordens ao cocheiro, cuja capa impermeável e as luvas grossas brilhavam cobertas com cristais da geada à luz do crepúsculo que se aproximava. Tive que repetir a pergunta duas vezes até conseguir atrair a atenção de Koch. — O procurador Rhunken sofreu uma apoplexia cerebral, não foi?

— Sim, sofreu realmente, senhor — Koch replicou. — *Herr Rhunken* era um magistrado excelente para se trabalhar.

Preferi ignorar as implicações desse elogio. — Ele está doente há muito tempo?

— Gozava da mais perfeita saúde até ontem, senhor. *Herr Rhunken* desmaiou no escritório e o médico diagnosticou uma apoplexia cerebral.

Koch apontou para um ponto além do feio edifício verde, uma bonita casa rosa com um minúsculo jardim coberto de neve do lado oposto da rua. — Aquela é a casa dele, senhor. Fica do lado oposto da fortaleza no outro lado da praça, conforme pode ver. O fórum é ali dentro. O trabalho era tudo para ele.

Meus olhos seguiram a direção apontada pelo dedo indicador atarracado de Koch, enquanto ele percorria rapidamente o espaço amplo e coberto de neve e chegava à extensão de um edifício enorme de pedras cinzentas que se estendia para o alto. Ameias, torreão e guaritas apresentavam-se de forma confusa. Uma enorme entrada central com uma ponte levadiça de aço guardava uma forte semelhança com as ratoeiras utilizadas na Prússia inteira. Casamatas estreitas em ambas laterais da entrada eram ocupadas por guardas trajando capa cinza de inverno e colbaque preto. Olhavam fixamente para a frente, o longo mosquete congelado junto ao ombro largo.

— Creio que passarei grande parte do meu tempo aqui — falei com desconfiança. O prédio era um horror arquitetônico. Ao mesmo tempo, recordei-me, ele representava o poder e a autoridade sem limites de que eu disporia no meu novo cargo.

— Eu o levarei até ele na hora marcada, senhor — disse Koch sucintamente, caminhando a passos largos em direção à casa, a pressa e a neve à altura dos joelhos fazendo com que escorregasse e quase caísse. Quando chegamos à porta, o sargento deu três golpes curtos em uma grande aldrava de bronze para anunciar nossa chegada. A porta permaneceu fechada ainda por algum tempo, o que obrigou Koch a bater mais uma vez antes de alguém vir abri-la.

— *Herr Stiffeniis* está aqui para ver Sua Excelência — Koch anunciou para a criada jovem e pálida que abriu a porta.

A moça ergueu seus olhos azul-claros ao encontro dos meus apenas por um instante e rapidamente baixou-os de novo. — O Dr. Plucker está com o meu patrão — murmurou.

— Como *Herr Rhunken* está passando hoje? — indagou o sargento Koch, um tom de preocupação genuína na voz.

A moça sacudiu a cabeça. — Em um estado lastimável, *Herr Koch*. Ele, que fora sempre um homem tão elegante, altivo, bonito...

— Conduza *Herr Stiffeniis* para dentro. Esperarei com o cocheiro — Koch dirigiu-se a mim, interrompendo rudemente a moça, cujas palavras se dissolveram em soluços. Ao fechar a porta, a moça olhou-me indecisa, como se não soubesse o que fazer comigo.

— Seu patrão me espera — falei, talvez de forma excessivamente áspera, aproveitando o precedente aberto por Koch.

— Por aqui, senhor — a moça murmurou timidamente para o próprio lenço, antes de me conduzir por uma série de aposentos interligados, cujas paredes estavam repletas de estantes abarrotadas de livros encadernados em couro. Todas as mesas serviam de apoio para pilhas altas de livros e papéis, sofás e poltronas eram igualmente obrigados a fazer o papel de camelos para acomodar em seu recosto o que não cabia mais nas prateleiras já apinhadas. O procurador Rhunken parecia ter transformado sua casa em uma biblioteca privada. Com exceção da criada, não havia nenhum outro sinal de presença feminina, nenhuma sugestão da influência moderadora de uma esposa, mãe ou filha.

A moça se deteve quase diante de uma porta entreaberta. Podia-se escutar, no interior do aposento, um murmúrio baixo e, de repente, um lamento longo fez tremer o ar. Toquei-lhe o braço antes que ela batesse à porta.

— O procurador consegue falar? — perguntei.

— O médico lhe fez duas purgações hoje pela manhã. E vai fazer novamente... — ela parou para assoar o nariz e secou os olhos. — Ele me mandou ao porto esta manhã, mandou mesmo, senhor. Para pegar aquelas... criaturas — os ombros dela tremeram de medo e desconforto, ou, talvez, somente de frio. A temperatura dentro da casa era mais baixa que o ar da rua.

— Um navio atracou ontem à noite. Os marinheiros riram e me disseram para carregar o balde com cuidado. Se eu tocasse uma delas, ela sugaria minha vida, eles disseram.

— A moça me encarou com olhos amedrontados. — Eu não sabia que criaturas como aquelas existiam, senhor. Fiz isso pelo meu patrão — sussurrou ela, assoando novamente o nariz no lenço.

Eu não tinha a menor ideia de a que ela se referia. Marinheiros? Criaturas, o que quer que fossem?

— Se ele realmente viu o Diabo — ela acrescentou —, nem toda a medicina do mundo será capaz de salvá-lo.

Não me apressei em reconfortá-la, limitando-me a pensar que o nome do Diabo gozava de grande popularidade em Königsberg. Nesse exato momento, a porta se abriu completamente e um homem alto e macilento saiu para o corredor pouco iluminado. Não usava peruca, a cabeça estava recém-raspada. Um terno escuro e apertado fazia-o parecer ainda mais alto e magro do que realmente era. Viu a criada e sua expressão se iluminou por alguma satisfação particular. Viu-me, entretanto, em seguida e seus modos se modificaram.

— Quem é o senhor? — rosnou rudemente. Sem esperar pela resposta, virou-se para a moça e sibilou: — Sua Excelência não está em condições de receber visitas. Eu já a havia prevenido!

— Sou o novo procurador — declarei. — Tenho assuntos a tratar com o seu paciente, senhor. Assuntos urgentes que não podem esperar.

O médico perfilou-se como uma serpente preparando-se para o bote. Seus olhos brilhavam como pontos de luz no corredor sombrio.

— Então você é a causa de todo esse sofrimento! — explodiu ele de forma rude e acusatória. — *Herr Rhunken* tem estado ansioso e nervoso o dia inteiro por sua causa. Confesso minha surpresa — continuou, encarando-me severamente. — Esperava alguém totalmente... diferente. Um homem mais velho, digamos. Um magistrado mais... experiente.

— Não pretendo tomar muito do tempo dele — acrescentei.

— Acredito que não deva realmente — replicou ele. — Tenho trabalho a fazer.

Creditei a indelicadeza do médico à pressão que tinha sobre si. Eu também chegara ao limite quando o segui para o quarto do doente. O procurador Rhunken não estava confinado à cama, como eu esperara, mas recostado em uma *chaise longue* de couro junto à parede oposta, as pernas nuas e elevadas sobre travesseiros apontando na direção de uma janela aberta. Esse aposento, glacial, estava mais desarrumado que o resto da casa inteira. Três velas finas encravadas em um castiçal de um só braço iluminavam livros e papéis espalhados pelos quatro cantos, formando grandes pilhas que oscilavam como bêbados apoiados contra as paredes em ambos os lados de uma cama de dossel disposta no canto mais escuro do aposento.

Se o Dr. Plucker esperava alguém mais velho, Sua Excelência, *Herr* procurador Rhunken era muito mais jovem do que eu imaginara. Mal chegava aos 45 anos de idade.

Lembrei-me das palavras da criada, que o descrevera como um homem elegante e bonito, mas não consegui encontrar, naquele indivíduo, evidências desses atributos.

Ele estava sentado, com as costas apoiadas em grandes travesseiros, um xale escuro de lã amarrado ao redor dos ombros, o rosto atormentado e encovado de sofrimento, as pernas nuas elevadas em direção ao ar frio da noite. Chegando mais perto, pude notar-lhe a cor doentia do rosto, os lábios apertados em um fino talho escuro, olhos semicerrados como um homem observando o outro mundo. Grandes gotas de suor se sobressaíam na testa pálida como água condensada em um vidro aquecido, o cabelo ensopado apesar do frio glacial. Ele se virou como um cego quando minhas botas ressoaram no soalho de pedra. Olhei inseguro para o médico.

— Aproxime-se, senhor. Aproxime-se — pediu ele. — Vamos acabar logo com isso!

Enquanto me acercava do paciente, escutei o médico chamar a criada no corredor. — Traga um banco para o novo procurador! E também aquele balde!

Os olhos febris de Rhunken se abriram e cintilaram ao notar o tom rude de ironia na voz do médico. Ele me olhou, embora sem dizer nada. O banco chegou e foi colocado ao lado do sofá. Hesitei por um momento, enquanto o doente erguia a mão direita trêmula naquilo que pareceu um esforço sobre-humano, e, em seguida, deixou-a tombar com um estrondo forte sobre o banco.

Respirei profundamente e me sentei, enquanto a criada colocava no chão, ao lado do patrão enfermo, um grande balde de carvalho coberto com um pano de linho. O odor pungente, que eu de início pensara ser o cheiro de mofo de um quarto pouco utilizado, intensificou-se. Um composto intoxicante de suor, fezes e urina misturadas à cânfora e outros medicamentos era o vapor etéreo da desintegração, cada vez mais volátil, do magistrado.

— Espero que o senhor se recupere rapidamente — comecei, incerto sobre o que mais acrescentar, minha voz mais baixa do que era o meu desejo. A boca do procurador Rhunken se abriu, o lábio inferior tremeu, a face esquerda contorceu-se freneticamente. Ele lutou contra os músculos rebeldes, agarrou meu braço e puxou-me para perto daquele odor desagradável. Então, arfando desesperadamente por ar, caiu novamente sobre as almofadas sem ter conseguido emitir uma só palavra. Por um momento, achei que fosse expirar diante de mim. Um tremor violento sacudiu-lhe o corpo quando ele tentou erguer novamente a cabeça.

— Não se esgote, senhor! — exortou o Dr. Plucker. — Este cavalheiro tem ouvidos jovens e excelentes e paciência em abundância. Agora, permaneça parado, senhor, enquanto eu aplico o remédio — o médico sussurrou. — Um navio chegou na noite de ontem vindo do rio da Prata. Tive que lutar para conseguir essa remessa com o cirurgião Franzich do hospital da fortaleza. O senhor desistiria se soubesse quanto custou. *Haementaria ghiliani* — anunciou, arrancando o pano que cobria o balde e elevando-o até o nariz. — Humm! O odor primitivo da floresta amazônica! É quase possível enxergar o pântano escuro e almiscarado onde ela desliza e rasteja. Essas lhe farão muitíssimo bem, senhor. São cem vezes mais eficazes que as sanguessugas que *Monsieur* trouxe do Egito. Autoridades militares por toda a Europa estão abastecendo seus estoques antes da deflagração da guerra.

Eu observava estarecido o médico tirar um enorme verme preto do balde com um par de pinças. A criatura se remexeu e se contorceu, na tentativa de se enrolar no braço do médico. No instante em que tocou a carne nua do paciente, entretanto, todo o movimento parou subitamente. O Dr. Plucker esticou a enorme sanguessuga na perna de *Herr* Rhunken, do joelho ao tornozelo e deixou-a ali para se alimentar.

— Se eu puder ajudá-lo de alguma forma — eu me ofereci debilmente, meu olhar morbidamente atraído para a gigantesca lesma amazônica. Tinha, no mínimo, trinta centímetros de comprimento. Quando começou a sugar o sangue do enfermo, o animal pareceu crescer e inchar. — Estou...

A mão amarelada surgiu de dentro do xale de Rhunken e veio pousar no meu rosto com tal rapidez

que as palavras congelaram na minha boca. — Você veio, então — Rhunken arquejou. — De Berlim, creio eu?

— Berlim, senhor? — repeti, sem saber ao certo o que ele queria dizer. Lancei um olhar ao médico, mas não encontrei ajuda alguma. Ele estava completamente absorto no trabalho, depositando uma nova sanguessuga gigante na outra perna do doente. — Vim hoje de Lotingen, Excelência.

Herr Rhunken franziu o cenho. Uma fenda profunda parecia dividir sua testa.

— De onde?

— Lotingen. No distrito ocidental — repeti. — Sou o magistrado em exercício de lá.

— Lotingen? — Rhunken gemeu. Era doloroso observar seu sofrimento estampado na face. — O que você está fazendo aqui?

A última coisa que eu esperava era ter minha identidade questionada pelo homem que me recomendara.

— Fui designado por Sua Majestade para substituí-lo no caso. Trago comigo a carta dele.

Rhunken balançou a cabeça, a descrença claramente estampada no rosto.

— O senhor tem certeza de que sou a pessoa que o senhor recomendou? — perguntei.

O procurador Rhunken voltou o rosto para a parede enquanto o Dr. Plucker aplicava mais duas famintas sugadoras de sangue nas coxas nuas. — Não indiquei ninguém — sussurrou ele com raiva. — Foi ele que fez! Aquela cobra faz isso para me torturar.

Preferi ignorar essa explosão. *Herr* Rhunken estava doente, afinal de contas. Eu podia compreender sua situação. Quando um homem está enfermo, não sabe a quem culpar e, portanto, acusa qualquer um cuja saúde esteja melhor que a sua.

— Eu esperava um emissário especial — continuou. — De Berlim. Da polícia secreta. Não você...

— Ele nunca ouviu falar do senhor — sibilou com raiva o Dr. Plucker no meu ouvido, enquanto colocava um verme escuro menor na testa suada do paciente e outro na têmpora direita. — Qualquer tolo pode ver isso. O senhor está agitando o cérebro dele! Vai matá-lo! Ele foi afastado do caso! Demitido! Forçado a renunciar. Em favor de um especialista, acreditava ele. O senhor não tem um pingote de piedade?

De repente, o magistrado arquejou para inspirar. O catarro borbulhou na garganta e ele tossiu com violência, cuspidando em uma vasilha que o médico sustentava para ele. — Não se esgote, senhor — o médico suplicou. Olhando-me por cima do ombro, com a expressão tensa, gritou: — Eu imploro, senhor!

— Não tenho culpa por ele estar doente — repliquei teimosamente e estaquei, incerto sobre como prosseguir. Eu não tinha a menor intenção de piorar seu estado de saúde. — O rei me instou a agir. *Herr* Rhunken sabe mais sobre esses crimes do que qualquer outra pessoa. Preciso da ajuda dele.

O Dr. Plucker voltou-se para mim com raiva.

— *Herr* Rhunken precisa descansar. O senhor já lhe roubou paz suficiente, por um dia inteiro, creio eu. Deixe-o sossegado!

Se o médico estava determinado a concluir a entrevista, o paciente parecia tentar prolongá-la. Sua mão agarrou-se à minha manga, puxando-me para baixo, e fui forçado a me ajoelhar no chão a seu lado. A sanguessuga na têmpora latejou e se enrolou, saciada de sangue, escorregando pela bochecha até o médico retirá-la apressadamente.

— Vá ao tribunal — o magistrado sussurrou fracamente. — Veja se você... consegue ter sucesso onde eu fracassei.

Desabou sobre os travesseiros, olhos fechados, arquejando desesperadamente por ar.

— Esse será o fim dele — protestou o Dr. Plucker, empurrando-me sem cerimônia para longe do banco e sentando-se ali ele mesmo, a mão no pulso do paciente.

Retrocedi alguns passos, o cérebro em turbilhão e permaneci observando os cuidados do médico.

— Mas o senhor deve saber que arma foi usada para matá-los! — gritei, a confusão sendo substituída

por frustração, à medida que o procurador Rhunken fechava os olhos e parecia cair em um desmaio fatal, os vermes nas faces e têmporas remexendo-se e se contorcendo como uma pintura da Medusa que eu vira na Villa Borghese, em Roma.

— O senhor não vê o estado em que ele se encontra? — gritou o Dr. Plucker, agarrando meu braço, empurrando-me em direção à porta. — Devo ordenar que o senhor saia deste quarto!

O médico escancarou a porta com grande energia, e me surpreendi com sua força ao me lançar no corredor, onde a empregada nos aguardava.

— Mostre a saída a *Herr Stiffeniis* — trovejou.

Eu devia parecer uma criança perdida, dada a gentileza com que a moça me guiou pelo corredor até a porta da frente. — Vamos agora, senhor — disse ela, percorrendo novamente o caminho pelos aposentos repletos de livros e pelos corredores escuros. — Apenas me acompanhe.

Quando a porta da frente se fechou atrás de mim, permaneci incapaz de me mover na luz fria da Lua baixa no horizonte. No lado externo do jardim, o sargento Koch me esperava. Ele se voltou ao ruído da porta se fechando e avançou na minha direção, o rosto raiado como mármore venado de uma igreja. A temperatura diminuía enquanto eu estivera lá dentro e um pouco de neve recém-caída se depositara na ponta do chapéu do oficial.

— Está tudo em ordem, *Herr Stiffeniis*?

Ignorei a solicitude. — Quem lhe ordenou que fosse a Lotingen hoje, sargento Koch? — eu tremia de humilhação e raiva.

— O procurador Rhunken, senhor — replicou, sem um instante sequer de hesitação.

— Ele não tem a menor ideia de quem eu seja — retruquei, com uma frieza que me surpreendeu.

Koch abriu a boca para falar, mas fechou-a novamente. Finalmente acrescentou: — Pensei que fosse de *Herr Rhunken*. Um mensageiro entregou-me uma missiva.

— Quem assinava essa missiva?

— Não estava assinada, senhor. Sou um funcionário do procurador. O mensageiro disse que o recado viera de cima. *Herr Rhunken* não precisa assinar suas ordens para mim — afirmou. — A tal mensagem me dizia o que fazer e aonde ir. O mesmo mensageiro confiou-me a carta com o selo real e os documentos que lhe entreguei durante a viagem para Königsberg. Se fiz algo errado, senhor, sinto terrivelmente.

— Você definitivamente não viu *Herr Rhunken*? Koch balançou a cabeça. — Não, senhor, não o vi.

— Devo ir agora mesmo ao tribunal — disse, virando-me nos calcanhares e me encaminhando na direção da enorme fortaleza do lado oposto da praça. Já caminhara alguns passos quando percebi que Koch não fizera o menor movimento para me acompanhar.

— O tribunal, senhor? — gritou ele atrás de mim. — O senhor não quer primeiro ver suas acomodações?

Voltei-me para ele. Havia algo de ridículo na sugestão. — Você acha que estou aqui de férias? Vim a Königsberg para investigar assassinatos, sargento!

Koch deu um passo à frente e tirou o chapéu. — A Lua ainda não está alta o suficiente, senhor — disse ele. Por um momento, achei que não o tivesse compreendido bem, mas o sargento continuou. — Ainda temos tempo para...

— O frio afetou o seu cérebro, Koch? — interrompi. — O que, em nome dos céus, tem a Lua a ver com tudo isso?

— Recebi instruções de levá-lo à fortaleza depois que a Lua estivesse no ponto mais alto, senhor. Nem um minuto antes.

Retrocedi pela neve, resistindo à tentação de agarrá-lo pelo pescoço.

— É assim que, em geral, mede-se o tempo em Königsberg, Koch? Pelas fases da Lua? Ou isso é mais um exemplo da tal "superstição absurda"?

— Haverá uma reunião no local, senhor. Quando a Lua estiver alta. É só o que sei — Koch afirmou, inabalável.

— Você não fez menção a isso antes, sargento — observei. — Não é a primeira vez que me prega uma peça.

Koch me encarou com calculada frieza. — Não cabe a mim perguntar a razão, senhor. Uma pessoa foi designada para ajudá-lo, foi tudo o que me contaram — concluiu.

— Pessoas têm nome, Koch — repliquei.

A neve recomeçou a cair em flocos delicados suspensos no ar e Koch observou o céu antes de se dignar a responder. — O nome da pessoa é Dr. Vigilantius.

Abri a boca para protestar, mas as palavras não saíram. Pequenos flocos de neve esfriaram meus lábios e derreteram na minha língua. — Um necromante⁷. — Consegui finalmente articular. — O que ele está fazendo aqui?

— Ouvi dizer — replicou Koch, hesitante — que o médico conduzirá experimentos de natureza científica, senhor.

— A que ciência você se refere, Koch?

Meu impassível companheiro pareceu não entender o sarcasmo.

— Disseram-me que seria um experimento relacionado ao fluxo das correntes elétricas no cérebro — respondeu ele.

— Certo, Koch. O que Vigilantius está fazendo aqui?

— Acabei de lhe contar, senhor. Experimentos.

— Vamos tentar de outra forma, sargento Koch — persisti. — Quem chamou Augustus Vigilantius a Königsberg?

Koch colocou-se em posição de sentido. — Lamento terrivelmente, *Herr* procurador Stiffeniis — desculpou-se ele. — Não posso responder a esta pergunta.

— Não pode ou não vai? Essa parece ser sua cantilena — murmurei com os dentes entrecerrados, embora Koch não movesse um músculo nem fizesse tentativa alguma de se explicar.

— O senhor ainda dispõe de tempo antes da hora marcada, senhor — continuou ele, sem se incomodar em explicar. — Vou levá-lo à sua hospedaria, senhor. A carruagem está à nossa espera.

Apontei a fortaleza do outro lado da praça. — Não vou ficar hospedado ali?

— Oh, não, senhor — replicou ele prontamente. — Fui instruído a levá-lo a outro local.

De repente, senti-me exaurido de energia, como se a sanguessuga também me tivesse sugado o sangue. Haveria sentido em continuar brigando ou reclamando com um sujeito tão intransigente? Eu o segui à carruagem tão docilmente quanto um cordeiro cerimonial sendo conduzido ao abate.

¹ Atualmente, grande parque natural localizado dentro da floresta do mesmo nome, uma das maiores do centro-norte da Polônia. (N. T.)

A carruagem partiu vagarosamente. A neve recém-caída sobre as pedras do pavimento deixava os cavalos nervosos e o cocheiro, hesitante. O rangido das rodas ecoava pelos muros altos alinhados dos prédios de pedra escura nas ruas estreitas pelas quais passamos, mas não prestei atenção ao que me rodeava. Meus pensamentos se voltavam completamente para o procurador Rhunken. Ele não estava à minha espera. Não tinha ideia de quem eu era nem por que tinha vindo. Desse modo, por que fora enviado para visitá-lo? Se não fora ele quem indicara meu nome ao rei, quem teria sido? O próprio Rhunken admitira que esperava um magistrado de Berlim. A capital imperial abrigava a sede da polícia secreta. Teria sido isso o que ele esperava, um procurador da polícia secreta, um especialista em política e assassinato? Essas novas incertezas, juntamente com a série de perguntas sem resposta esgueirando-se sorradeiras pelos poucos documentos oficiais aos quais me permitiram acesso durante a viagem para a cidade, lançaram-me em uma aflição que beirava o desespero. E, para piorar ainda mais minha situação, não contava com uma ajuda confiável. *Herr* sargento Koch era um oficial de segundo escalão, um mensageiro mal informado seguindo ordens, cuja rigidez era equivalente à pouca ajuda que prestava.

O grito estridente das gaivotas interrompeu meus pensamentos. Meu nariz começou a se contorcer com o mau cheiro de podridão e a pestilência nauseabunda de alga marinha quando ergui a cortina e olhei para fora da carruagem. O mar cinzento e apático, depois de uma estreita faixa de areia, estendia-se na direção norte para o infinito.

A maré estava alta e uma pequena frota de barcos de pesca oscilava desajeitadamente sobre as quilhas, os mastros e cordames decorados com uma floresta de sinelos. A praia rasa era um lençol de gelo sólido, exceto por um canal estreito de água corrente no centro do estuário. Um píer de pedra escura se projetava como um braço na corrente.

Vários navios de três mastros, enfileirados ao longo do molhe, estavam atracados como baleias mortas esperando para serem rebocadas para terra firme. Trabalhadores segurando sacos e baldes corriam para cima e para baixo sobre as pranchas de desembarque, enquanto velhos guindastes estalavam e rangiam sob o peso dos volumes sendo carregados e descarregados. Além da presença ubíqua dos soldados nas ruas, esse era o primeiro sinal de vida que eu observara desde que chegara a Königsberg. A cidade era renomada pelo trabalho duro de seus habitantes, pela sovinice esperta de seus mercadores. Era, afinal de contas, o porto mais caro da costa báltica. Hamburgo e Dantzig eram concorrentes até certo ponto, mas nenhum dos dois podia gabar-se de uma tonelagem como a de Königsberg. Em um dia normal, Koch relatou, uma dúzia de navios dos cantos mais longínquos do mundo atracavam no cais, enquanto outros doze erguiam as âncoras e iniciavam a rota na direção contrária. Trabalhadores iam e vinham, percorrendo o mesmo caminho para os depósitos do cais, seguindo no encalço uns dos outros para, em seguida, correr novamente para as embarcações, como formigas carregando um grão para o formigueiro. Um desses navios, pensei, percorrera o caminho inteiro desde as florestas tropicais da América do Sul com seu carregamento de sanguessugas para o exército.

— Para onde você está me levando, *Herr* Koch? — perguntei.

— Para sua estalagem, senhor. É lá embaixo, na beira do cais. É um pouco afastado, admito, mas a carruagem estará sempre...

— Uma estalagem? — explodi. — Como um caixeiro-viajante?

Seria essa mais uma tentativa de me humilhar? Já sofrera baques suficientes para um só dia. Primeiramente, Rhunken negara ter qualquer conhecimento a meu respeito.

Em seguida, uma reunião com um alquimista famoso em uma determinada posição da Lua fora

marcada para mim e agora eu estava prestes a ser acomodado em uma taverna de segunda categoria na companhia de contrabandistas e piratas, longe da fortaleza e do tribunal que eram meu lugar de direito.

— Não estou em Königsberg para me divertir, sargento — recordei-lhe.

— Minhas instruções são para trazê-lo aqui, senhor — Koch respondeu rudemente.

Embora estivéssemos apenas no início, comecei a sentir que um esquema preciso fora montado para mim. Minha apresentação a Königsberg tinha toda a aparência de uma elaborada e graciosa dança. Eu era deliberadamente conduzido, passo a passo, por Koch, meu taciturno professor de dança. Mas quem determinara a melodia? E com que propósito?

— Só espero que esse local seja confortável — murmurei para mim mesmo quando a carruagem derrapou e se deteve diante de um prédio antigo de tijolos vermelhos com um teto canelado e irregular. Acima da chaminé central, erguia-se um cata-vento com forma de navio de longo curso cujas velas, impelidas pelo vento, giravam furiosamente.

Na escuridão, o vidro jateado de uma janela saliente e arredondada permitia vislumbrar um brilho intenso e bruxuleante cor de âmbar, sugerindo que o fogo ardia em uma lareira acesa no interior do estabelecimento. Fora a primeira visão encorajadora que eu tivera naquele dia. A neve recém-caída cobrira de tal forma a placa de madeira sobre a porta que era impossível ler o nome da estalagem.

— O Baleeiro Báltico, *Herr* procurador — Koch confidenciou. — A comida aqui é excelente. Muito melhor do que no quartel da fortaleza, creio eu.

Ignorei essa tentativa de me apaziguar os ânimos, o frio cortante penetrando-me os ossos à medida que nos aproximávamos da entrada. Dentro, uma onda de calor sufocante atingiu-me o rosto e olhei ao redor da sala enquanto o sargento Koch dirigia-se a um homem ocupado em avivar o fogo.

A lareira era tão larga que ocupava praticamente a totalidade da parede oposta da sala. As mesas estavam prontas para o jantar. Toalhas limpas de linho branco e uma prataria brilhante contribuía para criar uma boa impressão. O lugar parecia suficientemente limpo e convidativo.

O sargento Koch retornou na companhia de um sujeito alto e gorducho, com uma massa desalinhada de cachos cinzentos caindo sobre a testa e uma argola de cobre em cada orelha; o homem assentiu em sinal de boas-vindas e, em seguida, desapareceu atrás do balcão. Um rabo de cavalo engomado amarrado com um lenço vermelho brilhante contribuía para dar a impressão de que ele fora, em algum momento, baleeiro. Ele voltou com um grande molho de chaves, sorrindo-me de forma respeitosa, porém não subserviente.

— Sou Ulrich Totz, proprietário da estalagem. Estivemos à sua espera o dia inteiro, senhor — falou em uma voz profunda e forte que o fez parecer mais jovem do que o cabelo grisalho sugeria. — Mandei o camareiro subir para acender a lareira do seu quarto. Agora, deixe-me buscar suas malas na carruagem.

Agradei e lancei novo olhar pela sala, enquanto Koch permanecia de pé aquecendo as mãos diante da lareira. Havia poucas pessoas presentes ali naquele início de noite. Próximo à lareira, um grupo de clientes sentou-se em um banco de madeira e nos observou com indisfarçável curiosidade. Convencidos de que éramos, nada mais nada menos, dois cavalheiros em viagem buscando refúgio da tempestade de neve, voltaram-se para a cerveja e o cachimbo e retomaram a conversa. Três dos clientes usavam um uniforme naval prussiano, enquanto outro trajava a vestimenta de um hussardo russo com uma capa verde curta e festões de debrum dourado costurados ao longo das costelas sobre a frente do uniforme. O que estava mais próximo da lareira tinha a pele morena e alisava um enorme bigode de pontas viradas, um brilhante fez vermelho pendendo na lateral da cabeça pequena. Imaginei tratar-se de um marroquino ou turco, ou, mais provavelmente, de um oficial de um navio mercante. Já fazia alguns anos que novidades mediterrâneas vinham chegando à Europa e até mesmo à Prússia. Realmente, era consenso geral que, se os egípcios tivessem tido o bom senso de guardar seus segredos exóticos para si mesmos, Bonaparte os teria deixado em paz. Mas o imperador era obcecado pelas frutas da tamareira, então...

Antes que eu tivesse oportunidade de continuar observando, o estalajadeiro entrou com minha

bagagem. — O seu quarto é o segundo à esquerda, no primeiro andar. Esteja à vontade para subir quando desejar, senhor.

Juntei-me a Koch à frente da lareira e aqueci as mãos.

— Este calor é muito bem-vindo — admiti.

Koch murmurou algo em concordância, sem erguer os olhos da lenha que crepitava; permanecemos ali em pé, juntos, em silêncio por algum tempo, como se enfeitiçados pela dança das chamas.

— Temos uma hora e pouco antes do seu encontro com o Dr. Vigilantius, *Herr* procurador — ele me lembrou.

— Ah, sim, a Lua — brinquei. — Você me fará companhia, espero?

Koch voltou-se para mim, uma expressão de surpresa no rosto. — Senhor?

— Você tem outros planos para esta noite?

— Oh, não, *Herr* procurador — entusiasmou-se ele. — Minhas instruções eram para permanecer à sua disposição para qualquer coisa que o senhor achasse conveniente.

Não tinha certeza...

— Está combinado, então — falei com determinação. A perspectiva de entrar na sombria fortaleza de Ostmarktplatz e ter de fazê-lo sozinho era aterradora. Até aquele momento, minha relação com o sargento Koch não fora nem cordial nem fácil, mas ele era a única pessoa da cidade a quem eu poderia recorrer.

— Como tive várias oportunidades de perceber hoje, Koch, você é eficiente e discreto — afirmei, fazendo uma pausa. Discreto era a palavra mais cuidadosa que encontrei para descrever o comportamento que me enervara mais de uma vez. — Eu me perguntava, quero dizer... ficaria grato em desfrutar do seu conhecimento da cidade. Você me auxiliaria durante minha estada em Königsberg?

— O procurador Rhunken não precisa de mim no momento — Koch considerou, os olhos fixos no fogo. — Se eu lhe puder ser útil, senhor.

Sob a atitude austera e imparcial de Koch, acreditei ter vislumbrado um vestígio de desejo em me ajudar na minha tarefa.

— Sou o sucessor de *Herr* Rhunken — continuei, aliviado, em uma vã tentativa de ser engraçado —, portanto, acredito que você faz parte da minha herança. Agora, se me dá licença, tenho que escrever uma carta. Ela pode ser entregue esta noite?

— Eu mesmo a levarei, senhor — Koch replicou prontamente.

— Obrigado, sargento. Peça duas taças grandes de grogue, sim? Não me demorei.

No andar superior, não tive dificuldade em encontrar o meu quarto. A porta estava encostada e, portanto, entrei diretamente. *Herr* Tutz, o estalajadeiro, estava em pé, próximo a um garoto ajoelhado com um fole de madeira avivando as chamas que crepitavam. Estavam de costas para a porta, de forma que nenhum dos dois percebeu de imediato a minha entrada no aposento. Coloquei o chapéu sobre a cama, consciente do calor delicioso e da limpeza geral do quarto, observando o teto baixo e em desnível, as vigas de carvalho alcatroadas, o reboco caiado e um tapete levemente gasto no centro. Uma pequena escrivaninha estava colocada abaixo da janela, uma lamparina a óleo emanava uma luminosidade brilhante e, na parede oposta, um grande baú e uma cômoda de nogueira combinando ficavam um de cada lado de uma cama envolta por cortinas com aparência limpa e arejada. Um grande jarro azul Dresden e uma bacia sobre a cômoda completavam o mobiliário.

Satisfeito com o que vira, olhei novamente em direção ao estalajadeiro e ao rapaz para anunciar minha presença. Mas algo naquela cena me deteve. O garoto de faces coradas ainda estava agachado diante do fogo, o estalajadeiro alto postava-se impaciente ao seu lado, mãos na cintura. Eu só conseguia ver o perfil de Tutz, mas a expressão ameaçadora em seu rosto era indisfarçável. Com o rangido do fole, o crepitar das chamas e o estalo da madeira eu pouco podia distinguir de suas palavras. Tutz falava seriamente com o rapaz, as veias do pescoço se sobressaindo bastante, como se ele sufocasse o desejo de gritar.

— Brinque com fogo, Morik, que você sairá queimado! — desdenhou.

— Ele com certeza sabe acender o fogo, *Herr Totz* — falei em voz alta, despindo minha capa de viagem e jogando-a sobre a cama. Quando me voltei novamente para a lareira, fiquei assombrado pela súbita transformação da cena, a expressão congelada no rosto de ambos. Apesar de tentar dar um sorriso de boas-vindas, o medo era visível no rosto atormentado do garoto, que se parecia a uma raposa encurralada quando os cães de caça se aproximam para o ataque. Ulrich Totz, que estivera tão enraivecido apenas um segundo atrás, apresentava-se agora repleto de sorrisos obsequiosos e uma humildade ensaiada. A mão esquerda descansou de forma pesada e autoritária sobre o ombro esquelético do seu jovem pupilo. O estalajadeiro Totz parecia-se exatamente a um sacristão de vilarejo que acompanhava o rapaz ao andar de cima para roubar.

— Aqui está o seu quarto, senhor — o estalajadeiro dirigiu-se a mim com uma piscadela conspiratória. — Qualquer coisa que precisar é só pedir, minha esposa voltará esta noite da casa da irmã. Eu normalmente fico lá embaixo. Este é Morik, meu sobrinho.

A mão no ombro do garoto comprimiu-se em um aperto rápido e forte e uma contração de dor arruinou o sorriso apático no rosto do garoto.

— Esse fogo está ótimo para mim, Morik — falei, suavizando minha demonstração de entusiasmo por consideração ao garoto, a fim de evitar aumentar a animosidade do patrão.

O estalajadeiro deu um amplo sorriso, embora eu tenha tido a impressão de que esse bom humor tinha lhe custado um grande esforço quando pedi a ele que saísse, mas que o garoto permanecesse para desfazer minha bagagem. O simples fato de o patrão ter sido dispensado do quarto pareceu colocar o jovem serviçal mais à vontade. Era um rapazinho vivaz, de olhos brilhantes, a face arredondada áspera e corada como uma maçã *golden russet*, e não tinha mais que doze anos. Lançou-se sobre a minha valise como um macaquinho ligeiro, esvaziando o conteúdo, colocando minhas camisas, meias e roupa íntima sobre a cama, arrumando as escovas e pentes com excessivo cuidado ao lado da bacia, abrindo e fechando gavetas. Ele parecia ter prazer em sentir a forma, a qualidade e o peso de tudo que tocava. Em outras palavras, ele era lento.

— Assim está ótimo, Morik! — eu o interrompi, minha paciência se esgotando. — Coloque somente um pouco de água quente naquela bacia, sim? Preciso me lavar antes de sair novamente. Um cavalheiro espera por mim lá embaixo.

— O policial, senhor? — Morik perguntou prontamente. — A estalagem está sendo vigiada?

— Königsberg inteira está sob intensa vigilância — repliquei vagamente, sorrindo frente à sua impetuosa demonstração de curiosidade infantil. Em seguida, sentei-me na cama junto à janela, organizei meus apetrechos de escrita e comecei a redigir uma carta que nunca acreditaria ter a necessidade de escrever.

Herr Jachmann,

Circunstâncias que escaparam ao meu controle pessoal trouxeram-me uma vez mais a Königsberg. O rei incumbiu-me de uma tarefa de extrema gravidade e excepcional importância, a qual gostaria de explicar-lhe pessoalmente, o mais rápido possível, quando lhe for conveniente. Entrarei em contato amanhã ao meio-dia.

Apresso-me a reiterar minha palavra de honra de que evitarei qualquer forma de contato com a casa na Magisterstrasse até nossa conversa.

RSVP.

Atenciosamente,

Hanno Stiffeniis, magistrado.

— O senhor quer que eu vá ao correio postá-la, senhor?

Virei-me com um sobressalto. O garoto me observava. Estava tão envolvido na redação da carta que me esqueci de que ele permanecia no quarto.

— Correio? A esta hora da noite? Você não tem medo de sair depois de escurecer?

— Oh, não, senhor! — replicou o garoto com vigor. — Faço qualquer coisa que Sua Excelência pedir.

— Você é um rapazinho corajoso — falei, tirando uma moeda do bolso do colete —, mas também tolo. Há um assassino solto nas ruas de Königsberg à noite. Você estará mais seguro dentro de casa.

Ele lançou um olhar furtivo para a porta e, em seguida, recolheu a moeda da minha mão como uma pega. — Eu não estaria tão seguro disso, senhor — sussurrou ele. — Há mais perigo dentro desta taverna do que nas ruas. Sua água está pronta.

Não prestei muita atenção às palavras do garoto, considerando-as uma gabolice infantil, e, sorrindo, despi o paletó e o colete e arregacei as mangas da camisa.

— Não acredita em mim, senhor? — falou, aproximando-se.

— Por que eu não deveria acreditar em você, Morik? — repliquei, dando pouca atenção à conversa, minha mente concentrada no que ainda iria acontecer naquela noite.

— Estão acontecendo coisas estranhas nesta casa, senhor — sussurrou ele em um tom de voz ainda mais baixo. — É por isso que o senhor está aqui, não é?

— É claro — brinquei, jogando água quente sobre o rosto. — A que tipo de coisas você se refere?

— O homem que foi assassinado passou sua última noite aqui. Jan Konnen...

Uma batida brusca na porta o interrompeu. Sem esperar permissão, *Herr Totz* entrou enquanto eu secava o rosto.

— Se o senhor já terminou com o garoto — falou o estalajadeiro com os lábios contraídos de raiva —, eu precisaria dele na cozinha. Agora!

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, o garoto escapulira para junto do patrão e desaparecera habilidosamente pela porta.

— Esse rapaz! — Totz falou revirando os olhos para cima e balançando a cabeça. — É um patifezinho mentiroso. E além disso bem folgado! Com sua permissão, senhor.

— Ele me contava que Jan Konnen estava hospedado aqui na noite em que foi assassinado, Totz — falei. — Isso é verdade?

Ulrich Totz não respondeu imediatamente. Alguns instantes depois, entretanto, um sorriso tênue surgiu e a resposta fluiu como leite quente e mel derretido. — É verdade, senhor — admitiu. — Já contei à polícia tudo o que sei. Konnen estava aqui em um minuto, morto no minuto seguinte. Não tenho mais nada a acrescentar, senhor. O senhor me dá licença, agora? Estamos com muito movimento lá embaixo no momento.

Assenti e, assim que o homem saiu, fechei silenciosamente a porta atrás dele. Teria eu sido arrastado para dentro de algum tipo bizarro de labirinto ou seria uma mera coincidência o fato de ser alojado no estabelecimento onde a primeira vítima da série de crimes passara suas últimas horas? Decidi procurar o depoimento que Ulrich Totz fornecera à polícia na primeira oportunidade que surgisse. Era claro que haveria mais documentação sobre os assassinatos do que os relatórios incompletos que Koch me mostrara na carruagem.

Lá embaixo, no salão, o sargento Koch estava sentado diante do fogo com dois copos grandes de grogue de rum em uma mesa à sua frente. A estalagem estava mais cheia que antes, muito animada — duas mulheres de largas saias vermelhas e blusas decotadas eram o centro da atenção —, com exceção do oficial russo no seu uniforme extravagante que adormecera na mesa, a cabeça apoiada na parede, um copo de grogue virado e pingando o líquido no chão.

— Koch — chamei, batendo-lhe no ombro.

O sargento ergueu-se de um salto e colocou rapidamente o chapéu na cabeça, como se pegou em um terrível estado de nudez. — A carruagem está...

— Jan Konnen foi morto aqui — interrompi. — Você sabia disso?

A pausa de Koch foi longa o suficiente para que eu me questionasse se ele mentia novamente. — Não sabia de nada, senhor. Realmente de nada.

— Ah, sim? — indaguei. — Isso é estranho. A cidade inteira deve saber.

Koch respirou fundo antes de responder. — Como lhe informei, senhor, os detalhes foram mantidos em sigilo absoluto. Eu sabia, é claro, que o homem fora morto em algum lugar perto do mar, mas não nesta estalagem especificamente.

— Fora da estalagem — eu o corriji mecanicamente. — Você pode não saber, mas quem quer que tenha decidido me hospedar aqui com certeza sabia, sargento.

Permanecemos ali por alguns instantes, face a face, em silêncio, enquanto sentia o gelo frio da discórdia pairar novamente entre nós. Ergui o envelope que tinha em mãos. — Esta é a carta que mencionei anteriormente — prossegui. — É para um cavalheiro na cidade. Seu nome é Reinhold Jachmann.

Se Koch já ouvira falar do nome, não demonstrou.

— Eu a entregarei depois que tivermos ido à fortaleza, senhor — disse, com um devotado assentimento de cabeça. — Eu a levarei no meu caminho para casa.

Essa proposta generosa lançou uma nova luz sobre Koch. Subitamente percebi que, durante o dia, eu pouco fizera além de culpá-lo por organizar uma conspiração que eu era incapaz de explicar a mim mesmo. O que considerara ser interferência e forte manipulação da parte dele podia não passar de zelo excessivo na execução de uma tarefa estafante.

— Se for a primeira tarefa amanhã de manhã estará ótimo, Koch — repliquei, abrandando-me levemente. — A casa de *Herr* Jachmann fica na Klopstrasse.

— O senhor precisa de mais alguma coisa? — perguntou ele.

— Transporte, Koch. A lua já deve estar no ponto apropriado, você não acha? — acrescentei, em uma tentativa de ser mais jovial.

O esboço de um sorriso quase imperceptível surgiu nos lábios do sargento enquanto nos encaminhávamos para a porta. — Realmente, senhor. Acho que já deve estar.

Lá fora, no cais, apesar de não mais nevar, montes espiralados e flocos maciços de neve cobriam as pedras ásperas do pavimento. O vento soprava com mais ferocidade que nunca, o silvo cortante de um vendaval chicoteava o mar, e fazia os dentes baterem e o espírito se rebelar.

— Deus nos proteja! — Koch murmurou ao seguir no meu encalço para a carruagem.

Quando ele gritou ao cocheiro para partir, lembrei-me dos dois copos de grogue de rum deixados intactos na mesa da estalagem. Naquela noite, ambos nos arrependêríamos desse esquecimento.

A escuridão se abatera sobre a Ostmarktplatz. Não havia viva alma na rua. Até mesmo as guaritas do lado de fora da fortaleza e do tribunal estavam vazias, os soldados recolhidos para passar a noite. De ambos os lados da entrada principal, tochas tremulavam lançando fracos feixes de luz e esculpindo sombras profundas na sombria fachada de pedra. Ao descermos da carruagem e à medida que nos aproximávamos do portão, o prédio enorme se elevava muito acima de nós. Na luz pálida da Lua crescente, seus pináculos altos, o torreão e as guaritas lançavam uma escuridão agourenta sobre o brilhante tapete de neve.

O sargento Koch levantou um grande aro de ferro e deixou-o cair sobre uma pequena porta também de ferro inserida na gigantesca porta defensiva de madeira. Um pesado ferrolho foi ruidosamente destrancado, uma fresta estreita se abriu e, do interior, dois olhos lancinantes nos esquadriharam minuciosamente.

— Procurador Stiffeniis está aqui para ver o Dr. Vigilantius — Koch anunciou.

A fresta se fechou com um estalido metálico, a porta se abriu e adentramos um pequeno pátio interno.

— Esperem aqui — ordenou o guarda, e fomos deixados plantados no frio por alguns minutos. No centro do pátio, dois soldados altos em mangas de camisa trabalhavam com pás ao lado de uma longa caixa de madeira. Com aquela abundância de neve recém-caída cobrindo a cidade, perguntei-me qual seria a finalidade de armazená-la em caixas.

— General Katowice! — Koch sibilou repentinamente e, ao voltar-me, observei um grupo de oficiais de uniforme de sarja azul caminhando com passos firmes em nossa direção. — Ele é o comandante da guarnição — Koch acrescentou em um sussurro.

Com alguma ansiedade, preparei-me para encontrar o general, e me deparei com um homem de altura menor e perímetro maior que a média. Possuía também abomináveis dentes escurecidos e um enorme bigode branco que se enrolava sobre o lábio superior e as bochechas rosadas. Cruzando os braços curtos sobre o peito enorme, as rugas da testa se transformaram em um cenho franzido, e, em seguida, ele moveu rapidamente a cabeça para a esquerda em um gesto singular que trouxe para a frente uma trança longa e branca que chicoteou o ar e repousou-lhe junto ao braço como uma cobra deslizando em um galho. Oficiais de alta patente nunca deixaram de usar o cabelo ao estilo característico de Frederico, o Grande.

— Stiffeniis? — rosnou o general, oferecendo a mão gorducha.

Tive que sorrir com alívio. Ali, ao que tudo indicava, eu era esperado.

— Não vou tomar o seu tempo, exceto para dizer-lhe que estou satisfeito com sua chegada — começou ele, a mão robusta brincando com o punho da espada. — A cidade está em polvorosa, como o senhor sabe. Esses assassinatos! O rei quer resolver o problema sem demora. A situação é clara, a meu ver. — Ele se inclinou incomodamente na minha direção, exalando cheiro de alho e outros desconhecidos elementos semidigeridos. — Jacobinos — disse ele. — Aqui está a sua resposta.

— Espiões, senhor? — perguntei.

O general Katowice colocou a mão no meu braço. — Exatamente! Quero saber onde eles se escondem! — disse com certa agitação, a trança branca agora balançando nervosamente sobre o peito. Assemelhava-se mais a um chefe de um povo bárbaro do que a um general prussiano. — Nunca confie em um francês! São demônios astutos guiados pelo próprio Satã! Napoleão daria a perna e o braço esquerdos para tomar a fortaleza de Königsberg. Tenho minhas forças estrategicamente posicionadas dentro e fora da cidade. Eles vão atacar sem misericórdia.

Uma palavra sua, uma palavra minha. É só do que necessitamos.

Ele colocou a mão direita no meu ombro esquerdo, olhou-me diretamente nos olhos e intensificou a pressão. — Se o senhor encontrar alguma coisa que pareça francês, cheire a francês, quero ser comunicado imediatamente. Rhunken suspeitou de um complô estrangeiro contra a nação, mas não há provas. O que me deixou de mãos atadas, é óbvio. Se o senhor conseguir encontrar provas mais consistentes, eu persuadirei o rei a tomar a iniciativa. Vamos atacar antes que eles o façam. Tudo depende do senhor. Alguma pergunta?

A primeira que veio à minha mente era suficiente para iniciar uma avalanche de indagações. O que eu estava fazendo ali? Mas não fiz essa pergunta. Nem o general Katowice esperou por ela.

— Nenhuma? Bom homem! Agora, creio que estão esperando pelo senhor.

O general e seu pelotão marcharam para a esquerda, enquanto um cabo, vindo da direita, parou à nossa frente e bateu continência. — Sigam-me, cavalheiros — disse ele, girando nos calcanhares e retomando a marcha.

Seria aquele o motivo dos crimes, um complô jacobino para minar a paz em Königsberg e na Prússia? Prossegui a caminhada ainda atordoado. Ribombamos por um corredor escuro, atravessamos um enorme salão vazio que fazia eco ao som dos nossos passos, passando sob um arco rebaixado que levava a um labirinto de corredores sombrios até chegarmos a uma porta escavada em uma parede cinza e úmida.

— Por aqui — disse o cabo, pegando uma tocha acesa de uma argola na parede e iluminando uma escada em caracol que levava às entranhas da terra. O cheiro de bolor era nauseante. A tocha do nosso guia tremeluzia ao lutar contra a escuridão profunda.

— Os escritórios não se situam nos andares superiores? — perguntei para Koch.

— Sim — confirmou ele.

— Por que estamos descendo para o subsolo, então?

— Não faço ideia, senhor.

Talvez estivéssemos nos dirigindo a uma cripta.

— Que lugar estranho para uma reunião — falei, sentindo a ansiedade aumentar. — Para onde você está nos levando, cabo?

O cabo se deteve, olhou para Koch e depois para mim, o rosto embrutecido emoldurado por uma peruca esfarrapada que não devia ser empoada há um mês e coroado por um surrado chapéu de três bicos. — Para ver o doutor, senhor — respondeu rudemente.

Nesse exato momento, passos pesados e o estrépito de botas com biqueiras de aço ressoaram com força na escada acima de nós. Nosso guia ergueu a tocha, iluminando os dois soldados que eu vira trabalhando no pátio do térreo. Lançavam-se escada abaixo, carregando a caixa grande, um na frente, outro atrás. O peso da carga parecia arrastá-los para baixo mais rapidamente do que desejavam, e tivemos que nos comprimir contra a parede para evitarmos ser esmagados.

— Ele já chegou? — perguntou-lhes o nosso guia. Quando os homens passaram cambaleando por nós, pude ver como eram altos. Frederico, o Grande, criara essa moda, visitando cada canto do continente à procura de novas aquisições para sua coleção de soldados gigantes.

Agora, chegavam em bandos à Prússia. Esses dois eram dois espécimes excelentes. Ainda assim, gemiam sob o peso do fardo.

— Sei lá — o soldado na frente gritou sobre o ombro. — Vamos rápido, Walter!

— É algum tipo de punição? — perguntei ao cabo quando foram completamente engolidos pela escuridão.

— Cumprem ordens somente, senhor — replicou e retomou o meio-galope escada abaixo.

Ao final da descida, uma claraboia quadrada brilhava sobre nossa cabeça. O cabo olhou para cima, uma expressão atordoada de terror na face. A Lua cheia estava perfeitamente emoldurada pela janela bem no alto.

— Raios que o partam! — praguejou. — Na hora exata!

— Do que é que você está falando? — perguntei.

O cabo fitou-me com a expressão tensa. — O doutor aprecia muito esses detalhes, senhor — murmurou. — Ele disse que a lua surgiria por entre as nuvens e aí está ela!

O medo estampado no rosto do rapaz era infantilmente cômico. — Melhor não fazê-lo esperar, senhor — falou. Prosseguimos rapidamente no caminho em direção a uma porta no fundo do corredor, que se abriu para um depósito grande e vazio. Estava frio lá dentro, extremamente frio. Os outros dois soldados trabalhavam com afinco retirando com pás a neve da caixa e depositando-a sobre uma cobertura preta de lona.

— Bem, Koch — comecei, o vapor formando um ectoplasma na minha frente à medida que eu falava.

— O senhor chegou bem na hora — uma voz arrogante ressoou às minhas costas.

Virei-me e fiquei boquiaberto. Pareceu-me ver dirigir-se a mim um daqueles antiquíssimos retratos de meus ancestrais pendurados nas paredes da casa de campo do meu pai. O estilo da peruca era o que me impressionava. Uma cascata de cachos grisalhos descia da cabeça em ondas espiraladas sobre as laterais de um rosto longo e encovado.

As mãos grandes e brancas como a neve seguravam uma capa enorme de um brilhante belbute preto presa firmemente ao corpo.

— Meu nome é Vigilantius — anunciou com certa rispidez. — Dr. Vigilantius.

Não estendeu a mão nem fez nenhum sinal de saudação e passou correndo por mim, a capa preta inflando e ondulando à medida que se aproximava dos soldados à espera.

Havia uma diferença de um palmo de altura entre ele e o menor dos dois gigantes.

— Espero que vocês tenham seguido minhas instruções ao pé da letra.

Não era uma pergunta, embora um dos homens tenha dado um passo respeitoso à frente. Limpando a testa com a manga, falou: — Exatamente como o senhor ordenou.

— Nesse caso, vamos começar — replicou, a atenção concentrada nos trabalhadores, que suavam apesar do frio.

— Começar o quê? — perguntei em voz alta, dando um passo à frente para enfatizar minha autoridade perante Koch e os soldados.

Vigilantius ergueu a sobrancelha espessa e devolveu desafiadoramente o olhar, sem contudo responder a minha pergunta.

— O que estamos fazendo nesta masmorra? — insisti.

— Estou aqui para entrar no Mundo dos Espíritos — respondeu ele com simplicidade, como se o lugar existisse realmente e qualquer pessoa de olhar perspicaz pudesse encontrá-lo no mapa-múndi. Mas, antes que eu pudesse retrucar, ele se virou para Koch como se quisesse devorá-lo. — Quem é o senhor? — indagou, como um lagarto tentando abocanhar uma mosca.

— O sargento Koch é meu assistente — retruquei.

O médico fez uma careta, mas não opôs objeção. — Ele pode ficar, então. Esses dois homens são necessários para a primeira parte da operação, cabo — declarou, apontando o dedo indicador como um dardo. — Desapareça!

Nosso guia escapuliu da sala sem nem olhar para trás.

— Traga nosso convidado até aqui — Vigilantius ordenou rispidamente.

Instintivamente, dei um passo para trás, pensando que os homens tivessem a intenção de me agarrar à força. Do lado oposto da sala, com um guincho aflito como uma trompa de caça nas mãos de um principiante, os soldados começaram a arrastar a lona contendo o monte de neve na nossa direção.

Fui tomado por uma onda de raiva. Estaria ele tentando me fazer de bobo? Minha autoridade não significava nada para esse exibicionista comum? Eu fora designado pelo rei para assumir o caso. Se havia algo a ser feito, eu decidiria.

— Parem onde estão! — gritei, avançando para os soldados.

— O senhor não está... curioso em saber o que existe sob essa cobertura, *Herr* procurador? — Vigilantius perguntou, um sorriso afetado no rosto. — O senhor não obterá ajuda mais valiosa em Königsberg, posso assegurar-lhe.

— O que você esconde aí? — indaguei.

— Retirem a neve — ordenou aos soldados sem me dar atenção.

Enquanto os homens removiam a neve com as mãos nuas, fiquei remoendo minha raiva. Fora por isso que me incumbiram uma investigação tão delicada? Para ser guiado, manipulado, frustrado? Eu não possuía nenhum poder efetivo?

— Tragam-no para cá — Vigilantius instruiu e os homens revelaram finalmente a que, até então, referiam-se de modo tão vago. — Agora desapareçam!

Os soldados obedeceram-lhe diligentemente, deixando-nos a sós com Vigilantius.

Aproximei-me e olhei para baixo.

— Quem era ele? — perguntei.

— Era? — desafiou a voz áspera. — Esse é Jeronimus Tifferch. A quarta vítima do assassino que aterroriza Königsberg.



Eu já vira cadáveres na França. Sabia o que a lâmina afiada de uma guilhotina recém-azeitada poderia fazer. Mas isso em nada me preparou para a visão do advogado Tifferch. Estava deitado de costas em posição totalmente anormal. O tronco curvado para cima, joelhos dobrados formando um arco pontiagudo sobre a mesa, braços esticados apontando para baixo. A vida parecia ter sido arrancada de dentro dele. A pele vítrea, anormal, possuía a coloração amarelo-marfim dos santos italianos mumificados. As bochechas murchavam para dentro, a boca permanecia escancarada. Era o retrato de um atordoamento inocente. O cabelo estava rígido pelo congelamento e era tão branco que pensei ser gelo. Um nariz longo e reto conduzia a um bigode enrolado, fino e escuro que Tifferch parecia ter cultivado com mais cuidado que o habitual. O traje era verde-oliva e de bom corte, com um estreito debrum dourado no colarinho, na barra e nas casas dos botões. Meias cor de biscoito pendiam frouxamente das pernas finas que se contraíram com o frio. Ambas as rótulas pesavam cobertas por barro endurecido. Não havia marca evidente de assassinato no corpo. Nada que explicasse o que levara o advogado Tifferch àquele fim.

— Como ele morreu? — perguntei, mais a mim mesmo do que a qualquer outra pessoa.

— Em breve descobriremos isso — Vigilantius replicou sombriamente, à medida que começava seu trabalho. Era como um ritual do catolicismo romano. Eu frequentara missa em Roma alguns anos atrás e ficara fascinado com a cerimônia pagã que os padres utilizavam ali. Colocando a mão em cada uma das faces do morto, o médico fechou os olhos e tocou com sua testa a testa do cadáver, como um padre consagrando pão e vinho no ofertório. Permaneceu assim por um tempo, silencioso e rígido como o defunto abaixo dele. De repente, começou a farejar de forma ruidosa e selvagem no nariz e boca do cadáver. O suor escorria-lhe aos borbotões da testa. Tremeu com violência, sacudindo todos os membros e pareceu estar possuído por uma energia frenética que era incapaz de controlar.

— Jeronimus Tifferch — entoou em voz alta. — Jeronimus Tifferch. Retorne das trevas. Eu, Augustus Vigilantius, ordeno...

Um rosnado gutural bateu nos arcos de pedra e ecoou pelo aposento inteiro, dissolvendo-se em um longo e agonizante uivo.

— Alguém mais está escondido aqui — murmurei para Koch.

Koch devolveu-me o olhar, estarecido. Seus dentes estavam cerrados, os olhos vermelhos do fogo da tocha. — Não há ninguém, senhor — assegurou ele. — Somente ele, nós e o corpo.

Vigilantius oscilou violentamente para trás nos calcanhares.

— Deixe-me em paz. Deixe-me descansar na escuridão — sibilou ele. Sua boca enorme estava torcida, disforme, a voz estranha e descarnada era aguda, clara. Havia naquilo uma tristeza infinita que eu nunca teria imaginado ser Vigilantius capaz de evocar. A respiração tornou-se agitada, difícil e — meu Deus, como eu gostaria de negar isso! — a capa volumosa começou a elevar-se por conta própria como uma maligna nuvem negra ameaçando engolfá-lo por inteiro. Tudo ocorreu com impressionante rapidez. Éramos como homens à deriva em meio a uma torrente furiosa ou uma tempestade colossal.

— Tome a minha energia! — gritou Vigilantius, como se certa mão invisível lhe arrancasse o coração do peito. — Quem é você?

— Eu não sou mais eu — a voz replicou em um uivo agudo, e senti a mão de Koch agarrando a manga do meu casaco em busca de segurança. Houve silêncio por algum tempo, em seguida, o vento começou a gemer e a lamentar-se novamente. — Eu não... sou... mais... eu...

— Quem o levou para a escuridão? — Vigilantius indagou calmamente, como se fosse a pergunta mais natural do mundo.

— Assassino... assassino... assassino — o vento rugiu de volta uma dúzia de vezes, como o golpe de um martelo repetido consecutivamente. Ele ecoou e reverberou na minha mente. Na luz trêmula, eu parecia ver a rígida boca congelada do cadáver abrir e fechar em um diálogo. Vigilantius tremia dos pés à cabeça. Palavras truncadas e frases ininteligíveis escapavam-lhe dos lábios em uma avalanche incompreensível.

Ouviu-se, então, um grito agudo de dor.

— Quem fez isso, Espírito? — Vigilantius trovejou. — Quem o matou?

Escutei o pio de uma coruja, o som de pombos arrulhando, o miado de um gato, o murmúrio selvagem de uma canção dissonante, em seguida, novamente aquele rumorejar de vento.

— Uma língua de fogo. O fogo atrás da minha cab... — o discurso tornou-se incompreensível repentinamente, sendo retomado em seguida, mais claramente, com uma sibilância nasal e irregular que era bastante perceptível. Seria essa a verdadeira voz do Dr. Tifferch? — escuro... escuro... a voz...

— Que voz? — gritou Vigilantius em resposta ao balbucio de sons desconexos como o ruído desafinado de um realejo quando a manivela é girada na direção contrária.

— Quem falou com você? Descreva-o, é uma ordem!

Eu vi, ou pensei ter visto, os lábios do homem morto se mexerem em resposta. — O Diabo... é uma face... nada mais — disse o cadáver, e o silêncio se abateu como se a tampa de um túmulo tivesse sido posta no lugar. O tempo parou, mas indagações retiniram como uma espiral pela minha mente. O que fora isso que presenciara?



Que tipo de manipulação eu acabara de testemunhar? O suor correu-me frio pelas costas. O desempenho fora, realmente, impressionante; meu coração ainda pulsava como um fole. Arfei buscando ar e tive que pigarrear temendo sufocar. Naquele instante, percebi, o Dr. Vigilantius me observava. O verdadeiro Vigilantius, se é que algo podia ser chamado de verdadeiro em meio àquela escuridão. De repente, seu lábio superior se arqueou, os olhos pretos faiscaram e ele abriu um amplo sorriso de orelha a orelha.

— Você escutou, não? — indagou ele. — O cadáver humano é o receptáculo de sensações vitais. Meu

magister Emanuel Swedenborg, ensinou-me como extrair esse tipo de informação muito tempo atrás. Abra sua mente obscura para o mistério, *Herr* procurador. Homens mais ilustres que o senhor aprenderam a ver sem utilizar os olhos.

Ele deu um passo na minha direção, bloqueando minha visão do corpo. A consciência que possuía dos próprios poderes era absurda, inquestionável. Arrogância emanava dele, o suor escorria-lhe da testa em filetes que desciam pelo rosto e pescoço. — Faça o melhor uso possível do que teve o privilégio de assistir — acrescentou, esperando pela minha reação, o sorriso desaparecendo lentamente dos lábios.

Dei um passo à frente.

— Impressionante, senhor — concordei, a pulsação acelerada. — O senhor parece ter deixado escapar sua verdadeira vocação. Deveria ser ator. Mas o que sobra do espetáculo quando as cortinas se fecham?

Olhei-o fixamente nos olhos por alguns momentos, mas ele não replicou.

— O senhor não me contou nada de útil — continuei, a raiva aumentando. — Como esse homem morreu? Que arma o matou? E por que ele não conseguiu descrever o rosto do assassino? O senhor é um ventríloquo, um ilusionista. Não escutei uma única palavra verdadeira da boca do cadáver. Nem da sua. O senhor está me fazendo perder tempo, retardando minha investigação. O rei receberá um relatório sobre o que está acontecendo aqui.

Os olhos do necromante, pretos como carvão, enfrentaram desafiadoramente os meus e aquele sorriso irritante, presunçoso contraiu-lhe os lábios mais uma vez. — O que o rei tem a ver com isso, *Herr* Stiffeniis?

— O senhor com certeza se lembra dele? — repliquei sarcasticamente. — Nosso monarca? O rei Frederico Guilherme III? Que me encarregou deste caso? Tenho a designação formal aqui no meu...

— O senhor não poderia estar mais equivocado — *Vigilantius* interrompeu, abanando a mão no ar como se afastasse uma mosca incômoda. — O rei Frederico nada sabe sobre o senhor ou sobre mim. Uma pessoa importante, da confiança de Sua Majestade, prometeu resolver esses mistérios para ele. Com a sua ajuda e com a minha. Sua carta de designação não vale o papel em que está escrita. Foi assinada e selada por algum secretário fantasma em Berlim, aposto. Um pretexto para trazê-lo aqui.

Minhas mãos começaram a tremer de raiva, e afundei-as dentro da capa, tentando manter a voz calma e firme enquanto falava. — Uma pessoa importante? Alguém da confiança do rei? E esse grande homem prometeu ao rei solucionar esses crimes com prestidigitação e truques de ilusionismo. Que notável! Estou ansioso em conhecer esse professor de charlatanismo. A cidade de Königsberg não poderia estar em melhores mãos.

Vigilantius encarou-me em silêncio, o sorriso zombeteiro sendo substituído por um olhar rígido e ressentido. — O senhor está insultando um grande homem, *Herr* procurador. Espero estar presente quando o senhor o encontrar.

— Neste mundo ou no outro? — murmurei, olhando fixamente para o cadáver, antes de me voltar para Koch. — Ajude-me, gostaria de examinar o receptáculo vazio desse homem agora que o espírito partiu!

Inclinamo-nos sobre Jeronimus Tifferch. Não havia uma gota de sangue na roupa, um arranhão na pele, nenhuma evidência de golpe ou estrangulamento. A ponta da língua, protuberante por entre os dentes amarelados, era de um cor-de-rosa perfeito, nem escura, nem inchada. Coloquei ambas as mãos espalmadas sobre o peito do homem e as comprimi contra as costelas. Tudo estava firme. Abri a camisa e não encontrei marcas de facas ou golpes. Que tipo de morte era aquela? Que porta fechada o assaltante, ou seja, a Morte, destrancara para entrar no corpo do Dr. Tifferch?

— Ajude-me a virá-lo, Koch.

Obriguei-me a tocar o corpo rígido e frio novamente, e, juntos, nós o erguemos sobre a lateral esquerda. As roupas estalaram com o deslocamento, a pele era áspera como pedra molhada. No passado, os médicos devem ter se sentido como eu me sentia naquele momento ao praticarem a arte proibida da

dissecação de cadáveres. O local era bastante propício, uma câmara secreta nas entranhas da terra. Lá fora, era noite. Dentro, noite também, mas de uma tonalidade muito mais escura. Seria possível imaginar fazer o que fazíamos sob a luz implacável do dia? Havia algo de sacrílego nesse ato.

— Você tem uma faca, sargento Koch?

— O que o senhor pretende fazer com ela? — Vigilantius objetou.

Ignorei-o, pegando da mão de Koch a faca de bolso e desenhando uma linha do colarinho do paletó do morto até a barra. Com um puxão, rasguei o tecido endurecido e repeti o procedimento na camisa de linho. Olhamos estupefatos para o que se revelou aos nossos olhos.

— Meu Deus! — Koch exclamou em um sussurro. Recoloquei as luvas para evitar contaminação. As costas eram um acúmulo de vergões antigos e cortes recentes. Se Tifferch fosse um tapete de uma sala, alguém pensaria que ele fora recentemente batido e penteado com uma escova de ferro. Lenta e cuidadosamente, limpei com a ponta do dedo a crosta de sangue congelado que revelava a carne, também congelada, logo abaixo.

— Chicoteado — Koch murmurou.

— Restam poucas dúvidas quanto a isso — meus olhos correndo por sobre a pele esfolada como se fosse um pergaminho escrito em uma língua misteriosa a ser decifrada.

— Pode ter sido essa a causa da morte, senhor? — Koch indagou, apontando, incerto, a pele flagelada do homem.

— Ele mesmo lhe contou isso! — explodiu o Dr. Vigilantius. — Ele mencionou chamas. Fogo no cérebro. Esse deve ser o seu ponto de partida.

— Eu decido por onde começar! — retruquei bruscamente.

— Essas feridas não são a causa, *Herr Stiffeniis* — o necromante insistiu. — Sua incredulidade teimosa é fruto do envenenamento do dogmatismo. Lógica é apenas um dos muitos sistemas de compreensão. O senhor não entende? Existem mil caminhos para a verdade.

— Esse homem foi espancado — repliquei energicamente. — Sei que a surra não o matou. Mas talvez explique por que ele foi morto. Não posso ignorar o fato. Pode ser o ponto de partida da investigação.

Augustus Vigilantius abriu um amplo sorriso. Fatos, aparentemente, não o afetavam. — O próprio Tifferch nos contou uma história diferente. Não seria sábio ignorar suas palavras.

— Se fossem as palavras dele — contrapus.

— As informações que eu obtenho não são resultado de um exame físico do corpo — replicou ele, inflexível. — Minha preocupação é com a energia vital aprisionada no frágil receptáculo humano. Sou unicamente o tambor, a tábua de ressonância.

— Mágica! — zombei. — Estou surpreso que o senhor não tenha tirado um coelho da cartola do falecido!

A flecha atingiu o alvo.

— Quando a lua está no seu ponto mais alto — retrucou o necromante —, o fluxo do espírito humano alcança seu poder máximo. Então, pode ser acessado por qualquer estudioso da arte da adivinhação. O cadáver foi preservado aqui com esse propósito. Mas o momento exato passou, não voltará mais. O senhor se intoxica com aparências externas, *Herr Stiffeniis*.

— Ajude-me a virá-lo novamente, sargento Koch — repliquei, ignorando propositadamente o charlatão.

— O senhor deveria ser grato a mim, *Herr* procurador — Vigilantius insistiu por sobre meu ombro. — Não despreze a ajuda que lhe posso oferecer.

Não respondi, mas, no silêncio que se seguiu, escutei o mesmo ruído horripilante que me dera arrepios instantes atrás. Quando me virei, deparei-me com o olhar zombeteiro do necromante. As narinas abriam-se e fechavam-se aspirando sofregamente o ar. A cabeça estava próxima e era a mim que ele

farejava.

— O senhor é um cachorro por acaso? — rosnei, dando um passo atrás. — O truque pode funcionar com os mortos. Mas eu estou vivo.

Ele se afastou, mas nada fazia aquele sorriso pretensioso desaparecer-lhe do rosto.

— Só na superfície, *Herr Stiffeniis*. Por baixo, sinto o cheiro da morte que o senhor carrega consigo aonde quer que vá. — Ele bateu levemente na lateral do nariz.

— Cheira mal. Há uma poça escura e estanque onde uma carcaça jaz apodrecendo. Uma morte envenena sua mente e sua vida. Estou errado, *Herr* procurador? O que o persegue nos seus pesadelos? Que segredos escondem essas águas turvas? O senhor teme o que pode vir à tona a qualquer minuto.

Suas palavras reverberaram nas paredes e ecoaram pela câmara.

— Muito obrigado pelas suas inestimáveis opiniões — murmurei. — Nada mais temos a fazer aqui, Koch.

Vigilantius arqueou as sobrancelhas, surpreso. — Mas ainda tenho algo para lhe mostrar. Esse corpo pode nos contar algo ainda mais importante.

— Já tive minha cota de cadáveres e seus mantenedores — retruquei.

— Mas, senhor — ele se opôs, e havia certa ambiguidade na sua fala que contrastava fortemente com a contemporização melosa que se seguiu. — Há outro aspecto da minha arte que lhe pode ser útil, senhor.

— Sua arte não me interessa — retruquei bruscamente.

— Como o senhor quiser, então, *Herr* procurador — disse ele, curvando-se em uma mesura exagerada. — Não posso forçá-lo a permanecer contra a sua vontade.

Caminhei a passos largos para fora do aposento com Koch nos meus calcanhares e percorremos novamente os corredores escuros e sombrios pelos quais viéramos. Subimos a escada até a superfície sem trocar uma palavra, nossos passos sincronizados ressoando pelos corredores estreitos e pelo pátio claustrofóbico.

— Que impertinência! Dirigir-se ao senhor daquele modo! — disse Koch, com sinceridade, quando chegamos ao pátio central. — O que o senhor acha que ele pretende fazer?

— Só Deus sabe — respondi, dando por encerrada a conversa. Não tinha a menor vontade de saber o que Vigilantius estaria fazendo lá embaixo com o cadáver. Um vento cortante varrera as nuvens e ergui os olhos para as estrelas que cintilavam no céu escuro como preciosos grãos de açúcar espalhados acidentalmente por uma mesa, inspirando o ar fresco com força para dentro dos pulmões. — Você sabia que alguém mais, além do procurador Rhunken, estava envolvido nessa investigação, sargento Koch?

Ele não respondeu prontamente.

— Não, senhor — disse por fim. — Não tinha a menor ideia. Mas o senhor não acha que as autoridades da cidade apelariam para qualquer pessoa que imaginassem que pudesse ajudá-las a resolver o problema?

Se havia uma qualidade irrefutável na personalidade de Koch era seu bom senso. Senti-me reconfortado e tive que sorrir.

— A carruagem nos espera — recordou-me ele.

— Deixe que espere um pouco — repliquei. — Leve-me ao escritório do procurador Rhunken. Já perdemos tempo suficiente esta noite. A investigação deve começar efetivamente. Farejar os ossos do cadáver não vai nos levar mais rapidamente a lugar algum.

6

Se os andares subterrâneos da fortaleza de Königsberg me lembraram desconfortavelmente os andares mais baixos do Hades¹ os superiores eram tão confusos quanto o labirinto de Creta.² Corredores sombrios e parcamente iluminados se abriam à esquerda e à direita do corredor principal, sem nenhuma característica que diferenciasse uns dos outros.

— O edifício foi construído no século XII pelos cavaleiros teutônicos, senhor, como um baluarte durante sua longa luta para libertar a Prússia dos pagãos — o sargento Koch explicou com orgulho patente enquanto percorríamos os corredores labirínticos. — Ele foi ampliado em tempos mais recentes, é claro. Agora é uma fortaleza inexpugnável.

O próprio Bonaparte não tem esperança de ser bem-sucedido ao atacá-la.

— A guarnição é composta de quantos homens?

— Via de regra, três mil soldados — respondeu o sargento, embora não tenhamos encontrado um único naquela noite.

— E onde estão todos?

— O general Katowice enviou-os para manobras defensivas.

Nesse ponto, fomos obrigados a cruzar um passadiço de madeira disposto sobre grades embutidas no piso de pedra. Vozes ásperas rosnaram imprecações sob nossos pés ao atravessarmos a ponte improvisada, enquanto outros indivíduos clamaram por comida e água. O vapor pegajoso de suor e respiração abafada nos envolveu em nuvens ascendentes, como vapor sendo exalado de uma chaleira no fogo. Parecíamos cruzar um pântano. O ar era rançoso, fétido; o barulho, quase demoníaco — a visão dilacerante do *Inferno* de Dante Alighieri veio inevitavelmente à minha cabeça. Teria o poeta italiano, perguntei-me, visitado as prisões de Florença, sua cidade nativa, em busca de inspiração?

— O que está acontecendo lá embaixo, sargento?

— Prisioneiros esperando transporte — esclareceu Koch. Ele se deteve por um momento e inclinou o ouvido em direção à grade quando uma bela voz feminina elevou-se da gritaria, entoando um lamento pungente. Eu conhecia bem aquela balada. Meu avô a cantava com frequência.

Ele a aprendera, contara, durante a Guerra dos Sete Anos e foi a única música que cantou na vida. Quando não tinha mais voz, assobiava a melodia de forma quase imperceptível.

Havia um tom nostálgico e saudoso na voz da mulher que agregava uma nova e trágica dimensão à história do soldado: A neve me alimentará a neve saciará minha sede, a neve aquecerá meus ossos quando eu estiver morta.

— Meio-soprano — disse Koch com um sorriso e um aceno de cabeça.

Continuamos e, em seguida, depois de termos subido uma escada em caracol que levava ao piso superior, paramos diante de uma pesada porta de madeira que em nada se diferenciava de centenas de outras pelas quais passamos ao longo do caminho.

— Aqui estamos, senhor — Koch anunciou. — Este é o escritório de *Herr* Rhunken.

Eu estava estupefato demais para falar. Não havia placa com o nome na porta, nenhum sinal de autoridade que o *Herr* procurador certamente teria apreciado, nada que indicasse que o indivíduo competente em cujas mãos foram depositadas a paz e a segurança da cidade seria encontrado dentro daquela sala.

— Tão próximo da imundície lá de baixo?

— O procurador Rhunken era encarregado da Seção D, senhor. Se o senhor quiser se instalar em outro local...

— Nem pensaria nisso — repliquei prontamente. — Se esta sala era boa o bastante para ele, eu me instalarei o melhor que puder.

— Os homens a serem enviados para a Sibéria são mantidos naquelas jaulas. *Herr Rhunken* prosseguia trabalhando na lista. Ainda há lugares sobrando no navio. Quando o gelo flutuante começar a se romper...

Havia um debate acalorado sobre a deportação nos últimos três ou quatro anos. O rei Frederico Guilherme III decidira livrar a nação, de uma vez por todas, dos criminosos reincidentes, despachando-os para alguma remota colônia de prisão perpétua, sob a sentença de pena de morte se ousassem retornar. O apelo de Sua Majestade a vários países estrangeiros com colônias ou territórios pouco povoados, incluindo os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, havia sido rejeitado, mas, ao final, o tsar da Rússia manifestou sua boa vontade em receber os prisioneiros em troca de uma vultosa soma de dinheiro. Uma controvérsia entre pensadores liberais sobre a decisão real ainda persistia. Criminosos não gozavam de muita simpatia na Prússia, nem em qualquer outro lugar, mas a ideia de vendê-los para a escravidão na Rússia encontrara forte oposição nos círculos mais ilustrados. *O bom selvagem*³ ainda era um conceito muito em voga e o governo francês e o americano, antes dele, declararam que todos os homens eram iguais. Ainda assim, em 28 de fevereiro de 1801, um acordo foi assinado. Dirigentes das prisões por todo o país receberam a ordem de selecionar os criminosos mais perigosos e irrecuperáveis para serem deportados.

— O próprio *Herr Rhunken* escolheu esta sala, senhor — Koch relatou. — Era aqui que ele conduzia os interrogatórios. Os gritos e lamentos lá de baixo exerciam um efeito significativo em quem estava sendo interrogado.

— Posso imaginar a cena — comentei com um dar de ombros involuntário.

— *Herr* procurador era enormemente respeitado pela severidade dos seus métodos — Koch concluiu, retirando uma grande chave do bolso e abrindo a porta.

Ele se colocou de lado para me deixar passar e esperei na escuridão, com impaciência crescente, enquanto ele esfregava uma pederneira úmida, conseguindo, finalmente, acender uma vela. O aposento era grande, com o teto alto e paredes cinzentas e sujas que necessitavam de uma nova demão de tinta. Um grande aquecedor com manchas de ferrugem, ainda não aceso, preenchia o canto oposto. Frestas estreitas nas janelas se abriam para as grades da prisão no andar de baixo. Quatro lampiões pendurados nas paredes proviam o aposento de iluminação e Koch se apressou em acendê-los todos; mesmo que houvesse mais uma dúzia deles, ainda assim as chamas não seriam suficientes.

— Dois aposentos menores juntam-se a este, senhor. Um é o arquivo do procurador. No outro, existe uma pequena cama onde *Herr Rhunken* algumas vezes descansava quando era forçado a trabalhar até tarde.

Era aqui que eu deveria ter sido trazido primeiramente, refleti. Não a uma estalagem da região portuária, por mais confortável que o Baleeiro Báltico fosse. Na austera e pouco hospitaleira fortaleza de Königsberg, minha recém-adquirida autoridade como magistrado em exercício da investigação se tornaria notória para todos. Acomodei-me em uma pesada escrivaninha, com entalhes delicados e em uma posição de esplêndido isolamento no centro da sala. Sozinha, essa peça de mobiliário transmitia poder e status. Uma garrafa de vinho e um cálice de vidro lapidado que proveram frescor para as duras horas de trabalho, estavam agora vazios; a rolha continha uma camada espessa de pó e uma grande aranha morta ficara presa embaixo da taça de vinho virada.

— Gostaria de ver os relatórios do procurador *Rhunken* e os arquivos relacionados aos crimes. Devem estar em algum lugar, Koch. Aqueles que você me entregou na carruagem estavam incompletos. Ulrich Tetz contou-me que ele foi interrogado pessoalmente pelo procurador *Rhunken* depois da morte de Jan Konnen. Gostaria de saber o que ele disse com suas próprias palavras. Koch olhou ao redor em dúvida.

— Não tenho ideia de onde estão guardados, senhor. Os papéis que o procurador me forneceu estão trancados na minha escrivaninha. O restante é mantido no arquivo, creio eu. Mas meu patrão não deixaria ninguém entrar ali.

— Você tem a minha permissão para entrar, sargento. Ergui-me e caminhei até a janela para impedir qualquer objeção que ele pudesse levantar. Limpando o pó do vidro imundo com a barra da minha capa, olhei para o andar inferior com as grades de ferro e a cantilena de sofrimento aprisionado. No canto mais escuro, um guarda, o primeiro que eu vi, estava agachado na escuridão, as calças abaixadas na altura do tornozelo, defecando. A lembrança do meu agradável escritório em Lotingen voltou-me em um flash ofuscante de luz e calor. Com seus alegres canteiros de flores e grama verde bem aparada, mães e criadas traziam as crianças para brincar sob a minha janela na primavera e no verão. O soldado terminou as necessidades, subiu a calça e, em seguida, cobriu habilidosamente a sujeira com a bota antes de continuar seu percurso.

Voltei-me uma vez mais para o aposento, mas senti pouco conforto. Não havia como escapar do murmúrio melancólico dos prisioneiros no andar inferior. Eu acalentava a esperança de avançar pelo menos um passo em relação ao que o procurador Rhunken conseguira. Apesar da sua vasta experiência, *Herr* procurador Rhunken fora tão incapaz de deter os assassinatos quanto qualquer um daqueles que pereceram nas mãos do assassino. Poderia eu ousar ter esperança de sucesso onde ele falhara?

Caminhei pelos quatro cantos da tumba profissional do meu antecessor, preparando-me para o trabalho que me esperava, até o sargento Koch retornar alguns minutos depois.

— Isso foi tudo que encontrei, senhor — relatou ele, mostrando na mão uma quantidade lamentavelmente pequena de papéis. — Estavam empilhados em uma das prateleiras.

— Nada mais? — indaguei com incredulidade.

Koch meneou a cabeça. — Nada, *Herr* Stiffeniis. Exceto por esta carta que coloquei no topo. Achei que o senhor quisesse examiná-la.

— Uma carta? De quem?

— Está endereçada ao procurador Rhunken — respondeu ele, colocando os papéis sobre a mesa. — Eu não me atreveria a abri-la. O senhor me disse para trazer tudo.

Sentei-me novamente e peguei o magro maço de papéis. Apesar da falta de documentação mais substancial, senti uma certa satisfação. Finalmente, pensei, estou sentado na cadeira de *Herr* Rhunken, com os cotovelos apoiados na sua mesa. Seus documentos e relatórios estão nas minhas mãos. Seu sargento é agora meu assistente. Pela primeira vez desde que chegara à cidade, comecei a me sentir à vontade e a desfrutar da sensação de poder inerente ao meu novo cargo. Era a primeira vez que saboreava um poder executivo efetivo e, em comparação, a autoridade civil que me fora permitido exercer em Lotingen pareceu-me completamente insignificante. Eu seria, percebi, responsável pela existência dos habitantes de Königsberg. Sua vida ou morte dependeria de mim e do general Katowice. Ou de Napoleão e do Exército da Revolução, caso ele resolvesse invadir a Prússia.

Pegando o primeiro documento, comecei a olhar a longa lista de nomes de condenados que estavam destinados à deportação para as terras distantes da Sibéria e da Manchúria.

O sargento Koch pigarreou alto. — Não pude deixar de notar, senhor — disse ele, apontando com o dedo —, que esta carta é de Berlim.

Agarrei a missiva e corri os olhos por ela, notando a presença do mesmo grande selo Hohenzollern que virara minha vida de cabeça para baixo. *Senhor* — li.

Em vista do perigo iminente que o país enfrenta, vis-à-vis, o jovem arrogante Bonaparte, e o crescente risco de uma invasão francesa, essa série de crimes na cidade de Königsberg foi mantida sem solução por um tempo excessivamente longo. A fim de reparar essa situação

deplorável, um indivíduo altamente qualificado, com talentos os mais especiais, foi recomendado a sua atenção.

A tarefa a ele incumbida será de concluir a investigação iniciada pelo senhor — com a maior urgência possível. O senhor é obrigado a renunciar a essa incumbência e fornecer toda a documentação relevante ao magistrado em quem depositamos todas as nossas esperanças e retornar às suas antigas responsabilidades. Este documento entra em vigência a partir deste momento.

O edital fora assinado com um floreio do rei Frederico Guilherme III que era, percebi, muito diferente daquele que constava na carta endereçada a mim.

Estaria o Dr. Vigilantius certo? Fora minha vinda a Königsberg uma fraude? Essa carta fora enviada da capital imperial há três dias, de modo que Rhunken a recebera há dois. E, nesse exato dia, sua saúde piorara. O que eu erroneamente considerara uma enfermidade natural — o tremor na face e nos membros e o odor de decadência física — fora provocado pelo choque ao receber aquela mensagem. A apoplexia que incapacitou Rhunken fora consequência da humilhação que o anúncio que minha chegada lhe ocasionou.

Recordei-me do farrapo humano com o qual eu me deparara somente algumas horas atrás. O quanto aquela carta rude e sucinta deve ter amargado sua opinião a meu respeito!

Agora, eu não alimentava mais ilusões sobre como ele me via. O magistrado designado a substituí-lo — um indivíduo altamente qualificado com talentos os mais especiais —, o homem que o espoliou e conquistou o apoio do rei, era, não somente jovem, como também totalmente inexperiente. E proveniente de Lotingen, um vilarejo minúsculo na fronteira mais extrema da região ocidental. Rhunken esperara um rival à altura, um magistrado experiente, um membro da polícia secreta ou do Conselho de Segurança, alguma figura de grande proeminência, vinda de Berlim. E tudo que ele recebera fora a minha pessoa!

— Os depoimentos das testemunhas devem estar lá, senhor — Koch acrescentou rapidamente, sua voz interrompendo meus pensamentos.

Vasculhei por entre o parco maço de papéis e encontrei facilmente o depoimento que o estalajadeiro do Baleeiro Báltico prestara à polícia. Era curto e nada agregava ao que Ulrich Totz me relatara pessoalmente. Jan Konnen bebera no bar do salão naquela noite, embora não excessivamente. Estava na companhia de um grupo de marinheiros estrangeiros que podiam ou não ter jogado cartas a dinheiro, mas Totz se recusava a entrar em detalhes sobre esse assunto. Ao que tudo indicava, no passado, tinha havido forte objeção à renovação da sua licença para venda de bebidas alcoólicas depois de brigas violentas entre jogadores, sob alegação de trapaça. As somas envolvidas eram consideravelmente altas e um homem perdera dois dedos em uma briga de faca. — Mas ninguém apostara naquela noite — Totz afirmou. Desci os olhos para o fim da página e li:

Herr Totz declarou não ter feito nenhuma conexão imediata entre o homem visto na sua taverna naquela noite e o corpo encontrado nas proximidades do cais na manhã seguinte. Quando abordado pela primeira vez pela polícia, ele negou ter qualquer conhecimento da vítima.

Nenhuma menção era feita aos estranhos acontecimentos no Baleeiro Báltico, que o camareiro intrometido revelara tão enfaticamente a mim naquela mesma tarde. Realmente, o nome de Morik não era citado em momento algum no relatório. Evidentemente, o rapaz não mencionara o fato com autoridades superiores quando teve oportunidade para tal. Surpreendeu-me que ele não tivesse dito nada para aguçar

a curiosidade dos policiais que acudiram em grande quantidade à taverna naquela manhã, com conversas sobre o homem assassinado. Afinal de contas, Morik fizera um enorme estardalhaço com a minha presença na estalagem. Ele arriscara levar uma reprimenda do patrão por isso. Teria ele estado ausente naquele dia? Ou talvez os Totz o tivessem impedido de falar? Teriam algo a esconder? Então, por que Morik não se aproximara do procurador Rhunken quando ele interrogou o estalajadeiro e a esposa? A esposa...

Três linhas no final do depoimento confirmavam que Frau Totz servira uma caneca pequena de cerveja e um prato de salsichas a Jan Konnen. Declarou nunca ter visto o homem antes e que nada nele lhe despertara a atenção. Acreditava que o homem tivesse deixado a estalagem às dez da noite, ou por volta desse horário, embora não pudesse precisar. Na opinião da mulher, a vítima chegara à sua estalagem unicamente em busca de comida saudável e boa cerveja e por nenhuma outra razão específica.

Uma folha solta de papel, a próxima no maço, fornecia uma descrição verbal da primeira vítima. A informação, como estava escrita, poderia ser facilmente inscrita na lápide do homem. Jan Konnen, ferreiro, 51 anos, vivia sozinho. Nunca se casara nem possuía parentes vivos conhecidos. Taciturno e reservado, Konnen era um completo enigma até mesmo para seus vizinhos mais próximos. Por esse motivo, Rhunken ordenara à polícia fazer uma investigação abrangente da sua vida privada, mas nada comprometedor fora descoberto. Konnen não contraía dívidas, não tinha amigos, não se envolvia com mulheres de má reputação, tampouco pertencia a alguma facção política. Não tinha inimigos, nunca cometera um crime nem fora preso. Ao que tudo indicava, era um completo inocente que estivera no local errado na hora errada e pagara com a vida por esse erro. No rodapé da página, Rhunken acrescentara uma nota: "*Realizada investigação sobre a hipótese de a vítima ter possíveis conexões políticas — nenhuma prova foi encontrada*". As últimas palavras do procurador Rhunken me fizeram arfar: "vítima — categoria C — protocolo 2779 — Junho 1800, I.M.O.⁴ Berlim".

Como qualquer outro magistrado em início de carreira no primeiro ano do novo século, logo depois da Revolução Francesa e da ascensão de Napoleão, eu lera sobre aquele protocolo específico. Ele advertia sobre a possível infiltração de espiões e revolucionários visando minar a estabilidade da nação e instaurar a república. Rhunken parecia ter se convencido de que a investigação deveria prosseguir nessa direção e dera a Konnen uma baixa, porém significativa, classificação como perigo potencial.

Virei a página em busca de mais, mas a folha seguinte fazia referência a Paula-Anne Brunner, segunda vítima do assassino. Um depoimento fornecido pelo marido relatava que sua "pobre senhora", no dia do crime, fizera mais ou menos as mesmas coisas que nos outros dias, o que significava alimentar as galinhas, recolher os ovos e vendê-los aos vizinhos e a um ou dois estabelecimentos na cidade. "A única coisa diferente que ela fez", o esposo enlutado queixou-se, "foi se matar!" Frau Brunner era uma mulher sociável que ia ao templo pietista duas vezes por dia, três aos domingos. Era conhecida por sua honestidade, retidão moral e trabalho duro, e era imensamente benquista entre todos os vizinhos. Não tinha inimigos. Na verdade, acreditava-se que ela nunca discutira com uma só pessoa durante a vida inteira. Obviamente, Rhunken suspeitara do marido como autor do crime. Heinz Carl Brunner fora mantido preso por dois dias e submetido a um "interrogatório severo". Em outras palavras, espancaram o homem até ele implorar por clemência, e então o liberaram por não ter revelado nada de incriminador. Na hora exata do crime, como vários outros granjeiros atestaram, Brunner estivera trabalhando na sua propriedade com dois ajudantes, álibi este que não podia ser contestado. Ele fora, portanto, inocentado. Uma vez mais, Rhunken acrescentara uma nota que parecia indicar a direção que a investigação tomava: "*Nenhuma ligação política nem afiliação radical registrada ou encontrada. Prot. 2779?*"

Acho que deixei escapar um gemido.

— Está tudo bem, *Herr Stiffeniis*? — Koch indagou.

— O procurador Rhunken contava com a colaboração de algum outro magistrado? Quero dizer, haveria mais alguém ajudando-o a coletar provas ou colher os depoimentos dessas testemunhas?

— Oh, não, senhor — Koch replicou prontamente. — *Herr* procurador sempre trabalhava sozinho. Tenho certeza. Ele não confiava em ninguém.

Assenti e voltei minha atenção para a folha de papel seguinte, um relatório sobre o terceiro crime da série. Ao ler o nome da vítima, uma descarga elétrica correu-me nas veias. Johann Gottfried Haase? Como me amaldiçoei pela minha inépcia! Durante a viagem de carruagem para Königsberg aquele dia, eu pulara propositadamente o nome do homem mais importante a morrer nas mãos do assassino. Johann Gottfried Haase era um estudioso de alto renome internacional e autor de várias publicações. Alguns anos atrás, eu lera um trabalho de sua autoria. Professor de línguas orientais e teologia na Universidade de Königsberg, Haase causou sensação quando afirmou que o Jardim do Éden não era, de forma alguma, ficcional. O estudioso postulava que Adão e Eva tinham, realmente, sido tentados pela serpente, mais ou menos no local onde estávamos. Segundo Haase, a cidade de Königsberg fora erigida no local original do jardim bíblico. Quem ousaria matar um homem tão ilustre?

Descendo os olhos para a página novamente, ávido por detalhes, tive que rir. Efetivamente, ri alto, enquanto o sargento Koch me observava com uma expressão de séria preocupação.

— Que idiota eu fui! — disse.

— Senhor?

O nome da vítima era Johann Gottfried Haase, mas não se tratava da pessoa que eu pensara. Era um simples caso de homônimos. O Johann Gottfried Haase assassinado era um indigente qualquer que sobrevivia miseravelmente mendigando migalhas de pão velho e bolos nas padarias da cidade e pedindo esmola nas ruas aos transeuntes. Todos na cidade o conheciam de vista, mas ninguém era íntimo dele. O procurador Rhunken ressaltou que não fora encontrado nenhum registro escrito de seu nascimento — não tinha parentesco algum com o estudioso. Ninguém sabia dizer se frequentara a escola, se passara a noite em um abrigo, um mês em um orfanato, ou um ano na prisão, embora a polícia tenha investigado o assunto. *Herr* Haase era, para todos os efeitos, um completo ninguém. "NÃO ABERTAMENTE POLÍTICO", Rhunken anotara. Ele nem mesmo ressaltara a conexão óbvia com o homônimo ilustre da vítima. Ainda assim, a pergunta surpreendente que eu me fizera antes retornou-me e ainda com mais intensidade dessa vez. Por que matar uma criatura tão miserável e aparentemente inútil? Um estudioso da língua oriental e teologia poderia provocar animosidade em alguns campos, mas um mendigo sem um tostão furado não. Novamente, o protocolo número 2779 aparecia no rodapé da página.

Era um tema recorrente. Eu só podia me questionar sobre o que levara o procurador Rhunken a concluir que aqueles crimes tinham motivação política. O único ponto em comum que eu encontrava era a falta de qualquer, até mesmo remota, ligação política na vida das vítimas. Teria essa aparente indiferença política parecido a ele uma fachada? Ele fizera uma anotação sobre a possibilidade de Konnen ser um agente secreto. Acreditaria o mesmo dos outros? E, nesse caso, para que grupo estrangeiro Rhunken suspeitaria que eles espionassem? Perplexo com essas ideias, voltei-me vagarosamente para a folha seguinte.

Embora não em ordem sequencial, descobri ser esse o depoimento da parteira que encontrara o corpo de Jan Konnen. Em toda a documentação que eu lera até agora, referiam-se a essa testemunha sempre pela sua profissão e nunca pelo nome, o que era muito estranho. Passei os olhos pelo documento inteiro. Novamente nenhum nome era mencionado.

Cedo naquela manhã, a mulher misteriosa declarara, no caminho para ajudar o parto da mulher de um pescador na zona portuária, ela se deparou com o corpo de um homem que parecia ter caído contra um muro. O único detalhe acrescentado ao parco relatório que eu lera na carruagem tinha certa importância. "Sabia que havia mão do Diabo naquilo", ela declarou. "Satã usou suas próprias garras."

Fiz uma pausa. O sargento Koch usara a mesma expressão quando me contara sobre os crimes, mas a que exatamente ela se referia? Essa mulher supersticiosa vira o cadáver com seus próprios olhos. Por que utilizar essas palavras específicas para descrever o que observara? O nome do Diabo, eu notava,

estava sempre por perto em Königsberg.

Eu já ouvira Satã ser mencionado com grande familiaridade por Koch, pela criada de *Herr Rhunken*, pelo Dr. Vigilantius e pelos soldados que permaneceram na fortaleza.

Seria isso nada mais que um reflexo superficial do feroz sectarismo religioso pelo qual a cidade era conhecida na Prússia inteira? Os pietistas eram uma força dominante em Königsberg; a universidade estava repleta de membros da seita. A leitura que faziam da Bíblia levava-os a acreditar que a salvação eterna só poderia ser alcançada através de uma luta contra o demônio e suas tentações. Tinham até mesmo inventado um termo específico para isso. *Busskampf*, pregavam, era a batalha necessária que qualquer fiel legítimo deveria travar e vencer se desejasse entrar no reino dos céus.

Balancei a cabeça e prossegui a leitura até o final. Lublinsky e Kopka, os dois oficiais que ratificaram o depoimento da mulher e redigiram o próprio relatório com base nesse documento, não a tinham pressionado para obter detalhes mais precisos. Na verdade, não lhe perguntaram quase nada. Nem mesmo seu nome! Mas, também, nem o mais renomado magistrado, meu antecessor, procurador Rhunken...

— Seu patrão guardava poucas anotações, Koch... — comentei, enquanto recolocava as folhas no lugar.

— Correto, senhor, totalmente correto. Ele mantinha tudo na cabeça, isso sim.

Não repliquei, refletindo somente que a maneira de o procurador Rhunken conduzir a investigação deixava muito a desejar. Um certo grau de ciúme profissional talvez explicasse sua determinação em não me acrescentar nada mais em nosso encontro do que as ínfimas informações contidas nos relatórios, mas essa atitude não era muito louvável da sua parte e dificultava ainda mais a minha tarefa.

Por fim, havia uma nota breve sobre a última vítima, Jeronimus Tifferch, o tabelião, cujo corpo eu examinara na masmorra menos de uma hora atrás. Nesse caso havia uma diferença evidente e marcante. Não era feita absolutamente nenhuma menção à sua vida pessoal ou hábitos. Uma mera declaração do óbito. Nenhuma outra palavra registrada no papel. Nenhum interrogatório, nem exame detalhado fora realizado no cadáver. Até onde eu podia perceber, nem mesmo um médico fora chamado para confirmar a morte, nem para assinar um atestado de óbito. Como consequência, não fora aventada nenhuma causa possível da morte. Como nas anotações que eu lera no dia anterior na carruagem — agora já estava me acostumando à omissão —, não havia menção à natureza da arma usada para matá-lo, nem ao tipo de ferida que lhe fora infligida.

Na verdade, o processo normal de investigação legal parecia ter sido suspenso no caso de Tifferch. A espera da minha chegada, talvez?

Ouviu-se uma batida na porta. Sem erguer a cabeça do trabalho, escutei Koch sussurrando com alguém na porta.

Acima de tudo, raciocinei, havia uma omissão gritante em tudo o que eu lera até então. O nome do "homem ilustre" que convocara a mim e Vigilantius para investigar a série de crimes na cidade. Eu não encontrava referência a esse fato naquilo que Rhunken optara por registrar. Não teria ele se dado conta de que uma autoridade rival estava conduzindo uma investigação paralela?

— *Herr Stiffeniis*?

A voz de Koch interrompeu minhas considerações. Ergui os olhos e o encontrei em pé, rígido, em frente à escrivaninha, o lenço de linho junto à boca, os olhos brilhantes agora vermelhos e inchados.

— O que foi, Koch?

— Sua Excelência, o *Herr* procurador Rhunken, senhor. Um guarda acabou de me trazer as notícias. Meu patrão está morto.

Eu poucas vezes vira uma dor tão pungente estampada em um rosto humano. Instintivamente, baixei os olhos para a pilha de papéis espalhados sobre a mesa.

— Quando será o funeral? — indaguei.

— Ele já foi enterrado, senhor — falou, passando vagarosamente a mão pelos olhos. — Há uma hora, ao que parece.

— Mas isso é impossível — protestei. — *Herr Rhunken* era uma autoridade. A cidade vai querer prestar homenagem a...

— Era seu último desejo, senhor. Ele não queria ninguém presente ao seu enterro.

Desviei o olhar para o canto mais distante e escuro do aposento. Koch fora extremamente ligado ao magistrado que acabara de falecer. Ainda assim, ele dificilmente poderia me recriminar pela morte de Rhunken. Mas senti um tom dissimulado de condenação na sua voz. Não pude evitar uma sensação de desconforto que começou a crescer vagarosamente dentro de mim. Meia hora atrás, eu me congratulava por sentar-me à mesa de Rhunken, por ver seu assistente postado rigidamente à minha frente, por ter seus arquivos pessoais à minha disposição, por seus próprios e escassos registros de seu método de investigação estarem nas minhas mãos para serem vasculhados, criticados e desafiados. Mas agora, repentinamente, ele estava morto.

De uma forma indefinível, senti como se eu tivesse sido a causa.

¹ Para os gregos antigos, denominação dada tanto à moradia subterrânea dos mortos quanto ao rei do inferno e deus dos mortos. Chamado pelos romanos de Plutão.

² Palácio construído por Dédalo junto à cidade de Cnossos (antiga capital de Creta), por encomenda do rei Minos, para servir de moradia ao Minotauro. (N. T.)

³ Indivíduo puro, dádivo, fruto do contato estreito com a natureza, considerada como um bem. Filósofos como Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) viram no índio a figura do bom selvagem em contraposição ao homem infeliz e cheio de vícios produto do mundo civilizado. (N. T.)

⁴ Sigla que designa o Ministério de Assuntos Internos da Prússia Oriental. (N. T.)

Já passava das dez horas quando o sargento Koch me levou para o Baleeiro Báltico naquela noite. A taverna estava cheia quando entrei, portanto, sentei-me em uma mesa no canto mais calmo, ou seja, o mais longe possível da lareira, para escrever uma carta para minha esposa antes de pedir o jantar. Mas o que deveria ser uma tarefa simples resultou mais difícil do que eu previra. O que deveria contar a Helena sobre o que se passava em Königsberg?

O que dizer da investigação que pudesse tranquilizá-la e o que, pelo contrário, era melhor ser mantido em segredo? Refleti por um momento, peguei a pena uma vez mais, mergulhei-a no tinteiro e continuei: Acredite, meu amor, quando eu digo que não estou fazendo isso na vã esperança de recuperar a afeição do meu pai. O que aconteceu não se apagará nunca —jamais— da mente dele, pouco importando o que eu tente fazer, ou o que eu não consiga fazer. Tenho vivido sob essa sombra por tempo demais e forcei-a a partilhar a reclusão de Lotingen comigo. É hora de lutar por uma vida melhor para nós e para nossos filhos. Lotingen tem sido um refúgio seguro, mas agora a tormenta já passou. Eu me recuso a continuar me escondendo. Essa investigação abre uma porta...

Parei, incerto sobre como continuar. Não tinha vontade de contar a minha esposa sobre as dificuldades que fora obrigado a enfrentar naquele dia, nem sobre os horrores a que assistira. O que ela poderia fazer para me ajudar? Mergulhei a ponta da pena de pato na tinta e direcionei meus pensamentos para assuntos mais leves.

Herr Koch e eu chegamos a salvo e bem em Königsberg nesta tarde. Escrevo da minha estalagem perto do porto. O ar é frio aqui, pode acreditar. Mas meu quarto é quente, limpo e acolhedor. É quase como se eu estivesse em casa, realmente...

— Senhor? — uma voz melosa chamou-me de volta à realidade ao meu redor. Uma mulher rechonchuda, de uns quarenta e poucos anos, rosto redondo e grandes olhos verdes brilhantes parara diante de mim segurando uma bandeja vazia naquilo que me parecia ser uma paródia de servidão.

— Sou Gerta Tutz, senhor — anunciou com um sorriso abominável e dissimulado —, esposa do estalajadeiro. O senhor está pronto para jantar? Gostaria de experimentar alguma coisa em particular?

— Qualquer coisa está bom — respondi, dobrando rapidamente a carta para minha esposa. Eu não comera desde minha chegada em Königsberg, dez horas atrás, e o cheiro de boa comida que impregnava o salão era atraente o suficiente para abrir-me o apetite.

— Trarei o melhor que tivermos, então — disse ela, virando-se e se dirigindo para a cozinha. Enquanto se afastava, percebi que se deteve para dizer algo em voz baixa a três cavalheiros de aspecto abastado, que pareciam formar um grupo fechado, sentados em uma mesa próxima à minha.

Algo na maneira com que ela se dirigiu a eles chamou minha atenção e a observei caminhar pelo salão, perguntando-me se seria igualmente solícita para com todos os outros clientes do local, mas ela desapareceu na cozinha sem dirigir uma única palavra a quem quer que fosse. Com o interesse despertado, olhei ao redor para observar os indivíduos ali reunidos. Além dos cavalheiros com os quais *Frau Tutz* acabara de falar, mais próximo da lareira, estava sentado o mesmo homem gorducho e moreno usando o fez vermelho e o brilhante traje naval oriental que me chamara a atenção à tarde. Sentou-se contemplando fixamente as chamas crepitantes como se para evocar o clima mais quente da sua terra natal. No canto oposto da sala, um grupo de pescadores bebia uma cerveja encorpada e entoava cantigas de marinheiros. Outros clientes menos nobres espalhavam-se pela sala em grupos de dois ou três. Algumas mulheres com lábios muito pintados e faces coradas sentaram-se com um grupo de oficiais de marinha estrangeiros cujos uniformes não consegui identificar. Os homens bebiam e jogavam cartas, as

mulheres observavam o movimento do dinheiro na mesa com olhos vivos e sorriso animado. Não havia dúvida sobre onde repousava o interesse delas nem sobre os meios que empregariam para obter o que desejavam. Em resumo, era o tipo de cenário que qualquer pessoa pode encontrar ao longo da costa báltica em uma noite fria de inverno e logo me cansei de observar.

Tinha acabado de desdobrar novamente a carta e preparado a pena quando uma sombra obscureceu a página. Surpreso com tamanha presteza, ergui os olhos esperando encontrar Frau Totz com meu jantar. Em vez disso, Morik, o camareiro, estava em pé ao meu lado, as mãos firmemente cruzadas às costas, como um soldado comum de infantaria esperando para fazer uma confidencia ao oficial superior.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntei-lhe.

— Aqueles homens na mesa ao lado... — o jovem sibilou pelo canto da boca. Inclinando-se mais para perto, olhos arregalados e fixos, acrescentou: — Eles se reúnem na masmorra no meio da noite, senhor. Finja estar pedindo alguma coisa, senhor, ou eles perceberão.

Tentei olhar para além dele, mas o rapaz estava postado rigidamente contra a mesa, bloqueando-me a visão. — Agora, escute aqui, meu jovem — comecei com severidade.

— Por favor, senhor — sussurrou ele, aflito. — Fale alto ou todo meu plano irá por água abaixo.

Recostei-me novamente, perplexo. Então, em um tom de voz capaz de acordar os mortos, anunciei para a estalagem inteira: - Traga-me outra pena, rapaz. E rápido. A ponta desta daqui se partiu e não consigo terminar a carta.

Morik endireitou-se.

Em um minuto, senhor — gritou. E desapareceu instantaneamente.

Olhei mais atentamente os três homens sentados ali perto fumando longos cachimbos de barro e sorvendo, em grandes goles uma cerveja em caneca grande, eram a completa personificação da respeitabilidade.

A estalajadeira reapareceu da cozinha e se dirigiu afobada até a minha mesa, embora sem nenhum sinal ainda da minha refeição.

— Está tudo em ordem, *Herr Stiffeniis*? — indagou ela ainda sorrindo. — Nosso Morik está perturbando o senhor?

— Eu precisava de uma pena — respondi. — O rapaz está providenciando uma para mim.

— Oh, o senhor devia ter pedido a mim — disse ela, secando as costas da mão no rosto. Tive a impressão de que parecia aliviada pelo que eu acabara de lhe contar.

— Ele é uma amolação, aquele rapaz! Não podemos confiar nele para fazer nada! Senhor, não deixe de me contar se ele fizer alguma coisa errada, sim?

— Com certeza avisarei — assegurei-lhe.

— ... Vou voltar Para a cozinha, então — Frau Totz anunciou, dirigindo-se para lá e, ao passar, inclinou silenciosamente a cabeça para os homens na mesa ao lado.

Deixei a carta de lado, minha atenção agora voltada aos três estranhos, a curiosidade aguçada por essa estranha troca de sinais com a estalajadeira. Estaria Morik dizendo a verdade? Havia um tom decididamente sério e calculado no comportamento daqueles três clientes que não condizia com uma taverna do cais do porto Eles não brincavam nem riam e pareciam conversar em sussurros desnecessários.

Num impulso, ergui-me da mesa e me encaminhei até a lareira, como se para aquecer as mãos. Ao passar junto a eles, apreendi uma frase em francês. Teria sido isso que despertara a imaginação do camareiro, o fato de aqueles homens falarem a língua de Napoleão Bonaparte?

— Suas penas, senhor! — Morik chamou em voz alta da minha mesa, erguendo-as para que todos na sala pudessem vê-las. Retornei ao meu lugar, lembrando-me do que tanto o estalajadeiro quanto a esposa haviam dito sobre a natureza pouco confiável do rapaz.

— Eu as afiei, espero que estejam do seu agrado, senhor — falou novamente em voz alta. E, num

sussurro, acrescentou: — Aqueles homens são franceses. Chegaram há três dias.

— O que tem isso de mais? — respondi em voz baixa, pegando uma das penas e testando a ponta no papel, desempenhando minha parte na farsa.

Morik ergueu novamente a voz. — Certo, senhor. Uma faca afiada no caso de elas quebrarem novamente.

Mas ele não fez nenhum movimento para me deixar em paz quando a estalajadeira passou, levando mais quatro pintas de cerveja espumante para os pescadores que comemoravam algo no canto oposto da sala. Assim que ela se afastou, Morik diminuiu novamente o tom de voz. — O senhor tem que detê-los! Antes que eles ataquem novamente.

Olhei severamente para o garoto. Ele permaneceu observando a sala, um sorriso rígido incrustado nos lábios. Era visível que estava com medo.

— Deter quem? — indaguei.

— Aqueles franceses, senhor! Há duas noites aquele homem foi assassinado. Eles já estiveram aqui antes, vão matar outra vez.

— E por que eles queriam matar alguém? — perguntei em voz baixa, segurando uma pena frente à luz e examinando a ponta, desempenhando meu papel com mais cuidado agora.

— Deixe-me tentar, senhor — Morik falou em voz alta, arrancando a pena da minha mão e um pedaço de papel da pilha que eu colocara na mesa. Escreveu algo, as mãos tremendo enquanto o fazia, erguendo, em seguida, o olhar para avaliar minha reação.

Napoleão pretende invadir a Prússia, li.

Antes que eu pudesse responder, ele pegou o papel, enrolou em uma bola apertada, caminhou até o fogo e jogou-o bem no fundo das chamas. Não voltou para minha mesa.

Frau Totz, porém, surgiu ao meu lado. Morik devia tê-la visto se aproximar.

— Aqui está o seu jantar, senhor — falou, colocando um grande prato cheio na mesa. — Espero não tê-lo feito esperar muito.

Seus olhos astutos seguiram Morik enquanto ele se afastava do fogo e desaparecia pela porta que levava à cozinha.

— Morik atendeu-o como deveria?

— Ele parece ser um rapaz muito solícito.

— Ele sempre faz um alvoroço com novos hóspedes — explicou. — Mas aquele rapaz é intrometido demais, e toda essa curiosidade vai lhe causar problemas! Vai levar minha pobre irmã para o túmulo, isso sim. Ela não tem mais ninguém. O trabalho aqui na estalagem, com todos esses marinheiros indo e vindo, deixou-o desmiolado.

Ele se interessa pelos assuntos de todos, menos os dele próprio. Desfrute sua refeição, senhor.

Seria essa a verdadeira explicação para o comportamento do garoto? A coincidência de a primeira vítima do assassino desconhecido ter passado sua última noite com vida no bar do Baleeiro Báltico podia ser a raiz das divagações do rapaz. Mas, então, outro aspecto da história me ocorreu com força. Se o indivíduo misterioso que me convocara a Königsberg estivera por trás de tudo que ocorrera até aquele momento, teria ele também decidido que eu deveria me hospedar no Baleeiro Báltico? Suspeitaria ele que alguma coisa ilegal ocorria ali? E, nesse caso, o que esperaria que eu fizesse a esse respeito?

Decidi tomar duas providências. Uma seria falar a sós com Morik sobre suas acusações absurdas. Em seguida, interrogar o estalajadeiro Totz mais a fundo sobre o depoimento que ele fornecera ao procurador Rhunken. Mas, antes de tudo, tinha meu estômago vazio para cuidar. Peguei o garfo e a colher e lancei-me com energia a uma refeição composta de uma suculenta sopa de vegetais, frango assado e uma porção farta daqueles nabos minúsculos que são armazenados sob o gelo durante o inverno. O vinho branco, de uma safra com sabor e odor de fruta e importado da região de Nahe, era surpreendentemente bom.

Enquanto jantava, entretanto, não perdia de vista os três homens que despertaram a suspeita de Morik.

Um deles em particular chamou minha atenção. Era mais alto, velho e robusto que os amigos. Introspectivo e observador, parecendo distante da conversa geral, dava a impressão de estar mais alerta que os outros dois em relação ao que ocorria na estalagem. De quando em quando, baixava a cabeça e sussurrava sigilosamente uma palavra para os outros.

Espiões franceses conspirando contra a Prússia? Assassinando inocentes nas ruas? Era necessária uma imaginação desenfreada para dar crédito ao que Morik relatara sobre os tais homens. A qual objetivo militar poderia servir uma estratégia tão demoníaca? As vítimas eram homens e mulheres sem nenhuma importância para a nação.

Essas mortes não afetariam a cidade e suas defesas, exceto, talvez, por espalharem pânico. Mas a disseminação do pânico ajudaria Bonaparte a invadir a Prússia se afetasse exclusivamente Königsberg?

Eu não percebi, até ser tarde demais, que os três cavalheiros estrangeiros olhavam na minha direção. Enquanto eu os avaliara mentalmente, eles também prestavam uma atenção mais cuidadosa em mim. De repente, o mais alto deles — o líder, como eu o denominara mentalmente — ergueu-se e veio até minha mesa.

— Boa noite, senhor — começou com uma mesura educada. — Meu nome é Guntar Stoltzen. Espero não estar incomodando.

— De forma alguma. Já terminei minha refeição, *Herr Stoltzen* — respondi, recostando-me na cadeira e erguendo os olhos para ele. — Em que posso ajudá-lo, senhor?

— Meus amigos e eu somos mercadores de jóias — começou, apontando com a cabeça na direção dos companheiros. — O camareiro nos contou que tem havido uma série de crimes na cidade, senhor. E também que o senhor está aqui para investigá-los.

Então Morik trabalhara com eles também.

— Perdoe-me, senhor — prosseguiu —, não gostaria que pensasse que me interesse mais pelos assuntos dos outros do que pelos meus próprios, mas estamos preocupados com nossa segurança. Ainda temos um longo caminho pela frente e... bem, o senhor entende, é claro. Estamos transportando pedras preciosas para Tallinn. O que escutamos nos deixou alarmados. Ser roubado é uma coisa. Ser roubado e assassinado é outra bem diferente!

Dei um pequeno gole no vinho e concatenei meus pensamentos. Obviamente, aquele Morik era um fofoqueiro. Ele amedrontara esses inocentes viajantes e despertara minhas próprias suspeitas com facilidade. Frau Totz tinha razão sobre ele. O garoto era, definitivamente, um encrenqueiro.

— O senhor é francês, não é? — indaguei.

— Alemão, senhor, meus companheiros são franceses. Já viajamos pela Prússia Oriental muitas vezes antes e nunca nada desagradável nos ocorreu. Mas essa notícia é alarmante. Se esses crimes foram cometidos por ladrões, poderemos estar em perigo facilmente. O senhor não concorda?

— Onde o senhor escutou que esses crimes foram cometidos por ladrões? — indaguei, esperando o nome de Morik surgir novamente.

— Que outra razão poderia haver para matar pessoas inocentes?

— Por que matar, se não for para obter algum proveito? É isso o que o senhor quer dizer?

Herr Stoltzen sorriu e assentiu com a cabeça.

— O senhor ficaria mais feliz em acreditar que os assassinatos foram cometidos por razões políticas? — arrisquei.

— Políticas? — ele franziu o cenho, evidentemente surpreso pela sugestão. — Foi por isso que eles foram mortos, senhor?

Neguei com a cabeça. — O senhor tinha uma opinião formada, eu ofereci uma alternativa que garantiria sua segurança, a de seus companheiros e dos bens valiosos que o senhor transporta.

— Um complô político? — refletiu ele. — Com que propósito, senhor?

Dei de ombros e mordi um pedaço de pão, mastigando vagarosamente por alguns momentos antes de

responder.

— Imagine que alguém quisesse, por razões ainda desconhecidas, espalhar o terror aqui em Königsberg. Uma série de assassinatos aparentemente aleatórios serviria bem a esse propósito, o senhor não acha?

— Se sua investigação se encaminhar nessa direção, eu lhe desejo todo o sucesso. Mas agora, senhor, eu o deixo terminar sua refeição em paz — concluiu com um sorriso caloroso e um brilho nos olhos, como se essa fosse a deixa para retornar para a própria mesa.

— Um golpe político não o preocupa, então? — perguntei, pouco disposto a encerrar o diálogo. Ele me olhou atentamente. — É claro que sim, mas uma explicação como essa significaria que comerciantes viajantes como eu e meus amigos continuaríamos com nossos negócios sem abalos. Os governos são muito parecidos quando se trata de comércio.

— Fico feliz se o tranquilizei — repliquei com um sorriso. *Herr Stoltzen* inclinou a cabeça e devolveu o sorriso. — Meus amigos e eu brindaremos à sua saúde. Com sua permissão, senhor.

Bateu levemente os calcanhares, voltou para os companheiros e conversou em voz baixa com eles. Todos ergueram a caneca e sorriram amigavelmente na minha direção.

Ergui minha taça para retribuir a cortesia.

Acabara de interrogar meu primeiro suspeito, pensei.

Bebi o vinho até a borra. Em seguida, dando boa-noite aos três homens com um aceno de cabeça, levantei-me e subi para o quarto. O fogo fora reforçado para a noite e um jarro de cobre com água era aquecido na lareira. Embora me sentindo mortalmente exausto, sentei-me na escrivaninha para terminar a carta à minha esposa.

Relendo o que escrevi até agora, minha querida, percebo que não comentei sobre o progresso das minhas investigações. Eu talvez tenha encontrado uma trilha a seguir e espero não permanecer por muito tempo aqui em Königsberg. Portanto, minha querida esposa, com essas boas novas, eu me despeço carinhosamente.

Acrescentei umas poucas palavras afetuosas para as crianças, selei o envelope e deixei-o ao lado. Repousando a vela na mesa perto da janela enquanto vestia minha roupa de dormir, olhei distraidamente pela janela para ver se ainda nevava. O céu era uma massa de pesadas nuvens espiraladas, onde mal se distinguia a Lua. Eu estava prestes a virar as costas e ir me deitar quando um movimento repentino em uma janela do outro lado do pátio despertou minha atenção. Estreitando a vista através do vidro embaçado, observei uma silhueta escura em um aposento distante segurando uma vela com uma proteção de vidro, a cabeça virada para o lado como se escutasse algo às escondidas. Sob a luz tremulante da chama, a face era grotesca, os olhos dois buracos escuros e vazios, a testa e o nariz monstruosamente distorcidos pelas sombras. A figura apoiou o castiçal no beiral da janela e, naquele momento, eu o reconheci. Era Morik.

Que brincadeira seria essa agora?

Ele olhou para cima e acenou com a mão. O rapaz sabia qual era o meu quarto e parecia tentar atrair minha atenção. Meus pensamentos voaram para os três mercadores viajantes. Ousaria ele espioná-los? O camareiro era realmente uma peste. Decidi que seria melhor conversar com ele sobre seu comportamento na manhã seguinte. Mais cedo ou mais tarde, o garoto acabaria se envolvendo em uma grave confusão.

Fechei as cortinas e me forcei a apagá-lo da minha mente, determinado a não me envolver mais com Morik e suas bobagens.

Fora um dia longo e difícil e eu estava completamente esgotado. Lavei rapidamente o rosto e as mãos

e me recolhi à cama. O frescor dos lençóis de linho limpos, seu perfume intoxicante de sabão de gordura de baleia e goma me proporcionaram uma forte sensação de bem-estar quando me aconcheguei sob a pesada coberta de penas de éider. Em breve, sabia, dormiria profundamente. Mas nesses momentos deliciosos antes que o gentil Morfeu tivesse entorpecido completamente meus sentidos, um terror enrijeceu-me subitamente o corpo. Teria eu sonhado ou efetivamente visto uma sombra se movendo furtivamente nas costas de Morik? Uma aparição vista em um relance tão veloz que minha consciência não registrou completamente?

Sentei-me de um salto, pulei da cama e me lancei sobre a janela. Agarrando as cortinas e abrindo-as com ferocidade, olhei para o pátio em frente. Estava completamente escuro. Nada mais restava a ser visto.

Nenhuma vela. Nem Morik. Nenhum sinal de homem, ou de fantasma.

O primeiro indício pálido da aurora acariciou o cortinado que circundava minha cama, mas eu me encontrava desperto e de olhos bem abertos já por uma hora. Tivera novamente o pesadelo costumeiro que me arrancava do sono com uma sensação de sufocamento, o cabelo grudado à testa, braços e pernas rígidos, coração na boca. Ainda assim, de alguma forma, o pesadelo fora menos doloroso, menos vívido no seu horror do que geralmente era.

A pedra mal lhe tinha perfurado o crânio. A grama não estava rubra de sangue. Os olhos vidrados pareciam menos fixos, menos acusatórios do que em ocasiões anteriores.

Pela primeira vez nesses onze anos em que esse pesadelo flagelou o meu sono, eu não congelara de medo. Eu me movera. Tentara alcançá-lo, descendo aos saltos a rocha estratosféricamente alta, segurando com força nas mãos a sua salvação. Eu não poderia ser acusado de negligência dessa vez. Tirara o frasco do bolso, o vidro frio contra meus dedos, um raio de sol fazendo o conteúdo cintilar e resplandecer como âmbar derretido...

Afastei a recordação ao pular da cama, tremendo de frio enquanto remexia nas brasas cinzentas da lareira, acrescentando lascas e alguns pedaços maiores de madeira que Morik deixara, com esse propósito, na noite anterior. A crepitação das primeiras chamas ressurgiu, e balancei o jarro de cobre sobre o fogo para reaquecer a água que eu usara para me lavar na noite anterior. Pela janela, olhei o dia lá fora. Nevara mais durante a noite, mas o céu cinza perolado não trazia mais nuvens ameaçadoras. Um dia gelado pela frente, pensei, notando o comprimento extraordinário dos sinelos que pendiam da calha do telhado sobre meu quarto. A janela do outro lado do pátio, onde eu vira Morik na noite anterior, estava escura, refletindo somente a chama da minha vela. O que o garoto estivera fazendo ali? Será que alguém o observava, um cúmplice, talvez, ou teria sido a cena inteira fruto da minha imaginação?

Enrolei o edredom da cama sobre os ombros e sentei-me à escrivaninha para fazer uma lista de tudo o que eu precisava fazer naquele dia. O nome do Dr. Tifferch estava no topo. Ele estava morto há três dias, portanto as pistas já esfriavam. Hoje meu trabalho começaria a sério. Já perdera tempo suficiente com o necromante, Vigilantius, na noite anterior. Não avançara muito na minha tarefa, entretanto, quando ouvi alguém caminhando ruidosamente no corredor diante da minha porta.

Morik, pensei, levantando-me rapidamente e encaminhando-me para a porta, na tentativa de flagrar o pequeno delator desprevenido. O garoto espionava novamente. A mim, desta vez. Com um puxão violento, escancarei a porta. Frau Tutz estava ajoelhada no corredor, olhando fixamente o local onde o buraco da fechadura estivera um instante atrás. Ela caiu para trás sobre o grande traseiro, as pernas elevadas para o alto e soltando um grito de surpresa. Um segundo depois, erguendo-se novamente como se nada inesperado tivesse ocorrido, ela me olhou com aquele sorriso afetado que lhe era habitual. Parecia estar gravado no seu rosto.

— Bom dia, *Herr* procurador — repicou ela alegremente. — Espero não tê-lo perturbado. Pensei ter visto um reflexo de luz por baixo da sua porta e não sabia se devia ou não bater. Gostaria de saber se o senhor quer algo especial no café da manhã.

— Eu lhe disse o que queria, Frau Tutz — respondi rispidamente. — Pão, mel e chá quente.

O tal sorriso não desapareceu nem titubeou, apesar da minha severidade. Era fixo, imóvel, pavoroso na sua intensidade, especialmente de manhã tão cedo.

— Temos queijo fresco e algumas opções de corte de presunto na despensa — continuou ela suavemente. — Talvez o senhor gostasse de experimentar...

— Em uma outra oportunidade — respondi, cortando sua insistência. A estalajadeira estivera me

espionando. Morik espionara os outros hóspedes na noite anterior. E alguém mais espionara Morik. Seria a espionagem uma doença contagiosa no estabelecimento dos Totz? Não consegui esconder um tom de sarcasmo quando acrescentei: — Sua enorme preocupação pelo meu bem-estar é muito tranquilizadora, madame. Se possível, peça a Morik que venha aqui em cima, por favor.

Sua cabeça estava coberta com uma touca de linho um tamanho menor que o correto, de modo que as madeixas marrom-avermelhadas pareciam ter o firme propósito de tentar escapar. A touca deslizou sobre o ombro direito e aquele sorriso grotesco definiu convertendo-se em uma sombra mais pobre e pálida de si mesmo.

— Morik? — murmurou ela. — O garoto já devia estar ocupado na cozinha há uma hora, mas não vi sinal dele. Pensei que talvez tivesse vindo aqui em cima acordá-lo.

— Morik, aqui? — seria esse o verdadeiro motivo pelo qual ela espiava pela fechadura? Hesitei, perguntando-me em que tipo de recinto vil e indecente eu fora alojado.

— O quarto dele fica em frente ao meu do lado oposto do pátio, não é?

Ela franziu repentinamente o cenho. — Oh, não, senhor, não — respondeu. — Morik dorme na cozinha, atrás do fogo — ela deixou escapar um suspiro. — É melhor eu descer e ver o que se passou com ele. Com sua permissão...

— Quem está hospedado no aposento do outro lado, então?

— Aquele aposento, senhor? — indagou ela com uma expressão confusa, olhando para o pátio. — Ninguém, senhor. Está vago desde que dois homens de negócios de Hanover partiram na quinta-feira passada.

— Mas eu vi alguém lá ontem à noite. Podia jurar que era Morik.

— O senhor deve estar enganado — replicou ela prontamente, e o sorriso reapareceu como uma máscara de carnaval, agora, porém, tenso e rígido, exacerbando sua falsidade. — Se o senhor me der licença, precisam de mim lá na cozinha.

— Quando a senhora o encontrar, Frau Totz, peça para Morik trazer meu café aqui em cima, sim?

Os lábios da mulher se contraíram como os de uma criança insolente contendo um comentário pelo qual sabia que receberia uma reprimenda. O que quer que pretendesse dizer, entretanto, transformou-se em simplesmente: — Como o senhor deseja, *Herr Stiffeniis*.

Voltei para a mesa e acrescentei mais alguns itens à lista de atividades; em seguida, lavei-me e barbeei-me com cuidado, vesti uma camisa branca de linho e meu melhor terno marrom e tirei a peruca da caixa de viagem. Lotte se lembrara de colocá-la na minha bagagem, apesar da correria da partida. Eu não gostava de usar a peruca — aquecia o couro cabeludo e coçava — e, em geral, evitava fazê-lo, mas na circunstância presente eu não era um cidadão comum: os habitantes de Königsberg esperariam formalidade do indivíduo encarregado da salvação da cidade. Aquela massa de cachos prateados iria, assim esperava eu, emprestar-me um ar de autoridade que talvez minha juventude parecesse negar. E também, refleti, protegeria minhas orelhas do frio...

Houve uma batida na porta e Frau Totz reapareceu, trazendo o café da manhã em uma bandeja.

— Não o vi em lugar algum, senhor — anunciou ela sombriamente. Desta vez, não tentou sorrir. Os olhos verdes se afastaram dos meus e percorreram rapidamente o aposento, como se achasse que o garoto estivesse brincando de esconde-esconde, quase como se eu estivesse mancomunado na brincadeira.

— A senhora acha que ele está escondido debaixo da minha cama? — perguntei-lhe.

— Oh, não, senhor. Que ideia!

Ela, entretanto, olhou novamente para o dossel. — Ele deve estar lá embaixo na cozinha preparando o café — murmurou vagarosamente.

— Provavelmente deve ter ido resolver alguma tarefa rotineira — falei, para encerrar o assunto. — Agora posso tomar meu café?

Frau Totz corou intensamente e gemeu: — Oh, meu Deus! Perdoe-me, senhor!

Peguei a bandeja das mãos dela e fitei-a diretamente nos olhos. Minúsculas gotas de suor começaram a surgir na testa ao longo da linha do cabelo cor de gengibre.

— Do que exatamente a senhora tem medo, Frau Tutz? — indaguei.

— Bem, senhor, eu não... não é exatamente medo — murmurou ela, insegura. — Mas Morik é impetuoso, está cheio de ideias estranhas.

Achei sua maneira de falar insinuante e desagradável ao mesmo tempo.

— Ideias estranhas sobre o quê, Frau Tutz?

— Eu lhe contei, senhor. E tentei adverti-lo ontem à noite. Ele inventa histórias. — Ela fixou os olhos nas mãos gorduchas; elas pareciam disputar um tenso cabo de guerra sobre o qual a mulher não detinha o menor controle. — Está sempre se metendo em encrencas, aquele rapaz — prosseguiu ela. — Meu Ulrich dizia, justo ontem à noite, que meu sobrinho vinha agindo de modo estranho desde que o senhor chegou. Fazendo perguntas sobre quem era o senhor, por que está aqui, esse tipo de coisa. Morik parecia pensar que o senhor se alojou aqui, e não na cidade, para vigiar a estalagem.

Ela passou os olhos nervosamente pelo quarto outra vez e, em seguida, fitou-me novamente e tive a distinta impressão de que minha chegada ao Baleeiro Báltico aguçara a curiosidade não somente do camareiro Morik.

— Não há razão para a senhora se preocupar, Frau Tutz — repliquei, na intenção de me livrar dela. — Seu estabelecimento é muito mais confortável que a fortaleza. Agora, se a senhora não se incomoda, gostaria de saborear seu excelente café da manhã enquanto o chá ainda está quente.

Ela pulou como se tivesse sido espetada por trás pela ponta de uma agulha. — Oh, perdoe-me, senhor — exclamou ela. — Fazendo-o perder tempo deste modo, quando o senhor tem coisas mais importantes a fazer! Se precisar de alguma coisa, é só tocar o sinete. O senhor está certo sobre Morik. Ele estará de volta quando bem quiser, sem dúvida.

Ela fez uma reverência como se eu fosse o rei. Dez minutos depois, já tendo terminado o café da manhã e concluído minha toalette, desci para o saguão onde Amadeus Koch estava em pé diante da lareira.

— Bom dia, Koch — cumprimentei com energia. — Fico feliz em vê-lo.

E era verdade. Eu não teria imaginado, no dia anterior, que ficaria tão contente ao ver seu rosto pálido e severo novamente.

Koch fez uma mesura com deferência. — Espero que tenha dormido bem, senhor. Entreguei sua carta na casa de *Herr* Jachmann meia hora atrás — relatou ele prontamente.

— Ele enviou uma resposta?

— Não, senhor. Fiquei surpreso.

— Algum recado?

— Nada, senhor. Eu teria lhe dito se ele tivesse mandado algo. O serviçal pegou a mensagem e fechou a porta. Esperei por cinco minutos ou mais, mas sem resultado.

— É claro, eu... obrigado, sargento.

Olhei fixamente para o fogo e me perguntei o que aquele silêncio da parte de Jachmann poderia significar. Eu manifestara minha intenção de visitá-lo ao meio-dia de hoje. Deveria eu concluir que a ausência de uma resposta implicaria consentimento?

— A carruagem está à nossa espera — disse Koch, interrompendo meus pensamentos. — O senhor gostaria de ir à fortaleza?

— Kliesterstrasse é longe daqui? — perguntei.

Koch olhou-me com curiosidade. — Uma milha, senhor, não mais do que isso. É na área comercial da cidade.

— O tempo está melhor esta manhã, não está?

— Não está nevando, se é isso o que o senhor quer dizer.

— Vamos a pé então, Koch. Um passeio nos fará bem e eu preciso aprender a me locomover na cidade — concluí.

Frau Tutz estava rondando perto da porta da cozinha, os olhos fixos em mim com uma intensidade que eu não conseguia entender.

— Tenho certeza de que Morik aparecerá em breve — gritei do outro lado da sala.

O sorriso rígido se materializou novamente como uma careta medonha no rosto de uma estátua etrusca. — Ele voltará com certeza, *Herr Stiffeniis* — replicou ela e, instantaneamente, curvou a cabeça. Por um momento, pensei que estivesse à beira das lágrimas. Mas, com um dar de ombros, ela se virou e desapareceu pela porta da cozinha.



Uma vez na rua, partimos na direção contrária do porto coberto de gelo e iniciamos a longa subida da colina de Königsberg, o sargento Koch caminhando em silêncio respeitoso ao meu lado. Lojas aqui e ali, em ambos os lados da rua principal, começavam a abrir suas portas para o dia de trabalho que se iniciava, embora não houvesse ninguém na rua além de nós e um garoto de cabelo cacheado e quipá branco, que encontramos na metade da subida. Ele estava ajoelhado com um balde e um pano, tentando apagar uma pintura na parede, onde alguém, na calada da noite, pintara com cal uma estrela de Davi e uma frase em letras garrafais: *Culpe os filhos de Israel!*

Desviei o olhar, nem ousando pensar no que aconteceria se fanáticos exaltados resolvessem levar a sério aquela acusação, como ocorrera em Bremen três anos atrás.

Vinte e sete judeus morreram no local e milhares de outros foram obrigados a fugir.

— Desde que esses crimes começaram, senhor — Koch relatou —, não param as ameaças contra os hebreus. Pastores hostis culpam abertamente os judeus pelo assassinato do nosso salvador. O assassinato de um devoto praticante em Königsberg pode provocar um banho de sangue...

Ele ficou em silêncio ao nos aproximarmos de uma loja de tabaco.

O proprietário, um homem alto e magro vestindo um sujo avental marrom e um quipá preto, estava recostado no batente da porta, fumando o que parecia ser o primeiro cachimbo da manhã, observando-nos minuciosamente, acenando convidativamente com a cabeça. Ele soltou um rosnado audível de desprezo quando passamos rapidamente os olhos pelo empório sem nos determos muito. Olhando as janelas empoeiradas, ficava claro o tipo de comércio que ele atraía. Cordas pretas de tabaco, empoeiradas e toscas, pendiam de ganchos; cachimbos de sabugo de milho e ainda alguns menores de cerâmica branca, amarelados pelo tempo, estavam espalhados em um monte ao lado de uma pilha de queijos redondos embolorados. Situado tão próximo ao porto, especulei, o tipo de cliente frequentador daquele estabelecimento deveria ser grosseiro e despachado, nem muito exigente ou particularmente extravagante nos gostos. Seriam, na maior parte, marinheiros ou soldados da guarnição, homens em busca de fumo barato e forte e de cachimbos capazes de aguentar inúmeras pancadas duras.

Jaquetas confeccionadas com lona rígida pendiam suspensas em trilhos do lado de fora da loja seguinte. Eram trajes feios, manchados de sal do mar e claramente de segunda mão. O casaco de Koch, notei, era de uma pesada lã cinza e quase novo, enquanto o meu próprio manto preto de lã inglesa importada — feito por Helena em razão de um convite, dois meses atrás, para um jantar de Natal na casa do barão Von Stiwalski, cuja propriedade de Süchingern se localizava a pouco mais de um quilômetro de Lotingen — era um pouco leve demais para a estação, talvez, mas ninguém poderia negar a qualidade do material. Ainda assim, o dono veio correndo à calçada, fazendo uma medida e nos convidando a entrar e experimentar casacos impermeáveis "que seguramente resistiriam à inclemência dos mares mais frios",

conforme anunciou com certa pompa. Talvez fôssemos os únicos clientes que ele vira em um mês ou mais.

Sorri e falei: — Não, obrigado.

— Pela metade do preço para os senhores! — o homem gritou atrás de nós.

— O comércio não parece muito próspero — comentei com o sargento Koch, quando retomamos nosso trajeto, continuamente monitorados pelos comerciantes ao longo da rua.

— É um problema, senhor. Não só aqui, praticamente em qualquer lugar da cidade. As lojas abrem logo cedo pela manhã — continuou ele — e a maioria delas fecha às três da tarde. Ninguém sai depois que escurece. O mercado de frutas e verduras perto da catedral reúne bastante gente por volta do meio-dia, o mercado de peixe na Sturtenstrasse ainda é bem movimentado, dependendo da condição das marés, mas nada comparado ao que era antigamente. Olhe, senhor — apontou o sargento Koch com a mão ao dobrarmos a esquina e entrarmos em uma ampla rua com pavimento de pedras arredondadas com uma placa indicando Baltijskstrasse.

Notei dois cavalheiros bem vestidos cerca de cinquenta metros à frente, caminhando na mesma direção que nós. Do outro lado da rua, uma criada com touca de linho e um avental listado vermelho e branco varria furiosamente a neve dos degraus de uma residência elegante. Outra criada, vestida com uniforme idêntico e carregando uma cesta coberta sob o braço, apressava-se em direção a uma casa mais abaixo, batendo a porta às suas costas. Fora isso, a rua estava vazia. Nenhum cavalo, carroça ou carruagem perturbava a paz. Nada marcante a ser visto.

— O que você quer dizer? — perguntei.

— Baltijskstrasse era a rua mais movimentada em Königsberg, senhor — acrescentou ele animadamente. — Um ano atrás, o senhor não daria um passo aqui sem esbarrar em alguém.

— Onde foram todas as pessoas?

— Estão entrincheiradas em casa, senhor — replicou Koch. — Esperando o assassino ser preso.

— Você deve ter razão — assenti com um suspiro de desagrado. Nunca imaginara que aceitar a investigação implicaria restabelecer a rotina em Königsberg e salvar a vida dos potenciais bodes expiatórios.

— Quais foram as novidades desta manhã, Koch? — indaguei, repentinamente consciente de quão silencioso e distante eu devia parecer ao meu assistente.

— Todos os homens abaixo dos trinta e cinco anos com experiência militar foram convocados pelo general Katowice, *Herr Stiffeniis* — replicou Koch com seu ânimo habitual.

— Essa é outra razão pela qual a cidade está tão vazia. O general quer uma vigilância cerrada sobre todos os agitadores, residentes estrangeiros e forasteiros conhecidos.

— Existe uma listagem, Koch?

— Acredito que deva existir, senhor.

— Você pode obter uma cópia dos nomes para mim?

— Tentarei, senhor. Só Deus sabe se será ou não completa. Nos hotéis é fácil checar — Koch arfava com a velocidade que eu imprimira à marcha, soltando pequenas nuvens de vapor ao falar —, mas a zona portuária é bem diferente. O senhor deve ter notado por si só. Há muito vai e vem, e se eles o fizeram assinar o livro de registros no Baleeiro Báltico é só porque sabem quem o senhor é.

— Quero o nome de todos os visitantes que pernoitaram na cidade nas últimas duas semanas, sargento — repliquei com firmeza. — E o Baleeiro Báltico seria um excelente ponto de partida para a caça ao criminoso. Há dois franceses e seu companheiro alemão, que se dizem mercadores viajantes. Gostaria de saber mais sobre eles.

Koch não se manifestou por alguns momentos.

— Quer interrogá-los, senhor? — perguntou ele com seriedade, como se acreditasse colocar em palavras o que me faltara coragem para dizer.

— Por Deus, não! — exclamei. — Compartilho com o general Katowice o medo das massas. Precisamos exercer o controle sem exageros. Se esses crimes têm uma motivação política, o mais importante é induzir os terroristas a acreditar em uma falsa atmosfera de segurança. Interrogue um deles e a cidade inteira saberá o que estamos planejando. Quando eu digo investigá-los, significa conversar confidencialmente com os donos dos hotéis. Ouvir suas suspeitas, perguntar-lhes se tem ocorrido algo fora do normal. A polícia é capaz de uma estratégia como essa, não é?

— É essa a linha que o senhor pretende seguir em suas investigações, senhor?

— O que você quer dizer com isso, Koch?

— Política, *Herr Stiffeniis*. A mera hipótese de uma invasão de franceses degoladores é o suficiente para aterrorizar até a morte qualquer habitante de Königsberg. Se uma possibilidade como essa existe, o general Katowice deve ser informado imediatamente. O rei também..

Estaquei de súbito e virei-me para ele. — O que podemos contar-lhes, Koch? Não temos nada para informar. Bonaparte ainda não decidiu se apresentar. Agentes locais talvez estejam trabalhando com o intuito de minar o governo, usando táticas terroristas para amedrontar a população, mas essa hipótese precisa ser investigada. Pode haver também outras possibilidades.

Koch assoou o nariz no lenço. — Posso perguntar-lhe quais são essas outras possibilidades, senhor? A questão me pegou desprevenido. Quais possibilidades, realmente?

— Bem, sargento — comecei, retomando a caminhada —, o senhor mesmo aventou uma ontem na vinda para cá.

— Eu, senhor?

— Você mencionou o Diabo.

— E o senhor riu — Koch atalhou, perscrutando meu rosto, como se em dúvida se eu estaria, ou não, brincando.

— Não posso me dar ao luxo de desprezar possibilidade alguma, Koch — sorri. — Pouco importando se a mim, pessoalmente, a ideia pareça ou não abominável.

Caminhamos em silêncio. Koch, vez por outra, tecendo comentários sobre a localização geográfica dos locais por onde passávamos. — Chegamos à Kliesterstrasse — anunciou ele, finalmente. — Que casa o senhor procura?

Não respondi e comecei a caminhar ao longo da escura e estreita alameda de pedras irregulares. Casas de diferentes formas e alturas se agrupavam de ambos os lados de um canal raso de esgoto que corria malcheiroso pelo centro da rua. Algumas das construções eram feitas de taipa descorada, enquanto outras, espalhadas aqui e acolá entre as casas geminadas, eram de um antigo arenito erodido pelo vento. A sensação que se tinha era de que foram colocadas ali para dar firmeza aos frágeis prédios construídos no local. Os andares superiores de ambos os lados quase pareciam se tocar, encobrendo o céu cinzento. Janelas com rejunte de chumbo, como uma colmeia formada por inúmeros fundos de garrafas de vinho, deixavam passar a luz, mas impediam que curiosos vissem o que se passava no interior dos aposentos do térreo. As linhas inclinadas davam um aspecto frágil ao lugar, como se uma rajada de vento pudesse trazer as construções todas abaixo.

— O procurador Rhunken deixou o trabalho inconcluso neste ponto, sargento — expliquei. — Vamos ver se somos capazes de descobrir o que o homem que examinamos ontem à noite naquela mesa de anatomia deixou para trás que possa nos ajudar a solucionar sua morte.

Uma placa de bronze estava afixada na porta:

JERONIMUS TIFFERCH
TABELIÃO E OFICIAL DE REGISTROS.

A porta se abriu emoldurando uma figura minúscula e definhada no hall de entrada. Seu cabelo e rosto estavam escondidos por um véu de renda preta que combinava com a austeridade do vestido simples da mesma cor. — O escritório está fechado — a mulher repicou em uma voz aguda e que se resumia a dois tons. — *Herr* Tifferch não está mais aqui.

— Frau Tifferch? — perguntei, empurrando a porta com o pé quando ela começou a se fechar na nossa frente.

De repente, a porta se escancarou para trás, o véu sacudido pelo movimento brusco e, em seguida, um grito, que mais se parecia a um cacarejo, escapou dos lábios da mulher. — Oh, não! O senhor quer ver minha patroa? Visita de condolência? — Jogando novamente o véu sobre a cabeça enquanto falava, a anciã revelou um queixo proeminente quando ergueu os olhos para Koch e para mim. Dois dentes caninos amarelados se projetavam do centro da sua gengiva murcha como os dentes estragados de um velho coelho.

— Não se trata de uma visita social, senhora — eu a corriji. — Meu nome é Hanno Stiffeniis. Sou o magistrado encarregado da investigação da morte de *Herr* Tifferch e gostaria de falar sobre o falecido com sua patroa.

A mulher cacarejou novamente e disse com simplicidade e frieza. — Você não terá muita sorte por aqui!

Ela não parecia muito abalada pelo assassinato do patrão e pela recente viuvez da esposa. Apesar do traje de luto, sua atitude era irreverente para as circunstâncias. — Para que o senhor quer vê-la? — perguntou a criada.

— Preciso examinar os pertences de *Herr* Tifferch — respondi.

— À vontade — ela deu de ombros. — Por que não começa logo?

— Gostaria de primeiro pedir permissão à sua patroa.

A criada deu um passo para trás e permitiu a nossa entrada, apontando com a cabeça para uma porta fechada à direita do hall.

— A senhoria está lá. Em toda a sua glória! Pergunte a ela tudo que quiser.

Fiquei confuso com essa descrição em código. A senhoria? Seria Frau Tifferch um membro da aristocracia Junker¹ Com certeza o nome adquirido pelo casamento nada tinha de nobre. Antes que eu tivesse a chance de perguntar, entretanto, a criada batera a porta da rua e se retirara para um corredor escuro à esquerda sem dizer mais uma palavra, os tamancos estalando ruidosamente no piso de ladrilho.

— Não é o tipo de criada que eu teria na *minha* casa — murmurei, recordando os empregados aterrorizados do meu pai e nossa dócil Lotte, enquanto batia gentilmente com os nós dos dedos na porta da sala de estar.

— Entrem — a empregada guinchou do fundo do corredor. — Ela não vai responder nem que vocês esperem o dia inteiro.

Koch abriu a porta e eu o segui para dentro do aposento. Era escuro e sombrio, assemelhando-se mais a uma casa funerária do que à sala de estar de uma casa de um bairro elegante. Grossas faixas de tecido preto tinham sido amarradas em volta dos castiçais e os círios estavam acesos. Capas pretas cintilavam pelos quatro cantos, encobrendo móveis e enfeites e até mesmo os quadros na parede, embora uma imagem de Jesus Cristo em gesso de quase um metro de altura em uma mesa no canto oposto não estivesse oculta. Uma espécie de santuário imperava ali. Velas votivas vermelhas ardiam ao lado do pé perfurado e nu do Salvador, que tinha as vestimentas completamente abertas de forma indecorosa, o

coração, coroado com línguas douradas de chamas, vermelho brilhante, latejante de sangue, expunha-se aos olhos de um mundo indiferente ao seu sofrimento. O sargento Koch e eu nos entreolhamos. Entráramos em território romano. No centro da sala havia uma mulher sentada em uma cadeira de espaldar alto. Como a criada, vestia-se de preto dos pés à cabeça, o traje refinado pertencente à geração anterior, muito mais opulenta, uma seda cara com debrum na terminação e fustão canelado. Um magnífico colar de âmbar negro cobria-lhe o peito e pulseiras combinando sobrecarregavam os pulsos finos. A morte parecia ter desempenhado um papel central na história daquela mulher.

— Frau Tifferch? — perguntei, avançando pela sala. — Posso oferecer-lhe minhas mais sinceras condolências por sua dolorosa perda?

A mulher me olhou. Ou melhor, ela ergueu o rosto ao som da minha voz. Pontos brilhantes pareceram cintilar sob o véu, mas nenhuma palavra de cumprimento ou agradecimento escapou-lhe dos lábios.

— Seu marido, senhora — acrescentei, fazendo uma pausa para ouvir o som da sua voz.

Frau Tifferch não se moveu. Parecia imobilizada.

— Sou o responsável pela investigação das circunstâncias em que ele foi morto — senti-me forçado a continuar. — Devo fazer-lhe algumas perguntas sobre seu marido. Interesse-me por qualquer assunto em que ele estivesse envolvido por ocasião do assassinato. Ele estava fora de casa depois do anoitecer, ao que parece...

A mulher esticou a mão. As pulseiras tilintaram quando ela pegou um lenço preto de uma mesa pequena ao seu lado, levou-o para baixo do véu e começou a soluçar.

— Frau Tifferch? — insisti gentilmente. Só silêncio como resposta.

— Frau Tifferch? — repeti.

Koch cruzou o salão na ponta dos pés e se postou atrás da cadeira da mulher. Inclinando-se para a frente, sussurrou no ouvido dela: — Frau Tifferch?

Endireitando-se atrás da mulher, ele ergueu o dedo indicador, tocou a própria têmpora e, em seguida, balançou a cabeça.

— Chame a criada de volta — pedi, esperando em silêncio até que ela entrou ruidosamente no aposento um minuto depois, o tamanco estalando com força no ladrilho do piso, seguida por Koch.

— O que você quer? — murmurou. Seu mau humor em nada melhorara nesse intervalo de tempo.

— Sua patroa não se sente bem? — indaguei.

— O senhor pode chamar assim — respondeu ela. — Sem juízo. É como eu chamaria. Frau Tifferch vive no mundinho dela. Nunca diz nada, não.

— O que há de errado com ela?

A mulher deu de ombros. — Não tenho ideia. Ninguém me disse nada, disse? Sou só a criada. Aconteceu quatro ou cinco anos atrás, acho eu. Eu não trabalhava aqui nessa época. Mas os vizinhos me contaram. Aconteceu do nada. Antes, ela era forte, ativa — apontou para a patroa e balançou a cabeça. — Deve ter sido alguma coisa horrível, é tudo que eu posso dizer.

Franzi o cenho. — O que você quer dizer com isso?

Ela deu de ombros novamente. — Você não vira um vegetal por qualquer coisa, não é...? Só por uma boa razão...

Enrijeci os músculos, lutando contra a súbita sobreposição de imagens na minha mente. Vi minha mãe sentada diante de mim no lugar daquela mulher coberta por um véu pesado, os olhos fixos nos meus ao me dirigir a pergunta para a qual não havia uma resposta simples: “Como você pôde fazer isso, Hanno?” Aquela foi a última frase coerente que ela proferiu na vida. Um espasmo atingiu seu corpo e ela desmaiou, aparentemente sem vida, aos meus pés. Seu silêncio sepulcral perdurou por dias. Os médicos foram chamados, mas nenhum remédio foi encontrado. O pastor veio rezar e ficou para ministrar o último sacramento. E, durante todo o tempo, meu pai não me dirigiu uma única palavra. Mas, no seu olhar, eu reconhecia a pergunta da minha mãe. “Como você pôde, Hanno? Por que você fez isso?”

Fechei os olhos para me libertar dessas lembranças dolorosas, e quando os abri novamente deparei-me com a boca escancarada de surpresa e o queixo proeminente da criada.

— Qual é o seu nome? — indaguei.

— Agneta Süsterich.

— Há quanto tempo trabalha aqui, Agneta?

— Tempo demais.

Não havia nada de subserviente naquela velha mulher. Palavras como “senhor”, expressões como “com sua permissão” não figuravam em seu já limitado vocabulário. Era brusca a ponto de ser rude. Não teria o Dr. Tifferch obrigado sua mal-humorada criada a conter o mau gênio?

— Seja mais precisa! — insisti.

— Dois anos — replicou ela a contragosto. — E amaldiçoo o dia em que cheguei! Assim que tudo isso acabar vou embora. Eu já devia ter ido com tudo isso...

— Sua patroa tem mais alguém? Filhos ou filhas? — prossegui.

— Ninguém — respondeu a mulher. — Nenhum parente. Nunca vi uma alma em todo o tempo que estive aqui. Ninguém visita esta casa. Ninguém...

Ela fez uma pausa significativa, como se me convidando a completar a frase.

— Exceto quem? — eu disse.

— Padres! — explodiu ela. — Padres católicos! Vermes blasfemos! E, agora, policiais amolando...

— A senhora não pertence a essa religião, presumo?

Os olhos da mulher se estreitaram como se eu a tivesse acusado do mais hediondo crime sobre a Terra. — Sou uma pietista! — protestou ela. — Todos em Königsberg são pietistas. Frequento a leitura da Bíblia toda noite para limpar meus pulmões cristãos do horrível ar católico que sou obrigada a respirar nesta casa. Falei para o patrão. Falei sem rodeios, falei. Vou aos meus encontros de leitura da Bíblia, *Herr* Tifferch, eu disse, ou então vou embora. Mas agora não há ninguém para tomar conta dela. O que eu vou fazer?

— Você acendeu todas essas velas? — intervim, tentando conter aquele fluxo de irritação antes que se tornasse uma avalanche de cólera.

— Eu tinha que acender, não tinha? — murmurou a mulher. — É a única forma de mantê-la calada. Ela gosta de velas. Todos os católicos gostam. Lixo idólatra, isso sim!

— Quais são suas responsabilidades aqui? — prossegui com toda a paciência que fui capaz de reunir.

— Tudo — ela começou a contar os itens nos dedos da mão à medida que falava. — Lavá-la, limpá-la, vesti-la, penteá-la, alimentá-la. Eu a visto de preto para o caso de algum daqueles vampiros aparecer.

— Um médico foi chamado? — perguntei.

— Papistas! — amou-se ela. — Até agora ficaram longe, isso sim.

— Seu patrão foi morto há três dias — continuei. — Tarde da noite. Ele lhe disse para onde estava indo quando saiu?

A mulher ergueu os olhos, esticou o queixo e abriu um amplo sorriso. — O patrão sempre guardava seus assuntos para si mesmo. Nunca sabia o que se passava na cabeça dele. Era muito reservado, era sim.

— Ele conduzia seus negócios desta casa — persisti. — Quais clientes vieram visitá-lo naquele dia?

— Não tenho ideia. Nenhum. A porta da frente estava sempre aberta. Das sete às cinco, segunda a sábado. Eles iam e vinham.

Tentei outra abordagem. — Você ouviu alguém gritando ou discutindo com *Herr* Tifferch?

— Fico na cozinha — replicou ela. — É mais quente lá.

— Você sabe se seu patrão tinha inimigos? — indaguei.

Agneta Süsterich pensou sobre a questão alguns instantes.

Então olhou-me com um sorriso e minhas expectativas se elevaram.

— Só a patroa — declarou ela. — Costumava gritar toda vez que via o rosto dele. Isso responde a

sua pergunta?

Com certeza não. Quem quer que tenha infligido aqueles cortes e cicatrizes arroxeados no corpo do Dr. Tifferch, sem dúvida não fora a esposa. — Aconteceu algo fora do comum no dia em que ele morreu? — prossegui.

Agneta Süsterich suspirou alto, sua irritação tornando-se mais visível a cada nova pergunta.

— Ele trabalhou naquela manhã. Como sempre. Almoçou com a esposa. Como sempre. Ficou sentado no escritório até as cinco. Como sempre, eu fui para Grüsterstrassehaus...

— O que é isso?

— O templo pietista. Deixei o jantar esquentando para os dois. Como sempre. Voltei às sete e meia para pôr a patroa na cama. Como sempre. Não vi o patrão, mas isso não era novidade. Ele saía todas as noites...

— E para onde ele ia? — interrompi.

O rosto feio da mulher se contorceu com desagrado. — Só posso imaginar — disse ela. — Eu o via cambaleando escada abaixo várias manhãs. Dor estampada no rosto. Como se um cavalo tivesse surrado seus colhões. Mal podia se aguentar sobre os pés alguns dias! Esses católicos gostam de pecar, isso sim. O padre perdoa rapidamente por um táler ou dois.

— Você em geral escutava quando ele voltava para casa à noite? — perguntei, tossindo para sufocar uma risada ao ouvir sua injuriosa descrição da fé rival.

— Eu rezo e vou dormir. Não tenho por que esperar pelo Diabo. Mais ainda naquela noite, porque ele não voltou mais para casa, não é? O vigia noturno nos acordou antes de o galo cantar.

— Onde ficava o escritório dele?

— Há quatro portas naquele corredor. Uma é minha, outra, dela, e outra, dele. A última leva lá para cima, para os quartos de dormir.

— Mostre-me o aposento de trabalho de seu patrão. Antes de sairmos da sala de estar, virei-me novamente para a viúva. Estava tão imóvel e silenciosa quanto a estátua no canto do aposento. Não dera sinal de vida desde que entráramos na sala e permaneceu inalterada quando saímos.

Agneta Süsterich apontou para uma porta fechada do outro lado do hall — É ali que ele trabalhava — disse a criada. — Está trancada.

— Você tem a chave?

— O patrão guardava — replicou ela.

— Mas você com certeza limpava a sala para *Herr* Tifferch?

— Ele mesmo limpava. *Herr* Tifferch não deixava ninguém entrar, só quando ele estava aqui.

Clientes, e assim por diante. Vá, pode arrombar — desafiou. — Você é da polícia, não é?

Koch avançou um passo com o canivete na mão. — Devo arriscar para ver se tenho sorte, senhor?

Aquiesci e o sargento ajoelhou-se sobre uma perna, introduzindo a lâmina na fechadura antiga. Ele empurrou o objeto para dentro e girou, enquanto a criada o observava como se ele fosse um ladrão, balançando a cabeça com o desprezo que parecia destinar ao mundo em geral. Com um estalo repentino, a porta se moveu nas dobradiças.

— Você tem talento para esse tipo de trabalho, Koch! — exclamei.

— Espero que ele consiga fechar depois — murmurou a criada, como se *Herr* Tifferch pudesse voltar e repreendê-la pela fechadura arrombada.



A sala era maior do que o aposento no qual estivéramos antes e havia somente uma escrivaninha no

centro dela. Duas cadeiras de espaldar reto estavam dispostas na frente. O notário não contava com um assistente, a criada informou, conduzia todos os negócios sozinho. Armários de livros com portas de vidro ao longo das paredes guardavam documentos em rolos apertados, amarrados com fitas de cores diferentes. Organizados em ordem alfabética, transmitiam a impressão de trabalho diligente.

— A patroa precisa trocar de roupa — a criada anunciou da porta, olhando para dentro do escritório como se fosse uma terra proibida. Ela desapareceu sem esperar por permissão e, em seguida, nós a ouvimos gritar no aposento do lado oposto do hall. Em resposta, a dona da casa berrou também. O lamento agudo persistiu ainda por algum tempo.

— A situação de *Herr* Tifferch não era nada confortável — observou Koch.

— Acenda algumas velas, Koch — ordenei. — Espero ter descoberto muito mais sobre a vida deste homem ao final desta tarefa.



Nas duas horas seguintes, examinamos cuidadosamente os documentos empoeirados naquela sala, enrolando novamente e guardando o que era inútil ou irrelevante. Alguns datavam de trinta anos atrás, o papel amarelado e quebradiço pelo tempo, transações legais de todos os tipos possíveis: contratos de casamento, faturas de compra, recibos de venda e expedição, casos de herança já solucionados e ações impetradas. Tudo naqueles papéis devia ter sua importância, acreditava eu, mas nada que apresentasse uma ligação direta com a morte do advogado, nenhuma indicação que servisse para vincular esse crime aos anteriores.

O último caso em que Tifferch trabalhara estava organizadamente disposto sobre a mesa. Arnolph von Rooyster, um cidadão rico e respeitável, deixara todos os seus bens móveis para o mordomo, um homem chamado Ludwig Frontissen. Ao que tudo indicava, os parentes tentaram reverter essa decisão, mas Tifferch possuía um testamento juramentado feito pelo próprio falecido a favor do criado que solucionava a disputa. Eu me sentara à escrivaninha de Tifferch para ler esses papéis; no outro lado da sala, Koch estava ocupado com o último dos rolos.

— *Herr* Stiffeniis — chamou. — Há um armário aqui que está trancado.

Tendo notado um grande molho de chaves em uma das gavetas da escrivaninha, peguei-o e arremessei para ele. — Veja se uma dessas serve — sugeri.

Eu o ouvi enfiando as chaves sem resultado na fechadura enquanto lia uma série de cartas e declarações relacionadas à disputa entre os parentes de Von Rooyster e o mordomo. Os descendentes apelaram a um dado ministro de Berlim que escrevera a Tifferch com o intuito de conhecer o andamento do caso. Tifferch afirmou que a lei estava inegavelmente do lado do afortunado mordomo.

O ministro Aschenbrenner, que era um parente distante de Von Rooyster, concordou com Tifferch, mas propôs um acordo para pôr fim à disputa. Desse modo, Tifferch ofereceu aos membros da família metade da herança que, ao que parecia, o mordomo estava disposto a dividir com eles. As datas em alguns desses documentos eram de alguns anos atrás e Tifferch mais recentemente encerrara a disputa de forma satisfatória e vantajosa para ambas as partes. Não havia absolutamente nada que sugerisse uma possível razão para o assassinato.

— Não adiantou nada, senhor — a voz de Koch interrompeu minha cadeia de pensamentos. — Nenhuma delas serve.

— Bem, então — repliquei —, siga a sugestão da criada.

— Senhor?

— Force a fechadura, sargento. Se ele escondeu a chave, é porque provavelmente guarda dinheiro e

objetos de valor aí dentro.

Concordando com um movimento da cabeça, Koch começou a trabalhar na fechadura. Alguns minutos depois, ele deixou escapar um grunhido triunfante, seguido de um silêncio.

— E então, Koch? — perguntei com impaciência, forçando-me a interromper a leitura de um documento. — O que você encontrou?

— É melhor o senhor vir aqui e ver por si mesmo — respondeu ele.

Bati as mãos para sacudir o pó e me juntei a ele no lado oposto da sala. Koch colocara uma vela sobre uma das cadeiras para iluminar o armário fundo e escuro. Na prateleira mais alta havia um busto de porcelana de um Napoleão Bonaparte sorridente. Estiquei a mão para erguer a estátua e quase a deixei cair quando meus dedos se fecharam sobre a base. A pressão do meu polegar pressionara uma mola no cabelo da estátua: o chapéu do imperador virou-se para cima e, por entre o cabelo, dois chifres satânicos saíram-lhe da cabeça.

— Que brinquedo impressionante! — exclamei com uma risada. — O que mais tem aí?

Na prateleira de baixo, havia uma pilha de folhetos e papéis que Koch e eu examinamos com uma curiosidade crescente. Eram irreverentes e até mesmo eróticos no conteúdo, e faziam referência, nos mais escabrosos termos, ao imperador da França. Se fosse confiável o que os caricaturistas retratavam, Bonaparte demonstrava uma preferência sexual marcante pelo mundo animal. Macacos eram os prediletos, embora um dos esboços o mostrasse copulando amorosamente com uma elefante fêmea. Conforme Koch ressaltou, os comentários satíricos no rodapé estavam em alemão e as obscenidades pareciam ter sido reproduzidas por uma prensa manual de blocos de madeira, um sistema que há muito não se comercializava.

— Eu me pergunto onde ele comprou tudo isso — comentei, passando os olhos pelas folhas.

— O senhor acha que ele pertencia a um grupo político? — indagou Koch.

— Parece-me mais uma biblioteca circulante de obscenidades. Mas você pode estar certo. Ao que tudo indica, *Herr Tifferch* tinha uma vida secreta muito movimentada.

Seria todo esse material sedicioso, perguntei-me, a causa de seus problemas domésticos? Teria a esposa se deparado com tais imagens perturbadoras, o choque revelando-se mais violento do que sua saúde poderia suportar? A descoberta repentina de que um marido aparentemente respeitável era, ao contrário, um completo pervertido poderia facilmente transformar uma mulher de formação religiosa excessivamente rígida em uma estátua viva.

— Uma estátua viva...

A imagem de minha mãe voltou-me à mente. Suor brotou na minha testa e uma contração nervosa provocou-me um acesso de tosse.

— Tem muita poeira aqui, não tem, senhor? — comentou Koch diligentemente. — Quer que eu traga um copo de água?

— Não é necessário — repliquei, e não era mesmo. O fantasma materno, com seu ar desolado de constante acusação, desaparecera ao som da voz do sargento.

— Precisamos examinar todos esses folhetos, *Herr* procurador? — Koch perguntou, evidenciando seu desagrado pela tarefa.

— Infelizmente sim, Koch — respondi. — Não podemos nos dar ao luxo de deixar uma só possibilidade inexplorada.

— Entendo, senhor — respondeu ele, e se apressou em fazer aquilo que, nem bem um instante atrás, queria, com impaciência, abandonar.

Ainda assim, tentei facilitar a tarefa para ele. Examinávamos a frente e o verso dos folhetos, procurando nomes. Nada foi encontrado, claro, com exceção dos pseudônimos de origem claramente imaginativa e francofóbica: *Cul de Monsieur*, *Seigneur Duc de Porc*, *Milord Mont de Merde* e assim por diante. Recolocamos o material na prateleira e dirigimos nossa atenção para a de baixo. Uma grande

caixa de veludo marrom estava fechada com um pequeno cadeado. Apelando novamente para o molho de chaves sem obter resultados, Koch obedeceu a minha ordem de quebrar o cadeado com a faca. A caixa se abriu e revelou um *tableau* feito em cera e madeira: Bonaparte e sua amante Josephine Beauharnais. Ambos estavam de frente um para o outro: ele, em pé, ela, sentada em um banco. A expressão no belo rosto da mulher era estranha: boca aberta, olhos arregalados, como se em estado de choque ou terror. Ao puxar uma haste na base do quadro, as calças de Napoleão escorregavam até os tornozelos, o membro erguia-se ereto no ar — tão comprido quanto as pernas — e parava próximo à boca da dama. Uma alavanca do outro lado do autômato fazia a cabeça da mulher se inclinar para a frente e fizesse coisas perversas e bestiais que nenhuma imperatriz francesa respeitável faria em público.

— Um senso de humor digamos... incomum — murmurou Koch hesitante.

Mesmo sem olhá-lo no rosto, sabia que ele corava.

Teria Tifferch sido morto por simpatizantes de Napoleão em Königsberg? Um homem talvez ocultasse tais brinquedos da esposa e criada, mas certamente os compartilharia com os amigos. E amigos, em tempos perigosos como os nossos, deviam ser levados com cuidado. Desde a revolução na França, nem todos os homens na Prússia eram tão patriotas quanto deveriam.

— A simpatia pela França é muito forte na cidade, sargento?

Koch coçou o queixo antes de responder. — A Prússia tem sido isolada pelos eventos políticos dos últimos meses, senhor. Temos poucos aliados e Bonaparte trama para que não tenhamos nenhum. Então, ele atacará. Mas ele conta sim com seguidores em Königsberg. Há indivíduos que o apoiam por toda a Europa... — ele parou e me olhou.

— Mas o senhor realmente acredita que algum fanático matou *Herr* Tifferch por sua atitude irreverente em relação ao imperador francês? E aquelas cicatrizes no corpo dele? Como se encaixam?

— Não sei — respondi, com um suspiro. — Não vejo nenhuma ligação. Os relatórios de Rhunken não mencionam marcas de açoite nos outros corpos, mas ele parecia acreditar que a conexão entre os assassinatos era política. Ele acreditava em alguma forma de conspiração por trás dessas mortes, embora não pudesse precisar que tipo de complô seria. Isso — acrescentei, apontando a coleção de objetos do armário — parece nos conduzir para a mesma direção geral.

Exatamente nesse momento, um raio de sol entrou no aposento. Como um feixe perfurando o interior sombrio de uma câmara escura, a luz recaiu por um instante sobre um embrulho enrolado com seda púrpura escura colocado no fundo da prateleira inferior. Incerto sobre o que poderia ser o próximo truque póstumo de *Herr* Tifferch, segurei cuidadosamente o embrulho com as duas mãos e o mostrei a Koch. Era longo e fino como uma linguiça seca dinamarquesa picante.

Colocando o objeto na mesa da escrivaninha, desenrolei-o cuidadosamente. Koch e eu observamos o conteúdo por alguns momentos com uma descrença silenciosa.

— Isso talvez explique a expressão de dor no rosto de Tifferch quando ele descia para o café da manhã — comentei.

— Eu nunca havia visto uma coisa dessas — Koch acrescentou em um murmúrio.

Peguei a vara de couro preto e sacudia no ar. Três longas caudas com nós nas pontas sacudiram-se livremente em uma cascata sinistra. — Finalmente descobrimos o que causou aqueles flagelos no corpo de Tifferch, Koch. Velhas cicatrizes, feridas recentes...

Koch lutou para recuperar a voz. — O senhor acha que ele fez isso a si mesmo?

— Resta pouca dúvida — respondi. — Mas se como punição pelos seus pecados ou fonte de prazer sexual, não temos como adivinhar. Talvez ambos?

— Uma coisa dessas em Königsberg! — era claro pela expressão de choque no rosto simples e sincero de Koch que ele se encontrava em um ambiente novo e perturbador.

— Ouvi dizer que faziam estas coisas na França. Em Paris. Mas aqui na Prússia?

— Coloque tudo de volta onde encontrou — falei baixinho, observando-o recolocar cada objeto em

seu lugar no armário. Ele os manuseou como se aquilo pudesse corroer as pontas dos dedos, fechando a porta com satisfação.

Quando saímos, Agneta Süsterich preparava a refeição da patroa. Frau Tifferch estava sentada em uma cadeira de espaldar duro, sem o véu, um tecido de linho branco cobrindo-lhe protetoramente a roupa. O rosto redondo estava inchado, pálido, inexpressivo, os olhos azul-claros eram dois pontos vazios fixos na tigela de mingau na mesa à sua frente.

— Espero que tenham encontrado o que precisavam para pegar o assassino de *Herr* Tifferch — a criada resmungou asperamente por cima do ombro, a única manifestação de solidariedade que ofereceu ao patrão desde que entráramos naquela casa.— Vocês sabem onde fica a porta da frente. A papa é a única bendita coisa que interessa a minha patroa. Ela não gosta de esperar.



Lá fora, na rua, senti uma camada cinzenta de depressão se abater sobre meu espírito. Que tipo de vida Frau Tifferch levaria sem o marido? Que futuro teria ela, uma mulher indefesa na companhia de uma criada amargurada em uma casa vazia? Em seguida, refleti sobre o que o destino reservara a Agneta Süsterich. Ela, uma pietista forçada a viver em um templo católico que odiava, mais cedo ou mais tarde, provavelmente descobriria os segredos guardados no armário do patrão. A dura revelação a tornaria menos cuidadosa para com a patroa, mais ressentida com os pecados do patrão? Continuará a tomar conta de Frau Tifferch? E se não, quem o faria? O indivíduo, ou indivíduos, que mataram Jeronimus Tifferch trouxeram desgraça para aquela casa. Quanto estrago fora causado e quantas coisas mais desapareceriam para sempre com as mortes de Jan Konnen, Paula-Anne Brunner e Johann Gottfried Haase? Eu sabia, por experiência própria, o enorme sofrimento que uma única ação impensada pode desencadear na vida dos que enfrentaram uma tragédia familiar.

— Senhor?

Ergui os olhos e avaliei o ambiente ao meu redor. O sol de inverno brilhava fraco por entre os telhados que quase convergiam na faixa estreita de céu azul. Gelo compacto cintilava como aço nas pedras do pavimento. O vento frio, quando soprava do mar, cortava mais fundo que uma faca afiada.

— Quais são suas conclusões, *Herr* Stiffeniis? — Koch perguntou cautelosamente enquanto nos encaminhávamos para o fim da rua.

— Encontramos um chicote em um armário — respondi. — Mas ainda não sabemos exatamente como ou por que *Herr* Tifferch foi morto. E tampouco fomos capazes de encontrar uma ligação entre ele e as outras vítimas. Eu mal tenho espaço na minha cabeça para conclusões.

Mergulhei em um silêncio desesperançado enquanto saíamos da rua e chegávamos a uma pequena praça coberta de neve com um grupo de árvores secas no centro. Eu esperava ter descoberto muito mais.

— O senhor acha que uma guerra com a França é inevitável? — indagou Koch subitamente.

— Espero que não — repliquei prontamente —, mas não há muito o que se possa fazer sobre isso. A Rússia espreitando à nossa esquerda, a França do outro lado, e toda essa conversa fiada sobre Bonaparte! Quem está a seu favor, quem está contra ele. E se o rei Frederico Guilherme vai conseguir manter a Prússia fora disso. E os franceses vão deixar? A briga parece não ter fim. Em um clima assim, de suspeita e intriga crescentes, esses crimes não ajudam em nada.

O general Katowice me advertira que a entrada ou não do país em guerra poderia depender da forma como eu conduziria a investigação criminal. A lembrança desse aviso fez minha cabeça girar novamente. Nervoso, retirei o relógio da algibeira e olhei a hora. Eram quase dez para o meio-dia.

— Klopstrasse fica longe daqui? — perguntei, enérgico. Não queria me atrasar. *Herr* Jachmann era

obcecado por horário. Nesse ponto, era muito parecido com seu mais querido e velho amigo.

— É do outro lado da praça, senhor.

— Bom! — exclamei.

Antes que Koch pudesse pronunciar uma palavra, iniciei a jornada pela praça coberta de neve.

¹ Classe dos proprietários de terra da Prússia e da região oriental da Alemanha, principalmente durante o século XIX e início do XX. (N. T.)

10

A casa na Klopstrasse se distinguia das vizinhas, de cores vivas, como um dente podre. A pintura, que certa vez fora verde, estava descascada e cinzenta.

Uma videira já morta agarrava-se à fachada como se fosse a mão de um esqueleto tentando asfixiar a vida existente no edifício. Uma varanda enferrujada que abarcava toda a extensão do primeiro andar parecia prestes a ruir na próxima tempestade de inverno. As janelas, semicerradas e quebradas, pendiam tristemente das dobradiças.

Não era, de forma alguma, uma bela visão. Os dias de vida agradável e elegante de *Herr Reinhold Jachmann* pareciam pertencer a um passado distante.

— Devo acompanhá-lo, senhor? — Koch perguntou.

— Não, sargento — respondi prontamente. Não queria testemunhas da conversa que estava prestes a ter. — Vá ao tribunal e investigue aquela lista de forasteiros que mencionei. Mande os soldados checarem esses indivíduos.

Koch fez uma mesura rígida. Era impressão minha ou um olhar de desapontamento cruzou-lhe o rosto? Eu o observei afastar-se com toda a velocidade que a neve recém-caída permitia e me volvei para a casa. O portão de ferro forjado protestou ruidosamente quando o empurrei. Um guincho agudo deu lugar a um longo e doloroso gemido quando forcei as dobradiças enferrujadas que não viam óleo de baleia há muitos meses. Além das pegadas incrustadas que Koch deixara mais cedo naquela manhã quando viera entregar minha mensagem, nenhuma outra marca fora deixada na neve. Nenhum visitante ou vendedor aparecera desde então.

Soltei a argola de ferro contra a porta e o som pareceu ecoar e reverberar no ar gelado como se a casa e o jardim estivessem imersos no vácuo. Um melro voou para longe, piando irritado. Aquele ruído repentino quebrou o silêncio que reinava supremo no jardim. As moitas e arbustos sem vida escondidos sob o manto espesso de neve pareciam lápides esquecidas em um cemitério abandonado. Eu observava desolado ao redor quando a porta se abriu silenciosamente atrás de mim.

— Você realmente veio, *Stiffeniis*.

Reconheci o estrondo profundo e reverberante da voz de *Reinhold Jachmann*, embora não o tenha reconhecido quando o olhei diretamente. Um vento frio e spectral o assolara também. O cabelo ralo estava branco como lençol engomado, as sobrancelhas eram montes de neve sobre olhos cortantes, escuros como carvão. Sua seriedade rígida me alarmou. Eu me recordava de um homem amigável e caloroso durante nosso primeiro e único encontro onze anos atrás, mas o estranho desconfiado que me olhava do alto dos degraus era o extremo oposto. Por um momento, achei que ele se recusaria a permitir minha entrada na casa. Entrelhamo-nos em silêncio.

— Por aqui — disse ele, finalmente, e me conduziu pelo hall até uma sala de estar parcamente mobiliada no andar térreo. Apontando para um sofá em frente a uma lareira de ferro fundido onde um único pedaço de lenha ardia e soltava fumaça, ele me ofereceu assento. Era mais uma ordem do que um convite. Ele me observou sentar-me sem pronunciar uma única palavra, em seguida caminhou até a janela e olhou para o jardim.

— O que o traz aqui? — indagou, sem se virar.

— Um assunto de grande urgência, *Herr Jachmann* — repliquei. — Uma incumbência do rei.

— Isso você mencionou na carta — prosseguiu ele. — Posso saber qual a natureza da tarefa?

Eu tivera esperança de que ele não precisasse perguntar.

— Fui indicado para investigar a série recente de crimes na cidade — respondi em voz baixa.

Com um movimento repentino, ele se voltou para mim, parte da antiga energia retornando. — Você, Stiffeniis? Investigando assassinatos?

Ele parecia estupefato pelo que eu acabara de relatar. — Pensei que o procurador Rhunken fosse o responsável pelo caso — acrescentou.

— Ele morreu, *Herr* Jachmann.

Ele sacudiu a cabeça e pareceu confuso. — Não ouvi nada a respeito de seu falecimento nem do funeral.

— Aconteceu ontem à noite — expliquei. — *Herr* Rhunken foi enterrado imediatamente. Não houve nenhuma cerimônia de funeral. Era seu último desejo.

— Por Deus! O que foi feito de Königsberg? — sussurrou, voltando-se novamente para a janela. Permaneceu assim por algum tempo, observando a neve.

— Eu o adverti, disse-lhe para nunca mais voltar aqui — rosnou ele por sobre o ombro, a face lívida de raiva, como se eu tivesse trazido esses desastres comigo de Lotingen.

Outro silêncio tenso seguiu-se a essa explosão.

— Fiquei muito surpreso ao ser indicado para o caso — aventurei-me a dizer, finalmente. — Aceitei a incumbência com temor, senhor. Pelo bem do...

— Você já o viu? — Jachmann interrompeu-me rispidamente, os olhos ainda fixos no jardim e na rua.

— Oh, não, senhor — repliquei. — Eu não sonharia fazer isso sem consultá-lo. — Fiz uma pausa por alguns instantes e, em seguida, deixei escapar: — Sua carta foi um grande choque para mim, *Herr* Jachmann. Não faltei com a minha palavra, senhor. A paz de espírito dele é tão preciosa para mim quanto para o senhor. Não me esqueci da sua advertência.

Ele se voltou para mim. — Mas pretende visitá-lo agora, não é? — a voz se elevava novamente, o sangue corava-lhe o rosto, os olhos fixavam-se em mim com evidente desagrado.

Eu me mexi, desconfortável, na cadeira. — Não se eu conseguir evitar — falei —, embora exista a possibilidade de nos encontrarmos por casualidade. Achei que devesse avisá-lo, senhor. É essa a razão que me traz aqui. — Parei por alguns momentos, mas a curiosidade falou mais alto. — Como ele está, senhor? — ousei perguntar.

— Bastante bem — replicou Jachmann bruscamente. — O criado me informa semanalmente.

— O criado? — agora era minha vez de estar surpreso.

— O criado — confirmou ele asperamente, sem acrescentar mais nada.

— Mas o senhor é seu amigo mais próximo, *Herr* Jachmann...

— Eu era seu amigo mais próximo — interrompeu-me, a voz abalada, alquebrada. — Ainda permaneço como seu administrador doméstico, mas não o vi nos últimos doze meses, ou mais. Ele se tornou muito reservado, quase recluso. Não vou mais à sua casa. Toda a comunicação necessária é feita através do criado.

— Como isso é possível, senhor?

Ele fez um gesto de desprezo com a mão. — Não houve briga, discussão, se é isso que você quer saber. O professor não tem tempo para os velhos amigos. A porta da sua casa está fechada para todos. O criado recebeu instruções de dizer que ele está ocupado e que não deseja ser perturbado. Trabalho e estudo, como você sabe, sempre foram a razão principal da sua existência.

Ele se virou e começou a caminhar em silêncio para cima e para baixo na sala, depois veio sentar-se novamente em frente ao sofá. Inclinou-se para perto, as linhas profundas da idade marcadas no rosto longo revelando-se com maior intensidade pelo esforço de controlar as emoções ou os nervos.

— Por que uma pessoa responsável iria querer que você conduzisse essa investigação, Stiffeniis? — indagou ele.

Sei o que gostaria de ter respondido. Que o rei tinha reconhecido minhas qualidades, sabendo que eu seria bem-sucedido na tarefa em que todos os investigadores, inclusive o procurador Rhunken, falharam.

Mas eu era obrigado a admitir a verdade.

— Não sei, *Herr Jachmann*.

— Eu esperava uma resposta colérica à severa carta que enviei — disse ele repentinamente. — Sabia que você voltaria a Königsberg a menos que eu conseguisse detê-lo. Se, na sua resposta, você me mandasse cuidar dos meus assuntos ou me pedisse explicações sobre os motivos que me levaram a lhe escrever daquela maneira rude, eu não teria, de forma alguma, me surpreendido. Mas, quando recebi sua resposta, afirmando docilmente que cumpriria minhas determinações, fiquei mais do que pasmo, devo confessar-lhe. Fiquei alarmado.

— Acredito nas suas palavras — comecei a dizer, mas ele não escutava.

— Você sabe por que eu não queria vê-lo nunca mais — continuou ele, raivoso. Fez uma pausa, respirou fundo e acrescentou: — Tentei várias vezes entender o que se passou entre vocês naquele dia enevoado.

Encarei fixamente seu olhar acusador e retive a respiração, lembrando-me do dia, há onze anos, em que tive o privilégio de falar em particular com o homem mais famoso de Königsberg, o amigo de Jachmann e colega na universidade, o professor de Filosofia Immanuel Kant.

— O senhor me ordenou que ficasse longe da cidade pelo bem do professor Kant — sussurrei. — Eu desconhecia a razão, mas não vi motivo para questionar sua integridade. O senhor era seu amigo mais querido. Sabia o que era bom ou ruim para ele e...

— Você era ruim para ele! — seu rosto pálido incendiou-se subitamente de mágoa. — É esse o ponto. Não vê? Por que haveria alguma necessidade de proibi-lo de ver Kant? Que outra razão poderia me fazer temer pela sanidade mental do homem mais racional da face da Terra?

— O senhor está sendo injusto — protestei, mas Jachmann atropelou-me.

— Depois daquele dia, percebi que algo estranho ocorria toda vez que seu nome era mencionado — prosseguiu ele com grande vivacidade. — Tudo isso teve um efeito muito intenso sobre ele. Era possível notar uma agitação nos modos, uma distração selvagem no olhar. Era despropositado, totalmente impróprio dele. Essa loucura começou no dia em que ele o convidou para almoçar. Aquele foi, por si só, um evento sem precedentes.

— Por que diz isso, senhor? — indaguei.

— Ele nunca convidara um estranho para sua casa antes. Nem uma única vez — olhou-me inquisitivo. — Algo em você despertou o interesse dele. Algo que você fez ou contou a ele.

— Mas o senhor sabe por que ele me convidou — repliquei com ardor. — Eu acabara de retornar de Paris e o professor Kant estava interessado no que eu vira por lá.

Jachmann aquiesceu sombriamente.

— Eu me recordo do seu discurso sobre o que você viu no dia em que os jacobinos executaram seu legítimo soberano...

Fechei os olhos para afastar a lembrança. A imagem daquele momento nunca me deixaria em paz? Até quando ela me assombraria? A visão do sangue humano no chão. Seu cheiro no ar.

— Paris, 21 de janeiro de 1793 — *Herr Jachmann* entouou formalmente.

A cena relampejou na minha mente. A alegria esfuziante da massa. O condenado em sua vestimenta imunda subindo altivamente os degraus do tablado. O triângulo de aço lubrificado reluzindo à luz do alvorecer. O rangido do metal quando a lâmina desceu. E então, sangue! Oceanos de sangue rubro, esguichando daquele pescoço decepado como água jorrando de uma daquelas fontes decorativas que o rei mandara construir para si em Versalhes, ensopando o rosto dos espectadores. Caindo como chuva no meu rosto, na minha boca, na minha língua...

— Mataram o rei naquele dia.

Um rei? Um homem fora chacinado diante dos meus olhos. Um golpe leve em uma alavanca e uma sombra se abateu sobre a minha alma. Uma parte oculta de mim se elevava com a massa e invadira minha

mente atordoada.

— Kant encontrou outras pessoas que estiveram na França - *Herr Jachmann* prosseguiu. — Também envolvidos naqueles trágicos eventos, e não ficou abalado com o que eles relataram. Mas você, *Stiffeniis*! Você trouxe uma praga maligna para a casa dele naquele dia.

Ele me encarou fixamente.

— O que quer que tenha ocorrido entre vocês, *Stiffeniis*, mudou-o. Alterou-o completamente. E tudo começou com aquela conversa sobre os efeitos de tempestades com raios e trovões sobre o comportamento humano.

— Não fui eu quem iniciou o assunto — defendi-me com veemência. — Foi o senhor quem começou.

— Mas foi você — *Jachmann* replicou apontando-me acusatoriamente o dedo —, você, *Stiffeniis*, que conduziu a discussão em uma direção tão repugnante. O sangue congelou nas minhas veias!

Ele voltou a olhar para o fogo. — Quantas vezes lamentei aquela conversa odiosa! Kant estava estudando os efeitos da eletricidade no sistema nervoso naquela época, interessava-se por muito pouco além disso. E, na noite anterior, tinha havido uma tempestade terrível.

Todos os mínimos detalhes estavam vívidos na minha memória.

— Olhando para fora da sua janela — murmurei —, o senhor viu um estranho no seu jardim. Independente da chuva torrencial, dos raios e trovões, ele olhava para o céu em uma espécie de transe. O senhor, desconcertado por esse comportamento, perguntou a Kant se eletricidade estática poderia fornecer uma explicação para esse fenômeno.

— E ele respondeu dizendo que não era a descarga elétrica, era a energia infinita da Natureza que fascinara o homem — *Jachmann* continuou. — O poder destrutivo dos elementos deixara-o estupefato. Kant fez referência ao *incantamento horribilis*. A raça humana, ele disse, é fatalmente atraída pelo Terror Sublime.

Jachmann sentou-se pesadamente em uma poltrona, a testa apoiada nas mãos. — Eu estava chocado. Não conseguia acreditar no que ouvia. Immanuel Kant, o pai do racionalismo, exaltando os poderes do Desconhecido? O lado negro da alma humana?

— Eu me recordo. O senhor afirmou que tal poder pertenceria somente a Deus. Que o Homem possui amarras morais que não devem nunca ser questionadas...

— Então você falou — *Jachmann* se interpôs, ainda desviando os olhos, evitando fitar-me de frente. — E de repente o agradável jovem estudante que ganhara nosso respeito com suas boas maneiras e um raciocínio sólido revelou-se sob uma outra perspectiva.

— Eu apenas disse...

Ele ergueu a mão pedindo silêncio. — Suas palavras estão indelevelmente gravadas na minha memória. "Só uma experiência equivale ao poder ilimitado da natureza", você disse. "A mais diabólica de todas. Assassinato a sangue-frio. Matar sem motivo."

Jachmann me encarou, os olhos estreitos e ressentidos. Senti como se meu corpo tivesse sido despido, minha alma exposta ao olhar de todos.

— Quando o professor Kant mudou o rumo da discussão — continuou ele — fiquei-lhe grato. Mas o fantasma que você evocou naquele dia não sossegou. Ele insistiu em dar uma volta sozinho com você pela trilha que circunda a fortaleza, considerando que ele não saíra o inverno todo, exceto para ir à universidade. A névoa estava terrível, você se lembra. Mas eu sabia que ele queria voltar a conversar com você.

— O senhor tem curiosidade em saber se avançamos naquele mesmo assunto, não tem? — perguntei, defensivamente.

— Você está equivocado, *Stiffeniis* — replicou ele. — Totalmente equivocado! Eu não quero saber o que foi dito. Mas deixe-me contar o que aconteceu como consequência. Quando Kant voltou para casa, eu o estava esperando. Muito antes de vê-lo em meio à névoa, escutei seus passos. E o que ouvi foi o

suficiente para me convencer de que havia algo errado. Muito errado. Kant estava correndo. Correndo! Mas de quem? Do quê? Apressei-me a encontrá-lo e a expressão no seu rosto era assustadora. Melhor dizendo, eu fiquei assustado pelo que vi. Os olhos faiscavam com uma energia nervosa. Achei que estivesse com febre. Expressei minha preocupação, mas ele declarou que tinha um trabalho a fazer que não podia esperar nem mais um instante. Em resumo, ele me mandou cuidar dos meus próprios afazeres! E no dia seguinte me contou que começara a redigir um novo tratado filosófico.

Franzi o cenho. — Não ouvi falar de nenhum novo livro — comentei.

Jachmann balançou a cabeça com desprezo. — Não foi publicado. Por isso você não ouviu falar dele. Ninguém leu uma única linha. Na verdade, eu me inclino a acreditar que esse trabalho não existe. Naquela época, ele estava sob forte pressão psicológica. Alguns jovens filósofos o acusaram de ignorar os recursos mais profundos da alma. Emoção, eles sugeriam, era mais poderosa que Lógica e Kant ficou arrasado pela amarga controvérsia. Suas aulas estavam vazias nos seus últimos anos no cargo. Os jovens não queriam pagar para escutá-lo.

— Ouvi falar disso — assenti.

— Foi muito triste. Ele foi totalmente esquecido. "Fora de moda" é o termo que eles inventaram para isso, creio eu. A situação chegou a tal ponto que um de seus antigos pupilos, um jovem brilhante chamado Fichte — você já ouviu falar dele, tenho certeza — descreveu Kant como o "filósofo da indolência espiritual" em um livro que vendeu muito pela Europa inteira.

— Deve ter sido humilhante.

— Lembra-se da lendária pontualidade dele? — Jachmann recordou. Ele parecia mais calmo ao evocar o passado. — Como as pessoas em Königsberg costumavam acertar seu relógio pelos passeios de Kant? Bem, a nova geração de estudantes considerou ser uma brincadeira inteligente interromper as aulas, um após o outro, com o relógio na mão, dizendo: *Atrasado, senhor? Eu, senhor? Seu relógio deve ter parado de funcionar, senhor*. Isso levou Kant a uma aposentadoria prematura.

— Posso imaginar sua dor.

— Duvido! — Jachmann explodiu. Ele pulava de um assunto a outro com a energia frenética de um velho que defende uma causa perdida. — Mas quem foi mais afetado foi Martin Lampe.

— O criado? — perguntei, surpreso.

— Tive que demiti-lo. Depois de trinta anos de dedicação fiel! Ele era o empregado perfeito. Organização mental e disciplina podem produzir boas ideias, mas não resultam em uma administração doméstica eficiente. Kant tinha dificuldade em vestir as próprias meias! Lampe tomava conta dele, enquanto o patrão se concentrava nos livros.

— Mas por que o senhor o demitiu?

— Para o bem do próprio Kant, Stiffeniis! — ele me olhou atentamente, como se buscasse o tom de voz adequado para dizer o que se seguiu. — Eu não confiava mais em Lampe. Sendo mais preciso, tinha medo dele.

— Medo, senhor? O que quer dizer com isso?

— Ideias estranhas começaram a proliferar na cabeça de Lampe — *Herr* Jachmann continuou. — Ele começou a se comportar como se fosse o professor Kant. Disse-me, certa vez, que não haveria filosofia kantiana se não fosse por ele! Alegava que o novo livro no qual Kant trabalhava era dele, e não do patrão. Quando os estudantes começaram a abandonar as aulas de Kant, foi Lampe que teve as reações mais violentas. Ficou obcecado, gritava, dizendo que Kant devia mostrar ao mundo o que ele era capaz de fazer.

— Ele tinha mesmo que partir — concordei. — Mas quem está cuidando do professor, agora?

Jachmann pigarreou ruidosamente. — Um jovem chamado Johannes Odum administra a casa agora e parece realizar um bom trabalho.

Ele ficou em silêncio. De fato, parecia restar pouco mais a ser dito, e eu me levantei, pegando meu

chapéu, preparando-me para partir, já tendo falado tudo que tencionava falar.

— Por que, em nome dos céus, você escolheu Direito entre todas as carreiras? — perguntou-me ele em voz baixa.

Fiz uma pausa antes de responder. Devia ter me sentido insultado, mas havia certa satisfação no que lhe revelaria. — No dia em que vim a Königsberg, o próprio professor Kant aconselhou-me a me tornar magistrado.

— Ele fez isso realmente? — Jachmann franziu o cenho, evidentemente confuso. — Dadas as opiniões absurdas expressadas por você, só posso mesmo questionar se ele está em seu juízo perfeito!

— Foi durante nosso passeio ao redor da fortaleza depois do almoço — apressei-me em acrescentar, ignorando o comentário sarcástico.

Herr Jachmann balançou a cabeça com tristeza. — Aquele passeio! Tudo parece ter começado ali...

Houve uma batida na porta e um homem trajando um deselegante uniforme de copeiro inclinou a cabeça para dentro da sala sem chegar efetivamente a entrar.

— Aquele indivíduo está novamente aqui, senhor — anunciou, a surpresa claramente estampada no rosto, como se o patrão não estivesse habituado a receber visitas e a minha já fosse mais do que suficiente por uma manhã. — Ele diz que precisa falar com o procurador Stiffeniis.

Koch estava esperando no hall de entrada, o rosto lívido, a expressão contraída e tensa. — Perdoe-me interrompê-lo, senhor, mas é uma questão de grande urgência.

— O que foi?

— O rapaz da estalagem, senhor.

— Morik? — respondi asperamente. — O que aconteceu com ele?

— Ele foi encontrado, senhor.

Olhei-o por um momento. — Fico feliz em saber, sargento, mas não vejo a urgência...

— Desculpe-me, senhor — Koch interrompeu-me com determinação. — Talvez eu não tenha me expressado com clareza. O rapaz está morto, senhor. Suspeita-se de assassinato.

11

Os gritos coléricos e selvagens explodiram repentinamente à nossa volta. O rei! Onde está o rei?

— Seremos massacrados por Napoleão e ninguém parece se importar!

— Abaixo o rei! Morte ao rei! Viva a Revolução!

Nossa carruagem ribombou sobre a longa ponte de madeira que cruzava o rio Pregel, dispersando uma massa furiosa de homens que vaiavam e mulheres estridentes que se acotovelavam ao redor da cena do crime. Naquele turbilhão de barulho e escárnio, era impossível identificar os indivíduos que incitavam o protesto. Talvez nem houvesse líderes naquela multidão. Eu tinha a desagradável sensação de que a carruagem era uma embarcação frágil obrigada a navegar entre recifes convergentes que ameaçavam nos afundar a qualquer minuto.

— Eles culpam as autoridades pelo que está acontecendo — comentei ao prosseguirmos e deixarmos a massa raivosa para trás.

— O medo cresce a cada novo cadáver — Koch replicou. — É exatamente como o general Katowice temia, senhor. Boataria, multidões incontroláveis, revoltas. Esses assassinatos provocarão confusão. Rebeliões têm uma tendência a se espalhar.

— Eles almejam o terror — afirmei, sentindo o peso enorme da delicada tarefa que me fora incumbida. — Mas o que você estava dizendo antes de sermos interrompidos?

— O pescador de enguias, senhor. Ele encontrou o cadáver ao preparar as armadilhas. Os soldados trouxeram-no para o tribunal, e então me chamaram. Falei com ele, mas nada tinha a acrescentar, além da descoberta macabra. Se o senhor quiser interrogá-lo, registrei seu nome e endereço...

— Nós o veremos mais tarde, Koch. A que distância fica o Baleeiro Báltico daqui?

— Cerca de um quilômetro, senhor. Não mais do que isso.

Recordei o que Morik me contara na noite anterior, e a cena que eu observara mais tarde da janela do meu quarto. Que outra prova eu necessitava de que o rapaz e todos os outros foram assassinados por espões terroristas?

— O estalajadeiro e a esposa foram detidos?

— Foram, senhor.

— Assim que tivermos examinado o corpo — falei — vou interrogá-los. Então, talvez esteja em melhor condição para reportar minhas descobertas ao general Katowice.

De repente, a carruagem deslizou e derrapou, rodando e detendo-se com uma freada incerta formando um ângulo com o parapeito da ponte.

— Para trás! Vamos! Movam-se! — Soldados bloqueavam a passagem, os mosquetes apontados ameaçadoramente ao nosso condutor. O sargento Koch desceu e alguns minutos depois, devido ao meu grau de autoridade, a carruagem era liberada para cruzar o bloqueio. Por uma vez na vida, devo admitir, senti-me aliviado pelo comportamento intimidador das tropas.

Tendo cruzado a ponte e dobrado à esquerda na margem distante, o veículo se deteve cem metros adiante ao lado de um longo e escorregadio lance de escadas com os degraus de pedra cobertos de limo, através do qual alcançamos a margem barrenta e sulcada do rio. Era um lugar horrível, cheirando a sal. O nível da água estava baixo, a vegetação molhada e escura, achatada pela força de recuo da corrente. Apressamo-nos caminhando ao longo da margem, onde um grupo de soldados permanecia a postos, olhando para longe, armas de fogo em posição. Eles nos fizeram sinais com as baionetas fixas à boca da arma.

— Sou o novo procurador. Assegurem-se de que ninguém mais se aproxime — ordenei com aspereza,

lançando um olhar ao outro lado do rio à medida que as tropas recuaram.

A margem oposta estava repleta de observadores desocupados. Meia cidade se reunira ali, como se assistisse a algum espetáculo público grotesco ou desse as boas-vindas a um circo viajante. Com um sentimento de desgosto pela Humanidade no coração, voltei-me para a tarefa à minha espera, mas estaquei de repente. Um indivíduo estava ajoelhado na lama, a peruca que era sua marca tão peculiar brilhando com a umidade, o cadáver de Morik somente um feixe de roupa lamacenta, sem forma e retorcido, a carne pálida por baixo. Como uma fera selvagem pronta para se banquetear com sangue fresco e carne quente, o Dr. Vigilantius fungava e babava sobre o cadáver.

— Pelos céus! — gritei.

Vigilantius não ergueu o olhar. O ritual blasfemo prosseguiu inalterado.

— Isso é um ultraje! — explodi. — Quem o chamou aqui?

— Eu chamei, Stiffeniis.

A voz nas minhas costas era frágil, mas eu a reconheci antes mesmo de me voltar.

— Eu mandei chamar o Dr. Vigilantius.



Um chapéu de três pontas estava bem enfiado na cabeça de Immanuel Kant, quase lhe escondendo o rosto. Não usava peruca. Uma fina mecha de cabelo branco prateado adornava seu ombro esquerdo deformado. Protegido do frio com um manto reluzente e impermeável de um material marrom-escuro, ele se apoiava com força no braço de um jovem tão alto, robusto e protetor que podiam bem se passar por pai e filho, a idade revertendo os papéis que a Natureza designara para cada um deles.

Sua chegada inesperada à margem do rio roubou-me o poder da fala. É óbvio que, mais cedo ou mais tarde, nós, inevitavelmente, nos encontraríamos em Königsberg. Mas não naquele lugar, em circunstâncias tão tristes quanto aquelas. Quem lhe contara sobre a descoberta do corpo de Morik? Teria Jachmann informado o da minha presença na cidade e das razões da minha permanência ali? *Herr* Jachmann me advertira sobre as mudanças que a idade avançada infligira no filósofo, mas eu só podia comparar o que via naquele momento com a lembrança que guardava quando nos separamos naquela tarde, onze anos atrás, e Kant percorreu sozinho o trajeto para casa, mancando dolorosamente até ser engolido pela névoa. Ele não parecia um dia mais velho.

— Meu querido Hanno, que felicidade revê-lo! — disse ele, calorosamente.

Meu primeiro impulso foi tomar-lhe a mão e pressioná-la contra os lábios, mas uma reserva natural me impediu. — Eu não o esperava, senhor — falei, tentando esconder meu espanto e constrangimento.

— Eu não esperava nada diferente de você — replicou ele com um sorriso acolhedor. — Já foi apresentado ao Dr. Vigilantius, não foi?

Ele não esperou pela minha resposta e avançou, arrastando os pés, ainda segurando com força o braço do criado, e olhou o terrível espetáculo. — Ele ainda não terminou o exame, pelo que vejo.

Vigilantius estava ajoelhado ao lado do garoto assassinado, grunhindo como um porco sobre uma montanha de vísceras. Ao som do próprio nome, ergueu os olhos rapidamente, cumprimentou Kant com não mais que um aceno de cabeça e retomou o trabalho. A cena era horrível, nauseabunda, asquerosa, mas o professor Kant não parecia minimamente perturbado pelo que via.

— Espero que o doutor seja capaz de nos contar alguma coisa útil — confidenciou ele em voz baixa, olhando-me por cima do ombro, sua preocupação passional ainda mais expressiva pela falta de uma animação intensa. A inteligência aguçada que brilhava em seus olhos parecia sugerir que ele não perdera nada de seu reconhecido poder de raciocínio. — Você está se perguntando o que ele está fazendo aqui,

não está?

Kant permaneceu em silêncio, aguardando minha resposta.

— Ele é um seguidor de Swedenborg¹ — comecei, medindo cuidadosamente minha crítica. — Ele afirma falar com os mortos, senhor. O senhor mesmo condenou o mestre como sendo falsário e charlatão.

— Ah, aquilo! — Kant redarguiu com uma risada retinida. — Sonhos de um visionário é o único livro pelo qual me desculpei. Você desaprova o fato de eu ter chamado o herdeiro espiritual de Swedenborg na minha busca pelo assassino?

— Sua busca, senhor? Realmente, estou perplexo — admiti.

— Você não ficou impressionado pelo que ele tinha a lhe mostrar na fortaleza? — perguntou, um sorriso fino formando-se nos lábios pálidos.

Eu mal sabia o que responder. — A sessão espírita, senhor?

Kant franziu o cenho. — Sessão espírita? Foi tudo o que você viu ontem à noite?

— De que outra forma eu posso chamar aquilo, senhor? Um homem fazendo perguntas a um morto, o cadáver supostamente respondendo. Parti sabendo unicamente o que meus próprios olhos me revelaram quando examinei o corpo.

— Ah! — Kant exclamou com um sorriso. — Sua paciência se esgotou e você não ficou até o final. Eu devia ter previsto essa possibilidade — murmurou ele. Então perscrutou-me atentamente. — Então você está surpreso em ver Vigilantius aqui, mas não está surpreso em ter sido indicado sucessor de Rhunken. Estou certo?

A evidente ironia em relação à minha nomeação atingiu-me como uma bofetada.

— Parece que devo agradecer-lhe esta honra, senhor — comecei, mas uma voz mais alta que a minha se interpôs no diálogo.

— Esta morte não é como as outras, *Herr* professor. — Vigilantius se ergueu ao lado do corpo de Morik. — Este foi trabalho de outro assassino — afirmou.

— Outro assassino? — repeti, dirigindo-me ao professor Kant. — Por Deus, senhor, do que é que ele está falando?

Kant me ignorou. Virando-se para Vigilantius, pediu: — Explique-se.

O médico sorriu triunfantemente na minha direção antes de responder. — Este corpo não confirma o que sabemos dos outros corpos, *Herr* professor. O cheiro aqui é... inteiramente diferente. A energia com a qual a alma abandonou este corpo é diferente do que senti nos outros casos. Eles foram pegos de surpresa; este rapaz não. Ele sabia o que estava prestes a ocorrer. Chegou a ver o golpe antes de ser atingido, e estava aterrorizado.

Kant permanecia silencioso, absorto em seus pensamentos.

— Entendo — disse, por fim. — E esse cadáver lhe diz mais alguma coisa?

Eu estava estupefocado. Que feitiçaria poderia induzi-lo a se dirigir com tamanha deferência a um necromante infame? Kant formulara um código de ética social e análise racional que impelira a Humanidade das Trevas para a Luz. E agora ele convidava um charlatão adulator para revelar o que um cadáver lhe contara durante uma sessão espírita ordinária?

— Professor Kant! — explodi, incapaz de me conter. — O cadáver de *Herr* Tifferch revelou o que qualquer homem com dois olhos veria claramente. Suas costas estavam repletas de feridas, recentes e antigas...

— Já lhe disse como ele foi morto — o Dr. Vigilantius escarneceu. — Não foi por causa dessas feridas. Você teria visto a prova se tivesse tido a cortesia de esperar ontem à noite.

Kant virou-se e me encarou fixamente.

— Realmente, *Herr* procurador, o que você descobriu sobre essas feridas? — indagou ele, como um falcão que vislumbrou uma lebre manca.

— Eu sei que elas não o mataram — murmurei. — Foi um autoflagelo.

— Autoflagelo? — Kant me interrompeu. — O que você quer dizer?

— A primeira coisa que fiz hoje de manhã foi uma busca na casa dele — comecei — e lá encontrei provas de como essas feridas foram infligidas...

Parei, constrangido de mencionar tais assuntos com Kant.

— E então? — insistiu ele.

— Um chicote estava cuidadosamente escondido no armário, senhor — murmurei. — *Herr Tifferch* tinha uma vida privada um tanto excêntrica.

— Que interessante! — Kant exclamou. — Arranque a máscara do rosto de qualquer homem e o que encontraremos? Um coração sombrio por trás de um rosto sorridente, a madeira retorcida da Humanidade. Você acha que esse é o motivo por trás do assassinato?

— De forma alguma, senhor — repliquei. — Há outro elemento que parece indicar um ponto em comum em todos os outros crimes também.

Respirei fundo antes de continuar. Immanuel Kant era a autoridade intelectual que eu mais admirava no mundo do Iluminismo. Suas considerações eruditas sobre a "madeira retorcida" que era o Homem desbravaram o caminho da análise racional e do comportamento do indivíduo ilustrado. Ele me convocara a Königsberg para ajudar a solucionar um mistério e eu não tinha a menor intenção de desapontá-lo.

— *Herr Tifferch* possuía um estoque de lixo antinapoleônico escondido em um armário — declarei. — Ele pode ter sido assassinado por inimigos políticos do Estado.

O procurador Rhunken partilhava da mesma opinião. Li seus relatórios...

— Mas como ele morreu? — retrucou com rispidez, como uma víbora encolerizada. — É essa a questão que nos interessa, Stiffeniis.

— Eu... eu ainda não sei — admiti, hesitante. — Ele talvez...

Kant não me escutava mais. Rispidamente, virou-se para Vigilantius.

— Há alguma marca da garra no corpo do menino? — indagou.

Eu estava pasmo. O professor Kant usara o termo empregado pela mulher que encontrou o corpo de Jan Konnen. *A garra do Diabo*.

— Nenhum sinal, senhor. Não desta vez — replicou Vigilantius com gravidade.

— Do que estão falando? — gritei, frustrado, excluído da conversa pela intimidade cifrada do diálogo. Estaria Jachmann certo ao expressar preocupação pela saúde mental de Kant? — Nenhum traço do quê?

— Eu lhe mostrarei mais tarde — replicou Kant com um tom de impaciência. — Se existem dois assassinos, não precisamos de poderes paranormais para antever o transtorno que isso representa para as autoridades. Venha, Stiffeniis, vamos olhar mais de perto as evidências físicas.

Apoiando a mão fina no meu braço, e impelindo-me para a frente, demos um passo em direção ao corpo. Vigilantius afastou-se para o lado com um movimento majestoso, como um ator que acabou de recitar com sucesso sua fala, e eu me forcei a olhar para baixo. O que vi não foi o rapaz morto do Baleeiro Báltico. Vi outro corpo no chão molhado, o crânio esmagado, lascas de ossos brancos e brilhantes em uma mescla de sangue e massa encefálica, olhos fixos em mim através de um véu de vidro.

Lutei para neutralizar a visão não desejada, esforçando-me para concentrar toda a atenção no que estava, naquele momento, diante dos meus olhos.

— É ele — balbuciei. — Morik.

Marcas terríveis de violência estavam estampadas no rosto, ou no que restara dele. A parte esquerda do crânio fora esmagada como uma frágil casca de ovo. Fragmentos minúsculos de massa encefálica e respingos de sangue já congelado espalhavam-se pelo cabelo, têmpora, testa e maçãs do rosto. O olho esquerdo, caído sobre o canto da boca, olhava fixamente na direção do céu nublado, como se tivesse rastejado até ali por conta própria, como uma lesma asquerosa.

Kant deve ter praticamente lido minha mente.

— Essa visão o perturba? — indagou, olhando-me atentamente, estudando o meu rosto e não a face desfigurada da criança no chão. — É claro que sim. Seu irmão sofreu ferimentos similares no crânio, suponho?

Engoli em seco com dificuldade. O comentário de Kant me acovardou.

— O... esmagamento... foi no outro... no lobo direito — consegui responder.

— Vocês foram obrigados a examinar o corpo? — Kant perguntou, perscrutando-me de perto. — Não me lembro de ouvir falar de uma investigação criminal posterior.

— Não, senhor — murmurei. — Não houve investigação. — Ele hesitou por um instante.

— Vamos continuar com o trabalho, então.

— Ele... isso, quer dizer, foi um golpe terrível — continuei, lutando para direcionar minha atenção para a visão tenebrosa à minha frente. — A morte deve ter sido instantânea.

— E o garoto a viu chegar — Kant acrescentou. — Os punhos estão cerrados, aposto. Erga as mangas, por favor.

Antes que eu pudesse reagir, Koch se ajoelhou e puxou as roupas ensopadas acima das mãos do garoto para revelar a acuidade da intuição de Kant.

— O sargento Koch é meu assistente — expliquei rapidamente, tendo me esquecido completamente da sua presença a poucos passos atrás de mim. — Ele trabalhava para o procurador Rhunken.

— Seu nome não me é estranho — Kant replicou, observando Koch com curiosidade. Ele se aproximou e seguiu cada movimento, uma das mãos ainda sobre meu braço, a outra segurando com força o criado em busca de apoio.

— Repare na expressão do rosto do garoto, Stiffeniis — comentou ele, a voz tremendo de emoção. — Fisiognomia nos diz muito sobre essa expressão, não diz?

Eu só conseguia olhar fixamente o rosto do garoto morto, sentindo-me incapaz de elaborar um único pensamento.

— Você não vê? — Vigilantius falou ríspidamente. — Tudo é diferente aqui.

— Repare na posição das pernas — o professor Kant continuou, ignorando-nos, completamente absorto no que fazia. — Os outros estavam ajoelhados quando foram mortos.

O garoto não. Você viu a posição do corpo de *Herr* Tifferch ontem à noite. Agora é possível comparar. Dei instruções aos soldados para manter o cadáver sob a neve para você e o doutor examinarem.

Então era isso. A resposta à questão com a qual eu atormentara Koch. O professor Kant estivera por trás de tudo. Ele organizara e orquestrara cada movimento meu desde a chegada a Königsberg. Ele me mandara visitar o procurador Rhunken, que não me esperava. Em seguida, eu fora conduzido para a câmara de horrores de Vigilantius.

Kant decidira que eu deveria me alojar no Baleeiro Báltico. A polícia não tivera voz ativa no assunto. Nem tampouco o rei. Immanuel Kant sabia mais sobre esses crimes do que qualquer outro homem em Königsberg.

— Vamos verificar se Vigilantius está certo — disse ele. — Vire o garoto de bruços, *Herr* Koch. Faria essa gentileza?

Koch depositou Morik gentilmente com o rosto voltado para a lama. O cabelo e o pescoço do garoto estavam emplastrados de sangue e barro. — Traga-me água, sargento — pediu Kant e Koch apressou-se em direção à ponte, retornando com uma garrafa de metal cheia de água que pegara de um dos soldados.

— Molhe a cabeça dele — Kant instruiu. — Afaste o cabelo para trás e remova a lama.

Ele comandou as atenções de Koch com a firmeza que devia usar para guiar a mão de seu assistente de laboratório na universidade. — Mais água. Limpe o pescoço. Sim, ali, ali! — Kant apontava com impaciência.

À medida que o sangue e a sujeira eram removidos, uma carne branca emergia. Kant inclinou-se para a frente e observou atentamente as vértebras protuberantes do pescoço do rapaz. — Não há feridas aqui. Absolutamente nenhum sinal delas. A ferida do crânio foi feita com um martelo, ou algum objeto pesado. Deve ter sangrado copiosamente, e ainda assim não é possível identificar marcas de sangue no chão.

— O frio talvez tenha estancado o sangramento — sugeri.

— A baixa temperatura não explica essa ausência — Kant retrucou com um traço de irritação.

— O que o senhor sugere, então? — perguntei.

— Ele não foi morto aqui. Nem pelo indivíduo que buscamos. As evidências são bem óbvias — replicou ele. — Este garoto foi morto por outro motivo, seja ele qual for.

Fiquei atordoado. Kant chegara à mesma conclusão de Vigilantius.

— Mas não pode haver dois assassinos em Königsberg! — protestei. — Morik foi morto na estalagem. Eu o vi lá. O corpo foi deixado aqui para despistar. Tenho fortes razões para acreditar que ele sabia algo sobre os outros crimes. Oh, céus! Conversei com ele na noite passada.

Os olhos de Kant brilharam de excitação. — Você falou com o garoto? Quer dizer que chegou à estalagem e imediatamente conquistou sua confiança? Bem, isso é realmente impressionante! Eu estava certo em tê-lo escolhido e igualmente certo em mandá-lo ao Baleeiro Báltico.

Por um momento, acreditei que o comentário fosse sarcástico. Em seguida pensei que, talvez, ele estivesse genuinamente impressionado. Ele me alojara lá sem nenhum outro propósito, afinal de contas. — Aquela taverna é um covil de espionagem e sedição — comentei. — Mas o senhor já sabia disso, não é?

Kant fitou-me e posso jurar ter visto uma piscadela travessa no seu olhar.

— Sua chegada deve ter causado alguma tensão — observou ele em voz baixa.

Os eventos da noite anterior na estalagem voltaram-me à memória. A raiva no rosto de *Herr Totz*, o comportamento suspeito da esposa, o terror que o garoto sentia dos dois. Relatei a Kant tudo o que Morik me revelara sobre os estrangeiros hospedados ali, e acrescentei o que vira do meu quarto na noite passada.

— É exatamente como o procurador Rhunken suspeitava — concluí. — Um levante. Agitadores estrangeiros. Que melhor motivo poderia justificar esses assassinatos?

— Posso apresentar uma centena deles — Kant replicou imediatamente. — Um certamente me ocorre. Contemplou o rio Pregel, como se as águas escuras o ajudassem a se concentrar.

— Perdão, senhor? — perguntei timidamente.

— O prazer sublime de matar, Stiffeniis — replicou ele pausadamente, espaçando com cuidado as palavras.

Eu estava perplexo. Escutara-o corretamente?

— O senhor está falando sério? — o sargento Koch precipitou-se. — Perdão, *Herr Stiffeniis* — desculpou-se ele. — Não foi minha intenção interromper.

— Aprecio sua franqueza, *Herr Koch* — Kant replicou. — Prossiga, sargento. Diga o que tem vontade.

— Alguma pessoa, em sã consciência, poderia matar por esse motivo? — Koch indagou. Ele não parecia nada intimidado pela reputação de Immanuel Kant. — Por prazer e nada mais?

Kant estudou-o zombeteiramente por um momento. — O senhor já esteve na guerra, sargento?

Koch piscou e meneou a cabeça.

— Mas tem amigos ou conhecidos no exército?

— Sim, senhor, mas...

Kant ergueu a mão. — Escute-me por um momento, Koch. Se você vai objetar que matar um inimigo no campo de batalha é uma questão de dever, não vou discutir. Mas existe uma ambiguidade na execução dessa tarefa que pode valer a pena considerar. Conheci poucos soldados que tivessem vergonha da sua

capacidade de matar, ou fossem reticentes em alegar que perpetraram as mais sofisticadas selvagerias no nome sagrado do dever. E não somente no campo de batalha. Os duelos são comuns entre os oficiais do nosso exército — ele balançou a cabeça ao contemplar o cadáver. — Um homem que possui essa habilidade para matar pode encontrar um prazer incalculável em fazer uso dela.

— Um soldado, senhor? É essa a sua teoria?

Kant dirigiu sua atenção para mim, como se Koch nunca tivesse aberto a boca.

— Imagine o poder de vida e morte nas mãos dessa pessoa, Stiffeniis! Ele escolhe a vítima. Escolhe a hora e o local da execução.

— Kant enumerou essas circunstâncias com seus finos dedos pálidos. — Somente Deus possui um poder tão ilimitado na Terra. O ato de matar pode ser uma fonte de imenso poder, de gratificação em si mesmo, mas não se encerra aí. Olhe para lá — continuou ele, apontando para a multidão alinhada na outra margem do rio. — Veja esses soldados guarnecendo a ponte. Considere nossa presença aqui, o terror que motivou as autoridades a nos convocarem. Quem quer que ele seja, quaisquer que sejam seus motivos, esse indivíduo desencadeou o Caos em Königsberg. Ele nos comanda a todos.

— Poder, senhor? — Koch insistiu com o cenho franzido. Essa hipótese parecia alarmá-lo mais do que qualquer outra.

— Um poder que não aceita nenhum limite humano, sargento Koch. Uma divindade. Ou um demônio, se você preferir.

Um vento frio varreu as águas do rio Pregel. Quando o Dr. Vigilantius falou, sua voz soou tão ríspida quanto a primeira fissura da calota polar na primavera.

— Professor Kant — disse ele —, não há mais nada que eu possa fazer pelo senhor. Tenho assuntos urgentes a tratar. Se precisar novamente de mim, sabe como entrar em contato.

— Sua ajuda foi de um valor inestimável para o caso, senhor — Kant respondeu com todo o respeito que teria empregado se David Hume ou Descartes estivessem presentes. — Stiffeniis fará bom uso das suas descobertas.

Com um último e desdenhoso olhar na minha direção, Augustus Vigilantius, aquele cintilante meteoro do universo swedenborgiano, virou-se e caminhou ao longo da margem do rio, para nunca mais aparecer em Königsberg enquanto eu estive ali, exceto nas colunas do jornal *Hartmanns Zeitung*. Seu "assunto urgente" revelou tratar-se de uma conversa com um bode, que fora possuído pela alma do fazendeiro que um dia fora seu dono.

Kant sorriu calorosamente para mim. — Espero não precisarmos dele no futuro — comentou. — Agora, no que se refere à sua teoria de conspiração, Stiffeniis, você deve verificar essa possibilidade.

Fiquei admirado. — Pensei que o senhor não compartilhasse da minha opinião.

— É a sua teoria, Stiffeniis — continuou ele calorosamente. — Você deve testar essa hipótese. Essa é a essência da metodologia científica moderna. Vá agora para a fortaleza e interrogue os proprietários da estalagem. Quando tiver terminado, há algo que gostaria de mostrar a você.

— Com licença, *Herr Stiffeniis* — Koch interveio. — E sobre o pescador que encontrou o corpo, O senhor vai precisar falar com ele?

Antes que eu pudesse responder, Kant virou-se ríspidamente para Koch.

— Não desperdice o tempo do seu superior! Aquele pobre homem não sabe de nada, estou seguro. Vou pegá-los às quatro da tarde — concluiu ele e caminhou na direção da ponte. Depois de alguns passos vacilantes, ele se virou com um sorriso enigmático.

— Você não está curioso em saber mais sobre a garra do Diabo, Hanno?

Não esperou minha resposta.

— Estou à disposição, senhor — murmurei, observando em silêncio até ele alcançar em segurança a escada que levava à rua. Em seguida, dei ordens para removerem o corpo de Morik, esperando os soldados começarem a triste tarefa. Ao cobrirem o rosto do garoto, eu me lembrei do falso sorriso de

Frau Totz e de sua pretensa preocupação pela criança naquela manhã. Uma onda de ódio me invadiu.
— Para a fortaleza, Koch — ordenei secamente. — É hora de fazermos certas pessoas soltarem a língua.

¹ Emanuel Swedenborg (1688-1772). Cientista, filósofo, teólogo e místico sueco fundador da Nova Igreja ou Igreja da Nova Jerusalém, que teve numerosos seguidores, especialmente no Reino Unido e nos Estados Unidos. (N. T.)

12

Koch lançou um olhar pelo aposento com uma amostra de preocupação. — Mandei trazerem seus pertences da estalagem para cá — explicou. — Foi o melhor que consegui fazer em tão pouco tempo.

O cômodo no primeiro andar da fortaleza era minúsculo. Havia espaço apenas para uma cama estreita e uma cadeira de madeira sobre a qual minha sacola de viagem fora colocada. O odor ácido de urina já envelhecida de uma bacia de noite de porcelana trincada colocada embaixo da cama empestava fortemente o ar. Uma janela alta sobre a parede quase não iluminava o ambiente e fazia um frio glacial lá dentro. Ninguém se dera ao trabalho de acender a lareira. Os gritos e lamentos dos prisioneiros lá embaixo cessaram, o que era um alívio, mas, se um carcereiro viesse e nos trancasse ali por todo o tempo, eu dificilmente me surpreenderia.

— Vai servir bem — comentei com menos animação do que realmente sentia. Tomara posse do quarto particular do procurador Rhunken, o aposento que ele usava para descansar quando a pressão do trabalho lhe negava o conforto de voltar para a própria casa. Contemplei as quatro paredes como se para me familiarizar com sua monotonia cinzenta.

— É aqui que eu devia ter sido alojado desde o início — acrescentei, com a convicção de um ermitão examinando a caverna na qual estava destinado a passar o resto de sua vida de penitência.

— O senhor fez algumas descobertas importantes lá no Baleeiro Báltico — o sargento me recordou.

— Deveríamos ser gratos pelas pequenas dádivas, creio eu.

— O professor Kant pareceu satisfeito — Koch continuou, embora seus lábios semicerrados contradissem a afirmação.

— Algo o incomoda, Koch?

Ele não tentou negar a insinuação, puxando o colarinho da camisa como se o aposento estivesse dez graus mais aquecido.

— Várias coisas, senhor — começou ele com certa hesitação. — Eu estava me perguntando sobre o professor Kant, senhor.

— O que tem ele? — perguntei bruscamente.

— Fiquei totalmente surpreso em encontrar aquele cavalheiro nas margens do rio hoje de manhã, senhor. Naquela idade, parece-me estranho que ele demonstre um tamanho...

interesse mórbido em assassinatos. O senhor não acha?

— O interesse dele por assassinatos, Koch, não é um interesse comum, se é isso que você quer dizer — repliquei rapidamente, pois o sargento expressara em voz alta uma perplexidade que também era minha. — *Herr* professor Kant não pode aceitar a desordem que o crime acarreta, apenas isso. Ele teme por Königsberg e enfrentará qualquer aborrecimento pela cidade que ama.

— Entretanto, ele não parecia partilhar da sua teoria de que uma conspiração revolucionária esteja por trás desses crimes — continuou Koch.

— O professor Kant não é magistrado nem policial — expliquei. — Ele admitiu que essa parece ser a explicação mais óbvia. Ele é o teórico supremo do racionalismo na Prússia. Quer uma hipótese que possa ser confirmada por provas concretas. Quando nos reencontrarmos nesta tarde, espero fornecer a prova definitiva que ele busca.

— Claro que sim, senhor — disse Koch. Ele não parecia inteiramente convencido.

— E o outro assunto?

Koch colocou a mão sobre a vestimenta como se para acalmar as batidas do coração ou para se desculpar antecipadamente pelo que estava prestes a dizer. — É a respeito do seu irmão, senhor —

começou ele. — *Herr* Kant o mencionou ao estabelecer uma relação com o garoto hoje de manhã. Seu irmão foi assassinado, senhor?

Virei-me meio corpo, abrindo minha sacola e fingindo procurar algo no seu interior.

— Não assassinado — respondi secamente. — Como contei a ele, sargento, foi um acidente. Um trágico acidente.

Vasculhei no conteúdo da minha sacola a fim de evitar seu olhar. Quando ergui novamente os olhos, pensei ter visto uma expressão de perplexidade no seu rosto simples.

Passando reto por ele, caminhei para o aposento anexo.

— Onde estão os prisioneiros? — perguntei.

— O oficial *Stadtschen* está esperando pelas suas ordens antes de trazê-los para cima, senhor — *Koch* respondeu, endireitando o paletó, o rosto, novamente uma máscara neutra.

— Peça a ele para vir sozinho, sim?

Como se eu tivesse chamado o Diabo, o Diabo chegou. Houve uma batida seca na porta e *Stadtschen* se apresentou com um maço de papéis na mão. Era um homem enorme, com um rosto gorducho e corado, resplandecente em um uniforme azul-escuro com listas brancas nas mangas e ao longo dos culotes. — Visitantes estrangeiros em Königsberg, senhor — anunciou ele com uma mesura, entregando-me uma cópia da lista de nomes que fora preparada para o general *Katowice*.

Apanhei o papel da mão dele e corri os olhos pelos nomes.

— Vinte e sete pessoas? Em toda Königsberg?

— Não recebemos muitos forasteiros nesta época, senhor — explicou o oficial. — Há os navios, é claro, mas a maioria deles chega e parte no mesmo dia, ou então a tripulação permanece a bordo. Visitantes ocasionais evitam a cidade, senhor. Nenhum homem sensato quer se deixar assassinar.

— Algum dos nomes da lista é conhecido da polícia?

- Não, senhor. Verifiquei isso pessoalmente.

Reparei nos nomes dos três comerciantes de joias que estiveram no Baleeiro Báltico na noite anterior. — Você fez uma busca na estalagem, não fez?

— Com certeza, senhor — afirmou ele, colocando um maço volumoso de papéis na mesa diante de mim. — Aqui está uma amostra do material encontrado ali.

— Estava escondido?

— Em uma câmara secreta, *Herr* procurador. Um alçapão sob o tapete em um dos aposentos superiores.

A imagem de *Morik* espionando voltou-me à memória. Teria sido isso que ele tentara me informar na noite anterior? Que uma reunião sediciosa estava ocorrendo no quarto em frente à minha janela?

— Papéis e mapas, senhor — *Stadtschen* continuou.

— Mapas?

— De Königsberg, senhor, e de outros locais também. E folhetos escritos em francês. O nome de *Bonaparte* aparecendo em letras garrafais no texto.

— Encontraram alguma arma?

— Nenhuma, senhor — *Stadtschen* replicou com um sorriso —, exceto uma velha pistola no quarto de dormir de *Totz*. Está enferrujada como uma âncora perdida e vai explodir no rosto de qualquer pessoa temerária o suficiente para dispará-la.

— Quantas pessoas você prendeu?

— Somente o estalajadeiro e a esposa. Os comerciantes que o sargento *Koch* mencionou que talvez lhe interessassem partiram da cidade de manhã bem cedo. Talvez pelo mar. Os soldados tentam seguir-lhes o rastro agora.

— *Totz* ou a esposa disseram algo no momento da prisão?

— Não prestei muita atenção, senhor — replicou *Stadtschen*. — Eu tinha questões mais importantes

para tratar.

— O que você quer dizer com isso?

— Bem, senhor — Stadtschen passou a mão pela boca. — Os homens têm estado sob forte pressão desde que esses assassinatos começaram. Tive dificuldade em mantê-los na ordem. Eu não queria que eles fizessem justiça com as próprias mãos, se o senhor entende o que quero dizer.

— Muito bom — concluí. — Podemos começar, então. Stadtschen colocou-se rapidamente em posição de sentido.

— Em primeiro lugar, senhor, o general Katowice quer que os prisioneiros da Seção D sejam separados dos outros.

— Seção D? — perguntei.

— Os deportados, senhor. O general quer que eles sejam transferidos para o porto de Pillau. Prontos para embarque imediato. Se a conspiração francesa se confirmar, a prisão ficará repleta de agitadores políticos e terroristas. A fortaleza de Königsberg poderia se transformar no equivalente prussiano da Bastilha, senhor. É assim que o general considera o problema. Sessenta deportados deixaram a prisão de Swinemunde ontem a bordo do *Tsar Piotr*, que deve atracar em Pillaa amanhã em alguma hora do dia, senhor. O procurador Rhunken tinha feito uma lista provisória — Stadtschen respirou fundo e baixou os olhos —, mas, bem, ele não teve a chance de assiná-la ou selá-la.

Ele me entregou um documento escrito em letra itálica em um pergaminho grosso. Eu conhecia o édito real a que o título fazia referência. Uma cópia do original fora enviada ao meu escritório em Lotingen alguns meses antes. O temor de uma revolução jacobina assolava a Prússia; todos os administradores das prisões receberam a ordem de elaborar uma lista de "homens que representem uma ameaça à segurança da nação, fazendo uso de qualquer tipo de expediente violento para escapar da prisão, tendo frustrado a missão das instituições penais de corrigi-los e repreendê-los".

— O procurador Rhunken selecionou seis nomes para deportação, senhor. O general Katowice acrescentou mais dois. Ele pede que o senhor finalize o procedimento.

Corri os olhos pelos nomes escritos no pergaminho.

Geden Wrajewsky, 30, deserção

Matthias Ludwigssen, 46, falsificação de moedas em metal não-precioso

Jakob Stegelmann, 31, má índole, 53 condenações por embriaguez e arruaça

Helmut Schuppe, 38...

— Oh, Deus! — exclamei com horror ao ler as acusações contra ele. — Os lobos da Sibéria não terão muita chance com homens como estes.

— Exatamente, senhor — Stadtschen replicou com um amplo sorriso. — Eles são realmente ruins.

Andreas Conrad Segendorf, assassinato e rapto

Franz Hubtissner, 43, roubo de gado

Anton Lieberkowsky, 31, assassinato da mãe

Meu coração disparou. Quantos anos de trabalho forçado, açoites, gelo e frio cortante seriam necessários para punir um Caim como esse?

— Se o senhor quiser acrescentar Totz e a esposa à lista — Stadtschen prosseguiu —, eu os transfiro

para a Seção D agora mesmo.

Mergulhei a pena no tinteiro e desenhei uma linha abaixo dos nomes. Ao assinar, perguntei-me quantos dias a mais de vida essa decisão concederia ao assassino, Ulrich Totz, e sua comparsa. Prisioneiros condenados a trabalhos forçados na Rússia dificilmente sobreviviam a mais de dois ou três meses.

— Gostaria de concluir minha investigação antes de decidir o que fazer com eles. Excelente trabalho, Stadtschen. Você se saiu muito bem — elogiei, entregando-lhe de volta os documentos. Ele corou de orgulho. Conquistando meu apreço, podia ter esperanças de acelerar sua ascensão profissional. — Agora vamos ver Gerta Totz primeiro.

Estava ansioso para começar. Saberia a estalajadeira do destino de Morik naquela manhã, quando se dissera tão preocupada com a segurança do garoto? Estaria ela tão propensa a sorrir agora que Morik estava morto e ela enfrentava uma acusação de assassinato?

A prisioneira foi conduzida para o meu escritório alguns minutos depois.

— Entre, Frau Totz — falei, ignorando-a propositalmente, remexendo entre os papéis que Stadtschen deixara sobre a mesa: provocações com o intuito de fomentar o descontentamento político misturando o nome de Bonaparte com refrões que escutei na França: liberdade, igualdade e violência bárbara. — Agora, vamos...

Ergui os olhos. A visão congelou-me as palavras na boca. A mulher fora tratada com mais severidade do que Stadtschen admitira. O rosto estava inchado, arranhado e repleto de edemas, o lábio inferior cortado e sangrando. Entretanto, era ainda capaz de uma versão disforme do sorriso açucarado com o qual ela me cumprimentara naquela manhã.

— Senhor procurador? — disse ela, juntando as mãos de maneira servil, como se esperasse meu pedido de comida e bebida.

— Sente-se — respondi, evitando-lhe os olhos. Stadtschen colocara a mão pesada sobre os ombros dela, obrigando-a, com tamanha força, a se sentar, que a cadeira rangeu. Eu estava prestes a repreendê-lo, mas a imagem do crânio esmagado de Morik, o olho pendurado no canto da boca voltou-me à memória.

— Bem, Gerta Totz, o que você tem a dizer em sua defesa? Ela ergueu os olhos, o rosto contraído com uma terrível preocupação. — *Herr Stiffeniis*, eu imploro humildemente pelo seu perdão — balbuciou ela, fechando o punho para conter as lágrimas. — Fecharam a estalagem, senhor. O que o senhor fará agora? Onde vai se hospedar?

— Essa deve ser a menor das suas preocupações — repliquei. — Você me disse hoje de manhã que estava procurando Morik. Sabia que ele estava morto?

— Oh, *Herr Stiffeniis*! O que o senhor está dizendo? Eu estava enlouquecida de preocupação. Aquele menino é uma bendita amolação. Pensei que ele estivesse incomodando o senhor...

— Por que ele deveria me incomodar? — interrompi.

— Ele sabia que o senhor era um magistrado. Ele...

— É por essa razão que ele foi morto?

— Que ideia, senhor — balbuciou ela. — Eu estava certa em me preocupar, não estava?

— Têm ocorrido alguns eventos escusos no seu estabelecimento — continuei. — Morik revelou-me a trama. Ele sabia que os assassinatos ocorridos em Königsberg foram planejados e executados pela senhora, seu marido e outros frequentadores daquela estalagem.

Ela não retrucou a minha afirmação. Não diretamente.

— Foi isso que Morik lhe contou, senhor? — replicou a mulher. Ela juntou as mãos como uma criança rezando e inclinou-se para a frente sobre a escrivaninha, lutando contra a mão coibitiva do oficial Stadtschen, o sangue pingando livremente do corte no lábio inferior e escorrendo pelo queixo e pescoço. — Meu Ulrich tinha muito medo. Ele viu Morik rondando sua mesa ontem à noite. Nós dois percebemos, senhor. Avisei a ele. E depois também ao senhor, não foi?

Não me dei ao trabalho de responder.

— Avisei, senhor. Avisei, sim. Mas aquele garoto tinha uma imaginação desenfreada — ela prosseguiu. — Ele era um perigo. Com ele, quem podia dizer onde terminava a verdade e começava a mentira? Quando meu marido foi informado de sua chegada, a primeira coisa que ele disse foi: "Teremos que mandar o garoto embora, Gerta". Ulrich temia que algo de ruim pudesse ocorrer se Morik soubesse de seus assuntos em Königsberg. Mas não podíamos arcar com os custos de outro camareiro.

— O Baleeiro Báltico é um notório covil de conspiradores estrangeiros — persisti. — Havia três ou quatro deles presentes no jantar ontem à noite, dois franceses e um de origem alemã que alegavam ser mercadores de pedras preciosas. O que você tem a dizer sobre eles?

— Aqueles viajantes, senhor? Não foi a primeira vez que eles se hospedaram na estalagem. São corretos, trabalhadores esforçados, aqueles cavalheiros. Sempre pagaram a conta em dia.

— São jacobinos — insisti. — Espiões franceses.

A mulher piscou ante a violência da minha reação. — Não entendo o que se passa com o senhor — protestou ela. — São homens honestos, posso jurar.

— Você e seu marido tramam com eles, Frau Totz — persisti. — Foi por isso que Morik foi morto.

— Não é verdade, senhor — lamuriou-se a estalajadeira. — Não é. Meu Ulrich ficou feliz com o que ocorreu na França, não vou negar. Quem não ficou? A Revolução foi a resposta dos franceses àquele terrível rei que eles tinham, não um cavalheiro de leis justas e respeito pelos cidadãos como nosso querido rei Frederico. As ideias francesas não são tão terríveis, senhor. Liberdade, igualdade, frat...

— Não estamos falando sobre ideias — insisti. — Havia um complô contra o governo, Frau Totz.

— Um complô, senhor? — choramingou ela, erguendo as mãos para o céu e balançando a cabeça de um lado para o outro em negação. — Foi isso que Morik lhe contou?

— Eu lhe contei que vi Morik em um quarto em frente ao meu, do outro lado do pátio. Você negou o fato esta manhã. Ainda assim, naquele quarto, naquele mesmo quarto, os soldados descobriram esse estoque de material subversivo.

— É apenas um depósito, senhor — lamentou-se ela.

— Neguei a existência dele antes porque não queria que o senhor se preocupasse com as bobagens que passavam na cabeça daquele garoto.

— O garoto está morto! — gritei. — Assassinado por causa dessas bobagens!

— Todos nós usamos aquele porão, senhor — gemeu ela, desesperada. — Todos nós. Eu, meu marido, Morik. Sim, Morik, senhor! Está abarrotado de móveis quebrados e toda a roupa de cama de verão da estalagem, mais os objetos que as pessoas deixam para trás sem perceber. Nunca jogamos nada fora, no caso de alguém retornar e pedir de volta. O que quer que tenha sido encontrado, se não for de uso da estalagem, não é nosso, senhor. Juro.

— Stadtschen, onde exatamente foi encontrado o material subversivo?

— Bem escondido dentro de um baú, embaixo de alguns cobertores, senhor — confirmou o oficial.

— Esses papéis não nos pertencem, senhor — Gerta Totz protestou. — Nunca os vi. E, sobre Morik, eu só o aceitei para ajudar minha irmã. Ele não batia bem da cabeça. E esses crimes não lhe fizeram nenhum bem. É muito possível que ele acreditasse que o assassino estivesse escondido na nossa casa, mas o senhor certamente não pensa assim, não é? Não o senhor, *Herr Stiffeniis*? Ulrich e eu estamos com tanto medo de andar pelas ruas como qualquer alma inocente nos últimos meses. Não tem sido fácil, temos sofrido uma queda nos negócios. Desde que aquele homem foi encontrado morto no cais do porto, tem sido difícil manter o estabelecimento funcionando.

Essas palavras foram despejadas em uma arremetida tão impetuosa que tive dificuldade em registrá-las por escrito. A mentira era deslavada, mas eu teria que vencer a resistência da mulher se quisesse incriminar ela e o marido.

— Essas mentiras são suficientes para condená-la — afirmei, fitando-a friamente.

Vi outra Gerta Totz diante de mim, uma versão perversa e criminosa da acolhedora, reconfortante e excessivamente curiosa estalajadeira que eu encontrara pela primeira vez na noite anterior. Era o tal sorriso petrificado no rosto que produzia esse efeito. Sua falsidade afetada me dava calafrios. Era acusada de assassinato e, ainda assim, insistia em sorrir, como se aquele sorriso fosse seu recurso mais bem testado e comprovado. Aquilo me assustava.

— O senhor vai me torturar, não vai?

Congelei.

Teria ela lido meus pensamentos, interpretado alguma expressão maligna no meu rosto? Embora o rei Frederico Guilherme III tivesse proibido formalmente seu uso, o decreto real não pusera fim à prática. Karl Heinz Starbeinzig, um proeminente jurista prussiano, publicara recentemente um artigo a favor da sua reintrodução e que fora muito bem recebido no tribunal. "Tortura é um método rápido e barato", argumentara ele. "Engloba dois princípios essenciais do Estado moderno: economia e eficiência." Para obter informações precisas sobre a forma e razão pela qual Morik fora morto, a tortura poderia vir a se revelar útil.

Frau Totz deixou escapar um gemido de medo. — O senhor tem poder para matar Ulrich e a mim. Mas o que está ocorrendo em Königsberg não vai terminar com a nossa morte.

— Veremos. Tem algo mais a acrescentar neste momento?

Ela chorou alto e arrancou os cabelos, mas não disse uma palavra. Acenei para que Stadtschen a levasse para fora da sala. Mas, ao tentar erguê-la, a mulher lançou-se sobre a minha mesa. A saliva sangrenta que escorria dos lábios dela pingou nas minhas anotações. Ela me encarou desafiadoramente, o sorriso terrível ainda presente, mas, agora, torcido de raiva.

— Por que o senhor veio para o Baleeiro Báltico? — rosnou ela. — O que queria de nós?

Eu me afastei do jato de sangue e bile.

— Alguém o mandou. Para nos pegar em uma armadilha.

Stadtschen segurava-a pelo pescoço e tentava arrastá-la para longe da minha escrivaninha.

— Alguém que preza muito a cidade — retruquei com aspereza.

— Alguém que quer nos destruir — guinchou ela de volta, agarrando-se à mesa com as unhas. — O Diabo o mandou! O Diabo!

— Você nunca vai saber o quanto está errada.

— Você matou Morik! — ela cuspiu as palavras no meu rosto. Sangue respingou-me nas mãos e no punho de linho da camisa. — Você e quem quer que o tenha enviado à estalagem!

— Stadtschen, tire-a daqui — gritei, mas Frau Totz agarrou-se à mesa com ferocidade e lançou-se novamente na minha direção.

— Eu sabia que você nos traria destruição. No instante em que o vi. Você encorajou Morik! Ele contou aquelas histórias estúpidas e você acreditou nelas. Não havia nada para ser descoberto na nossa estalagem. Foi você chegar e Morik morrer. Você o matou, *Herr Stiffeniis*. E agora vai nos exterminar também..

Aconteceu tão rapidamente que eu me surpreendi. Antes que pudesse me dar conta, meu punho fechado se lançou para a frente e golpeou a mulher diretamente no nariz.

Não foi um golpe terrível, mas teve força suficiente para fazer o sangue jorrar das narinas. O corpo se dobrou de dor à medida que ela escorregava para o chão.

— Leve-a para baixo — ordenei.

Koch e Stadtschen fitaram-me em silêncio.

— Stadtschen, leve-a para as celas lá embaixo — repeti.

O oficial Stadtschen piscou, deu um passo à frente e ergueu a mulher do chão. Algemou-a com as mãos às costas e empurrou-a pela porta. — Deviam enforcá-la, sua prostituta sem-vergonha! — gritou. — Vão lhe dar umas boas-vindas que você não vai esquecer!

Sentei-me à mesa, respirei devagar e profundamente, e, em seguida, limpei cuidadosamente as manchas de sangue em mim e nos papéis com um trapo velho que usava para limpar as penas.

— Eles vão machucá-la, senhor — Koch advertiu em voz baixa. — Os guardas vão machucá-la seriamente.

Não olhei para ele. Nem respondi. Que pensamentos cruéis passaram-me pela mente naquele instante? Que punição eu acreditava que ela merecia pelo que tinha feito a Morik?

Peguei minha pena, mergulhei-a fundo no tinteiro, assinei e datei o depoimento da mulher com grande determinação. Derreti a cera na chama da vela e afixei cuidadosamente o meu lacre.

Então, e somente então, virei-me para o sargento Koch. — Diga a Stadtschen para trazer o marido — ordenei.

Herta Tottz me dissera o nome do assassino de Morik. Apesar do absurdo da acusação, eu não conseguia me libertar do sentimento de responsabilidade e até mesmo de culpa que o episódio envolvia. Fora eu a causa involuntária da morte do rapaz? Teria o mero ato de falar comigo sido suficiente para provocar o assassinato?

Tentei substituir esses pensamentos sombrios por outros mais resolutos. Precisaria ser mais incisivo se quisesse confirmar minhas suspeitas de um complô político no Baleeiro Báltico. Obtivera pouco de Frau Tottz. A menos que o marido se revelasse mais propenso a falar, eu seria obrigado a apelar para a tortura. Pouco importava se a ideia me agradasse ou não, o agravamento da situação política me obrigaria a utilizar ferro quente e pesos.

O oficial Stadtschen entrou na sala após alguns instantes, empurrando Ulrich Tottz à sua frente. O estalajadeiro parecia ter recebido um tratamento mais generoso que a esposa. Trazia somente um arranhão escuro e comum no alto da testa, mas nada pior. Não havia feridas abertas. Nem sangue para respingar nos meus papéis e roupas.

— Sente-se, Tottz — ordenei, apontando para a cadeira.

— Prefiro ficar de pé — replicou o homem. Stadtschen empurrou-o pelas costas.

— Obedeça às ordens — uivou.

Observei Ulrich Tottz pelo canto do olho enquanto organizava novos papéis e me preparava para interrogá-lo. Um sorriso arrogante se formava em seus lábios rudes.

— Alguma coisa o diverte, *Herr Tottz*? — indaguei.

— Com sua permissão, *Herr Stiffeniis* — começou —, aquela cela fede. Está cheia de ratos. O senhor encontrou acolhimento sob o meu teto.

— É acolhedora se comparada à vala comum reservada a um assassino — retruquei com aspereza.

Ele respondeu com um dar de ombros displicente: — Muito bem, *Herr* procurador Stiffeniis, vamos direto ao assunto. Não vai demorar muito. Eu confesso o crime. Matei Morik com essas mãos que estão à sua frente.

Ele as ergueu para que eu as examinasse. Eram grandes e rechonchudas. Era fácil imaginá-las pegando algum objeto pesado e esmagando a lateral da cabeça de Morik.

Quantos golpes foram necessários, eu me perguntei com um calafrio interior, antes que o olho do rapaz saltasse para fora da órbita e o crânio expelisse sua massa sangrenta? Apesar do sentimento de revolta, meu coração disparou de excitação. O assassino estava pronto para confessar.

— Quero os fatos, Tottz — falei calmamente.

Ele assentiu e, em seguida, falou por dez minutos ininterruptos, descrevendo tudo o que ocorrera no Baleeiro Báltico na noite anterior. Uma confissão tão abrangente deveria ter me deixado satisfeito, ainda assim havia algo de teatral e melífluo no relato que me desconcertava. Só a tentação de acreditar que essas confissões completas em breve me liberariam da investigação paralisaram as objeções que eu, porventura, poderia levantar. Deixei-o prosseguir livremente, minha mão correndo pela página enquanto registrava a confissão.

— Sempre apoiei o que aconteceu em 1789 — declarou ele com orgulho. — Reis e nobres se pavoneando, enquanto nós somos escravizados dia e noite, como cachorros roendo ossos. Sou um jacobino, é verdade, e Robespierre é um Deus para mim. Não me importo com religião. São mais sanguessugas ainda.

Padres! Corte-lhes a cabeça fora e já vão tarde, é o que eu digo. Não somente na França, mas aqui na

Prússia também. Malditos pietistas! Espere apenas até Napoleão chegar aqui! Ele vai lhes dar uma lição! Eu sabia que a estalagem estava sendo vigiada pela polícia, mas ninguém podia provar nada contra mim. Não até o senhor chegar.

Totz limpou a boca com a manga e me encarou com indiferença. — No minuto em que o senhor apareceu, eu sabia do perigo que corríamos — prosseguiu. — Bem, nós dois também conseguiríamos jogar esse jogo, pensei eu, e desempenhei meu papel suficientemente bem. Mas Morik tinha que meter o nariz no que não era chamado. Eu o peguei espionando ontem à noite. Ele teria contado logo ao senhor...

— Foi por isso que você o matou?

Os olhos de Totz arderam de ódio. — As revoluções têm as suas vítimas! Pode-se dizer que o senhor praticamente o matou, *Herr* procurador. Se não tivesse chegado nesse momento, ninguém em Königsberg teria desperdiçado com Morik um segundo de seu precioso tempo.

— Onde ele foi morto?

Ulrich Totz soltou um suspiro longo e fatigado. — Não sei por que se incomoda em perguntar — desdenhou. — O senhor o viu da sua janela, Gerta me contou. Só Deus sabe como não me viu também! Eu o flagrei se esgueirando do lado de fora do depósito, então, empurrei-o escada abaixo.

Fora, portanto, o rosto de Totz que eu vira atrás de Morik na noite anterior. O reconhecimento desse fato deveria ter extirpado qualquer dúvida que ainda restasse em mim. Então por que aquela sensação de que ele me dizia exatamente o que eu queria ouvir?

— Empurrou-o escada abaixo, Totz? Você fez muito mais do que isso!

— Quando o encontrei bisbilhotando ali, tinha certeza de que ele lhe contaria. Tinha de matá-lo, não tinha? Ele o assediava como uma larva grande e gorda ronda um apetitoso pedaço de carne vermelha.

— Sejam mais precisos sobre o que aconteceu, Totz — interrompi. — Você agarrou o rapaz e empurrou-o escada abaixo. É isso que você está dizendo?

— Vi o senhor apagando a vela e fechando a cortina para se recolher. Foi então que decidi agir.

— Muito bem. Você o empurrou escada abaixo, e então?

— Corri atrás dele e o matei com um golpe.

— Com o que você o atingiu?

— Com a primeira coisa em que pus as mãos.

— O que era? — insisti.

Ele não hesitou. — Um martelo que usamos para abrir barris. Foi fácil. Ele estava muito assustado. Mas o senhor já sabia disso, não sabia? Ele lhe contou que a vida dele corria perigo.

— Você não está aqui para me interrogar, Totz — adverti.

— O que o senhor quer saber, então? — retrucou ele com um olhar astuto.

— Quero saber por que você matou o rapaz ali no porão. Na sua própria casa. Por que não o atraiu para fora da estalagem?

Totz deu de ombros. — Ele nunca teria vindo comigo. E, mais cedo ou mais tarde, o senhor teria notado. O que mais eu poderia fazer? Tinha de silenciá-lo. E rápido.

— Você podia tê-lo mandado para fora de Königsberg! Para a casa da mãe.

— O que aumentaria ainda mais as suas suspeitas. Não, melhor outra vítima do assassino de Königsberg. Outro cadáver nas ruas.

— E sua esposa foi sua cúmplice?

— Gerta não sabe de nada — acrescentou ele rapidamente. — Ela não machucaria uma mosca.

— Você o matou sozinho, então? Ninguém o ajudou?

— Exatamente, senhor. Um golpe certo e o garoto estava morto. Havia sangue por todo lado.

— Se o senhor me permite — o oficial *Stadtschen* interveio —, posso confirmar que foi feita uma tentativa para limpar a sujeira, mas havia traços de sangue em todos os lugares.

Voltei-me para Totz. — Por que você levou o cadáver para o rio? — indaguei.

Ulrich Tutz esboçou aquele sorriso lento e sonhador mais uma vez.

— Eu queria que ele fosse encontrado, senhor. Como todos os outros. Não na minha porta novamente. Konnen me trouxe vários problemas. Perdemos muitos clientes depois daquilo. O rio está apenas a algumas centenas de metros da estalagem pelas ruas de trás.

— Como você carregou o corpo, Tutz?

— Em um saco pendurado sobre o lombo do meu velho burro de carga. Ele não pesava quase nada. Joguei no rio os trapos que usei para limpar o sangue. Dez, quinze minutos, não levou mais. Voltamos sem sermos vistos e...

— Voltamos? — ergui minha cabeça vivamente às palavras que acabara de transcrever. — Você e quem mais, Tutz? Sua esposa? Um dos hóspedes?

— Eu e o burro de carga. Não insista, *Herr* procurador. Gerta sabe menos que nada sobre tudo isso.

— Ela sabe que você matou Morik, não sabe? — contrapuz, incerto sobre a possibilidade de que algum vestígio de humanidade o levasse a proteger a esposa da parte de culpa que lhe cabia na morte do sobrinho.

— Ela não sabe, senhor. Ela nunca me perdoaria. Morik era o filho único da irmã. Ela sempre se sentiu na obrigação de ajudar aquele garoto.

— Mas quem o ajudou, Tutz? É difícil acreditar que um homem sozinho...

— *Herr* procurador, eu já lhe disse — replicou Tutz energicamente. — Fiz tudo sozinho. Eu mesmo. Ninguém me ajudou.

— E quanto àqueles forasteiros que estavam hospedados na estalagem ontem à noite?

Ele deu de ombros. — Os franceses? Eram clientes, hóspedes pagantes. Nada mais, nada menos — respondeu diretamente, os olhos ardendo ferozes em direção aos meus.

— Não acredito em você — afirmei.

Ele me olhou friamente por um momento, em seguida, um horrível sorriso pretensioso surgiu-lhe no rosto. — Acredite no que quiser, *Herr* procurador. Não vou lhe contar mais nada dos meus assuntos particulares.

— Veremos quanto a isso — repliquei, fitando-o friamente, deixando a ameaça no ar. — Contamos com métodos comprovados para fazer os recalitrantes falarem.

— Tortura, senhor? É esse o seu jogo? Aposto que o senhor gosta de vê-los esticados no ecúleo, gritando a plenos pulmões, não é?

Se Ulrich Tutz estava tentando me provocar, conseguiu. Como consequência, minha hesitação em relação à ideia de submetê-lo à dor diminuiu. Na verdade, quase desfrutei dessa perspectiva. Ele iria se arrepender.

— Desista das ameaças, *Herr* procurador — ele me devolveu aquele olhar de ódio declarado que eu já vira antes. — Sou um homem morto, o senhor não consegue me meter medo com essa conversa de tortura. Não me importo em morrer por aquilo em que acredito.

— Eram pessoas inofensivas, Tutz — sibilei. — Não há nada de nobre nos assassinatos que aterrorizam Königsberg. Você realmente acredita que uma revolta se produzirá automaticamente só por conta do massacre de alguns inocentes?

— Serve ao objetivo.

— Objetivo?

— A Revolução, senhor.

Ignorei essa farpa. — Deixando de lado Morik, como você escolheu as outras vítimas, Tutz?

Ele não respondeu imediatamente, e permaneceu em um silêncio tão longo que pensei que não tivesse entendido a pergunta. E, durante todo o tempo, ele me fitou com um olhar fixo que considerei ser de uma censura sombria. Só depois percebi que o que havia no seu comportamento era puramente um cálculo. Ele tentava avaliar o quanto eu sabia, enquanto eu estava mais do que convencido de que esse era o diabo

que desencadeara o caos na cidade. O fato de ele não demonstrar o menor remorso reforçava minha crença.

— Vou repetir a questão, Totz — falei com mais vagar. — Como você escolheu as vítimas?

— A hora e o lugar — murmurou ele. — O fato de não haver testemunhas por perto. Era tudo uma questão de oportunidade. Era essa a beleza do plano. Eu vira Konnen na estalagem na noite em que tive a ideia...

— Não havia nenhuma razão política por trás da escolha? Totz endireitou-se na cadeira, os lábios apertados em um sorriso, mas sem dizer nenhuma palavra. Pensei que ele parecia determinado a me desafiar.

— Você conhecia *Herr* Tifferch, não conhecia? Ele era um advogado proeminente, conhecido pelas opiniões contrárias a Napoleão...

— Todos os prussianos odeiam Napoleão! — agitou-se, o rosto transformado em uma máscara de cólera. — Qualquer patife desses é um alvo político, ao que me conste.

Aquele advogado era um parasita! Vivendo à custa dos *junkers*. Ajudando-os a comprar e vender, mandando seus inquilinos para a prisão por dívidas e aluguéis não pagos.

Vou acertar as contas com todos eles!

— Você vai para a força — afirmei friamente. Acrescentei uma nota ao meu relatório indicando que os sentimentos de francofobia da penúltima vítima foram a causa provável de seu assassinato. Tudo me parecia de repente claro e bem definido, como uma projeção da lanterna mágica quando a luz está acesa, a lente aberta e o primeiro slide entra em foco. Com apenas uma ressalva.

— Você não teve medo de ser reconhecido?

Ulrich Totz pareceu recostar-se mais confortavelmente na cadeira. — As pessoas aqui me conhecem. O que tornava as coisas mais fáceis. Sou um estalajadeiro, entende?

Conheço todo mundo. Era bem normal eu me aproximar de alguém, interpelar a pessoa, conversar por um momento, verificar se não havia ninguém por perto e atacar. Eles não tinham tempo de raciocinar sobre o que estava acontecendo.

— Muito bem — disse eu. — Agora, conte-me sobre a arma que você usou.

Ele me fitou. — Já lhe falei sobre isso — respondeu.

— Você usou um martelo para matar Morik. Mas, e os outros?

Apesar da sua prontidão em confessar, eu ainda não tinha a menor ideia sobre como as outras vítimas tinham sido mortas.

Ulrich Totz esfregou os nós dos dedos e me fitou desconfiadamente.

— Usei o que quer que tivesse ao meu alcance — respondeu vagorosamente. — Um martelo, pedras, minhas próprias mãos.

— Como você matou *Herr* Tifferch, por exemplo? Ele não tinha feridas visíveis. Que arma você usou para atacá-lo?

Pela primeira vez, Totz ficou em silêncio.

— E a tal garra do Diabo que a cidade inteira comenta? — insisti.

Ulrich Totz desviou o olhar de mim para Koch e depois de volta para mim. Sorriu, um sorriso fraco a princípio, mas que foi adquirindo confiança. — Ah, consigo ver aonde quer chegar, senhor — disse com uma faísca de astúcia. — Eu lhe conto tudo o que sei, o senhor arruma sua bagagem e volta para casa. Tem uma esposa e filhos à sua espera, não é? Já lhe contei mais do que o suficiente, *Herr* procurador. O resto o senhor terá que descobrir por si mesmo.

Subitamente, ele se inclinou para a frente e apoiou o antebraço na minha mesa. Ergui a mão para deter Stadtschen e o sargento Koch. Eles se prepararam para se precipitar sobre ele em minha defesa.

— Muito bem, Totz? O que mais você tem a acrescentar? Ele me fitou sem falar por alguns instantes.

— Escute, *Herr* Stiffeniis, e escute bem — falou em uma voz baixa e ríspida. — O senhor pode me

torturar se isso lhe agrada. Pode me fazer gritar, mas não vou lhe contar nada. Pode torturar a minha esposa e ela vai concordar com todas as palavras que o senhor puser na boca dela, sem saber de nada realmente. Mas será só isso. Não tenho a intenção de revelar mais nada ao senhor, ou a qualquer outra pessoa, até ser levado para a forca.

— Este não será o fim da nossa conversa, Totz — retruquei, fitando seus olhos semicerrados. — Vou interrogá-lo novamente e me contará tudo. Todos os detalhes! Sobre os folhetos e os agentes estrangeiros que o ajudaram na conspiração. Na próxima vez, não haverá limites.

— Faça seu pior, *Herr* Stiffeniis — replicou o estalajadeiro em um murmúrio baixo. — Este é o seu trabalho. O meu é resistir.

— Logo veremos qual de nós dois se sai melhor na sua tarefa — concluí com desprezo, puxando o relógio. Eram quase quatro da tarde. Hora do meu encontro com o professor Kant. Já fizera progresso suficiente por um dia.

— Leve-o, Stadtschen.

A sala pareceu subitamente vazia. Ulrich Totz preencheria o espaço com sua raiva, crueldade e indisfarçável ódio pela autoridade. Koch permanecera em silêncio e eu tinha certeza de que esperava algum comentário meu. Levantei-me e cruzei a sala até a janela. Lá fora, a luz do dia se desvanecia. Tinha a garganta seca e sentia um pouco de tontura. Ulrich Totz confessara o assassinato de Morik. Minha teoria de uma conspiração política com o objetivo de disseminar o terror fora confirmada, o assassino tinha um nome. Devia me sentir orgulhoso de mim mesmo, e, ainda assim, por alguma razão insignificante, eu não estava inteiramente convencido. Não parecia tudo um pouco fácil demais? Com certeza, um magistrado com a vasta experiência do procurador Rhunken teria chegado a essa conclusão alguns meses atrás.

— Se o senhor me permite uma sugestão — Koch se pronunciou —, um açoite público na praça em frente à fortaleza poderia vir a calhar. Posso pedir permissão ao general Katowice, se o senhor assim desejar. O procurador Rhunken era um grande defensor da eficácia do açoite. Há dois anos, um homem foi chicoteado por matar o pai. Ele foi, é claro, decapitado alguns meses depois. Mas o exemplo produziu uma impressão duradoura na população.

Deveria eu seguir o caminho de Rhunken? Punição corporal e mutilação física ainda eram admitidas na *Constitutio Criminalis Carolina*,¹ embora o documento tenha sido elaborado no século XVI por Carlos V.

— Os tempos estão mudando, Koch — repliquei. — O rei Frederico Guilherme é um monarca ilustrado. Ele acredita, e com razão, que manifestações públicas de crueldade podem suscitar a empatia da plateia e assim frustrar o propósito da punição. Se Totz e a esposa fazem parte de um grupo ativo de jacobinos, um açoite público pode inflamar o espírito dos demais membros. Em uma tentativa de apagar as chamas, talvez tudo o que consigamos seja atirá-las ainda mais. Falarei primeiramente com os suspeitos e vou adverti-los do perigo. Temos bastante tempo.

Recolhi meus papéis e comecei a guardá-los na bolsa.

— De qualquer modo — comentei, olhando o relógio —, temos um encontro marcado. O professor Kant e a misteriosa garra do Diabo aguardam por nós.

— Há alguma razão para isso, senhor? — Koch replicou. — Quero dizer, o senhor parece bem encaminhado na resolução do caso sem a ajuda dele.

Ele estava certo, é claro. Eu devia ter prosseguido com o interrogatório dos Totz. "Bata o ferro enquanto ele está quente e vermelho", é o que as pessoas dizem em Lotingen. Mas o professor Kant nunca me perdoaria se eu o desapontasse.

— Já que a solução do caso está tão clara — comentei com um sorriso —, podemos nos dar ao luxo de atender aos caprichos de um velho senhor por uma hora.

Ao deixarmos a sala e descermos juntos as escadas apressadamente, comecei a redigir mentalmente a carta na qual anunciaria a Helena o meu sucesso e a perspectiva do meu breve retorno.

Não poderia imaginar, naquele momento de embriaguez eufórica, a dificuldade que experimentaria, antes que o dia terminasse, para que minha mão trêmula segurasse uma pena ou tentasse formar as letras.

¹ Documento promulgado pelo imperador Carlos V em 1532, e que permaneceu em vigor até as grandes reformas jurídicas empreendidas pelo despotismo esclarecido no século XVIII e que serviu de base para os processos contra as bruxas ocorridos no Sacro Império Romano Germânico. (N. T.)

Uma elegante carruagem preta estava à minha espera do lado de fora do portão da fortaleza.

Eu Não pude evitar um sorriso ao me aproximar. O professor Kant estava ocupado consultando seu relógio de algibeira por trás da janela fechada. Era de conhecimento geral sua maníaca insistência por pontualidade. Mas, quando ergui o punho para bater no vidro e anunciar minha chegada, uma mão tocou-me rapidamente no cotovelo, e uma voz sussurrou: — Posso falar com o senhor?

O criado que zelara pela segurança de Kant naquela manhã na margem do rio espreitava do canto traseiro da carruagem. Seu rosto grande e forte, que parecera tão inexpressivo naquele momento, estava agora tenso e angustiado.

— Johannes Odum, não é?

Com um olhar significativo ele me fez um sinal para me juntar a ele atrás da carruagem.

— Seu patrão não tolera atrasos — adverti.

— Uma palavra, senhor, nada mais — insistiu ele. Apontou na direção do veículo e do passageiro com o polegar. — Eventos recentes têm sido uma prova dura para ele, senhor. O que vimos nesta manhã na beira do rio não faz bem a homem algum, senhor, muito menos a um cavalheiro da idade dele e com um estado de nervos tão delicado.

— Você estava lá e viu por si mesmo — sussurrei. — O professor Kant pode estar frágil, mas parecia suportar bem.

Talvez eu devesse ter informado o criado de que o perigo pertencia agora ao passado, e que o caso estava encerrado, mas não tinha intenção de desperdiçar novidades tão importantes com o criado antes de contar ao próprio Kant.

— Ele tem trabalhado dia e noite nessa investigação, senhor — retrucou o criado. — Algumas vezes a noite inteira...

— A noite inteira? — interrompi. — Fazendo o quê?

— Escrevendo, creio eu, senhor.

Pensei no tratado que *Herr* Jachmann mencionara, sua incredulidade em relação à efetiva existência do trabalho. — Você sabe o que ele está escrevendo?

Johannes Odum sacudiu os ombros largos com desprezo.

— Ele está em perigo, senhor — insistiu. — Perigo real. Ele foi visto em sua companhia esta manhã na margem do rio. Agora, o senhor será visto utilizando a carruagem dele. E, antes de sairmos de casa hoje de manhã, encontrei algo que o senhor deve ver...

— Johannes! — o grito irritadiço nos sobressaltou aos dois.

— Onde está o procurador Stiffeniis?

Fiz sinal para o criado dar a volta ao veículo, enquanto dei um passo à frente e atraí a atenção do professor Kant.

— Aqui estou, senhor — disse alegremente. — Esqueci alguns documentos no escritório e tive que voltar para apanhá-los. O senhor se importa se o sargento Koch se juntar a nós?

Acenei para que Koch se aproximasse.

— É claro que não — Kant replicou com impaciência. — Temos que nos apressar. O caminho é longo e está muito frio.

— Vamos para a Sibéria, senhor? — brinquei. Eu sabia que não erraria o alvo. A avidez de Kant por informações e rumores era tão renomada quanto sua obsessão pela pontualidade. As notícias do navio que estava prestes a atracar no porto de Pillau não lhe teriam escapado. Foram destaque em todos os

jornais recentes da Prússia.

— Não tão longe — retrucou ele com um sorriso. — Mas tão frio quanto.

Ri entusiasmadamente. Sentia-me com excelente humor.

O caso estava encerrado, exceto pelas atividades burocráticas. Ainda que eles conseguissem escapar do enforcamento, Ulrich e Gerta Tutz seriam deportados para o desterro congelado. Eu não tinha a menor ideia de para onde o professor Kant nos levava, nem o que tencionava nos mostrar. O que quer que fosse, pensei, satisfazer a vontade do velho cavalheiro não acrescentaria nada de concreto à investigação. Mas tampouco a prejudicaria.

À medida que a carruagem ganhava velocidade, eu esperava que ele me perguntasse sobre o progresso que fizera durante a tarde. Não estaria curioso em saber o que ocorrera? Fora tão abertamente cético naquela manhã, e ainda assim me incentivara a interrogar Ulrich e Gerta Tutz. Não se interessaria em saber o que eles disseram?

— Você gosta das suas novas acomodações? — perguntou ele subitamente. — Não se comparam às regalias do Baleeiro Báltico, aposto. Frau Tutz é conhecida por preparar um ótimo assado de porco.

Estaria ele me provocando? Seriam as iguarias da minha antiga estalajadeira as únicas coisas que lhe interessavam?

— A estalagem era, sem dúvida, confortável — admiti hesitante.

— Sabia que você se sentiria em casa ali — Kant comentou com um sorriso acolhedor. — É claro que a fortaleza de Königsberg é completamente diferente.

Seria esse o padrão de comportamento que tanto perturbara *Herr* Jachmann? Kant parecia absorto em detalhes insignificantes, preocupado com assuntos do qual não possuía conhecimento pessoal. Ele fizera suas refeições em casa e em nenhum outro lugar nos últimos vinte anos, como todas as ilustrações sobre suas atividades publicadas em jornais habitualmente revelavam. Uma celebridade não guarda segredos da imprensa intrusa.

— Que edifício depressivo é a fortaleza! — prosseguiu ele, mudando repentinamente de humor. — A simples visão daquele prédio me deixava aflito quando criança. Minha mãe e eu éramos obrigados a passar ali todas as manhãs no caminho para o templo pietista. O medo que eu sentia, dizia ela, era nada se comparado ao que eu sentiria quando me encontrasse diante do Criador e olhasse dentro dos olhos Dele!

O professor Kant olhou para fora da janela como uma criança perdida. A fortaleza ficara há muito para trás, mas ainda devia estar visível diante dele. — Você será capaz de dormir ali hoje à noite, Hanno? Dizem que o local é assombrado pelas vítimas dos cavaleiros teutônicos que morreram nas masmorras.

O que podia eu responder? Koch e eu nos entreolhamos, mas nenhum ousou dizer uma palavra. À medida que a carruagem retinha e chacoalhava sobre uma velha ponte de madeira, uma névoa densa redemoinhava formando nuvens espiraladas sobre as águas paradas do fosso escuro. Somente o torreão da fortaleza na encosta acima era visível na luz esmaecida do final da tarde. As ameias pareciam espreitar de sobre uma sólida parede de nuvens baixas.

Kant olhou na minha direção. — Quase lá! — exclamou jovialmente quando a carruagem fez uma curva acentuada para a direita e cruzou mais uma ponte. Ele estava claramente excitado pela perspectiva do que nos esperava. — Suponho que você tenha contado as pontes — indagou.

— Pontes, senhor? — eu não tinha a menor ideia do que ele estava falando.

— Você, com certeza, conhece o enigma — replicou ele. — Antes de morrer, o grande matemático Leonhard Euler foi questionado sobre a possibilidade de traçar uma rota através de Königsberg que atravessasse nove pontes sobre o rio Pregel sem passar por uma delas mais de uma vez. Você deve tentar enquanto estiver aqui.

Comecei a recordá-lo do motivo que me trouxera a Königsberg, mas ele não prestou atenção. —

Quando comecei a lecionar na universidade — continuei —, ganhei uma aposta com um colega que fora um grande amigo do matemático. Ele me contou que, na verdade, nem o próprio Euler sabia a resposta! Bem, forneci duas soluções para o problema...

Não terminou. Virando-se para mim, apoiou a mão no meu braço e perguntou com urgência: — O que você tem a me contar sobre os Totz?

Por alguns momentos, não soube como responder. Deveria eu contar-lhe que o caso estava resolvido, o culpado encerrado na prisão, esperando julgamento? Que a garra do Diabo, o que quer que ela se revelasse ser, era irrelevante?

— O marido confessou, senhor. E rapidamente também — repliquei. Com cuidado e me limitando à sequência de eventos, contendo nos lábios o grito de vitória, relatei os fatos a Kant do modo mais neutro possível.

— Então é isso — concluiu ele. — Uma conspiração política é a raiz de todo o mal que envenenou Königsberg. Atos de terrorismo objetivando...

Ele estacou bruscamente e me olhou.

— Objetivando o quê? Os culpados revelaram seu objetivo final?

— Não em palavras claras, senhor — admiti. — Ulrich Totz parecia acreditar que o medo gerado por esses crimes enfraqueceria a fé das pessoas nos governantes e incitaria algum tipo de revolução. Suspeito que as vítimas fossem conhecidas por sua oposição aos franceses.

O professor Kant recostou-se novamente no assento. Ele reluzia de satisfação.

— Oh, entendo! Que inteligência, a dele! E ele descreveu a arma que utilizou para matar Morik, suponho?

Eu me mexi desconfortavelmente no banco de couro.

— Um martelo, senhor.

Minha resposta pareceu divertir Kant ainda mais. — Um martelo grande ou pequeno, Stiffeniis? — perguntou.

— Foi... foi somente um interrogatório preliminar — balbuciei. Eu pensara que conquistaria sua admiração. Em vez disso, sua mente perscrutadora desnudara as limitações do meu método de trabalho. — Totz admitiu ter usado armas variadas para exterminar as outras vítimas.

— Não foi só uma? — Kant franziu o cenho.

— O que quer que tivesse à mão, segundo ele — acrescentei rapidamente. — É claro, senhor, que vou interrogá-lo até que ele revele todos os detalhes.

— Detalhes são da mais extrema importância — Kant confidenciou. — O rei vai querer saber o número e a força exata dos seus inimigos.

Estaria ele sendo sarcástico? Senti-me como um estudante que acaba de receber uma redação de volta de seu tutor que lhe diz que o trabalho está bom, muito bom, embora devesse estar muito melhor. De repente, Kant riu alto, mas não revelou o que o divertira. Essa inconstância no comportamento era novidade para mim, e não me tranquilizava.

Nem a Koch, pelo que eu podia ver claramente na expressão do seu rosto.

— Fico contente que você tenha encontrado o caminho da Verdade — disse Kant. — Você, por acaso, perguntou a Ulrich Totz sobre a tal garra do Diabo?

— Não se pode esperar que *Herr* procurador conclua a investigação inteira em um só dia, senhor — o sargento Koch interrompeu. Sua deferência em relação à minha autoridade era tão acentuada quanto fora sua lealdade ao procurador Rhunken. A burocracia na Prússia é famosa por produzir homens assim. Extremamente obedientes e subservientes. E algumas vezes muito diretos também.

— O que quer que seja a garra do Diabo — Koch prosseguiu — ou o que quer que as pessoas comentem a esse respeito, parece pouco relevante, professor Kant. O procurador Stiffeniis desvendou a trama.

— Caro sargento Koch — Kant retrucou gentilmente —, não avance muito nas suposições. Pela minha experiência, há mais verdade na voz popular que em qualquer outro lugar na Terra.

— Ulrich Tutz admitiu ter assassinado o rapaz — o sargento Koch replicou com firmeza. — Confessou ter matado os outros. *Herr Stiffeniis* prendeu o homem que buscávamos, senhor.

Para minha surpresa, o professor Kant não demonstrou nenhum ressentimento com essa réplica. Aquiesceu pensativamente. — Posso entender sua reserva sobre a utilidade do que tenciono mostrar-lhes, *Herr Koch* — prosseguiu ele. — E aprecio sua franqueza onde meu jovem amigo demonstra apenas uma reticência respeitosa. Tenho certeza de que *Stiffeniis* compartilha da sua opinião. Vou pedir a ambos paciência por mais algum tempo. O que estão prestes a ver é o resultado da pesquisa mais original que já realizei na vida.

Meu coração disparou. Iria Immanuel Kant revelar-me o que estivera escondendo de seus amigos mais chegados?

— Uma obra-prima, estou seguro, senhor — comentei, calorosamente. — Qualquer livro escrito pela sua pena...

— Livro? — a surpresa era patente na sua face encovada. — É isso que espera ver, *Stiffeniis*?

— O mundo tem esperado demais por uma nova obra, senhor — respondi.

Ele não replicou imediatamente. Quando falou, parecia ainda mais animado que antes. — Um livro... um livro! Por que não? — comentou, apoiando o queixo no punho fechado.

— E qual seria o título? Bem, dadas as circunstâncias, *Crítica da razão criminosa* creio eu.

— Estou ansioso para lê-lo — repliquei entusiasmadamente, à medida que a carruagem avançava com dificuldade colina acima.

Kant sorria extasiado, os lábios completamente abertos revelando os poucos e amarelados dentes pontiagudos que ainda possuía. Devo confessar que não era uma visão agradável.

— Você se apossou do escritório de *Rhunken*, imagino. Leu os relatórios que ele reuniu sobre os assassinatos?

— Fiz isso ontem — comecei ansiosamente. — Foram extremamente úteis, senhor. Realmente, a teoria dele parece ter se confirmado, pelo que *Tutz*, o estalajadeiro, confessou esta tarde...

— Um complô político? É isso que você acha que está por trás dessas mortes? — Kant me interrompeu com um aceno de mão denotando descaso. — *Vigilantius* chegou mais perto da verdade!

ele pronunciou essas palavras com uma energia muito próxima da raiva. — Você perdeu a paciência com ele ontem à noite. Devia ter ficado até o final. *Herr Rhunken* é um magistrado da escola tradicional. Um coletor de informações, nada mais. Ele espera chegar à verdade através da coação das testemunhas, e algumas vezes é bem-sucedido. Mas não neste caso. Sua imaginação enfadonha não é páreo para a do assassino. *Vigilantius* descobriu muito mais, mas você se recusou a levar essas descobertas em consideração.

Olhei para Koch. Seu rosto estava tenso, os músculos, furtos e rígidos. Era claro que lhe requeria um grande esforço não se manifestar em defesa do homem a quem ele servira com tanta fidelidade e por tanto tempo. Mas uma coisa era certa: o professor Kant não fora informado da morte do magistrado.

— E então? — Kant repreendeu. — Por que vocês não ficaram?

— Considerei aquilo uma pantomima, senhor — protestei vacilante.

— Pantomimas algumas vezes representam a verdade — replicou ele. — Eu imaginava que aquilo lhe desagradasse a princípio, mas esperava que aprendesse alguma coisa útil com *Vigilantius*. Enviei-lhe os relatórios de *Rhunken* com o mesmo propósito.

— O que foi que o senhor disse?

Eu não conseguia encontrar um fio de coerência naqueles argumentos. Qual seria a ligação entre *Vigilantius* e os relatórios policiais que me foram permitidos ler na viagem para *Königsberg*?

Ele se inclinou para a frente e falou em voz baixa. — Eu sabia que podia confiar no seu senso de

dever. Quem pode recusar uma incumbência real? Especialmente um magistrado que escolheu se esconder em um vilarejo minúsculo quase na fronteira com a Polônia. Como se chama o lugar? Lotingen?

Por um momento, temi que ele estivesse prestes a me perguntar por que escolhera nunca retornar a Königsberg depois do nosso primeiro encontro há onze anos, porque nunca empreendera o esforço de lhe escrever uma carta. A possibilidade de que ele viesse a saber da interferência de Jachmann em nosso assunto deixou-me em pânico. O que eu poderia lhe dizer? Com uma pressa frenética, busquei desculpas, que variavam desde a minha má condição de saúde até — Deus que me perdoasse — doenças sérias que Helena ou as crianças pudessem sofrer.

Mas ele não se incomodou em perguntar. Outros assuntos ocupavam sua mente. — Tentei aguçar seu apetite pelo lado obscuro do comportamento humano com a ajuda desses relatórios, Hanno — prosseguiu ele. — Espero que você tenha ficado intrigado pela estranheza dessas mortes. Lembro-me bem do nosso primeiro encontro, no qual você demonstrou uma inclinação natural para... como posso chamar isso... mistério? — ele se recostou no assento. — Eu esperava que você ficasse confuso. Não tanto pelo conteúdo dos documentos, mas pelo que não constava naqueles relatórios — ele começou a enumerar os pontos nos dedos das mãos.

— Por que não havia explicação para a forma como as vítimas morreram? Por que não era feita nenhuma menção à arma utilizada? Por que não se oferecia nenhuma hipótese que pudesse sugerir um motivo comum por trás de todos esses crimes? Não havia um caso de roubo ou paixão, nenhuma ligação aparente entre uma vítima e outra. Não é possível que você não tenha notado que o que está acontecendo em Königsberg apresenta certa peculiaridade. Um magistrado do renome de *Herr* Rhunken foi incapaz de solucionar o mistério. Oh, não posso negar que Rhunken cumpriu seu dever. Fez o que era capaz. Mas seu pé pesado nunca saiu do chão. Sua inteligência laboriosa não se comparava à do assassino. Algumas vezes magistrados assim têm sorte, não há dúvida, mas não neste caso — Kant me fitava inquisitivamente.

— Se você quiser entender o que tem ocorrido aqui, meu jovem amigo, precisa aprender a pairar no ar. Deve prestar atenção até mesmo aos recursos mais obscuros e misteriosos ao seu alcance. Até a alguém como Vigilantius. Se você continuar a vasculhar em busca de motivos, buscar explicações, caçar provas — como começou a fazer no minuto da sua chegada a Königsberg —, vai chegar tão perto da verdade quanto seu antecessor.

Sua voz foi desaparecendo gradualmente à medida que falava. Estava desapontado, era fácil dizer. Eu falhara com ele em algum ponto, embora eu fosse incapaz de precisar em que momento deixara de atender a suas expectativas. Mas, de repente, ele se mexeu no assento e mudou o rumo da conversa, como um peixe que você acredita estar preso em segurança em suas mãos e que se lança em outra direção, deixando-o com um redemoinho vazio na água.

— Aliás, como vai o seu pai? — indagou ele.

Fiquei feliz com a escuridão dentro da carruagem. Sentia o sangue fugir rapidamente do meu rosto. Era a segunda vez que ele fazia referência à tragédia na minha família. Que estranha associação de ideias trouxe-lhe a questão aos lábios justamente agora? E por que a falta de curiosidade sobre a nova família que eu constituíra?

Minha esposa e meus filhos não lhe interessavam? Eu batizara meu único filho varão em sua homenagem. Era como se essa parte da minha vida não existisse. Pelo contrário, ele abordava continuamente a vida antiga, o eu antigo, o velho Hanno que ele ajudara a exorcizar onze anos atrás.

— Ouvi dizer, senhor, que está um pouco melhor — repliquei, embora Kant não desse mostras de estar escutando. Parecia seguir o curso que sua mente já traçara para ele. Agitou o indicador no ar, acompanhando o movimento com os olhos, como se seu estado físico e mental fossem totalmente separados um do outro, e igualmente fascinantes.

Nesse exato momento, felizmente, a carruagem começou a diminuir a velocidade.

— Finalmente! Chegamos! — exclamou, interrompendo suas reflexões particulares com súbita

animação. — Não perderemos mais um minuto de tempo!

Johannes desceu os degraus de apoio e ajudou o patrão no caminho escuro. Eu não tinha ideia de onde estávamos, mas vislumbrei o alto da fortaleza novamente. Parecíamos ter circundado as muralhas de defesa e chegado à fortaleza por outra direção, parando ao lado de um casebre miserável que ladeava um caminho de acesso a uma grade levadiça. O prédio fora provavelmente utilizado séculos atrás como posto de correio. Estava em um estado lamentável de abandono e deveria ter sido demolido. Sentia-me desconcertado, perguntando-me o que levara o professor Kant a escolher um local tão lastimável para trabalhar em sua obra final.

Com um assentimento ávido do patrão, Johannes Odum tirou uma grande chave do bolso e teve certa dificuldade em destrancar a porta antiga e carcomida.

— Espere aqui — disse Kant ao homem. — Agora, Stiffeniis, se você me ceder seu braço, talvez o sargento Koch possa entrar e acender uma luz? Há um lampião pendurado junto à porta.

O pavimento de pedras arredondadas estava escorregadio devido a fragmentos compactos de gelo e neve e a uma fina camada de geada por cima, e era tão perigoso quanto a estrada. Se eu necessitava de uma prova da idade e fragilidade de Immanuel Kant, ali estava. Ele apoiou seu peso leve como uma pluma no meu braço ao atravessarmos a porta, onde Koch nos esperava com o lampião erguido bem acima da cabeça.

— Não toquem em nada — Kant advertiu. Estávamos em algum tipo de depósito abandonado. Caixas quebradas de armamentos tinham sido jogadas em uma pilha grande e desorganizada de um dos lados do aposento. Teias de aranha pendiam como mantos tremeluzentes do teto. O pó formava um cobertor espesso sobre todo o resto. No centro do aposento, um grande rato preso pelo pescoço em uma ratoeira fora despojado até o esqueleto pelos companheiros mais afortunados.

— Vá em frente, Koch — Kant instruiu. — Nós o seguiremos.

Ele apontou em direção a um túnel estreito e abobadado, cujas paredes, que um dia foram brancas, tinham manchas pretas de bolor e fumaça. Soltando meu braço como se possuído por uma energia demoníaca, Kant desembestou em um trote, arrastando os pés atrás do sargento Koch e fui obrigado a acelerar o ritmo para acompanhá-lo.

A passagem pelo túnel tornava-se mais difícil pela pouca altura da abóbada de tijolo, que arranhava o topo do chapéu de três pontas de Kant, enquanto Koch e eu éramos obrigados a andar curvados. Meu nariz ardia com o odor acre de podridão, e havia um outro cheiro ácido e penetrante por baixo deste. Eu não teria ficado nem um pouco surpreso se o doutor Fausto e seu acompanhante Mefistófeles¹ tivessem surgido para nos dar as boas-vindas nas profundezas sombrias daquele lugar.

Ao entrarmos em uma grande sala ao final do corredor e Koch erguer a luz, vislumbrei, pela primeira vez, os volumosos alambiques e os tubos de vidro retorcidos que brilhavam nas prateleiras, juntamente com uma pilha de caixas organizadas sobre uma bancada.

— Sinta o frio — Kant falou entusiasmado. — A Sibéria está mais próxima do que se imagina!

Ele ordenou a Koch que tirasse uma chama menor do lampião e acendesse as lamparinas que estavam penduradas espaçadamente pelas paredes. À medida que o sargento acendia lamparina por lamparina, os objetos existentes naquele aposento começaram a se destacar com mais clareza na escuridão.

O professor Kant virou-se em direção à parede oposta.

— Agora, Stiffeniis, deixe-me apresentá-lo àqueles que são obrigados a viver aqui embaixo neste mundo crepuscular enfermo — disse ele.

Do canto mais escuro da sala, olhos imersos em água e desabitados fitavam-nos na luz tremeluzente e fraca do lampião.

¹ Personagem considerado a personificação do Diabo na lenda alemã de Fausto, consagrado no drama homônimo (1790) de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). (N. T.)

— Consegue adivinhar quem são eles, Stiffeniis?

A voz de Immanuel Kant estava rouca pelo frio. Havia nela um tom estridente de triunfo que me roubou o poder de fala. Eu não conseguia desviar os olhos dos grandes potes de vidro alinhados na prateleira, onde quatro cabeças humanas flutuavam em um líquido pálido e amarelado.

— Aproxime-se — Kant convidou, conduzindo-me pelo braço. — Agora deixe-me apresentá-lo a Jan Konnen, Paula-Anne Brunner, Johann Gottfried Haase e este último aqui, um recém-chegado que você provavelmente reconhece, tendo-o visto ontem à noite no porão no tribunal. Você poderia trazer aqui para baixo a prova que está na extrema esquerda, sargento Koch, e colocá-la nesta mesa?

Com horror e atordoamento estampados no rosto, Koch obedeceu sem uma palavra.

Sentia-me incapaz de elaborar qualquer pensamento coerente ao contemplar o conteúdo horripilante do pote de vidro que Koch colocara na mesa diante de nós, enquanto Kant era o exemplo da sociabilidade afável. A impressão era de que ele arrumava as cadeiras para um chá da tarde.

— Traga outro lampião, sargento Koch. Isso mesmo, exatamente. E coloque-o ali. Bem ali! — a voz de Kant ressoou dolorosamente no meu ouvido. — Agora diga-me, Stiffeniis. O que você vê dentro deste vidro?

A iluminação de ambos os lados realçava o relevo das formas humanas.

Engoli em seco, minha voz pouco mais que um sussurro — É uma... cabeça, senhor.

— Esse era Jan Konnen, a primeira vítima do assassino. Agora quero que você descreva precisamente o que é capaz de observar e com toda a acuidade possível. Vamos, vamos, Stiffeniis! — incentivou ele. — Uma cabeça?

— Uma cabeça humana — eu me corriji — que pertence... quero dizer, que pertencia a um homem de cerca de cinquenta anos. Apesar dos efeitos de distorção provocados pelo vidro, as feições são regulares e...

Estaquei. Não sabia como continuar.

— Descreva o que você pode ver — Kant pressionou. — Não peço mais do que isso. Comece pela ponta da cabeça e, lentamente, vá descendo.

Tentei afastar a sensação entorpecente de inadequação que tomara conta de mim. — Seu cabelo tem traços levemente cinzentos. É ralo no topo da cabeça, tornando-o quase careca e longo próximo das orelhas.

— Cobrindo as orelhas — Kant me corrigiu.

— Cobrindo as orelhas, isso mesmo. A testa é... — Estaquei novamente. O que, em nome de Deus, ele esperava que eu dissesse?

— Não pare! Continue! — Kant incentivou com impaciência.

— A... testa é larga e não tem rugas.

— E o sulco vertical na junção das sobrancelhas? Já estava ali antes de o homem morrer? Ou surgiu no momento do assassinato?

Dei um passo à frente e observei de perto.

— Não tenho como saber, senhor — balbuciei.

— Use sua intuição!

— Parece aturdido — sugeri, examinando o sulco atentamente.

— Não era de se esperar que esse cenho franzido desaparecesse depois da morte?

— Mas não desapareceu — confirmei, por fim.

— Esta foi a expressão final no rosto dele. Surgida no momento da morte. Seus músculos faciais ficaram paralisados naquela expressão precisa. É um fenômeno bem conhecido.

Qualquer soldado com experiência no campo de batalha já viu uma expressão idêntica cem vezes antes. Tem certa importância — acrescentou Kant. — Agora o que você tem a dizer sobre os olhos?

Contemplei, dentro do vidro, aqueles olhos que nada mais viam. Se o Homem possui uma alma, diziam os ancestrais, sua luz é visível ali. Se o corpo tem um espírito vital, o fantasma se manifesta através dessas janelas. O que tanto me desconcertava na cabeça decepada de Jan Konnen era a sensação de que ele nos observava tão atentamente quanto nós a ele.

— Os olhos da vítima rolaram para cima na órbita, revelando a parte branca — forcei-me a dizer.

— Isso poderia ser uma explicação?

Eu estava desnorteado. — Não há literatura sobre este assunto, senhor. Eu... textos de anatomia existem, é claro, mas não para um caso como este. Não para um assassinato.

— Muito bom, Stiffeniis. Vê agora o solo traiçoeiro em que pisamos? Não contamos com uma autoridade para nos guiar. Temos que usar nossos olhos, confiar na nossa observação e fazer as deduções que a inferência lógica sugere. Esse será o nosso método.

— Talvez o golpe tenha vindo de cima? — sugeri. — Ele olhou para cima quando foi atacado?

Kant fez um som de aprovação. — O golpe veio de cima ou de trás? Ainda não temos certeza, mas não vamos nos permitir ser distraídos pela questão. Agora olhe o nariz, Stiffeniis! O que você consegue ler ali? — indagou ele, embora sem esperar pela resposta. — É longo, fino e sem nada de especial. E agora chegamos à boca. Como você a descreveria?

— Aberta? — sugeri.

— Bem aberta?

— Não inteiramente — respondi, defendendo a escolha da palavra.

— Você diria que ele estava gritando quando morreu? Havia algo na expressão faminta do professor Kant que me fez estremecer. Por um momento, minha cabeça começou a girar e achei que estava à beira de um desmaio.

— Gritando, senhor? — repeti.

— Uma boca aberta sugere que ele estava gritando no momento da morte, você não acha?

Forcei-me a observar com maior cuidado. — Não, senhor, não acho. Não diria que ele estava gritando.

— O que ele estava fazendo, então? Que tipo de som pode ter escapado da sua boca?

— Um arquejo de surpresa? Um suspiro?

— Você diria que ocorreu algo dramático e violento para produzir aquela expressão? — Kant prosseguiu.

— Não, senhor.

— Estou de acordo com você. Agora, Stiffeniis, a causa da morte. Você tem ideia de qual possa ter sido a causa da morte?

— Não há nenhum ferimento feio no rosto — tentei. — Evidências claras foram encontradas em alguma outra parte do corpo?

— O corpo não nos interessa. É a cabeça, a cabeça que tem uma história para contar. Poderia virar o vidro, sargento?

A vela lançou um brilho doentivamente deformado quando a cabeça se revirou lentamente no formol turvo. — Observe, Stiffeniis. Aqui na base do crânio. Não houve resistência.

O instrumento penetrou como uma faca aquecida cortando banha. Mas não era uma faca...

Essas foram as palavras com as quais eu originalmente comecei esta narração. Naquela época, eu tentava exaltar a incrível versatilidade do gênio Immanuel Kant, e tinha a esperança de refletir minha pequena contribuição na resolução do mistério que enredara a cidade de Königsberg. Mas aquelas

palavras marcaram a primeira indicação clara da minha jornada pessoal no labirinto de corrupção, traição e maldade que fora tão cuidadosamente traçado para mim.

— Você consegue ver? — Kant se inclinou e apontou. — O golpe fatal foi desferido aqui. A morte veio rápida e inesperadamente. Não foi um golpe violento, nenhuma incisão feia. Algum objeto afiado e pontiagudo foi introduzido no pescoço de Konnen bem aqui, e ele estava ajoelhado e morto antes mesmo de poder entender o que se passava. Este ponto minúsculo é toda a evidência que resta do ataque.

Ele fez uma pausa de alguns instantes, como se para enfatizar a importância essencial do que viria a seguir.

— Se eu o entendi corretamente, entre as várias armas de que Ulrich Tottz alega ter feito uso, ele não menciona nenhuma que deixasse uma marca como esta. — Seu olhar ávido lançou-se rapidamente na minha direção e senti uma náusea sufocante, como se tivesse recebido uma pancada violenta na cabeça.

— Koch, traga outro para baixo. Qualquer vidro serve. — A voz do professor Kant estava trêmula de excitação ao segurar o lampião mais próximo e aproximá-lo da segunda cabeça decepada. — A mesma marca é evidente aqui — disse ele, batendo o dedo indicador com força no vidro. — Consegue vê-la agora?

O couro cabeludo de Paula-Anne Brunner fora raspado na parte de trás, longos cabelos ruivos restando somente no alto da cabeça e nas laterais. Para meus jovens olhos, havia algo de abominável em tamanha profanação, a nudez total do crânio da mulher de alguma forma sugeria a violência furtiva através da qual ela encontrara a morte.

— Há uma marca idêntica no pescoço de Tifferch — concluiu ele categoricamente. Então, com um suspiro, acrescentou: — Se você tivesse ficado para ver Vigilantius trabalhar na noite passada, perceberia imediatamente que Morik não foi morto pelo indivíduo que é sua missão encontrar. Tottz não é o homem que buscamos.

— É esse o trabalho de Vigilantius? — perguntei em um sussurro.

Na luminosidade difusa, pensei ter visto uma expressão de satisfação firmar-se na face faminta de Kant. — O doutor é la creme de la creme entre os anatomistas europeus — confirmou com orgulho, como se ele próprio tivesse feito o trabalho repugnante.

O sorriso insinuante nos lábios do necromante voltou-me à memória, adquirindo agora um novo e mais sinistro significado. — O senhor pode ter terminado o seu assunto — ele dissera com desprezo na noite anterior —, mas eu ainda tenho algo mais a fazer.

Eu o imaginei retirando os instrumentos do interior do grande manto. Quais poderiam ser? Facas afiadas, uma serra médica, bisturis pontiagudos; imaginei-o inclinando-se sobre a mesa de anatomia e investindo sobre o cadáver, retalhando, sem misericórdia, os restos vulneráveis do Dr. Tifferch.

Minha raiva irrompeu ao ouvir o elogio generoso ao homem.

— Isso prova que ele é um charlatão, senhor. Ele não tinha a menor necessidade de pedir ao espírito do falecido para contar como fora assassinado. Ele já sabia a resposta!

Kant colocou a mão de forma apaziguadora na minha manga. — Você está sendo injusto, Stiffeniis. O doutor não tinha realizado a primeira dissecação quando sugeriu, naqueles seus modos artificiais e levemente irritantes, que a causa da morte seria encontrada na base do crânio do cadáver. O corpo já falara com ele. O corte veio depois.

O falecido falou.

— Professor Kant... — comecei a protestar.

— Como o senhor adivinhou?

A pergunta de Koch nos surpreendeu aos dois.

— Desculpe-me, professor Kant — disse o sargento, corando de constrangimento. — Não tive intenção de interromper sua cadeia de pensamentos, mas estou atordoado.

Como o senhor entendeu tão rapidamente o assassinato de Jan Konnen? Naquela época, não havia

como saber que crimes idênticos se seguiriam.

Kant fechou parcialmente os olhos, um sorriso satisfeito iluminando-lhe a face.

— Venho coletando informações essenciais sobre as mortes ocorridas em Königsberg há muitos anos, sargento — começou ele. — Cerca de um ano atrás, recebi meu relatório semanal da polícia local. Mencionava um cadáver para o qual não se identificara nenhuma causa evidente de morte. Aquilo era extremamente inusitado. O médico chamado para atestar a morte não notara aquela perfuração minúscula no pescoço de Konnen. Causa da morte: desconhecida. Como incluí-la nas minhas estatísticas? Ele morrera naturalmente ou fora assassinado? Pedi para o corpo ser doado para a universidade e, por uma feliz coincidência, o Dr. Vigilantius ministrava uma palestra no Collegium Albertinum naquela mesma semana. Sabendo por terceiros que ele era também um anatomista experiente, aproveitei-me da circunstância de duas formas. Primeiro, estava curioso em ver como um swedenborgiano se comunicava com o espírito dos mortos. Segundo, gostaria de preservar a prova que você acabou de ver. Quando um assassinato similar ocorreu alguns meses depois, identifiquei a ligação, solicitei o corpo e pedi ao Dr. Vigilantius que repetisse o procedimento.

— O procurador Rhunken sabia da existência desse local, senhor? — indagou Koch, fazendo um amplo gesto com a mão abrangendo o laboratório inteiro.

Kant mostrou desprezo pelo comentário com uma fagulha de contrariedade.

— Seu superior não estava preparado para levar em consideração a utilidade das provas que eu reunia aqui. Ele ridicularizou minhas descobertas como divagações senis!

Fazendo uso de procedimentos padrão da polícia, ele nunca prenderia o assassino. O prazer do assassino pelo próprio trabalho ganhava ímpeto, o terror se alastrava pela cidade, o rei estava preocupado com uma possível invasão francesa e queria que o caso fosse resolvido sem demora. Sugeri a Sua Majestade, algumas semanas atrás, que o procurador Rhunken fosse afastado do cargo. Eram necessários talentos especiais aqui. Talentos como os de Augustus Vigilantius...

— E os meus... — acrescentei.

Kant colocou a mão no meu braço e sorriu calorosamente.

„ Agora você sabe por que mandei chamá-lo, Hanno. Só alguém que já visitou o mundo das trevas pode lidar com o que está acontecendo aqui em Königsberg. Como você bem sabe, os impulsos mais obscuros do coração humano vão muito além da Razão e da Lógica.

Impulsos do coração humano que vão além da Razão...

Gelei. Eu usara essa mesma frase na primeira vez que nos encontramos.

— Foi por isso que o enviei para o Baleeiro Báltico — disse ele, os olhos brilhando maliciosamente. — Parecia o lugar óbvio para se começar. Aquela estalagem fora o palco do primeiro assassinato, e corriam rumores sobre o proprietário ser um simpatizante de Bonaparte. Morik, o camareiro, levantou as suspeitas do patrão, infelizmente.

Bem, isso eu não previ — acrescentou ele pensativamente. — Ainda assim, Tatz matou-o utilizando um martelo, conforme confessou a você. Ao fazê-lo, ele se excluiu da nossa investigação. Isso deve estar claro para você agora, espero.

— E por que não me contou de uma vez? Deixou-me tatear às escuras em nome da Lógica.

Eu fora facilmente convencido sobre uma motivação política. Ou melhor, eu me convencera muito facilmente sobre o assunto. Tudo se encaixava à perfeição: o conteúdo obscuro do armário de *Herr Tifferch*, a boataria indolente de Morik, tudo o que eu vira e ouvira na estalagem, a confissão de Ulrich Tatz, o sorriso da pobre esposa!

Eu distorcera os fatos para fundamentar minha teoria. E, ao fazer isso, provara ser um tolo irracional justamente aos olhos de quem depositara tanta confiança nas minhas qualidades.

— Você acreditava ter a prova definitiva — Kant prosseguiu. — Não aceitaria nada diferente, ainda que estivesse bem diante do seu nariz. Lembre-se do que eu lhe disse, Hanno. Sua investigação deve

objetivar a reconstrução de como as coisas aconteceram. Ela não vai lhe esclarecer a razão de terem ocorrido dessa forma. A motivação ainda está oculta nas trevas. Lógica e racionalidade não guiam o coração humano, embora possam explicar suas paixões.

Ele retirou um documento de um dos arquivos e colocou-o sobre a mesa.

— Olhe isso — disse.

Koch e eu nos inclinamos para mais perto da luz flamejante. Nada mais era que uma folha de papel com um esboço de um desenho. Não havia traço artístico algum na ilustração, somente um vago contorno de um corpo ajoelhado apoiado contra uma parede, revelando um contraste demoníaco entre a imperfeição técnica do desenho e o que ele retratava. Era como se uma criança, desviando-se de seus rabiscos de flores e fadas, inesperadamente se deparasse com uma cena do mais irresistível horror e, inocentemente, tentasse traduzir em imagens o que acabara de ver.

— O que é isso, senhor? — Koch indagou, desconfortável.

— Dois soldados foram enviados por Rhunken à cena do primeiro crime. Eu já começara uma investigação paralela utilizando meus próprios métodos, sobre os quais eu informara em segredo o rei. Pedi aos tais soldados que desenhassem o que eles recordavam ter visto na cena do crime. Esse se tornou um procedimento padrão em cada um dos crimes que se seguiram. As outras ilustrações estão naqueles arquivos ali, se vocês precisarem delas — Kant apontou. — Elas retratam a posição exata em que cada um dos corpos foi encontrado.

— O senhor enviou soldados para desenharem os cadáveres?

Kant riu estridentemente antes de responder à pergunta de Koch.

— Incomum, você não concorda? Um dos soldados comprovou ter valor. Sempre que um cadáver era descoberto, pedia para Lublinsky fazer um esboço da cena para mim. Eu lhe pagava pelos seus esforços, é claro.

— Uma cruz em um recibo de pagamento é mais do que a maioria deles consegue fazer — Koch retrucou, surpreso. — Posso fazer-lhe outra pergunta, professor Kant?

Os olhos de Koch percorreram o aposento ansiosamente.

— Tudo isso, isso... — balbuciou ele nervosamente. — Corpos sem cabeça! Pois isso é... isso é uma monstruosidade, senhor. O que espera com tudo isso?

Kant virou-se para mim e sorriu como se Koch não tivesse falado nada.

— Os mortos falam realmente conosco, você sabe, Hanno. Agora, não me entenda mal. Não me converti às ideias swedenborgianas. Nesta sala, neste instante, um homem assassinado é objeto de nosso escrutínio. Ao examinar as evidências físicas e analisar as circunstâncias, podemos chegar a conclusões razoáveis sobre onde e quando esse crime foi cometido. Essas informações, por sua vez, podem nos ajudar a compreender como ele foi executado, e que arma foi utilizada para esse fim. Finalmente, se nossa intuição não nos pregou uma peça, podemos ser capazes até mesmo de concluir quem é o criminoso. Morik foi morto por Totz, e por ninguém mais. Agora, o corpo deste homem pode nos dizer muito sobre quem o matou.

— O senhor quer reconstituir as condições na cena do crime, não é? — indagou Koch, antes que eu pudesse falar.

— Essa é a minha intenção, sargento. Você testemunhou a utilidade dessa "monstruosidade", como preferiu chamá-la. Sem esses frascos de vidro e seu conteúdo, o procurador Stiffeniis teria prosseguido despreocupadamente na direção errada e acusado Ulrich Totz de crimes que ele nunca cometeu. Agora ele pode corrigir esse erro — Kant concluiu com satisfação.

— Chamo este local de meu laboratório — prosseguiu —, embora ainda não tenha encontrado um nome adequado para a ciência que tenho explorado aqui. Este material será útil para uma mente treinada nos procedimentos de investigação. Se *Herr* Stiffeniis conseguir desvendar como esses crimes foram perpetrados, ele poderá prever o *modus operandi* do assassino e prendê-lo. De uma coisa podemos estar

absolutamente certos. Essa pessoa vai matar novamente!

— Totz não tinha a menor ideia de como essas pessoas foram mortas — admiti. — Mas por que ele mentiu para mim?

Kant tocou-me levemente na manga, como se para me encorajar.

— Morik foi morto por motivos políticos, Stiffeniis — disse ele. — Totz contou-lhe a verdade a esse respeito, pelo menos. Deve ter pensado que sua conspiração estava prestes a ser descoberta. Além disso, ele exterminou a única pessoa que tinha conhecimento direto dos fatos, a única pessoa em quem ele não podia confiar. Morik.

— Mas por que confessar os outros crimes?

Kant deu de ombros — Você gostaria de fazer o papel patético de um assassino cruel de crianças indefesas? Ulrich Totz talvez tenha simplesmente tentado forjar uma imagem mais atrativa para si mesmo, como um revolucionário, um impiedoso Robespierre local. Você terá de arrancar a verdade dele.

— E o farei! — vociferei, sentindo uma onda de raiva se elevar dentro de mim.

Novamente, o professor Kant repousou a mão apaziguadora no meu braço.

— Antes de ir embora — continuou ele com grande animação — ainda resta uma coisa para você ver. Esse foi o pretexto pelo qual eu o convidei para vir aqui. Estou verdadeiramente surpreso que você não tenha perguntado nada a esse respeito até agora.

Como um mágico tirando um coelho da cartola, ele colocou um embrulho dobrado de tecido cinza sobre a mesa. — A garra do Diabo! Sua suposta existência inspira mais medo em Königsberg do que qualquer fato comprovado poderia fazer. Desembrulhe, Stiffeniis. Estaquei.

— Não morde — comentou ele com uma risada frágil. O embrulho era fino. Meus dedos nervosos tatearam uma forma minúscula protegida ali dentro. O que quer que fosse, era pequeno e não pesava quase nada. Desdobrei o tecido sobre o tampo da mesa e o que se revelou aos nossos olhos foi um fragmento minúsculo e pontiagudo de menos de dois centímetros de comprimento. Parecia feito de marfim ou osso.

— O que é isso, senhor? — Koch sussurrou. Kant balançou a cabeça antes de responder. — Parte da arma do crime. A ponta, presumo. Era provavelmente maior quando o assassino introduziu-a na base do crânio de cada uma das vítimas. Vigilantius encontrou esse fragmento enfiado no pescoço de Jan Konnen. Podemos presumir que, quando o criminoso tentou retirá-la, a ponta se partiu.

— No relatório dos oficiais da guarda noturna, a mulher que encontrou o corpo mencionou ter visto a garra do Diabo — argumentei. — Ela obviamente não pode ter visto esse minúsculo fragmento. Será que essa discrepância não sugere que ela viu a arma inteira sendo retirada do pescoço da vítima?

— É um ponto que vale a pena ser investigado — Kant sugeriu com um assentimento vigoroso da cabeça.

— Devo falar com ela. O relatório de Lublinsky é vago nesse ponto particular.

— Lublinsky talvez saiba onde ela se encontra — Koch acrescentou, segurando o fragmento na mão e analisando-o com o tipo de concentração faminta que um botânico deve empregar diante de uma fruta exótica nunca vista. — Se esta parte se quebrou, aparentemente o assassino não encontrou problemas em obter uma reposição, senhor.

Aposto que são fáceis de se encontrar.

— E de se esconder — disse Kant. — Nenhum homem sensato fica perto do açougueiro quando ele brande o cutelo nas mãos.

Ele se virou para mim, um brilho divertido nos olhos.

— Você vê o caminho a seguir agora, Hanno? — indagou. Corri os olhos pelos vidros, arquivos e caixas empilhadas nas prateleiras.

— Tudo aqui é novo para mim, senhor — afirmei com um tremor de excitação. — Mas prometo fazer o melhor uso possível desses objetos impressionantes.

Aquilo podia ser um juramento solene.

— Aqui está a chave — Kant falou com um sorriso gentil. — As cabeças estão ali, as roupas que as vítimas usavam na hora do crime foram guardadas naquelas caixas.

Cada uma tem o nome marcado. Os desenhos dos cadáveres estão naquelas pastas — Kant apontou com uma calma metódica. — Tudo que você precisa, creio eu, encontra-se nesta sala. As provas são suas, Stiffeniis. Use-as como achar adequado.

Kant pareceu encolher-se diante de mim ao depositar a chave na minha mão. Tive a sensação de que não fora um gesto inteiramente natural, embora certamente memorável. Sua força estava completamente exaurida.

— Leve o professor Kant para casa na carruagem, Koch — ordenei. — Vou caminhando até o portão principal. Quero falar com Lublinsky imediatamente.

— Oh, não, senhor! Não! — retrucou Koch com determinação. — O senhor leva o professor para casa. Retornarei a pé para o prédio principal da fortaleza. O senhor poderia se perder, enquanto eu sei precisamente onde encontrar o oficial Lublinsky.

— Pode ser perigoso — repliquei, atordoado pela ferocidade com que Koch se opusera à minha proposta.

— Estarei bem alerta — retrucou o sargento, olhando na direção do professor Kant. Em um átimo entendi o que o afligia. Ele não tinha medo do escuro, da névoa ou da perseguição do assassino desconhecido noite adentro. Ele tinha medo de Immanuel Kant.

— Muito bem — concordei. — Encontre Lublinsky e veja o que ele tem a dizer sobre a mulher. Eu me juntarei a você em breve na fortaleza.

Lá fora, a noite caíra. A névoa estava ainda mais densa que antes e reduzia quase a zero a visibilidade no trecho escuro da estrada aos pés da fortaleza. Johannes Odum saltou para abrir a porta enquanto eu auxiliava o professor Kant a subir os degraus da carruagem.

— O senhor acompanhará o professor Kant até em casa? — Johannes indagou, com um tom de cuidado na voz. Lembrei-me repentinamente que o criado queria me mostrar algo na casa.

— Claro que sim — repliquei, guiando o professor Kant para dentro da carruagem, novamente sensibilizado pela sua fragilidade física e pela força de vontade que ele empregava para equipará-la à sua incrível energia mental.

— Tenha cuidado, sargento — adverti, ao subir atrás do professor Kant e Koch fechar a porta. — Não se arrisque.

A carruagem começou a se mover e prosseguiu vagarosamente. Nem eu, nem o professor Kant conversamos por algum tempo. Finalmente, ele se voltou para mim. — Espero que você se junte a mim para um acolhedor copo de licor de Bischoff. Foi um dia estafante e ambos precisamos de uma boa bebida para fortalecer o espírito.

— Com todo o prazer, senhor.

A promessa pareceu contentá-lo. Poucos instantes depois, roncava levemente, a cabeça reclinada no assento. Recostei-me também, pensando na carta que tencionara escrever para Helena anunciando meu sucesso na caça ao assassino. Graças ao professor Kant, meus dias em Königsberg não terminariam tão cedo.

O professor Kant dormiu o caminho inteiro de volta para casa. A força propulsora que o sustentara no decorrer do dia parecia tê-lo deixado completamente exaurido. Apenas alguns minutos antes, os olhos estavam brilhantes de excitação, movimentos velozes, sem o peso da idade, a mente rápida, o discurso vivaz. Mas, sentado ali ao meu lado no assento da carruagem, seu manto brilhante parecia um casulo vazio deixado para trás por alguma criatura recém-saída da casca que ganhou asas para encontrar seu caminho neste mundo cruel.

Mas eu não estava nem um pouco cansado. Por um processo inexplicável de osmose, a energia que abandonara meu mentor fora transferida para mim. Naquela manhã, às margens do rio Pregel, eu vira o cadáver de um garoto, o crânio irremediavelmente esmagado. Acabara de emergir de uma sinistra câmara de horrores, praticamente inconcebível mesmo para um terrível pesadelo. As ruas de Königsberg eram escuras e perigosas. Um assassino se esgueirava por ali, um ser implacável que não pensava duas vezes antes de exterminar uma vida humana, deixando um rastro de tragédia atrás de si, prometendo violência maior, ainda por vir. Mas meu coração cantava. Esse poderia ser o retorno de um passeio pelos bosques idílicos da Westfalia. A medida que deixávamos o laboratório do professor Kant para trás, minha mente era tomada por sensações que qualquer outro homem teria reservado para uma refinada e preciosa coleção de objetos de arte.

Estaria eu enojado pelo que vira naquele local escuro e sombrio? Muito pelo contrário!

Apertei a chave do laboratório de Kant fortemente nas mãos trêmulas de espanto e fascinação. Aquelas provas eram impressionantes, mas mais impressionante ainda era o fato de Kant ter confiado a mim a custódia dessa coleção. A mim, e a ninguém mais! Não me surpreendeu que o *Herr* procurador Rhunken não tivesse sido informado dos segredos guardados nesse local. O pobre e leal Koch ficara chocado com essas novidades, mas eu fiquei eufórico com elas. Agora entendia por que Kant escolhera a mim e não qualquer outro magistrado. Outros profissionais poderiam ter mais experiência no método de investigação criminal tradicional, mas Kant acreditava que somente eu seria capaz de compreender a utilidade das provas e apreciar a beleza macabra — não há palavra mais indicada — que sua mente incrível concebera e criara naquele lugar. Há onze anos, Kant aconselhou-me a me tornar um magistrado. E agora ele me oferecia a oportunidade que eu propositalmente tentara evitar em Lotingen.

Depositou o material em minhas mãos e me convidou a provar que eu era o primeiro de uma nova linhagem de magistrados investigadores, capaz de empregar uma técnica totalmente revolucionária envolvendo métodos nunca antes utilizados na luta contra o pior dos crimes. Crimes que poderiam colocar em risco a paz da nação.

Era essa a razão que o impelira a chamar *Vigilantius* e a fazer uso tanto do seu conhecimento de anatomia quanto das suas habilidades de ocultismo para auxiliar o Direito. Existiria algum magistrado vivo que ousaria empregar tal estratagem? Fora por isso que ele quisera que eu observasse o necromante trabalhar na noite anterior.

De repente, passei a ver as habilidades do médico sob um prisma totalmente diferente. A mente idosa de Kant navegava em direção a um porto derradeiro e sombrio, mas o grande filósofo não perdera totalmente o contato com a realidade, nem tampouco sua habilidade de aplicar lógica e raciocínio judicioso na resolução de um enigma.

Ele me ensinava a fazer o que, fisicamente, não era capaz de realizar por si mesmo. Era o meu Sócrates, guiava-me na direção de um modo completamente inovador de observação e atuação. Investigar um crime não era mais uma simples questão de coletar informações circunstanciais e arrancar a verdade

de testemunhas relutantes, como Rhunken pensava. Como eu pensava, refleti, com um rasgo de honestidade. Kant me preparara para o que eu acabara de ver, treinara-me para usar tal conhecimento para o bem da Humanidade, advertira-me para não desprezar nenhuma evidência, por mais perversa e monstruosa que fosse, como o sargento Koch a denominou. Certamente, deve ter sido assim que Rhunken considerou o método de Kant conduzir as investigações.

Ainda ontem à noite, eu teria concordado com Rhunken. Num instante, entendi o que devia fazer. Quando o caso estivesse terminado, o assassino preso e condenado, eu mesmo escreveria um tratado erudito para exaltar a genialidade incomparável de Immanuel Kant. Ele se aventurara mais profundamente nesse campo que qualquer outro homem antes dele, e eu me sentia emocionado ante a perspectiva de aprender com a invenção desses novos procedimentos. Vóltei-me para observar o professor adormecido, minha alma invadida por ondas de emoção e gratidão. Eu lhe devia tudo. Ele poderia ter sido meu pai. Na verdade, concluí, eu devia mais a ele, muito mais, do que jamais deveria ao meu próprio pai.

Minha cabeça girava com a imensidade dessas considerações. Tive que fechar novamente os olhos para recuperar o equilíbrio e não os abri até a carruagem deter-se com um solavanco brusco. Lá fora, a névoa estava mais espessa que antes. Olhei novamente para o professor Kant, mas ele dormia despreocupadamente. Do lado de fora do vidro da janela, uma face se materializou na escuridão leitosa, e a aparição fantasmagórica de Johannes Odum fez-me sinal para descer para a estrada. Abri a porta rápida e silenciosamente.

— Não podemos prosseguir, *Herr Stiffeniis* — o criado anunciou quando me postei a seu lado. A névoa se tornara uma parede impenetrável no ponto onde um riacho agitado corria ao longo da estrada. — Tenho medo de derrapar com a carruagem para dentro do canal.

— Posso caminhar à frente e orientar o cavalo — ofereci.

— Pegue um dos lampiões da carruagem, senhor. Tenha cuidado, o caminho é traiçoeiro por aqui — advertiu ele.

Empreendi a jornada em direção à casa, mas fui forçado a diminuir o ritmo. Sob meus pés, a neve era uma massa compacta. Atrás, o cavalo refugou com medo. Johannes mantinha-o com as rédeas bem firmes, temendo o pior, mas fui forçado a me arrastar por um longo tempo até a residência do professor Kant surgir finalmente em meio à bruma.

Johannes carregou Kant da carruagem como um bebê adormecido, enquanto eu segurava o lampião e ajudava-os abrindo a porta. Em pé, do hall, observei o criado carregar o patrão sem dificuldade escada acima, em direção ao quarto, esperando até que Johannes o aprontasse para dormir. A operação não demorou mais de dez minutos.

— Ele está realmente esgotado. Agradeço a Deus por um momento de paz! — Odum sussurrou, ao terminar de descer as escadas. — Mas agora, se o senhor me acompanhar, eu lhe mostrarei o que encontrei esta manhã.

Segurando o lampião da carruagem, ele abriu a porta da frente e conduziu-me com dificuldade para os fundos da casa. O jardim atrás da cozinha era circundado por árvores altas. A neve se depositava em montes e dobras da altura dos joelhos, o que dificultava a caminhada.

— Esta é a sala de leitura do professor Kant — explicou ele, parando ao lado de uma janela escura. Ele desceu o lampião próximo ao chão. — Mas olhe aqui, senhor. Foi isto que me assustou hoje de manhã.

Olhei para baixo. A neve resplandecia como diamantes sob raios de luz. Marcas escuras sobressaíam como pedras de rio no manto gelado que cobria o caminho da janela a um pequeno portão no outro extremo do jardim. Examinei, por um momento, as marcas imprecisas na neve, perguntando-me o que tanto preocupava Johannes.

Teria a responsabilidade de tomar conta do professor Kant afetado seu sistema nervoso?

— Era isso que você queria me mostrar?

Ele olhou para o chão e depois de volta para mim. — Depois que retornamos do rio essa manhã, senhor, abri as cortinas da sala de leitura. E aí estavam elas!

— Não entendi, Johaness.

— Ninguém veio aqui desde o verão passado.

Senti os músculos da mandíbula se tensionarem. — Você tem certeza? Um vizinho, talvez? Um pedinte ou caixeiro-viajante? Johaness balançou a cabeça com energia.

— Só há uma possibilidade, senhor — argumentou ele com grande seriedade. — Alguém o está espionando. Ou tentando entrar na casa.

Havia algo de desajeitado, canhestro — quase estúpido, diria — nesse homem. O ar frio parecia estar vários graus mais frio e eu tremia violentamente, apesar da pesada capa de lã que Lotte Havaars providencialmente colocara na minha bagagem.

— Ou pior, Johannes — falei, com uma calma maior do que realmente sentia.

— Pior, senhor?

— O assassino pode tê-lo seguido até aqui.

— Oh, meu Deus! — Johannes exclamou com um gemido. — Eu disse para o professor Kant que ele estava se envolvendo demais com esses crimes. Avisei-o também, senhor.

A ida ao rio foi temerária. Agora, o senhor deve...

Ergui a mão para conter esse fluxo de recriminações, concentrando-me nas medidas que precisavam ser tomadas imediatamente. — Nós o protegeremos — falei. — Assegure-se de travar as portas e trancar todas as janelas, Johannes. Mandarei soldados para guardar a casa e vigiar a rua.

Enquanto falava, observei as pegadas na neve. Perguntei a mim mesmo o que Kant faria em uma circunstância como essa. A resposta veio em um segundo. Minha mente voltou-se para a estratégia que o professor Kant tão cuidadosamente elaborara para um caso como esse.

— Há algo que precisamos fazer primeiro — falei com determinação. — O próprio *Herr* professor teria feito isso. Erga o lampião, Johannes.

— O senhor não trará o professor Kant aqui fora, espero, não é, senhor? — Johannes gemeu de medo.

— O que você está dizendo, homem? — repliquei. — Eu não sonharia em perturbá-lo. O que quis dizer foi aplicar o método analítico que o professor Kant acabou de me demonstrar no seu laboratório.

— Senhor? — os olhos do criado cintilavam mostrando grande atordoamento.

— Precisamos encontrar uma amostra que esteja inteira e compacta — comentei, correndo os olhos ao redor.

— Uma amostra? Do que, senhor?

— De uma pegada, Johannes. Mantenha a luz próxima ao chão.

O vento tornara a camada superior frágil como vidro. Ao me inclinar e observar a superfície da neve, pude ver que alguma tentativa fora feita para apagar a pegada.

Quem quer que estivesse espreitando pela janela, arrastara o pé ao andar, a fim de evitar deixar a amostra exata que eu buscava.

— Siga a trilha pelo jardim — disse eu.

Johannes resmungou alguma reclamação ou protesto para si mesmo, e, em seguida, segurou o lampião e iniciou o trajeto.

— Não pise nas pegadas — adverti. — Já há confusão demais por aqui.

A trilha conduzia à cerca e ao pequeno portão no canto oposto do jardim. O indivíduo parecia ter pressa e todas as pegadas estavam distorcidas. Não havia uma única inteira. Passamos para a alameda aos fundos da casa, mas as pegadas dos transeuntes se juntavam e tornavam a tarefa impossível.

— É um esforço inútil, senhor — Johannes irrompeu nervosamente.

Eu o conduzi de volta ao jardim em silêncio, examinando as pegadas sob a janela mais uma vez, deslocando-me, em seguida, para os três degraus de pedra que levavam à porta traseira da casa.

— Ele esteve aqui, vê? E aqui...

Um grito de triunfo escapou-me dos lábios. No degrau mais alto, surgindo como um relevo bem definido quando Johannes ergueu o lampião bruxuleante, estava a recompensa para toda a minha persistente teimosia: uma pegada completa.

— Ele tentou entrar por esta porta — comentei, começando a procurar por um papel de desenho na minha sacola.

— O senhor acha que ele chegou a entrar? — Johannes perguntou, com um tom amedrontado na voz.

Examinei cuidadosamente a sólida porta de madeira de pinho escura e a grande fechadura de metal. Tudo estava perfeito, intacto, intocado. — Não há sinal de tentativa de forçar a fechadura. A porta parece trancada por dentro — concluí, girando a maçaneta.

— Eu mesmo a tranquei, senhor.

— Ele deve ter desistido do plano. Temporariamente, pelo menos — falei, a voz engasgando na garganta. O que aconteceria, pensei, se na próxima vez ele encontrasse um modo de entrar? — Venha, Johannes, precisamos descobrir se esta é a pegada do assassino.

— Mas como, senhor? Como o senhor vai fazer isso? — indagou ele, uma expressão de completa incompreensão estampada no rosto.

— Comparando esta marca com o desenho das pegadas encontradas nos locais dos crimes — repliquei, notando que, até mesmo ao falar, eu utilizava a nova linguagem de investigação de Kant, que nada devia significar para o criado. — É assim que seu patrão teria feito — expliquei. Eu encontrara uma folha de papel na bolsa e procurava em vão por um lápis. — Mas com o que vou desenhar? — murmurei, olhando ao redor como se esperasse que uma pena e um pote de tinta se materializassem diante dos meus olhos.

— Desenhar, senhor? Eu não o entendo.

— Essas pegadas. Quero copiá-las. Há um lápis na casa?

— No quarto do meu patrão, senhor. Mas eu não gostaria de acordá-lo — ele olhou o jardim ao redor. — Um momento — pediu, quebrando um galho fino de um pé de alecrim sem folhas ao lado da porta da cozinha. Tirou a proteção de vidro do lampião, queimou a madeira na chama, apagou a ponta acesa na neve e estendeu-a para mim.

— Carvão, é claro — exclamei com um sorriso.

O contato diário com a genialidade de Kant evidentemente produzira sua mágica naquele criado sem instrução. Nunca um instrumento simples assim fora tão útil. Coloquei o papel na neve próximo à pegada para reproduzir o tamanho exato e depois apoiei-o no joelho e desenhei a figura. Havia um corte transversal distinto na sola do sapato — no pé esquerdo — que seria útil para comparação. Aquecendo-me para o trabalho, desenhei um mapa do jardim e flechas para indicar a direção das idas e vindas do intruso, enquanto Johannes assistia em silêncio.

— Você não ouviu nada de diferente na noite passada, suponho — perguntei-lhe, enquanto completava o desenho.

— Não, senhor, eu... eu não ouvi — ele vacilou.

Ergui a cabeça e o fitei. Os olhos dele se desviaram dos meus.

Teria ele permitido que alguém entrasse na casa, alguém que o patrão talvez não tivesse aprovado? Mas isso não tinha lógica. Ele me mostraria as pegadas se soubesse ao certo quem as deixara?

— Nada mesmo, Johannes? — insisti.

Talvez ele tivesse se aproveitado do sono do patrão idoso? Johannes não passava dos trinta anos. Quem sabe tivesse uma namorada ou fosse casado.

— Erga o lampião — falei, buscando-lhe o rosto enquanto ele obedecia com relutância. — Acredite-me, Johannes, seu patrão não saberá de nada do que você me contar.

Você convidou alguém a entrar nesta casa sem pedir a permissão do professor Kant?

— Oh, não, senhor. Não! — sua negação foi imediata. — Eu nunca sonharia tomar uma liberdade destas. Dou-lhe minha palavra, senhor.

Apesar dessa alegação fervorosa de inocência, Johannes parecia à beira das lágrimas. Esperei, observando-o em silêncio. É um truque que os magistrados gostam de utilizar.

— Na verdade, senhor — acrescentou ele —, tenho uma... uma pequena confissão a fazer. Significa trair a confiança, mas... eu... bem, o senhor precisa saber.

Ele apoiou a lanterna no chão, esfregou as mãos, e segurou as abas dos bolsos com os punhos cerrados; em seguida, encarou-me com uma expressão infeliz.

— O professor Kant pode estar em grande perigo — lembrei-o.

— Tive... tive medo de contar a qualquer pessoa, senhor. Especialmente a *Herr* Jachmann. Pensei que perderia o emprego se contasse a ele. *Herr* Jachmann instruiu-me a nunca deixar o professor Kant sozinho.

— Certo — assenti.

— E eu segui as instruções ao pé da letra, senhor. Exceto...

— Exceto pelo quê?

— Exceto pelo próprio professor Kant.

— O que você quer dizer?

— Ele me pediu para deixá-lo sozinho por uma hora ontem à noite, senhor. E me deu permissão para visitar minha esposa. Pode-se dizer que ele... insistiu.

— Sozinho, Johannes? — eu estava chocado. — Por que ele mandaria que você saísse de casa à noite?

— Ele estava trabalhando no livro, senhor. Disse que não queria nenhuma interrupção. Tentei dissuadi-lo, mas ele me disse para aproveitar a oportunidade. Na verdade — acrescentou ele —, isso já ocorreu várias vezes, senhor.

— Quando foi a última vez?

— Bem, ontem à noite...

— Antes disso! — sibilei.

— Uma semana, dez dias atrás, senhor. Ele me liberou do serviço umas cinco ou seis vezes no mês passado.

Tremi ao pensar no perigo mortal a que o professor Kant se expusera. Imaginei o assassino espionando-o sozinho em casa.

Como uma aranha observando uma mosca enredada na sua teia.

Como você pôde? — senti-me ferver. — Sozinho em casa à noite? Na idade dele?

Johannes estava agora aos prantos.

— O que eu podia fazer, senhor? — protestou ele, limpando os olhos na manga. — *Herr* professor Kant foi tão bom para mim. Seria ingratidão recusar o seu pedido. Não posso negar, senhor, vivendo aqui, sinto falta da minha esposa e dos meus filhos.

— Você deveria ter informado *Herr* Jachmann — retruquei.

— Era sua responsabilidade. Ele administra os assuntos domésticos do professor Kant.

— Sei disso, senhor. Mas *Herr* Jachmann não vem mais — hesitou por um momento e então, com uma praticidade simplória, acrescentou: — E o professor Kant é o meu patrão, senhor. É a ele que eu tenho que obedecer. Essa situação me coloca em uma posição muito difícil.

Ele inclinou a cabeça e começou a soluçar como uma criança.

— Você sabe o que está acontecendo em Königsberg — falei, apoiando a mão no seu ombro para acalmá-lo. — Há um assassino na cidade. Não podemos nos esquecer disso!

Johannes mordeu os lábios e conteve a emoção.

— Juro, senhor! Nunca mais o deixarei sozinho...

— Ele está sozinho neste momento, não está? — falei.

— Volte para dentro, Johannes. Eu terminarei aqui. Enviarei um esquadrão de soldados da fortaleza assim que chegar lá.

Ele se virou para ir embora, mas, em seguida, voltou-se. — O senhor não vai contar nada para *Herr Jachmann*, não é, senhor?

— implorou, olhando por cima do ombro.

— Espero um aviso seu ao menor sinal de perigo — afirmei, não fazendo nenhuma tentativa de tranquilizá-lo. — Não hesite. Chame os soldados!

Observei-o retornar pelo caminho até a frente da casa. Ao segui-lo, alguns instantes depois, escutei a porta de entrada se fechar atrás dele, as linguetas pesadas encaixando-se no lugar. À medida que eu me apressava em direção à cidade, a urgência do perigo arrepiou-me o couro cabeludo. Patrão e criado estavam sozinhos naquela casa, enquanto um assassino perseguia suas vítimas pelas ruas da cidade. Ele já espionara o professor Kant e os soldados ainda nem haviam sido enviados. Novamente, senti o enorme peso nos ombros.

Antes dizia respeito à segurança da Prússia inteira. Agora, da pessoa que eu mais amava e admirava na face da Terra. Exceto pela minha esposa e meus filhos.

Deixei a *Magisterstrasse* e descii a alameda escura que conduzia ao centro da cidade e à fortaleza. Ao caminhar com determinação através das ruas desertas, ladeadas por árvores, tomava consciência de que o indivíduo que ousara violar o *sancta sanctorum* de Immanuel Kant percorrera o mesmo caminho que eu agora perfazia. Ele podia estar escondido atrás de uma daquelas árvores. Olhei à volta, ansiosamente, e acelerei o ritmo, a imagem de um grande pote de vidro piscando diante dos meus olhos, minha cabeça flutuando lá dentro, enquanto o Dr. *Vigilantius* limpava despreocupadamente meu sangue pegajoso das suas mãos e deixava as facas de lado.

Escorregando e caindo na superfície gelada mais de uma vez, meu avanço frenético combinava com o retumbar furioso do meu coração. Não parei para recuperar o fôlego até que as luzes bruxuleantes do lado de fora da fortaleza surgiram em meio à escuridão do outro lado da *Ostmarktplatz*. Mas, à medida que recomecei a caminhar, mais lentamente agora, um movimento brusco nas sombras chamou-me a atenção.

Um homem estava em pé, próximo ao portão principal, em meio ao frio cortante.

Ele ergueu os olhos, viu-me e começou a correr na minha direção, pouco se importando com o gelo e a neve que cobriam as pedras do pavimento.

Uma sensação de impotência tomou conta de mim. Senti-me como um títere de madeira com um cérebro humano. E uma maligna e desconhecida mão puxou com força as minhas cordas.

O sargento Koch veio escorregando até se deter diante de mim. Seu rosto estava pálido, consumido, a respiração ofegante, exalando nuvens de vapor, brancas como leite, enquanto tentava recuperar o fôlego.

— O que há de errado? — ofeguei, o coração disparado como uma lebre encurralada. Meus nervos estavam à flor da pele. As pegadas misteriosas no jardim de Kant. A sensação palpável de perigo na cidade que acompanhava a chegada da noite. Cada nova apreensão maior que a anterior.

— Houve um contratempo, senhor.

— O que aconteceu? — gritei, agarrando a lapela da capa de Koch e sacudindo-o.

Ele agarrou-me os pulsos com uma força inesperada para mim e afastou minhas mãos. — Não pudemos fazer nada para salvá-los, senhor — disse ele.

— Salvar quem? — exclamei.

— Totz e a esposa, senhor. Meia hora atrás. Eles se mataram. As implicações dessa notícia relampejaram na minha mente. Duas pessoas que eu acusara de assassinato, conspiração e sedição, que eu jogara na prisão, pretendendo submetê-los à tortura para arrancar-lhes a verdade, tomaram para si o comando da decisão final.

— Dei instruções para mantê-los separados — consegui dizer.

Koch segurou-me pelo braço e me conduziu em direção ao portão. — E assim foi feito, senhor. Falei com Stadtschen. Ele jurou que sua ordem foi cumprida à risca.

Quando Totz foi levado para baixo, foi obrigado a passar pela cela em que a mulher era mantida. Eles devem ter trocado algum tipo de gesto, um sinal. Foi tudo decidido em um instante.

Koch bateu à porta de entrada, o portão se abriu e entramos no pátio interno iluminado por tochas. — Dei instruções aos guardas para trazerem os corpos para cima antes que os outros presos percebessem — falou. — Eles têm um sexto sentido lá embaixo, farejam morte como lobos famintos. Temos que evitar uma rebelião a qualquer custo. O general Katowice não vai tolerar isso, enforcará muitos deles. Felizmente, o navio que irá levá-los para a Sibéria está a caminho, *Herr* procurador. Deve atracar amanhã, dependendo do tempo. Stadtschen está tomando as providências para que os prisioneiros da Seção D sejam transportados para o porto de Pillau. Passarão a noite lá. Será muito mais seguro que mantê-los aqui na fortaleza, senhor.

Assenti com a cabeça, incapaz de recuperar a fala. — Tivemos sorte. Realmente, senhor, se é que se pode usar essa palavra — continuou ele. — Totz estava em uma cela sozinho. A esposa tinha a companhia de outras duas mulheres que estavam adormecidas quando ela se suicidou. Sem o menor ruído. Um guarda encontrou o marido primeiro, e em seguida foi checar... — parou subitamente e olhou além dos meus ombros. — Aí vêm eles.

Os soldados cruzavam o pátio carregando pendurados dois fardos pesados, envoltos em cobertores cinzentos.

— Serão enterrados pela manhã — Koch acrescentou.

A expressão fixa nos lábios de Gerta Totz cruzou-me a mente. Teria ela sorrido do mesmo modo insinuante enquanto tirava a própria vida? A urgência de verificar era irresistível. Cruzei o pátio a passos determinados.

— Coloque-os no chão! — ordenei. — Arranquem os cobertores.

Os sinais de violência eram claramente visíveis nos corpos. A face de Gerta Totz estava escura, inchada a ponto de explodir, os olhos arregalados, como se lhe tivessem acabado de dizer uma grande grosseria. O pedaço do vestido que ela usara para se enforcar permanecia firmemente enrolado ao redor

da garganta, tendo sido cortado acima do nó para retirá-la da grade do teto. Ao redor das narinas via-se ainda as marcas do sangue que meu soco deixara. Se não fosse por isso, a mão deformadora da morte varreria qualquer traço familiar das suas feições. Aquele sorriso medonho desaparecera para sempre.

A face de Ulrich Totz era uma máscara de sangue.

— Ele esmagou a cabeça contra a parede da cela com uma violência extraordinária — Koch explicou.

— Mais de uma vez para produzir tamanho estrago — acrescentei com um calafrio.

Um rio de sangue seco caía em cascata do nariz esmigalhado sobre a frente da camisa de linho branco. Fora bem-sucedido em esmagar o crânio ou quebrar o pescoço.

Fitei os corpos por um momento, em seguida, virei-me. Como considerá-los? A sexta e sétima vítimas do monstro de Königsberg, ou, como Morik, vítimas da minha própria incompetência?

— Levem-nos — murmurei. Observei os soldados conduzirem pesadamente o fardo através do pátio e lutei para afastar minha depressão. — Envie uma patrulha imediatamente para a Magisterstrasse, sargento — ordenei. — Alguém tem espreitado o jardim do professor Kant. Pode ser o assassino.

Koch franziu as sobrancelhas. — Kant não se machucou, espero.

— Ele está bem. Mas não seguro. E não estará fora de perigo até que este assunto seja resolvido — murmurei, rangendo os dentes. — Parece que o assassino está cada vez mais ousado.

— O senhor realmente acha que ele tentaria matar o professor? Esse monstro sempre escolheu aleatoriamente suas vítimas. Essa era sua força. Ninguém sabia onde ou quando ele atacaria novamente. Portanto, por que decidir atingir um alvo específico de repente?

— Talvez ele tenha mudado de estratégia — repliquei, impotente. — O assassino não tem rosto, permanece oculto pelo anonimato, ainda assim, sabe quem somos. Tem conhecimento claro de que Kant está envolvido e também de onde encontrá-lo a qualquer hora do dia ou da noite. Ele raramente sai de casa.

— Darei as ordens para o oficial em exercício, *Herr* procurador — disse Koch. Ele correu pelo pátio e uma patrulha armada saiu trotando rapidamente pelo portão principal poucos minutos depois. Uma onda imensa de alívio me invadiu, mas não me senti melhor quando ela baixou. Tudo o que ocorrera naquele dia em Königsberg, e o que ainda poderia acontecer, pareciam pesar sobre mim como uma lápide de granito. A escuridão me esmagava. A escuridão e a terrível sensação de responsabilidade. Três pessoas estavam mortas e a culpa era minha. Fechei os olhos para afastar aquela imagem terrível.

— O senhor parece pálido.

Koch estava diante de mim, uma expressão preocupada no rosto.

— O senhor precisa conservar sua força. Foi um dia longo, há comida na cozinha do regimento. O senhor não comeu nada desde o café da manhã.

— Obrigado, Koch — falei e tentei sorrir. — Você é melhor que uma ama-seca.

Sua expressão inabalável relaxou um pouquinho. — Siga-me, senhor.

Comecei a pensar que, embora a única, eu tomara uma decisão sábia nos últimos dois dias. O sargento Koch começara a revelar seu lado mais gentil depois das dificuldades das nossas primeiras horas juntos. Abrindo uma porta, ele me conduziu a um grande aposento abobadado excessivamente aquecido pela presença de um forno de cerâmica de proporções gigantescas.

— O refeitório da guarnição — explicou.

Suor humano e odor de carne de carneiro cozida pairavam desagradavelmente no ar, mas eu me senti confortável assim mesmo. Depois do mau cheiro pungente de formol e desintegração humana no laboratório de Kant, esse odor era saudável. Provinha de seres vivos executando tarefas vitais: trabalhar, comer, beber, proteger a cidade e seus habitantes.

Koch indicou-me um lugar para sentar e saiu novamente, retornando alguns minutos depois com um jovem soldado vestindo um avental branco que colocou uma bandeja na mesa à minha frente. Uma tigela

de caldo de carneiro com pequenos pedaços de cartilagem gordurosa, pão preto, vinho tinto. Uma refeição de soldado. Lancei-me sobre ela com apetite, enquanto Koch observava como um dono de restaurante orgulhoso.

Senti-me imediatamente revigorado.

— Não é indicado para um estômago delicado, Koch — comentei, entre as colheradas —, mas é o prato mais revigorante que experimentei na vida. Agora, o que você tem a relatar sobre a mulher que encontrou o primeiro corpo e sobre o soldado que a interrogou?

Engoli outra colherada de sopa. — Qual o nome dele?

— Lublinsky, senhor.

— Falou com ele?

Ele aquiesceu. — A mais singular das criaturas, *Herr* procurador — replicou o sargento.

Parei de comer e ergui os olhos para ele. — O que você quer dizer?

— É melhor o senhor ver por si mesmo — sorriu, desconfortável. — Na minha opinião, foi um erro deixar um assunto delicado como esse nas mãos de soldados brutos.

Dê a eles uma batalha e saberão exatamente o que fazer. Peça-lhes que falem com uma mulher e o senhor não pode adivinhar o que vai sair dali.

— Ele está alojado aqui? — perguntei, dando um gole no vinho.

— Está na enfermaria, senhor.

— Doente?

— Não exatamente doente. Um ferido crônico ambulante — Koch bateu o dedo no rosto. — Bem aqui, senhor. Como se tivesse sido esfaqueado.

— Participou de um duelo, foi?

— Lublinsky provavelmente negaria. Via de regra, os soldados negam tudo.

— Quero falar com ele imediatamente.

Koch apontou para a bandeja. — O senhor não prefere terminar a refeição primeiro, senhor?

— Ele é um dos envolvidos na investigação. Quanto mais rápido eu o vir, melhor.

— Vou até a enfermaria e trago-o aqui, senhor.

Koch saiu e terminei o que restava no prato. Sentia-me um novo homem quando ele retornou na companhia do oficial Lublinsky.

Não prestei atenção imediata ao soldado quando ele entrou na sala, servindo-me de mais vinho e bebendo-o, o líquido quente derretendo o frio dos meus ossos congelados depois de uma manhã tenebrosa e uma tarde ainda pior.

— Fique aqui — ouvi Koch dizer. Em seguida, deu a volta à mesa, postando-se ao meu lado, como um anjo guardião.

Lublinsky bateu os calcanhares, prestando continência. Só então ergui os olhos e meu estômago revirou a comida que eu acabara de ingerir. Um grito de repulsa chegou-me aos lábios, embora eu tenha conseguido sufocá-lo. Eu nunca vira alguém com uma aparência tão pavorosa. Cada centímetro da sua pele áspera e avermelhada estava marcado e repleto de protuberâncias, orifícios, todo tipo de excrescência que uma doença possa causar. Da testa ao queixo, ele perdera toda e qualquer semelhança com a natureza.

Entre os camponeses que trabalhavam nas terras do meu pai, eu vira o que a varíola podia fazer a um ser humano. Mas o que fizera a Lublinsky era impossível descrever.

O uniforme tinha um colarinho alto para encobrir as pústulas e os furúnculos cheios de pus que infestavam seu pescoço e garganta. Uma ferida escura e circundada de sangue abria-se na bochecha esquerda. Ele usava deliberadamente um casquete dois números maior que seu tamanho normal, para lhe encobrir o rosto.

— Tire o casquete na presença do *Herr* procurador — Koch ordenou bruscamente. O homem

obedeceu e sua calvície surgiu com toda a violência da deformidade escabrosa, a ponta da cabeça tão repleta de pústulas e crateras cheias de furúnculos e cicatrizes quanto o rosto. Se não fosse pela altura e constituição, e sua habilidade como soldado do rei, ele só encontraria trabalho em um circo de horrores itinerante e em nenhum outro lugar. Ele fitou para além de mim, desafiando Koch a sustentar-lhe o olhar. Seus olhos eram grandes e escuros e moviam-se observando o ambiente com uma energia feroz. Ele seria bonito se o destino tivesse contribuído um pouco mais. Com os ossos da face altos, nariz aquilino, mandíbula quadrada e queixo forte ele poderia, em um mundo melhor, ter servido de modelo para um artista ou de amante para uma baronesa.

— Posso retirar os pratos, senhor? — Koch indagou.

— Deixe-os aí. — Não tinha o menor desejo de diminuir Koch diante daquele homem. — Você tem auxiliado na investigação dos assassinatos sob a supervisão direta do professor Kant, não é? — perguntei, dirigindo-me a Lublinsky.

Seus olhos deslocaram-se dos meus para Koch e então de volta a mim e ele abriu a boca para falar. Se eu ficara chocado com a face, a voz me horrorizou completamente.

Parecia ter um babuíno selvagem de fala engrolada solto na cavidade oral, uma besta que ele tinha grande dificuldade em dominar. Devo ter demonstrado meu apuro, pois ele estacou repentinamente, e em seguida recomeçou, pronunciando as palavras com mais vagar, a fim de evitar as emissões nasais e guturais que tornavam sua fala tão difícil de ser compreendida.

— Professor o quê? — guinchou ele, as palavras assoviando através de uma fenda palatina profunda. — Fiz o que me mandaram. Relatórios, era o que eles queriam. Relatórios, foi o que receberam.

— Mas você também foi pago para fazer desenhos para o professor Kant.

— Oh, aquele! — exclamou. — Ele é professor?

— O que você pensou que fosse? — indaguei.

Lublinsky deu de ombros. — Não sou pago para pensar, senhor. Pouco importava, dei a ele o que pediu. O mundo está cheio de velhos com gostos estranhos.

Forcei-me a olhá-lo e tentei imaginar o que se passava pela sua mente. Tudo em Königsberg parecia estar contaminado, enfermo, distante da luz normal do dia. Naquele instante, senti-me oprimido pela necessidade que me obrigara a fazer parte desse ambiente. Que "talento" o professor Kant encontrara nesse homem tão estranho?

— Conte-me algo sobre você — pedi, e logo desejei não o ter feito.

Era necessária uma quantidade enorme de paciência para entender seu balbúcio. Chamava-se Anton Theodor Lublinsky, era nativo de Dantzig. Ingressara na infantaria leve há dez anos e lutara na Polônia. Há três anos fora transferido para Königsberg, onde, fez questão de esclarecer, fora feliz até bem recentemente.

— Você não está contente aqui, Lublinsky? O que o fez mudar de ideia? — perguntei, considerando que ele teria todo o direito de se sentir infeliz onde quer que estivesse.

— Preferia estar lutando, senhor. — Ele parecia renascer à menção da ideia, mas em seguida acrescentou rispidamente. — No campo de batalha vemos o inimigo frente a frente.

Seus olhos cor de carvão arderam desafiadoramente e, em seguida, desviaram-se.

O que teria ele visto que o levara a preferir a ação militar e o risco de ser morto? Inclinei-me sobre a mesa, golpeei o punho com força sobre o tampo e fitei-o nos olhos. O cheiro forte que emanava dele misturava-se ao fedor que impregnava a sala. Tinha que me forçar para não desviar o olhar.

— Li seus relatórios oficiais, Lublinsky — recomecei. — Achei-os muito incompletos. Diga-me exatamente o que você viu na cena do crime perto do Baleeiro Báltico.

Você foi o primeiro a encontrar o corpo, não foi?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não foi exatamente assim, senhor. Eu estava na companhia de outro soldado. Então, lá estava a

mulher...

— Um ano atrás — recapitulei —, você foi mandado ao local do crime. Falou com a mulher que encontrou o corpo. Certo? Quero saber precisamente o que foi dito naquela ocasião.

Lublinsky começou a emitir seus sons inarticulados. Se eu fechasse os olhos, poderia pensar que escutava algum misterioso oráculo grego ou uma voz de além-túmulo conjurada por Vigilantius. Prestei atenção nos lábios do homem na esperança de entendê-lo, enquanto Koch encorajava-o, corrigia e interpretava.

Naquela manhã, ele relatou, um vento frio soprava do mar. Ele levantara às quatro para assumir o comando da guarda. Quando trocava de posto com o oficial da noite, chegou-lhe o rumor de que um corpo fora encontrado próximo ao porto. Ele e Kopka, o segundo na hierarquia, foram examinar o que fora encontrado, mantendo o oficial da noite em seu posto. Ambos apreciaram a oportunidade de passear pelas ruas, em vez de permanecerem na fortaleza sem nada para fazer. No local, encontraram um corpo e uma mulher. Ninguém mais. O sol ainda não tinha nascido e as ruas estavam desertas.

— O que você viu ali, Lublinsky?

Ele manteve silêncio por um momento.

— Estive frente a frente com a morte mil vezes, senhor — disse repentinamente, fitando-me com ferocidade. — Oceanos de sangue, feridas temíveis, a agonia da metralha.

Não havia nada disso na Merrestrasse. Mas não me senti melhor por isso.

Ele e Kopka não encontraram sinais de violência, nada que indicasse como o assassino desfechara o golpe fatal. Ainda assim, era óbvio que a vítima não morrera de causas naturais.

— Óbvio, Lublinsky?

O corpo de Jan Konnen, de joelhos, inclinara-se para a frente, a cabeça apoiada contra a pedra nua. É a mesma posição que os muçulmanos adotam quando oram ao seu Deus, relatou ele. Como não havia nada a ser investigado no corpo, eles voltaram a atenção para a mulher. Uma parteira a caminho de um parto. Ela se recusou a dizer uma palavra. Tremia de medo. Então, Kopka teve uma ideia brilhante. Trouxe uma dose de gim de uma estalagem próxima.

Lublinsky fez uma pausa e pareceu pensar longa e concentradamente antes de continuar. — Ela não era a assassina, senhor. Isto estava suficientemente claro.

— Claro? O que estava claro a esse respeito?

Ele aspirou uma grande golfada de ar pela boca como um animal sufocando. — Ela estava aterrorizada.

— Qual o nome dessa mulher? Ele hesitou novamente.

— Quero saber o nome da parteira — repeti, com firmeza.

— Você não registrou essa informação no seu relatório.

Uma torrente de emoções pareceu afligir-lhe o rosto.

— Reter informações é crime — adverti.

— Anna, senhor — ele disse, depois de alguns momentos de um silêncio tenso. — Anna Rostova.

— Ela lhe contou isso enquanto Kopka não estava presente?

— indaguei.

As grandes mãos de Lublinsky começaram a remexer nervosamente no uniforme, ajustando botões, endireitando o colarinho, enrolando o casquete em um tubo firme. Por fim, ele me olhou e assentiu.

— E por que ela teria feito isso? Como você conquistou sua confiança?

Ele corou intensamente. — Não sei, senhor — respondeu.

— Eu... quero dizer, pensei que ela talvez estivesse interessada em mim.

Que um homem tão feio pudesse tirar vantagem da promessa de favores sexuais de uma mulher extravagante o suficiente para oferecê-los não me parecia improvável. Eu quase me solidarizava.

— E por nenhuma outra razão?

Uma expressão de dor perpassou o rosto de Lublinsky. De todos os detalhes sórdidos dessa história que retornam com maior frequência à minha memória, o rosto devastado de Lublinsky é o que mais perturba meu sono e meus sonhos. Seus olhos percorreram a sala, a boca se abriu e se fechou como a de uma carpa enganchada em um anzol imundo.

— Foi pena, senhor. Ela me contou que seu único filho morrera de varíola. Sabia o que eu sofrera. Foi essa a razão que ela alegou.

Fitei Lublinsky longa e intensamente. Sua respiração difícil era o único som na sala.

— O que essa mulher propôs exatamente? — perguntei, preparando-me para ouvir uma confissão obscena de degeneração sexual.

Antes de optar por responder, Lublinsky brincou com a unha do dedo no buraco da bochecha até o sangue emergir. Em seguida, o ressentimento explodiu violentamente, como se alguma represa de emoções contidas tivesse sido aberta abruptamente dentro dele.

— Ela me disse que o Diabo assassinara aquele homem.

— O Diabo — repeti mecanicamente.

— Ela tinha visto as garras, senhor.

— Você as viu também? — perguntei com toda a astúcia que fui capaz de reunir.

— Não, senhor. Não havia nada para ser visto. Examinei o corpo. Não havia nada. Nenhuma ferida, nenhuma arma. Somente Satã teria feito uma coisa daquelas, ela disse.

— Então você não viu nada, mas acreditou nela. Por que não incluiu esses detalhes no seu relatório escrito? — argumentei.

Lublinsky não respondeu. Em vez disso, porém, um tremor violento sacudiu-lhe o corpo. Não entendi a batalha que era travada dentro da sua cabeça, o inimigo invisível que o agarrava pela garganta.

— Ela disse... ela iria... ajudar-me, senhor — murmurou ele, finalmente.

— Uma parteira, Lublinsky? Como uma parteira poderia ajudá-lo?

Ele ergueu a mão e apontou o rosto cheio de cicatrizes e bolhas. — Ela prometeu me curar. Peguei a doença na Polônia. Era para eu ter morrido, mas isso não aconteceu. Gostaria que tivesse ocorrido. Era noivo de uma jovem de Chelmo. Ela me abandonou quando viu meu rosto. E isso foi só o começo. Meus colegas do regimento me evitam. Chamam-me de *Filho de Satã*, isso mesmo. Há cinco anos passo por isso. Cinco anos, senhor! Anna disse que me salvaria. Jurou que eu teria a pele como o bumbum de um bebê e acreditei nela. Ela foi a primeira mulher... — ele arquejou em busca de ar — a olhar para mim em muito tempo. Antes de Kopka voltar, eu a liberei para ir embora. Tinha seu endereço...

— Uma coisa não foi esclarecida. Duas, para ser preciso — eu o interrompi. — O que Anna Rostova viu que você não viu? E como ela pretendia curar suas feridas? Você se arrisca a ser preso por não cumprir com suas responsabilidades, lembre-se.

Ele não precisava de ameaças. — Estou tão mal quanto estava há um ano — admitiu ele com raiva, sustentando o rosto diante da luz. Parecia quase se orgulhar da ruína que a Natureza realizara. — Anna disse que o Diabo acabaria com meu sofrimento. E que fora por isso que deixara a garra para trás.

Tentei manter a calma. — Você a viu, não é? Lublinsky se encolheu em silêncio.

— Não piore as coisas — adverti. — Descreva essa... garra.

— Um objeto longo como um osso pontiagudo — declarou, por fim. — A garra de Lúcifer. Tem grandes poderes. Foi por isso que ela a retirou do corpo.

— Poderes, Lublinsky? A que poderes você se refere?

— Para curar... para matar, senhor. Ela disse que curaria meu rosto com aquele objeto do Inferno. O pagamento seria a vida do homem morto. Ele seria o sacrifício. A vida dele seria minha cura.

Recostei-me e Lublinsky inclinou-se sobre a mesa, sua dor transformando-se em ódio.

— Olhe para mim, senhor. Apenas olhe para este rosto amaldiçoado! — gritou ele. — O senhor não teria feito o mesmo?

Contemplei os estragos causados pela doença e me endureci, tornando-me insensível à compaixão.

— Seu rosto está horrivelmente desfigurado — respondi, friamente. — Devo supor então que você nunca mais viu essa mulher tão generosa?

Lublinsky baixou o olhar.

— O senhor sabe a resposta, *Herr* procurador.

— O que ela fez para ajudá-lo?

— Isso, senhor. Ela fez isso. — Ele tocou o orifício escuro na bochecha esquerda, a voz ardendo de raiva. — Ela furou meu rosto com a garra do Diabo.

— Você não se feriu em um duelo? — perguntei, lançando um olhar na direção de Koch.

— Nenhuma lâmina consegue fazer isso. Só uma bruxa — replicou ele em um sussurro, escorregando no assento, querendo parecer menor do que realmente era.

— Desde quando isso está acontecendo?

— Desde o primeiro assassinato, senhor.

— A mulher ainda conserva a garra, então?

— Sim, senhor.

— Quando foi a última vez que a viu? Ele virou o rosto e contemplou a parede.

— Ontem, senhor — sussurrou, depois de alguns instantes. Entendi imediatamente o que ele queria dizer. — Houve um assassinato antes de ontem. Você vai vê-la sempre que um inocente morre. Correto?

Lublinsky cerrou os punhos e virou-se para mim. — Cada assassinato torna aquela coisa mais poderosa. Eu estaria a um passo da cura. Foi o que ela me disse.

Olhei-o diretamente nos olhos e não fiz o menor esforço para sufocar a repulsa que ele me causava. A varíola com certeza deformara sua mente da mesma forma que arruinara sua face, que um dia fora bela.

— Por que você está me contando isso agora? — indaguei. Ele se mexeu, desconfortável. — O que o senhor quer dizer?

— Você sabe o que quero dizer. Você não escreveu uma palavra sobre isso nos seus relatórios. Não mencionou nada ao procurador Rhunken, nem ao professor Kant. E ainda assim decidiu me contar. Agora! Você sabe que ela está mentindo, não é? Ela não pode ajudá-lo, pouco importa quantas pessoas morram. Você a entrega para mim como uma forma de vingança. Você quer que Anna Rostova seja presa e punida porque ela o enganou. Não é verdade? Ele não respondeu.

— O que aconteceu com Kopka? — pressionei. — Onde ele estava quando os outros corpos foram encontrados?

Lublinsky limpou o nariz na manga.

— Ele desertou, senhor.

— Por que teria feito uma coisa dessas? — indaguei, surpreso.

— Não tenho ideia, senhor. Fugiu. É tudo o que sei — respondeu ele, olhando fixamente para a frente, o rosto sombrio e vingativo como a máscara de um demônio em uma daquelas peças edificantes da Quaresma.

— Muito bem — concluí, levantando-me. — Agora você nos levará para ver essa mulher sem mais demora. Venha, Koch.

Dentro da carruagem, viajando em silêncio, cada um encerrado em seus próprios pensamentos, rumando para o endereço que Lublinsky fornecera ao condutor, eu me sentia incapaz de contemplar o homem sentado à minha frente na penumbra sem evitar uma avassaladora sensação de repugnância. De todas as vítimas dos eventos que ocorreram em Königsberg, e daqueles que ainda seriam revelados, Anton Theodor Lublinsky foi a que mais piedade me suscitou.

Agora, aquele sentimento se mescla com uma repulsa moral.

Königsberg.

A primeira vez que ouvi essa palavra, eu mal completara sete anos de idade. O general Von Plutschow retornava para seu país natal quando nos visitou em Ruisling um dia. O mais antigo companheiro do meu pai na academia militar era um herói nacional. Fora o convidado de honra em uma cerimônia em Königsberg no dia anterior em comemoração ao vigésimo aniversário da gloriosa batalha de Rossbach,¹ que ocorrera em 1757. O general Von Plutschow liderara o ataque da sétima cavalaria naquele dia, assegurando a vitória nacional. Como um presente especial, meu irmão mais novo, Stefan, e eu tivemos permissão de receber o convidado no salão de visitas. Escutamos boquiabertos a narrativa vibrante que o general fez sobre o magnífico evento de gala, que contara com a presença do próprio rei. E, durante o relato inteiro do visitante, eu não conseguia afastar os olhos do lugar onde seu braço direito deveria estar. A manga vazia do general Von Plutschow estava dobrada para cima e presa à dragona prateada com uma medalha de ouro.

— Königsberg é a essência do que há de mais ilustre, mais verdadeiramente nobre na nossa grande nação — meu pai se entusiasmou, quando o general acabara de falar e minha mãe secara as lágrimas do rosto. Daquele dia em diante, o nome glorioso de Königsberg e o braço perdido do general Von Plutschow estavam inexoravelmente ligados na minha memória, muito antes de eu ter conhecido a cidade. No meu imaginário, Königsberg era um local onde só podiam ocorrer eventos gloriosos e onde viviam os mais respeitáveis indivíduos. Apesar dos crimes que me trouxeram até ali, apesar do assassinato de Morik e do suicídio dos Tutz, eu ainda acalentava a crença afetuosa de que Königsberg era um lugar abençoado e que a paz que lhe cabia por direito poderia ser restituída com a ajuda de Immanuel Kant.

Mas, naquela noite, à medida que a carruagem seguia para o endereço que Lublinsky fornecera ao condutor e deixávamos o centro da cidade para trás, comecei a ver o outro lado de Königsberg, a face obscura de um monstro vil, um mundo de infortúnio e pobreza que eu nunca imaginara existir no local onde o general Von Plutschow fora homenageado, onde o professor Kant nascera, a cidade que ele prezava como uma espécie de paraíso terrestre.

Dirigíamo-nos a um distrito chamado Pillau. Era um porto de segunda categoria, Koch explicou, uma praia rasa e em declive onde os baleeiros descarregavam o resultado da pescaria, cortavam a carne e deixavam-na secar nas margens ventosas. Embora as janelas estivessem fechadas, o mau cheiro que entrava na carruagem era abominável.

O odor de gordura putrefata e decomposição de carcaças destripadas empestavam o ar à medida que o veículo prosseguia ao longo do braço oriental do estuário do Pregel rumo ao mar Báltico. O caminho era escuro, as casas, poucas e miseráveis. Uma atmosfera de perigo iminente parecia nos espreitar a cada sulco e buraco da trilha lamacenta na qual sacolejávamos. A mistura da água fria do mar e das águas mais quentes do rio produzia uma névoa densa que parecia se intensificar a cada volta decisiva que as rodas da carruagem realizavam.

— Estamos indo na direção correta, sargento? — indaguei.

Não tinha a menor vontade de me perder em meio àquela desolação.

— Só estive aqui algumas vezes, senhor — replicou Koch, olhando atentamente pela janela. — Mas duvido que Lublinsky queira nos enganar.

Em silêncio, absorto dentro da capa militar escura, a desfiguração oculta pelo boné de tamanho exagerado e pelo colarinho alto, o oficial Lublinsky olhava fixamente pela janela, como se para afastar a visão de seu rosto infeliz de nossos olhos intrusivos.

Segui seu olhar em meio à escuridão e pensei nos pescadores que trabalhavam arduamente na vastidão do mar lá fora. Se a bruma engolisse os barcos e também a nossa carruagem, alguém saberia por onde começar a nos procurar? Ao longe, uma buzina de nevoeiro soltou um gemido pesaroso, mas não havia alento algum naquele som.

— É aqui — Lublinsky rompeu o silêncio sombrio, inclinando-se ainda mais perto da janela e observando o exterior, o nariz grudado ao vidro. O lampião oscilante da carruagem iluminava seu perfil deformado, e um estranho sentimento ambíguo cresceu dentro de mim. Repulsa pelo papel que ele desempenhara ao ajudar a mulher a esconder a arma do crime, constrangimento pela humilhação que agora enfrentava por causa dela. Mas não havia tempo para sentimentos vãos naquela noite. Tudo aconteceu muito rápido. Koch deu uma leve batida no teto, o condutor parou e descemos. A névoa era como uma esponja molhada, meu rosto estava úmido em um instante, e Lublinsky se dirigiu, ligeiro, a uma fileira de casebres com telhado de meia-água que emergiram em meio à escuridão. Uma luz fraca iluminava uma das janelas sujas. Na entrada do casebre, Lublinsky se voltou, olhou-me por um instante e, em seguida, tamborilou uma série ritmada de batidas militares na porta estreita.

Ela se abriu quase imediatamente revelando a silhueta escura de uma mulher, o cabelo preso em um coque formando uma auréola emaranhada sobre o rosto, ainda oculto na sombra.

— Você, Lublinsky? Aqui novamente? — ronronou uma voz rouca.

Surgi de trás da figura volumosa do oficial e as palavras congelaram nos lábios da mulher. Seus olhos brilharam de medo, movendo-se de Lublinsky para mim e, em seguida, de volta para ele.

— Quem é ele? — sibilou ela.

Koch surgiu do outro lado de Lublinsky e a mulher soltou um grito sufocado.

— O que vocês querem? — rosnou ela. — Não estou trabalhando esta noite.

Empurrei Lublinsky para a frente e o segui para dentro do casebre, a mulher retrocedendo diante de nós, batendo em uma mesa baixa antes de parar no centro da sala.

Ela ergueu uma vela e sacudiu-a no nosso rosto como um pastor espantando lobos com um tição. Era alta, um corpo bem torneado, trajava um vestido vermelho esmaecido, decotado, revelando uma fenda profunda e escura entre os seios. Pela rapidez dos movimentos e rispidez da voz, adivinhei ter por volta dos trinta anos. Sob a luminosidade da vela, a pele brilhante era pálida a ponto de parecer transparente, os olhos da mesma tonalidade amedrontadora. O cabelo branco prateado caía-lhe sobre os ombros em um emaranhado de cachos e anéis. Se alguém a encontrasse na rua à noite, pensaria que fora esculpida em um sólido bloco de gelo. Eu nunca vira uma albina antes.

Havia uma beleza extremamente interessante em seu rosto de boneca, os lábios franzidos em um arco de carne firme e branca denotando desconfiança, e, sobre ossos da face bem delineados, olhos frios tão arregalados e penetrantes quanto os de um gato oriental.

— Estou de folga esta noite — disse ela, um sorriso afetadamente tímido nos lábios. — A menos que os cavalheiros estejam dispostos a pagar bem, é claro.

— Não somos esse tipo de cliente — respondi. — Estou investigando assassinatos em Königsberg. O sorriso desapareceu. — O que vocês querem de mim, então?

— Traga uma cadeira. Você tem muito a me contar.

Com um lampejo indignado daqueles olhos de cílios brancos, a mulher arrastou, de um canto escuro e empoeirado para o centro da sala, um banco frouxo com o assento de vime já desgastado. Olhei ao redor, o local iluminado pela luz de uma vela. Poderíamos estar no interior de um templo pagão ou na cabana de um daqueles curandeiros nativos das Américas, segundo a descrição feita por viajantes que estiveram no local. As paredes estavam repletas de crânios de animais, ossos de baleia, objetos trazidos pelo mar e coisas mais estranhas ainda, cuja natureza e uso eram de difícil compreensão. Em uma parede enegrecida pela fumaça, desenhos esquemáticos entalhados com uma lâmina sobre o reboco ilustravam homens e mulheres copulando em uma série de posições animais. À medida que eu movia a vela, as figuras

pareciam deslocar-se juntas para a frente e para trás em uma luxúria devassa. Voltei-me rapidamente, o rosto queimando por alguma emoção indefinida, esperando a mulher trazer o banco.

Ela fez um gesto para que eu me sentasse.

— É para você — repliquei. — Sente-se Anna Rostova. Esse é o seu nome, não é?

Ela se sentou, embora não tenha se dado ao trabalho de responder a minha pergunta.

— Um ano atrás você descobriu um corpo — prossegui.

— Jan Konnen, o ferreiro, foi a primeira das quatro vítimas de um assassino ainda não identificado.

O oficial Lublinsky me contou que você encontrou algo na cena do crime, algo importante, e que levou consigo. Você mostrou esse objeto a ele, creio eu, em mais de uma ocasião desde então.

— Você sabe o que isso significa — ela voltou-se para Lublinsky como uma cobra venenosa, e ele desviou o olhar, envergonhado.

— Dirija-se a mim — retruquei — e a ninguém mais.

— Nenhuma moça nunca mais vai olhar para você, soldado — prosseguiu ela, ignorando minha ordem. — Elas vão vomitar na sua cara imunda!

— O que você encontrou no corpo de Jan Konnen?

— As mães vão ameaçar os filhos — entoou ela, os olhos brilhantes e transparentes fixos em Lublinsky. — Aquele monstro com cara de merda vai beijar vocês se vocês não forem direto para a cama, é o que elas vão dizer. Ele virá...

Ergui a mão e bati-lhe com força no rosto.

— Cale a boca! — gritei. Não sei o que me levou a tomar tal atitude, mas havia algo extremamente descarado, selvagem e intimidador naquela criatura.

Seus olhos se cravaram nos meus, ela tocou a própria face, acariciando a pele avermelhada, como se extraísse grande prazer da dor. — Hmmm, isso foi muito bom — falou mansamente, sorrindo. — Gosta de machucar uma moça, não gosta, senhor? — Uma língua rosada e úmida serpenteou rapidamente pelos lábios, retraíndo-se para seu covil novamente. — Chicotear-me, é esse o seu plano? Satisfazer-se à minha custa? — prosseguiu ela rispidamente. — Deram-me trinta chibatadas da última vez. O senhor devia ter visto o inchaço na calça deles! Ficaram todos excitados quando minha carne branca começou a sangrar, isso sim. É isso o que o senhor quer ver? — ela riu alto.

— Prússia, terra do chicote e da vara!

Os olhos vítreos da mulher não se desviaram dos meus nem por um instante. Tive que afastar o olhar e, ao fazê-lo, vi Koch de relance. Percebi que ele tinha também o atordoamento estampado no rosto. Nesse ínterim, Lublinsky retraíra-se para a parede oposta e ali se encolhera, cabeça inclinada para baixo, tremendo como se uma febre violenta o tivesse acometido enquanto a mulher falava.

— O que você roubou do corpo? — insisti, lutando para dominar o tremor na voz.

A mulher me encarou desafiadoramente, um feixe de luz cintilando triunfantemente em suas pupilas cinzentas dilatadas, como se a situação a divertisse. — Se um idiota já lhe contou, que necessidade tenho de repetir?

— Tenho poder para obrigá-la a falar, Anna Rostova.

Ela riu tolamente. O som começava no fundo da garganta e subia gorgolejando em um crescendo ridículo. — Ooh, o senhor é um jovem valentão! Dá para perceber claramente.

Sua patroa gosta assim, é? — a expressão no rosto dela era luxuriante, sorridente, demoníaca. — Afagar o pau com a garra do Diabo? É isso o que o senhor quer? É disso que o senhor gosta? Aquela garra matou um homem nas docas, e outros também, mas há maneiras mais prazerosas de se morrer...

Seus olhos de gata brilharam intensamente, as pupilas, pequenos pontos de luz finos como agulhas. Eu nunca estivera tão intimamente envolvido com uma mulher como aquela. Ela era tão diferente da minha esposa. Tão diferente de qualquer mulher que já entrara na esfera de Helena. A devassidão parecia crepitar e faiscar dos seus poros como eletricidade. Eu deveria ter sentido repulsa. Mas não senti.

— Você não tem nada a temer, se falar a verdade — menti, lutando para dominar meu descontrole emocional.

Nova risada estridente. — A verdade, senhor? Bem, deixe-me ver. Naquela noite eu estava matando tempo em Lobenicht.

— O que é isso?

— Um lugar de quinta categoria—Koch esclareceu. — Uma área miserável próxima ao porto, *Herr* procurador. A dez minutos do Baleeiro Báltico.

Tendo visto o Pillau, eu só podia estremecer ao imaginar o que seria Lobenicht.

— Uma mulher na Wassermanstrasse entrou em trabalho de parto, mas a hora ainda não chegara e então fui visitar uma amiga que mora ali perto. Fiquei com ela algumas horas e depois saí para terminar o serviço.

— A que horas você saiu da casa da sua amiga?

— Depois das três. Bebi para ganhar forças. Estava frio naquela noite. O senhor gosta de uma bebidinha forte, não gosta, senhor? — Antes que eu pudesse responder, ela continuou: — Eu sabia o que me esperava. Uma megera aos berros, um marido bêbado, um pirralho chorão encharcado de sangue, se Deus permitisse. Eu rezava para que tudo desse certo enquanto corria rua abaixo.

— Rezava?

A palavra me parecia uma obscenidade naqueles lábios.

— Eu rezo para Deus — ela sorriu. — E para o Diabo também. Há uma luta entre os dois quando uma criança nasce. Algumas vezes um ganha, algumas vezes o outro. Mas, primeiro, eu rezo para Deus. As coisas não vão bem para mim quando Ele perde. Se um bebê morre, fico sem trabalho por um longo tempo. Não seria a primeira vez que eu sofreria por culpa do Diabo. Já enfrentei épocas difíceis. Nesse tipo de trabalho, reputação é tudo.

— O que você viu enquanto caminhava pelas ruas? — eu a interrompi.

Ela sustentou meu olhar por alguns momentos. — Não havia ninguém, senhor, nem um bêbado, nem soldados fazendo a ronda. Não vi alma viva até chegar ao porto. As luzes ao longo do cais tinham sido quase todas apagadas pelo vento. Lá, eu vi um homem ajoelhado. De início, achei que ele estivesse rezando como eu. Ainda assim, era uma hora e lugar estranhos para se ajoelhar e dizer suas preces. Os primeiros raios de luz estavam nascendo, é a hora mais fria da noite. Quando me aproximei, vi que algo não estava bem. Em seguida, farejei o mal.

Ela enrugou o nariz e revelou um conjunto perfeito de dentes branco-perolados.

— O que você quer dizer? O que você farejou?

— Enxofre, cheiro de combustão. O fedor do Diabo...

Ela parou abruptamente, torceu o nariz e olhou ao redor da sala, como se tivesse sentido a primeira lufada daquele mau cheiro infernal novamente. Ela interpretava e era boa nisso. A meretriz era mais do que capaz de ludibriar um tonto desesperado como Lublinsky.

— Não desperdice meu tempo — eu a adverti. — Diga-me apenas o que você viu.

— O homem estava morto, senhor.

— Você farejou o demônio. O homem estava morto e, ainda assim, você se aproximou do cadáver. Por que não procurou ajuda primeiro?

Ela me encarou por alguns momentos.

— Os mortos são especiais, senhor — murmurou ela finalmente, e parecia reverenciá-los ao dizer essas palavras. Ao mesmo tempo, dava a estranha impressão de tentar ler a minha mente. Mas o senhor sabe disso. Não sabe? Os mortos... o senhor já viu um cadáver. O corpo aqui neste mundo, a alma vagando em outro lugar. O senhor sabe do que eu estou falando, sinto com clareza...

— Em um minuto, uma dramaturga, no outro, uma poeta — eu a interrompi. E, mais rispidamente, acrescentei: — Conte-me o que você roubou do corpo.

Ela se virou para Lublinsky: — Maldita seja sua alma! — praguejou ela.

Agarrei-lhe os cabelos e virei-a para mim — Vou trancafiá-la na prisão se continuar — gritei.

— O senhor fará isso de uma forma ou de outra — replicou ela com um grito agudo —, mas ele vai arder nas fogueiras do inferno. Aquele maldito! Vou pedir a Satã...

— Esqueça satã! — gritei, torcendo o cabelo dela até fazê-la gritar. — O que você tirou do corpo?

Ela cerrou os dentes, ergueu os olhos na minha direção e sibilou: — Estava projetado para fora atrás da cabeça dele. Uma pequena adaga oscilando no ar. Ou foi o que pensei. Então vi o que realmente era.

— Continue! — instiguei.

— Tire a mão! Largue-me! — berrou ela, as mãos segurando meus pulsos na tentativa de libertar o cabelo. — Eu conto tudo, senhor. Sinceramente...

Ela me olhou diretamente nos olhos quando a soltei, a raiva feroz dirigida a Lublinsky já desaparecida. Como se possuída por algum terror desenfreado, ela pareceu encolher fisicamente. — O mais poderoso dos amuletos — sussurrou ela. — Aquele homem estava morto, petrificado, a arma projetando-se para fora do corpo, mas não havia uma única gota de sangue. Nenhuma, senhor. Nenhum sangue espirrado. Quem podia ter feito isso, senão o Diabo? Eu invocara Deus um minuto antes, o Diabo me respondia. Era um presságio. Satã queria que eu encontrasse o corpo, queria me mostrar Seu poder sobre a Vida e a Morte. Se uma criança estava prestes a nascer naquela noite, uma vida tinha que ser tirada. A roda gira. Era um símbolo do poder do Diabo. Um presente de Satã, que eu, portanto, aceitei.

— E não informou à polícia? — insisti. A mulher deu de ombros, mudou a cascata de cachos prateados de um ombro para outro, os olhos brilhantes cintilando na minha direção. — A garra do Diabo estava à minha espera — replicou ela. — Outros encontrariam o que coubesse a eles.

— Mas os assassinatos continuaram — argumentei. — Você sabia que a polícia estava procurando a arma.

Ela se voltou para Lublinsky. — Eu tinha outros assuntos mais importantes para tratar.

— Você contou a ele — continuei. — Utilizou o poder que alegava ter recebido da garra do Diabo para desviar Lublinsky das suas responsabilidades. Prometeu curar-lhe o rosto. Estou certo?

Anna Rostova devolveu meu desafio com uma risada de escárnio. — A boa aparência dele era mais importante que a Justiça. Contei a ele o que encontrara. Ele optou por não informar. É ele que tem que se haver com a própria consciência.

— Mostre-me esse objeto, Anna Rostova.

Ela me encarou hesitante. — Acredite em mim, senhor...

— Traga-o aqui — ordenei com rispidez.

Ao permanecer parado ao seu lado, observei uma transformação estranha ocorrer. A expressão subjugada deu lugar a uma cumplicidade sedutora. Seus dedos roçaram suavemente a carne branca nua dos seios, ela me lançou um novo olhar ofuscante e um sorriso astucioso iluminou-lhe os lábios.

A mulher se ergueu, inclinou-se na minha direção. — Com sua permissão — sussurrou no meu ouvido. O cabelo roçou-me o rosto e pareceu liberar um choque repentino de energia. Em seguida, retirando-se para o canto mais escuro da sala, desapareceu por trás de uma cortina ordinária. Koch e eu nos entreolhamos. Podíamos ouvi-la vasculhando ao redor, amaldiçoando a si mesma. Poucos instantes depois, retornou para o pálido círculo de luz, trazendo algo nas mãos. Como uma sacerdotisa vestal, fez uma medida e depositou o embrulho em minhas mãos. Se o material alguma vez tivera uma cor distinta, estava agora inteiramente desbotado. Bolor impregnara e manchara as fibras do tecido.

Remexendo desajeitadamente para desamarrar os barbantes, fui obrigado a despir as luvas. As dobras internas do tecido continham feias manchas cor de ferrugem. À

medida que eu desenrolava o embrulho, um nervo pulsava-me freneticamente no rosto. E, finalmente, segurei-a nas mãos. Vinte centímetros de comprimento, cor de osso, reta e fina, diferente de qualquer arma que eu já tivesse visto. Passei-a para Koch, que a ergueu na luz como se se tratasse de algum tipo de

animal exótico.

— Uma agulha, senhor — comentou, sensato e prático como sempre, antes de entregá-la de volta a mim. — Não há buraco. E a ponta desapareceu.

Virei o objeto entre os dedos. Aqui estava a arma que aterrorizara uma cidade. O fragmento em posse do professor Kant era a ponta quebrada do mesmo objeto, pouca dúvida restava a esse respeito. Passaria quase despercebida na caixa de costura de uma mulher. Inserida no pescoço de um homem morto, adquiria um poder impressionante.

— Naquela noite, minha paciente deu à luz um lindo garotinho — Anna Rostova murmurou com satisfação. — Enquanto ela estava em trabalho de parto, eu a espetei com isso, por três vezes no rosto, três mais na barriga. O bebê sobreviveu, embora estivesse enrolado no cordão umbilical ao nascer. Satã salvou-o. Aquela alma valeu a vitória. Usei o poder da garra para curar todos os tipos de doenças que os médicos não ousariam tocar. As moças vêm correndo me procurar quando seu bebê está para nascer...

Lublinsky deixou escapar um gemido.

— Você sabia que não me faria bem algum — gritou ele, as costas contra a parede como uma fera encurralada. De repente, atirou-se sobre Anna Rostova.

— Cuidado, Lublinsky! Você é um oficial de Sua Majestade — adverti, dando um passo à frente para impedi-lo, colocando as mãos sobre o peito do rapaz para afastá-lo.

— Ela só me ajudaria se eu ficasse calado — uivou ele como um animal enfurecido. — Ela explora as pessoas até o fim. Mulheres grávidas, homens que não conseguem se levantar, bebês mutilados. Bruxa Branca, é como a chamam. Olhe o quarto dos fundos, *Herr* procurador. Vai revoltar seu estômago. Veja o senhor mesmo o que Anna Rostova faz por dinheiro!

Coloquei a agulha na mesa, agarrei a vela, cruzei a sala e abri a cortina que servia de porta. Uma nuvem de pó elevou-se pelos ares e um odor abominável me assaltou.

Algum animal fétido devia ter ficado preso ali desde o início dos tempos. Cobrindo o nariz com a capa, ergui a chama flamejante acima de uma mesa de cozinha comprimida junto à parede. Estava emplastrada de sujeira, com manchas escuras cor de ferrugem, marcas indiscutíveis de sangue ressecado. Facas de diferentes comprimentos estavam dispostas na mesa por ordem de tamanho, como se prontas para uma cirurgia. O sangue secara e formara uma opaca camada cor de laranja sobre as lâminas. À luz da vela, o metal reluzia e cintilava, apesar da sujeira. Em uma prateleira estreita sobre a mesa, enfileirava-se uma série de potes e vasilhas. O latão ainda cintilava, embora com menos intensidade. A aparência era de cozinha, mas não o tipo de cozinha de uma dona de casa decente.

Tirei do alto da prateleira um desses potes e espiei o conteúdo. Era algo que lembrava rabanete macerado, ou alguma alga estranha, e exalou um odor terrível e adocicado de putrefação. Eu nunca vira nada como aquilo antes. Uma larva grande e gorda, talvez, congelada sob uma camada de gelatina, um verme com protuberâncias nascentes, um verme branco-pálido. Aproximei a lanterna e quase derrubei o pote. Não era alga nem rabanete em decomposição no seu próprio caldo fétido. Era um feto nos estágios iniciais de desenvolvimento, os minúsculos bracinhos esticados, a cabeça, ainda não totalmente formada, maior que o resto do corpo, curvada sobre o peito. Eu não precisava abrir os outros recipientes, nem ter dúvidas sobre o que acontecia naquela casa.

Fechei os olhos com repulsa, e saí da sala recuando.

Lublinsky saudou-me ansiosamente, a luz bruxuleando em uma das laterais do rosto, a outra na escuridão. — Aborto, senhor!

Esse é o trabalho dela. Estão encrascadas, garotas? A garra do Diabo vai resolver seu problema! É o que ela diz. É disso que vive. Pergunte às prostitutas de Haaf! Elas chegam aqui se lamuriando quando a Natureza lhes prega uma peça...

— Seu mentiroso maldito! — berrou a mulher, saltando sobre Lublinsky, o punho fechado traçando um arco amplo no ar.

— Você vai carregar essa praga para o Inferno, juntamente com essa sua cara podre e fedorenta.

Lublinsky guinchou como um porco sendo esquartejado. Em seguida, o guincho morreu sufocado ao atingir sua intensidade máxima, e ele caiu de costas no chão, as mãos comprimidas contra a face, a garra do Diabo projetando-se como um ferrão por entre os dedos fechados. O sangue fluía como um riacho sobre as mãos, rosto e pescoço do oficial.

Koch ajoelhou-se ao lado de Lublinsky, que permanecia de costas, batendo os calcanhares com força no chão, tamanha a dor. Com um grunhido repleto de determinação, o sargento Koch inclinou-se e arrancou a agulha. Uma fonte vermelha de sangue jorrou para cima, encharcando-lhe o rosto e as mãos. Lublinsky engasgou-se com a saliva e sofreu uma convulsão, o corpo acalmando-se em seguida. Koch gritou desesperadamente, chamando o condutor e os dois carregaram rapidamente o oficial ferido para fora da casa. Como a mulher de Ló contemplando atrás de si as ruínas de Gomorra, eu os observei se afastarem, incapaz de mover um único músculo.

Quando despertei do transe, Anna Rostova não estava em nenhum lugar à vista. Sozinho na sala, eu tinha a sensação de respirar livremente mais uma vez. Mas lá fora, na rua, Koch pedia freneticamente para que eu me apressasse e abrisse a porta da carruagem.

— Precisamos de um médico, senhor! — insistiu ele. — Lublinsky vai sangrar até morrer se não encontrarmos ajuda.

Cambaleamos para dentro do veículo e galopamos de volta pela estrada escura em direção à cidade, sacolejando e saltando sobre os sulcos e buracos. Quando divisamos as primeiras luzes de Königsberg, Lublinsky ainda permanecia imóvel no assento do banco, a face coberta pela capa.

— Ele ainda está vivo? — gritei, enquanto a carruagem ribombava e retinia sobre o pavimento de pedras, faíscas voando dos cascos dos cavalos.

Koch não respondeu até entrarmos na fortaleza. Quando o portão se fechou atrás de nós, ele se voltou para mim: — Vamos carregá-lo para a enfermaria. Corra até a casa da guarda, senhor. Convoque os soldados. Aquela bruxa precisa ser pega!

Será que eu respondi? Seria eu capaz de elaborar uma frase para mostrar que ainda dominava a mim mesmo? Koch assumira o comando. Ele decidia, determinava, dava ordens, enquanto a carruagem derrapava e freava e retirávamos Lublinsky do veículo.

— Por ali, senhor — Koch apontou. — Lá adiante, *Herr* procurador. Mande Stadtschen colocar as tropas na rua. — Voltou-se para o condutor, dispensando-me. — Ajude-me, homem! — ordenou.

Corri como me fora ordenado, avançando cegamente pela névoa, rezando para que estivesse na direção correta, tropeçando no vácuo frio e encharcado à minha frente.

Quando o edifício surgiu diante de mim, em meio à bruma enevoada, uma frase dita por Koch ecoou alto nos meus ouvidos.

— O senhor encontrou seu assassino.

Dei-me conta de que apertava a agulha com força entre os dedos. Não me lembrava de tê-la recolhido, meus dedos pegajosos com o sangue de Lublinsky. Durante o caminho inteiro do Pillau para a cidade, eu mantivera a garra do Diabo aprisionada na mão como um talismã da Verdade.

¹ Batalha ocorrida durante a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) na qual Frederico, o Grande, derrotou os exércitos aliados da França e do Império Romano. Essa batalha é considerada um de seus grandes feitos devido ao elemento de completa surpresa e à destruição do exército inimigo em troca de baixas insignificantes. (N. T.)

Sentei-me na sala da guarda e tomei um reparador cálice de vinho aquecido com o atizador de brasas ardente enquanto o oficial de plantão foi enviado para ajudar.

Encontrava-me ainda em estado de choque físico e atordoamento emocional quando o oficial Stadtschen irrompeu pela porta. Contei-lhe rapidamente o que ocorrera, ordenando-lhe, em seguida, que enviasse patrulhas armadas.

— Qual a aparência dessa mulher, senhor?

Comecei a caminhar vagorosamente para cima e para baixo na sala de costas para ele, medindo com cuidado minhas palavras ao recordar o que Koch dissera antes naquela noite sobre "mulheres e soldados brutos".

— Ela é alta, Stadtschen. Por volta dos trinta anos. E está usando... um vestido vermelho — comecei lentamente, para em seguida hesitar e interromper a descrição.

Por que eu iniciara com detalhes tão insignificantes e secundários? Por que omitir informações que a tornariam imediatamente identificável? — Ela... o nome da mulher é Rostova — acrescentei, com relutância. — Ela é uma albina.

— Uma o quê, senhor?

— Ela é branca, Stadtschen. Inteiramente branca — expliquei, de forma meio tola. — A pele, os lábios, o cabelo. Branca como farinha recém-moída.

— Conheço essa aberração a que o senhor se refere — replicou ele com um sorriso astuto. — Eles a chamam de Anna, aquela lá.

Nem me dei ao trabalho de perguntar a ele onde ou quando a encontrara. Era facilmente capaz de imaginar as circunstâncias e uma visão indesejada cruzou-me a mente.

Quando desapareceu, foi substituída pelo medo. Medo pela cadeia de eventos desagradáveis que eu estava prestes a desencadear em relação à mulher. A aberração, como ele a chamara.

— Diga a seus homens para não tocarem em nenhum fio de cabelo daquela mulher — adverti, com severidade. — Eu o responsabilizo pessoalmente, Stadtschen. Gerta Totz se suicidou ontem depois do tratamento severo que recebeu de você e de suas tropas. Traga-me Anna Rostova incólume. Sem uma única marca no corpo. Fui claro?

Stadtschen enrijeceu os músculos. — Essas coisas acontecem, senhor. Os cavalheiros dão a todos os novos prisioneiros uma acolhida de boas-vindas, por assim dizer.

Para amaciá-los. Não há nada de errado com isso, *Herr* procurador. Culpados ou inocentes, eles sempre recebem uma outra surra antes de serem soltos.

Estremeci ao imaginar Anna Rostova caindo nas mãos deles.

— Prússia, terra do chicote e da varal — ela rira na minha cara há menos de duas horas. Se os soldados foram tão severos com uma criatura submissa e dócil como Gerta Totz, com que gentileza reagiriam a uma beleza exótica, uma língua afiada e ao fato notório de que a mulher era uma prostituta comum?

— ... trinta chibatadas da última vez. Ficaram todos excitados quando minha carne branca começou a sangrar, aqueles animais.

Ela os provocaria e os levaria aos piores excessos, não restava a menor dúvida.

Se fosse possível retirar a descrição acurada que eu acabara de dar a Stadtschen, eu o teria feito. Mas era tarde demais para mentiras. Ele a conhecia. Poderia eu dizer-lhe agora que me enganara? Acreditaria se eu dissesse que a mulher que procurava era, na verdade, baixa, morena, gorda e muito feia? Tudo o

que eu podia fazer para proteger Anna Rostova era mantê-la sob minha custódia, e o quanto antes, melhor.

— Tenho conhecimento das barbáries que ocorrem nas prisões da Prússia — retruquei-lhe rispidamente. — Não quero que nada similar ocorra neste caso.

Um meio sorriso esboçou-se no rosto de Stadtschen. — O senhor mesmo deu a Gerta Tutz uma acolhida apropriada. Um belíssimo soco, se o senhor me permite dizer.

— Do qual me arrependo sinceramente — retruquei.

— Se ela morreu, senhor — Stadtschen baixou os olhos, evitando meu olhar ao falar, mas revelando o mesmo tom de acusação —, foi porque o senhor não nos deu instruções específicas.

— Eu as estou dando agora! — enfatizei. — Quero ser obedecido. Anna Rostova não deve ser machucada.

Stadtschen bateu os calcanhares para mostrar que compreendera, embora a perplexidade se estampasse claramente em seu rosto. Anna Rostova era uma criminosa aos olhos dele. Ele sabia como tais pessoas deviam ser tratadas. Eu só podia invejá-lo pela clareza e incondicionalidade de seu julgamento. O simples fato de ela ter arrancado o olho de um oficial era a prova cabal que ele necessitava. Nesse ponto, Stadtschen era transparentemente honesto nos seus preconceitos. Eu, em comparação, sentia menos certeza, era mais inclinado a duvidar. A possível identificação do assassino devia ser motivo de comemoração, mas eu ainda não possuía a prova definitiva.

— Um detalhe ainda antes de você partir — falei, concedendo à fugitiva mais alguns segundos para escapar, como eu esperava que ela fizesse. — Um homem chamado Kopka desertou do regimento há alguns meses. Quero ver seus relatórios de serviço.

Stadtschen franziu o cenho e, em seguida, pigarreou ruidosamente. Seu rosto deixou escapar um olhar de preocupação que a perspectiva de caçar Anna Rostova não despertara nele. Seus olhos desviaram-se dos meus, e, quando a voz saiu, era hesitante, fraca. Ele parecia caminhar descalço sobre cacos de vidro.

— É... é preciso verificar nos arquivos do batalhão — começou. — Pode não ser fácil, senhor. Sabe como são os desertores. Deixam poucos rastros. Nenhum, aliás, se conseguirem livrar-se deles todos. O que exatamente o senhor gostaria de saber sobre esse soldado Kopka?

Fitei seu rosto. Era grande, gorducho, vermelho como carne crua. Os olhinhos pretos ficaram estrábicos quando ele mirou-os de cima na minha direção. Parecia conter a respiração, em um esforço que ocasionara um fluxo branco nas suas bochechas rosadas. Seria seu espírito de grupo forte a ponto de considerar os desertores com tamanho desprezo ou estaria escondendo algo de mim?

— Quero saber quem ele era e por que fugiu — instruí. — E quero que você se lembre de uma coisa, Stadtschen. Reportarei para as autoridades em Berlim qualquer falta de cooperação aqui na fortaleza de Königsberg. "Insolência muda" é o termo militar para obstrução do dever, creio eu. Reportarei qualquer comportamento desse tipo.

Nomes, datas, todos os detalhes serão incluídos no meu relatório. Não abrirei exceções. Agora, envie seus homens atrás daquela mulher, diga-lhes como proceder e traga-me qualquer informação disponível sobre Kopka. Estarei esperando no meu quarto. Peça a Koch para vir falar comigo assim que ele retornar. Se Anna Rostova for presa, quero ser informado imediatamente. Você me entendeu?

— Sim, senhor — respondeu Stadtschen. Prestou continência e encaminhou-se para a porta.

— E rápido! — gritei atrás dele.

Lá fora no corredor, eu o escutei desembestar a correr.

Terminei o cálice do vinho doce e morno e, em seguida, subi ao meu quarto com um lampião a óleo. Eu nada mais podia fazer. Ao abrir a porta, notei imediatamente, apoiada contra um castiçal sobre a mesa, a carta selada e dobrada com cuidadosa perfeição. Reconheci instantaneamente a letra que a escrevera. Em outras circunstâncias, eu teria me apressado em romper o lacre do correio com o coração pulando de alegria. Mas, naquela noite, hesitei, piscando como um convalescente que sente o calor do sol no rosto pela primeira vez depois de semanas em um quarto de hospital com as janelas totalmente

fechadas. Sentei-me antes de abrir o envelope.

Helena resolvera, impulsivamente, visitar Ruisling. Deixara as crianças com Lotte durante o dia e pegara sozinha a carruagem da manhã. Ruisling ficava a cerca de 25 quilômetros de Lotingen, uma viagem de pouco mais de uma hora, embora nunca tivéssemos feito tal passeio juntos. O propósito da ida era, segundo explicou, "fazer repousar um fantasma infeliz". Helena sempre fora obstinadamente sentimental; possuidora de uma natureza terna, extremamente aberta e sincera. Sua sensibilidade para as necessidades dos outros, sua preocupação apaixonada por todas as criaturas, grandes ou pequenas, por mim e pelas crianças, sempre a fez brilhar aos meus olhos. Se havia algo para ser dito, ela o dizia. Se havia algo a ser feito, ela não hesitava em fazê-lo. Eu sempre amara e admirara essas qualidades extraordinárias.

Seu coração era sua bússola.

De repente, essa bondade me irritou. Eu teria preferido ler a carta monótona de uma esposa menos intempestiva. A ideia de Helena de pé ao lado do túmulo do meu irmão era insuportável. Não teria ela sentido o abismo que se abria aos seus pés? Não entendera o mistério daquele local? Aquele túmulo era o buraco negro no qual minha própria alma estava enterrada.

"Queria orar junto ao túmulo de Stefan", escreveu ela. "Pedir a ele para não deixá-lo desamparado em Königsberg. Que melhor forma de encerrar com o passado, pensei, do que deixar um beijo fraterno em seu túmulo!"

Eu sabia o que se seguia antes mesmo de ler o que estava escrito. Meu pai, chapéu na mão, vestido de preto, meditava diante do monumento de um anjo chorando que decorava a campa da família. Ele mantinha uma vigília solitária ali, fizesse chuva ou sol, todas as manhãs, das onze até o relógio soar meio-dia.

Adivinhei ser ele no instante em que o vi. Dirigi-me diretamente a ele, apresentei-me e lhe expliquei a razão da minha vinda. Contei-lhe onde você estava e que Sua Majestade o convocara a Seu serviço. O senhor devia ter orgulho de Hanno", falei. Seu filho recebeu uma incumbência da maior importância. Ele é um grande orgulho para a família, senhor."

Interrompi a leitura. Podia imaginar a cena. Uma doçura entusiasmada e maneiras simples de um lado; do outro, a face de granito do homem que me concebera, que me rejeitara para sempre, que me culpava pela morte da sua querida esposa e de seu filho predileto. Meu pai escutara a súplica de Helena por reconciliação em silêncio.

Em seguida, proferiu uma frase antes de virar-se e deixar o cemitério.

"Abandone Hanno enquanto puder", disse ele. Olhei fixamente as palavras escritas no papel. A voz do meu pai ecoou intensa, amarga e inclemente nos meus ouvidos.

"Não posso imaginar a causa de tamanho ódio em um pai", continuou ela. "O que ele acha que você fez, Hanno?"

Amassei a carta e joguei-a sobre a mesa. Meu coração devia estar em uma conserva de vinagre. Não senti absolutamente nada, envergonho-me de dizer. Parecia incapaz de encontrar a força necessária para reagir às notícias amargas. Nem poderia responder à pergunta de Helena.

O que ele acha que você fez...

A atitude do meu pai, a morte precoce do meu irmão, o falecimento da minha mãe, a própria Helena, nossos filhos, tudo parecia pertencer a outra vida. Eu sabia que estávamos ligados, mas a lembrança deles dentro de mim desaparecia rapidamente. Königsberg era como um caleidoscópio girando veloz, as imagens brilhantes transformando-se de um instante ao outro, e era difícil, senão impossível, reter uma única dessas combinações coloridas.

Eu precisava de descanso, de um sono reparador, mas a cela escura em que eu me encontrava oferecia pouco conforto. As paredes nuas de pedra estavam frias como gelo, a lareira apagada ao canto. Como lamentei a perda da lareira ardente no Baleeiro Báltico, a água quente que Morik providenciara

para minhas abluções, a boa cozinha de Gerta Totz, a adega bem abastecida de Ulrich Totz. Desabotoando a calça, fiz uso do único recurso à minha disposição, o urinol, que eu podia entrever embaixo da cama. Depois de aliviar minhas necessidades, tirei a garra do Diabo do bolso, desembulhei o trapo imundo e deposei-a na mesa junto à luz. Devo ter permanecido ali sentado por algum tempo, incapaz de desviar os olhos daquele objeto, indagações reverberando no meu cérebro como o eco de uma trovoadas em um fiorde.

O que era isso? De onde viera? Por que o assassino escolhera uma arma tão incomum? E, durante todo esse tempo, como uma luz abrindo passagem em meio a nuvens escuras, a voz do sargento Koch soava em meus ouvidos: encontrou o assassino, senhor.

Seria Anna Rostova essa pessoa? Se ela fosse realmente a criminosa, então os problemas de Königsberg e os meus próprios logo estariam solucionados. Ansiava por descobrir o culpado, é claro, mas minha vontade de prender Anna Rostova reduzia-se a menos da metade. Totz e a esposa tinham morrido, e a culpa era certamente minha. Stadtschen defendera o comportamento dos seus homens, como seria o dever de qualquer oficial. Era verdade, excessivamente verdade, que eu não protegerei os prisioneiros como me cabia. Devia ter adivinhado as consequências inevitáveis de tamanha negligência. Koch me advertira do perigo da indiferença, mas eu optara por ignorar sua sabedoria.

Os soldados empurraram Ulrich Totz para a beira do precipício e a esposa o seguiu fielmente despenhadeiro abaixo. E agora eu enviara os mesmos cães de caça no encalço de Anna Rostova. Para onde quer que me voltasse — pensei em Morik, Lublinsky, meu pai, mãe e irmão —, eu trouxera ruína.

Revi a albina na memória. Suas madeixas desgrenhadas e sedosas, a pele branca como gelo, o brilho nos olhos ao falar, a sensualidade dos lábios grossos. A maneira como ela tão abertamente se acariciara, correndo os dedos devassamente em direção à fenda quente e profunda entre os seios fartos. Esses mesmos dedos seguraram a garra do Diabo e arrancaram o sangue de Lublinsky. Eu a aprisionara, tocara sua carne. E com que prazer afetadamente tímido ela aceitara minha demonstração de raiva!

Havia uma beleza extremamente perigosa nela. Anna Rostova... havia algo mágico até mesmo no nome. Maldade e atração, misturados homoganeamente. Caí na cama, assolado por numerosas e rápidas imagens da mulher. E eu me excitava com elas. O pulso estava acelerado, a respiração, ofegante. Lutando para varrer essa invasão estranha dos meus sentidos, tentei conjurar o rosto de Helena — eu a acariciava, ela retornava o meu amor, a minha vida, minha querida esposa... mas a garra do Diabo permanecia sobre a mesa. O que Anna dissera? Devo afagá-lo para o senhor? Virei o rosto, forçando-me a ver o cabelo de Helena, a aspirar o odor da pele da minha esposa, a sentir sua boca na minha. Mas outras imagens carnis devastaram-me a mente tumultuada e envenenaram-me a alma.

Sentei-me de um salto e pressionei os nós dos dedos com força contra os olhos. Anna Rostova era demoníaca. Demoníaca! Lublinsky afirmara que ela era uma bruxa. Seria verdade? Teria ela me enfeitado? Por que outro motivo iria eu querer protegê-la?

— Prova — pronunciei a palavra em voz alta, vezes seguidas. Era necessária uma prova. Prova da sua culpa. Até que eu tivesse essa prova, nenhum mal deveria lhe acontecer.

Fui até a mesa, sentei-me e comecei a redigir uma carta para Helena. Não me lembro exatamente do conteúdo, embora tenha escrito em um ritmo frenético. Ao fazê-lo, eu poderia desafogar minha mente da inquietação que me perturbava. Minha mão tremia ao deslocar-se pela página. Aquela mão poderia pertencer a outro homem. Assinei a carta, selei-a, abri a porta e chamei o guarda em vigília ao final do corredor. Ele veio correndo e se deteve diante de mim. As mãos que carregavam a arma estavam azuladas de frio, os olhos verdes marejados com o vento que soprava nos corredores.

— Ordens, senhor?

Assenti e entreguei a carta. — Esta mensagem deve ser entregue em Lotingen. É urgente.

Seria realmente? Eu queria tranquilizar Helena, contar-lhe que a investigação progredia, que em breve estaria em casa com ela e as crianças, que tudo voltaria ao normal outra vez, o passado sendo

apenas uma página virada. Que não haveria mais assassinatos, Königsberg seria uma lembrança, Vigilantius e seus potes com cabeças humanas, Lublinsky... tudo se converteria em um delírio, deixado muito longe para trás. E sobre Anna Rostova? Se ela fosse realmente a assassina, eu assinaria sua pena de morte com o coração leve.

Se, se, se...

— Senhor?

O soldado me fitava. Quanto tempo eu o deixara esperando, a carta firme na minha mão, os dedos do soldado igualmente presos a ela, puxando-a gentilmente contra minha relutância em soltá-la?

— Esta mensagem é muito urgente — repeti, soltando-a. Observei-o caminhar até o fim do corredor, em seguida fechei a porta e deitei-me novamente na cama. Mas o sono ainda não chegara. Minha mente estava atordoada e aflita. Apesar do que Lublinsky me contara, apesar do que a mulher fizera a ele, apesar da arma encontrada com ela, eu não estava muito seguro de que fosse a assassina. Anna Rostova não era tola. Lublinsky podia ter acreditado que a garra do Diabo curaria suas deformidades, mas, e ela? Ela era vivida e experiente demais para isso. Uma abortadeira, prostituta, criatura do submundo, Anna sobrevivia de ludibriar os crédulos. Por que matar a galinha dos ovos de ouro? Ela tirava seu sustento de tipos como Lublinsky, do parto e aborto de crianças.

Um assassino em geral mata para obter algum ganho, raramente para perder. Espalhar o terror nas ruas de Königsberg serviria ao seu propósito?

E, se fosse assim, qual seria esse propósito?

Koch sugerira sacrifício humano como sendo o motivo, comercializar vidas com o Diabo em troca de poder e riqueza. Mas superstição, amuletos e mágica eram os instrumentos de trabalho de Anna, ela ganhava dinheiro com isso. Morte não a beneficiaria diretamente. Se riqueza não era a causa, concluí, só perversidade restava para explicar seu comportamento, e eu teria que enfrentar esse fato. Seria obrigado a acusá-la publicamente de mancomunar-se com Satã. Seria escalado para o papel odioso de um Springer ou um Institoris. Eu lera seu *Malleus maleficarum*.¹ Na Idade das Trevas, esses dois magistrados de mente estreita condenaram uma quantidade inumerável de mulheres aos tribunais que utilizavam o *duckingstool*² e as enviava para a fogueira em praça pública no nome sagrado da religião. Eu seria obrigado a fazer o mesmo em nome do Estado prussiano. Seria eu imortalizado no futuro como "Stiffeniis, o caçador de bruxas do Iluminismo"?

Uma batida soou na porta e uma sensação imediata de alívio tomou conta de mim. Naquele momento, qualquer distração era preferível ao peso opressivo dos meus pensamentos.

¹ O martelo das bruxas, 1845, obra encomendada pelo papa Inocêncio VIII aos inquisidores dominicanos Jakob Sprenger e Heinrich Institoris, tratava com argumentos teológicos pontos referentes à existência do diabo e poderes das bruxas. Era tido como uma verdadeira bíblia do caçador de bruxas e, apesar de volumoso, foi o primeiro livro de bolso de que se tem notícia. (N. T.)

² Antigo instrumento de tortura que consistia em uma cadeira na qual o acusado era amarrado para ser mergulhado na água. (N. T.)

A corpulência do oficial Stadtschen bloqueou a passagem, seu rosto uma máscara inescrutável na penumbra. Quando avançou para a luz, percebi que a expressão facial não proporcionava conforto algum.

— Eles a pegaram? — perguntei rapidamente.

Ele meneou a cabeça e, em seguida, retirou uma pasta de papel marrom de trás das costas e a entregou a mim. — Kopka, senhor — disse ele.

— Você não teve dificuldade em encontrar a informação, então?

Ele desviou os olhos. — Não precisei procurar muito longe — murmurou.

— Melhor assim — comentei.

Ele inclinou a cabeça enquanto permanecemos frente a frente no quarto apinhado. — Sabia onde procurar, senhor — prosseguiu ele em voz baixa. — Eu conhecia Rudolph Kopka, de forma que sabia onde encontrar esses papéis, já que o senhor afirmou que ele era um desertor.

A expressão sombria desapareceu da sua face. Os músculos da mandíbula pareceram se retesar e pulsar de tensão.

— E que lugar foi esse, Stadtschen?

— Baixas, senhor. A documentação sobre ele estava lá.

— Morto? Pensei que Kopka tivesse desertado do regimento.

— Ele desertou, senhor...

— Uma corte marcial, suponho?

O oficial meneou a cabeça e deu um sorriso abatido. — Não é assim que funciona, senhor.

Peguei-lhe a pasta das mãos e sentei-me na cama para ler as anotações que ele me fornecera. Havia três folhas de papel na pasta e examinei a primeira.

Relatório Na manhã do dia 26 do presente mês, Rudolph Aleph Kopka, foragido do 3º Regimento, foi capturado por uma força de busca na floresta da região sudoeste de Königsberg.

Esteve ausente sem licença por quatro dias. Nenhum motivo para esta ausência foi alegado. Embora interrogado antes do encarceramento na prisão provisória pelo oficial que o recebeu, tenente T. Stauffelhn, o Subalt. Kopka não fez nenhuma alegação em defesa própria. Após o exame físico, o médico da prisão, coronel-cirurgião Franzich reportou que a laringe do prisioneiro fora esmagada por um golpe na garganta. O oficial responsável pela captura relata que, durante a perseguição e prisão, o fugitivo caiu de seu cavalo depois de ser atingido na região da cabeça por um galho de árvore. Kopka será mantido em prisão preventiva na enfermaria da fortaleza até que seja possível tomar seu depoimento e convocar uma corte marcial.

*Assinado. Capitão Ertensmeyer,
Comandante da Companhia.*

A segunda folha confirmava o diagnóstico médico: "Laringe esmagada por um golpe severo na garganta". Estava assinada pelo médico do regimento.

O terceiro, um atestado de óbito, fora assinado pelo mesmo médico e testemunhado pelo capitão Ertensmeyer: "prisioneiro teve morte causada pelos ferimentos".

Uma vez mais, eu estava surpreso pela falta de precisão desses documentos. Eram como um mosaico em que faltavam peças importantes. Quem, em primeiro lugar, liderara a busca a Rudolph Kopka e testemunhara o acidente que o emudecera e, posteriormente, causara sua morte? Por que ele não fora identificado?

— Quem liderou a busca, Stadtschen?

— Não tenho ideia, senhor.

— Kopka morreu na prisão? — perguntei, deixando os papéis de lado.

O oficial Stadtschen colocou-se em posição, mas a resposta veio mais lentamente. — De certa maneira sim, senhor — confirmou ele.

— Bem, morreu ou não morreu? — retruquei com impaciência.

— Morreu sim, senhor.

— E a ferida na garganta? — indaguei. — Foi isso ou outra coisa?

Stadtschen olhou primeiro para a parede, depois seus olhos se ergueram para o teto.

— Outra coisa — respondeu, impassível.

Deixei-o cozinhando em banho-maria enquanto caminhava de um lado para outro no quarto em silêncio, por algum tempo. — O que efetivamente acontece quando um homem deserta, Stadtschen? Quando mencionei corte marcial, você disse que isso não funcionava dessa forma. Como funciona exatamente?

Stadtschen continuou a contemplar o teto como se sua própria laringe tivesse sido extraída cirurgicamente.

— Não vou adverti-lo novamente — falei com rispidez. — Conte-me tudo o que sabe. Esta não é uma investigação sobre conduta militar. Não tenho nada a dizer sobre este assunto. Desvendar o assassinato de civis inocentes é meu único objetivo. O que acontece quando um desertor é pego?

Stadtschen tossiu com desconforto. — Ele não é punido por um tribunal militar, senhor. Ele desonrou o uniforme que usa e é castigado pelos membros do regimento que têm orgulho das cores que vestem.

— Como ele é punido? É isso o que eu quero saber!

Stadtschen soltou um longo suspiro. — A companhia se reúne, duas fileiras próximas, uma de frente para a outra. Em seguida, sob algum pretexto — por exemplo ir ao banheiro ou trocar de cela —, o traidor é forçado a passar entre as fileiras.

— Parece-me bem inofensivo — comentei, ao ver que ele não acrescentava mais nada.

— Cada homem segura um bastão grande — acrescentou Stadtschen vagarosamente. — E não hesita em fazer uso dele.

Eu o examinei cuidadosamente por alguns instantes. — Resumindo, Kopka foi espancado até a morte. É isso?

Stadtschen não respondeu. Ele agora olhava fixamente para a frente, os olhos frios como pedra. Então, vagarosamente, assentiu com a cabeça.

— E o oficial responsável pela captura é aquele que supervisiona a punição final?

A resposta a essa pergunta veio rápida. — Provavelmente, senhor. Em casos como esse, nomes raramente são mencionados.

— As autoridades sabem dessa prática ilegal, suponho — comentei, recolhendo novamente os papéis e correndo os olhos sobre eles.

A boca de Stadtschen vincou-se em um sorriso encovado. — Não oficialmente, senhor. E, no exército, se não é oficial, nunca ocorreu.

Fechei os olhos e esfreguei as pálpebras. A lista de mortos em Königsberg parecia não ter fim. Quatro pessoas foram assassinadas nas ruas por uma razão que ninguém conseguia adivinhar. A morte de Morik aumentara o número para cinco. Os Totz, seis e sete. Com Rhunken foram oito. E agora eu podia acrescentar Rudolph Aleph Kopka à lista.

— Vá embora, Stadtschen. Saia — ordenei, despachando-o com um aceno de mão.

Quando a porta se fechou e os passos dele desapareceram no corredor, joguei-me na cama, minha cabeça um redemoinho de pensamentos conflituosos. E aquela confusão é tudo de que me lembro. De algum modo, devo ter adormecido. Um buraco negro se abriu diante de mim, um vácuo sem sonhos não perturbado pelo espírito de Morik ou dos Totz.

Lublinsky não estava em nenhum lugar à vista. Kopka ainda podia estar vivo, cumprindo seu dever na companhia ruidosa dos colegas. Nenhum intruso teria maculado a neve no jardim do professor Kant. O belo rosto de Helena apagaria aquele outro rosto de pele pálida e cabelo prateado.

Quando acordei, o primeiro raio de luz da manhã iluminava as estreitas fendas da janela e também o rosto longo e pálido do sargento Koch pairando sobre minha cama como uma imitação fantasmagórica do sol do alvorecer. Estava sentado na cadeira ao lado do meu catre. — Fico feliz que o senhor tenha conseguido descansar um pouco, senhor — disse ele em voz baixa.

O frio no interior do quarto era menos intenso.

— Você acendeu a lareira, Koch? — perguntei. — Não o escutei entrar.

— Estou aqui há algum tempo, senhor. Fiz algo de útil enquanto esperava. Não queria perturbá-lo. De nada adiantaria.

Sentei-me rapidamente. — Lublinsky está morto?

Koch meneou a cabeça. — Talvez perca a visão, segundo o que diz o médico. A ferida é profunda e há o risco de infecção, mas não há nada que possa ser feito a esse respeito. Ele vai sobreviver.

— Onde ele está agora?

— Em uma ala isolada da enfermaria aqui no quartel.

— Anna Rostova?

Koch voltou a menear a cabeça.

Recostei-me novamente no travesseiro, respirando com maior facilidade. — Você acha que ela é a assassina, não é, Koch?

O sargento baixou os olhos para as mãos. Ele parecia estar embaralhando um maço de cartas, olhando cada figura, em busca de uma específica antes de falar. — Muitos indícios apontam nesse sentido, o senhor não acha? — disse ele. — Sabemos que ela, com aquela garra do Diabo imunda que ela tem, fez mal a mais pessoas que somente ao Lublinsky. O senhor se lembra do que ela fazia naquele quarto dos fundos? Isso dá cadeia, isso sim. E por muito tempo, também.

— Mas será que ela cometeu esses crimes, Koch?

Anna Rostova era uma abortadeira, uma prostituta, ela cegara o oficial Lublinsky, prejudicara e enganara um número enorme de pessoas, mas, se nenhuma prova irrefutável do seu envolvimento nos crimes fosse revelada, eu poderia ser mais tolerante em relação a esses crimes menores.

— Kopka está morto — mudei de assunto, minha mente desviando-se para o horror mais recente. — Foi obrigado a passar por um espancamento.

Koch franziu o cenho. — Quem é Kopka, senhor?

— Ele e Lublinsky foram os oficiais enviados para vigiar o corpo de Jan Konnen. Também redigiram os relatórios e fizeram os esboços do segundo assassinato. Mas, algum tempo depois, Kopka decidiu desertar. O que poderia tê-lo levado a fazer isso, Koch? Ele sabia qual seria seu destino se fosse pego. Todos os soldados aparentemente sabiam. Lublinsky também. Talvez tenha sido por isso que ele nunca tentou fugir...

— Meu Deus! — Koch murmurou. — O senhor acha que Lublinsky armou uma cilada para ele?

Dei de ombros. — Se Anna Rostova fosse a assassina e Lublinsky cúmplice nos crimes, faria sentido. Talvez Kopka tenha percebido o que ocorria e fugiu com medo do que Lublinsky e Anna Rostova pudessem fazer contra ele. Trata-se apenas de uma possibilidade, é claro. Até que a peguemos...

Minha voz diminuiu a um sussurro e permanecemos em silêncio por algum tempo.

— Não acredito que nenhum motivo claro e racional algum dia explicará esses crimes, *Herr Stiffeniis* — o sargento Koch concluiu, por fim, com grande determinação.

Estudei-lhe a face. Estava vincada, esgotada, espelhando meu próprio atordoamento e frustração.

— Não o entendo, Koch.

— Estou começando a concordar com o ponto de vista do professor Kant, senhor — começou ele, tentando sorrir. — O senhor se lembra do que ele mencionou sobre o prazer de matar? Ele disse que perversidade pura existe efetivamente e não requer maiores explicações. Certamente, um motivo simples tornaria tudo cristalino e nos sentiríamos melhor com isso, mas e se tal justificativa não existir? — ele contemplou com tristeza as próprias mãos, depois ergueu novamente os olhos.

— Anna Rostova é maligna. Não há dúvida sobre isso, senhor. Não se tem nenhuma prova para condená-la. O Código de Lei Prussiano de 1794 nunca foi revogado, não há o recurso de habeas corpus. O exército de Napoleão pode varrer nosso país a qualquer minuto, o ministro Von Arnim foi muito claro sobre a necessidade de lei marcial.

Eu me lembro de ter lido a circular, senhor.

— Mas qual seria a acusação, sargento? Bruxaria? — interrompi, bravo. — Porque a mulher alega invocar o Diabo? Até bem pouco tempo, uma acusação como a sua teria acendido uma fogueira gigantesca sob ela. Se pretendo acusar Anna Rostova de alguma coisa, até mesmo de tráfico com o Diabo, preciso estar plenamente convicto.

— O *Herr* professor Kant não parece tão desconfortável pela falta de um motivo para o crime quanto o senhor — Koch replicou imediatamente.

— O quê — protestei, chocado com a gravidade da acusação.

— Perdoe-me, senhor — disse o sargento, com um aceno de cabeça. — Mas não parece haver uma motivação racional para o que está acontecendo em Königsberg. O inesperado interesse de Kant em assassinatos, por exemplo. O senhor chamaria isso de racional?

Koch sabia do meu respeito pelo filósofo, ele fora testemunha da relação especial que existia entre nós. Ainda assim, percebi, sua aversão pessoal ao professor Kant era mais forte do que seu senso de dever para comigo.

— O interesse de Kant em assassinatos, como você diz, pode muito bem evitar uma guerra, Koch. Você certamente não esqueceu nossa conversa com o general Katowice. Ele está louco para avançar, e eu quase lhe ofereci a desculpa que ele procura. Eu estava convencido da existência de uma ameaça terrorista por trás disso tudo. Mas foi a ajuda de Kant e o conteúdo do laboratório dele que corrigiram meu erro.

— Entretanto, senhor — replicou Koch rapidamente —, aqui na cidade há pessoas mais qualificadas para lidar com a situação do que o professor Kant. Talvez eu deva dizer, havia...

— Você quer dizer o procurador Rhunken?

— Sim, senhor — concordou ele, examinando minha reação. — O professor Kant afastou-o porque queria que o senhor conduzisse a investigação. Mas, se me permite falar com franqueza, tudo isso foi muito irregular. O senhor não tinha experiência em casos como este, O senhor me contou tudo isso quando eu me apresentei pela primeira vez no seu escritório em Lotingen.

Somente alguém que viajou para o mundo das trevas...

Como poderia fazer Koch entender o motivo que me levou a me tornar um magistrado? Ou explicar o papel que Immanuel Kant tivera nessa decisão?

— Pensei que filosofia fosse a explicação para isso — Koch continuou ponderadamente. — Os senhores partilham o interesse pelo método de análise racional. Talvez esteja aí o que os torna diferentes dos demais, pensei. Mas a filosofia leva um homem a conservar fragmentos humanos e órgãos em potes de vidro? A filosofia induz alguém a mandar soldados executarem atos que os indignam mais do que qualquer outro que já tiveram que perpetrar no campo de batalha? Que tipo de filosofia pede a um

soldado comum que pegue um lápis e desenhe os mortos? Ou guarde cadáveres sob a neve em um porão malcheiroso enquanto espera a Lua alcançar um ponto no céu?

A mente de Lublinsky foi afetada por isso, posso apostar. Toda essa conversa de Diabo! Não há uma causa precisa ou explicação lógica que eu consiga ver na situação inteira.

Eu o interrompi nesse ponto. — Tudo isso pode parecer estranho, fora de contexto, até mesmo um despropósito para você, Koch. Mas o que o professor Kant criou naquele laboratório é um novo método, uma nova ciência, eu diria. Representa uma revolução na nossa forma de pensar. Novas ideias sempre nos surpreendem. Ele está agindo na busca da Clareza e da Verdade.

Koch ergueu um dedo, como se pedisse permissão para falar. Um cenho franzido vincara sua testa aturdida. — Posso terminar o que eu estava dizendo, senhor?

— Por favor, continue — respondi, contendo minha defesa de Kant.

— Tive uma outra ideia ao nascer do dia e não posso ignorá-la. O professor Kant tem um interesse doentio pela mecânica da maldade. Ele não está minimamente preocupado com a questão policial. Aquele pescador de enguias às margens do Pregel esta manhã, por exemplo. Ele deveria ter sido interrogado. Em vez disso, nós o mandamos embora.

O professor Kant tinha assuntos mais importantes em mente. Ele está tentando entrar na pele do assassino, tentando penetrar em uma mente perversa, aprender seus segredos. Aquele laboratório é o lugar mais diabólico em que já estive.

O mundo das trevas...

— Fiquei revoltado com o que vi lá — Koch prosseguiu —, ao passo que os senhores estavam muito à vontade. Ambos partilham um conhecimento que vai muito além da minha compreensão, senhor. Se aquilo é filosofia, pensei, não quero nada dela.

Se o sargento Koch estava horrorizado, fiquei estarecido ao ouvir sua descrição sobre o que ele achava que o professor Kant e eu estávamos fazendo no nome sagrado da filosofia.

— O senhor realmente acha que Kant acredita nos poderes do raciocínio lógico? — persistiu Koch, estampando no rosto uma descrença irônica. — Depois de tudo o que vimos naquela sala?

— Você com certeza não, Koch — comentei com amargura. Ele não reagiu à provocação.

— Fiquei chocado, para ser sincero — prosseguiu. — Ele revoava como um urubu sobre o corpo daquele pobre garoto assassinado na margem do rio. Parecia extrair força do que via lá. Qualquer homem decente se encolheria ao ver uma atrocidade daquelas, mas ele não. Sua mente sugava a energia sobrenatural que emanava do espetáculo do cadáver daquele rapaz. Tive a mesma impressão naquele laboratório. O senhor reparou no brilho dos olhos dele? Selvagem de excitação, era como ele estava. A voz se fortaleceu, a expressão inteira se modificou. Bem, ele tem oitenta anos...

Koch interrompeu a fala por um momento e esfregou as mãos como se para purificá-las.

— O comportamento dele me espantou bastante. Ele parecia deleitar-se com a morte. Não se sente diminuído ou humilhado por isso. Não, eu diria que ele é fascinado pelo assunto de uma forma não inteiramente... saudável.

Koch fez uma pausa antes de pronunciar a palavra final. Em seguida, esperou pela minha réplica. Mas eu não tinha nenhuma a fazer. Ele não mencionara especificamente meu comportamento, mas não fez segredo em achar pernicioso o fato de eu compartilhar o interesse nefasto de Kant.

— Não desperdice seu tempo tentando explicar o que levou Anna Rostova a fazer isso, senhor. Deixe a explicação para o professor Kant. Ele vai sugerir uma resposta.

Como poderia eu defender o filósofo de uma interpretação tão errônea e perversa das suas intenções? Immanuel Kant reunira provas em seu laboratório em nome do entendimento e da ciência. Pelas mesmas razões, ele se deslocara até as margens do rio Pregel. Não estava revoando "como um urubu" sobre o corpo de Morik, sugando a energia dos mortos como um vampiro. Estava em busca da Verdade, independente do prejuízo que isso pudesse causar a sua mente brilhante e ao seu corpo frágil. E eu era o

único homem vivo que entendia seu método de trabalho a ponto de poder ajudá-lo. Isso não era óbvio para Koch?

Buscando freneticamente algum argumento indiscutível para rebater o ponto de vista distorcido de Koch, meus olhos movendo-se de um lado a outro, divisei, de repente, uma folha de papel no chão. Devia ter caído do meu bolso. O esboço da pegada na neve nos fundos da casa do professor Kant que eu desenhara na noite anterior. Naquele instante, uma paz profunda apaziguou minha mente conturbada. Eu parecia estar caminhando por uma vasta e silenciosa floresta da qual os passarinhos palradores desapareceram na primeira investida do frio do inverno.

— Vou demonstrar a você que o professor Kant não é fascinado pela perversidade, Koch. Vou provar!
— falei num rompante, perguntando-me como, pelos céus, eu me esquecera de uma prova tão importante.
— Chame a carruagem imediatamente. Nossos próprios olhos vão nos dizer se Anna Rostova é ou não a assassina. Graças ao professor Kant, devo acrescentar.

Ao virar a chave e abrir a pesada porta escura da *Wunderkammer*¹ de Kant, meus nervos estavam formigando. Ao meu lado, o sargento Koch parecia impassível.

Calmo e distante, aparentemente no controle total de suas faculdades, ele poderia ser o defensor mais convicto do professor Kant. Parecíamos praticamente ter trocado de papel. Koch olhava firme para a frente, enquanto eu relanceava ansiosamente aqui e ali, examinando a ampulheta na moldura de madeira, os cadinhos com tampa e as retortas de argila que o professor Kant utilizara para realizar seus experimentos científicos com muito mais atenção do que eles mereciam. Eu tinha razões mais do que suficientes para me sentir inquieto; não estava inteiramente convencido de que encontraria o que buscava. Seria eu capaz de demonstrar que as dúvidas de Koch não tinham fundamento e aplacar as minhas próprias?

Nenhum de nós dois, no entanto, estava tão desatento aos próprios movimentos a ponto de direcionar a luz para as prateleiras na parede oposta. Parecíamos ter chegado a um acordo tácito sobre aquele tema: os tais potes não existiam. Ainda assim, tínhamos consciência do brilho da luz incidindo nas superfícies curvas do vidro, justo acima do nosso ângulo de visão. Eu não conseguia afastar a sensação de que alguma "coisa" não identificada podia tomar forma e elevar-se das sombras escuras. Algo perverso e de mau agouro. Kant realmente estivera ali sozinho? Ou com o Dr. Vigilantius, cortando e entalhando o que o assassino deixara inteiro? A sugestão de Koch de que o professor Kant encontrava alguma satisfação mórbida em lidar com esses objetos perturbadores forçava sua entrada na minha mente, mas eu a repelia.

— Precisamos encontrar os desenhos que o professor encomendou a Lublinsky — falei, afastando um alambique da bancada e retirando meu próprio desenho do bolso. — Se alguma pegada foi encontrada perto dos corpos, pretendo compará-la com o desenho que fiz ontem à noite no jardim de Kant.

— O senhor acha que ela pertence ao assassino? — Koch indagou.

— É isso que estamos aqui para descobrir. Se for assim, poderemos compará-la com os sapatos de Anna Rostova.

— Os soldados terão que prendê-la primeiro — Koch objetou.

— Quando eles o fizerem, quero estar pronto — afirmei cautelosamente. — Tenho que estar plenamente convencido de sua culpa ou inocência antes de prosseguir.

Desci os maços de papel da prateleira onde Immanuel Kant os deixara e os coloquei sobre a mesa enquanto Koch me ajudava segurando o lampião no alto.

— Nosso trabalho deve começar nesta sala — falei, dividindo os papéis em duas pilhas do mesmo tamanho. — Essas você verifica — disse eu, movendo a primeira pilha na direção de Koch. — Estas são minhas.

Não precisei encorajá-lo. Ele moveu uma alidada para longe do alcance do braço e se inclinou silenciosamente sobre o tampo da mesa, concentrando-se na pilha de documentos que eu colocara diante dele. Do outro lado da bancada, comecei a vasculhar meu próprio maço de papéis e logo estava igualmente absorto no trabalho. Entre várias razões, pela ordem meticulosa que Kant trouxera para a atividade. Minha admiração pela sua metodologia não conhecia limites. Cada item no primeiro arquivo que eu examinava era separado do seguinte por uma folha de papel que descrevia a data e a hora em que aquele relatório fora compilado, juntamente com um comentário breve sobre quem fez o registro e o peso a ser atribuído a cada prova fornecida.

A natureza brilhante e organizada da mente de Immanuel Kant estava precisamente refletida na disposição física dos seus papéis. A primeira pasta continha os relatórios dos oficiais envolvidos na

investigação. Não havia nada de novo para mim em nenhum deles.

A pilha seguinte tinha uma legenda indicando "Doutor Vigilantius" manuscrita pela letra singular de Kant. À medida que comecei a ler as primeiras das poucas linhas que ele escrevera, toda e qualquer distração desapareceu por completo. Era a transcrição original da comunicação do necromante com a alma do falecido Jan Konnen: Estou morto há dois dias agora, as visões que tenho tornam-se cada vez mais indistintas. Seja rápido, pois não pertenço mais à luz. A escuridão me consome, meu espírito mortal se esvai por aquela perfuração...

Certamente, o professor Kant testemunhara uma sessão espírita como aquela a que eu comparecera logo depois da minha chegada a Königsberg. Você não ficou impressionado com o que viu ontem na fortaleza? Mas o que o próprio filósofo pensou ao ver o Dr. Vigilantius trabalhar? Busquei alguma pista que pudesse revelar suas sensações mais particulares, mas nada encontrei. Kant somente transcrevera o que foi dito e não tecera nenhum comentário sobre suas impressões íntimas acerca da veracidade da experiência.

Recoloquei a primeira pasta sobre a mesa e peguei outra mais volumosa. Intitulava-se "Características espaciais dos assassinatos em Königsberg". À medida que comecei a ler, meu coração se comprimiu no peito. Quem mais, além de Immanuel Kant, conceberia um interrogatório sistemático de assassinato que poderia facilmente ser um capítulo adicional da Crítica da razão pura. Quem, além do professor Kant, manteria uma aparência de calma indagação face a face com fatos terríveis que levariam qualquer homem são a tremer de terror?

Virei outra página e soltei um suspiro de satisfação. Desenhos das posições em que todas as vítimas foram encontradas estavam reunidos e catalogados em uma pasta.

Um conhecedor de gravuras ou um colecionador de desenhos de anatomia não teria feito melhor. O professor Kant inspirara a mão de um soldado rústico e pouco instruído para reproduzir o tipo de prova que a polícia, sem experiência nesse assunto, via de regra ignorava. O registro esquemático de tais detalhes de valor incalculável abria novas possibilidades a respeito da natureza e execução do crime que nenhum homem contemplara antes de mim. Coloquei os desenhos na mesa na ordem cronológica da ocorrência dos assassinatos e chamei Koch.

— Olhe isso aqui — falei, minha voz ecoando pelo teto abobadado.

— O que é isso, senhor?

— As posições precisas em que os corpos foram encontrados.

As linhas do lápis eram fracas, incertas. Elas foram refeitas vezes consecutivas à medida que o desenhista amador tentava se aproximar mais e mais da realidade terrível que se apresentava diante dos seus olhos. — Essas garatujas são obra de Lublinsky. Agora, vejamos se as pegadas deixadas no jardim de Kant são iguais a qualquer coisa mostrada aqui.

Começamos a estudá-las, juntos, colados aos desenhos, a intensidade de Koch equivalente à minha, analisando cada linha e cada traço até nossos pobres olhos doerem.

Mas não havia nada que sugerisse que o esboço que eu fizera na noite anterior fosse similar a nada que Lublinsky desenhara.

— E essas manchas, senhor?

O dedo de Koch apontava umas estranhas hachuras desenhadas perto do corpo de Jan Konnen. Nós as observamos por alguns momentos. Podiam ser marcas na forma de uma cruz como aquelas que eu encontrara na neve, mas a escala era totalmente diferente. Eu desenhara um sapato na proporção real, e nada mais, enquanto o oficial Lublinsky tentara representar a cena inteira do crime.

— Não sei, Koch. Pode ser uma cruz. Na verdade, eu me inclino a acreditar que seja, mas pode ser algo diferente — admiti com relutância, pegando outra folha de papel. — Devemos considerar a possibilidade de que o artista não estivesse à altura da tarefa. Na tentativa de representar tudo, ele pode ter incluído detalhes em excesso. Ainda assim, parece uma cruz, não acha? — aponte o desenho com o

dedo. — O oficial Lublinsky também pode ter excluído uma série de informações vitais na tentativa de ser mais claro. Muito, pouco? Em qualquer caso, os desenhos não são conclusivos.

— Portanto, até encontrarmos Anna Rostova e compararmos os sapatos dela com os desenhos que o senhor fez — Koch concluiu —, nunca saberemos com certeza se foi ela que entrou no jardim do professor Kant, não é, senhor?

A imagem de Anna Rostova voltou-me repentinamente à memória. Vi os soldados perseguindo-a, agarrando-a, jogando-a ao chão, machucando-a. Isso deveria ser meu desejo mais ardente. Entretanto, era meu maior temor. Eu já soltara os cães de caça uma vez e causara um sofrimento desnecessário. Agora, eu oscilava entre dois extremos.

Se ela fosse a criminosa, o caso estaria terminado e ela seria condenada. Mas, e se fosse inocente do assassinato? Escaparia da execução, mas não da prisão por prática de aborto e dos inevitáveis abusos do encarceramento e dos trabalhos forçados. Eu mal sabia qual das duas opções preferia.

— E, ainda assim — murmurei, meus olhos pregados nos desenhos —, eles estão todos ajoelhados. Lublinsky é consistente a esse respeito. Cada um deles caiu mais ou menos na mesma posição.

— Exatamente como Tifferch, senhor. Ele...

— *Herr* Tifferch estava colocado sobre uma mesa de anatomia — interrompi. — Ele era uma amostra isolada fora de contexto. Concentre-se nos desenhos, Koch. Aqui, como você vê, as vítimas estão inseridas no mundo real. Foi nesse mundo que o assassino se moveu. Eu... eu não havia entendido as implicações anteriormente. Pensei que se tratasse de uma mera coincidência o fato de todos estarem ajoelhados...

Fiz uma pausa, absorto.

— Talvez seja somente uma coincidência, senhor. A violência do ataque pode tê-los derrubado.

— Oh, não, Koch. Não — insisti, passando rapidamente de um desenho para o seguinte, e voltando novamente. — Você vê? Um homem atacado por trás cairia contra o chão se a morte fosse instantânea, mas não foi assim que aconteceu. Essas pessoas estavam ajoelhadas. Temos a sequência inteira de assassinatos aqui, como Lublinsky os desenhou. É como se víssemos os crimes serem cometidos um após os outros. Cada uma das vítimas caiu do mesmo modo, a testa apoiada contra alguma coisa, uma parede, um banco no caso de Frau Brunner. Então por que todas elas não caíram de frente para o chão?

— O senhor parece acreditar que há uma razão.

— Há, realmente. Pois eles já estavam ajoelhados quando foram atacados. Ou seja, eles se ajoelharam diante do assassino, e só então foram mortos.

Koch ergueu os olhos e me fitou pasmo.

— Mas isso é impossível, senhor! Por que uma pessoa em sã consciência faria uma coisa dessas? Não consigo imaginar... Uma execução, senhor? Como se fossem condenados à morte?

— Precisamente, Koch. Uma execução. Mas como ele as obrigou a se ajoelharem?

Koch correu os olhos de um desenho a outro. — Por que o *Herr* professor Kant não chamou sua atenção para este detalhe, senhor? — indagou. — Esse fato não pode ter lhe passado despercebido.

— Ele fez muito mais — repliquei, vagorosamente. — Ele colocou a prova diante dos meus olhos. Kant se assegurou de que o corpo de Tifferch seria mantido sob gelo e neve para que eu o visse. Em seguida, enfatizou o fato de Morik não estar de joelhos. Não é hábito dele apontar explicitamente os fatos, Koch. Ele lhe mostra os dados disponíveis e o convida a explicar o óbvio. Eu devia ter entendido tudo isso antes.

— Está tudo muito bem, senhor — Koch objetou —, mas o professor Kant não tinha como confirmar a veracidade dos desenhos de Lublinsky.

Fiquei em silêncio por um momento. Era um argumento sensato, afinal de contas. Mas a resposta ocorreu-me em um segundo: — A calça de Tifferch! — exclamei.

— Senhor?

— Lá está a prova, Koch. Na calça de Tifferch. A região dos joelhos estava coberta de barro. Você se lembra? Se minha teoria estiver correta e se Lublinsky desenhou precisamente o que foi solicitado a ele, os joelhos de todas as vítimas deveriam estar sujos.

Corri os olhos pelo aposento.

— Ali, Koch! — falei, apontando a prateleira mais alta na parede oposta. — Afaste aquela bomba de vácuo e traga uma caixa para baixo. Qualquer uma serve. Para checar a veracidade dos esboços de Lublinsky, tudo que temos a fazer é examinar as roupas.

Koch desceu uma caixa de cartão comprida e achatada, daquelas utilizadas pelos alfaiates para entregar ternos e vestidos. Com uma excitação crescente, retiramos a tampa. Uma nuvem de poeira elevou-se no ar e impregnou-nos os pulmões.

— Paula-Anne Brunner — Koch falou atabalhoadamente. O nome da mulher estava escrito em um pequeno pedaço de papel que listava todos os itens ali contidos. Não tive dificuldade em reconhecer a caligrafia caprichada de Kant.

— Uma capa fina de algodão verde com debrum — Koch começou a ler. — Uma blusa branca de manga comprida. Um vestido cinza de um tecido fino, indefinido. Um par de meias grossas de lã cinza. Um par de tamancos de madeira com o salto gasto...

— O vestido, Koch — interrompi a litania. — Vamos examinar o vestido.

Koch espalhou as vestimentas sobre o tampo da mesa e deu um passo para trás. Aproximei-me e inclinei-me sobre o vestido da mulher, virando-o e desvirando-o novamente, a ansiedade aumentando.

— Não há mancha alguma — balbuciei, as palavras sufocando na minha garganta. — Nem uma única mancha de lama nos joelhos.

A voz de Koch era um murmúrio baixo próximo ao meu ouvido. — O que isso quer dizer, *Herr Stiffeniis*?

— Não tenho a menor ideia — admiti, a cabeça girando, aturdido.

— Espere um momento, senhor — Koch falou com energia. Sem uma palavra de explicação, ele pegou a lista, releu-a, e começou a vasculhar entre os itens da caixa de roupas. Observei em silêncio, contendo o impulso de detê-lo, ressentido pelo modo grosseiro com que ele remexia nos artigos que o professor Kant tão cuidadosamente arrumara.

— Agora, deixe-me ver — disse ele em voz baixa, tirando as meias de lã. — Frau Brunner tinha este vestido, suponho, e nenhum outro. O material é fino para a estação, o que o tornava precioso. Se ela teve que se ajoelhar no chão, ela fez o mesmo que qualquer outra dama. Ergueu seu melhor vestido e sujou as meias. Vê, senhor?

Não havia indício de triunfo em sua voz.

Como são Tomé, estiquei a mão e toquei a rústica trama cinza com as pontas dos dedos. Havia furos nos dedos e no calcanhar. As meias foram remendadas e costuradas mais de uma vez. E, na altura dos joelhos, duas grandes manchas escuras.

— Ela confiava mais nessas meias grossas para protegê-la do inverno — Koch continuou — do que no vestido leve que usava.

— Tão simples, tão lógico — murmurei. — E bem conclusivo. Podemos supor, a partir daí, que todas as vítimas se ajoelharam voluntariamente diante do indivíduo que pretendia matá-las. Parecem ter ajudado o assassino.

As palavras que eu lera do colóquio macabro de *Vigilantius* com Jan Konnen voltaram-me à mente, e senti uma pontada de excitação. Poderia haver uma pitada de verdade no que o necromante chamava sua "arte"?

A escuridão me envolveu depois que me ajoelhei...

— Era a realização de um ritual, eu diria, senhor. As vítimas foram sacrificadas para alguma divindade pagã, talvez. O que certamente fortalece seu caso contra Anna Rostova — Koch falou com

excitação.

Eu o interrompi rapidamente. — Guarde tudo de volta nas pastas. Recoloque as caixas no lugar. Ainda não sabemos se Anna Rostova é realmente a criminosa, mas fico feliz em perceber que você agora preza o valor deste aposento e o que está contido aqui.

Koch não respondeu até ter guardado tudo.

— E agora, senhor? — perguntou, voltando-se para mim.

— Vamos banquetear nossos olhos com as estrelas! — exclamei.

— Com as estrelas, *Herr Stiffeniis*? — Koch me fitou intensamente. — Ainda não é hora do almoço!

— Não estou totalmente louco — expliquei, com um sorriso. — Um poeta italiano usou essas palavras para descrever sua fuga do inferno e sua chegada, são e salvo, ao mundo real. Esta investigação nos obrigou a descer ao submundo, Koch. Primeiro, no porão da fortaleza com *Vigilantius*, depois, neste laboratório. É hora de retornarmos ao "Reino da Luz".

Lá fora, os raios de sol eram filtrados fracamente por nuvens que se estendiam em fios finos para o horizonte da terra. Flocos ocasionais de neve redemoinhavam no ar como folhas de outono nas asas de um cortante vento frio. Espalhados abaixo de nós, estavam os brilhantes telhados de ardósia e as elevadas torres da igreja de Königsberg. Mais além, o mar se estendia até o horizonte em milhares de acres de seda cinzenta ondulada. Permaneci inerte observando a cena por alguns instantes, preenchendo, vezes consecutivas, meus pulmões com o ar fresco da manhã.

— Preciso falar novamente com *Lublinsky* — falei, ao entrarmos na carruagem e começarmos a descer a encosta em direção ao centro da cidade. — Mas há algo mais que preciso fazer antes.

¹ Em alemão, câmara de milagres. (N. T.)

— *Agora vamos ver quem será o primeiro. Idade não corresponde sempre a sabedoria. Lembre-se disso, Hanno! Não deixe seu irmão derrotá-lo mais uma vez. Ele tem uma cabecinha esperta sobre esses pequenos ombros...*

As imagens da infância que mais claramente ficaram gravadas na minha memória são as associadas ao meu pai, Wilhelm Ignatius Stiffeniis. Um ditador por natureza, religioso ao extremo, ele não tinha tempo para indolência ou acessos de cólera. Mas, frequentemente, divertia-se à custa do meu irmão e de mim com uma charada de sua própria autoria. Como em tudo o que meu pai fazia, havia um propósito sério em suas brincadeiras. Ele queria nos ensinar uma lição que servisse a Stefan e a mim na nossa vida adulta.

A casa da família ainda existe em uma encosta lúgubre nas colinas além de Ruisling. Era uma mansão ampla e disforme, todos os aposentos apinhados de enfeites. Meu pai se divertia em esconder um objeto qualquer bem conhecido. Em seguida, pedia que entrássemos na sala e adivinhássemos o que estava fora de seu lugar habitual.

Nossa memória tornou-se prodigiosa porque crescemos acostumados a catalogar tudo o que havia na casa. Na verdade, conhecíamos o conteúdo e o significado da nossa herança de cor antes de sairmos do berçário.

— *Agora, cavalheiros, o que têm para mim? Um peso para papel de vidro francês cheio de arabescos? Bravo, meu rapaz!*

O vencedor era inexoravelmente recompensado com uma fatia de pão preto coberto com uma camada espessa do mel encorpado e escuro do apiário do meu pai. Esse era o prêmio. O mel com aroma de castanha trouxera renome e riqueza ao lar dos Stiffeniis. Para Stefan e para mim, representava um tipo de condensação de tudo o que meu pai representava: a autoridade exercida com deliberada severidade, a promessa de que trabalho duro renderia bons frutos, a noção de que a generosidade iria inevitavelmente recompensar o esforço requerido para superar um teste árduo. Provar o mel do meu pai significava ser admitido no seu mundo. Significava sua aceitação. E pela simples razão de que ele decidira que seria assim. O olhar severo reservado para o perdedor era, por si só, uma punição suficiente. E aquele olhar severo deixou suas marcas na minha já nada perfeita infância.

Embora dois anos mais jovem, Stefan era mais competitivo do que eu jamais seria. Abençoado com uma inteligência sagaz e uma capacidade de concentração intensa, ele vencia com mais frequência que eu. E, quando nosso pai estava ocupado demais com os assuntos da propriedade, Stefan lançava desafios elaborados por ele mesmo, que se tornaram mais exaustivos e ousados à medida que crescíamos. Repetidamente — invariavelmente, devo dizer — eu era o perdedor. Stefan era mais alto, Stefan era mais forte, Stefan era destinado a uma brilhante carreira militar. Aquela carreira militar, entretanto, duraria menos de seis meses. Meu pai puxou-me de lado quando seu filho predileto foi trazido para casa em uma carruagem e me informou sobre o diagnóstico do médico. — Acabaram-se as brincadeiras — ordenou ele. — Nenhum teste físico de tipo algum, Hanno. Eu o torno responsável pela vida do seu irmão.

Resumindo, ele me ordenou que tratasse meu irmão como um inválido. E assim foi feito até o dia em que Stefan me propôs um desafio que fui incapaz de recusar.

A medida que a carruagem deslizava vagorosamente em direção à casa do professor Kant, comecei a me perguntar se meu mentor estivera jogando sua variante astuciosa do jogo de meu pai à minha custa. Tinha a sensação contínua de que Kant testava minhas habilidades, talvez para avaliar como eu reagiria à provocação. Em mais de uma ocasião, ele me desafiou a reconsiderar algo que eu não fora capaz de

perceber.

Mas por que esse desejo de avaliar e comprovar minha capacidade de investigação? Seria ele crítico da minha falta de atenção aos detalhes? Ou estaria mais preocupado com a superficialidade com a qual eu analisava as provas disponíveis?

Nesse exato momento, a carruagem dobrou a esquina na estrada que circundava a fortaleza para entrar na Magisterstrasse. A rua pavimentada de pedras arredondadas deu lugar ao cascalho e o cavalo iniciou um trote libertador. Olhando pela janela, percebi com um sobressalto que algo não estava correto na casa: uma fumaça escura oriunda da mais alta chaminé da empena enovelava-se no ar. Conforme eu lera com interesse em um breve relato biográfico bem pitoresco publicado em uma das mais conhecidas revistas literárias, o professor Kant proibia o uso da lareira antes do meio-dia, tanto no verão quanto no inverno. E as cortinas do andar superior ainda estavam fechadas! Segundo o mesmo relato, Immanuel Kant insistia para que elas fossem abertas à primeira luz do amanhecer. "A mais insignificante alteração na regularidade mecânica do cotidiano do filósofo", o autor concluiu, "significa que algo impediu um hábito de seguir seu curso da maneira estabelecida por ele e é um assunto da mais extrema importância..."

Saltei da carruagem e atravessei velozmente o caminho do jardim com o sargento Koch no meu encalço. Antes que eu pudesse tocar a aldrava, Johannes abriu a porta.

A expressão no seu rosto parecia confirmar meus piores temores. Seus olhos brilharam com o que considerei ser medo.

— O que há de errado, Johannes?

— O senhor chegou muito cedo, *Herr Stiffeniis* — disse ele, balançando teatralmente a cabeça e levando o dedo indicador aos lábios. Ele olhou por sobre o ombro e falou em voz mais alta que o necessário: — O professor Kant ainda não colocou a peruca.

Poderia esse simples fato perturbar tanto assim o criado?

— Meu patrão ainda não está pronto para receber visitas Johannes explicou, virando a cabeça incisivamente em direção ao quarto de leitura enquanto pegava meu chapéu e luvas.

— Mas a lareira está acesa. Vi a fumaça...

— O professor Kant está resfriado esta manhã, senhor. Para além do ombro de Johannes, a porta do quarto de estudo estava entreaberta. Eu podia ver somente a escrivaninha encostada na parede, um cotovelo apoiado nela e um pé com um chinelo calçado estendido por baixo.

Senti-me tranquilizado em saber que Kant se encontrava seguro, fora da cama e bem o suficiente para se sentar à escrivaninha, embora eu não tivesse a mais remota ideia do que ele estava fazendo.

Seguindo a direção do meu olhar, Johannes atravessou rapidamente o hall e fechou gentilmente a porta do quarto de estudo. — Eu o estou ajudando neste exato momento, senhor, — O que está acontecendo? — sussurrei.

O criado olhou nervosamente sobre o ombro outra vez, então contou-me algo que eu preferia não ter escutado. — Graças a Deus ele está seguro, senhor! Recebeu uma visita a noite passada.

— Explique-se — falei com rispidez.

— Dormi na casa, como o senhor mandou — prosseguiu ele. — O professor Kant disse que tinha um trabalho a terminar e o realizaria mais a contento se fosse deixado em paz. Perguntou-me se eu gostaria de tirar a noite de folga para visitar minha esposa. Recusei, obviamente, senhor. Disse-lhe que tinha muito trabalho a fazer pela casa.

— Graças a Deus!

— Aprendi a lição, senhor. Disse-lhe que estaria na sala ao lado se ele precisasse de mim. Ele se recolheu ao quarto de estudo, e eu preparei uma cadeira no aposento ao lado. Decidi ficar de vigília aquela noite, mas... — ele engoliu um suspiro amargo de mortificação. — Devo ter adormecido. De repente, algo me despertou. Era a porta envidraçada que dá para o jardim, senhor, eu juro.

— Nos fundos da casa?

Ele assentiu. — Ela tem um rangido diferente das outras.

— A que horas foi isso?

— Não muito depois da meia-noite, creio eu.

— Continue — pressionei.

— Bem, primeiro pensei que fosse o professor Kant, senhor. Ele algumas vezes abre a janela para arejar o aposento. Mas então escutei, quero dizer, pensei ter escutado algo mais.

— Vá direto ao ponto, Johannes!

— Murmúrios, senhor. Vozes. Saltei e arrastei a cadeira ruidosamente no pavimento. Se alguém tivesse forçado a porta, queria que soubesse que o professor Kant não estava indefeso e sozinho.

— Alguém forçou a entrada?

— Bati e entrei na sala imediatamente, mas o professor Kant estava só. Então escutei um barulho na cozinha, ao lado, e teria perseguido o gatuno, mas...

— Mas o quê, Johannes?

Seus olhos se arregalaram e ele me fitou por alguns instantes. — O professor Kant me impediu, senhor.

— Ele o deteve?

— Estava pálido como cinza, com a mão no coração, claramente perturbado pelo que quer que tivesse acontecido. Eu não podia deixá-lo sozinho, podia, senhor? Nem para perseguir os ladrões. Ele arquejava como se estivesse prestes a sufocar. Estava extremamente agitado!

— Ele viu o intruso, então? — embora chocado pelo risco que o professor Kant correria, eu estava excitado pela possibilidade de que ele tivesse visto o rosto do assassino.

Johannes balançou novamente a cabeça. — Não creio, senhor. Dei-lhe uma pequena dose de brandy para acalmá-lo e a primeira coisa que ele fez foi me agradecer por tê-lo acordado.

Olhei para o criado com o cenho franzido. — Perdoe-me, não entendi.

— Um pesadelo, senhor. Ele disse que provavelmente gritou durante o sono. Bem, não vi razão para alarmá-lo ainda mais. Se houvera algum perigo, já passara.

— Mas você ouviu um ruído? — indaguei.

Ele balançou a cabeça, incerto. — A porta da cozinha estava aberta — ele deixou escapar. — Ou me esqueci de trancá-la, ou alguém saiu por ali. Mas eu juraria tê-la trancado por dentro, senhor.

— Estou certo de que você a trancou — tranquilizei-o.

— Você chamou os soldados?

— Primeiro, ajudei o professor Kant a ir para a cama. Não queria amedrontá-lo ainda mais. Em seguida, fui falar com os soldados, mas eles não viram nada nem ninguém.

A névoa ontem à noite era uma verdadeira cortina.

— Como seu patrão se encontra esta manhã? — perguntei. Johannes baixou os olhos para as botas e balbuciou: — Parece razoavelmente bem. Levei-lhe o chá na cama, ele fumou o cachimbo de sempre, mas, em seguida, adormeceu novamente. Não tive coragem de abrir as cortinas, senhor.

Ele está diferente hoje cedo. Queria a lareira acesa no quarto, reclamava de um resfriado que lhe atingia a cabeça. E os intestinos...

— Diga-lhe que estou aqui — falei.

Johannes inclinou a cabeça e virou-se para ir avisar o patrão, mas toquei-lhe o braço com a mão. Algo que o criado me dissera no início voltou-me à memória com toda sua relevância.

— Espere um minuto! Ele estava trabalhando na noite passada, não foi isso?

— Foi o que ele me disse, senhor.

— E o que ele fazia exatamente?

— Escrevia, senhor.

— O que ele estava escrevendo?

— Não sei — os olhos do criado se estreitaram. — E, quando eu guardei seus apetrechos de trabalho esta manhã, não havia nem sinal do papel que eu separara para ele na noite anterior. Nem uma única página! As penas estavam gastas, o tinteiro, vazio, mas, o que quer que ele tenha escrito, desapareceu...

A porta do quarto de estudo abriu-se com um rangido e o professor Kant saiu para o hall. — Uma evacuação das mais bem-sucedidas, Stiffeniis! — exclamou com um sorriso radiante.

— Fezes bem formadas, significativas na quantidade de composição fecal com um mínimo de conteúdo líquido. Espero que você tenha obtido algo similar esta manhã.

— Oh, certamente, senhor — consegui replicar. A primeira vez que o vira, ele passara uma boa meia hora discutindo o trabalho dos seus intestinos com seu amigo íntimo, Reinhold Jachmann, depois do almoço. Era, aparentemente, um assunto do qual ele nunca se cansava. — O senhor dormiu bem, professor?

— Como nunca, como nunca — replicou, desatento.

E ele parecia estar em boas condições. Com exceção de dois detalhes. O primeiro era a peruca. Deve tê-la vestido ele próprio ao ouvir o ruído de visitas no hall.

A massa de cachos empoados repousava desconfortavelmente muito para trás sobre a coroa da cabeça, seu próprio cabelo sedoso, fino e branco como os fios diáfanos de uma teia de aranha revelando-se por baixo. De resto, como sempre, estava imaculadamente elegante em um robe três-quartos acolchoado, feito de cetim amassado da cor de vinho Borgonha, calças de linho bem passadas até o joelho e meias de seda cor-de-rosa. A segunda anomalia, levemente ridícula na situação: ainda calçava os chinelos de quarto. Via de regra, Kant recebia as visitas como se, a qualquer momento, pudesse ser convidado a sair de casa. Ele apontou para o calçado doméstico com um sorriso de desculpas e falou: — Levantei-me tarde esta manhã.

— Não tive a intenção de perturbá-lo, senhor — desculpei-me.

— Não perturbou. Tenho certeza de que tem muito a me contar — replicou ele, guiando Koch e a mim ao quarto de estudo, onde se sentou em uma cadeira reta de madeira com braços. Era, percebi, uma cadeira higiênica. Apoiando o cotovelo no braço do móvel, ele descansou a cabeça delicadamente na palma da mão. A sala estava impregnada por um odor aquecido de humanidade e seu nariz se contorceu apreciativamente. Ele parecia um bicho-da-seda envolto em um casulo acolhedor feito por ele próprio, embora seus olhos azuis como gelo estivessem aguçados e alertas como sempre. Tudo no seu aspecto parecia contradizer o drama noturno que Johannes Odum acabara de relatar. Apesar da fragilidade física, Kant parecia ser o eixo de um mundo que girava simplesmente porque esse era o seu desejo.

— E então? — falou.

— Encontrei a arma usada pelo assassino, senhor — comecei. Um raio luminoso de energia atravessou o quarto. Kant endireitou-se na cadeira. — Você realmente a encontrou?

Retirei a garra do Diabo do bolso. Desdobrando o trapo imundo em que fora mantida por Anna Rostova, eu a ergui diante dele.

Meu Deus! — exclamou ele. Eu esperara impressioná-lo e não me desapontei. Ao erguer a mão para tocar o objeto, notei que seus dedos tremiam. — O que é isso, Stiffeniis?

— O sargento Koch acredita ser uma agulha de costura.

Parece feita de osso.

— Mas, nesse caso, ela não teria um buraco para passar o fio? Kant perguntou, pegando a agulha nas mãos e se inclinando para a frente para examiná-la melhor.

Koch se mantivera em silêncio, rigidamente postado atrás de mim durante todo esse tempo. — A agulha foi cortada, senhor — falou ele abruptamente.

— É claro — Kant aquiesceu sabiamente. — O assassino construiu um instrumento para atender a necessidades específicas.

— Essa agulha foi roubada do corpo de Jan Konnen — Koch prosseguiu, aparentemente envolvendo-

se mais no relato da sua versão. — O fragmento que o senhor encontrou era a ponta desse tal objeto. Deve ter quebrado quando o assassino tentava extraí-lo do cadáver. Podemos deduzir daí que o assassino tem um estoque delas.

— Do mesmo modo, *Herr Koch* — Kant respondeu rispidamente, como se irritado com algo que o sargento dissera —, podemos deduzir que haja uma razão precisa para ele ter escolhido este objeto tão peculiar, e nenhum outro, para a tarefa. Onde você o encontrou, *Stiffeniis*?

— Alguém que interroguei me deu — comecei, tentando alongar meu triunfo, mas Kant estava impaciente por detalhes.

— Alguém envolvido nos crimes?

Assenti. — Acredito que sim, *Herr professor*, embora preferisse ter certeza antes de fazer uma nova prisão. Ela...

— Ela? — Kant ergueu os olhos rapidamente. — Uma mulher?

— Sim, senhor.

— Você está presumindo, pela natureza feminina do objeto, que a dona seja uma mulher? — indagou ele, os olhos cravados na garra do Diabo abrigada na palma da sua mão como se fosse uma borboleta rara e preciosa que ele temia pudesse voar.

— Foi por isso que vim, senhor. Preciso confirmar com o senhor se minha linha de raciocínio está correta.

Kant virou-se para mim demonstrando uma grande irritação na face.

— Você persiste em acreditar que a Lógica possa explicar o que está ocorrendo em Königsberg? — explodiu ele.

Pisquei e engoli em seco. A estranheza do comentário não me passou despercebida. O professor Kant passara a vida inteira definindo os mundos físico e moral do Homem unicamente através da Lógica. Estaria ele agora negando esse princípio vital?

— Vejo que o desconcertei — prosseguiu ele, com um sorriso conciliador. — Muito bem, então, vamos resumir a posição desconfortável em que nos encontramos e ver aonde sua Lógica nos conduz. A assassina, uma mulher, se suas suspeitas estiverem corretas, escolheu uma arma extremamente incomum. Não se trata de um revólver, uma espada ou uma faca. Nada que pudesse ser reconhecido como arma, mas sim um objeto banal e aparentemente inofensivo. Com esse instrumento doméstico, a tal mulher dobrou a cidade de Königsberg. Estou certo?

Fez uma pausa e me olhou. — Minha primeira questão, *Stiffeniis*. Qual pode ser seu objetivo?

— Há razão para acreditar que bruxaria seja a causa, *Herr professor*.

— Bruxaria? — Kant pronunciou a palavra como se fosse um insulto dirigido pessoalmente a ele. Balançou a cabeça e seu rosto se transformou em uma máscara de sarcasmo maldoso que me chocou e fascinou ao mesmo tempo. — Pensei que você tivesse acabado de dizer que viera até aqui para ser guiado pela Razão — continuou ele com uma ironia impiedosa.

Lutei para formular uma resposta. — A mulher se intitula mascote do Diabo, senhor — falei, tentando justificar minha posição. — Bruxaria bem pode ser uma razão para os crimes, mas ainda não tenho provas conclusivas da sua culpa.

— Então você ainda supõe a existência de motivações racionais neste caso — continuou ele. — Minha segunda questão. Acha que bruxaria vai fornecê-las para você? Até bem recentemente, você acreditava que um complô terrorista seria a causa dos crimes.

— Aquilo foi um erro — admiti. — Não nego, senhor. Por essa razão, quero ter certeza da culpa da mulher antes de prendê-la. "Precisamos trazer a luz onde reina a escuridão..."

— Como detesto que citem minhas palavras! — interrompeu ele em um tom que em muito se aproximava do ódio. — Você se deparou com o turbilhão que habita a alma humana.

Você sabe que ele é uma força propulsora mais poderosa que qualquer outra. Você talvez deva

considerar o papel dessa força neste caso específico.

Ele se inclinou na minha direção, a respiração rançosa invadindo-me as narinas, garganta e pulmões, como um vento azedo e sufocante. — Certa vez, no passado, você se encontrou em um território similar inexplorado, e o que você viu, amedrontou-o. Você mesmo me contou isso, que não tinha a menor ideia da existência de tais sentimentos.

Bem, eles existem! Você conhece o caminho por meio desse labirinto. Foi por isso que mandei chamá-lo. Pensei que você fosse capaz de fazer um bom uso dessa experiência.

Enrijeci os músculos involuntariamente. — Não me leve a mal, meu jovem amigo — continuou ele, com um sorriso cúmplice. — Reuni as provas naquele laboratório para alguém com uma mente aberta, um homem que fosse capaz de usá-las e chegar a conclusões que não são tão impensáveis quanto possa parecer. Mas, diga-me, por que você suspeita que esses crimes foram cometidos por uma mulher?

Falei com alívio sobre Anna Rostova, descrevendo as pistas que me levaram até ela. Tive o cuidado de não mencionar as pegadas que Johannes encontrara no jardim no dia anterior. Nem lhe contei que, embora tivesse mandado os soldados atrás de Anna Rostova, esperava nunca mais vê-la ou ouvir falar dela novamente.

— Então, este instrumento fez verdadeiramente o trabalho do Diabo — disse Kant com seriedade quando terminei. — A mulher pode, ou não, ter cometido os crimes com esta agulha, mas ela efetivamente arrancou o olho de Lublinsky. Sinto ter sido a causa do envolvimento dele nesta história. Ele já teve sua quota de má sorte — Kant balançou a cabeça. — Lublinsky serviu-me fielmente, ou então assim acreditei. Mas o dinheiro que eu lhe pagava por esses desenhos foi suplantado por seu desejo de recuperar a boa aparência. E aonde isso o levou? Era um animal medonho antes. Agora ficará ainda pior. Meu Deus!

Escutei esse monólogo em silêncio, mas não estava cego e surdo ao que se passava ao meu redor. Kant não demonstrava piedade pelo rapaz, nenhuma dor verdadeira por ter envolvido Lublinsky em uma situação que o empurrara para um abismo do qual não havia retorno. Não havia compaixão na voz do professor. Nem em seus olhos, que brilhavam cobiçosos sobre o instrumento que ainda repousava na palma da sua mão.

— Foi por causa dos desenhos que vim, senhor — retomei o diálogo, quebrando o silêncio que se abatera sobre nós. — Em relação à posição de joelhos em que as vítimas foram encontradas. O senhor enfatizou a falta desse detalhe quando examinamos o corpo de Morik. Devo me desculpar pela minha estupidez cega. É claro que eu vira a posição do corpo de *Herr* Tifferch, mas só entendi sua importância quando vi a sequência de desenhos no seu laboratório. Conforme depreendo, o assassino induziu as vítimas a se ajoelharem antes de atacá-las. Esse é o mistério dentro do mistério. Como o senhor acha que ocorreu?

— Tinha esperança de que você encontrasse uma explicação — Kant respondeu, erguendo os ombros. — Não fui capaz de resolver esse enigma. Nem o Dr. Vigilantius forneceu nenhuma pista, seja anatômica ou paranormal — acrescentou ele, pensativamente, erguendo as mãos e cobrindo os olhos como se buscando um isolamento excluindo a visão de tudo e todos ao seu redor. Permaneceu em silêncio por um período exagerado de tempo. Então, de repente, ergueu os olhos para mim e um sorriso se formou em seu rosto como o sol se levantando para iluminar a Terra mergulhada nas trevas. — Você se lembra da primeira coisa que lhe disse sobre a arma quando examinamos os vidros no meu laboratório?

Poderia eu esquecer essas palavras? Eu as transcrevi na primeira página deste relato: — Deslizou como uma faca aquecida cortando banha — recitei.

— Exatamente — Kant confirmou. Ele ergueu a garra do Diabo próxima ao olho direito, que estava menos enevoado pela catarata que o esquerdo e a observou cuidadosamente.

— A facilidade com que esta agulha pode ser manuseada explica a sua escolha. Não requer força física, nenhuma habilidade específica. O único requisito é um pouco de conhecimento de anatomia. Identificar o ponto mais vulnerável que atinge a base do cérebro, o cerebelo. Essa é a chave da sua

eficácia. E, ainda assim, não é tão fácil desfechar o golpe mortal como pode parecer.

— O que o senhor quer dizer?

— A vítima pode não cooperar — replicou Kant com um sorriso afetado.

— Eles se ofereceram para ser mortos? — indaguei. — É isso que o senhor está sugerindo? Kant não respondeu.

— Isso soa para mim como o modo de o próprio Diabo conduzir as coisas — escutei Koch murmurar hesitante, embora não lhe tenha dado atenção. Em vez disso, lembrei-me de uma frase que o Dr. Vigilantius pronunciara em nome de Jeronimus Tifferch: "Quando me pediram, não senti medo..."

O que pediram a Tifferch para fazer? Teria o necromante pressentido algo essencial em relação ao modus operandi do assassino?

— Tudo foi feito em uma fração de segundo — sussurrou Kant. — Quando a vítima percebia o que estava ocorrendo, já era tarde demais. O escolhido tinha de ser imobilizado. Ele, ou ela, tinha que concordar de alguma forma. Mas como? Se a agulha perfurasse dois centímetros para esquerda ou para direita, havia o risco de falhar. O assassino certamente aventou essa possibilidade. Ele — ou ela — deve ter pensado longamente sobre o perigo antes de encontrar uma solução.

— Um pretexto que evitasse que a vítima se movesse — murmurei. — Algum estratagema que convencesse a presa a ficar parada o tempo suficiente para o assassino atacar.

O criminoso induziu Paula-Anne Brunner a levantar o vestido e se ajoelhar de meias no barro molhado. — Uma excitação crescente quase tomou conta de mim. — Por que ela fez isso? Porque... porque o rosto que estamos convencidos ser tenebroso e maligno era familiar para ela. Ela não se sentiu ameaçada. "O Diabo é somente um rosto, nada mais", Tifferch dissera através de Vigilantius.

— Um rosto como nenhum outro — acrescentou Kant com convicção.

— Ela pode ter sido obrigada a ajoelhar sob a mira de uma pistola — Koch objetou.

— Então por que não dispará-la? — Kant desprezou a sugestão sacudindo a mão no ar. — Não, não, sargento. O uso de uma arma para forçar obediência e outra para concretizar a morte desafia o bom senso. Não havia sinais de luta, nenhum testemunho de que gritos de socorro tivessem sido ouvidos. E o serviço foi feito rapidamente. E com consentimento por parte da vítima.

— Uma arma que prescinde a necessidade de força, o uso de uma estratégia para distrair e imobilizar a vítima, um rosto sem nada de especial ou de amedrontador — enumerei as evidências. — Tudo isso sugere que a necessidade psicológica de matar prepondera sobre a capacidade física de cometer um crime. Astúcia substitui a força física. Devemos com isso deduzir que o assassino é incapaz de agir de outra maneira?

Kant me fitou por um momento, em seguida seus lábios finos esboçaram um sorriso.

— Um indivíduo fraco? É essa sua teoria, Stiffeniis?

Assenti.

— Que tipo de pessoa não tem uma alternativa ao uso da força? — Kant continuou. — Um indivíduo frágil por natureza. Um doente ou inválido. Uma mulher... um homem idoso... é isso o que você sugere, Stiffeniis?

Estaria ele tentando me conduzir a Anna Rostova?

— Muitos elementos apontam para essa mulher — argumentei.

— Você mencionou bruxaria — Kant recordou-me.

— Preciso verificar, senhor.

— É um começo, Stiffeniis. Pelo menos agora sabemos que a hipótese de terrorismo era uma pista falsa.

Aí estava. Eu o convencera. Kant zombara à menção de bruxaria, mas eu o persuadira. Contava com sua aprovação para a nova linha de investigação que eu estava prestes a tomar. Nesse exato momento, a campainha da porta soou estridente e Johannes entrou na sala no instante seguinte.

— *Herr Stiffeniis*, há um homem lá fora para falar com o senhor — anunciou ele.

No hall um jovem soldado esfregava e batia vigorosamente as mãos azuladas de frio. Eu sabia o que ele estava prestes a dizer antes que abrisse a boca, embora me recusasse a acreditar em pressentimentos. Coincidências como essa eram parte da incoerência geral da vida, e não de emanções do desígnio oculto de Deus, ou de algum outro Ser Supremo. Ainda assim, era uma sensação estranha.

— Anna Rostova? — indaguei, o sangue correndo rápido nas veias enquanto ele dava um passo à frente e me relatava aquilo que eu, ao mesmo tempo, desejava e temia ouvir.

— Sim, *Herr* procurador. Eles a encontraram.

— Finalmente boas notícias, Stiffeniis! Eles a encontraram. A eficiência da nossa força policial lhe oferece uma segunda chance para interrogar a mulher e encontrar a prova que lhe falta.

— Sem dúvida, senhor — repliquei, embora o entusiasmo de Kant soasse estranhamente excessivo aos meus ouvidos. Senti certa perturbação pelo tom persistente de ironia na sua voz.

Mas, então, seus pensamentos desviaram-se como um barco velejando sob um vento forte. Olhando pela janela, ele falou com igual fervor: — Deve estar congelando lá fora! Traga-me a capa impermeável, Johannes.

O criado lançou-me um olhar preocupado ao sair do aposento.

— O senhor não está com intenção de sair, não é? — indaguei, mas Kant não respondeu. Permaneceu junto à janela, observando a formação de nuvens negras com um interesse ilimitado, enquanto eu esperava, desconfortável e constrangido, plenamente consciente de que devia me apressar para tratar de assuntos mais urgentes.

Johannes retornou alguns instantes depois, trazendo a grande capa impermeável com seu inconfundível lustro de cera de abelha que o professor Kant usara nas margens do rio Pregel no dia anterior.

— É para você, Stiffeniis — Kant anunciou. — Foi confeccionada segundo minhas próprias especificações. A sua capa pode ser adequada para Lotingen, mas aqui em Königsberg o tempo é inclemente.

Não ousei protestar. Nem queria perder um só minuto a mais. Deixei que o criado me ajudasse a vestir a capa do patrão e, em seguida, agradei enormemente ao professor Kant pela gentileza. E, com minha própria capa dobrada sob o braço, apressei-me em direção ao hall com Koch.

— Ele está com um temperamento muito estranho hoje — murmurei.

— É a idade, senhor — replicou o sargento rispidamente.

— A senilidade prega as mais estranhas peças. Até os gênios, em algum momento, sucumbem sob seu peso.

Voltei-me para o criado. — Mantenha-o sob sua vigilância, Johannes — adverti. — Chame os soldados se algum perigo o ameaçar.

— Não hesitarei — Johannes replicou, e colocou a mão sobre o coração.

Senti-me seguro com a solenidade da promessa. Em seguida, mandando que o soldado à nossa espera nos seguisse, saí da casa acompanhado de Koch para descobrir que um uivante vendaval ártico tomara, violentamente, posse do dia. Atravessamos correndo o caminho do jardim até a carruagem, onde o jovem soldado teve de empregar toda sua força contra o vento impetuoso a fim de manter a porta da carruagem aberta para que Koch e eu entrássemos.

Eu mal pisara no degrau, quando algo obstruiu minha entrada. Naquele momento, não dei importância ao incidente. Uma mulher minúscula saiu correndo da propriedade vizinha, atravessando rapidamente a alameda do jardim, um xale preto de lã cobrindo-lhe a cabeça. O xale agitava-se violentamente sobre os ombros, mas oferecia pouca proteção ao frio. Ela parecia ter agarrado a primeira peça de roupa à mão na pressa de sair de casa.

— O senhor é amigo do professor Kant? — indagou a mulher, parando ao lado da porta da carruagem. Por entre as dobras do xale preto eu podia perceber que ela regulava em idade com seu ilustre vizinho.

— Tenho essa honra — repliquei.

— Ele está bem? — perguntou ela diretamente.

— Para sua idade, bastante bem — respondi. — Posso indagar a razão de sua preocupação, Frau...

— Mendelssohn. Vivo na casa ao lado — disse ela, apontando para uma propriedade quadrada quase idêntica à de Kant. — Sempre troco uma palavra ou duas com o professor Kant quando ele passa em suas caminhadas diárias na primavera e no outono. Ele nunca recusa um raminho de alecrim fresco do meu jardim.

E creio que a senhora acerta o relógio da sua sala pelas idas e vindas dele, acrescentei silenciosamente. Ela me transmitiu a impressão de ser uma daquelas bisbilhoteiras infernais que prestam mais atenção aos assuntos dos outros do que aos próprios.

— Estava preocupada com ele — continuou ela. — Não o tenho visto muito ultimamente. Então, quando vi *Herr Lampe*, os soldados, e pessoas como o senhor entrando e saindo da casa a toda hora do dia e da noite, bem, temi que algum infortúnio tivesse ocorrido a ele.

— *Herr Lampe*?

— O criado — explicou ela. — O homem que toma conta dele.

Ela confundira o novo criado com o antigo, pensei, e não a corriji. — O professor Kant está com um leve resfriado — acrescentei. — O tempo inclemente não lhe permite sair com tanta frequência quanto ele talvez quisesse.

A mulher assentiu com a cabeça. — Deve ser por isso que ele vem com tamanha frequência. Ele sempre teve muito jeito para lidar com o patrão.

Recomeçara a nevar e o vento, agora furioso, fazia os flocos de neve redemoinharem para todos os lados. Eu não tinha tempo para uma conversa inútil com uma velha tagarela.

— Frau Mendelssohn, eu agradeço em nome do professor Kant suas boas intenções e lhe desejo um ótimo dia. — Não esperei por uma resposta e subi rapidamente os degraus para o interior da carruagem, refletindo comigo mesmo que Martin Lampe parecia ser um fantasma persistente na vida de Immanuel Kant.

Seguro no interior do veículo, tremendo de frio apesar do peso da capa emprestada, afastei aquela conversa da mente e me deixei levar rapidamente em busca de Anna Rostova e da verdade.

— A prisioneira foi levada para a fortaleza? — indaguei ao soldado sentado rigidamente à minha frente na carruagem. Era muito jovem. Seu bigode louro e irregular trazia ainda marcas dos ovos mexidos que ele comera no café da manhã.

— Não, senhor, ela ainda está perto de Haaf, onde foi encontrada.

— Ninguém encostou a mão nela, espero?

— Oh, não, senhor — replicou o soldado. — Suas instruções foram seguidas à risca. O oficial Stadtschen nos deu ordens expressas para não a tocar.

— Muito bem — concluí, com uma sensação genuína de alívio. Um olhar para a sola dos sapatos dela seria suficiente para condená-la ou inocentá-la. Depois da conversa com Kant, eu estava fortemente persuadido a acreditar que Anna era culpada, embora ainda preferisse ter esperança de que não fosse. E, quanto aos motivos — fossem eles levados pela bruxaria ou por alguma outra prática —, eu teria tempo e oportunidade de descobrir tudo. Nesse ínterim, precisava somente me preparar para o que me esperava. Eu já sentira o poder de atração dessa mulher. Os olhos hipnóticos e os gestos sedutores me enfeitiçaram naquela ocasião e eu precisava me fortalecer contra seu fascínio. Dessa vez, jurei silenciosamente, seria mais preciso e insistente no meu interrogatório. A lembrança de Helena não seria tão facilmente substituída no meu coração e mente pela tez pálida, os olhos penetrantes e os cachos prateados daquela mulher.



Levamos quase trinta minutos para chegar a Haaf, um promontório de areia não muito distante da casa de Anna Rostova. Mas, à medida que lutávamos para avançar pela praia assolada pelo vento em direção a um grupo de soldados comprimidos à beira da água, percebi que não haveria perguntas, interrogatório, tentação.

Não a menos que eu decidisse recorrer aos serviços do Dr. Vigilantius. Anna Rostova flutuava de braços nas águas frias e cinzentas do estuário do rio Pregel, os braços totalmente esticados como se tentasse agarrar o que quer que a maré trouxesse a seu alcance. O granizo que caía e as pequenas ondas na beira da praia arremessavam o corpo ritmicamente contra os seixos sussurrantes. O inconfundível vestido vermelho subira pelas pernas brancas, revelando-lhe as coxas. Os pés estavam presos em um emaranhado denso de plantas marinhas escuras. Fios de cabelo eriçados espalhavam-se na água ao redor da cabeça dela como raios de luar. Cinco soldados estavam sentados nas pedras fumando cachimbo e soltando imprecações uns contra os outros e contra o céu sombrio acima deles, enquanto resmungavam discutindo sobre quem deveria pescar o corpo do estuário.

O sargento Koch falou com severidade e dois dos homens embrenharam-se relutantemente na água gélida e começaram a arrastar o corpo em direção à costa, enquanto permaneci afastado na praia, observando em silêncio. Anna parecia-se a uma daquelas criaturas mitológicas que os pescadores do mar Báltico de vez em quando relatavam ter encontrado presas nas suas redes, metade gente, metade peixe. Pensamentos confusos passaram-me velozmente pela cabeça, como um voo de andorinhões desorientados. Sem o depoimento da mulher albina, seria eu capaz de provar que ela matara aquelas pessoas? E se fosse inocente, se fora morta como todos os outros, então o assassino ainda estaria à solta. Em ambos os casos, eu seria obrigado a recomeçar minha investigação do princípio.

Atrás de mim, Koch repreendia aos berros o soldado que nos trouxera até Haaf na carruagem. — Por que o *Herr* procurador não foi informado de que a mulher estava morta? — trovejava ele. — Você será punido! Aquela sua fita branca magrinha será removida, soldado!

Virei-me e toquei-lhe o braço. — Não importa, Koch. Apenas diga a eles para não perderem os sapatos dela de forma alguma.

Koch passou as instruções aos soldados.

— O senhor acha que foi o mesmo assassino que fez isso? indagou ele, postado novamente ao meu lado, os olhos fixos no grupo de homens encarregados do trabalho.

Meneei a cabeça. — Realmente não sei o que pensar — respondi.

— Suicídio, talvez?

O rosto de Anna Rostova surgiu na minha memória e tive que afastá-lo da mente. — Qualquer coisa pode ter acontecido — repliquei. — Entretanto, ela não me parecia o tipo de mulher que tira a própria vida.

Acompanhei o progresso dos soldados que arrastavam o corpo para a margem e o depositavam sobre as pedras frias. — Deus me perdoe — murmurei para Koch. — Ela pode nos ser tão útil viva quanto morta. Bastará um olhar na base do crânio. E o sapato revelará a verdade com mais clareza do que ela jamais faria.

Fechei os olhos, reunindo forças para o exame físico que em breve teria que realizar.

— Com licença, senhor.

Erguendo os olhos, deparei-me com um soldado jovem e magro em pé diante de mim. Seu rosto anguloso parecia ter sido talhado com uma machadinha pouco afiada, os olhos apertados e muito

vermelhos. Estava pálido de frio, o nariz pontudo e avermelhado escorrendo. — Oficial Glinka, senhor.

— O que é? — falei rispivamente.

— Vi o corpo da mulher enquanto fazíamos a patrulha da costa, senhor — relatou ele. — Rolando na água rasa, pensei a princípio tratar-se de uma foca morta.

— Você viu alguma outra pessoa na praia?

— No inverno, senhor? Os baleeiros utilizam este local no verão e no outono. Talvez contrabandistas aportem durante a noite, mas, além disso... — ele interrompeu-se abruptamente, observando fixamente uma edificação isolada na margem oposta.

— E então? — indaguei com impaciência.

Glinka tirou o quepe e alisou o cabelo escorrido. — Há um tipo de... bem, há um... um lugar lá longe, senhor — disse ele. — Na margem oposta. Um antro de bebida onde vagabundos e outros da mesma laia buscam abrigo durante a noite. Oh, e os condenados levados para lá enquanto aguardam o transporte.

— Transporte? — indaguei.

— Para a Sibéria, senhor. Ela talvez tenha estado ali farreando na noite passada. O corpo pode facilmente ter sido carregado até aqui pela maré. Especialmente com este vento, senhor.

— Obrigado pela sugestão, Glinka — falei, dispensando-o. Caminhei até a beira da água, olhando para o outro lado do estuário, para o local que Glinka mencionara. Pouco havia para ser visto dada a grande distância, somente um quebra-mar, uma pequena casa de barcos, um prédio ou dois. O céu montanhoso parecia esmagar e achatá-lo como um imenso peso de chumbo.

— Senhor! — Koch chamou.

Voltei-me e deparei com ele postado ao lado do corpo. As plantas marinhas haviam sido removidas e pude ver finalmente os pés de Anna Rostova. Eram delicados, de constituição delgada, brancos como mármore. E estavam nus... dois dos soldados lançavam com afinco faveixas dentro das águas turvas, removendo grandes emaranhados de plantas aquáticas escuras e depositando-as sobre as pedras da margem, enquanto outro grupo remexia por entre a imundície e descartava a vegetação marinha em pilhas malcheirosas sobre o cascalho da praia. Só trabalhavam metodicamente porque Koch estava por perto, berrando ordens de tempos em tempos, lembrando-os de procurar os sapatos da mulher.

— Levem o corpo para aquela cabana do lado de lá, Koch — ordenei, apontando um local cerca de cem metros à frente na praia. — Parece abandonada. Esperemos que ninguém resolva sair para pescar.

— Não hoje, senhor — respondeu ele, olhando ao redor.

— Não com todos estes homens uniformizados na praia. Não com este tempo.

— Melhor assim — grunhi, contemplando novamente o estuário, enquanto o sargento Koch ordenava que os soldados removessem o corpo.

Frios e ensopados como estavam, os soldados pouco se importavam com o trabalho. O que lhes interessava Anna Rostova? Estava morta e pesava bastante. Isso era mais do que suficiente para eles. Segui aquele funeral trôpego no qual os soldados, com os seixos movendo-se e deslizando sob as botas, cambaleavam na subida íngreme da praia carregando o cadáver que pingava, arrastando-se em direção à cabana abandonada. Em seguida, o corpo teve que ser depositado no chão e a porta arrombada antes que Anna pudesse ser acomodada devidamente. Estava escuro no interior, o ar enjoativo, sufocante, impregnado com o odor de peixe morto e apodrecido. Sem esperar por dispensa e soltando resmungos queixosos sobre o mau cheiro, os homens começaram a sair.

— Tragam um lampião — gritei atrás deles.

O sargento Koch saiu para repetir minha ordem. Nenhum deles tinha um lampião, é claro. E tampouco sabiam onde encontrar um.

— Corram até a carruagem — gritou Koch rispivamente. — Digam ao cocheiro para acender o lampião que está lá e tragam-no aqui.

Juntei-me a ele fora da cabana e esperamos em silêncio até a chegada do lampião.

— Eu o aguardarei aqui fora, *Herr Stiffeniis*, se o senhor não se incomodar. Um cadáver ontem à noite, outro hoje pela manhã, é mais do que suficiente para mim. Não permitirei que ninguém o incomode — disse ele. — E tenho que ficar de olho em tudo aqui, senhor. Ainda resta trabalho a ser feito na costa, e...

— Muito bem, sargento — interrompi. Eu me esquecera depressa demais de que ele era um funcionário interno, não um policial ou soldado acostumado ao caos do trabalho nas ruas. — Ver esse tipo de coisa não faz bem a homem algum.

Glinka retornou correndo, arfando ao me entregar o lampião.

Obrigado — falei, voltando-me e entrando na cabana.

Depositei o lampião de luz flamejante no chão pedregoso e me ajoelhei ao lado do corpo. Era, recordei, a primeira vez que ficava sozinho com Anna Rostova. Fechando os olhos, a casa dela no Pillau voltou-me instantaneamente à memória. A escuridão na cabana pesava com odores desconhecidos e nauseabundos, o espaço estava abarrotado de estranhos objetos lançados na praia, como aqueles que ela havia pendurado nas paredes da própria casa. Era uma espécie de refúgio isolado, imaginei, que ela visitava com frequência para realizar seu trabalho.

Abri os olhos e olhei para baixo. Um tremor de tristeza e arrependimento sacudiu-me o corpo. Se não fosse pelo cabelo prateado, dificilmente a teria reconhecido.

O rosto, certa vez bonito, estava inchado e intumescido. Cortes irregulares e milhares de arranhões deixavam marcas nos seus traços delicados. O atrito abrasivo das ondas contra as pedras ásperas da margem tinham-lhe arrancado a pele do queixo, do nariz e da testa. A brancura dos ossos do crânio era levemente mais pálida do que o tom natural da pele. Os caranguejos do rio Pregel também se banquetearam. Os olhos tinham desaparecido, deixando dois buracos escuros e vazios em seu lugar.

Aquele brilho penetrante não mais amedrontaria o oficial Lublinsky. Nem seria, com suas promessas implícitas de devassidão e luxúria, uma tentação para mim ou para qualquer outro homem vulnerável. Plantas aquáticas tinham-se enrolado em volta da garganta e dos seios, e outros fios do mesmo material viscoso permaneciam ainda pendurados a suas pernas e pés despídos. Afastei algo que me pareceu uma espécie de lesma marinha e, em seguida, cuidadosamente, desenrolei a vegetação emaranhada que formava uma grossa camada sobre a garganta nua. Contusões marrons, quase indistintas, manchavam-lhe as laterais do pescoço. Estudei essas marcas por algum tempo, consciente somente da pulsação ritmada do meu coração ao voltar a atenção para os seios e pernas e segurei-lhe as mãos para examinar as unhas, que estavam irregulares, rasgadas e despedaçadas. Agora que ela não podia me repreender, segurei aquelas mãos frias por mais tempo que deveria...

— Ela foi estrangulada, senhor.

Koch estava bem atrás de mim. Eu não o ouvira entrar. Nem esperava que ele o fizesse.

— É o que parece — concordei, recolocando delicadamente a mão da mulher morta no chão e me erguendo. Alonguei os joelhos endurecidos e contemplei-a novamente. — Vire o corpo dela, Koch, por favor.

Eu estava relutante em tocá-la novamente na frente dele. No entanto, não me restava outra alternativa se quisesse examinar a base do crânio. Aquele detalhe importante não podia ser ignorado. O corpo da mulher chapinhou, refestelou-se e por fim se acomodou, quando Koch terminou de virá-lo.

— Pronto, senhor! — disse ele, sacudindo a água das mãos. Agachando-me novamente sobre um joelho, afastei o cabelo molhado e pesado do pescoço de alabastro e senti a frieza úmida da carne sem vida. Corri o dedo pela linha nodosa da coluna, desde a escapula até o ponto onde começava o cabelo. Não havia sinal da garra do Diabo. — Quem quer que a tenha morto, não foi o assassino que buscamos — falei. — Nunca saberemos se foi ela que entrou no jardim do professor Kant, a menos que os sapatos...

— Senhor — soou uma voz da porta.

Glinka entrou e na sua mão esticada havia um sapato.

Um copo de água gelada para um homem que acabara de cruzar um deserto não teria sido mais bem recebido. Lancei-me sofregamente para a frente e segurei-o com ambas as mãos.

— Estava mais distante na praia — acrescentou ele. — O outro deve estar ali por perto também.

— Este é mais do que suficiente — repliquei, virando-o rapidamente, examinando o pé esquerdo do par. Meu coração, que se acelerara um instante atrás, agora afundava como uma pedra. O solado era liso e gasto como uma pedra lavada e limada pelo movimento incansável do mar por milhões de anos. Não havia sinal dos cortes transversais nítidos que o oficial Lublinsky desenhara na cena do primeiro crime.

— Não foi ela — afirmei, sentindo a decepção e o atordoamento crescerem.

— O senhor acha que ela teria outro par, senhor? — Koch sugeriu.

— Duvido, sargento.

Permanecemos em silêncio, contemplando, primeiro, o sapato na minha mão, em seguida, o corpo sem vida no chão e, finalmente, entreolhamo-nos.

— E agora, *Herr* procurador? — indagou ele, a voz baixa, distante, respeitosa. Minha investigação fracassara e Koch sabia disso.

Raciocinei por alguns momentos antes de responder.

— Gostaria de ir até aquele porto minúsculo do outro lado — falei. — Ela pode ter sido vista lá ontem à noite.

— Mas, senhor — Koch protestou.—A morte desta mulher não é relevante para o caso. É um problema para a polícia civil...

— Você pode encontrar um barco a remo que nos leve?

— insisti.

Os olhos de Koch se arregalaram com a sugestão.

— Há uma ponte no fim do caminho, senhor. Podemos ir até lá e voltar em menos de meia hora.

Tive que sorrir, apesar da seriedade da situação. De repente, percebi o quanto aquele firme bom senso de Koch me reconfortava. Eu necessitava da sua presença, a simplicidade da sua visão estreita fornecia um contrapeso essencial na minha natureza explosiva. Ele nunca ousava me perguntar por que, somente como. Por essa razão, não lhe revelei por que queria ir até o outro lado do estuário: o fato de alimentar esperanças de prender o indivíduo que a matara e vê-lo enforcado.

Fui até a porta e chamei os soldados.

— Cubram-na — falei, embora, depois de erguermos uma grande nuvem de poeira, nada melhor pudesse ser encontrado para isso que alguns sacos sujos e malcheirosos e uma rede de pesca esfarrapada.

Virei o rosto enquanto eles a carregavam para fora, embora não tenha afastado a mão quando os cachos molhados roçaram-me os dedos. Koch e eu os seguimos, observando enquanto os soldados erguiam o corpo e o colocavam sobre um carrinho estropiado que encontraram atrás da cabana.

Encontraria Anna Rostova paz embaixo da terra? Ou se tornaria o espírito maligno que os camponeses acreditavam que, oscilando entre a vida e a morte, alimentava-se do sangue dos vivos nas noites de luar?

Afastei essas bobagens infantis da cabeça.

— Pronto, Koch?

Sem mais uma palavra, o sargento enterrou o chapéu com mais força na cabeça para impedi-lo de voar no vento furioso e na neve e, em seguida, voltando-se na direção de uma ponte pênsil que cruzava o estuário, iniciou a jornada.

Tive que correr para alcançá-lo.

— Estamos nos arriscando um pouco vindo aqui, senhor — advertiu o sargento Koch, a mão na porta. A madeira desbastada era de uma tonalidade escura e brilhante, com manchas de sal aqui e acolá, como se algum arruaceiro tivesse tentado queimar o local e outra pessoa extinguiu as chamas usando água do mar. — O senhor quer que eu chame algum dos soldados?

O local dificilmente poderia ser chamado de os portões do inferno, pensei, ao chegarmos diante da entrada baixa.

— Não será necessário, sargento — respondi com bravura, mas comecei a entender o que ele queria dizer logo que entramos no local. Estaquei por alguns instantes até meus olhos se acostumarem com a fumaça e a escuridão, os pulmões contraindo-se ao odor rançoso de homens sem banho que empestava o ar. Koch enobrecera o lugar ao chamá-lo de taverna. Estávamos em um depósito abandonado onde alguma criatura empreendedora vendia cerveja preta e bebidas mais fortes para almas perdidas desprovidas de um refúgio melhor.

O aroma adocicado de malte ainda presente sugeria que o edifício certa vez fora um depósito de grãos. Paredes de pedra rústica foram erguidas diretamente no molhe; internamente, o pavimento, também de pedra, estava coberto de barro e palha. Uma fogueira no centro da sala amenizava o frio intenso, a fumaça da lenha se elevando para um buraco disforme no caibro do telhado, onde, depois de travar uma batalha perdida na tentativa de sair, acumulava-se em uma nuvem sufocante sobre os clientes. Apesar do fogo, tudo estava escorregadio com a umidade, que condensava e escorria como riachos pelas paredes. Um lampião solitário pendurado fornecia uma iluminação suficiente direcionada para a entrada, mas bem menos intensa para a saída, embora ninguém desse a impressão de querer ir a lugar algum. Havia aproximadamente quarenta homens, bêbados, estatelados no chão ou formando pequenos grupos ao longo das paredes. Um círculo se reunira ao redor do fogo crepitante. Tantas pessoas, tão próximas umas das outras, e ainda assim quase nada era dito. O silêncio era sombrio, opressivo, ressentido. Olhos faiscavam nervosamente na nossa direção, como se esperassem alguém. Um olhar rápido forneceu a resposta à pergunta que ninguém pronunciou em voz alta. Eles desviaram o olhar, afundaram o rosto na cerveja ou retomaram a vigília silenciosa ao redor das chamas flamejantes.

Um instante depois, éramos esquecidos.

— Por aqui, senhor — Koch murmurou no meu ouvido, indicando a parede à esquerda. Oito homens estavam agrupados ombro a ombro em um banco, como papagaios empoleirados na cerca de um jardim. Eu não podia ver a corrente que os unia pelo tornozelo, mas um chocalhar e tilintar à medida que nos movíamos em sua direção entregou o jogo.

Cada prisioneiro usava um cobertor cinza ao redor dos ombros. Um deles tinha um coto enfaixado, a mão direita amputada, provavelmente por roubar reincidentemente.

A cabeça de todos os prisioneiros estava inteiramente raspada, com exceção de um, que usava um estranho casaco de pele e gorro do mesmo material que ele parecia ter confeccionado para si mesmo, uma mistura de retalhos de couro não curtido grosseiramente costurados. Na ponta do banco, sentava-se um guarda em um uniforme branco sujo e um chapéu branco e vermelho com penacho, o mosquete em pé entre os joelhos. Um dos soldados parecia estar adormecido, a cabeça encostada no peito.

— Estão esperando desde ontem, senhor — Koch murmurou. — O navio para Narva ainda não aportou. Há uma certa preocupação sobre seu destino.

Na noite anterior, no escritório de Rhunken, eu assinara descuidadamente a ordem para este grupo de deportados. Os homens mais perigosos da Prússia estavam sendo guiados como um rebanho para Narva,

na costa báltica da Finlândia. Uma marcha forçada pelo continente gelado para a fronteira entre a Mongólia e a Mancharia, mais de nove mil quilômetros, estava planejada para começar ao primeiro sinal do degelo. Alexander Romanov reduzira o preço dos grãos que exportava para a Prússia em troca dos homens. "Vendidos para a escravidão", era como um jornal de Berlim criticara o acordo, acrescentando que o novo proprietário estava disposto a tirar o máximo proveito da barganha. "Há uma infinidade de trabalho para mãos ociosas nas minas de prata de Nerchinsk", acredita-se que o novo tsar tenha dito com um sorriso, após herdar o tal acordo do pai que ele próprio assassinara.

— Precisamos encontrar o proprietário — falei.

— Duvido que haja algum — replicou Koch. — É contrabando o que eles estão vendendo. Uma bebida alcoólica forte é a única cura para o frio no Pillau. Só Deus sabe o que aqueles diabos farão quando chegarem à Sibéria!

— Realmente — concordei, avaliando minha capacidade para conquistar a confiança de um daqueles condenados ou dos guardas. Eu tinha dinheiro suficiente no bolso para comprar um barril de gim para acalmar o mais violento dos calafrios.

Mas eu mal avançara dois passos em direção ao banco quando o soldado na ponta oposta pulou e apontou o mosquete na minha direção, posicionando a pederneira. O companheiro o imitou, um olho arregalado de surpresa, outro fechado em uma piscadela fixa. O mosquete veio parar a um centímetro do meu coração.

— Não se mova — gritou ele, as pálpebras tremendo. — Um passo e estará morto!

Ergui as mãos em rendição.

— Sou um magistrado da Coroa encarregado de uma investigação — comecei com presunção, tentando manter alguma aparência de dignidade na voz, já que minha posição era ridícula.

Uma mulher foi encontrada morta no rio. Gostaria de saber se você ou um de seus prisioneiros a viu ontem à noite.

O soldado de olhar vagaroso desceu levemente o mosquete, ameaçando não mais meu coração, mas sim deixar uma bela perfuração no meu estômago. Era um brutamontes horrível, a mandíbula uma monstruosidade curva, como eu vira nos bosques ao redor de Magdeburg, onde era permitido aos camponeses casarem-se com os próprios primos. O outro, um homem alto e magro com um distintivo de cabo na manga, ergueu o mosquete e apontou a boca da arma na direção do rosto de Koch.

— E você? — disse com um rosnado.

— O assistente do procurador — o sargento replicou. Ele ergueu lentamente o dedo indicador como uma pistola e apontou-o para o guarda. — Você está obstruindo *Herr Stiffeniis* no cumprimento de seus deveres!

Desconfiados, desviaram o cano das armas.

— Vocês viram alguma mulher aqui ontem à noite? — Koch insistiu.

— Havia muita gente — o Magdeburger começou hesitante.

— O frio era de fazer tremer os ossos...

— Havia alguma mulher? — explodi.

— Isto não é uma capela, senhor — replicou o homem, apoiando o cano da arma no chão e alisando pensativamente a mandíbula. — Fazemos o que está ao nosso alcance para manter os prisioneiros afastados, mas a noite é longa. Quanto mais rápido eles subirem a bordo do navio de transporte, melhor. Haverá problemas se tivermos que permanecer aqui por muito mais tempo...

— Estou interessado em uma mulher albina — falei, ignorando propositalmente suas lamúrias. — Cabelo branco, pele branca, olhos claros como...

Um olhar assustado foi trocado entre eles.

— Ela estava sozinha? — indaguei.

— Bem... algumas horas depois que chegamos aqui, senhor, essa mulher entrou. Foi até o fogo. Com

uma tremedeira de quase desmaiar, isso sim. Nenhum casaco, só o vestido...

Os guardas se entreolharam de novo. Eles estavam, evidentemente, avaliando o que admitir e o que negar.

— Não estou interessado em como você executa seu trabalho — falei com energia. — Quero saber se aquela mulher estava acompanhada, nada mais.

— O general Katowice saberá seus nomes dentro de uma hora — Koch ameaçou. — Falem!

— Será bem-feito! — um dos prisioneiros rosnou para os guardas.

— E então? — virei-me para o cabo.

— Ela estava sozinha, senhor — admitiu ele. — Ela se destacava como um periquito, com aquela cor.

Assim que todos a viram, os assovios começaram.

— Eles a conheciam? — perguntei, minhas esperanças aumentando.

O soldado balançou a cabeça. — Duvido. O vestido vermelho deixou-os animados, entretanto. Eles não viam uma mulher havia meses. São todos pássaros engaiolados. E ela não era de se jogar fora, o senhor entende o que eu quero dizer?

Não era difícil visualizar a cena. Anna Rostova fora o único brilho na escuridão sombria daquela cabana. A visão daquela mulher deve ter-lhes aquecido o coração e despertado a esperança de cada um daqueles homens, inclusive dos guardas.

— Você falou com ela?

Ambos os homens negaram veementemente com a cabeça.

— E os prisioneiros?

Eles se entreolharam furtivamente.

— Você vai acabar acorrentado a bordo do navio, acompanhando este grupo ao seu destino — ameacei, dando um passo à frente.

— Ela mesma queria embarcar — o Magdeburger balbuciou. — Quando ninguém estivesse vendo. Viajar clandestina, ela disse.

Ele desceu o olhar para o chão.

— Ela se ofereceu para pagar? — indaguei. Não era necessário adivinhar o que Anna Rostova oferecera em troca de ajuda para fugir de Königsberg.

— Eu... eu já lhe disse, senhor. E falei para ela também. Não havia navio. Não tínhamos ideia de quanto tempo permaneceríamos aqui. Eu não poderia, bem, quero dizer, prometer nada...

— Você se aproveitou dela, não foi? — falei, tentando conter minha cólera crescente.

— Ninguém a forçou, senhor — o Magdeburger objetou. — Ela estava mesmo disposta a viajar, senhor. Já estivera a bordo antes, isso mesmo. Trabalhara em troca da passagem, foi o que ela disse. Passagem. Não havia erro no que ela...

Gritos selvagens e brados aterrorizantes se elevaram atrás de nós. Instintivamente, os soldados ergueram a arma e apontaram para os indivíduos que caíram de joelhos em um círculo apertado em volta de dois grandes ratos cinzentos, a fogueira esquecida às suas costas. Os animais eram de um cinza-claro grandes como gatos, com dentes curvos, não muito diferente dos *panteganes*¹ que eu vira se esgueirando aos milhares nos becos e na beira da água no esgoto pestilento que era Veneza. Esses ratos aqui lutavam para sobreviver, rasgando e despedaçando um ao outro, arrancando gritos cada vez mais altos e selvagens dos espectadores a cada ataque bem-sucedido.

Mal a luta começou, logo acabou. Um dos homens ergueu o perdedor pelo rabo, exibindo-o ao público. Ele girou a cabeça do animal formando um grande círculo, respingando sangue na plateia, o que provocou mais gritos raivosos e protestos e, em seguida, soltou-o. O rato voou pela sala, batendo contra a parede de pedra em uma colisão asquerosa e uma explosão de sangue.

O ruído elevou-se ainda mais, com gritos ensurdecidores de triunfo à medida que o dinheiro trocava de mãos; uma pequena briga começou, e um homem veio correndo até o banco onde os prisioneiros

estavam sentados acorrentados e entregou algumas moedas para aquele em quem eu reparara anteriormente, com uma estranha roupa de pele.

— Quem é aquele homem? — indaguei.

— Helmut Schuppe, senhor — arriscou o cabo com um sorriso pretensioso. — Destinado à Sibéria. Se não fosse assim, seria um mendigo sortudo. Tem apostado metade da noite, e ganhado. Ele falou com ela, embora "falar" não seria a palavra que eu usaria para o que ele fez...

Sua voz fraquejou.

— Seu crime? — indaguei, examinando o prisioneiro enquanto ele tirava um saquinho de couro de dentro da camisa e guardava seus ganhos. Embora de baixa estatura, Helmut Schuppe era pesado como um urso e parecia bem capaz de se defender se algum homem se atrevesse a roubá-lo.

O cabo puxou uma suja folha de papel do bolso. — Aqui está — disse ele, lendo com grande dificuldade o que estava escrito. — Assassinou o irmão. A sangue-frio. Depois comeu o fígado. Cru.

Então, pensei, é esse o monstro sobre o qual eu lera na noite passada.

— Solte-o das correntes — ordenei, quando a comoção recomeçou. Mais ratos foram encontrados e outra discussão feroz se desenrolava acerca de suas habilidades para a luta. Virei-me, sem vontade de assistir, embora meus ouvidos não se tornassem surdos aos guinchos e silvos dos animais quando seus protetores os erguiam e provocavam os oponentes.

— Soltá-lo, senhor? — o cabo respondeu com insolência.

— Você me ouviu — retruquei.

Ele caminhou displicentemente até o banco, apoiou-se em um dos joelhos dobrados, puxou uma chave do bolso e abriu as algemas do prisioneiro. Em um minuto, Helmut Schuppe não estava mais preso, mas tampouco estava livre. O Magdeburger permaneceu bem perto dele, o mosquete pressionando o pescoço do prisioneiro, impelindo-o na minha direção.

Schuppe não era tão alto quanto eu, mas seu casaco de pele fazia que parecesse mais gordo do que realmente era. Com maçãs do rosto salientes, os olhos, dois talhos estreitos, um nariz grande e uma boca fina e sensual, eu o considerei um lapônio, apesar do nome. As chamas tremulantes do fogo iluminavam as marcas brancas que ele trazia no rosto. Uma grande letra M.²

— Você ganhou bastante com essas criaturas — comecei de forma amigável. Koch se manteve próximo a mim e, embora os soldados tivessem retrocedido um passo ou dois, ainda mantinham os mosquetes em posição.

— Quer saber em qual apostar? — replicou o homem com um preguiçoso sibilo anasalado. Não havia sotaque da região ártica na sua voz, o alemão era bem fluente. — Conheço esses bichos — disse com uma risada ressoante que sacudiu os retalhos soltos de pele do casaco.

— Realmente — concordei. — Agora me fale sobre a mulher.

Schuppe estreitou os olhos e estudou-me cuidadosamente o rosto. — Que mulher?

— Anna Rostova — repliquei.

— Ah, aquela mulher — sorriu e soltou novamente aquela risada retumbante. — Quando um homem é condenado, encontra prazer onde pode. Não pode levar nada consigo.

Só dinheiro, senhor. Dinheiro compra uma dose de bebida, um cobertor quente. Não resta muito mais. Algo para comer. Mulheres... gastei o meu dinheiro bastante bem ontem à noite. Grogue, uma aposta, um corpo quente se esfregando no meu.

— Conte-me mais sobre esse corpo quente — falei, com toda a displicência que consegui reunir, embora tenha me custado um grande esforço. A imagem de Anna Rostova copulando como um animal no canto mais sombrio daquela cabana escura com um monstro que não só matara o irmão, como também o comera, sufocou minha respiração.

— O que ela lhe contou? — insisti.

A risada áspera que lhe escapou da garganta fez todos os olhares se voltarem na nossa direção. —

Entre as pernas, existem uns lábios quentes que não falam muito!

— Antes da sua partida para o Norte, posso mandar açoitá-lo até quase à morte, Helmut Schuppe — falei friamente. — Ou pior, se descobrir que você teve qualquer participação na morte dela.

A ameaça não surtira o menor efeito sobre ele, como logo percebi, mas o conteúdo das minhas palavras executara seu próprio pequeno milagre. Joguei uma pedra em um lago e as ondas me revelaram o que, de outra forma, eu nunca teria acreditado. Helmut Schuppe, fraticida e canibal, estava tocado pela notícia da morte de Anna Rostova.

— Morta, senhor? — sussurrou ele, a voz doce como a de uma criança.

— Estrangulada — repliquei.

— Eu vi o assassino dela, senhor — murmurou, fitando-me nos olhos.

Prendi a respiração. — Você pode descrevê-lo?

Schuppe balançou a cabeça e desviou os olhos. — Uma sombra, senhor. Uma sombra carregou-a para fora. Conheço a maldade quando a vejo. Os ratos ficaram quietos quando ele entrou aqui.

— Cuidado! — sibilei com raiva. — Explique-se bem, por favor.

Ele me encarou intensamente por alguns momentos. — Aquele homem a caçava como um lobo faminto. Ela sabia para onde nos dirigíamos, senhor. Queria vir conosco, queria mesmo, por isso tentou com eles dois.

Olhou na direção dos soldados, os olhos alternando-se rapidamente entre um e outro.

— Lá naquele lugar — Schuppe indicou o canto mais afastado do fogo e dos lampiões, e então cuspiu para os soldados, fitando-os implacavelmente. — Eu daria um braço e uma perna para cravar meus dentes no fígado desses porcos! Mas eles estão armados e eu preciso viver. Vocês não vão conseguir se ver livres de mim na Rússia, malditos — gritou-lhes com raiva. — Vou voltar para fazer um banquete com seus colhões quentes!

Seis mil quilômetros a pé através de um território inóspito.

Esses homens já teriam sorte se chegassem, pensei, quanto mais voltar.

— Então ela recorreu aos prisioneiros — falei com a voz baixa, rouca.

— Um ou dois avaliaram as probabilidades — continuou ele com orgulho —, mas eu tinha dinheiro, isso sim. Paguei-a para mantê-la bem ao meu lado. Prometi fazer casacos para todos eles quando chegássemos a Narva. Para mantê-los calados, entende. Tem ratos a bordo. Um casaco de pele aquece mais no gelo e na neve do que a lembrança de uma prostituta.

Senti uma onda confusa de gratidão por aquele homem rude. Diferentemente dos soldados, seu coração não estava imune ao encanto da beleza.

— Você disse que ela tinha medo. Do quê? De quem? Schuppe balançou a cabeça. — Pessoas estão morrendo em Königsberg, foi tudo o que ela disse. — Olhou-me atentamente.

— O que ela quis dizer com isso, senhor? Há alguma peste na cidade? Ignorei a pergunta. — O que se passou entre vocês? Schuppe soltou o ar pela boca e coçou o nariz.

— Sibéria, falei para ela. Esqueça, mulheres não sobrevivem lá!

Ele estava certo sobre isso. O acordo de exportação fora assinado com Paulus Romanov em 1801, e duas mulheres embarcaram no primeiro envio. Uma era prostituta, a outra, uma criminosa que matara o marido e os filhos. Lembro-me das reportagens publicadas nos jornais, o escândalo que suscitou. As mulheres foram estupradas consecutivas vezes pelos outros prisioneiros e o frio as matou antes de chegarem ao destino. O ministro de Estado Von Arnim expediu uma circular retificando o acordo, proibindo qualquer magistrado ou chefe de prisão de deportar uma mulher. Arnim insistia que somente homens fortes e saudáveis deveriam ser enviados, já que o tsar não toleraria indolência nas suas colônias de trabalho. Ironicamente, a inflexibilidade dos Romanov operara mais milagres em nosso sistema penal do que qualquer discussão ilustrada sobre a natureza do crime e da punição jamais conseguiria.

— Ela já tinha estado lá — acrescentou ele. — Na Sibéria e voltado!

— Deportada? — indaguei.

Schuppe assentiu. — Olhe meu cabelo, minha pele, ela disse. Onde você acha que eles se transformaram em gelo?

Ele ficou em silêncio por um momento. — Vivo de caçar animais, senhor. Vendo a pele e mastigo a carne. Toupeira no verão, ratos no inverno. Só Deus sabe quantas cidades na Prússia eu livreii desses bichos! Farei meias quentes para enfrentar a neve. Vou voltar! — gritou para os soldados. — Branco como gelo, como ela era, mas vou voltar para vocês, malditos!

Voltar de Nerchinsk? Só um fantasma poderia retornar. Um fantasma ou uma andorinha-do-mar, capaz de cruzar gelo e neve, voando bem acima dos lobos destruidores das tundras, dos ursos polares famintos, do deserto congelado das estepes. Ninguém voltaria de Nerchinsk. Um homem deportado para lá estava morto antes de colocar o pé fora da Prússia. Novamente, outra reportagem de jornal veio-me à lembrança: a temperatura de 55 graus negativos, 8400 quilômetros de São Petersburgo, 768 quilômetros ao norte da Grande Muralha da China, 160 quilômetros a oeste do oceano Pacífico, longínqua não somente da Europa ocidental, como também das rotas comerciais entre Rússia e China. Estepes desoladas e montanhas inóspitas estendendo-se por vastas distâncias, habitadas somente por uma horda nômade de tártaros selvagens.

Havia um tom de felicidade na descrição da punição feita pelo jornal oficial de Berlim.

Teria sido esse o ato final de Anna Rostova? Contara uma mentira deslavada e trouxera esperança a esse homem. Orei por sua alma. Por aquela mentira, pelo menos.

— Ela o deixou, Schuppe — comentei sem emoção. — Por quê?

— Caí no sono depois que a briga de ratos acabou. Eu bebera bastante. Acordei com um sobressalto e a vi perto da porta. Acorrentado a este grupo, eu nada podia fazer além de gritar com ele. Ela olhou para mim e, em seguida, os dois desapareceram. Ele a arrastou pelo cabelo...

— Um homem, você diz?

— Com uma grande capa preta, o chapéu bem enfiado na cabeça. Eles desapareceram em um instante.

— Obrigado, Schuppe — comecei a dizer, fazendo sinal ao guarda para levá-lo de volta ao banco e às correntes.

— O senhor sabe o que eu fiz, não sabe? — ele me interrompeu com um sussurro urgente, aproximando a cabeça da minha.

Assenti em silêncio, retrocedendo um pouco.

— Matei meu irmão — confessou, olhando bem dentro dos meus olhos.

— Por quê?

Ele deu de ombros. — Eu precisava de abrigo, os soldados estavam atrás de mim. Ele me disse para ir embora, ameaçou-me com um machado. Tomei-o das suas mãos e o devolvi com a lâmina virada para ele.

Ele relatou o episódio com uma simplicidade estupefaciente. Como se o desenrolar fosse inevitável. O irmão. A necessidade de um refúgio. O machado. Como se não houvesse nada mais a ser feito.

Poderia eu ter feito o mesmo? Poderia ter narrado de forma tão descompromissada o que se passou entre Stefan e eu? Esse homem estava destinado a morrer na Sibéria, enquanto eu caçava um assassino na companhia de Immanuel Kant...

— Comi carne humana — prosseguiu ele, interrompendo meus pensamentos. — Farei o mesmo novamente, dadas as circunstâncias.

— A que circunstâncias você se refere? — perguntei com curiosidade.

— Guerra. Fome. Uma longa marcha. Espere até Bonaparte chegar aqui, senhor, e veja quantas almas acabarão na panela. Quando um homem está desesperado...

Lembrei-me da cena que presenciara com Koch no caminho para Königsberg, a gangue de salteadores na ponte que esquartejaram o cavalo do fazendeiro para comer.

— Vou comer o que estiver no meu caminho por toda a vastidão do Ártico a menos que o senhor me ajude...

— Ajudá-lo, Schuppe? — indaguei. — Como, em nome dos céus, eu poderia ajudá-lo?

Ele se aproximou tanto que um dos soldados gritou e comprimiu com ferocidade o mosquete na espinha do prisioneiro.

— Um homem vestido de pele pode morrer de fome — sibilou ele, rangendo ruidosamente os dentes, mexendo as mandíbulas como se mascasse algo duro, porém saboroso.

— Salve essas pobres criaturas dos meus dentes afiados, senhor.

Entreolhamo-nos por um momento, então sua mão se ergueu diante do meu rosto segurando com força um toco de lápis.

— Rações extra — disse ele com um sorriso apaziguador.

— Coloquem as algemas neste prisioneiro — ordenei aos soldados, pegando o lápis e me voltando para a parca luz vinda da fogueira. — E me deixe ver sua lista.

Às minhas costas, escutei o barulho das correntes quando Helmut Schuppe voltou para seu lugar. Em seguida, fiz uma anotação junto ao nome do último homem que demonstrou a mínima ternura para Anna Rostova, um homem condenado por matar o irmão e comer seu fígado, o homem com a palavra "Assassino" marcada no rosto em grandes letras maiúsculas: "merece alimentação extra".

Voltei-me para Koch. — Pegue o nome dos guardas, sargento. Farei que sejam punidos por negligência no exercício de suas atividades. Por se aproveitarem de uma mulher com falsas promessas de uma passagem para a Sibéria.

— Eles podem acabar eles próprios acorrentados, senhor — Koch advertiu. — Com uma marcha longa e gelada pela frente.

Virei-me e me encaminhei para a saída. Não me despertavam solidariedade animais que saciavam a luxúria com uma moça vulnerável, e, em seguida, fracassavam em protegê-la do homem que acabaria por assassiná-la. Lá fora, o cheiro que vinha do nível baixo das águas do estuário era úmido e pestilento.

— E agora, *Herr* procurador? — Koch indagou em voz baixa.

— Você pegou os nomes deles? — repliquei.

— Sim, senhor.

— Muito bem. Vamos voltar para a cidade. Para a enfermaria — acrescentei. — Lublinsky tinha motivos para matá-la. Mas será que ele teve a oportunidade?

Koch estava silencioso, e pensei que ele estivesse emburrado, que ousasse questionar minha decisão, embora eu não pudesse estar mais enganado. Ele era totalmente profissional. Tendo fechado a porta daquele buraco do inferno, sua cabeça já estava seguindo adiante.

— Com sua permissão, senhor — disse ele. — Não o acompanharei.

— Não vai me acompanhar? O que você está tramando, Koch? — indaguei.

— Estava pensando na minha esposa, *Herr* Stiffeniis — replicou ele, e havia uma tal melancolia na sua voz que fui incapaz de olhá-lo diretamente nos olhos brilhantes.

— Sua esposa? — repeti, admirado. — Você me disse que vivia sozinho.

— Merete faleceu durante a última epidemia de febre tifoide — continuou ele em voz baixa. A perda, evidentemente, ainda lhe causava dor. — Ela era bordadeira, senhor.

Estava pensando nas agulhas que ela usava. Sempre soube o que lhe comprar no seu aniversário, ou na festa de São Nicolau. Na noite passada, quando o senhor descobriu a arma do crime, não pude evitar pensar em Merete. Se eu conseguisse encontrar o homem que vende essas agulhas, pensei, talvez ele se lembre de quem as comprou no passado. Pode fornecer uma pista, o senhor não concorda?

— Se tais objetos são tão comuns para as donas de casa, deve haver uma multidão de usuários em Königsberg — objetei, mas o sargento Koch não se deixou convencer.

— Merete mencionou um homem no ramo — prosseguiu ele com convicção. — Um cavalheiro que

poderia fornecer qualquer coisa que uma pessoa precisasse. Se eu conseguir encontrá-lo, senhor, ele pode ser capaz de nos revelar algo sobre o tipo da agulha e quem a compra. Não é o tipo comum que minha esposa utilizava.

O provérbio sobre a procura da agulha no palheiro veio-me à lembrança, mas eu não queria arrefecer o entusiasmo de Koch.

— O senhor não precisa de mim na enfermaria — continuou ele. — Talvez eu consiga localizar o homem. Não existem muitas lojas de aviamentos em Königsberg.

— É uma boa ideia — incentivei-o, embora eu alimentasse pouca esperança de sucesso.

Estava decidido, portanto. Koch me acompanharia de volta à cidade, e então nos separaríamos.

Enquanto permanecemos conversando no ar ventoso e salgado, filetes de água se formaram na superfície impermeável da capa que o professor Kant me emprestara. Sacudi-os quando entramos na carruagem. Ao mesmo tempo, não pude deixar de notar que a jaqueta do sargento estava ensopada.

— Você parece um rato afogado — falei em tom de brincadeira. — Leve esta capa. Terá que caminhar pela cidade, enquanto eu ficarei com a carruagem.

— Não há necessidade, senhor, realmente — protestou ele debilmente.

Tirei a capa dos ombros e entreguei-a a ele.

— Exatamente, Koch. Minha falta de necessidade é maior que a sua — acrescentei, desdobrando minha capa de lã uma vez mais e cobrindo-me com ela.

Depois de termos cruzado um sem-número de pontes de madeira em direção ao centro da cidade, a carruagem parou; o sargento Koch desceu e caminhou com determinação para a escuridão. Vestido com a capa impermeável brilhante de Kant, pareceu-me ver a mim mesmo em plena caçada ao criminoso. Sorri, sem saber que seriam necessários vários dias antes que eu conseguisse sorrir novamente.

¹ Ratos, no dialeto falado em Veneza. (N. T.)

² M de *Morder*, assassino em alemão. (N. T.)

Anton Theodor Lublinsky — o coronel-cirurgião Franzich assentiu vigorosamente. — Perdeu o olho esquerdo, é claro. Não pudemos fazer nada, *Herr* procurador. Já estava putrefeito. Ele quase perdeu o outro também. Sente-se, por favor.

Tão logo me apresentei, ele me conduziu três degraus acima até sua sala, onde uma das paredes parecia recém-construída. Diferente de qualquer outro aposento que eu tivesse visto dentro da fortaleza de Königsberg, essa parede era inteiramente feita de painéis de vidro.

— É muito mais fácil para vigiar os internos — explicou o coronel Franzich, apontando na direção da enfermaria. — Tudo o que você tem que fazer é levantar-se. Como um capitão de navio na ponte de comando.

— Engenhoso — repliquei com um sorriso de aprovação.

— Eles, é claro, estão proibidos de se levantar. Nós os "condenamos" à cama! — brincou ele com um sorriso cansado. — Não podem nos ver. Tudo o que veem é esta parede às minhas costas.

— Realmente — concordei.

— "Muro das Lamentações" é como eu chamo. Referência bíblica, sabe? — acrescentou com o mesmo sorriso fixo, cansado.

De onde eu estava sentado, de costas para a divisória de vidro, fui forçado a olhar para a parede a que ele se referia. E mais de uma vez perguntei-me se o arranjo dos objetos tão cuidadosamente posicionados naquele "Muro das Lamentações" convenceria qualquer doente a depositar sua confiança no coronel-cirurgião Franzich. Aquela parede com certeza extirpava as esperanças de qualquer homem com risco de morte ou prestes a perder um órgão pelos ferimentos que sofrera.

— Essas figuras são feitas de cera? — indaguei.

— Com certeza — replicou ele. — A maioria das vítimas ainda está viva e... relativamente bem, creio eu. A cirurgia militar evoluiu bastante na última década. Antes de os pacientes receberem alta da enfermaria, eu mandava fazer um molde em cera de seus ferimentos. Para um especialista, as possibilidades de reconstrução são...

bem, são evidentes.

Seu sorriso tencionava ser tranquilizador, mas recordei-me, desconcertado, de Gerta Tetz. Os objetos dispostos na parede eram macabros ao extremo. Moldes de cera de mãos, braços e pernas que foram decepados e arrancados pelos tiros de canhão, ou perdidos para sempre nos golpes ou talhos de baionetas e sabres. Mas o pior de tudo eram os rostos. Pendurados em fila, no alto, como fantasmagóricas máscaras mortuárias. Os rostos dos homens suficientemente desafortunados que sofreram a deformação cruel e esmagadora das balas de canhão e da maquinaria pesada de guerra.

O cirurgião Franzich sentou-se calmamente na sua cadeira diante dessas monstruosas recordações em molde como o proprietário orgulhoso de um museu de cera que vende ingressos para o show de horrores. A chama do lampião a óleo na escrivaninha tremulava e oscilava na escuridão, e eu me lembrei de uma noite de verão que eu passara na esplêndida casa de campo que meu pai tinha para caça, na companhia dele e de seu irmão mais velho, Edgard Stiffeniis, nas montanhas perto de Spandau, mais de uma década atrás. Enquanto mariposas e insetos arremetiam-se violentamente contra as chamas bruxuleantes das velas, morrendo em uma sequência sem fim de flashes de luz e estalos secos, tio Edgard recontava as aventuras de caça que resultaram na coleção de cabeças de ursos e javalis empalhadas e expostas como decoração nas paredes da casa. O que eu via agora era muito, muito pior. Aqueles rostos imortalizados no "Muro das Lamentações" do cirurgião Franzich pareciam viver e respirar uma agonia de nervos

torturados e peles esticadas. A impressão que essas efígies gravaram na minha mente não foi em nada suavizada pelas inquestionáveis manchas de sangue já secas no avental cinza de trabalho usado pelo cirurgião da companhia.

Um rosto em particular atraiu, contra a vontade, minha atenção. Era difícil desviar os olhos, e, mais doloroso ainda, sustentar o olhar. O homem perdera a mandíbula inferior. Os dentes superiores pendiam irregulares, expostos e quebrados acima do vácuo inconcebível, a língua uma cobra arroxeadada nua e inchada sem lugar para se esconder, para descansar, caída para a frente, justamente onde os lábios certa vez estiveram. As partes expostas da garganta e do pescoço do pobre homem foram cuidadosamente pintadas em cores vivas, um caleidoscópio brutal de índigo, vermelho e amarelo cor de gordura. Conforme a luz da vela tremulava e se movia, os tendões, músculos e membranas pareciam pulsar com a vitalidade de uma dor infinita.

— O senhor fez o diagnóstico do ferimento que matou Rudolph Aleph Kopka, creio eu?

— Kopka? — o coronel replicou cautelosamente, como se nunca tivesse ouvido esse nome anteriormente.

— Um desertor. Seis meses atrás ele morreu com uma fratura na laringe.

O coronel Franzich tamborilou os dedos no tampo da mesa.

— Preciso verificar os arquivos.

— Não vai encontrar muito por lá — repliquei. — Já procurei.

— Bem, e então? — ele deu de ombros. — O que mais posso lhe contar?

Muito, pensei, mas não falei em voz alta.

— Vamos falar sobre Lublinsky — falei, mudando de assunto.

— Que rosto! — exclamou o cirurgião com entusiasmo crescente. — Assim que o olho secar, vou fazer um molde. Que destruição horrível! Varíola, aquele lábio, agora o olho. Meus estudantes na Universidade...

— Ele corre risco de morrer? — indaguei.

— Não há risco algum! — retrucou com energia. — Não, não, aquele homem é forte como um leão. Recusou-se a me deixar amarrá-lo! Pode imaginar? Recusou-se a me deixar drenar o pus da órbita ocular com sanguessugas! "Vá em frente", ele disse. "Só me diga quando tiver terminado." Alguém pensaria que ele tinha assuntos mais importantes para tratar que salvar a própria vida! O senhor acredita?

— Posso vê-lo? — pedi. Eu tinha uma boa ideia do que seria esse assunto mais importante para Lublinsky tratar.

— Com certeza, senhor — replicou o coronel Franzich. — Mas deixe-me adverti-lo, ele sofreu um ferimento terrível e ainda assim parece pouco se importar. Até onde consigo entender, não liga a mínima para a perda do olho. Não, não — continuou ele, batendo o dedo indicador na cabeça. — Seus problemas estão aqui. Ele pode voltar-se contra o senhor. Podemos ir?

O coronel-cirurgião me conduziu para a enfermaria.

— Ali está ele — ele disse, apontando a ponta oposta do corredor.

Havia cinquenta ou sessenta camas de solteiro enfileiradas em ambos os lados do aposento, mas só um outro paciente compartilhava a grande ala hospitalar com Lublinsky.

Esse paciente estava deitado em uma cama próxima à porta, enquanto Anton Lublinsky estava no extremo oposto, do outro lado, como se o coronel Franzich tivesse definido tratar-se de duas espécies diferentes de animais selvagens e que o melhor fosse deixá-los separados.

— Existe alguma forma de um homem sair deste lugar? — indaguei.

O coronel Franzich olhou-me estarecido. — Não até estar plenamente restabelecido e pronto para o trabalho — replicou.

— Não foi isso o que eu quis dizer — interrompi. — Eles recebem permissão de entrar e sair à vontade desta ala enquanto estão em tratamento?

— Isto não é uma prisão, *Herr* procurador. Olhe só para eles! O senhor acha que qualquer um dos dois poderia ter saído daqui sem ajuda? A perna desse homem foi amputada acima do joelho, enquanto o rapaz que o senhor quer ver não comeu nem se moveu da cadeira desde que foi trazido ontem à noite.

Assenti, embora não estivesse convencido.

— Tenha cuidado ao falar com ele — pediu o cirurgião Franzich. — Poucas vezes vi um homem em um estado de depressão tão desolador.

— Umass poucas palavras, não mais do que isso — murmurei rapidamente, encaminhando-me para o canto do aposento.

Lublinsky estava sentado diante de uma grande janela, embora não parecesse olhar o mundo lá fora e sim observar a própria imagem refletida em um espelho. Enrolado com firmeza sob uma grande capa preta, a cabeça raspada enfiada dentro do colarinho alto do uniforme, havia nele um ar de tamanha melancolia abjeta e masculinidade inferiorizada que hesitei por um momento antes de lhe dirigir a palavra.

— Então, aqui estamos nós novamente, Lublinsky — falei. Ele não se moveu. Não se virou ou se encolheu, embora tenha, com certeza, reconhecido minha voz.

— Não pensei em reencontrá-lo — murmurou depois de alguns momentos. Havia uma certa monotonia e inexpressividade nos seus modos que eu, a princípio, considerei ser uma resignação ao seu triste destino. — Não imaginava reencontrar mais ninguém.

Sentei-me na cama e olhei para ele. Um grande curativo acolchoado fora amarrado no lado esquerdo do rosto, preso com ataduras. Ele se mexeu na cadeira e fixou em mim o olho saudável. Causava uma impressão melhor do que a primeira vez que nos encontráramos, a deformidade do rosto oculta pelo curativo médico.

— Fico feliz em encontrá-lo melhor, Lublinsky.

— Melhor que da última vez, o senhor quer dizer? — sua tentativa de sorrir surgiu como uma distorção terrível dos lábios. — O senhor está certo, no entanto. Sinto-me em casa aqui. Em um hospital militar eles já viram rostos piores que o meu. Não se retraem diante das piores aberrações, se o senhor entende o que quero dizer.

— Precisamos conversar, Lublinsky.

Ele se mexeu novamente na cadeira, revelando somente o lado do rosto coberto pelo curativo. Obviamente, ele não me permitiria esquecer o que lhe ocorrera. Ainda assim, eu não pretendia feri-lo ainda mais. Meu único desejo era arrancar-lhe a verdade e, então, concluir minha investigação.

— Já lhe contei tudo o que sei — acrescentou ele.

— De forma alguma, Lublinsky — repliquei. — Não tudo. Anna Rostova está morta. Mas você já tinha conhecimento disso.

Ele se endireitou rigidamente. — O senhor acredita que a perda de um olho me brindou com maiores poderes de visão? Aquele truque eu ainda não aprendi.

Notei sua mudança de atitude. Havia uma amargura sarcástica contida nele. Um humor negro desesperado se sobrepusera à timidez que marcara nosso primeiro encontro.

Entretanto, um certo medo sobre o que eu poderia fazer contra ele ainda estava presente. Ressentimento, também, parecia permear seu comportamento, como se lhe faltasse força de vontade para controlá-lo. Bem, pensei, eu já manipulara esses sentimentos no meu escritório uma vez antes, e pretendia fazê-lo novamente.

— Você me contou somente parte da verdade — comecei. — Quero escutar o resto. Como você conseguiu escapar deste lugar ontem à noite?

— Não sei do que o senhor está falando — protestou ele, naquela voz que se assemelhava a um miado anasalado, erguendo as costas da mão para limpar a saliva dos lábios.

— Você não sabe nada sobre o assassinato de Anna Rostova?

— Preciso responder a essa pergunta?

— Acho que precisa, Lublinsky.

— O senhor sabe a resposta, então.

— Ontem à noite, você jurou matá-la.

Lublinsky virou completamente o rosto e fitou-me com o olho perfeito como um navio de guerra apresentando o costado e alinhando seus canhões pesados. Uma certa altivez na maneira de fazê-lo surpreendeu-me. Percebi então que sua vida se modificara.

Ele se transformara desde nosso encontro na noite anterior. Eu esperara uma mudança, mas não estava preparado para a natureza dessa alteração. Havia, como eu mencionei, majestade e dignidade, mas eram a majestade e a dignidade da perversão. Lúcifer depois da Queda. Não havia evidências de autorreprovação, nenhum sinal de arrependimento, nada que denotasse a agonia de uma consciência cristã atormentada. Se eu tivesse removido as ataduras do seu rosto, duvido que encontrasse as características que conheci. Havia perversidade dentro de si e ele nem tentava escondê-la. Parecia capaz de qualquer ato, qualquer crime, qualquer degradação e eu me senti indefeso junto dele.

À medida que me encarava em silêncio, seus olhos pareciam brilhar e aumentar de tamanho com um orgulho perverso. Eu não conseguia imaginar o que se passava na sua mente. Só sabia que me desagradava. Ele não se esquivou ou desviou o olhar como fizera na primeira vez que Koch o convocara à minha presença.

— Você a matou — falei em voz baixa. — O que perde em admitir?

Ele se manteve em silêncio por alguns momentos.

— Eu estava na enfermaria, *Herr* procurador — afirmou ele com um sorriso meio doce, meio amargo. — Anna tomou as providências para isso.

— Ela foi vista com um homem ontem à noite em uma taverna no Pillau — continuei. — Eles estavam copulando. Como animais selvagens no cio. É esse o poder de atração dela sobre você também?

— Sobre mim, *Herr* procurador? Sobre mim? Sobre o senhor, pensei! — ele falou com ímpeto e raiva. — Vi a forma com que o senhor a devorou com os olhos. Eu? Com meia chance, o senhor teria tirado também a sua lasquinha! Apesar do que ela era. Ou exatamente por essa razão, talvez.

Engoli em seco antes de retrucar.

— Não me acuse dos seus próprios pecados. Sou um homem muito bem casado!

— Isso é o que todos dizem — replicou ele, demonstrando desprezo com um meneio da cabeça. — Depois entregam o dinheiro e abrem a calça. Uma esposa é somente uma esposa. Anna era realmente especial.

— Isso não altera o fato de que ela foi morta na noite passada. Lublinsky não respondeu imediatamente.

— Vamos supor, só por um momento, que o senhor esteja certo, *Herr* procurador — disse ele, finalmente, zombando de mim. — Que diabo de diferença isso faz? Quem quer que a tenha matado, Deus há de perdoar o serviço. Esse homem prestou um favor à humanidade.

— Não estou interessado na sua opinião sobre a Justiça divina — explodi. — Tampouco estou particularmente interessado no assassinato de Anna Rostova na noite passada.

Tudo o que eu quero de você é uma confissão da verdade.

A pupila do olho de Lublinsky se dilatou e me deparei com um vazio negro, imponderável. — Do que é que o senhor está falando? — retrucou ele com um tom exasperado.

— Verdade sobre o quê?

— Quero saber o que você viu realmente quando examinou os corpos das vítimas nas ruas com Kopka.

Lublinsky voltou-se para a janela e estudou a si mesmo no reflexo do vidro. Com a mudança da maré, viera do mar uma névoa densa que acalmara o vento e a tempestade de granizo, transformando o mundo

em um silencioso vácuo leitoso.

— Já lhe contei sobre isso — rosnou ele. — O que vi está nos desenhos.

— Vi esses desenhos, Lublinsky — retruquei. — Estão incompletos.

— O que o senhor espera de um soldado? Não sou um artista. Avisei aquele cavalheiro estranho, mas ele não pareceu se importar. Ele tinha dinheiro para desperdiçar.

Fiz exatamente como ele pediu.

— Você não desenhou as pegadas que o assassino deixou no chão ao lado dos corpos — acusei.

— Que pegadas?

— No primeiro crime, você retratou o que encontrou em volta do corpo, incluindo pegadas com um talho feito à faca no formato de uma cruz. Mas você não repetiu essas marcas nos outros casos.

— Satã não deixa rastro — afirmou Lublinsky com um riso amargo. — Seus pés fendidos não tocam o chão.

— Não brinque comigo — soltei faíscas de raiva. Teria ele omitido as pegadas dos últimos desenhos ou não havia nenhuma a ser retratada? — Você acreditava que Anna Rostova era a culpada. E quando os assassinatos persistiram, convenceu-se de que ela cometera todos eles. Era uma bruxa sacrificando vidas humanas para satisfazer os demônios. Você optou por se associar a ela para curar seu rosto. Portanto, encobriu as pistas que ela deixava atrás de si, não desenhou mais nenhuma pegada. Pensou que essas pistas conduziram a ela.

O ruído como o de cascalho sendo remexido retiniu na garganta de Lublinsky. Ele estava rindo. — Aquela agulha deve ter perfurado meu cérebro — disse ele. — Não o entendo, senhor. Como poderia eu ter feito algo tão diabólico assim? Kopka estava comigo.

— Kopka está morto e os mortos não falam. Você o matou, não foi? — sibilei. — Ele deve ter descoberto o que você estava fazendo, encobrindo um criminoso. Em vez de denunciá-lo, ele tentou desertar do regimento. Mas você o perseguiu e o trouxe de volta. Você era o oficial da captura mencionado nos relatórios, Lublinsky, não era? Kopka foi obrigado a correr entre os espancadores, enquanto todos os outros homens do regimento, incluindo você, tentavam esmagar seu crânio com um bastão.

— Os desertores conhecem as regras — rosnou ele. — Não é nada fácil abandonar o exército prussiano. O maldito recebeu o que merecia.

— Que conveniente para você, Lublinsky.

— O senhor não me amedronta, *Herr* procurador — retrucou ele com ousadia. — Não tenho mais nada a perder. Se quiser acreditar que Anna Rostova era a assassina e eu, seu cúmplice, sinta-se à vontade para fazê-lo. Se acha que fui conivente com a morte de Kopka, continue sonhando. Mas não coloque essas palavras na minha boca. O senhor não me obrigará a confessar...

Joguei minha cartada final. Que Deus me ajudasse, não me restava outra alternativa.

— Você tem orgulho de ser um soldado, não tem?

— Era minha vida — choramingou ele. — Serei afastado agora, suponho.

— Um afastamento com desonra — acrescentei —, um açoite nas costas nuas como despedida do regimento. Depois, enfrentar um processo civil. Cumplicidade em assassinato, obstrução do trabalho da Justiça, roubo de cadáver. Você vai pagar integralmente pelos crimes de Anna Rostova, bem como pelos seus próprios. Não espere contar com muita solidariedade na prisão. Um oficial acusado de traição? O ponto mais baixo. Sentença? Prisão perpétua. Com trabalho forçado e alimentação reduzida. Com um pouco de sorte, você pode sobreviver um ou dois anos. Quero que você sofra, Lublinsky. E, para garantir, vou condená-lo a cumprir pena em uma... prisão militar!

— O senhor não pode fazer isso! — rugiu ele, a enormidade da ameaça descortinando-se diante dele. Ele seria odiado e maltratado pelos carcereiros, ultrajado e torturado pelos outros prisioneiros. Cada instante do dia seria perseguido e açoitado por um bando impiedoso de cães selvagens.

— Não posso, Lublinsky? Você conhece o código legal de cor, suponho? Posso condenar qualquer homem com a sentença que considerar mais adequada. Artigo 137 do Código Penal. Você vai para onde eu decidir mandá-lo.

Tal artigo não existia, mas Lublinsky não sabia desse detalhe. Anunciei essa ameaça como um deus pagão que desconhece a piedade para as criaturas sob sua jurisdição. E, como uma divindade destituída de toda compaixão cristã, obtive o que insisti em ter. Ele se debulhou em lágrimas por um momento, mas depois recuperou a voz.

Sua língua mutilada começou a arrulhar ruídos fragmentados.

— Na primeira vez, naquela manhã, fui ver o cadáver que ela encontrara. Achei que estivesse escondendo algo. Algum segredo... — a voz dele estava contida, baixa, e eu tinha que me esforçar para entendê-lo. — Em seguida, Kopka foi buscar um copo de gim. Para ela, para Anna. Ela me enfeitiçou na ausência dele. "Vou curar seu rosto", foi o que ela disse.

— Não há nada de novo ou de interessante nisso, Lublinsky — atalhei. — Quero escutar o resto. Quero saber sobre as pegadas.

— Kopka as viu...

— E você presumiu que a mulher as deixara?

Lublinsky meneou a cabeça. — Não da primeira vez, senhor.

— Você as desenhou nessa ocasião, não desenhou?

— Desenhei o que eu conseguia lembrar. Foi meses depois. Não sou bom nisso, mas o professor Kant ficou satisfeito. Havia pegadas em toda volta do corpo. No chão. Na neve — continuou Lublinsky. — Havia uma cruz na sola do sapato. Quando contei isso a Anna, ela disse que a cruz era um sinal do diabo zombando da crucificação. Era um sacrilégio, ela disse. Então, quando vi novamente a cruz, não a desenhei. Nem registrei tudo que encontrei no local...

Ele fez uma pausa e examinou-me cuidadosamente o rosto, na expectativa de aprovação. Ele me oferecia algo, trabalhava para salvar a própria pele, exatamente como fizera quando entregara Anna Rostova nas minhas mãos no dia anterior.

— O que você encontrou? — indaguei, tentando soar distante.

— Uma corrente — respondeu ele. — Na mão de Jan Konnen. Uma corrente de relógio com um elo quebrado.

— O que você fez com ela?

— Quando Kopka não estava olhando, guardei-a furtivamente no bolso. Era de prata.

— Isso é roubo — repreendi.

Ele hesitou por um momento. — Entreguei-a para Anna. Um presente de Satã, disse ela, e eu seria recompensado porque fizera a coisa certa. Ela me contou o que fizera. Retirara a garra do Diabo do pescoço do morto antes que nós chegássemos. Depois ela me fazia lhe entregar qualquer coisa que eu encontrasse na cena do crime. Esses objetos estavam impregnados com o poder de vida e morte...

— Se era a assassina, por que ela mesma não os pegava? — objetei.

— Ela queria criar um vínculo entre nós, senhor — balbuciou Lublinsky. — Para tornar-me seu cúmplice. Prometeu me curar com a garra do Diabo. Eu tinha que fazer um juramento. Se contasse esse segredo a alguém, ela disse, o feitiço não funcionaria.

— Na segunda vez você encontrou as mesmas pegadas junto ao corpo?

Lublinsky concordou. — Havia aquela cruz novamente. Era dela, posso jurar, embora não a tivesse visto dessa vez. Seu poder crescia a cada novo crime, ela disse. Pensei que ela tivesse lançado um feitiço sobre o professor Kant, porque ele insistia que o encarregado fosse sempre eu. A cada novo crime eu tinha que ir e retratar a cena. Depois de um tempo, lá estava eu no local coletando presentes do Diabo para Anna.

Franzi o cenho. — Do que é que você está falando?

— Todos eles tinham algo escondido nas mãos, senhor. Todos eles. Aqueles corpos... eu recolhia os objetos e entregava-os a Anna Rostova como um cão obediente.

Meu coração pulsava rápido. Uma nova luz fora lançada sobre os fatos conhecidos.

— O que você encontrou?

— Uma chave na mão da senhora morta.

O professor Kant com certeza estava se referindo a algo desse tipo quando mencionou a possibilidade de o assassino fazer uso de algum estratagema para induzir as vítimas a se ajoelharem. A lista que Lublinsky nos deu não continha nada de importância ou valor. As vítimas morreram segurando objetos banais de uso diário, sinistros e misteriosos somente por sua associação com assassinato e bruxaria. A corrente de Konnen, a chave na mão de frau Brunner, um botão de bronze gravado com uma âncora na mão do terceiro, uma moeda de *groat* entre os dedos do Dr. Tifferch.

— Limpei os ossos dos mortos para ela. Tive que chafurdar no esterco por Anna Rostova — prosseguiu Lublinsky. — Como um urubu em volta da carniça.

— Você pegou a arma para ela também?

— Não, senhor. Ela deve ter dado sumiço na arma. Nunca a vi novamente. Não depois da primeira vez.

Ele me fitou com descrença, como se despertasse de um sonho.

— Ela os matou, mas não me importava. Não a mim. Se a morte dessas pessoas significava que seus poderes estavam se intensificando, eu ficava satisfeito. Deus me ajude! Queria que ela matasse novamente.

Ele soltou um grito estranho, um lamento sufocado, e percebi que estava rindo.

— Eu carregava um espelho no bolso — disse ele, sacudindo os ombros — para ver meu rosto. Esperando que ele mudasse a cada nova morte. Apesar das inúmeras promessas dela, nada mudou. Permanecia o mesmo. Um bruto horrível...

Ele estava enlouquecido, perdido em um mundo de esperanças vãs que ele mesmo criara.

— É engraçado, não é? — prosseguiu ele, com veemência, a cabeça se virando com agilidade para mim. — Aquela mulher aterrorizou a cidade e mandou no rei. Ninguém prestaria atenção a ela se a Natureza não a tivesse marcado. Somos muito similares, somos sim. Eu, com um rosto desfigurado pela varíola. Ela, com aquele selvagem cabelo prateado. Aqueles olhos ardentes. Eu a desejava até mesmo enquanto ela perfurava meu olho com aquela agulha... — Ele me fitou com um olhar zombeteiro. — O senhor imaginava encontrar a resposta para seu mistério em dois monstros assim, *Herr Stiffeniis*?

Percebi repentinamente um clamor de onipotência na sua voz. Ele tinha orgulho do que fizera. Parecia acalentar a ideia de que ele e Anna Rostova tiveram Königsberg nas próprias mãos. E estava certo. Eles brincaram com as autoridades, com a polícia, com o rei. O professor Kant fora enganado por eles. E eu também. A raiva explodiu dentro de mim como água quente jorrando de um gêiser da Groenlândia. Tendo desaparecido toda piedade, senti urgência em feri-lo, em puni-lo por sua arrogância.

— Você matou Anna Rostova ontem à noite. Convenceu-se de que ela era a assassina. — Lutei para controlar minha voz, regularizar a respiração, aplacar a raiva antes de prosseguir. — Você estava errado, Lublinsky. Errado! Agora, como escapou deste quarto?

Ele não se deu ao trabalho de responder. Em vez disso, como uma imitação nefasta de Narciso, virou-se novamente na direção do inverno do lado de fora da janela e examinou a si mesmo uma vez mais no vidro.

— Pela janela? Foi assim que você escapou? Você está praticamente sozinho — indiquei com os ombros o paciente amputado. — Aquele rapaz ali já tem dor suficiente. Deram-lhe um remédio para ajudar a dormir, aposto. A vingança é o analgésico mais poderoso, e suas pernas não são empecilho algum, soldado.

— Ela estará feliz com o diabo que tanto venera — retrucou Lublinsky com intensa amargura.

— Ela não era a assassina — insisti friamente. — Você me escutou? Ela não matou aquelas pessoas.

— Eu sei o que eu sei — rosnou ele com raiva.

Balancei a cabeça. — As pegadas que você viu junto aos corpos não foram deixadas por Anna Rostova. Ela brincou com você, enganou-o consecutivas vezes. Fez você acreditar no que ela queria. Extorquiou seu dinheiro. Você foi um trouxa...

— Enforque-me, senhor — gemeu ele de repente. — Mate-me. Eu era um bom soldado antes que esses lobos negros começassem a uivar na minha alma. Parta meu pescoço em dois. Estará acabado em um segundo.

Olhei para ele com repulsa. Seu rosto estava tão deformado pela angústia e o medo quanto arruinado pela natureza. Ainda assim, percebi, o médico tinha razão.

A alma de Lublinsky era ainda mais sombria. Ergui-me, peguei o chapéu e deixei a enfermaria sem mais uma palavra ou um olhar para trás.



Jamais voltei a ver Anton Lublinsky. Eu mentira para ele. No relatório que escrevi naquela noite, incapaz, uma vez mais, de provar o que sabia, ignorei sua participação na morte de Anna Rostova, concluindo que a parteira fora assassinada por indivíduo ou indivíduos desconhecidos. Não tomei conhecimento imediato do destino de Lublinsky, mas, quando as notícias finalmente chegaram aos meus ouvidos, não eram nada boas. Rebaixado a ajudante na cozinha do regimento depois de perder a vista, ele foi depois condenado à prisão militar por matar um soldado que frequentemente escarnecia dele. No cárcere, Lublinsky engoliu cacos de vidro e sofreu hemorragia lenta até morrer.

Do lado de fora da enfermaria, parei para tentar concatenar os pensamentos. Sentia-me deprimido, infeliz, totalmente desesperançado. Talvez desesperado fosse a palavra mais adequada para descrever meu estado de espírito. Para onde deveria me voltar? O que fazer agora? Se pelo menos tivesse coragem para renunciar a essa tarefa ingrata e retornar à monotonia da minha vida em Lotingen com minha esposa e meus filhos, eu estaria dando um passo na direção correta. Deveria escrever ao rei, explicitar minha inaptidão e pedir para ser imediatamente liberado das minhas sobrecarregadas responsabilidades.

Mas então, como sempre nos momentos de dúvida, meus pensamentos se voltaram para Immanuel Kant. Como justificar, perante ele, a renúncia? Será que ele me desprezaria como um covarde, um pusilânime incapaz de fazer bom uso das suas sugestões? Eu quase podia ouvi-lo dizer que, *se não fosse por mim, Morik, os Totz e Anna Rostova ainda estariam vivos e Lublinsky talvez não tivesse perdido a vista e a alma.*

— *Herr Stiffeniis?* — uma voz interrompeu meus pensamentos. Um soldado surgira ao meu lado. — Procurei-o por todos os lugares, senhor — disse ele, vasculhando a sacola pendurada no ombro. — Tenho uma mensagem aqui comigo do *Herr* sargento Koch. E há alguém...

— De Koch? — interrompi. Rasguei a carta e comecei a ler.

Herr Stiffeniis,

Encontrei o homem! Seu nome é Arnold Lutbatz e ele é o fornecedor, para várias lojas em Königsberg, de lã, algodão, instrumentos para tricô etc. de uso doméstico.

Herr Lutbatz reconheceu instantaneamente a agulha pela minha descrição. A garra do Diabo é usada para cardar lã para tapeçaria! Eu lhe disse que precisava saber o nome das pessoas aqui na cidade que usavam tais instrumentos e ele me informou que mantém uma

lista de clientes. Ele fornece para particulares e também para lojas. Pedi para examinar a lista em seu nome, como seu assistente.

Encaminho-me, agora, para o local onde ele está hospedado e pretendo informá-lo imediatamente do resultado, senhor, a fim de não atrasarmos a busca por mais um momento sequer.

*Obsequiosamente,
Amadeus Koch*

Fui invadido pela alegria que uma pessoa sente quando, depois de um longo e tenebroso inverno, abre a janela uma manhã e se depara com a primeira e frágil borboleta da primavera batendo as asas contra o vidro. Toda a esperança perdida um instante atrás, minha força e determinação retornaram a cada palavra lida. Cada sentença soava aos meus ouvidos como uma fanfarrinha militar convocando-me, uma vez mais, para a batalha.

— *Herr* procurador?

Eu me esquecera da presença do soldado junto a mim.

— Um cavalheiro idoso o espera lá embaixo, senhor. Diz se chamar professor Kant.

Se Immanuel Kant veio até a fortaleza, raciocinei, é porque ocorreu algo sério, um evento de tal urgência que o obrigara a quebrar sua rotina habitual. Algo tão simples para outros homens, uma mudança imprevista de planos, constituía-se num cataclismo para o professor Kant. Se acrescentássemos a névoa densa daquela manhã, um fenômeno contra o qual ele declarara um ódio implacável, seria possível avaliar a enormidade da decisão de Kant. Corri escada abaixo sem demora e saí para o pátio, onde mal se distinguia uma figura solitária e rígida por entre as nuvens de bruma. Não era quem eu esperava.

— Oh, sinto muito, senhor — Johannes Odum exclamou ao som dos meus passos. — Tive que trazê-lo. Não me restou alternativa alguma.

— Ele está bem? — perguntei, lembrando-me do estado de agitação do patrão mais cedo naquele dia, com esperanças de que a indisposição não tivesse piorado mais.

O criado parecia perplexo. — Ele não tem estado bem desde que o senhor deixou a casa — disse ele, a voz tensa de preocupação. — Depois, insistiu em falar novamente com o senhor. Imediatamente, ele disse. Ele... ele precisa da capa que lhe emprestou.

Se eu ficara surpreso com a generosidade do professor Kant naquela manhã, mais surpreso ainda ficava agora por essa súbita reviravolta. Se aquela roupa pesada era tão essencial ao seu bem-estar físico, por que ele trocava o aconchego da sua lareira por aquele frio cortante e umidade que era terrível para o reumatismo e não esperara que eu a devolvesse?

— Para quê? — indaguei.

Não parecia haver lógica ou racionalidade naquele comportamento.

— Não tenho ideia, senhor — replicou Johannes. — Ele próprio não tem uma ideia clara do que quer. O senhor viu como ele estava hoje de manhã. Tão propenso a lhe entregar a capa, quase insistente... bem, ele a quer de volta! Estava tão ansioso que atrelei o cavalo à carruagem e trouxe-o até aqui para acalmá-lo. Não sabia mais o que fazer.

— Onde ele está agora? — interrompi.

— Na caserna do guarda. Mas deixe-me contar-lhe o que ocorreu hoje cedo...

Senti a mão do medo apertar-me o coração.

— Depois que o senhor deixou a casa em companhia do sargento Koch — continuou Johannes —, ele se sentou na sala da frente por quase uma hora olhando angustiadamente pela janela.

— Esperava visitas?

— Oh, não, senhor — Johannes respondeu enfaticamente. — Ninguém o visita em casa nos últimos tempos. O senhor foi a primeira pessoa que ele recebeu em um mês ou mais. Levei-lhe o café da manhã às onze horas, como sempre, mas ele nem tocou na comida. Saltou de repente, dizendo que necessitava urgentemente de um livro de *Herr Flaccovius*, seu editor, na cidade. Era para o tratado, disse ele. Ele não poderia prosseguir sem esse livro.

— Aquele misterioso tratado novamente — comentei, com esperanças de que Johannes pudesse ter descoberto algo nesse íterim.

Ele não mordeu a isca. — O professor Kant me ordenou ir correndo até a livraria — prosseguiu. — Ele estava uma pilha de nervos até eu vestir minha capa e chapéu e me preparar para sair de casa.

— Deixando-o sozinho? — explodi, com raiva. — Desprotegido novamente? É isso que você está tentando me dizer?

— O que mais eu poderia fazer, senhor? — Johannes guinchou. — Ele estava a salvo dentro da própria residência, era dia e o senhor enviara os soldados para tomar conta da casa. Não havia perigo

algum. Como eu poderia me recusar a ir?

— A névoa está tão densa que duvido que os soldados vejam um palmo diante do nariz — senti-me ferver, verdadeiramente exasperado e frustrado pelas novidades.

— Tomei minhas próprias precauções, *Herr* procurador Johannes replicou na tentativa de me acalmar. — Parei na casa de Frau Mendelssohn e lhe pedi que fosse até a casa do professor Kant e fizesse companhia a ele enquanto eu estivesse ausente. Frau Mendelssohn vive...

— Sei quem é essa mulher — atalhei, recordando o encontro inesperado com a curiosa senhora quando deixei a casa naquela manhã.

— Ela é uma admiradora devota do professor Kant — Johannes prosseguiu. — Disse a ela que eu necessitava ir correndo à cidade para uma atividade rotineira e advertia para que não desgrudasse os olhos dele. Não mencionei o verdadeiro motivo, dizendo apenas que ele não se sentia tão bem quanto deveria. Então, corri à livraria.

Mas, quando cheguei lá, *Herr* Flaccovius não tinha a menor ideia de qual era o livro a que eu me referia. Ele checkou seu livro de registros e descobriu que meu patrão tinha, de fato, encomendado aquele tal livro. Mas o próprio *Herr* Flaccovius o entregara em mãos ao professor Kant quatro meses atrás. Voltei rapidamente para casa, pensando que me enganara com o título do volume. Esperava que o professor Kant fosse ficar bravo, mas, quando lhe contei sobre a confusão, ele não parecia nem um pouco irritado.

— Testemunhamos as mais imprevisíveis e desconcertantes mudanças no seu humor. Essa investigação ocupa muito da sua mente — arrisquei dizer para esconder minha perplexidade, que era suficientemente grande. Poderia o *Herr* professor Kant estar tão completamente atordoado?

— O mais estranho vem a seguir — Johannes continuou rapidamente, como se eu tivesse manifestado meu atordoamento em voz alta. — Quando a acompanhei até a porta, Frau Mendelssohn me disse que meu patrão se encontrava muitíssimo bem-disposto. De forma alguma doente, disse ela.

Ele a entretivera com uma explanação sobre a causa da enxaqueca de que ela sofre, que ele atribui a um excesso de magnetismo na alta umidade da cidade. Ele estava tão preocupado com a saúde dela que foi ao escritório pegar algumas ilustrações de anatomia para mostrar-lhe como os nervos reagem à umidade. Frau Mendelssohn ofereceu-se para procurar as ilustrações, mas ele insistiu em fazê-lo ele próprio.

— Então ele foi deixado sozinho — concluí, bravo comigo mesmo, acima de tudo. Pouco importava quanto cuidado eu empregasse para tentar garantir sua segurança, o professor Kant ainda assim conseguia escapar da minha vigilância.

— Poderia ela ter evitado que ele se retirasse ao escritório particular? — Johannes protestou em um tom de desamparo. — Mas, então... então...

— Então o quê? — encorajei-o a continuar.

O criado passou as mãos pela testa, como se para alisar o vinco de preocupação que se formara ali. — Ela disse ter escutado vozes.

— Talvez ele estivesse murmurando algo enquanto procurava pelas ilustrações. Pessoas mais idosas em geral falam sozinhas sem perceber.

Minhas palavras tranquilizadoras não soaram convincentes, nem mesmo para mim.

— Não era isso, senhor — Johannes acrescentou com um suspiro. — Ela efetivamente viu o visitante sair pelo caminho do jardim. O caminho onde examinamos as pegadas na neve na noite passada, senhor. Senti o suor frio brotar na minha testa.

Teria o assassino, de alguma forma, conseguido entrar na casa apesar da presença dos soldados de guarda? Mas não, Frau Mendelssohn relatou tê-los escutado conversando.

Teria o assassino entrado na casa meramente para falar com Kant? E, mais ainda, o que Immanuel Kant teria para dizer a ele?

— Seu patrão estava bravo?

— De forma alguma, senhor — Johannes replicou prontamente. — Como a própria Frau Mendelssohn falou, que perigo haveria em Martin Lampe?

— Martin Lampe? — indaguei, recordando meu breve diálogo com Frau Mendelssohn naquela manhã. — O que, em nome dos céus, fazia ele lá?

— Não tenho ideia, senhor. E não poderia perguntar ao *Herr* professor.

— Você conhece Martin Lampe? — perguntei.

— Não, senhor. Nunca o vi. *Herr* Jachmann proibiu-o de retornar a esta casa.

— Onde ele mora Johannes?

Johannes deu de ombros. — *Herr* Jachmann deve saber, embora eu preferisse que o senhor não perguntasse a ele. O professor Kant certamente sabe, mas eu não tenho a menor ideia.

O frio estava mais intenso que antes, quando a noite caiu. O ar frio arranhava minhas mãos e meu rosto como as patas de um cachorrinho bravo, e lamentei meu ato de generosidade para com o sargento Koch.

— Leve-me ao seu patrão — falei. — Tenho uma confissão a fazer, sobre a capa que ele tão desesperadamente quer de volta.

O professor Kant estava confortavelmente sentado na caserna dos guardas diante de um fogão gigantesco, preto, de ferro fundido, contemplando fixamente as pequenas chamas azuladas que brincavam crepitantes na abertura, um chapéu de feltro marrom sobre os joelhos ossudos. No canto oposto, soldados em horário de descanso jogavam *pinocle*¹ e fumavam longos cachimbos de barro, felizmente desavisados da companhia ilustre no aposento. Vendo-o ali, tão idoso e fisicamente fragilizado, senti uma urgência avassaladora de protegê-lo. Aquele ambiente desolador parecia tão pouco apropriado para um homem de seu imenso talento.

— O procurador Stiffeniis chegou, senhor — Johannes anunciou.

O professor Kant ergueu-se de um salto, lançando o chapéu ao chão. Estava visivelmente surpreso em me ver. — Você está bem, então? — indagou, como se eu acabasse, naquele minuto, de retornar de uma longa e perigosa jornada. — Mas onde está minha capa? — acrescentou ele com aquela súbita mudança de assunto que ultimamente se tornara tão característica, tão desconcertante.

Hesitei ainda na porta, incapaz de responder. Essa atenção desmedida a detalhes irrelevantes me espoliara a capacidade de formular um pensamento. Estaria Kant ofendido por eu aparecer diante dele sem o objeto emprestado? Ou teria sido a primeira das duas perguntas motivada por uma preocupação mais geral pelo meu estado de saúde?

— Emprestei sua capa para o sargento Koch, senhor — respondi, não plenamente convicto se seria essa a explicação correta. Era, de qualquer modo, a verdade e a confissão estava feita. — O pobre homem estava ensoado até os ossos — acrescentei para me justificar.

Kant olhou-me em silêncio, como se minhas palavras o tivessem enfeitiçado. Parecia irritado com a notícia. Ao que tudo indicava, eu fizera algo imperdoável. Mas o que havia de errado? Uma reação tão intransigente para um simples ato de gentileza me surpreendeu. Era inexplicável se comparada à sua enorme generosidade para comigo. Busquei desesperadamente dizer algo que aplacasse sua ira, mas, antes que eu pudesse falar, ele se voltou e sorriu para mim. A tempestade na sua mente se acalmara. Ele voltava a seu estado normal.

— Não é estranho, Stiffeniis? — indagou ele calmamente.

— Senhor? — perguntei, circunspeto.

— Como as circunstâncias alteram os casos. Libere o caos no mundo e ele, por si só, emana uma energia irrefreável. — Seus olhos se fixaram à frente. Parecia encarar alguma figura real visível somente para ele.

— O que o senhor quer dizer? — murmurei, agora sem dúvida temendo perturbá-lo desse estado

perplexo de distração, aonde quer que ele o estivesse conduzindo.

— Quero dizer que, quanto mais progresso faço nesse experimento, mais entendo que a Razão opera somente na superfície. O que se passa embaixo dá forma aos eventos.

O imponderável nos governa a todos. Pela primeira vez na vida, sinto a força invencível do Destino cego.

Ele se voltou para mim. — Você não sente, Hanno?

Kant estava mortalmente pálido e parecia mais frágil do que nunca, a voz enfraquecendo até se tornar um sussurro oco.

— Vá para casa, professor Kant — pedi, o coração afundando dentro do peito. Naquele instante, perdi totalmente as esperanças de avançar. Immanuel Kant, minha âncora, minha bússola na tempestade, estava à deriva. Abandonara-me sozinho no mar vasto e revoltado.

— Vou devolver-lhe a capa — tranquilizei-o, como se essa fosse a resposta para todos os seus problemas. — Assim que Koch retornar...

— Não a quero mais — replicou ele asperamente, voltando-se para o criado. — Deixe-nos sozinhos, Johannes. Desapareça!

Johannes lançou-me um olhar preocupado.

— Espere na sala ao lado — falei com um assentimento de cabeça. — Eu o chamarei quando for a hora de partir.

Assim que a porta se fechou, Immanuel Kant tocou levemente meu braço com a mão. Inclinando-se para a frente, olhou-me bem dentro dos olhos. — Aquela mulher é inocente, Stiffeniis — sussurrou.

Eu estava estupefato. — Como o senhor chegou a essa conclusão? — indaguei. Essas oscilações entre atordoamento e lucidez eram desconcertantes. Eu nada mais podia fazer além de seguir-lhe o comando.

— Não estou certo?

Assenti vagarosamente. — Está, realmente, senhor. Mas como descobriu isso?

Kant ignorou minha pergunta. — Não se importe com isso.

O que o levou a rever sua opinião sobre a mulher, Stiffeniis? Parecia tão convencido do envolvimento dela nessa manhã quando mencionou bruxaria.

— Ela está morta — repliquei. — Assassinada antes que eu tivesse a chance de interrogá-la.

Kant inclinou-se para a frente na cadeira—A garra do Diabo?

— Estrangulada.

— Continue — disse ele.

— Aqueles desenhos que o senhor mandou Lublinsky fazer têm sido de um valor inestimável — comecei. — Havia pegadas na cena do primeiro crime, mas não pertenciam a Anna Rostova. Examinei os sapatos dela. Os desenhos na sola a inocentam. Seu método de investigação merece ser publicado, senhor — prossegui com entusiasmo. — Tão logo esse assunto seja satisfatoriamente concluído, planejo redigir um memorando no qual espero explicar seu método para um público mais abrangente...

— Sua opinião é muito gratificante — Kant atalhou com um sarcasmo gelado. — Talvez eu encontre novos admiradores agora que os antigos me abandonaram. É isso que você pretende?

Achei que sabia o que lhe perturbava a mente. — Se não fosse pelo seu trabalho tão sem precedentes no campo da investigação metafísica — prossegui com justificada veemência — não haveria uma nova geração de filósofos.

Mas eu não conseguia contê-lo. Seus nervos explodiram, os olhos faiscaram, as mãos gesticularam violentamente ao redor de si. — Os patifes criticam-me dizendo que sou rígido como um quebra-nozes, alegam que aprisionei minha alma e mente em um mundo de esquemas inflexíveis e leis imutáveis. Meus últimos dias na universidade foram insuportáveis. Tão humilhantes. Eu nunca fora tratado daquela maneira antes. Que agonia sofri!

Os olhos de Kant tinham um brilho passional. A voz estava rouca de amargura. Não havia traços de

sarcasmo na risada rancorosa que lhe escapou dos lábios. — São uns tolos! Sonhadores românticos... não podem imaginar o que eu, sozinho, fui capaz de conceber e realizar. Nunca entenderão a beleza do... do...

Ele não terminou a frase. Os olhos se desviaram dos meus e foram repousar em um ponto impreciso na parede da caserna. Ele permaneceu em silêncio por algum tempo, e eu ajoelhei-me junto à sua cadeira, temeroso de falar, incerto sobre como apaziguar-lhe a onda de ressentimento amargo no peito. De repente, ele recomeçou a falar, a mão direita repousando na minha manga, a voz, um sussurro quase inaudível sobre as chamas crepitantes do fogo.

— Você não consegue ver a verdade? Não consegue, Hanno? Eu esperava que você entendesse o âmago do mistério. Você é tudo que me restou agora que todos me abandonaram.

Não posso terminar meu trabalho sem a sua ajuda...

Obviamente, eu o decepcionara uma vez mais. Mas como exatamente eu o iludira? O que ele esperava que eu visse e que eu ainda não fora capaz de enxergar? Será que isso tudo nada mais era que o delírio de grandeza inatingível de um velho? Não existe uma jornada pacífica para o túmulo, pensei. Que necessidade tinha ele de conquistar a admiração da nova geração de filósofos? Sua genialidade estava além do julgamento de seus pares.

— Como o senhor percebeu que Anna Rostova não era a assassina? — indaguei, na esperança de afastá-lo de pensamentos mórbidos.

Kant pareceu sacudir-se do torpor.

— Uma simples intuição, nada mais — disse ele em voz baixa. — Teria o criminoso escolhido uma arma tão obviamente feminina se fosse realmente uma mulher? Esse era um blefe duplo. Você ignorou um detalhe importante. — Ele ergueu o dedo indicador, abaixou a cabeça e bateu levemente na base no pescoço. — Um ponto de ataque preciso foi escolhido. Esse é o trabalho de alguém com um histórico de serviço no exército prussiano. Um soldado, Stiffeniis. Um golpe mortal desses é usado, ao que me conste, somente em dois casos específicos: para desarmar instantaneamente um inimigo por trás, uma sentinela ou guarda que possa dar voz de alarme, ou para sacrificar um companheiro ferido que esteja agonizando no campo de batalha.

- Um soldado, senhor? — fiquei estarecido pela sua perspicácia e voltei a pensar em Lublinsky. Teria eu falhado em ver o que era óbvio para Kant? Soltei um suspiro; em seguida, todo questionamento sobre minha capacidade veio à tona. — Talvez eu não seja a pessoa indicada para essa tarefa, *Herr* professor. Foi um beco sem saída após o outro. Para ser sincero, senhor, estou tentado a admitir a derrota e voltar para Lotingen.

Ele me fitou como se tentasse penetrar nos recônditos mais profundos da minha alma.

— Você quer desistir?

— Não estou à altura do desafio, senhor — admiti, a voz fraquejando. — Sinto-me perdido em um labirinto. Cada reviravolta conduz a outro caminho sem saída. Algo ou alguém me confunde a cada novo passo que dou. Minha inépcia resultou em mais vítimas do que as do assassino. Eu...

Estaquei, incapaz de continuar.

O punho de Kant apertou com mais força a minha manga. — Você se pergunta onde fracassou. É isso? Você se pergunta qual é esse fato óbvio que lhe passou despercebido.

— Isso mesmo, senhor. O senhor forneceu-me todos os instrumentos necessários para entender o que está ocorrendo aqui em Königsberg. E, entretanto, fracassei completamente.

O senhor ainda me considera capaz de solucionar esses crimes?

Kant não respondeu imediatamente. Colocou a mão sobre a minha, a pele ressequida pousando gentilmente como pó. A intenção era tranquilizar-me e eu não poderia falhar em retribuir o gesto. Em seguida, ele se inclinou para mim, sussurrando-me ao ouvido.

— Quando você veio me visitar hoje cedo — disse ele — com a arma do crime e uma nova teoria sobre uma bruxa, admito, tive dúvidas se sua nomeação para conduzir essa investigação fora acertada.

Pensei que talvez fosse melhor... liberá-lo do fardo exaustivo que lhe depositei sobre os ombros.

— O senhor pensou? — indaguei, o ar escapando-me do corpo como o último sopro de um fole furado. Esse julgamento era o golpe final no que me sobrara de orgulho e fé na minha capacidade.

Ele suspirou alto. — Mas mudei de ideia. Por isso vim. O tempo que me resta na Terra é curto. Apesar dos seus erros, você deve continuar o que começamos.

— Mas eu o decepcionei, senhor. Desde que... Ele não me deixou terminar.

— Você conhece algo que um indivíduo como o Rhunken nunca imaginaria — afirmou ele com satisfação. — Preparei as provas no meu laboratório para um racionalista que entenderia a lógica da causa e efeito. A conduz a B B a C e a mais lugar nenhum é claro. Mas isso é apenas uma face da moeda. Há outro aspecto essencial a ser considerado nesses crimes. O mais importante de tudo.

— O que é, senhor? — perguntei, apertando as mãos em um gesto de impotência. — O que pode haver que o senhor ainda não me indicou?

— A madeira retorcida que é a alma humana, Hanno. A Lógica não desempenha um papel determinante nas questões humanas. Você já se esqueceu do que veio me contar no primeiro dia em que nos encontramos? — ele não esperou pela minha resposta. — Não me esqueci das suas palavras nem por um instante. Fiz referência àquele primeiro diálogo quando estávamos junto ao corpo do garoto nas margens do rio Pregel no outro dia. O sargento Koch, aquele homem perspicaz, expressou sua surpresa quando propus a ideia. Ele deve ter me considerado um belo monstro. Mas você ignorou a sugestão e agora persiste na mesma obstinação. Você já deve ter sabido a resposta por mais tempo do que quis admitir. "Só há uma experiência humana que equivale ao poder ilimitado da natureza", você disse. "A mais diabólica de todas. Assassinato a sangue-frio. Matar sem motivo." Você se lembra de ter dito isso, não é?

Seus olhos perscrutaram os meus. Em seguida, deu novas batidinhas no meu braço.

— Você deve considerar esse fato, por mais estranho e horrível que possa parecer. Você está mais perto da verdade do que pensa—ele me encorajou com um sorriso entusiasmado.

— E, hoje pela manhã, você me falou sobre as manchas de barro nas roupas das vítimas.

Franzi o cenho desconfortavelmente, enquanto Kant se recostava, os olhos estreitos. — O assassino induz as vítimas a se ajoelharem antes de atacá-las. Concordamos nesse ponto, não foi?

— E eu presumi que o criminoso pudesse ser uma mulher.

— Mas o assassino não era uma mulher — disse ele com um jato de energia revigorada. — Esse estratégia nos revela muito sobre a personalidade do assassino.

— O senhor tem uma ideia formada, professor? — perguntei ansiosamente, mas Kant ergueu um dedo para me silenciar; em seguida, colocou-o sobre a testa como se indicando que a ideia estava tomando forma na sua cabeça.

— O desejo de matar desse indivíduo é maior que sua habilidade para executar a tarefa. Ele escolheu aquela arma pela precisão e pelo esforço mínimo necessário para seu uso. Você se lembra do que lhe disse quando lhe mostrei as cabeças decepadas e as incisões na base do crânio das vítimas?

— Deslizou como uma faca aquecida cortando banha — citei.

— Precisamente! Mas como o assassino induziu as vítimas a ficarem paradas?

— Lublinsky — murmurei para mim mesmo.

Kant me olhou como se pensasse que eu enlouquecera. — O que tem Lublinsky?

— Falei com ele uma hora atrás, senhor. Ele me contou algo que parece corroborar o seu argumento. Ele disse que cada uma das vítimas segurava firmemente um objeto nas mãos no momento da morte. Ele não fez menção a isso nos relatórios aos superiores. Nem ao senhor, imagino.

— Você está vendo? — Kant exclamou com vigor, os olhos brilhando de excitação. — Que astúcia certa! Lublinsky é uma "madeira retorcida" de primeira ordem. Mas vamos ordenar as peças desse mosaico. Em primeiro lugar, as vítimas não se esquivam do indivíduo que se aproxima delas. Em

segundo, ajoelham-se voluntariamente diante dele. Terceiro, têm um objeto nas mãos. Em seguida, morrem. Você prefere o caminho da Lógica, Hanno disse ele com um sorriso irônico. — Diga-me, o que você deduz desses elementos?

Antes que eu pudesse responder, ele prosseguiu no mesmo tom didático: — O assassino pediu ajuda. Apelou para a bondade humana, convidando o escolhido a pegar algum pequeno objeto que ele deixara cair propositalmente como uma isca. É claro que todos concordaram. Essa é a natureza humana. E, ao se ajoelharem, cada um expôs a base do pescoço para o golpe fatal. Pronto, já lhe disse o que vim para dizer. Agora, eu o deixarei com sua tarefa.

Na tentativa de se levantar, ele conseguiu somente arrastar o banco no piso de pedra e saltei para ajudá-lo.

— O senhor deve me prometer uma coisa — comecei.

— Nunca faço promessas — replicou ele com um sorriso encantador — até saber precisamente o que elas envolvem.

— Muito bem — sorri, meu zelo e confusão deixados de lado pela recente demonstração de confiança em mim. — No futuro, se o senhor tiver algo para me dizer, mande me chamar e irei encontrá-lo.

Não terminei a frase. Naquele instante, a porta se escancarou e um vento frio varreu o aposento quando um soldado irrompeu dentro da sala. Johannes o seguia, um olhar preocupado estampado no rosto pálido e redondo.

— Espero que você tenha uma boa razão para entrar tão rudemente — explodi.

O guarda deu um passo à frente e retirou o quepe de couro preto.

— Notícias, senhor — disse ele com uma saudação rápida e enérgica e meus pensamentos se voltaram imediatamente para Koch. Teria ele enviado outra mensagem?

— Um corpo foi encontrado na Sturtenstrasse quinze minutos atrás — o soldado anunciou. Ele olhou hesitante para o professor Kant, depois de volta para mim. — Deixei o restante do esquadrão atrás e vim correndo até aqui. *Herr* Stadtschen mandou que eu não perdesse tempo e lhe contasse imediatamente, *Herr* procurador.

— Vocês estavam patrulhando a área?

— Do mercado até a prefeitura, senhor. Para cima e para baixo. A cada trinta minutos, senhor, pontuais como um relógio. Os sinos da catedral soaram as três horas.

A luz do dia diminuindo...

A voz de Immanuel Kant interrompeu o relato do soldado.

— Porquanto eis aí cobrirão as trevas a terra! — entoou ele com solenidade.

Voltei-me para olhá-lo à meia-luz, e um sorriso pareceu perpassar-lhe o rosto quando ele concluiu a citação, como uma criança esperta exibindo seu conhecimento das Escrituras Sagradas: — Isaías, capítulo 60, versículos 2 e 3.

¹ Jogo de cartas jogado por dois, três ou quatro participantes com baralho de 48 cartas. (N. T.)

Antes da minha chegada à cidade, os soldados haviam sido instruídos a reportar qualquer episódio de morte violenta ao procurador Rhunken. Tendo calçado os sapatos de *Herr Rhunken*, por assim dizer, eu era agora diretamente responsável pelas providências a serem tomadas em um caso como esse. O fato de haver um assassino sanguinário à solta em Königsberg não pôs fim a querelas domésticas ou outros crimes que poderiam terminar em perda da vida. Portanto, eu não atribuía automaticamente qualquer nova morte à cadeia de crimes que estava investigando. Realmente, pelo que o mensageiro me relatou, havia muitas razões que me induziam a pensar o contrário.

A hora do assassinato era um fator importante em minha linha de raciocínio. Com a única exceção de Paula-Anne Brunner, cuja hora da morte nunca foi precisamente estabelecida, todas as outras vítimas foram mortas durante a noite, e eu não tinha razão para esperar uma mudança dramática no *modus operandi* da minha presa. Esse último corpo fora descoberto quando o relógio marcava as três horas, o que sugeria que a pessoa morrera em plena luz do dia. Além disso, havia o local onde o corpo fora encontrado. Até mesmo eu, que conhecia tão pouco sobre a geografia urbana de Königsberg, sabia que a *Sturtenstrasse* era uma rua movimentada que conduzia ao mercado de peixes. Os outros assassinatos foram cometidos em locais mais distantes — novamente com exceção de Paula-Anne Brunner, morta no jardim público, naquela hora deserto. Teria o assassino corrido o risco injustificado de ser visto e identificado na *Sturtenstrasse*?

— Você tem alguma ideia de quem seja a vítima? — indaguei, voltando-me para o soldado. — Ou o que causou a morte?

Ele balançou a cabeça. — É um homem, senhor, mas não nos aproximamos do corpo. Recebemos ordens para não tocar em nada se nos deparássemos com um cadáver.

Voltei-me satisfeito.

— Você passa perto da *Sturtenstrasse* no seu caminho para casa, não passa, Johannes?

— Sim, senhor — respondeu ele.

— Com sua permissão — dirigi-me ao professor Kant.

Eu o acompanharei na carruagem. Johannes me deixará perto do meu destino.

Kant não respondeu, embora tenha aceitado o apoio do meu braço ao deixarmos a caserna. Mas lá fora, no pátio, algo muito estranho aconteceu. Enquanto eu o ajudava a subir à carruagem, ele agarrou minha manga e puxou-me tão próximo que seu chapéu tocou-me bem no meio da testa.

— Você não entende? — sibilou ele num sussurro. — Eu... eu estou perdendo o controle.

— Controle, senhor? — indaguei, desconcertado pelas suas palavras. — O que o senhor quer dizer?

Mas ele mergulhou em um silêncio sepulcral. Johannes subiu a bordo com uma pesada manta de viagem feita de lã para cobrir os joelhos do patrão, que parecia perdido no mais profundo devaneio, encarando-me como se tivesse visto um fantasma. O fato de eu ter fracassado novamente em entender o que, de acordo com ele, eu já deveria ter entendido parecia tê-lo deixado profundamente deprimido.

— Algo o amedrontou, senhor — Johannes sussurrou.

— Vamos levá-lo rapidamente para casa, Johannes — disse eu, à medida que o criado se preparava para deixar o interior da carruagem e assumir a condução do veículo.

— Caminharei de volta até a *Sturtenstrasse*.

Sentei-me no banco diante do professor Kant quando o veículo iniciou a marcha, incerto se deveria falar para tentar confortá-lo, ou permanecer em silêncio. Eu parecia estar sozinho em uma câmara de embalsamamento com o corpo de um egípcio morto prestes a ser mumificado. Seu estado era catatônico.

Ele não falou nem emitiu som algum durante o percurso até sua casa. Johannes desceu no portão, amarrou o cavalo, e juntos ajudamos Kant a descer ao chão, sustentando-o pelo caminho do jardim até a porta da frente.

— Ele está com febre — Johannes sussurrou por sobre a cabeça cabisbaixa do patrão. Kant parecia ter perdido o movimento das pernas, que se arrastavam atrás dele, o bico das botas virados para dentro, arranhando as pedras do pavimento.

— Vamos colocá-lo na cama — recomendei.

Kant estava adoentado. Seu rosto estava pálido, a respiração difícil; parecia destituído de força, a vontade de viver se esvaindo.

Nós o ajudamos a atravessar o hall, passando-lhe os braços por sobre os nossos ombros, para então literalmente carregá-lo escada acima para o quarto. Johannes era realmente uma fortaleza, arcando com muito mais peso que eu, e carregando um lampião durante todo o tempo. Em melhores circunstâncias, ter o privilégio de entrar no *sancta sanctorum* do professor Kant, ou seja, no seu escritório particular e quarto de dormir, teria sido motivo de euforia. Nenhum de seus amigos ou biógrafos jamais fora admitido ali dentro. Embora toda minha atenção e preocupação estivessem concentradas no seu bem-estar, não pude evitar lançar um olhar rápido à minha volta. O aposento era muito menor do que eu imaginara. "Monástico" seria a palavra que eu escolheria para descrevê-lo. Um catre estreito encostado a uma parede, uma pequena cômoda em outra, uma minúscula escrivaninha e uma cadeira espremidas contra a terceira parede. A quarta continha uma fresta estreita de janela que se abria para o jardim traseiro da casa. Tudo parecia sóbrio, organizado, funcional, e fiquei emocionado ao pensar que Immanuel Kant escrevera partes de seus trabalhos monumentais exatamente naquela escrivaninha, incluindo seu último e inédito tratado...

Ao mesmo tempo, minha admiração foi sufocada pelo odor peculiar daquele quarto, que simplesmente não podia ser ignorado. A janela estreita que notei à minha esquerda, com vista para o jardim, aparentemente nunca fora aberta. O ar estava rançoso e bolorento, diria eu, como se o teto, piso e mobiliário estivessem infestados de cupim ou caruncho. A atmosfera se impregnava com o cheiro de roupa de cama antiga e excessivamente usada que nunca foi adequada ou frequentemente arejada. Não era possível ignorar a acritude seca da roupa. Sem dúvida, Johannes cuidava adequadamente do patrão, mas desejei silenciosamente que ele prestasse mais atenção na lavagem das roupas e na limpeza da casa. O que causava ainda maior estranheza era o fato de que todos os outros aposentos da casa eram imaculadamente limpos e sem pó. Fiz uma anotação mental para lembrá-lo das minhas observações críticas antes de deixar a casa. Mas, primeiro, teríamos que colocar Kant na cama. Quando a luz do lampião caiu sobre a fronha, uma clara nuvem cinzenta pareceu se mexer e dissipar.

— O que é aquilo na cama? — sussurrei, arfando pesadamente depois do esforço de subir a escada estreita carregando o corpo inerte.

— Pulgas, senhor — Johannes respondeu calmamente. Enfureci-me. — O colchão precisa ser desinfetado!

— Oh, ele não aceitaria isso, senhor — retrucou o criado gentilmente. — O professor Kant tem seu próprio método de mantê-las afastadas. Não funciona, mas ele não se convencerá disso.

Passamos por problemas similares em casa havia dois verões. As pulgas invadiram os quartos e fizeram da nossa vida um inferno, até Lotte surgir com uma solução.

Ela deixou uma pele de carneiro em um patamar da escada por dois dias e duas noites, em seguida, enrolou-a e queimou-a lá fora no jardim, longe da casa. As crianças e ela assistiram com alegria às pobres pulgas pularem e caírem novamente sobre as chamas, com estalos e crepitações, incapazes de fugir da imolação.

— É o nosso único desentendimento — Johannes continuou. — Ele diz que a falta de ar e luz vai matá-las e proibiu-me de abrir a janela. Martin Lampe acreditava piamente nessa ideia. Aquele homem é

uma presença constante aqui. Algumas vezes, a impressão que se tem é que ele nunca deixou a casa! O professor Kant me chama pelo nome dele em inumeráveis ocasiões.

Abruptamente, ele voltou sua atenção ao patrão, preparando-o para a cama com uma mistura experiente de persuasão e firmeza. — Venha, venha, *Herr* professor! — chamou.

Sentado ereto na beirada da cama enquanto Johannes o despia e vestia-lhe a roupa de dormir, o professor Kant poderia ser uma criança indefesa esperando a ama chegar, tirar a colcha da cama e prepará-lo para a Terra dos Sonhos. Mas, diferente de qualquer criança que eu já conhecera, ele estava completamente paralisado. Não demonstrava notar minha presença nem mesmo pelo olhar. Johannes puxou as cobertas e afofou o travesseiro, aprontando a cama para recebê-lo.

Kant parecia perdido em um transe profundo quando se deitou sobre o colchão e o edredom foi puxado até o queixo. Embora eu me sentisse melhor em vê-lo em segurança em sua própria casa, essa completa passividade não era um bom presságio. O cenho franzido de Johannes refletia minha própria preocupação.

— Meu trabalho... precisa ser concluído...

O murmúrio baixo veio da cama. Johannes estava em pé sobre Kant, fitando o patrão. — *Herr* professor? — chamou, a voz excessivamente alta no silêncio abafado do quarto.

— Professor Kant — chamei, aproximando-me da cama infestada de pulgas. — Sente-se bem, senhor?

O olho esquerdo de Kant se abriu e ele me encarou por um instante.

— Um assassino a sangue-frio — murmurou. — Ele não se curva perante ninguém...

E repetiu as últimas duas palavras várias vezes.

— O que ele está dizendo, *Herr* procurador? — Johannes sussurrou do outro lado da cama.

Balancei a cabeça pedindo silêncio, querendo que Kant parasse de delirar. Minha mente estava um redemoinho.

Consideraria ele meu fracasso em prender o assassino como a derrota do Racionalismo e da Ciência Analítica? Teria o criminoso ultrapassado uma marca que somente Kant podia ver? Seria essa ameaça ao mundo como ele o concebia responsável pela perturbação do seu estado mental?

De repente, o professor Kant emitiu um lamento estridente.

— Oh, meu Deus! — Johannes exclamou. — Ele precisa de ajuda, senhor. Chame um médico!

— Quem toma conta dele? — indaguei.

— Em geral, ele se cuida sozinho. Seu conhecimento da medicina vai além das habilidades da maioria dos médicos de Königsberg...

— Mas em casos como este — insisti — ele não pode cuidar de si mesmo. Precisa de sangria e cataplasma. Necessitamos de um profissional.

— Há um médico aqui perto. Ele algumas vezes toma chá com meu patrão. Talvez ele seja... — Johannes pareceu hesitar, como se esmagado sob a nova responsabilidade que inesperadamente recaía sobre ele. — Mas, pensando melhor...

Um simples olhar para o professor Kant foi o suficiente para me dizer que o momento de hesitação passara. Seus olhos estavam fechados, o rosto pálido e inexpressivo, a respiração superficial e difícil.

— Onde esse médico mora? — perguntei.

— No fim da rua, senhor. A primeira casa à esquerda.

Virei-me sem mais uma palavra e corri, a voz de Johannes me seguindo escada abaixo.

— Mas o homem é italiano, senhor, e muito jovem!

Cinco minutos depois, arfando, cheguei à porta do "Dott. Danilo Gioacchini, Medico-Chirurgo", conforme descrevia a placa de bronze. No interior da casa, acreditei ouvir o som abafado de um choro, e quase temi irromper em meio a uma crise doméstica. A casa era revestida de ripas antigamente pintadas de azul, mas que agora, já desgastadas pelo clima, apresentavam uma triste tonalidade cinza esmaecida.

Espremida entre edifícios mais robustos de tijolos de ambos os lados, eu me perguntei se aquele ar de riqueza de outrora espelhava a situação de aperto de seus moradores. Seria essa a causa das lágrimas?

Não devia ser fácil para um italiano estabelecer-se em Königsberg, apesar da amizade de Immanuel Kant. Estrangeiros eram malvistas, papistas ainda mais, não só aos olhos de Agneta Süsterich e Johannes Odum, mas de pietistas devotos em geral.

Mas o que me restava fazer? Ergui a aldrava de ferro em forma de punho fechado e soltei-a. Um instante depois, a porta foi parcialmente aberta, revelando o rosto de uma bela mulher de cabelos pretos. Junto aos joelhos e agarrando-lhe com firmeza a saia, estava uma garotinha de dois ou três anos, olhando-me solenemente.

— Procuo o médico — falei, escolhendo as palavras com cuidado por medo de não ser compreendido. Se esta era a esposa do médico, provavelmente viera com ele da Itália.

— Diz respeito ao professor Kant...

O nome de Kant trouxe um leve sorriso aos lábios da dona de casa.

— Danilo — chamou, voltando-se para o interior da casa, abrindo completamente a porta e fazendo-me sinal para entrar.

Um instante depois, o próprio médico surgiu no hall. Ele era realmente jovem, 35 anos no máximo, embora seu longo cabelo louro estivesse rareando. Alto, magro, elegantemente vestido em um paletó de veludo preto de colarinho alto, ele me deu as boas-vindas com um sorriso caloroso e brilhantes olhos marrons. Aconchegados um em cada braço, ele segurava dois bebês idênticos que deviam ter nascido nessa semana. Ambos berravam com toda a força que havia em seus minúsculos pulmões.

— Gêmeos! — disse ele. Pela súbita fenda que surgiu em sua testa, eu não podia adivinhar se ele demonstrava orgulho ou se desculpava pelo incômodo.

— Desculpe-me perturbá-lo — falei. — O professor Kant precisa de ajuda.

Ele não me deixou terminar.

— Vou pegar minha maleta — respondeu em alemão impecável. Em seguida, falou algo rapidamente em italiano para a esposa, que avançou imediatamente e retirou dos braços dele os bebês chorões. Em um minuto, deixávamos a casa para trás.

Cinco minutos depois, parávamos na porta da casa do professor Kant. Enquanto corríamos lado a lado na rua coberta de neve, relatei-lhe, o melhor que pude, tudo o que ocorrera e tentei descrever o estado do paciente.

— Devo acompanhá-lo? — indaguei.

— Não há necessidade — o médico replicou, o sotaque estrangeiro quase imperceptível. — O criado está com ele, presumo?

— Johannes está esperando. Sou obrigado a ir à Sturtenstrasse — desculpei-me, lembrando-me do meu dever negligenciado. — Mas volto assim que puder.



Escutei a porta da frente se abrir, depois se fechar enquanto caminhava rapidamente nas ruas escuras e desertas em direção ao mercado de peixes, chegando sem ar e agitado cerca de dez minutos depois. A névoa estava mais densa perto da baía e do estuário. Um soldado solitário montava guarda na esquina da rua. Ele parecia esculpido no gelo, o quepe de couro e a capa preta impermeável brilhando na luz alaranjada da tocha flamejante que segurava nas mãos. Até aquele instante, eu não me incomodara em pensar sobre a identidade do indivíduo que jazia morto naquele local. O colapso repentino de Kant ocupara todos os meus pensamentos.

O guarda deu um passo à frente, o mosquete sob o braço, impedindo-me de avançar.

— Sou Hanno Stiffeniis — anunciei. — O magistrado encarregado da investigação. Onde está o corpo?

— Ali embaixo, senhor — replicou o homem, olhando por trás do ombro. — Há outro soldado junto ao corpo.

— Nada foi removido, espero?

— Não, senhor. Recebemos ordens de esperar pela sua chegada.

O soldado pronunciou essa frase com os dentes cerrados, como se a inclemência do frio e o longo período de tempo que foi obrigado a esperar tivessem se transformado em ressentimento amargo contra minha pessoa.

— Não permita que ninguém se aproxime — falei rispidamente. — Com exceção do sargento Koch, meu assistente. Ele deve chegar em breve.

Eu não tinha ideia de onde a caça de Koch por *Herr* Lutbatz, o comerciante de aviamentos, pudesse tê-lo levado, mas tinha certeza de que ele apareceria na cena do crime assim que soubesse do ocorrido. E eu queria tê-lo ao meu lado. Sua experiência, companhia e bom senso me ajudariam na perícia que eu estava prestes a realizar.

Meu coração parou ao bater os olhos no volume escuro amontoado no chão, e notei no mesmo instante a pegada do sapato de um homem demarcada no gelo. Trazia um claro corte transversal...

Desde aquele dia, eu frequentemente me pergunto se Emanuel Swedenborg, de certa forma, aproximou-se da verdade quando descreveu a linguagem secreta dos mortos. Agora, acredito piamente na sua existência. Mas, naquele momento, eu me sentia incapaz de traduzir em palavras os frios e silenciosos movimentos da boca. Naquela noite, escutei claramente os murmúrios da energia misteriosa que, de acordo com Swedenborg, todas as almas que partem transmitem aos vivos.

Aproximando-me do cadáver, aos tropeços, no estado de crescente ansiedade que subitamente tomou conta de mim, senti-me incapaz de engolir em seco.

O jovem soldado saudou-me e deu um passo para trás.

— *Herr* procurador? Fico feliz que o senhor tenha chegado — admitiu com evidente alívio. O lampião na sua mão esquerda lançava uma auréola de luminosidade brilhante e trêmula sobre o gelo azulado do pavimento.

— Erga a luz — ordenei. — Quero ver o corpo.

Ele fechou a abertura com um estalido metálico e seco, direcionando o feixe estreito de luz amarelada contra o alto muro de tijolos, que se estendia ao longo da rua. O homem morto estava ajoelhado no chão, a cabeça inclinada sobre o peito, o ombro direito apoiado contra a parede. Estaquei, aquela dúvida ribombando na minha cabeça como um martelo batendo com força em uma bigorna.

— Aproxime-se! — gritei asperamente.

Os dentes do soldado batiam alto. Pouco mais que um rapazinho, ele estava amedrontado. Quanto tempo permanecera ali sozinho, esperando a minha chegada, não ousando olhar o vulto escuro, encostado à parede no caso de o assassino emergir das sombras e atacar novamente?

Ao me aproximar, voltou-me à memória uma história narrada por um viajante. Fazia referência aos membros de uma seita mística asiática que acreditavam que a alma de um morto permanecia próxima do corpo até o momento do enterro. Eu parecia voejar acima do corpo ajoelhado na rua, embrulhado em um manto brilhante, exatamente como aquele que...

Caindo de joelhos sobre as pedras congeladas, eu me descobri fitando, desesperançado, o rosto sem vida de Amadeus Koch. A boca totalmente aberta, como se tivesse tentado gritar por ajuda, os olhos' arregalados em um vislumbre atemorizado de entendimento. Eu sabia que haveria um furo minúsculo na base do crânio. Meus pensamentos começaram a jorrar em um turbilhão de culpa e arrependimento, o

ruído do sangue correndo ecoando alto nos ouvidos e latejando dolorosamente nas têmporas.

A capa de Kant. A minha capa. A capa que eu emprestara para Koch...

Quem o assassino pretendia atingir: o professor Kant? Ou a mim? Ou escolhera Koch aleatoriamente? Tive que me apoiar contra a parede por medo de desmaiar, paralisado de horror, os músculos dos braços e pernas rígidos, como se destituídos de força. Teria o assassino morto a vítima errada?

À medida que o frio penetrava-me os joelhos, as palavras que o professor Kant dissera anteriormente retornaram para me torturar: "Onde está a capa que lhe dei?"

Teria ele, de alguma forma, previsto o que iria acontecer? Teria ele abandonado o chão firme da Lógica em prol dos caminhos obscuros da Adivinhação? Teria a ciência levado Kant a uma conclusão que eu nunca teria imaginado? Seria essa a causa da sua indisposição?

Permaneci algum tempo nesse estado de atordoamento, ajoelhado junto ao corpo sem vida do meu assistente. Os olhos de Koch estavam virados para cima e para a esquerda, como se ele tivesse tido uma intuição um instante antes de o golpe ser desfechado. Uma camada de gelo havia solidificado a superfície aquosa dessas órbitas cegas.

A luz do lampião piscou criando uma enfeitiçada ilusão de vida.

— Sente-se bem, senhor? — ouvi uma voz atrás de mim.

O jovem soldado inclinava-se para a frente com a tocha, a luz e a sombra movendo-se impiedosamente sobre o rosto de Koch. O sargento parecia viver e respirar novamente.

— *Herr* procurador — prosseguiu ele. — Este homem parece segurar algo na mão.

Com o máximo de cuidado e delicadeza que consegui reunir, introduzi meu dedo indicador na palma fechada de Koch e abri seus dedos congelados. Um anel de bronze caiu no chão com um estalo e rolou para longe. A isca. Koch expusera seu pescoço para o assassino na Sturtenstrasse ao pegar uma quinquilharia. Balbuciando uma oração, pedi-lhe perdão enquanto vasculhava seus bolsos e extraía todos os objetos que um homem cuidadoso carrega consigo. Um lenço de linho de boa qualidade, uma chave de casa, algumas notas de dinheiro e um pedaço de papel cuidadosamente dobrado várias vezes sobre si mesmo até formar um quadrado não maior que uma caixinha de rapé. Com igual cuidado, por medo de rasgá-lo, desdobrei o papel e aproximei-o da luz.

Em tudo que escrevi até agora, tenho procurado revelar unicamente os fatos, a fim de evitar atribuir um peso maior a um detalhe que a outro. Parecia ser o método mais objetivo para descrever o lento progresso pelo qual passou minha investigação, e fornece a sequência real de fatos através dos quais o caso em Königsberg esclareceu-se por si mesmo, até o ponto em que eu posso fornecer um relato verdadeiro da situação. Mas, agora, devo deixar meu coração falar, ao menos uma vez. Devo, porque minha cabeça não tomou parte nesse momento.

À medida que eu lia o que estava escrito naquele papel, algo morria dentro de mim. Por um período infinito de tempo suspenso prendi a respiração, o coração pulsando e latejando dolorosamente dentro do peito enquanto examinava a anotação e via o asterisco que somente o sargento Koch poderia ter feito, o restante escrito em uma letra que não era a dele.

A nota registrava a lista completa de lojas e particulares que compraram tecidos e agulhas de tricô e bordado. Fora, provavelmente, fornecida pelo homem de quem a falecida esposa de Koch comprava esse tipo de material. Vou transcrever, palavra por palavra, o que li na Sturtenstrasse: 6 carretéis de seda, cor ocre — Frau Jagger 6 meadas de lã não tingida — idem 6 pares de agulhas de tricô — Emporium Reutlingen 10 novelos de lã, azul claro — idem 15 novelos idem, branco — idem 4 centímetros, Burano, bordado — Fraulein Eggars A lista continuava, mas me detive em um grande asterisco que surgia na metade da página como um selo real. O item registrado era o seguinte: "6 agulhas de osso de baleia, tamanho 8, para o bordado de contas em tapeçaria de lã impermeabilizada". Junto a essa informação, estava escrito o nome do comprador. Era o único nome masculino da lista.

Reli o item consecutivas vezes, soletrando as letras, uma por uma, como uma criança aprendendo o

alfabeto em seu infeliz primeiro dia na escola primária. Como um garoto confuso, tive que concluir que a letra K era realmente um K, seguido pela letra A, um N logo após e que o T que concluía o nome era a mais vil das letras do alfabeto inteiro. Juntei as letras para formar o nome da pessoa que comprara essas letais agulhas de marfim de *Herr* Roland Lutbatz.

Vindo do mar e do mercado de peixes, um vento leste cortante soprou estrondosamente colina acima, varrendo em ondas a névoa. Bem no alto, acima da minha cabeça, janelas rangiam e venezianas se fechavam. Em algum local muito próximo, um pesado portão de metal rangeu nas dobradiças, fechando-se e abrindo-se novamente a cada rajada de vento forte vinda do mar Báltico.

Sozinho na Sturtenstrasse com o corpo sem vida de Amadeus Koch, eu me sobressaltava a cada som. Uma geada se formara e estalava sobre meu cabelo, meu corpo parecia se petrificar, mas um único pensamento ocupava-me a mente: eu não mais o abandonaria. Eu deixara Koch partir sozinho essa tarde e sua vida lhe fora roubada. Enquanto contemplava com terror e medo nervoso o corpo inerte ajoelhado contra a parede no pavimento coberto de gelo, eu só conseguia me perguntar se o sargento Koch compreendeu o que estava acontecendo quando a agulha atingiu o alvo. Teria ele reconhecido o rosto do criminoso?

— *Herr Stiffeniis?*

Virei-me de um salto. Com o ruído do vento, eu não escutara ninguém se aproximar.

Um homem uniformizado elevava-se diante de mim. Um segundo soldado, ainda mais alto que o primeiro, um cachecol escuro em volta do rosto, escorregava montanha acima arrastando um grande caixão de madeira sobre o gelo e a neve como se fosse um trenó. Reconheci-os em um instante. Ergui-me, mas ainda permanecia um anão se comparado ao cabo Mullen e seu companheiro magiar, Walter.

— O que vocês querem? — indaguei.

— Esse corpo vai para a masmorra, senhor. Ordens do Dr. Vigilantius...

Não esperei para ouvir o resto. Uma onda avassaladora de ressentimento me invadiu.

— Ele não vai tocar neste corpo! — minha voz explodiu contra a parede de pedra e ecoou pela rua vazia. Meu corpo rígido tremeu violentamente de emoção. Um tipo de histeria desesperada, um coquetel de desesperança e culpa tomara conta de mim. — Não vai haver mais mutilação aqui. Vigilantius partiu de Königsberg. Ele não voltará mais! Koch será enterrado como está. Dentro da tradição católica. Quero levá-lo a uma igreja.

Os dois gigantes se entreolharam.

— Há uma capela na fortaleza, senhor — sugeriu o cabo Mullen. — Como é o único aposento seco no edifício, eles o usam..

— Não me importa para que é usado — retruquei asperamente. — Se foi consagrado, pretendo ver o corpo de Koch depositado ali. Pagarei pelo trabalho de vocês.

Os olhos escuros de Mullen brilharam. O companheiro grunhiu.

— Veremos o que pode ser feito — o cabo replicou. Seu tom de voz sugeria que meu capricho poderia custar só Deus sabe que esforço para ser satisfeito. — Agora vamos colocar o pobre e desafortunado cavalheiro no caixão, não é, Walter?

O *rigor mortis* e o vento gelado imobilizaram o corpo na posição ajoelhada em que ele foi encontrado. Formara-se gelo sobre a capa impermeável, e os soldados lutaram em vão para encontrar uma alça no material brilhante, os dedos entorpecidos tateando e escorregando.

— Retire-lhe a capa — ordenei.

Devo ter soado violento e impiedoso, pois Mullen soltou um uivo perturbado.

— Tirar a capa? Com que finalidade, senhor? Ela já está rígida como uma tábua. Não sairá facilmente.

O tecido encerado da capa do professor Kant — a causa da morte de Koch, acreditava eu —

envolvia-o como uma mortalha.

— Não quero que Koch seja enterrado com esta roupa — insisti, irritadiço. — Tire... isso... dele!

Mullen me encarou por um momento.

— Dê-me sua faca, Walter — disse ele com um gemido.

— Teremos que deitá-lo de lado, senhor. Não há outra forma de resolver o problema.

— Faça logo — explodi, observando-os enquanto obedeciam a minhas instruções.

A lâmina era curta mas afiada, e Mullen fez um corte penetrante na capa, do colarinho à barra. Então, tendo liberado um dos lados, eles rolaram o corpo sobre a outra lateral e fizeram um esforço para retirar os braços do sargento de dentro das mangas. Chutando os restos da capa para o lado, os soldados ergueram com certa dificuldade o pesado cadáver pelos braços e pés rígidos e dobrados.

— Tenham cuidado — pedi, quando o deitaram de costas no caixão.

— Temos que esticá-lo — Mullen disse calmamente — ou a tampa não vai fechar.

— O que esperam, então?

Eles comprimiram com força os joelhos, primeiro o esquerdo, depois o direito, e as articulações cederam com um estalo seco. Foi um ruído de cortar o coração, mas ainda assim meu estado de espírito se animou um pouco ao ver Koch repousar, e com suas próprias roupas. Por um instante, eu me permiti acreditar que a vida pudesse retornar, que meu fiel assistente se sentaria, respiraria e conversaria comigo mais uma vez.

— Posso fechar, senhor? — Mullen indagou. Lancei um último e longo olhar e assenti.

Walter colocou a tampa, cobrindo Amadeus Koch para sempre. Então martelou habilmente meia dúzia de pregos e nos preparamos para caminhar pelas ruas escuras e desertas.

A notícia do assassinato seria mais eficiente em manter os habitantes da cidade dentro de casa do que qualquer toque de recolher. Mullen e Walter foram à frente, puxando o pesado trenó com vigor, aos trancos e barrancos por entre a neve e o gelo. Eu os seguia de perto; os soldados que descobriram o corpo fechando o cortejo.

Ao longo do trajeto, fomos obrigados a cruzar a entrada da rua que passava pelos fundos da casa do professor Kant. Uma luz fraca brilhava por trás das cortinas da janela de seu quarto de dormir, no primeiro andar.

— Vamos mais rápido, Mullen — ordenei, olhando fixamente para a frente, desejando me distanciar daquela janela e daquela casa o mais rapidamente possível. O papel que eu encontrara no bolso do sargento pesava na minha consciência como uma tonelada de chumbo: "6 agulhas de osso de baleia, tamanho 8, para o bordado de contas em tapeçaria de lã impermeabilizada — *Herr Kant*".

Os homens tentaram acelerar o passo, mas a procissão não avançou mais rápido que antes, e não chegamos mais cedo ao nosso destino. Quando nos aproximamos da fortaleza, ultrapassei-os e ordenei que o portão fosse aberto para receber o cortejo.

— Um corpo para o procurador Stiffeniis — Mullen rosou para a sentinela quando ele e Walter cruzaram a entrada. As sentinelas fizeram o sinal-da-cruz e desviaram timidamente o olhar. Um dos homens virou parcialmente o corpo e tocou a virilha supersticiosamente, como é costume dos soldados ao ver um caixão.

— Ele tem esposa, senhor? — Mullen indagou, parando com o caixão diante de um prédio baixo do lado oposto do pátio.

— Ela certamente vai querer velá-lo esta noite.

— Eu farei o velório. Não há mais ninguém — respondi.

Mullen assentiu para Walter, que murmurou algo em retribuição naquela sua estranha língua e, em seguida, empurrou a porta da capela e começou a puxar o caixão para dentro. Eu os segui para o interior do aposento. Então, alguém trouxe um lampião e, com ele, acendemos os demais pendurados na parede. Dentro da igreja, tudo cintilava. Pirâmides de enormes balas de canhão da altura de um homem e

palanquetas de prata foram montadas ordenadamente ao longo do corredor central. Em uma das paredes, peças de artilharia estavam empilhadas, uma em cima da outra, como lustrosos charutos pretos em uma tabacaria. A parede oposta estava bloqueada por carretas dispostas ponta com ponta.

Um cheiro de ratos, veneno para ratos e vermes em decomposição empestava o ar. Grandes mapas de tecido cobriam as amplas paredes. Um crucifixo simples de madeira pendia do teto sustentado por uma comprida corrente. Não havia outro símbolo religioso no local.

— Esta é a capela do regimento — Mullen confidenciou num sussurro. — Tentei contar-lhe antes, senhor. Eles armazenam armas e explosivos aqui. O resto da fortaleza é tão úmido quanto o esfregão de uma lavadeira. Podemos colocar o caixão naquele espaço ali, senhor. Eles deslocaram o altar para ter mais espaço, mas o lugar é sagrado. Está bem assim, *Herr* procurador?

Nem me dei ao trabalho de responder. Buscando na algibeira, encontrei uma nota de dez táleres e dei a ele. — Tomem uma bebida forte em memória do homem que jaz ali, Mullen. Traga um pastor ao amanhecer. Nós o enterraremos, então. E, quando sair, mande Stadtschen vir até aqui.

O cabo Mullen fez a saudação, Walter prestou continência, a porta se fechou atrás deles e ouvi suas vozes, entre risadas e brincadeiras, desaparecendo à distância.

Sozinho na capela, passei pelas pilhas de canhões e montes de munição e me ajoelhei junto ao caixão. Coloquei a mão sobre a madeira fria, fechei os olhos e orei a Deus, implorando-lhe que recebesse a alma de Amadeus Koch de braços abertos. E, com mais fervor, supliquei ao sargento que me perdoasse. Eu falhara em entender o imediatismo do perigo ao qual o submetera. Eu nunca me perdoaria por ter lhe dado aquela capa. Quando meus filhos se ajoelhassem ao lado da cama a cada noite, juntassem as mãozinhas minúsculas para dizer suas preces simples, eu os ensinaria a invocar o nome de Amadeus Koch, em memória do homem que perdera a vida inocentemente na tentativa de ajudar o pai deles.

Atrás de mim, a lingueta da porta rangeu e passos ressoaram nas pedras do soalho. Vóltei-me e me recompus enquanto Stadtschen caminhava pelo interior da capela na minha direção. Ele olhou para o caixão por um instante, depois para mim, uma expressão de atordoamento no grande rosto vermelho.

— *Herr* procurador?

— É Koch — falei, e seu nome morreu na minha língua. Stadtschen tirou o quepe e inclinou a cabeça em direção ao caixão.

— Quero que você encontre uma pessoa para mim — acrescentei, rompendo seu silêncio respeitoso. — O nome dele é Lutbatz. Roland Lutbatz. Seu depoimento será vital para a investigação.

— Por onde quer que eu comece, senhor?

— Ele deve estar hospedado em algum lugar. Não mora na cidade. Um hotel barato ou uma estalagem, talvez.

— Vou mandar a sentinela.

— Seja rápido — comentei. — Ele deve deixar a cidade a qualquer momento. *Herr* Lutbatz trabalha com aviamentos, fornecendo para lojas e empórios aqui em Königsberg.

Stadtschen franziu o cenho. — Av... o que o senhor disse?

— Lamento, Stadtschen. Algodão, agulhas, linhas, esse tipo de mercadoria. Quem vende esses produtos deve saber onde ele se hospeda.

— Tenho uma ideia de onde começar — o oficial replicou, para minha surpresa.

— Sua esposa? — indaguei.

Uma luz cintilou nos olhos de Stadtschen. Pensei tratar-se de um sinal de divertimento, embora logo fosse forçado a rever minha opinião. — Certamente não, senhor!

Há uma velha senhora que mora aqui dentro da fortaleza. Ela... bem... presta vários serviços para os soldados do regimento.

— Serviços? — retruquei, incapaz de conter um tom de sarcasmo na voz.

Não é o que o senhor está pensando — replicou Stadtschen. É velha demais para isso! Ela lava,

conserta e costura para os solteiros que precisam desse tipo de ajuda. Ela deve conhecer o homem que o senhor busca.

— Dentro da fortaleza, você diz? Não pode haver muitas mulheres vivendo aqui.

— Nenhuma outra, somente ela, senhor — Stadtschen confirmou.

Lancei um olhar em direção ao caixão. Eu não tinha intenção de abandonar minha vigília tão cedo. Mas meu dever mais premente era para com os vivos. Quem melhor do que Koch entenderia meus motivos? Ele não se sentiria abandonado na capela da fortaleza, rodeado por munição, mapas e armas de fogo. Escutaria o som do trompete por ocasião da troca da guarda naquela noite, a batida cadenciada das botas pesadas no piso de pedras do pátio quadrado, os gritos tranquilizadores das ordens, a pressa em obedecer. Sua vida se desenrolara nesse meio. Eu o trouxera para casa, pois ele, na verdade, não tinha outro lar para onde ir.

Cinco minutos depois, Stadtschen e eu caminhávamos rapidamente por uma colmeia encardida de altas paredes de pedra e uma série desordenada de pátios pavimentados.

Estávamos no centro medieval da fortaleza, que parecia abrigar todo o comércio e serviços necessários para o funcionamento de um quartel. Cada pátio separado parecia anunciar seus produtos pelos odores que eles exalavam: cavalos aqui, cozinhas ali, mau cheiro de carne fervilhando na água; comércio de couro e sapateiros; fornos de padaria; uma fundição impregnada de fumaça, vapor e pó de carvão onde se forjavam balas de revólver e canhão. Era um microcosmo, que parecia mais sombrio e malcheiroso à medida que avançávamos, o fedor de latrinas abertas, dejetos desprezíveis e, finalmente, um total abandono. Nas sombras mais escuras, ratos cinzentos escapuliam guinchando sob nossos pés.

— Bom trabalho, Stadtschen — comentei, ao pararmos diante de uma porta apodrecida que não via tinta desde o dia da coroação do rei Frederico, o Grande, ou talvez antes até.

— É esse o local, senhor — confidenciou ele, golpeando a madeira frágil com força suficiente para transformá-la em lascas.

Uma mulher encarquilhada apareceu quase imediatamente, espreitando, observando a faixa branca dupla e as divisas do uniforme de Stadtschen. Devia ter noventa ou cem anos de idade. A luminosidade era tão pouca que se tornava impossível dizer com precisão, a pele escura impregnada de sujeira, rugas esculpadas na bochecha e uma testa repleta de papadas como uma gárgula de pedra. As roupas esfarrapadas pareciam grudar-se a ela como uma pele. O vestido era feito de um velho tecido para saco marrom, o capuz do mesmo material rústico, ambos rígidos de tão encardidos. Ela, sem dúvida, fedia enormemente, mas o mau cheiro que emanava da casa era forte o suficiente para sobrepujar a mais imunda das velhas desmazeladas.

— Estava esperando Sua Excelência — disse ela, observando Stadtschen.

— Temos outros assuntos a tratar, mãe — replicou ele. O tom da sua voz me surpreendeu enormemente. Esse gigante fora incumbido da vigilância da fortaleza, era responsável pela Seção D da prisão, que continha assassinos, canibais, ladrões e falsificadores sob seu comando. Ele os dominava com punho de ferro, contudo, ao se dirigir a essa velha horrenda, sua voz era suave, quase deferente.

— Três vezes eu fiz. Três! Sempre a mesma coisa — murmurou ela, a voz enfraquecendo até sumir. Ergueu os olhos subitamente e disse com ferocidade, a ninguém em especial: — Não será Königsberg, repito a você. Ele não vai atacar aqui, soldado, pode ter certeza disso!

Olhei para a mulher, depois de volta para o oficial Stadtschen. Nenhum disse uma palavra, os olhos encerrados em uma comunhão silenciosa, como se se compreendessem perfeitamente bem.

— Do que é que ela está falando, Stadtschen? — indaguei. Repeti a questão em tom mais alto quando nenhum dos dois respondeu e um ruído aterrorizante explodiu no canto mais escuro, mais distante, mais escondido da sala. A batida excitada de asas, os gritos dos pássaros, muitos deles, um bando inteiro, chilrando animadamente como estorninhos famintos reunindo-se na floresta no início do inverno, antes de migrar em uma massa negra rodopiante. Mas o que esses pássaros faziam na fortaleza?

A mulher apontou um dedo nodoso e retorcido para o rosto de Stadtschen.

— Diga a esse estúpido para não assustar meus bebês! — guinchou ela. — Sua Excelência não vai admitir isso!

Subitamente, ela caminhou com um gingado para o interior do quarto, deslocando-se na escuridão como um peixe pela água, a porta vaivém movendo-se nas dobradiças.

— Venha — chamou ela por cima do ombro. — Veja você mesmo, soldado. E pode contar ao general que fui eu que permiti.

Stadtschen avançou avidamente, como um cão de caça que avista um galo silvestre caído.

— O que está acontecendo? — perguntei, alcançando-o e retendo-o pela manga. — Não podemos perder tempo. Pretendo encontrar Roland Lutbatz ainda esta noite.

Stadtschen bateu continência, como se despertasse de um transe.

— O nome dela é Margreta Lungrenek, senhor — confidenciou ele. — Ela conhece o homem que o senhor busca. Poderia jurar...

— Conte a ele o que eu faço! — o grito da mulher veio da escuridão do quarto. Podia ser bastante idosa, mas a audição estava perfeita. — Não vou convidar de novo!

— Cinco minutos, nada mais — retruquei bruscamente, erguendo o lampião para entrar no quarto. — Lutbatz ou vamos embora. Deixo a seu encargo.

Na escuridão profunda, eu mal podia divisar uma série de gaiolas de vime, empilhadas umas sobre as outras, cada uma delas abarrotada de pássaros de todas as cores, formas e tamanhos. Reconheci pardais, chapins, pombas, corvos, estorninhos, melros, mas havia mais, muitos mais, e também uma suindara com um penacho.

— *Herr* general adora os pássaros — a mulher cacarejou, apontando com a mão para as gaiolas. — Ele reconhece a verdade pura e simples quando a tem diante dos olhos.

— Ela tem passado por dificuldades financeiras, senhor — Stadtschen sussurrou. — Está perdendo a visão. Mal pode segurar uma agulha. Então, o general ouviu falar de seus talentos. Ofereceu-lhe abrigo na fort...

— O general Katowice? — indaguei, perplexo. Que relação tinha ele com aquela velha e sua coleção de aves? Eu considerara que as referências da sra. Lungrenek ao comandante da guarnição não passavam de completa demência.

— Ela prevê o futuro — Stadtschen continuou. — Sua Excelência não faz um único movimento sem consultá-la. Ele está obcecado com a ideia de Napoleão invadir a cidade.

Desde que esses crimes começaram, está convencido de que se trata de espões franceses. O general é um grande admirador de Júlio César, senhor. Ele jura que os romanos nunca partiram para guerra sem consultar pessoas como esta mulher.

— Arúspices — murmurei. — Esse é o nome delas. Stadtschen me fitou de olhos arregalados. — É verdade, então? — murmurou ele.

A ideia de Katowice confiar em presságios e acreditar em oráculos era desconcertante ao extremo. Se o comandante da fortaleza e defensor da cidade depositava sua total confiança na adivinhação, tudo estava perdido. Lembrei-me da figura enérgica, do discurso determinado, das maneiras incisivas que pareciam tão tranquilizadoras quando da minha chegada à fortaleza. Seria esse estado de espírito exaltado motivado pelo conhecimento de que suas forças eram confiáveis e a estratégia segura?

Ou seria tudo uma fanfarronada, com base nas visões de uma velha louca?

— Olhe aqui! — esbravejou ela, afastando-se das gaiolas, curvando-se sobre uma pequena mesa redonda no canto mais escuro. Um grande pássaro negro, um corvo, estava deitado sobre a superfície de madeira. O bico curvo como um sabre pendendo frouxo, a plumagem reluzindo vermelha de sangue e as entranhas espalhadas desordenadamente pela mesa. A carcaça fora disposta dentro de um círculo de letras, aparentemente aleatórias, feitas a giz na superfície de madeira. Os órgãos internos foram

arrancados do peito da ave e arrumados em volta do corpo. O bico apontava para um lado, as asas rígidas esticavam-se para o outro. Parecia exatamente como se o animal tivesse sido crucificado.

— Preste atenção no bico — a anciã sussurrou, colocando as mãos na mesa, aproximando-se e aspirando o fedor. — Aponta para esta letra aqui. As asas indicam estas duas vogais. E veja as garras! É esse o lugar, ali, senhores! Jena!¹ É longe de Königsberg. É lá que o general Katowice deve estar. Não aqui, perdendo tempo!

Ela fitou Stadtschen de perto, um fino sorriso astuto nos lábios.

Eu sabia que deveria estar no encalço de *Herr Lutbatz* e do assassino de Koch, mas a alegação daquela mulher de ler o futuro nas entranhas dos pássaros aguçou minha recém-despertada curiosidade. Se eu aprendera alguma coisa com Immanuel Kant sobre minha experiência com *Vigilantius*, foi a perseguir a luz, ainda que ela não passasse de um pontinho no fim de um corredor escuro.

— Direi a ele, mãe — respondeu o oficial de forma rápida, nervosa. — Prometo contar a ele o mais rapidamente possível. Mas o procurador Stiffeniis tem uma pergunta a lhe fazer. Responda a ele e partiremos imediatamente.

— A senhora conhece um homem chamado Roland Lutbatz? — indaguei.

— Sim, conheço, senhor — concordou ela rapidamente. — Estaria perdida sem ele. Conheço-o como conheço meus pássaros. Estive com ele ontem.

— E onde foi isso?

— No Unicórnio Azul. É onde ele se hospeda quando vem a Königsberg.

— É uma taverna próxima da ponte Ferkel — Stadtschen explicou. — Cinco minutos a pé daqui, senhor.

— Posso indicar outros mais baratos, se vocês quiserem

— Margreta Lungrenek ofereceu, quando depusitei um táler na sua mão e fiz menção de sair.

— Maldito seja o senhor! — a mulher guinchou estridente, atirando a moeda ao chão e esfregando a mão como se tivesse acabado de se queimar. — Há uma presença à sua volta!

— Agora, mãe — Stadtschen advertiu-a, recuperando a coragem agora que nos preparávamos para partir. — Preste atenção ao que fala!

— O Diabo conhece os seus iguais — sibilou ela de volta, aproximando os punhos fechados do peito, como se para expulsar a presença maligna. — Reconheço uma alma atormentada quando vejo uma. Ah, e como reconheço!

— Uma alma atormentada? — repeti, apesar de meus instintos mais sábios.

Meu coração disparou no peito e elevou-se na garganta como uma bola asfixiante, sufocante enquanto a mulher de idade indefinível me observava fixamente com seus olhos cegos e brilhantes.

- Seu pai está morto — disse ela, lentamente. — Morto e enterrado, mas sem descanso. Ele se ergue do túmulo à luz da Lua, mas vai descansar em breve — entoou ela em uma estranha cadência de dois tons.

Voltei-me rapidamente para Stadtschen.

— Esta sábia senhora já nos disse tudo que precisávamos. Vamos embora.

Lá fora, no pátio, o ar frio e úmido era quase fresco o bastante para ser revigorante depois da pestilência sufocante do interior daquele casebre fétido. Demos meia-volta e retrocedemos pelas alamedas escuras da fortaleza na direção do portão principal.

— Posso perguntar-lhe algo, senhor? — Stadtschen indagou depois de caminhar ao meu lado, em silêncio, por alguns minutos. — O general Katowice usa aquela velha para prever o futuro, senhor. E acredita nela, também. Certa vez, pedi a ela para predizer o meu futuro. Ela matou e estripou um pássaro e me contou montes de coisas nas quais prefiro não acreditar.

— Tais como? — indaguei, erguendo os olhos para ele. Seu rosto estava sombrio, perplexo e confuso.

— Ela espalhou as entranhas na mesa, exatamente como as que acabamos de ver...

Ele estacou de repente e fui obrigado a parar.

— O que ela viu? — indaguei.

— Ela falou justo agora de seu pai, senhor. É verdade? Ela viu a verdade?

O medo brilhou intensamente nos olhos do soldado. Ele parecia tomado pelo tipo de medo inocente que eu via com razoável frequência nos olhos dos meus filhos quando Lotte lhes contava, na hora de dormir, histórias aterrorizantes de gnomos e fadas, lobos e princesas capturadas ou perdidas na floresta. Lotte era uma contadora de histórias de um poder impressionante, capaz de aterrorizar completamente uma criança se fosse esse seu desejo. Eu com frequência a repreendia pela imaginação desenfreada e pela falta de papas na língua.

— O que você perguntou a ela, Stadtschen?

— Oh, o senhor sabe! — respondeu ele, sorrindo constrangido. — O que qualquer soldado quer saber. Qual seria o meu destino se Napoleão invadissem a Prússia...

— Meu pai não está morto — atalhei, medindo cuidadosamente minhas palavras. — E isso não vai ocorrer tão cedo, espero sinceramente. Margreta Lungrennek estava equivocada sobre meu pai. Totalmente equivocada. Ela não tem ideia do que está falando. Maldita seja sua ignorância! Eu me pergunto como o general Katowice pode levar a sério tanta bobagem.

Seu rosto se alegrou como o sol surgindo por trás de uma nuvem escura, embora a mesma nuvem ainda pairasse, ameaçadora, sobre mim.

Logo depois, deixamos a fortaleza, dobramos à esquerda e entramos na cidade. E Stadtschen estava certo em suas estimativas. Minutos mais tarde, emergimos do labirinto de alamedas próximas a uma antiga ponte de pedra, uma das muitas que cruzavam o rio Pregel, que serpenteava, dobrando-se sobre si mesmo, dentro dos limites da cidade. Paramos um momento para recuperar o fôlego em um molhe com chatas carregadas e observamos os marinheiros fumarem cachimbo e conversarem em voz baixa; em seguida, viramos em direção a uma placa balançando ao vento. Uma figura mítica pintada de azul galopava por um campo de nuvens prateadas com faíscas douradas saindo dos cascos. — O Unicórnio Azul, senhor.

¹ Cidade da Alemanha, nas margens do rio Saale, onde se deu a vitória de Napoleão sobre os prussianos em 1804. (N. T.)

Quando o oficial Stadtschen puxou a corda da campainha, todos os sinos de igreja da cidade de Königsberg pareceram tinir e repicar ao mesmo tempo. Antes de silenciarem novamente, uma janela rangeu ao se abrir bem acima da placa do Unicórnio, e um rosto pálido e redondo nos espreitou na rua.

— Sabem que horas são?

— Polícia — Stadtschen gritou. — Abra e rápido!

O mesmo homem gordo e amedrontado abriu a porta instantes depois e nos fez sinal para entrarmos no bar. Parecia estar excessivamente preocupado por ter sido flagrado em roupa e capuz de dormir. Tudo estava escuro na sala de teto baixo, exceto por uma luz pálida na lareira vinda dos rescaldos quase apagados na grelha.

— Eu estava dormindo, senhor — o estalajadeiro grunhiu, torcendo as mãos e com uma expressão tão completa de culpa como eu nunca vira em um homem aparentemente inocente.

Em seguida, Stadtschen assustou-o ainda mais.

— Traga o livro de registros para o *Herr* procurador Stiffeniis ver — rosnou.

Um grande livro com encadernação de couro foi aberto rapidamente na mesa à minha frente. Sentei-me e comecei a virar as páginas, todas em branco.

— É algum tipo de brincadeira? — indaguei, erguendo os olhos. — Não tem ninguém hospedado aqui?

Stadtschen inclinou-se ameaçadoramente sobre o ombro do homem e sibilou-lhe ao ouvido. — Ocultando nomes da polícia senhor proprietário?

O medo do homem gorducho tornou-se mais visível. — Não ousaria, senhor! As autoridades vasculham tanto a cidade nos últimos tempos. — Ele se inclinou sobre o livro, dizendo: — Com sua permissão, senhor.

Passou a língua pela ponta dos dedos e virou as páginas. — Tivemos tão poucos hóspedes, senhor. Especialmente no mês passado. Quem viria para a cidade para ser assassinado?

Mas aqui estamos nós, senhor.

Ele se endireitou e me mostrou o que encontrara. Um único nome estava escrito na página, juntamente com uma data.

— *Herr* Lutbatz, senhor. Um mercador — murmurou ele. — Não há mais ninguém aqui esta noite. Ele é um caixeiro-viajante, altamente respeitado no seu ramo de comércio, pelo que me disseram. Uma certa excentricidade em sua maneira de... fazer e... vestir, mas eu não tenho nada contra isso, senhor, tenho?

Havia algo decididamente evasivo no proprietário. Ele parecia deixar escapar pistas de algum tipo e acreditei ter uma boa noção do que estaria insinuando. — Alguém o visita? — indaguei, inclinando-me para ele.

— Bem — começou o homem, nervoso —, o senhor sabe como é. Quando um homem viaja sozinho, como ele... bem, como posso explicar? Ele algumas vezes acaba encontrando companhia, senhor. É assim que eu diria. Companhia... não há muito que eu possa fazer. Suas visitas vêm, e depois vão embora. Temos tão poucos hóspedes nesses últimos tempos, que minha tendência é fechar os olhos. Ele está sozinho esta noite, disso eu sei. Disse que se sentia um trapo quando lhe servi o jantar...

Ele gaguejou e ficou em silêncio, olhando-me com um tipo de careta suplicante de desamparo.

Recostei-me na cadeira. Mulheres!, pensei. Acalentara a esperança de que o estalajadeiro tivesse algo a revelar sobre os clientes que visitaram Lutbatz recentemente.

— Algum de seus clientes veio visitá-lo aqui?

— Não dessa vez, senhor. São tempos difíceis em Königsberg Para todos nós.

— Gostaria de trocar uma palavra com esse homem — falei.

— Devo pedir a ele que desça, senhor?

— Não — repliquei. — Preferia conversar com ele na privacidade do quarto de dormir. O senhor poderia subir e dizer-lhe que estou aqui?

O estalajadeiro limpou a testa molhada com as costas da mão e soltou um suspiro claro de alívio. Ao que tudo indicava, o problema de outro homem não era problema algum, desde que ele não estivesse envolvido. Ele escapuliu escada acima, retornando um instante depois para comunicar que *Herr Lutbatz* estava à minha espera no quarto.

— Devo acompanhá-lo, *Herr* procurador? — *Stadtschen* indagou.

— Não preciso de dama de companhia — repliquei asperamente. A verdade era que não pretendia arriscar tornar público o nome que Roland Lutbatz escrevera na lista para o sargento Koch. — Volte para a fortaleza, por favor, *Stadtschen*. E lembre Mullen de encontrar um sacerdote para o funeral.

Ele fez a saudação e saiu, enquanto comecei a subir a escada para o segundo andar, onde Roland Lutbatz me esperava à porta do seu quarto. Entendi imediatamente o que o estalajadeiro quisera dizer quando usara a palavra "excêntrico" para descrever o homem. Se eu tivesse chegado acidentalmente a um estabelecimento de má reputação, as prostitutas não estariam, nem de perto, vestidas de modo tão extravagante para dormir quanto *Herr Lutbatz*. Ele surgiu timidamente no corredor, e deu um sorriso ansioso de boas-vindas. Seu pequeno pecado pouca relação tinha com mulheres, percebi. O turbante cor de limão na cabeça bem poderia boiar sobre a superfície de um mar tropical. O camisolão era de um tecido adamascado verde-esmeralda com padrão em V em um trançado mais escuro, a seda brilhando e ondulando à luz da vela.

— *Herr* procurador? — indagou ele, postando-se agilmente ao lado e, com uma reverência, convidando-me a entrar no seu budoar, profusamente perfumado.

— Que medo senti quando o estalajadeiro bateu à porta! — exclamou ele, aproximando uma cadeira do fogo para mim. Jogou um pedaço de lenha nos rescaldos, que se acenderam em uma brilhante explosão de faíscas e ajustou o turbante cor de limão na cabeça. — Agora, diga-me, o que posso fazer pelo senhor?

— Preciso fazer-lhe algumas perguntas, *Herr* Lutbatz.

O homem sentou-se no lado oposto da lareira, enrugando os lábios vermelhos na mais exagerada e feminina expressão de susto e começou a bater gentilmente com a mão sobre o peito, como se para acalmar as palpitações aceleradas de seu atordoado coração.

— Oh, faça isso! Por favor, faça, senhor — replicou ele, colocando as mãos sobre os joelhos como se fosse abraçar-se a si mesmo. As unhas estavam cuidadosamente cortadas e polidas, exceto pelas do dedo mindinho, que se curvavam como as garras de uma águia.

— Tem ocorrido uma série de assassinatos em Königsberg O senhor tem conhecimento do fato, não é, *Herr* Lutbatz?

Ele assentiu seriamente. Em seguida, sua feição afetada se contraiu em uma careta de susto. Os olhos arderam. — O senhor acha que eu esteja envolvido?

Sorri para tranquilizá-lo.

— Preciso de algumas informações relacionadas à sua atividade comercial, senhor. Nada além disso. A surpresa deixou-o boquiaberto.

— Mas trabalho com tecidos — contrapôs ele. — Tem certeza de que sou a pessoa que o senhor procura?

Sem esperar pela minha resposta, saltou da cadeira com uma inesperada agilidade e correu até o lado oposto do quarto. — Aqui, o senhor vê? Este é o meu negócio, senhor. Material da melhor qualidade.

Ele abriu uma das caixas que cobriam boa parte do chão e retirou uma amostra de trama de um veludo

vermelho-escuro.

— Viajo pelo continente inteiro, França e Países Baixos principalmente, para comprar as mercadorias que vendo aqui na Prússia. Forneço para todas as lojas de Königsberg e também para clientes particulares, é claro. As pessoas mais importantes...

— Como Frau Koch? — indaguei.

— Frau Koch, senhor? — repetiu ele, os olhos arregalados de surpresa. — Frau Koch morreu há cinco anos. A pobre senhora...

Ele se calou, incerto sobre o rumo que eu estabelecia para a conversa.

— Sente-se, *Herr* Lutbatz. Não estou aqui para ver seus produtos.

Ele se afundou na cadeira, infeliz, e me fitou.

— Frau Koch era a esposa de meu assistente. O sargento Koch veio vê-lo hoje, não foi?

Ele soltou outro suspiro de alívio. — Veio, senhor. A esposa dele era costureira. Foi minha cliente por muitos anos. Eu lhe fornecia material em troca de amostras do seu melhor trabalho. Frau Merete era uma mulher encantadora.

— Gostaria de saber o que *Herr* Koch lhe perguntou e quais foram suas respostas.

Lutbatz fitou-me com uma expressão confusa. — Pensei que o senhor tivesse dito que ele é seu assistente. Ele próprio não lhe contou?

— Gostaria de escutar do senhor qual foi o resultado do encontro — falei secamente.

— Bem, ele veio me perguntar sobre algumas agulhas, senhor — *Herr* Lutbatz replicou em uma agitação nervosa. — O tipo que se usa em trabalhos de tapeçaria. Mostrei a ele minhas amostras e o *Herr* sargento me perguntou se vendi alguma para habitantes de Königsberg.

— E o que o senhor respondeu?

— Verifiquei nos meus registros e encontrei a informação que ele buscava. Não vendi nenhuma agulha desse tipo até agora nesta viagem, senhor. Mas o sargento Koch estava interessado em outras que eu vendera no passado e lhe forneci esse registro.

Peguei o papel que encontrara no corpo de Koch e entreguei-lhe.

— O senhor reconhece esse papel como a lista que entregou a ele?

— Acredito que sim — disse ele, saltando e correndo para o outro lado da sala. Prendeu um pincenê de prata no nariz e estudou atentamente a lista. — Sim, sim, essa caligrafia é minha. Esses são meus clientes. Tenho mais um ou dois para visitar amanhã, depois pretendo partir para Potsdam.

— O senhor quer dizer que ainda não terminou seus negócios na cidade, *Herr* Lutbatz?

— Exatamente — replicou ele.

— Já falou com *Herr* Kant?

— Não é mesmo uma coincidência? — exclamou ele. — O sargento Koch me fez exatamente a mesma pergunta. Posso mostrar-lhe as agulhas que *Herr* Kant encomendou. O sargento Koch estava muito interessado nelas.

Ele se levantou e cruzou o quarto. — *Herr* Kant vem aqui ou o senhor vai atendê-lo em casa? — indaguei.

— Ele vem até mim, senhor — respondeu ele, ajoelhando-se e abrindo um grande baú marrom. — Aqui estão elas! — exclamou ele, retirando uma caixa de madeira e mostrando-a a mim.

— *Herr* Kant compra somente essas? — indaguei, enquanto Lutbatz retirava um embrulho enrolado e colocava-o em minhas mãos.

— Oh, não, senhor — tagarelou ele. — Compre outras mercadorias também, algodão, lã, algumas vezes um pedaço pequeno de flamengo ou um pouco de seda francesa. Mas essas agulhas grandes! Não sei o que ele faz com todas elas.

— Você alguma vez lhe perguntou?

— Oh, não. Não, senhor. Pensei que fossem para a esposa dele. Não me parece delicado perguntar, se

ele não conta por vontade própria. Sempre me pergunto qual será o trabalho dela — o mercador continuou nervosamente. — Mantenho relações excelentes com meus clientes, eles geralmente me mostram o que fazem. Se o trabalho atende um padrão razoavelmente bom, às vezes o compro para adicionar ao meu estoque. No caso da pobre Frau Koch, eu trocava mercadoria terminada por material novo. Há um excelente mercado de artesanato local nos arredores para alguém como eu que viaja, mas...

— Mas *Herr* Kant nunca ofereceu comercializar o trabalho que a esposa realiza com as agulhas em troca de material — concluí. — E acredito que tampouco o senhor tenha sido convidado a ir à casa dele?

Lutbatz arqueou as sobrancelhas, surpreso. — Como o senhor adivinhou? Ela deve ser inválida, pensei. Se manda o marido fazer compras para ela, é porque não deve gozar de boa saúde, não é?

Não respondi. À medida que desenrolava o embrulho, tentava imaginar os pensamentos de Koch quando leu o nome de Kant na lista e viu os artigos que o filósofo comprara.

Mantive o pedaço de pano na palma da mão, desdobrei-o e observei as agulhas. Havia seis delas.

— Marfim de osso de baleia — gabou-se *Herr* Lutbatz. — Que cor adorável! Branco leitoso com uma leve tonalidade de amarelo.

Eram minimamente mais longas que aquela que Anna Rostova escondera, levemente mais brilhantes, como se quem as tivesse feito também as tivesse polido carinhosamente.

Havia um grande buraco em um dos lados, e uma ponta afiada do outro. Minha cabeça girava e não ofereci resistência quando *Herr* Lutbatz pegou uma das agulhas e pesou-a na mão.

— Essas são perfeitas. Leves, uniformes — disse ele. — Demandam cuidado ao manusear, mas são muito mais resistentes do que parecem. Um artesão habilidoso pode fazer um excelente trabalho com uma dessas. Posso entregá-las a *Herr* Kant se ele vier antes da minha partida?

— Duvido que ele encontre muita utilidade para elas depois de hoje — repliquei.

— Ele não encontrará melhores em lugar algum — *Herr* Lutbatz insistiu com um dar de ombros impaciente. — Foi isso o que o sargento Koch disse. Ele nunca havia visto instrumentos tão bem-feitos antes. Sua esposa teria adorado essas agulhas.

— Tenho certeza que sim, *Herr* Lutbatz. O senhor pode guardá-las agora — falei, enquanto o observava enrolar as agulhas, colocá-las na caixa e devolvê-las ao baú de onde as retirara.

— Obrigado, senhor. Sua ajuda foi muito valiosa.

— De nada, *Herr* procurador. Cumpri com meu dever, espero. Mas posso perguntar-lhe algo? — olhou-me por um momento. — Por que o senhor está tão interessado em *Herr* Kant?

— Você sabe quem ele é? — retruquei.

Roland Lutbatz não hesitou. — Já lhe disse, senhor. É um dos meus clientes. Não é o mais assíduo, mas, no meu negócio, contamos tanto os centavos quanto os táleres.

— *Herr* professor Immanuel Kant é um homem famoso — acrescentei. — Ensinava filosofia na universidade aqui em Königsberg.

— Oh, aquilo! — o comerciante retrucou com um arquear das sobrancelhas. — Ele me contou tudo sobre si mesmo na primeira vez que veio me visitar. Deve ter sido um ano atrás. Era muito exibido. Um verdadeiro pavão, eu diria! Era um filósofo famoso, ensinava na universidade, publicou não sei quantos livros importantes. Não o levei a sério, devo admitir.

— E por que não? — indaguei.

Ele hesitou, buscando a palavra certa. — Ele me disse que era... íntimo do rei. Bem, entrei no jogo, é claro, mas não acreditei em metade do que ele contou.

— *Herr* Kant lhe revelou que tipo de trabalho sua esposa fazia?

— Que pergunta, senhor! — Lutbatz exaltou-se, batendo as mãos animadamente. — Naturalmente, quando ele retornou pela segunda vez, perguntei-lhe se as agulhas tinham sido do agrado da esposa.

— E como ele respondeu?

— Eu o achei extremamente evasivo. Ela era pouco mais que uma amadora, ele me disse, mas ficara

entretida, o que já era bom o bastante para ele.

Olhei pela janela. O alvorecer chega mais cedo no norte e o céu tinha ondulações numa tonalidade rósea perolada.

— Perdoe-me, *Herr* Lutbatz — falei. — Roubei-lhe tempo de sono. Muito obrigado por tudo que me contou. Será de grande utilidade.

Eu ainda falava quando Roland Lutbatz correu novamente até a mesa do outro lado do quarto. — Antes de o senhor partir, *Herr* procurador, pediria que escrevesse uma mensagem no meu álbum de autógrafos — disse ele, aproximando-se com um volume nas mãos. — Peço a todos os visitantes para assinar e escrever uma frase de recordação. É um grande conforto para quem viaja pelo mundo sem um amigo sempre presente. Espero que o senhor não me desaponte. O sargento Koch partiu apressadamente sem assinar. Mas não serei desapontado duas vezes no mesmo dia!

Segurei o livro nas mãos — era um pequeno gesto de agradecimento — e examinei o delicado volume com encadernação de couro. Um grande coração vermelho de veludo aplicado na capa continha a palavra "Memórias" bordada na diagonal em elegantes letras brancas.

— Eu mesmo o costurei — *Herr* Lutbatz envaideceu-se. — E tudo isso é meu próprio trabalho!

— Impressionante — admiti. Realmente, qualquer dona de casa ficaria orgulhosa de um trabalho manual como aquele.

— Agora, aqui está uma pena, senhor — disse ele, trazendo um pote de tinta e uma pena, enquanto eu me perguntava o que cargas d'água escrever. — Se o senhor voltar algumas páginas, verá a frase que *Herr* Kant escreveu de próprio punho.

Minhas mãos tremeram ao virar as páginas e ver o que o visitante escrevera na noite em que procurara Roland Lutbatz para pegar os instrumentos com os quais infligiria uma morte súbita a tantas almas inocentes:

*Duas coisas extasiam minha mente — o céu estrelado acima de mim e as profundezas obscuras da minha alma.*¹

O epigrama estava assinado "Immanuel Kant".

— Sua vez, senhor — *Herr* Lutbatz pediu com uma risada estridente de excitação. — Vamos ver se consegue superá-lo.

Peguei a pena e, em poucos segundos, elaborei e escrevi a seguinte frase: "A Razão derrotou as nuvens da Obscuridade, trazendo Luz". Em seguida, como Immanuel Kant fizera antes de mim, assinei meu nome embaixo da inscrição.

Os primeiros raios do sol nascente acariciavam como um leque dourado o horizonte escuro quando deixei o Unicórnio Azul e adentrei a manhã que surgia com um passo leve e um coração mais leve ainda.

¹ Esse epigrama, embora inteiramente ficcional, guarda certa relação com uma das citações mais conhecidas de Kant e que está inscrita na lápide de seu túmulo: "Duas coisas me enchem a alma de crescente admiração e respeito, quanto mais intensa e frequentemente o pensamento delas se ocupa: o céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim". Em Jostein Gaarder, *O mundo de Sofia*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. Tradução de João Azenha, p. 360. (N.T.)

Eu realmente acreditei que Immanuel Kant fosse o assassino? Por um instante sequer? Fora eu capaz de imaginar uma cena de Roland Lutbatz conversando descompromissadamente, enquanto o professor Kant comprava seis agulhas de ossos de baleia com o propósito de exterminar os cidadãos inocentes de Königsberg a sangue-frio? Na sua idade?

Com tamanha fragilidade física? Se, por uma mínima fração de segundo, a ideia chegou a passar rapidamente pela superfície agitada da minha mente já atordoada, aquela frase escrita tão claramente no livro de autógrafos do mercador salvou-me de mergulhar em um erro impensável. O que eu lera fora uma imitação maligna do Immanuel Kant que o mundo inteiro conhecia e respeitava. À medida que eu estudava aquelas letras deselegantes escritas de forma tão desajeitada, por certa mão tão imatura e infantil, eu subitamente percebi que um fantasma conhecido puxara minha manga muitas vezes nos últimos dias e que ele se fortalecia a cada fracasso meu em reconhecê-lo.

A primeira vez que eu não vira essa presença fantasmagórica fora no dia em que viera a Königsberg onze anos atrás e acabara inesperadamente convidado para almoçar na casa do professor Kant. Seu antigo criado estava ausente naquele dia, tendo comparecido ao funeral da irmã. Em trinta anos de serviço doméstico constante, foi o único dia em que ele não estivera presente na mesa do professor Kant. E, pouco tempo depois que eu retornara a Lotingen, o criado de sessenta anos fora sumariamente demitido da casa, proibido até mesmo de retornar sob qualquer pretexto. Sim, Frau Mendelssohn o vira repetidas vezes entrando e saindo a qualquer hora do dia e da noite. Ela me contara. Vira Martin Lampe!

Lampe conseguira entrar e sair da sala do professor Kant logo depois da minha partida, ou justo antes da minha chegada. Martin Lampe e eu fôramos como satélites gêmeos, em órbitas paralelas, em volta do mesmo planeta poderoso, sempre circundando, sem nunca nos encontrarmos. Mas por que Kant permitira a Martin Lampe retornar do desterro?

Eu nada podia fazer além de especular. Talvez o criado tivesse se aproveitado da generosidade do antigo patrão. Talvez tivesse atendido a alguma necessidade, confortado-o com a regularidade e continuidade das suas visitas, ou fornecido aquele sentido de ordem e estabilidade que se provavam tão essenciais para o bem-estar do filósofo no estágio de idade avançada. O que deve ter soado a Kant como uma conversa inofensiva com um antigo e conhecido confidente fora a chave para o poder de Martin Lampe.

Como um pássaro estranho, ele jogara todos os outros, um a um, para fora do ninho. Os amigos mais próximos de Kant pensaram tê-lo afastado, mas ele os expulsou sumariamente da intimidade do patrão. Martin Lampe nunca se distanciou de Immanuel Kant. Nem por um único momento. Conhecia cada um dos meus movimentos. Quando comecei a conquistar a confiança do patrão, ele tentou me eliminar. Matara o sargento Koch na crença de que era a mim que exterminava. A capa seria o sinal. Kant deve ter mencionado de passagem que a dera a mim; Martin Lampe não teria como saber que eu a emprestara ao sargento Koch.

Mas por que Lampe matara os outros? Teria algum deles alguma tênue ligação com o professor Kant que eu ainda não fora capaz de descobrir? Que o professor Kant procurasse um tabelião era certamente possível, mas e os demais? Jan Konnen era ferreiro, Paula-Anne Brunner vendia ovos, Johann Gottfried Haase era um pária social. E por que o próprio Kant não dissera nada sobre essas pessoas se as conhecia?

Eu identificara o assassino, mas não conseguia entender o que o levara a cometer os crimes. Tinha que o encontrar e fazer falar. Mas por onde começar a busca? Onde morava, onde poderia se esconder?

Olhei o relógio de algibeira. Eram cinco e meia da manhã. Não obstante, caminhei rapidamente pelas ruas de Königsberg, na direção oposta à da fortaleza, uma litania nervosa ecoando na minha cabeça.

— Oh, meu Deus, perdoe os Tots, marido e esposa. E também Anna Rostova pelos seus crimes e pecados. Desculpe a fraqueza de Lublinsky — entoei. Todos eles pagaram pela minha completa incapacidade.

— E me ajude a deter Martin Lampe! — ele encontrara um *modus operandi* e uma arma ideal para sua condição física e idade. Como uma aranha observadora, tecera uma teia de astúcia para imobilizar a presa. Quando a mosca estava aprisionada e sem defesa, ele a atacava com todo o ódio de que dispunha.

— Oh, Senhor — supliquei em voz alta —, preserve a alma de Amadeus Koch.

Koch nunca saberia quão próximo esteve da verdade. Orei com mais fervor por sua alma honesta enquanto ajustava minha capa junto ao corpo no frio cortante do alvorecer.

— E que Deus me ajude — pensei, finalmente, embora houvesse mais ironia que piedade nesta súplica. Eu fora enganado, mas não forçado a pagar com a própria vida pelo erro.

Cheguei ao meu destino, abri o portão rangedor mais uma vez e dei um golpe mais feroz do que pretendia na porta. O criado apareceu finalmente. Enquanto endireitava a peruca, anunciava rudemente que era muito cedo para o patrão receber uma visita social. — Não são nem seis da manhã! — acrescentou ele. — De qualquer modo, meu patrão está resfriado. Não receberá ninguém hoje.

— Ele abrirá uma exceção — insisti com teimosia. — Diga a ele que o procurador Stiffeniis precisa falar-lhe sobre um assunto da maior urgência.

O criado bateu-me a porta na cara, para voltar a abri-la somente alguns minutos depois. Sem uma palavra de desculpa pelos modos rudes, retrocedeu, fez sinal para que eu entrasse no hall e apontou para o alto da escada.

Herr Jachmann estava deitado na cama, apoiado sobre um montanha de travesseiros, a cabeça coberta por um capuz cinza de lã puxado até a sobrancelha. O ar no quarto estava impregnado de um forte cheiro de cânfora.

— Você novamente? — saudou-me ele friamente. — O último pesadelo de uma longa noite.

Sentei-me em uma cadeira próxima à cama sem pedir licença ou esperar por convite. — O motivo da minha visita é Martin Lampe.

Jachmann sentou-se rapidamente.

— Quero que o senhor me conte tudo o que sabe sobre ele.

Recostando-se contra os travesseiros novamente, com um suspiro alto, ele fechou os olhos avermelhados. — Pensei que sua tarefa fosse encontrar um assassino, Stiffeniis, e não saber de fofocas da criadagem.

— Preciso da sua ajuda para proteger o professor Kant — falei severamente e esperei que ele abrisse os olhos para mim, embora permanecesse imóvel e em silêncio.

— O senhor conhece Frau Mendelssohn? — persisti.

Ele assentiu com a cabeça sem emitir som algum.

— Ela me disse que pensou ter visto Martin Lampe entrar na casa do professor Kant em mais de uma ocasião.

Se eu tivesse dito a Jachmann que um tigre do Ártico perambulava desacorrentado pelas ruas de Königsberg, o efeito não teria sido mais pronunciado. Seus olhos se abriram rapidamente e ele me fitou com raiva. — Mantenha aquele homem longe de Kant — gritou ele com tamanha força que foi acometido por um acesso de tosse. A violência com que ele desaprovava Lampe me desconcertou.

— O senhor me contou tudo o que eu devia saber sobre ele, *Herr* Jachmann?

O velho não respondeu, mas remexeu no capuz de lã na cabeça e ajustou o xale sobre o ombro, como se eu tivesse trazido o frio do inverno junto comigo para dentro do quarto.

— Lampe não era simplesmente um criado — Jachmann replicou vagarosamente. — Era mais, muito

mais. Sem ele, o professor Kant sentia-se perdido. Como uma criança sem mãe. As grandes conquistas intelectuais de Kant se devem, em grande parte, a contribuição de Martin Lampe.

A incredulidade no meu rosto devia ser óbvia.

— Acha que estou exagerando? — Jachmann esboçou um sorriso cansado. — Martin Lampe foi dispensado do exército, Kant precisava de um criado. Naquela época, foi uma coincidência feliz. Kant é incapaz da mais prosaica atividade doméstica; Lampe foi admitido para solucionar esse problema. Ora, ele não conseguia nem mesmo calçar as próprias meias sozinho. A vida diária de Kant era organizada por esse soldado, forte e sem refinamento, mas com disposição para o trabalho. Quando o professor deu ordem para ser acordado às cinco da manhã, o cabo Lampe obedeceu ao pé da letra. Se o patrão tentava continuar cochilando depois desse horário, o criado o arrancava impiedosamente da cama como uma criança preguiçosa. E Kant lhe agradecia por isso. Ele precisava desse tipo de disciplina inflexível que só a mãe, ou um homem como Martin Lampe, podem oferecer.

Ele parou para assoar o nariz.

— Por que expulsá-lo depois de uma vida de dedicação e trabalho? — insisti.

— Ele representava o maior dos perigos para o patrão — *Herr* Jachmann assoou o nariz no lenço. — Martin Lampe tornara-se... insubstituível.

Estudei o rosto pálido de Jachmann. Seus lábios tremiam, os olhos estavam febris. Parecia ele próprio aterrorizado por Martin Lampe. — Mas que perigo ele oferecia, senhor? Não o compreendo.

— Conhece Gottlieb Fichte? — indagou ele abruptamente. E não esperou pela minha resposta. — Fichte era um dos estudantes mais promissores de Kant. Quando sua tese de doutorado foi publicada, muitos acreditaram ter sido Kant a escrevê-la. Pensaram que ele usara o nome de Fichte como um pseudônimo conveniente, mas o rumor era totalmente infundado. Fichte o visitava frequentemente e o professor sempre o recebia com calorosa amizade. Mas, depois que a tese foi publicada, um grau de frieza e animosidade infiltrou-se nessa intimidade. O pensamento filosófico mudara de direção. Sentimento, irracionalidade e *pathos* eram as palavras-chave. Razão já tivera seus dias; Lógica já há muito estava fora de moda e Immanuel Kant foi relegado. Então, Fichte publicou um ataque feroz a Kant sem motivo aparente, acusando-o de indolência. E pouco tempo depois, com toda a petulância, bateu à porta, dizendo que desejava falar com o antigo mentor.

— Kant o recebeu?

— Claro que sim. Você sabe como ele é. Declarou-se mais disposto que nunca a conversar com alguém capaz de formular novos conceitos. Mas Martin Lampe viu o caso de maneira diferente.

Considerarei por um momento. — Lampe era somente um criado. O que ele podia fazer a esse respeito?

Jachmann ignorou meu argumento. — Fichte escreveu contando-me o que aconteceu naquele dia — prosseguiu. — Ele chegou a temer pela própria vida, dissera.

Jachmann afundou nos travesseiros como se não lhe restasse mais energia.

— O que ele lhe contou? — insisti, sem lhe permitir um segundo de pausa.

Jachmann colocou uma flanela sobre a boca, inspirou profundamente e o odor adocicado de cânfora espalhou-se pelo quarto. — Ao deixar a casa de Kant naquela noite, Fichte encontrava-se sozinho na rua. Estava escuro e enevoado e ele teve a impressão de que era seguido. Apressou o ritmo, mas os passos ainda o perseguiam. Não havia ninguém a quem pedir ajuda. E, por fim, ele se voltou para o perseguidor.

— Ele reconheceu a pessoa? — indaguei. Jachmann assentiu. — Sim. Era Immanuel Kant.

Por um momento, achei que estivesse delirando de febre.

— Não o Kant amigável que Fichte deixara em casa — Jachmann continuou. — Este era um demônio, uma imitação aterrorizante que se parecia com Kant, vestia-se como ele. Correu para Fichte com uma faca de cozinha e lhe teria cortado a garganta se o jovem não fosse tão ágil. Fichte o reconheceu. Viu que não era o professor Kant, mas sim o criado idoso que lhes servira o chá em um silêncio subserviente meia hora atrás na sala de estar do filósofo.

— Deus nos ajude! — exclamei, perguntando-me se a loucura de Martin Lampe teria começado naquela noite.

— Fichte o descreveu como uma personificação demoníaca do patrão.

— Por que o senhor não me contou isso antes?

Herr Jachmann fitou-me em silêncio por alguns momentos. — Que bem lhe poderia ter feito o conhecimento desse fato? — retrucou ele friamente.

— Kant chegou a saber do incidente? — eu me corrigi. Jachmann pulou para debaixo dos lençóis como se uma víbora o tivesse picado. — Você me considera um completo tolo, Stiffeniis? Havia uma sobreposição catastrófica de personalidades naquela casa. O criado se tornara o patrão.

— Então o senhor o demitiu — concluí.

— Enganei Kant dizendo que ele necessitava de um criado mais jovem. Em seguida, escrevi a você, Stiffeniis, pedindo-lhe que se mantivesse afastado dele. Queria que Kant vivesse seus anos de maturidade em paz. Ele precisa ser protegido do mundo. Deve evitar influências perturbadoras como a sua e a de Martin Lampe. A idade prejudica a estabilidade e a lucidez de sua mente.

A ligação que *Herr* Jachmann fez entre mim e Lampe me preocupou. Ele ainda se ressentia da minha pouco duradoura amizade íntima com seu antigo amigo, e não fez segredo de que via a ambos como um perigo para Immanuel Kant.

— Logo depois de demiti-lo — prosseguiu ele —, fiz outra descoberta mais preocupante ainda. Lampe tinha uma esposa! Estava casado há vinte e seis anos e ninguém sabia de nada.

— Mas ele viveu na casa de Kant...

— Dia e noite. Por todos esses anos — Jachmann balançou a cabeça. — Um casamento era estritamente proibido nos termos do contrato de emprego de Lampe.

Ele mergulhou em um silêncio mal-humorado.

— Lampe sabe algo de filosofia? — indaguei.

Jachmann deu de ombros. — O que um soldado de infantaria sabe sobre essas coisas? Ele sabia ler e escrever, creio eu, mas uma fixação se apossara da sua mente. O trabalho de Kant não consegue prosseguir sem a minha ajuda, ele me disse certo dia. E, em mais de uma ocasião, eu o encontrei sentado na cozinha, folheando as publicações do patrão. Só Deus sabe o que ele fez com elas! Quando deixou a casa pela última vez, advertiu-me que, sem o auxílio dele, Kant nunca mais escreveria uma palavra.

A profecia foi excessivamente verdadeira, infelizmente.

— Soube mais alguma coisa dele depois disso? Jachmann pareceu inchar de ódio.

— Tenho pouco ou quase nenhum contato com Kant nos últimos tempos. Ainda assim, fiz tudo o que estava ao meu alcance para assegurar que Lampe se mantivesse afastado da casa. Tremo em pensar que ele possa ter desobedecido minha proibição. — Fitou-me com olhos febris, lágrimas e catarro misturados descendo-lhe pela face. — Frau Mendelssohn tem certeza absoluta do que relatou?

— Ela o viu deixando a casa. Ainda ontem. Contou-me isso.

— Encontre-o, Stiffeniis — Jachmann gritou. — Encontre aquele homem antes que ele faça mais alguma maldade.

— O senhor tem alguma ideia de onde ele esteja? Jachmann me encarou como um falcão. — A esposa deve saber. Ela mora... eles moram — corrigiu-se ele — em algum lugar perto de Königsberg. Não tenho o endereço exato. Nunca senti a menor vontade de saber mais sobre ele. E agora, Stiffeniis — ele se inclinou para a frente, estendendo-me sua mão fria e úmida —, você deve me desculpar. Sou grato por tudo o que tem feito para ajudar o professor Kant.

Notei o sarcasmo marcante em sua voz ao pronunciar a última frase.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance para impedir que Martin Lampe...

Estaquei, temendo ter falado demais, mas Jachmann não estava escutando. Ele pegara novamente a toalha de uma pequena bacia de porcelana e a colocara sobre a cabeça para inalar o odor. Claramente,

minha visita estava encerrada.

Deixei a casa, peguei um fiacre no fim da rua e pedi ao sonolento condutor que me levasse à fortaleza. Eu não pregara o olho a noite inteira, mas dormir era a última coisa que tencionava fazer ao correr escada acima para meu quarto. Onde estaria Lampe? Onde estaria sua esposa? Eu não poderia mandar os soldados localizá-los. Ninguém poderia saber da ligação entre Lampe, esses assassinatos e o professor Kant. Fechei a porta atrás de mim e me senti como uma mosca presa em uma garrafa. Zumbindo para cima e para baixo, batendo desesperadamente o nariz contra o vidro, embora a abertura estivesse bem na minha frente, se eu me desse ao trabalho de procurar...

se eu ousasse... a solução era óbvia demais. Havia uma pessoa a quem eu poderia perguntar sobre Martin Lampe: o próprio professor Kant. Ele devia saber onde encontrar o antigo criado. Mas poderia eu questioná-lo sem revelar as razões pelas quais procurava por Lampe?

Dois golpes secos na porta fizeram esse pensamento escapulir para o canto mais escuro da minha mente como um rato de esgoto em fuga.

Um soldado de olhos congestionados postava-se diante de mim quando abri a porta, o punho pronto para bater novamente. — Uma mensagem urgente, senhor.

— O que é?

— Lá embaixo, senhor. Uma mulher pede para vê-lo.

Eu não esperava ninguém. Teria Helena, por alguma razão, inventado de vir a Königsberg?

Exatamente como visitara, intempestivamente, Ruisling e o túmulo do meu irmão na semana anterior?

— Ela diz se chamar Frau Lampe, senhor — o soldado acrescentou.

Desci correndo, enormemente aliviado e agradecendo à Divina Providência. Deus age das maneiras mais misteriosas, as pessoas dizem. E como são realmente imponderáveis! A esperança cresceu no meu peito naquele momento. Mas aquele nobre sentimento nada mais era que o degrau final na minha longa descida rumo à perdição e à fraude. O mensageiro trouxera-me a chave para uma câmara secreta na qual eu vinha tentando, em vão, adentrar. Eu nunca poderia imaginar o horror que aguardava por mim assim que eu virasse a chave.

Frau Lampe era mais jovem do que eu esperava. Não chegava aos 45 anos de idade. Em pé no corredor do lado de fora da caserna, seu rosto estava belamente esculpido pelas sombras escuras. A luz bruxuleante do lampião lançava um brilho polido no rosto pálido. Um xale fino de estame cinza cobria-lhe a cabeça e os ombros, a despeito da severidade do clima. Embora parecesse cansada e abatida, havia algo atemporal e belo na sua aparência. Ela parecia ter sido uma garota cigana que pedia dinheiro nas esquinas. Lançou-me um olhar carregado da mais intensa preocupação, seus grandes olhos negros reluzindo com uma determinação inesperada ao contato com os meus.

— Procurador Stiffeniis?

— A senhora deve ser Frau Lampe — comecei. Ela inclinou a cabeça em resposta.

— É melhor sair do frio — disse eu, e a conduzi a um pequeno aposento, geralmente utilizado pelo oficial responsável pela guarda noturna.

— Obrigada, senhor — respondeu ela, com uma ansiedade que me surpreendeu enquanto eu acendia o pavio de uma vela. Imaginei que só houvesse uma razão para a vinda dela: decidira confessar tudo o que sabia sobre o marido e os crimes que ele cometera.

— Eu devia ter vindo antes, senhor — começou ela. — É sobre o meu marido.

Indiquei-lhe uma cadeira e sentei-me atrás da escrivaninha.

— Sei quem é o seu marido — comentei.

Os olhos da mulher arregalaram-se de surpresa. — Sabe, senhor?

— Ouvi seu nome ser mencionado diversas vezes em questões relacionadas ao *Herr* professor Kant.

Frau Lampe baixou os olhos, como se para esconder o rosto. Sua postura ativa pareceu diminuir como uma vela de barco quando o vento cessa de repente. Foi reação de um instante. À menção do nome de Kant, uma alteração se processou nela.

— O senhor conhece o professor Kant, então? — murmurou ela.

— Realmente — concordei. — Tenho o prazer...

— Prazer? — interrompeu ela secamente. — Também o conheço, senhor. Do mesmo modo que um inválido conhece sua deficiência.

Suas palavras eram como uma blasfêmia dita em voz alta na igreja. — É melhor que a senhora me conte o que a trouxe até aqui, Frau Lampe — resmunguei, esforçando-me para controlar os nervos.

— O senhor me considera rude? — replicou ela, enfrentando meu olhar. — O professor Kant pode bem ser seu amigo, senhor, mas meu marido e eu conhecemos o lado mais sombrio de sua personalidade. Não é falta de respeito, e sim fruto de experiências amargas.

Subitamente, senti-me desconfortável na presença daquela mulher. Havia uma determinação calma nas suas maneiras com a qual eu não sabia como lidar nem dirigir.

— Duvido que a senhora tenha vindo unicamente para expressar seu rancor em relação ao professor Kant — continuei apressadamente. — Muito bem, então. O que a traz aqui?

— O professor Kant é a causa de todos os problemas do meu marido, senhor — replicou. — É isso que me traz aqui.

— Se a senhora tem algo a dizer a um magistrado — insisti —, faça-o de uma vez. O fato é que eu preciso falar com seu marido, Frau Lampe. Sabe onde posso encontrá-lo?

Ela ergueu os olhos pretos como carvão, uma expressão desoladora maculando sua bela face. — É exatamente isso, senhor — afirmou ela, e a voz terminou em um soluço.

— Não tenho ideia de onde Martin esteja. Ele desapareceu anteontem à noite. Vim prestar queixa do

desaparecimento e eles me disseram para falar com o senhor. Mas o senhor está investigando crimes — continuou, secando as lágrimas com o xale. — Por que me mandaram falar consigo? Terá acontecido algo a ele?

Algum outro aspecto do caso me escapara? O sargento Koch fora morto na tarde anterior, de modo que o assassino ainda estava à solta. O que aquela mulher acabara de me contar lançava dúvidas sobre minhas suspeitas em relação ao envolvimento do marido na morte de Koch. Ela notara seu desaparecimento quase 24 horas antes da morte de meu assistente. Poderia algo trágico ter acontecido a Lampe, também? Ou ele teria escapado de seu esconderijo somente para cometer outro crime? Ainda havia uma chance de Lampe ser inocente. Mas, então, uma outra ideia me ocorreu e estudei cuidadosamente o rosto da mulher. Possuiria ela habilidade suficiente para interpretar o papel que parecia desempenhar? Estaria ela tentando fornecer um álibi para o marido?

Levantei-me com determinação.

— Preciso fazer uma busca na sua casa, Frau Lampe.

Se ele se escondia com a conivência dela, eu o pegaria desavisado. E, se não fosse assim, teria a oportunidade de vasculhar a casa em busca de provas que pudessem ser usadas contra ele.

Para minha surpresa, Frau Lampe ergueu-se e preparou-se para sair sem um instante de hesitação. — Farei tudo que possa ajudá-lo a encontrar Martin, senhor — disse ela, forçando um sorriso fraco, seguindo-me em silêncio para fora do portão, onde a carruagem da polícia estava parada. Acordei o condutor com uma sacudidela e subimos a bordo.

— Diga a ele aonde ir, Frau Lampe — ordenei, e ela deu ao cocheiro um endereço no vilarejo de Belefest.

— Ver a casa vai ajudá-lo a descobrir onde ele está? — perguntou ela, hesitante, à medida que o veículo ganhava velocidade.

— Vasculhei a casa de cima a baixo. Ele não deixou nenhuma carta e nada desapareceu, senhor.

— É o procedimento normal da polícia, Frau Lampe.

repliquei vagamente. — Pode haver alguma pista que a senhora não tenha notado.

Ela concordou ansiosamente e pareceu aliviada em entregar o assunto nas minhas mãos.

Um sino de igreja bateu as oito da noite. Nessa hora, refleti, olhando através da janela da carruagem, qualquer outra cidade da Prússia estaria completamente acordada, as oficinas, lojas e escritórios abertos para o comércio. Mas, sob os baixos arcos dos pórticos dispostos de ambos os lados da rua estreita, tudo estava fechado e cuidadosamente trancado. Não havia viva alma andando por Königsberg, com exceção dos soldados armados que montavam guarda em cada cruzamento. Na verdade, a cidade estava sitiada. E tudo isso fora obra de Martin Lampe. O exército saqueador de Bonaparte era uma ameaça menos perigosa que o inimigo dentro dos muros da cidade.

Eu tinha que encontrá-lo. Talvez, então, a cidade começasse a viver novamente.

Depois de dois ou três quilômetros, a carruagem começou a diminuir o ritmo, para finalmente parar ao lado de uma fileira triste de pequenos chalés sujos com teto abaulado feito de um antigo sapê cinzento. Estávamos no vilarejo de Belefest, disse a mulher, enquanto eu a ajudava a subir uma alameda lamacenta sem calçamento.

Havia grandes árvores sem folhas de ambos os lados. Na primavera e no verão, quando o verde intenso e as tonalidades mais brilhantes das flores da cerca viva traziam de volta o mundo, a primeira impressão que se tinha do vilarejo devia ser menos melancólica, cinzenta e depressiva.

— O senhor não vai encontrar muitos sinais da presença de Martin na casa. Meu marido e eu vivemos muito pouco tempo juntos. O professor Kant não podia, não aceitava ficar sem ele — comentou ela rispidamente. Seu tom de voz e o significado de suas palavras não deixavam margem a dúvidas. Ela não gostava de Immanuel Kant. Seu nome parecia queimar-lhe a língua como ácido.

A casa era minúscula e se localizava ao final da fileira. Havia um pequeno jardim diante da porta da

frente. Pobre, analisei, mas não miserável. Em seguida, Frau Lampe explicou que ela e o marido ocupavam somente dois aposentos daquele local: foram obrigados a destinar o andar superior inteiro para aluguel. Ela abriu a porta com a chave e chegou até nós um assoberbante cheiro de repolho cozido. Ela trouxe um lampião, acendeu a mecha — naquela sala, nunca era dia — e logo a moradia humilde estava minimamente iluminada para que eu pudesse enxergar.

— Posso olhar ao redor? — indaguei, olhando rapidamente à minha volta, contemplando o parco mobiliário. Frau Lampe me observou revistar a casa, abrir armários e gavetas, apalpar debaixo de cada almofada ou colcha, desculpar-me quando desfiz a cama e examinei o colchão de palha para verificar se algo fora escondido embaixo ou dentro dele. Não achei nada de mais excepcional na casa do que poucas canecas lascadas e pratos fora de conjunto, as roupas sujas que eles usavam para trabalhar no jardim, fragmentos antigos da glória passada de Martin Lampe no exército, que consistiam em um par de dragonas de cabo e a parte de cima do uniforme desbotado e comido por traças. Dentro de um baú, roupa de cama e mesa desbotada, trapos ordinários, uma antiga coberta de cavalo que Lampe trouxera da Bielorrússia, juntamente com um par de lençóis sobressalentes amarelados e alguns ornamentos também opacos que Frau Lampe usara quando era mais jovem e experimentava dias melhores.

— Tínhamos muito, muito mais — murmurou ela —, mas o prestamista levou tudo. Meu primeiro marido, Albrecht Kolber, era sacristão. Vivíamos bem de vida, mas ele morreu vitimado por uma disenteria de cólera. — A viúva Kolber casara-se com Martin Lampe nove anos depois de seu afastamento honroso do exército prussiano, quando servira na Polônia e na Rússia Ocidental sob o comando do rei Frederico, o Grande. Sem nenhum outro ofício, Martin Lampe começou a trabalhar como criado na casa de Immanuel Kant.

— Martin queria se casar comigo e eu precisava de um marido — explicou ela com simplicidade. — Tivemos que nos casar em segredo, obviamente. O professor Kant só queria um homem solteiro como criado.

Limpei o pó das mãos e me volvei para ela. A revista não acrescentara nada ao que a própria Frau Lampe me contara enquanto eu vasculhava nos escombros materiais da sua vida. Primeiro, do seu curto, mas feliz casamento com Kolber, depois, sua viuvez empobrecida e, finalmente, o novo sopro de vida conjugal que encontrara com Martin Lampe.

Ela observou quando parei o que estava fazendo e olhei ao redor, desesperançado. Algum detalhe escapara à minha observação? Estariam os segredos de Martin Lampe trancados em seu cérebro e em mais lugar algum?

— Eu o avisei antes, *Herr* procurador — disse ela, gentilmente —, que não encontraria nenhum sinal da presença dele. Não vai achar nada que valha mais que um tostão furado. Nada que valha uma memória.

— A senhora tem um esconderijo para dinheiro, documento, objetos de valor?

Ela negou pesarosamente com a cabeça. — Tudo o que possuo, carrego no corpo, senhor. O senhor está procurando no lugar errado. Se quiser saber o que se passa na mente de Martin, só existe um local que lhe pode fornecer uma pista.

— E onde é esse lugar?

Um ar de preocupação enevoou o semblante da mulher, mas se dissipou em um instante. — O senhor afirmou ser amigo íntimo do professor Kant. Por que não perguntar a ele onde Martin está? Eu mesma perguntaria, mas não posso...

Endireitei-me. — O que a faz pensar que Kant saberia?

— Martin vai com frequência à casa dele — replicou ela sem hesitação. — Está ajudando Kant a escrever um livro.

— Ele está... o quê? — balbuciei.

— Não que ele ganhe um centavo por isso — explicou ela, ressentida. — Não sei precisamente o que

ele faz. Chega em casa tão cansado que não tem disposição para trabalhar no jardim.

— Depois que seu marido foi demitido do serviço — interpus —, ele foi terminantemente proibido de entrar novamente naquela casa. Os amigos do professor Kant vigiam de perto para impedir a comunicação entre eles.

Frau Lampe deu uma risada estridente. — Mesmo os amigos mais devotos têm de dormir, senhor. Martin vai lá depois de escurecer. Eu o avisei, mas ele não me escuta.

A floresta é perigosa à noite. — Ela franziu o cenho e a voz tornou-se tensa de repente. — O senhor não tem ideia do que era a vida do meu Martin naquela casa, tem?

Ele serviu como um escravo o homem mais famoso da Prússia. Se o senhor soubesse a verdade, não o invejaria.

— Seu marido foi muito afortunado — afirmei severamente — em ter servido à mente mais nobre que a Prússia já conheceu.

Um véu pareceu desabar sobre seu rosto. — Eu poderia lhe contar coisas que os melhores amigos de Kant não sabem — replicou ela em voz baixa.

— Prossiga — falei, revestindo-me com uma couraça de aço para ouvir as fofocas que um empregado dispensado e sua esposa revoltada reservavam para o antigo patrão.

— Todos em Königsberg, e em todos os lugares, pelo que sei, já ouviram falar do professor Kant. Seu modo preciso de pensar, a regularidade de seus hábitos, a ética rígida da sua conduta, a impecável elegância em se vestir. Nenhum fio de cabelo desalinhado, nenhuma palavra fora de lugar, nenhuma mancha na reputação. Um relógio ambulante, é como o chamam nesta cidade. Uma verdadeira engrenagem, diria eu. Nada ocorre por acaso na vida dele. Nenhum acidente o atinge. O senhor já parou para pensar como isso afeta as pessoas a seu serviço? Martin não tinha liberdade, não tinha vida. A cada instante do dia, desde o momento em que o despertava pela manhã, até o segundo em que o colocava na cama e apagava a vela, meu marido estava a seu lado, e nunca com um único pensamento próprio na cabeça, só os que o patrão lhe incutia. Servindo aquele homem como um escravo.

Ela estacou, a expressão do rosto alterada. Algum pensamento de revolta pareceu cruzar-lhe a mente e ondular os sulcos da sua testa como o vento sobre água parada.

— Meu marido estava obcecado com a necessidade de ajudar o professor Kant. Quando *Herr* Jachmann demitiu-o, percebi que algo estava errado. Ele culpava Martin...

— Não era uma questão de culpa — interrompi. — *Herr* Jachmann decidiu que era necessária uma pessoa mais jovem.

— Talvez — replicou ela, dando de ombros. Um movimento nervoso das mãos e um brilho cintilante dos olhos sugeriam um medo que eu não conseguia definir. — Martin tinha uma tarefa especial naquela casa. Algo que só ele podia fazer — acrescentou ela, a voz diminuindo até um suspiro quase inaudível.

— Uma tarefa especial? — repeti. Perguntei-me se ela, desesperada pelo desaparecimento do marido, começara a devanear.

— "Sou a água do poço de Kant", Martin certa vez me disse.

— E o que a senhora acha que ele queria dizer com isso? Os olhos de Frau Lampe faiscaram de encontro aos meus.

— Ora, o livro que o professor Kant estava escrevendo! — exclamou. — Martin me contou que ele ajudava o patrão a dar os últimos retoques em sua obra final. A mão de Kant não estava mais tão firme quanto no passado, a visão era pobre, ele precisava de um secretário para escrever para ele.

— Kant ditava o texto para seu marido? — retruquei rapidamente, incrédulo. — É isso o que a senhora está insinuando?

Frau Lampe fechou os olhos e assentiu com a cabeça. — Noite após noite após noite. Em geral, já amanhecia quando ele voltava para casa. Martin não é mais um jovem, mas era sempre tão dedicado. Estava tão orgulhoso do que faziam juntos. Ajudar o professor Kant a reescrever sua filosofia. Foi isso o

que ele disse.

— Quando tudo isso começou?

Frau Lampe fez uma careta esforçando-se para recordar. Uma fenda dividiu suas sobrancelhas. — Mais de um ano atrás, senhor. Martin foi arrancado da cama mais de uma vez por aquele ogro. Voltava para casa quando podia, mas algumas noites nem retornava. E, quando o fazia, não era o mesmo homem. Sentava-se junto àquela janela ali, olhando para fora como uma alma desesperada. Não me dirigia uma única palavra.

Contemplei a janela enegrecida e tentei imaginar no que Martin Lampe estivera pensando. Teria o demônio assassino em sua alma se elevado para a superfície enquanto sua esposa o observava impotente?

— Ele lhe contou sobre o que versava esse trabalho?

— Ele disse que eu não entenderia. Ele e o patrão estavam explorando uma nova dimensão. Foi isso o que ele disse, senhor. Uma nova dimensão.

Martin e o professor Kant, notei. Não o professor Kant e Martin. Seria esse o modo como ela interpretava as palavras de Lampe ou teria ele exposto a situação para a esposa nesses termos?

— Seu marido alguma vez estudou filosofia? — indaguei.

— Oh, não, senhor. Mas ele aprendeu muito com o patrão. Martin estava sempre comentando sobre os novos filósofos que criticavam Kant. Dizia que seriam forçados a engolir as próprias palavras quando o livro fosse publicado.

Ali estava de novo. O testamento final de Immanuel Kant. A obra que ninguém vira. Ninguém, exceto Martin Lampe...

— Aquele livro transformou Martin em um homem diferente — continuou ela. — Chegava a me amedrontar muito, algumas vezes. Estava obcecado, alucinado e tudo por culpa de Kant.

— Seu marido estava somente realizando seu trabalho — comentei vagamente —, por mais desagradável que fosse.

— Desagradável? — sibilou ela. — Era pior que isso. Kant levou Martin à beira de um assassinato.

— Realmente? — retruquei com frieza, como se o que ela acabara de me contar fosse um argumento razoável e não uma calúnia obscena.

— Martin me contou isso. Um dia, um jovem cavalheiro veio visitar Kant. Quando Martin serviu-lhes o chá, ele disse que estavam agradavelmente entretidos em uma discussão de filosofia...

O relacionamento de amizade que Jachmann mencionara antes voltou-me à mente. — O nome do visitante era Gottlieb Fichte?

Frau Lampe sacudiu a cabeça, negando. — Não tenho ideia, senhor. Depois que eles terminaram de conversar, o professor Kant acompanhou o visitante até a porta para se despedir. — Ela me fitou, um sorriso fixo na face.

— O que aconteceu? — indaguei.

— Kant mandou meu marido correr atrás daquele jovem e matá-lo com uma faca.

Aqui estava o reverso da moeda de *Herr* Jachmann. Não um Martin Lampe enlouquecido, mas sim um Immanuel Kant demente e assassino.

— Seu marido obedeceu?

— Claro que sim, senhor. Era seu dever. Mas o jovem filósofo escapou antes que Martin pudesse alcançá-lo.

— Seu marido teria obedecido Kant até as últimas consequências?

Ela juntou as mãos como em oração. — Implorei a ele para não lhe dar ouvidos — sussurrou ela com um gemido. — Kant está senil, disse eu. Perdeu o juízo. Para lhe confessar a verdade, senhor, fiquei feliz quando *Herr* Jachmann o demitiu. Pensei que ele estivesse fora de perigo. Mas nada efetivamente mudou. O professor Kant enviou uma mensagem secreta, chamando-o à casa, mandando-o ir encoberto pela escuridão da noite.

— Frau Lampe — disse eu, mudando de assunto, apontando para um tecido de linho bordado que cobria o espaldar de uma cadeira. — A senhora borda?

Ela ergueu os olhos, perplexa, em seguida assentiu.

— Onde compra os suprimentos?

A mulher me olhou como se eu tivesse enlouquecido.

— Em uma loja? De um caixeiro-viajante, talvez? — arrisquei.

— Há duas lojas que frequento — respondeu ela, hesitante.

— Já ouviu falar de um homem chamado Roland Lutbatz?

— Sim, senhor.

— Comprou algo dele recentemente?

— Não o conheço pessoalmente, senhor — replicou ela. — Ele fornece mercadorias para um comerciante de Reutlingen. Já o vi lá em uma ou duas ocasiões. — Ela parou e franziu o cenho. — O que *Herr* Lutbatz tem a ver com o desaparecimento do meu marido?

— Ele diz ter tido um contato recente com seu marido — respondi. — Martin estava interessado em comprar agulhas para trabalhos de tapeçaria.

— Trabalhos de tapeçaria? — repetiu ela, como se não tivesse compreendido.

— Pedi a seu marido para comprá-las para a senhora? Ela não respondeu. Estava assustada demais para responder, avaliando o quanto o marido iria ganhar ou perder com o que ela revelasse. Eu sabia como queria que ela respondesse. Eu o desejava com toda a força de vontade que o Dr. Mesmer¹ menciona quando discorre sobre transmissão de pensamento. Queria que ela confessasse que o marido realmente comprara aquelas agulhas para ela e para nenhum outro propósito que não fosse seu trabalho de bordado. Orei do fundo do meu coração para que a certeza de que identificara o assassino se estilhaçasse. Queria que Lampe fosse inocente. Se a influência involuntária de Kant o levara a matar, ninguém seguraria o escândalo.

— Não pedi a meu marido para comprar nada de *Herr* Lutbatz — respondeu, por fim. — Ele pode ter desejado me oferecer um presente de surpresa. De vez em quando ele faz isso. — Estudou-me cuidadosamente o rosto. — Isso o ajudará a entender o que aconteceu com ele, senhor?

— A senhora me ajudou enormemente, Frau Lampe — falei, erguendo-me e me preparando para sair, cada vez mais convencido da culpa do marido. — Por favor, entre em contato comigo caso se lembre de mais alguma informação. Com seu auxílio, a polícia vai encontrá-lo em breve, tenho certeza.

— Há algo mais, senhor — disse ela, detendo-me no degrau da porta. — Eu deveria ter mencionado antes, mas tinha a esperança de que não fosse necessário.

— Do que é que a senhora está falando, Frau Lampe?

— Vou mostrar ao senhor.

Ela dirigiu-se rapidamente para o jardim nos fundos, caminhando pesadamente por entre a neve profunda e espessa para o canto mais distante do cercado. Era uma pequena horta na qual Frau Lampe e o marido conseguiram cultivar uma macieira e algumas fileiras de verduras e legumes, as plantas agora congeladas, enegrecidas e secas com a geada. Uma floresta densa, escura e selvagem estendia-se colina acima atrás da casa. Havia algo de vago e ameaçador no lugar. Filetes de névoa se agarravam aos galhos nus e aos troncos úmidos. Sincelos pingando pendiam das árvores como estalactites nas sombrias cavernas de Bad Merrenheim.²

— O senhor vê essas marcas? — indagou ela, inclinando-se para o chão e indicando pegadas na neve congelada.

Ajoelhei-me para examiná-las. Eram pouco mais que pegadas deixadas por alguém com pressa calçando sapatos impróprios para o clima e o solo.

— Nevava na noite em que Martin desapareceu. Vi esses rastros na manhã seguinte, quando fui ao alpendre lá longe para pegar algumas ervas secas. Não nevou mais desde então.

— Por que ele viria por aqui? — indaguei.

— É um atalho para o professor... para a cidade — corrigiu-se.

Deixando-a na borda do jardim, adentrei no bosque, seguindo as pegadas até encontrar uma ameixeira. Guardada na neve, congelada como em um relicário, estava a primeira pegada, claramente delineada. Contemplei-a pelo que me pareceu uma eternidade de tempo.

— A senhora tem certeza de que estas pegadas foram deixadas pelo seu marido? — gritei para ela atrás.

Cortei eu mesma o solado dos sapatos de Martin. O couro estava gasto. Não queria que ele caísse e se machucasse.

Eu vira distintamente essa cruz feita por Frau Lampe três vezes antes. No desenho do oficial Lublinsky na cena do primeiro crime. Na tarde anterior, no jardim do professor Kant. E na noite passada, junto ao corpo sem vida de Amadeus Koch na Sturtenstrasse.

¹ Franz Anton Mesmer. Médico austríaco (1734 1815) que elaborou uma teoria, o mesmerismo, segundo a qual as doenças são resultado de um desequilíbrio do magnetismo animal do paciente e poderiam ser curadas por meio de ímãs ou hipnose. Rejeitada na época, influenciou um século mais tarde o trabalho de Charcot e Freud. (N. T.)

² Estação de águas minerais. (N. T.)

Depois de deixar Belefest, voltei para meu escritório muito perturbado.

Sabia exatamente o que fazer. O assassino agora tinha um nome. Martin Lampe deveria ser caçado e impedido de voltar a atacar. No entanto, havia algo mais que eu devia fazer, algo, porém, que magistrado algum deveria jamais fazer. Decidi omitir a identidade do criminoso. O professor Kant nunca deveria saber quem fora ele ou quão perto estivera. Se o assassino pudesse ser detido, se eu conseguisse encobrir seu rastro, conduziria a investigação para longe dele até que a situação se acalmasse. Se mais alguém voltasse a mencionar o nome de Martin Lampe, seria somente para lembrar-se dele como o criado do professor Kant. Qualquer outra coisa seria uma blasfêmia.

Apoiei os cotovelos na mesa e escondi a cabeça entre as mãos. Sentia como se o cérebro pudesse irromper do meu crânio latejante. A primeira providência a tomar seria atraí-lo para minha teia. Ele matara o sargento Koch, mas o verdadeiro alvo era eu. Lampe estava determinado a me exterminar e não sossegaria até ter eliminado o perigo. Poderia eu me oferecer como isca para induzi-lo a sair de seu esconderijo?

Subitamente, um novo curso de ação se descortinou diante de mim, algo que me faria transgredir, definitivamente, os limites da lei.

Lampe sumira. Sua esposa o acreditava morto. Viera à fortaleza prestar queixa do seu desaparecimento. Poderia eu virar a situação em meu benefício? Tudo o que eu tinha que fazer era chamar Stadtschen, informá-lo de que o homem não fora encontrado em lugar algum, fornecer uma descrição detalhada e sugerir a hipótese de Lampe ter sido assassinado. Uma busca se iniciaria. Se ele fosse encontrado com vida, seria trazido a mim para interrogatório. Então, eu o teria onde sempre quisera.

Servi-me de um cálice de vinho e tomei-o em um único gole. À medida que o líquido percorria seu caminho ácido até o estômago, percebi com um tremor o que ocorreria quando o tivesse sob custódia. Uma energia terrível começou a correr-me nas veias. Meus pensamentos foram varridos, invadidos, rendidos pela lembrança de uma manhã fria e cinzenta dez anos atrás. O cheiro intoxicante de sangue enquanto a lâmina ceifava com facilidade o pescoço do rei da França. Levei os punhos aos olhos, na tentativa de afastar aquela imagem da memória.

Eu mataria Martin Lampe.

Sentei-me quieto por um bom tempo, tentando retomar o controle sobre mim mesmo, lutando para recordar quem eu era, entender no que me transformara — e no que estava prestes a me tornar. Eu não poderia arriscar um julgamento público. A manipulação da justiça não era um assunto simples. Se Lampe e eu ficássemos frente a frente em um tribunal, eu teria que provar integralmente sua culpa. Um magistrado é encarregado não somente de condenar o culpado, como também de demonstrar o que levou o cidadão a cometer esse erro. Muito poderia ser dito no tribunal em um debate acerca da influência do professor Kant sobre o criado. Mas se eu desse ordens de mantê-lo sob minha responsabilidade para sua própria segurança, quem questionaria meus motivos? Se algo lhe acontecesse enquanto estava sob meus cuidados, alguém ousaria me acusar?

Pouco tempo depois, uma batida soou na porta e um soldado entrou carregando missivas. — Peço perdão, senhor — desculpou-se ele, colocando-as sobre a minha escrivaninha.

— O oficial Stadtschen enviou-lhe isto.

Olhei as duas cartas, esperando a porta se fechar. A maior, um envelope branco com um imponente lacre vermelho, provocou-me um nó na garganta ao abri-lo. Era uma daquelas missivas que todos os

prussianos na administração civil temiam receber, um secretário anônimo informando que eu deveria fornecer uma prestação de contas do meu trabalho. Um relatório sobre a investigação até o presente momento deveria ser submetido à apreciação de Sua Majestade, o rei Frederico Guilherme na manhã seguinte.

Deixei o papel tombar sobre a mesa.

O que eu deveria fazer? Ignorar um imperativo real? Postergar a tarefa até estar em melhores condições de revelar ao rei o que eu queria que ele soubesse sobre a situação em Königsberg? Peguei novamente a carta, li-a mais uma vez, deixei-a cair de novo sobre a mesa, voltando minha atenção para a segunda missiva, que parecia menos intimidadora. Essa mensagem não trazia nenhum selo Hohenzollern. Era uma única folha de papel cinzento, dobrado em quatro e fechado com um barbante em volta.

Mas, ao ler o que Stadtschen escrevera, meu coração disparou.

... uma pilha de ossos. Farrapos de roupas sugeriam que a vítima era do sexo masculino. Ele foi perseguido no bosque, conforme revelavam traços e manchas de sangue na neve, e destroçado enquanto tentava fugir. Pegadas de patas indicavam pelo menos doze animais no bando. As feras estavam desesperadas de fome...

Outro corpo fora encontrado. Por que eu não fora informado imediatamente?

Minha concepção dos assassinatos que Martin Lampe cometera era muito bem definida, precisa em cada detalhe. Quem quer que fosse esse novo indivíduo, não fora morto pelas mãos de Lampe. Mas isso não diminuía minha impaciência com a interferência intrusiva de Stadtschen. Com a morte de Koch, ele divisara uma oportunidade para sua própria ascensão profissional. Tomara para si a responsabilidade de mandar os soldados recolherem os ossos em um saco e transportá-los para a fortaleza. "Os restos serão mantidos por um dia para o caso de alguém reclamar o corpo", registrou ele intrusivamente. "Caso contrário, um enterro em vala comum será providenciado."

Um gemido de raivosa exasperação escapou-me dos lábios.

Acreditaria ele que eu elogiaria sua inteligência ao general Katowice? Acalentaria ele a esperança de ter o nome mencionado no meu relatório para o rei? Continuei a leitura, minha contrariedade convertendo-se em um ódio ardente ao me aproximar do final.

"Embora fora das muralhas da cidade, o local onde o corpo foi encontrado ainda está sob a jurisdição do *Herr* procurador", Stadtschen continuava, "sendo o local um sítio de caça abandonado da antiga herdade feudal de..."

Saltei da cadeira, escancarei a porta e berrei o nome de Stadtschen com toda a força e raiva dos meus pulmões.

O grito ribombou no corredor vazio. Passos retumbaram em seguida e o eco do meu grito foi seguido por outras vozes, todas chamando o nome de Stadtschen.

O homem chegou a galope um minuto depois, a peruca escorregando em uma das laterais da cabeça, o botão mais alto do uniforme aberto, como se minha convocação para o dever o tivesse flagrado desprevenido. A face suada parecia ter sido limpa com um pedaço de banha e senti certo prazer no seu embaraço.

— Senhor? — disse ele, respirando sufocadamente, depois do esforço físico.

— Onde está, Stadtschen? Onde está o corpo?

Ele me fitou, o rosto alternando uma variedade de expressões: surpresa, choque, medo, ansiosa submissão à minha autoridade.

— Corpo, senhor?

— O homem no bosque perto de Beleafest — explodi, sacudindo a carta no rosto dele. — Quem lhe deu permissão para se intrometer nesse caso? Você não sabe o que está acontecendo em Königsberg, Stadtschen? Há um assassino à solta. A única forma de pegá-lo é checar cada cena de crime em busca de pistas. Mas você decidiu remover o corpo! Suponho que seus homens pisotearam o local como uma

manada de vacas.

— Procurador Stiffeniis — interrompeu ele, a voz tremendo —, não havia razão para acreditar que ele fora morto por outro homem. — Apontou a missiva na minha mão.

— Reportei esse aspecto na mensagem, senhor. Perto do final. "Destroçado por animais selvagens." Mais provavelmente lobos. Eles o rasgaram...

— O que o faz pensar que lobos o mataram? — gritei. — O assassino poderia ter perseguido esse homem pelo bosque. A vítima poderia estar morta antes de os animais o encontrarem.

Sua mente obtusa nem chegara a considerar essa possibilidade.

— Mas, senhor! — protestou ele, novamente. — O assassino sempre ataca dentro das muralhas da cidade. Por isso pensei...

— Pensou?

Imitei-o zombeteiramente, mas seu raciocínio desesperado lançou-me uma faísca de esperança no coração. Ele estava certo. Martin Lampe nunca matara fora da cidade.

Ainda assim, ele vivia em Beleafest. Estaria ele se escondendo em algum lugar perto de casa ou no bosque de trás? Eu vira suas pegadas na neve no caminho que conduzia do vilarejo para Königsberg menos de uma hora atrás. A esposa as reconhecera para mim. Teria Lampe matado mais alguém no caminho de casa para a cidade? Ou teria ele mesmo sido destroçado depois de atacar o sargento Koch?

— O corpo ainda está na fortaleza?

— Está sim, senhor — o oficial Stadtschen pareceu crescer diante de mim enquanto respondia. Diferentemente das anteriores, essa pergunta não fora movida por raiva, nem contaminada por acusações. Seu peito enorme se alargou, as costas se endireitaram, o rosto rechonchudo relaxou mais uma vez, recuperando seu antigo ar de arrogante superioridade. — Podemos ir até lá agora, senhor. Quer dizer, se for da sua vontade, *Herr Stiffeniis* — acrescentou com cautela.

— Vamos — ordenei.

No andar térreo, não muito longe do portão principal, Stadtschen retirou uma tocha acesa da parede e entregou-a a mim. Pegou outra para si, abriu uma estreita porta abobadada e começamos a descer a escada em caracol que levava às masmorras e ao labirinto de corredores nos subterrâneos da fortaleza. Eu estivera ali na companhia do sargento Koch na noite da minha chegada a Königsberg. Naquela ocasião, encontráramos um necromante e ouvimos sua animada conversa com o corpo sem vida do homem assassinado.

Dessa vez, minha intenção era que a inspeção do corpo fosse estritamente factual.

Quando chegamos ao fim, dobramos à direita e entramos em um túnel estreito que, algum dia em um passado remoto, fora escavado na pedra sólida. As paredes rústicas estavam escorregadias, cobertas com um musgo úmido verde-escuro. Montes de cadeiras quebradas, mesas, camas e colchões malcheirosos estavam ali abandonados, expostos ao bolor e à deterioração. Pilhas de antigas couraças gravadas com o símbolo da águia de duas cabeças jaziam esquecidas e enferrujadas. Bacamartes antiquados enfileiravam-se ao longo das paredes como flores fossilizadas. Cada objeto parecia ter a intenção maligna de nos fazer tropeçar, ao bloquear a passagem, ou desabar sobre nós, enterrando-nos vivos. A luz bruxuleante da tocha nos salvava dos perigos, mas as chamas pouco podiam fazer contra o frio.

Stadtschen falou com total seriedade: — Estamos nas entranhas impenetráveis da Terra, senhor. Muito antes de Königsberg existir, antes de os homens construírem casas, era aqui que costumavam habitar.

Era difícil imaginar qualquer ser humano sobrevivendo ali por muito tempo. O frio penetrante parecia atravessar a pele e infiltrar-se nos ossos. A pesada roupa de lã que me mantivera aquecido — apesar da névoa gelada e do vento glacial que assolavam Königsberg desde minha chegada — pouco adiantava naquela terrível caverna.

A calefação era tão pouca que eu parecia estar nu. Não sou avesso ao clima frio. Uma revigorante

manhã de inverno, com geada fresca na grama, um sol brilhante e ar puro é uma das maravilhas da natureza, mas a friagem desoladora das profundezas da terra produz um efeito desagradável no meu estado de ânimo. Quando criança, ficava aterrorizado pelo odor de umidade e decomposição orgânica. A cada ano, no aniversário de morte do meu avô, meu pai destrancava a porta e conduzia a família e os empregados até a cripta subterrânea para rezar pela alma dos nossos ancestrais. Conheci, desde muito pequeno, o odor do túmulo.

Na verdade, eu me perguntava com frequência, boquiaberto de terror, se a alma dos meus antepassados estaria condenada a aspirar aquele fedor rançoso por toda a Eternidade.

Com um volteio sussurrante da tocha, o oficial Stadtschen virou-se para mim.

— Chegamos, senhor — disse ele, apontando uma pesada porta de ferro. Parecia ter recuperado a coragem. Talvez acalentasse a esperança de que a evidência visual de seu bom trabalho me convenceria a rever minha opinião sobre ele. — Por mais frio que esteja, *Herr* procurador, um cadáver não vai durar muito tempo aqui. É a umidade que faz isso. Começa a putrefação, depois vêm os ratos...

— Posso imaginar! — atalhei, rispidamente. Não precisava de um catálogo de horrores para piorar meu desconforto.

— Só quis dizer, senhor, que os corpos são mantidos na câmara mortuária o mínimo tempo possível. A maioria deles foi exposta lá fora a todos os tipos de horríveis sit...

— Há quanto tempo esse cadáver está aqui? — perguntei enfaticamente, reprimindo seu evidente prazer nos mecanismos da decomposição do corpo humano.

— Mal se pode chamar de um cadáver...

— Há quanto tempo? — insisti.

— Quatro horas, senhor — respondeu ele. — Estão espalhando cartazes por toda a cidade. Eu mesmo dei ordem. — Ele parou, inseguro sobre a minha reação. — O senhor quer que suspenda a colocação dos avisos?

— Deixe como está — repliquei. — Alguém pode trazer notícias do homem.

— Tentei lhe informar o que estava acontecendo, senhor — prosseguiu ele. — Mas, quando bati à sua porta, ninguém respondeu. Disseram-me na caserna que o senhor deixara a fortaleza na companhia de uma dama. Escrevi aquela mensagem antes de ir dormir e pedi a eles que a entregassem no minuto em que o senhor retornasse. Eu estivera em serviço a noite inteira, senhor.

Eu o escutava, mas não lhe dava atenção. Fazia contas. Se o corpo chegara à câmara mortuária havia quatro horas, ele provavelmente fora encontrado duas, três ou até mesmo quatro horas antes. Ou seja, o homem morreria no mínimo há oito, dez ou até mais horas. Olhei para o relógio e vi que eram nove e vinte. Meia-noite, portanto, era o horário provável do óbito, embora também fosse possível que tivesse ocorrido algumas horas antes. O exame físico me forneceria uma ideia melhor do estado de conservação e rigidez do cadáver, mas o período de tempo sugeria que aquele pudesse ser o corpo de Martin Lampe. Nesse caso, imaginei, algumas horas depois de matar o sargento Koch, ele fora despedaçado pelos lobos ao voltar para casa pelo atalho da floresta. É claro que ele poderia ter morrido a qualquer hora depois das três da tarde do dia anterior (hora na qual o corpo de Koch fora encontrado na Sturtenstrasse), mas se, como eu acreditava, a meia-noite se revelasse o horário mais provável, onde ele se refugiara? O que fizera durante esse intervalo?

Mas então, raciocinei, se esse corpo não era de Lampe, e sim de outra de suas vítimas — ou seja, depois de matar o sargento Koch, ele escolhera atacar mais alguém no seu caminho para Belefest —, então eu estaria em sérias complicações. Teria Lampe abandonado seu *modus operandi* e arma favorita e se rendido a exterminações fortuitas?

Dois assassinatos em um só dia. Sua fúria homicida estaria crescendo? Seria sua ânsia por sangue que o impelia a matar com maior frequência?

Quando Stadtschen puxou a lingueta enferrujada da câmara mortuária, a porta de ferro arranhou

ruidosamente o pavimento rústico de pedra, sufocando as palavras de invocação que me escaparam dos lábios. Supliquei a Deus para que o corpo de Martin Lampe estivesse esperando por mim. A certeza absoluta de sua morte poria fim ao terror que tomara conta de Königsberg e afastaria a obsessão homicida que se apoderara da minha mente.

— Cubra a boca, senhor — Stadtschen aconselhou, bloqueando a passagem e me impedindo de avançar. — Um de nossos companheiros morreu de cólera esta manhã. Vomitando as tripas quando não estava ocupado na latrina. Dia e noite por quase uma semana. Que modo de morrer!

Stadtschen cobriu a boca e o nariz com a mão, enquanto eu virava a cabeça para o lado e usava a gola do paletó com o mesmo propósito. O cheiro ao entrarmos na sala era abominável e adocicado. As paredes eram pintadas de cal e delas a luz tremulante das tochas ricocheteava com um brilho ofuscante. O aposento estava vazio e quase sem mobiliário, exceto por uma grande banheira encostada na parede oposta. Fui até ela, vi o conteúdo e desviei o olhar. O cadáver de um homem nu fora deitado de costas, os olhos saltados, o peito amplo encovado, a pele enrugada e amarelada, o estômago inchado até quase rebentar. Embora eu lutasse para afastar esse pensamento, percebi que não faltaria muito para que os gases nauseabundos irrompessem para fora do corpo.

Esforcei-me para concentrar a atenção na tarefa a ser realizada. Não contava com o professor Kant para me ajudar ou guiar, como quando me levava a visitar sua *Wunderkammer* pela primeira vez, mostrando, orgulhoso, a cabeça decepada das vítimas imersas em vinho destilado.

— Ali, senhor — Stadtschen disse, acenando com a tocha na direção do canto oposto.

O homem encontrado no bosque fora depositado em uma esteira de juta muito áspera. Stadtschen tinha razão, admiti. "Cadáver" não era a palavra correta. Senti uma onda crescente de náusea subir pela garganta, e escutei Stadtschen pigarrear e cuspir atrás de mim.

— Espero que ele já estivesse morto quando o devoraram — murmurei, enquanto fixava a tocha em uma argola na parede.

Determinado a proceder como o professor Kant me ensinara, ajoelhei-me para observar atentamente o que restara do corpo. Identifiquei costelas e ossos, fragmentos da coluna vertebral quebrada em pelo menos três pontos, resíduos de braços e pernas, tudo com uma coloração laranja-claro ou marrom-escuro onde os músculos e a carne foram destroçados. Pedacos de tendão transparentes, resíduos de cartilagem e cartilagem elástica ainda permaneciam grudados às articulações, embora quase não restasse nenhum vestígio de pele. Era impossível precisar o estado de rigor mortis. Portanto, não havia como calcular a hora provável da morte.

— Jesus, eles estavam famintos, senhor!

As palavras de Stadtschen eram rudes e cruas, mas tive que admitir que a observação era bem adequada. Vasculhando nos bolsos, retirei a comprida chave da porta do meu escritório. Com alguma dificuldade, usei-a para virar o crânio brilhante na minha direção. Naquele instante, o verdadeiro significado do *memento mori*¹ com os quais nos agrada tanto decorar as igrejas prussianas revelou-se a mim com uma força que eu nunca sentira antes. Realmente, demorei um instante para reunir coragem para olhar com mais cuidado para o esqueleto do rosto e para a mandíbula inferior separada. Não havia mais pele e as orelhas e a carne das bochechas e do queixo haviam sido devoradas. Na coroa da cabeça, um chumaço de cabelo não fora arrancado do couro cabeludo no frenesi do ataque. Apesar de os fios estarem inteiramente manchados de sangue, as pontas permaneciam limpas. E eram grisalhas. Um homem de certa idade, decidi, ou alguém que envelhecera prematuramente. Poderiam os cabelos ter se tornado brancos no momento do ataque? Afastei essa ideia inverossímil, meus pensamentos voltando-se instintivamente para Martin Lampe, o criado de Kant, o assistente que transcrevera o trabalho do patrão durante a noite, o serviçal que eu nunca encontrara. Lampe tinha mais de setenta anos. Seu cabelo bem podia ser grisalho.

— Eles começaram com as partes mais suculentas, senhor.

Bochechas e lábios, músculos e gordura, a carne dos braços e pernas e o que mais estivesse grudado

àquela coisa ali.

Stadtschen permanecia próximo às minhas costas, inclinado para a frente, espreitando avidamente por sobre meu ombro. Eu teria preferido que ele se mantivesse mais afastado e me deixasse conduzir o trabalho em paz, mas seu dedo esticou-se para a frente e tocou o crânio, que pendeu e rolou para o lado e acabou numa posição que lembrava uma tigela de sopa, produzindo mais uma contorção nos tubos da traqueia e do esôfago, que, de alguma forma, sobreviveram à investida violenta.

— Eles lhe arrancaram a cabeça, senhor. Para mim é muito simples; este caso não tem relação com o cadáver daquele seu companheiro que foi morto com uma perfuração letal ontem à tarde.

Detive-me por um momento, lembrando-me de Amadeus Koch, cujo corpo estava a salvo, abrigado na capela da fortaleza. Pelo menos, refleti morosamente, sua morte fora mais abrupta e eu o poupara do horror da câmara mortuária.

— Perdoe-me, senhor. Os senhores eram próximos, eu sei. Uma vez mais, tentei ignorar essa baboseira afetada enquanto vasculhava entre os destroços daquele corpo em busca de alguma pista que identificasse o homem desconhecido. A estrutura das costelas, pélvis, coxas e uma série de ossos entrelaçados formavam uma massa sanguinolenta medonha, que era tudo o que restava dos órgãos internos. Os ossos maiores traziam incisões profundas feitas por dentes afiados, ou colmilhos, como supus ser a denominação mais correta. Depois de ter agarrado a presa, as feras evidentemente o arrastaram para o chão pelos braços e pernas. Em seguida, começaram o trabalho. Farrapos da roupa estavam inextricavelmente emaranhados na confusão dos restos e não fiz nenhum esforço para separá-los. De que adiantaria? Qualquer que fosse sua cor antiga, estavam irremediavelmente sujos e manchados pelo sangue e pelos coágulos que se formaram.

— Nenhuma roupa para nos ajudar. Nem sapatos — falei.

— Aposto que eles os devoraram também, senhor — Stadtschen respondeu, totalmente desinformado da importância que a descoberta daqueles sapatos com riscas nítidas no solado poderia aportar. — Um lobo faminto janta qualquer coisa, senhor. Tem a digestão de um granadeiro francês.

Ouvi dizer que eles comem os filhotes. Os lobos, quero dizer.

Inclinei-me mais, tanto para escapar de Stadtschen como para ter uma melhor visão do crânio. Os dentes superiores estavam irregularmente enfileirados, com as pontas quebradas, muito desgastados pela idade e pelo uso, como se o falecido mastigasse por muito tempo e com bastante força antes de engolir a carne. Observei com mais cuidado a cavidade oral, pedindo a Stadtschen para baixar a tocha que ele carregava. A língua fora arrancada durante o ataque, o sangue emplastara as gengivas e todo o resto, com exceção de uma faixa branca de osso ou cartilagem nua que se sobressaía como um talho irregular no céu da boca. Um colmilho evidentemente penetrara o palato enquanto as feras disputavam a cabeça do homem.

Poderia alguma morte ser mais terrível? Soltei um suspiro de desânimo, olhando o interior das cavidades da caixa craniana circundada de sangue, os orifícios vazios nos lugares onde os olhos certa vez estiveram. O que você viu no instante final da sua vida?, perguntei-me. Quem era você? Algum bêbado infeliz perambulando sozinho à noite pela floresta? Outra desafortunada vítima do assassino? O próprio assassino?

Não havia nada naquela horrenda massa silenciosa de ser humano que pudesse me contar o que eu, tão desesperadamente, desejava saber. Se fosse realmente Martin Lampe, sua identidade desaparecera para sempre.

— O médico do regimento virá para examinar os restos ainda durante a manhã — Stadtschen tagarelou atrás de mim. — Os órgãos internos deste homem aqui já começaram a apodrecer. O outro camarada tampouco parece muito bem. Quanto mais rápido forem enterrados, melhor, senhor, na minha opinião. Devo reportar isso ao médico.

Eu poderia ter mandado trazer neve e gelo para a câmara, como o professor Kant fizera em seu

esforço para preservar o Dr. Tifferch para que o Dr. Vigilantius e eu o víssemos, mas este cadáver estava muito além de qualquer reconhecimento.

— Antes de falar com o médico — falei —, faça um favor a si mesmo.

— Senhor?

— Você agiu por vontade própria, sabe disso, não sabe, Stadtschen?

Ele susteve a respiração, esperando que eu continuasse.

— Devo mencionar no relatório para o rei sua decisão impulsiva de remover os restos — prossegui, observando-o. — Mas ainda posso ser persuadido a mudar de ideia...

encontre Frau Lampe imediatamente e traga-a aqui. Ela vive no vilarejo de Belefest. Ela veio me procurar hoje pela manhã, informando que o marido desaparecera. Duvido que seja capaz de nos revelar qualquer coisa, mas o dever nos obriga a isso antes que estes homens encontrem finalmente sua última morada. Assegure-se...

Assegure-se de que ela o reconheça.

Era isso o que eu teria gostado de dizer, mas não o fiz.

— O senhor pode contar comigo — Stadtschen replicou com um sorriso sem graça e uma saudação impecável.

Minha tocha estava quase apagada. A perspectiva de permanecer ali sem luz me fez sair rapidamente. Com Stadtschen no meu encalço, logo chegamos ao portão principal.

Dispensei-o, e me senti satisfeito ao vê-lo correr na direção de Belefest.

Mas a identificação dos ossos na câmara mortuária não era minha única preocupação. Nem encontrar Martin Lampe, se ele ainda estivesse vivo. O rei e seu relatório teriam que aguardar até o meu retorno.

— Leve-me à Magisterstrasse — gritei para o condutor assim que saltei para dentro da carruagem à minha espera. — O mais rápido que puder.

¹ Expressão latina que literalmente significa "lembre-se de que vai morrer" e que designa também um objeto, por exemplo um crânio, exposto como recordação da morte ou da mortalidade. (N. T.)

Estive tão ocupado na tarde e noite anteriores que mal pensei no professor Kant. Na verdade, não me dei conta de quanto tempo se passara desde que o vira, ou de quão cansado eu estava, até recostar-me no assento confortável da carruagem e me entregar ao balanço do veículo, mergulhando naquilo que deve ter sido um sono profundo.

Sentei-me sobressaltado quando o veículo parou diante da casa na Magisterstrasse. E outro alarme disparou na minha cabeça quando olhei pela janela. O jovem médico italiano que eu encontrara no dia anterior corria pela trilha do jardim em direção à porta, segurando um grande frasco marrom de remédio nas mãos.

Desci correndo da carruagem e me apressei em chegar ao pórtico antes que Johannes Odum fechasse a porta.

— O que está acontecendo? — arfei.

— É o patrão, senhor — o criado lamentou-se, as lágrimas brotando nos olhos vermelhos. — Ele está quase inconsciente. O doutor foi pegar um revigorante.

Empurrei-o para o lado e subi voando as escadas até o quarto de Kant.

Assim que entrei, percebi que chegara tarde demais. A criatura minúscula e enrugada deitada na cama já colocara um pé no outro mundo. O rosto antigamente delicado de Immanuel Kant parecia sugado para dentro, as faces eram duas grandes concavidades macilentas, os olhos fechados e encovados afundavam-se em abismos escuros e profundos. Os ombros estreitos projetavam-se acima do lençol de algodão como asas na lateral das orelhas. A respiração era alta e regular, mas ele não parecia estar apenas descansando. Era o início de um sonho do qual ele nunca despertaria.

Herr Jachmann permanecia de cabeça inclinada no lado oposto do quarto, enquanto o Dr. Gioacchini medicava o professor Kant, abrindo-lhe gentilmente os lábios e vertendo um líquido verde-escuro na boca do doente. Dei um passo na direção da cama estreita. O médico olhou por cima do ombro e acenou a cabeça rapidamente para mim, para em seguida voltar-se novamente ao trabalho, concentrando toda sua atenção no paciente.

Alguns minutos se passaram em silêncio, então um grito escapou dos lábios do médico.

— *Herr professor!*

Kant abriu os olhos. E olhava fixamente para mim.

O médico encostou a cabeça no peito do filósofo, e escutou as batidas fracas do coração. Movendo o ouvido para perto da boca aberta de Kant, ele de repente ergueu os olhos para mim com uma expressão confusa no rosto.

— O professor Kant quer falar com o senhor — sussurrou ele, erguendo o relógio, contando os segundos enquanto media a pulsação do moribundo. — Seja rápido, senhor — pediu ele. — Sua força está se esvaindo rapidamente.

Aproximei-me e me inclinei sobre a cama. O medo varreu-me como um espasmo terrível. Tive que lutar para controlar minhas emoções quando os olhos do filósofo se fecharam uma vez mais como venezianas. Ele dava a impressão de navegar além do âmbito da comunicação física.

— Estou aqui, senhor, *Hanno Stiffeniis* — soprei em seu ouvido.

As pálpebras de Kant não chegaram a piscar, o rosto era uma máscara de antecipação da morte, uma camada de suor cintilava na testa ampla.

— Há quanto tempo ele permanece nesse estado? — sussurrei.

— Tempo demais — o médico respondeu.

Voltei-me uma vez mais para a cama. A respiração de Kant estava mais regular, embora seu rosto pálido parecesse ter se retraído ainda mais profundamente na cavidade formada entre os ombros.

— Professor Kant — chamei, mais alto que antes.

Os olhos azuis de Kant arregalaram-se de repente, e se voltaram para mim. A proximidade da morte fazia as órbitas parecerem mais pálidas e transparentes que nunca.

Os lábios se abriram e se fecharam em seguida.

— Chame-o mais uma vez — pediu o Dr. Gioacchini por sobre meu ombro.

— Professor Kant, fale comigo — implorei, baixando os ouvidos para tão perto de seus lábios apertados que meu corpo impregnou-se com o odor adocicado e apodrecido da morte iminente. Não me afastei. Respirei aquele ar como se fosse o mais puro da montanha. Um êxtase selvagem e místico cresceu dentro da minha alma ansiosa. Immanuel Kant estava à beira da morte, e seu último desejo na Terra era me fazer uma confidencia.

Meu ouvido roçou-lhe os lábios. Senti-os tremer ao contato.

— Tarde demais... — disse ele, respirando de forma quieta e sufocada.

— Senhor? — sussurrei, a boca ressequida.

Ele afundou novamente no travesseiro, um leve esboço de sorriso nos lábios, como uma pequena nuvem em um céu azul de verão.

— O assassino ainda não foi pego — comecei a dizer, e instantaneamente me arrependi.

Com uma demonstração de força que eu mal poderia crer possível em tal estado de fraqueza, Kant balançou a cabeça de um lado para outro, os olhos fitando fixamente os meus.

— Mas ele será detido — acrescentei.

O fantasma daquele corpo na câmara mortuária elevou-se diante de mim, como se eu o tivesse chamado. Queria garantir ao professor Kant que tudo caminhava bem, informá-lo de que o criminoso fora derrotado, anunciar que a mão vingadora de Deus encontrara-o e o atacara como ele merecia. Mas não o fiz. Não podia. Talvez nunca me fosse permitido contar-lhe. O tempourgia, não nos restava muito. Immanuel Kant não possuía, acreditava eu, audição, esperança, dor ou qualquer outro sentimento.

— Você estava certo — ofegou ele de repente. Prendi a respiração enquanto ele prosseguia.

— Você viu a verdade em Paris. Depois, seu irmão...

Senti-me destituído da capacidade de me expressar sensatamente. Queria fugir daquele quarto, escapar daquele moribundo e das implicações de suas palavras. Mas eu estava preso, atordoado, indefeso.

— Você o assistiu morrer — continuou ele, cada palavra uma conquista, cada pausa um passo rumo ao topo da montanha. — Por isso mandei chamá-lo, Hanno... você já esteve dentro da mente de um assass...

Ele afundou novamente, exausto. O ar foi expelido de seus pulmões em um diminuendo longo e assoviante, como um ornamento perdendo a intensidade no tubo de um órgão.

— Está divagando — o Dr. Gioacchini murmurou, colocando a mão no meu ombro e apertando-a com força, enquanto um sorriso enigmático começou vagarosamente a se formar nos lábios sem sangue de Kant.

Com um ofegar brusco e longo, Immanuel Kant pronunciou com total clareza a frase final da sua existência terrena. Todos os presentes ouviram a declaração. *Herr* Jachmann registrou fielmente no seu memorial escrito do evento, publicado alguns meses mais tarde.

— *Es... ist... gut.*¹

Ele repetiu a frase consecutivas vezes, os lábios se movendo silenciosos agora, como se um grande peso parecesse desprender-se do seu corpo em uma ondulação suave.

Em seguida, parou de se mexer.

Fiquei petrificado.

Immanuel Kant estava morto.



No lado de fora da janela, o dia cinzento rendia-se vagarosamente ao início do entardecer, pressagiando a chegada da noite. Havia algo realmente auspicioso e adequado nessa mudança. Minha mente estava vazia. Alguns instantes mais tarde, quando voltei a mim, eu me lamentava em voz alta, prendendo a mão gelada de meu mestre espiritual entre as minhas. Naquele momento, o terrível pesadelo daqueles dias frenéticos se dissipou. Era como se tudo não passasse de um sonho sombrio e terrível. Não pensava em Martin Lampe nem em qualquer outra criatura na face da Terra. Não havia espaço para nada, com exceção do corpo minúsculo, sem vida, deitado na cama diante de mim e do mistério das palavras proferidas por ele na hora da morte.

Es it gut? O que era bom?

O que de bom Kant descobrira no fracasso da minha investigação?

Você estava certo. Você viu a verdade...

Em nome de Deus, sobre o que eu estava certo?

Que verdade foi essa que vi?

A imagem de Immanuel Kant em seu leito de morte deveria ter varrido da minha mente todos os demais pensamentos e considerações, e por um momento isso realmente ocorreu.

Eu estava consumido pela dor enquanto me afastava da casa, depois de me despedir de Johannes Odum, do Dr. Gioacchini e de *Herr Jachmann*. Mas, ao me sentar sozinho na escuridão da carruagem as rodas começarem a girar e a fortaleza aproximar-se mais e mais, aquele sorriso enigmático e desconcertante nos lábios de Kant começou a me perturbar. Na verdade, parecia sobrepor-se, misturar-se e combinar-se com o vazio sem identidade daquela outra enigmática máscara da morte, o rosto desconhecido do homem cujos crânio e ossos apodreciam na câmara mortuária.

Poderiam essas duas mortes ser mais diferentes?

O professor Kant morrera tranquilamente em casa, na própria cama, cercado de amor e respeito que o acompanharam no decorrer da vida; o homem na morgue fora destroçado por mordidas, sozinho, durante a noite em um bosque deserto. Dor infinita, terror infinito. Sem nenhuma esperança de salvação. Era como se um Criador impiedoso tivesse soltado do Inferno uma legião de demônios por uma hora, e com uma condição: apagarem absolutamente todos os vestígios da existência daquele homem. Não podia imaginar uma punição mais adequada para um assassino implacável.

Mas seria aquele o assassino? Seria aquele homem realmente Martin Lampe?

Eu não descansaria enquanto não identificasse aquele corpo. A solução daquele mistério indicaria uma de duas opções — que a busca desesperada por Martin Lampe deveria continuar ou que a paz fora restaurada em Königsberg. Se a segunda hipótese se confirmasse, corpo e alma atormentados dos que foram exterminados pela fúria do criminoso poderiam descansar em paz.

Então, e somente então, eu encontraria paz.



Cruzei com energia o portão principal da fortaleza, determinado a me dirigir à câmara mortuária para

uma segunda inspeção. Dessa vez, estava decidido a ir sozinho, sem Stadtschen respirando no meu pescoço. Cruzei o pátio e entrei na Torre Norte sem encontrar ninguém e logo alcancei o arco ogival e a porta estreita que conduziam às masmorras. Munido com uma tocha retirada da parede, abri a porta.

Antes de entrar, no entanto, hesitei na soleira da porta.

O cheiro de decomposição parecia emergir do interior como uma onda nauseabunda para me saudar e engolir. Era uma destilação de resíduos humanos e vegetais e um milhão de outros odores arcaicos misturando-se sob esse colosso antigo que era a fortaleza. Por um instante, quase dei meia-volta. Somente o desejo de conhecer a verdade me impelia para a frente, a esperança vital de que alguma pista definitiva ainda pudesse ser encontrada.

Entreí, fechando a porta atrás de mim, e comecei a descer a escadaria escura sob a luz da tocha. Mas, à medida que eu descia mais e mais, percebi que outra tocha vinha subindo a escada na minha direção. Estreitando os olhos no escuro por alguns instantes, fui capaz, pelo menos, de distinguir duas figuras sombrias lá embaixo na escuridão. Reconheci imediatamente o oficial Stadtschen. Mas quem seria a outra pessoa? Meu coração subiu até a garganta. Chegara eu tarde demais? Já teria o médico dado instruções para remover aqueles restos humanos putrefatos da câmara mortuária e enterrá-los?

Estaquei, raiva e frustração crescendo dentro de mim, esperando Stadtschen se aproximar, ansioso para escutar sua própria confissão de quantos prejuízos mais ele infligira à investigação durante a minha ausência. Mas então, quando estavam a dez degraus mais ou menos, meu coração disparou. Vestida com um xale preto esvoaçante, que lhe cobria a cabeça e os ombros, estava Frau Lampe, que parecia apoiar-se pesadamente sobre o braço do soldado. Ainda que fosse somente por aquilo e nada mais, murmurei palavras de agradecimento a Deus. Ela vira o pouco que restara do homem, então.

Eles subiram ainda mais alguns degraus e Stadtschen ergueu os olhos. Viu-me e parou de caminhar. A mulher levantou os olhos marejados de lágrimas na direção dos meus um segundo depois. Estava pálida: parecia transparente como cera derretida, mais alva ainda que o rosto do professor Kant. As maçãs do rosto e a boca estavam inchadas, evidência das lágrimas. Sua aparência condoída parecia confirmar o que eu desejava saber, mais do que todo o resto. Eu quase me alegrei pela sua dor.

Ela identificara Martin Lampe!

— Frau Lampe? — chamei, com esperança de que ela não entendesse ou notasse o tom agudo na minha voz.

A mulher soluçou mais alto e desviou o olhar, chacoalhando o braço do oficial Stadtschen que lhe servia de apoio, como se eu a tivesse flagrado em um momento indefeso de fraqueza do qual ela não queria testemunhas.

— O corpo foi encontrado na trilha do bosque que seu marido pegava — disse, com toda a solenidade de que fui capaz.

— Não resta muito, infelizmente. A senhora deve estar triste, realmente sinto muito...

— Triste, senhor? — apesar da expressão de sofrimento no rosto, a voz da mulher era firme. Na verdade, havia um tom mordaz, cáustico. — Qualquer pessoa ficaria triste, *Herr Stiffeniis*. Rezo para que nenhuma outra mulher seja forçada a ver o que vi.

Estudei-lhe a face, hesitante.

— Nada naquela coisa repugnante — sibilou ela para mim com um ódio mal contido — faz-me acreditar que seja Martin. Nada! Espero que a busca por ele continue.

Devo ter prendido a respiração, porque ela explodiu em um arquejo audível.

Nada terminara, então. Martin Lampe ainda estava livre para atacar inocentes e desavisados, como as feras que retalharam o homem desconhecido. Faminto por vidas humanas, ele se escondia em algum lugar, pronto para investir novamente a qualquer momento.

— Frau Lampe sentiu-se mal, senhor — Stadtschen explicou rapidamente.

Escutei suas palavras, mas não depreendi o conteúdo delas. Meus pensamentos já corriam

desenfreados pelas ruas escuras e becos úmidos de Königsberg em perseguição ao criminoso.

— Aqueles corpos precisam ser removidos, *Herr* procurador — acrescentou ele. — Assim que a senhora estiver em segurança lá em cima, pedirei ao médico para fazer alguma coisa. Não é uma cena adequada para mulher alguma. Nem para um homem, tampouco. Eles devem ser enterrados imediatamente, senhor, ou teremos uma epidemia em nossas mãos.

— Muito bem — falei rispidamente. — Informe ao médico. Leve Frau Lampe para casa. Mas, em uma hora, Stadtschen, quero uma declaração juramentada na minha mesa atestando a impossibilidade do reconhecimento visual, dado o estado de... alteração do cadáver. Estarei na minha sala, esperando. Tenho um relatório a redigir, concernente à investigação. Para o rei.

Fitei Stadtschen ao soltar essas palavras finais. Eu o poupara uma vez, não o faria novamente. Ele falhara comigo e eu tinha a mais completa intenção de relatar a Sua Majestade a estupidez das ações do oficial. Ao remover aquele corpo desconhecido da floresta, ele desfechara um golpe mortal contra minha investigação, deixando-me impossibilitado de chegar a uma conclusão definitiva sobre a morte ou identidade do homem que logo seria enterrado em uma vala comum.

Um olhar de alarme surgiu no rosto de Stadtschen ao inclinar a cabeça, prestar continência e me assegurar que faria exatamente como eu lhe ordenara. Obviamente, ele entendera o significado da minha ameaça.

por favor, aceite minhas desculpas — disse eu, voltando-me para a mulher — pela experiência penosa a que a senhora foi submetida. Se os ossos tivessem sido deixados onde foram encontrados, talvez fosse possível uma identificação.

— Olhei para Stadtschen e acrescentei: — O culpado será punido. Estudei o rosto da mulher.

Eu me pergunto se a senhora sabe, Frau Lampe...

Parei. Por um instante, senti-me tentado a informá-la da morte do professor Kant. Mas somente por um instante. Fiquei satisfeito, entretanto, em manter a informação em segredo. Era um pequeno e insignificante gesto de despeito, mas ela acabara de arruinar minhas esperanças de identificar Martin Lampe.

— O que o senhor se pergunta, *Herr* Stiffeniis? — indagou ela.

Oh, nada de grande importância — respondi, voltando-me e subindo as escadas.

Dada a opinião que ela alimentava do filósofo, ela logo saberia das novidades e se alegraria o bastante.

¹ Em alemão, "isto é bom". (N. T.)

Subi para minha sala, chamando a sentinela para acender as velas enquanto eu entrava no aposento escuro. O dia avançava, já era mais do que hora de começar a redigir o relatório para o rei. Eu já postergara a tarefa por mais tempo do que deveria e ainda não tinha uma ideia efetiva do quanto revelar. Nem do quanto esconder.

Com o professor Kant morto e a possibilidade de Martin Lampe ainda solto pelas ruas de Königsberg, como começar e terminar exatamente?

Com determinação, peguei a pena, molhei-a na tinta, descansei a ponta na superfície suave do papel e permaneci imóvel nessa posição, por quinze minutos ou mais, como uma estátua esculpida em uma sólida pedra de granito. Senti crescer dentro de mim a ira e a frustração de um pastor que tenta em vão juntar seu rebanho indisciplinado sem a ajuda de um cachorro treinado ou de um cercado útil para encurralar os animais ariscos. Sempre que começava a achar que, ao menos, havia conseguido concatenar todos os meus pensamentos, alguma inconsistência evidente saltava e fugia do rebanho, impedindo-me de iniciar.

A maneira mais fácil, convenci-me por fim, seria reportar apenas os fatos ou eventos para os quais eu contasse com a corroboração de um documento escrito.

Na presente data, o 122 dia do mês de fevereiro de 1804", comecei, Eu, Hanno Stiffeniis de Lotingen, Procurador Assistente do Segundo Circuito da Magistratura Judicial da Alta Corte da Prússia, incumbido de investigar o assassinato de quatro cidadãos na cidade real de Königsberg, juro solenemente e afirmo, tendo quase concluído minhas investigações, que a declaração que se segue é verdadeira e incontestável. Há boas razões para acreditar...

Fiz uma pausa, mergulhei a pena novamente no pote de tinta e soltei um suspiro alto. Não me veio à mente nenhuma boa razão para acreditar em coisa alguma. Na verdade, todas as minúsculas peças do mosaico que eu conseguira reunir levavam-me a acreditar no pior. Joguei a pena sobre a mesa, arrastei a cadeira para trás, caminhei pelo aposento e olhei desesperançado pela janela. O céu estava escuro, nuvens baixas vindas do mar aproximavam-se, trazendo chuva, granizo e provavelmente mais neve.

Abri a janela para respirar uma lufada de ar, embora já estivesse suficientemente frio dentro da sala. Lá embaixo, no pátio, soldados iam e vinham ruidosamente.

Eram seis horas da tarde, momento da troca da guarda. Homens que acabaram o turno perambulavam para cima e para baixo sem rumo, rindo e fazendo brincadeiras, fumando compridos cachimbos de barro, trocando insultos e gracejos, vaiando e zombando de seus colegas desafortunados destinados a passar a noite marchando consecutivas vezes ao redor dos parapeitos gelados da fortaleza.

De repente, desejei ser um deles. Queria me livrar daquela tarefa, da responsabilidade e da inquietação que recaía sobre meus ombros. Mais precisamente, queria estar em casa, em Lotingen, na companhia da minha esposa e dos meus filhos, assando indolentemente umas batatas na cozinha, diante do fogo crepitante. Até terminar o relatório, lembrei a mim mesmo severamente, a possibilidade de ir a qualquer lugar era remota. A menos que conseguisse produzir um relatório convincente de cada detalhe do que ocorreu em Königsberg, eu permaneceria apodrecendo aqui na fortaleza. Com o problema não solucionado de Martin Lampe ainda em volta do meu pescoço, percebi, eu poderia ficar preso ali por muito, muito...

O ruído parecia vir de muito longe.

Eu estivera tão profundamente perdido em um devaneio melancólico que uma batalha acirrada pelo domínio da fortaleza poderia ter sido travada e perdida que eu não teria tomado o menor conhecimento.

Alguém estava batendo à minha porta.

O som se repetiu um momento depois, seguido por uma voz grave que eu reconheci. — *Herr* Stiffeniis, posso entrar, senhor?

O oficial Stadtschen estava à minha porta. Sem dúvida, viera para suplicar por leniência. Ele que tivesse poucas ilusões sobre as minhas intenções, poucas dúvidas sobre o que eu iria escrever a seu respeito.

— Volte mais tarde — gritei severamente. — O rei está à espera deste relatório!

Mas Stadtschen não foi embora. Bateu novamente, com mais força dessa vez.

— *Herr* procurador, suplico-lhe. Este assunto não pode esperar.

Fechei a janela, caminhei até a porta, meus nervos queimando como uma fogueira ardente. Que alternativa ele me deixava? Diria a Stadtschen exatamente o que pensava a seu respeito. Ao retirar aquele cadáver do bosque, ele arruinara minha investigação. Se fosse pela minha vontade, seria rebaixado. E, como se não bastasse, ainda gostaria de vê-lo ser chicoteado.

Escancarei a porta, dizendo: — E então? O que é?

Ele estava em posição, rígido e ereto como um mastro de bandeira. Olhou-me nervosamente, em seguida, esticou a mão e me entregou uma folha de papel.

— A declaração juramentada, senhor — anunciou. — Reconhecimento do corpo pela Frau Lampe, senhor. Aquela marca é a assinatura da viúva.

— Viúva? — exclamei, agarrando o papel e lendo-o com avidez.

Por este documento juro e confirmo que os restos do corpo encontrado no bosque perto de Belefest, examinados por mim na fortaleza de Königsberg na presença de um oficial, pertencem ao meu legítimo marido, Martin Lampe.

O nome da mulher fora escrito com as mesmas letras em negrito do texto e da assinatura de Stadtschen. Frau Lampe confirmara o conteúdo da declaração ao fazer uma cruz oblíqua no rodapé da página.

— Ela é analfabeta — Stadtschen esclareceu. Estudei-lhe a face. — Que milagre sagrado foi este? — indaguei. — Frau Lampe estava plenamente convencida de que aquele não era o corpo do marido.

— Macacos me mordam, senhor! — exclamou ele, desculpando-se rapidamente pela linguagem antes de continuar. — Tudo aconteceu enquanto a levava para casa. O fato é que, quando a conduzi escada abaixo para a câmara mortuária, o cheiro estava... bem, o senhor mesmo sabe, indescritível. Frau Lampe queixou-se imediatamente de se sentir mal e pediu para ser retirada dali, insistindo que aqueles restos horríveis não poderiam pertencer ao marido. Eu não poderia forçá-la a examinar os ossos, poderia, senhor? Quando o encontrei, *Herr* procurador, levava-a para o pátio para tomar um pouco de ar fresco. Eu a teria conduzido imediatamente para baixo de novo, mas, no entanto, o senhor me mandou levá-la para casa.

— Continue — disse eu, começando a suspeitar de que talvez Stadtschen a tivesse forçado a assinar a declaração na esperança de remediar sua própria situação. — Se ela não viu o corpo, o que a fez mudar de ideia?

— Aconteceu enquanto caminhávamos para Belefest, senhor — explicou ele. — Não voltei a mencionar aquele corpo. Mas lhe perguntei sobre marcas características que poderíamos buscar se, por

acaso, encontrássemos outro corpo. Oficialmente, ele estava desaparecido. Podia ter perdido a memória, estar ferido, ou até mesmo morto.

Eu me perguntava se ele teria uma marca de nascença ou algum outro sinal no corpo que o identificasse.

Stadtschen fez uma pausa e um esboço de sorriso surgiu-lhe nos lábios.

— E ela revelou, senhor. Ela mesma me contou.

— Qual era esse sinal? — indaguei. Sentia-me como um paciente com uma doença gravíssima que acabara de ouvir de um renomado médico que seria facilmente curado.

— Nós a vimos, senhor, mas não prestamos atenção no momento — Stadtschen replicou. Um amplo sorriso abriu-se no rosto do oficial, como se ele achasse a situação divertida. — O senhor se recorda daquela faixa branca de osso no palato, *Herr Stiffeniis*? Lembra-se de quando virei o crânio? Enquanto servia no exército prussiano, quarenta e alguns anos atrás, *Herr Lampe* foi levemente atingido pela baioneta de um inimigo. Ela cortou-lhe o lábio inferior e acabou produzindo um talho no céu da boca.

Eu me lembrava claramente. Pensara que aquela cicatriz irregular fosse o osso exposto do palato. Até mesmo me levava a pensar que fora causada pelo colmilho de um dos lobos que o atacara. Se a boca emplastrada de sangue de Martin Lampe me fizera tremer de ânsia de vômito, ela, agora, começava a me parecer uma das mais estupendas visões que eu já tivera na vida.

— Corri com ela de volta para a cidade e chegamos bem a tempo. Procurei-o, é claro, senhor — acrescentou ele rapidamente, perscrutando-me a face para avaliar minha reação —, mas o senhor já partira. O médico do regimento já expedira os atestados de óbito, o pastor fora chamado para ministrar os ritos finais, as sepulturas para os dois homens já cavadas. Mais cinco minutos e a situação se complicaria. Expliquei o caso para o médico, ele tomou as providências para que ela examinasse o crânio e visse a cicatriz, embora embrulhado em um pano. Dessa forma não foi tão ruim, e ela o identificou. Levei-a para o escritório, redigi a declaração, li-a em voz alta e ela assinou com a cruz. Como disse antes, senhor, Frau Lampe é agora viúva.

Desviei os olhos e fechei-os por um momento. Königsberg está salva, maravilhei-me. Minha tarefa está terminada.

— Foi um excelente trabalho, oficial Stadtschen — elogiei calorosamente. — Posso agora desconsiderar o problema da remoção do cadáver ao redigir o relatório. Sua contribuição vai aparecer de forma muito mais positiva.

Embora seu rosto se mantivesse severo e controlado, pensei ter visto um brilho nos olhos. — Deus o abençoe, senhor — murmurou ele.

Deus já fora extremamente bom para comigo naquele dia, percebi. Muito mais do que eu merecia. O assassino não só tinha um nome, mas seu corpo fora identificado sem nenhuma sombra de dúvida. Fechei a porta silenciosamente e sentei-me para retomar o trabalho. Dessa vez, transbordava de confiança. A Divina Providência me impulsionava para a frente com as duas mãos.

— O rei precisa receber este relatório! — anunciei ao aposento vazio.

Uma proclamação triunfante de sucesso era o que eu sempre tivera esperança de escrever. Uma proclamação triunfante de sucesso era o que o rei teria. Erguendo novamente a pena, prossegui com toda a maestria de um poeta inspirado.

Há boas razões para acreditar que os autores dos crimes foram identificados como Ulrich Totz, estalajadeiro da cidade, e sua esposa, Gertrude Totz (nascida Sonner).

Por sua própria e franca confissão, os malfetores declararam que sua taverna e estalagem, chamada O Baleeiro Báltico era um notório ponto de encontro de simpatizantes bonapartistas e de vários outros rebeldes. Sua intenção era fomentar o caos na cidade e

preparar o caminho para uma invasão militar do exército francês sob o comando de Napoleão Bonaparte. Essa série de crimes hediondos de assassinatos e amedrontamento da população começou, como Sua Alteza bem sabe, em janeiro de 1803...

Cocei o queixo com a pena por alguns instantes, então acrescentei mais detalhes no mesmo estilo vivaz:

... e foram perpetrados com a ajuda e conivência material de uma conhecida do casal, Anna Rostova, uma notória prostituta, praticante amadora de magia negra e de abortos ilegais, segundo confissão própria, por livre e espontânea vontade, em interrogatório. Não foi possível averiguar integralmente o escopo ideológico preciso das intenções dos revoltosos — talvez não exista, efetivamente, nenhuma ligação formal com outra nação estrangeira, ou uma invasão planejada como consequência direta das ações desses criminosos.

Tanto Totz quanto a esposa, após admitirem seus sentimentos jacobinos e sua cumplicidade nos crimes, incluindo o extermínio do próprio sobrinho, Morik Lütke, cometeram suicídio apesar da estrita vigilância na prisão. O corpo sem vida de Anna Rostova foi encontrado três dias depois no rio Pregel. Permanece incerto se um pacto de suicídio coletivo foi firmado entre o grupo, ou se Anna Rostova ameaçara trair seus companheiros conspiradores e fora punida pela insídia, ou ainda se algum desconhecido, possivelmente desvinculado do grupo, foi responsável por seu afogamento. Nenhuma prisão foi realizada em relação a esse incidente, embora sejam realizados interrogatórios a fim de esclarecer a questão. As circunstâncias sugerem que os membros remanescentes do grupo terrorista, três infiltradores estrangeiros hospedados no Baleeiro Báltico, partiram. Não foi possível encontrá-los em Königsberg, mas mandados de prisão foram expedidos. O nome dos três procurados, juntamente com toda a documentação pertinente, incluindo as transcrições dos interrogatórios, relatórios das buscas, anotações sobre os casos etc. etc. constam do arquivo oficial, número 7-8/1804.

Com a fuga da célula terrorista, podemos concluir com segurança que a série de crimes em Königsberg, juntamente com o conseqüente risco de desordens internas, está terminada.

Peço permissão para fazer uso desta oportunidade afim de testemunhar a coragem e devoção abnegada ao dever do oficial público e assistente de polícia, Amadeus Koch, meu assistente indicado, que foi a vítima final desses conspiradores desesperados. Sem seu auxílio constante e devotado à minha pessoa, e suas valiosas contribuições para o conhecimento dos mecanismos do submundo criminoso da cidade (e dos distúrbios da mente criminosa em geral), a custosa tarefa de identificação dos malfeitores teria sido mil vezes mais complexa. O assassino de Herr Koch é, muito provavelmente, outro membro do grupo jacobino que frequentava a estalagem administrada por Herr e Frau Totz. O lugar era um antro de traição e conspirações, conforme atestam provas materiais encontradas no local. Afirmando que, depois das mortes dos protagonistas, os Totz e Anna Rostova, Koch foi atacado por um desconhecido com a intenção precisa de confundir o inquérito policial sobre as mortes anteriores e fundamentar a convicção equivocada expressa por meu respeitado antecessor, o procurador Rhunken, de que a série de crimes era obra de um único indivíduo, um homem evidentemente dotado de instintos dementes e mortíferos.

Gostaria também de expressar minha gratidão ao falecido Herr professor Immanuel

Kant. A cidade de Königsberg tem com ele uma dívida incalculável devido à sua dedicação absoluta na resolução desses crimes e na restauração da paz na cidade que ele amava acima de todas as outras do mundo. A sagacidade de Sua Alteza Real é conhecida por todos; estou seguro de que Vossa Majestade apreciará a importância do trabalho realizado, sem nenhum auxílio financeiro ou incentivo material das autoridades locais, por esse ilustre Professor de Filosofia na proposta e aplicação de um sistema lógico e analítico de investigação policial que será inscrito nos anais da história criminal, não somente nessa instância particular, mas em toda tentativa futura de neutralizar as consequências sociais de um crime violento e levar os culpados a enfrentar as penalidades legais cabíveis. Juro advogar e disseminar o método aprendido com o Herr professor Kant na minha carreira futura como magistrado, certo de que seu idealizador me concederia permissão para fazê-lo. Sugiro humildemente que o método revolucionário do Herr professor Kant seja adotado de imediato pelas autoridades policiais competentes por toda a Prússia e publicada, com financiamento do Estado, para o benefício da humanidade. Seria uma homenagem adequada à memória de um grande prussiano.

Por conseguinte, jurando minha lealdade à Coroa de Hohenzollern e a Sua Majestade, peço permissão para retornar a Lotingen e à minha família, e retomar meu cargo de magistrado que, tão repentinamente, fui instado a abandonar.

*Seu mais humilde e obediente servo,
Hanno Stiffeniis, procurador*

PS. Um auxílio inestimável foi fornecido pelo oficial Stadtschen da guarnição de Königsberg. Recomendo-o para promoção.

Reli o documento mais de uma vez, e fiz uma cópia para o general Katowice sem alterar uma única vírgula. Quando pousei a pena na mesa e recostei-me na cadeira para relaxar os músculos doloridos da coluna e do pescoço, a ficção adquirira o bom polimento da Verdade. Agora, tornara-se Verdade. A Verdade que eu contaria à minha esposa, aos meus filhos, e aos meus netos, no futuro. Era A Verdade como o mundo inteiro a conheceria.

Dobrei o relatório e a cópia, lacrei-os com a chama da vela, cera vermelha e meu anel de ofício. Ao fazê-lo, disse a mim mesmo que fora guiado pelo Senhor, nosso Deus. Ele me enviara a Königsberg, Ele me levara a Immanuel Kant. Ele me induzira a insistir para que o sargento Koch vestisse a capa. Em Sua sabedoria infinita, pareceu-me, Ele decidira que Koch devia perecer por uma causa e que eu devia sobreviver por outra. O Senhor me guiara em direção ao encerramento do caso, e Ele me sugerira o epílogo que devia elaborar. Ao pressionar meu anel na cera vermelha aquecida, senti Sua mão forte pressionando-o também. Minha própria mão era apenas o instrumento, nada mais.

Deixei a carta sobre a mesa para esfriar, apaguei a chama tremulante da vela e chamei um soldado. Tendo confiado as mensagens à sua responsabilidade, olhei o relógio e me retirei para o quarto. Tinha o tempo justo para assear-me e trocar a camisa para, em seguida, descer para o enterro de Amadeus Koch, que estava marcado para ocorrer no cemitério militar, atrás da capela, às nove horas.

Eu era a única pessoa presente quando o caixão simples de madeira contendo o corpo foi baixado à cova fria por quatro soldados. Fiz uma prece silenciosa pela alma generosa do sargento Koch. Seu sacrifício levava-me diretamente ao assassino. Nenhuma palavra foi pronunciada. Nenhuma era necessária, além daquelas ditas solenemente em forma de oração pelo capelão militar.

Quando recoliquei o chapéu e virei-me, o som da terra batendo no caixão nu de madeira, estaquei por um momento. Teria feito a coisa certa? Afinal de contas, Merete Koch fora enterrada em outro local da cidade. Talvez eu devesse ter averiguado com mais cuidado antes de ordenar o funeral do sargento Koch dentro das muralhas da fortaleza. Eles foram parceiros em vida, deveriam confortar-se mutuamente na morte.

A não ser por aquele único detalhe, o caso de Königsberg estava definitivamente encerrado.

Em duas horas eu preparara minha sacola de viagem e embarcara na mesma carruagem que me trouxera para a cidade na companhia de Amadeus Koch. Não havia nenhum "céu estrelado" sobre mim para inspirar reverência e admiração, como declara a epigrama mais famosa de Immanuel Kant. Nevara brevemente durante o enterro do sargento Koch, mas o céu sombrio acima da nossa cabeça era agora um lençol plúmbeo, escuro como breu. Ele incidia impiedoso sobre a cidade de Königsberg e a Verdade irrefutável que eu acreditava deixar definitivamente para trás.

O clima piorou muito e Immanuel Kant permaneceu sem funeral por dezesseis dias. A terra estava tão solidamente congelada que não era possível cavar-lhe uma sepultura. Dia após dia, exposto à visita pública na catedral da Universidade de Königsberg, o corpo murchava e encolhia. Assemelhava-se tanto a um esqueleto, insinuaram os jornais, que os patriarcas da cidade rezavam desesperadamente por uma melhora no clima.

De volta à minha casa em Lotingen, lancei-me ao trabalho. Trabalho árduo deveria ser o melhor remédio para minhas dores, mas fiz poucos progressos nos casos que tinham se acumulado na minha ausência. Ficava sentado por horas a fio, contemplando o padrão florido do papel nas paredes e remexendo indolentemente os documentos na minha escrivaninha em casa. O único consolo que conseguia encontrar estava na minha família. Helena demonstrava seu cuidado amoroso em mil olhares e gestos gentis.

E seu mais delicado stratagem para aliviar-me a dor simplesmente não podia ser ignorado: meus amados filhos pequenos. Minha esposa providenciava para que passássemos mais tempo juntos, muito mais do que eu jamais permitira antes de partir. Ela foi rápida em conter a excitação demonstrada pelas crianças depois da minha chegada, firme em impor limites à liberdade inesperada de que elas agora desfrutavam, antes que a situação fugisse totalmente ao controle.

Certa manhã, Helena entrou agitada em meu escritório com um exemplar recente do *Königsbergische Monatsschrift* na mão. — Era como se a Terra se recusasse a recebê-lo — disse ela, ao depositar o jornal sobre a escrivaninha. Houvera uma chuva torrencial e um súbito degelo e a manchete anunciava: o funeral do professor Kant ocorreria no dia seguinte, a uma da tarde. Li cuidadosamente o artigo, e me voltei para fazer um comentário à minha esposa.

— Vá até Königsberg, Hanno. Veja sua alma repousar — disse ela, a voz suave, embora tão determinada, que pouca opção me restou sobre o assunto. Parecia sossegar uma das crianças depois de um tombo.

Embora eu tivesse me decidido a nunca mais pisar em Königsberg, no alvorecer da manhã seguinte, vestido com um terno preto e capa, uma nova faixa de seda preta presa à borda do chapéu, embarquei na carruagem do correio. Não havia outros passageiros e fiquei satisfeito em não ser obrigado a entabular uma conversa que não tinha o menor desejo de manter. Sentei-me em um isolamento esplêndido, lembrando com o coração pesado a última vez que fizera a mesma viagem, na companhia de Amadeus Koch.

A carruagem chegou ao meio-dia, e me encaminhei diretamente à casa na Magisterstrasse, para onde os restos mortais do professor Kant tinham sido levados no dia anterior.

A massa de indivíduos comuns acotovelando-se para conseguir um bom lugar na rua estreita e a chegada constante de outras pessoas mais próximas do filósofo faziam a alameda se parecer mais a um agitado mercado de gado do que ao refúgio de paz que fora durante a vida de Kant.

Atravessando o portão do jardim, fui carregado por um mar impetuoso de pranteadores, impelido na crista de uma grande onda por um vasto grupo de estudantes em trajes acadêmicos do Collegium Fridericanum que viera prestar as últimas homenagens. Na sala de jantar, um luxuoso caixão de carvalho fora colocado sobre um catafalco cercado por coroas de hera e decorado com elaborados arranjos florais. A tampa do caixão estava apoiada contra a parede e tirei o chapéu em um tributo silencioso ao corpo do filósofo que jazia aos olhos do público. O rosto rígido olhava-me fixamente, o mesmo sorriso enigmático que eu me lembrava ver esboçado nos lábios rosados. Nem a Morte nem o embalsamador

foram capazes de fazê-lo desaparecer.

— Tudo foi feito conforme seus desejos — uma voz murmurou perto do meu ouvido e *Herr Jachmann* ofereceu-me a mão coberta com uma luva preta. — Você partiu da cidade com tamanha pressa, *Stiffeniis* — disse ele. — Não tinha certeza se o encontraria aqui hoje.

— Tinha que vir — disse eu, a expressão presa na garganta ao ver a tampa de madeira ser erguida e o carpinteiro começar a colocá-la no lugar.

Assistimos em silêncio a seis estudantes erguerem o caixão e o carregarem da sala para a rua. *Jachmann* me conduziu à primeira fileira do grupo sem fim de pranteadores organizados atrás de uma carruagem preta puxada por quatro cavalos da mesma cor. Com o caixão firmemente preso no lugar, as coroas e arranjos de flores dispostos ao redor, o cortejo começou a se deslocar vagarosamente para a frente. A procissão abriu caminho pelas ruas de *Königsberg*, cercada de ambos os lados por uma multidão silenciosa.

A catedral da universidade estava brilhantemente iluminada por centenas de velas. Um órgão com surdina tocava trechos solenes de *Buxtehude* enquanto convidados e autoridades municipais tomavam seus assentos nos bancos a eles reservados. *Johannes Odum* estava entre eles, bem como *Frau Mendelssohn* e o *Dr. Gioacchini*. Sentei-me algumas fileiras para trás e a dor me invadiu em ondas de tremor. Não posso precisar quanto tempo permaneci nesse estado de perturbação, até que minha atenção foi atraída por uma mulher sentada no banco à minha frente. Quando ela retirou o cachecol preto para ajeitá-lo mais confortavelmente sobre a cabeça, reconhecia. Ela fitou-me por sobre o ombro e sustentou meu olhar por um instante.

Era *Frau Lampe*.

Não me ocorrera, nem por um momento, encontrar a viúva no funeral do homem que ela considerava responsável por todos os problemas do marido. O que ela estava fazendo ali?

Remoí a questão por algum tempo sem encontrar nenhuma resposta, em seguida concentrei minha atenção no serviço fúnebre, que estava destinado a durar outras duas horas. *Herr Jachmann* era um dos muitos oradores repetindo os mesmos elogios de praxe, tão inevitáveis em um funeral quanto a própria Morte. Quando, finalmente, nada mais restava a ser dito, e ninguém mais para dizer o que quer que fosse, os carregadores se aproximaram, ergueram novamente o caixão sobre os ombros jovens e se retiraram vagarosamente da igreja.

Mal pisei no corredor para seguir o cortejo, *Frau Lampe* bloqueou minha saída, os olhos escuros fixos nos meus.

— Esperava encontrá-lo aqui, senhor — disse ela. — Do contrário, não teria vindo. O senhor acha que eu viria prestar homenagem à criatura naquele caixão?

Tentei desviar-me, mas ela se recusou a se mover ou ceder espaço.

— Tenho algo que vai lhe interessar — sussurrou ela ferozmente, retirando uma fina pasta de couro escondida sob a capa.

— O que quer que seja — respondi friamente —, entregue à polícia local. Minha jurisdição aqui está terminada.

Ela virou a cabeça, olhou para o altar e, depois, de volta para mim.

— O senhor era amigo dele — replicou ela, e apertou os lábios. — Acho que deve ficar com isso.

Baixei os olhos para o documento que ela me estendia.

— Encontrei alguns dias atrás. O livro em que eles trabalhavam.

Estudei o rosto da mulher por um instante. Não era, de forma alguma, estúpida. Não teria ela realmente conhecimento do que o marido fizera? Nunca suspeitara?

— Tomei muito do seu tempo — acrescentou ela rapidamente.

Empurrando a pasta nas minhas mãos, ela se virou e correu para fora da igreja.

Colei o inesperado presente ao peito com o mesmo arroubo de excitação ardente que experimentei

quando a ama de leite me entregou meu primeiro filho recém-nascido. O testamento filosófico de Immanuel Kant... ele mesmo insinuara que esse trabalho modificaria totalmente o curso da filosofia moral. Ajoelhando-me, murmurei um agradecimento a Deus Todo-Poderoso por Sua imensa generosidade.

Eu fora escolhido como Seu instrumento para exaltar a grandeza incomparável do falecido Immanuel Kant. Saí correndo da catedral e abri passagem por entre a multidão compacta em direção ao pátio da igreja, pouco me importando com as cotoveladas rudes que distribuía para afastar as pessoas do meu caminho. O ar estava frio, mas a agitação no meu peito me aquecia. *Herr* Jachmann chamou-me, mas olhei em outra direção e lutei contra a enorme avalanche de pessoas vindas da rua que entravam no local do sepultamento. E, durante todo esse tempo, eu apertava aquele invólucro precioso junto ao coração como Moisés carregando as Tábuas Sagradas na descida do Monte Sinai.

Na relativa tranquilidade da avenida, parei para regularizar a respiração. Onde poderia eu ler o documento sem medo de ser perturbado? Por um único e culpado momento, meu sangue congelou diante da imensidade da cobiça que me consumia. Meu único desejo era ficar a sós com os papéis de Kant.

Por que, em nome de tudo que era sagrado, não procurei diretamente *Herr* Jachmann e os outros amigos íntimos do professor Kant e lhes contei a novidade maravilhosa?

Por que os evitei a todos, como se constituíssem uma ameaça de roubo ao tesouro inestimável que Frau Lampe depositara em minhas mãos? A verdade é que eu não tinha intenção alguma de partilhar os últimos pensamentos inéditos do filósofo com qualquer outro ser humano. De alguma forma, sentia que as palavras que Kant ditara a Martin Lampe eram destinadas a mim, e a ninguém mais. O criado e eu éramos irmãos de sangue na nossa arrogância.

Mais adiante na rua, havia uma cafeteria. Em um dia normal, estaria lotada com os estudantes da universidade, mas, hoje, todos eles haviam comparecido ao funeral.

Olhando pela janela, vi que o estabelecimento estava deserto. Entrei, sentei-me em uma mesa no canto mais afastado e pedi uma xícara de chocolate quente para justificar minha presença ali. Assim que a bebida chegou e o garçom se afastou, tirei o manuscrito de sob a capa como um ladrão curvando-se para examinar o butim.

As páginas estavam presas com uma fita vermelha suja. Ao folhear, notei que a tinta em alguns pontos estava colada com a areia que devia ter sido posta ali para secar. Não havia título. Nem o nome do autor era mencionado na capa. Abrindo a primeira página de texto, reconheci imediatamente a letra. As palavras estavam distribuídas em linhas irregulares e inclinadas, as letras feias, infantis tanto no tamanho quanto na forma. Eu vira aquela caligrafia no livro de autógrafos de Roland Lutbatz.

O mesmo pensamento desconcertante voltou-me à mente: que necessidade extrema teria levado o professor Kant a confiar suas ideias finais a um amanuense tão inadequado?

Quando li os parágrafos iniciais, comecei a perceber como tinha inveja de Martin Lampe. Kant reiterava sua tese fundamental de que a natureza moral do dever sujeita o comportamento a leis universais baseadas nos preceitos do racionalismo. Toda ação deveria, asseverava ele, empenhar-se em direção a um Bem Comum que representa a verdadeira Liberdade. Embora a letra do criado fosse terrível, era impossível não reconhecer a voz inimitável de Immanuel Kant, a exposição objetiva de seus conceitos rigorosos de filosofia moral que ele expressara pela primeira vez em *Fundamentação da metafísica dos costumes*, antes de expandi-los no código moral monolítico que foi a *Crítica da razão prática*.

Não consigo precisar em que ponto o desconforto começou a crescer dentro de mim. O fato é que comecei a me sentir cada vez mais perturbado à medida que prosseguia na leitura. O autor parecia, de alguma forma, ter se desviado do antigo caminho familiar. De repente, descobri-me perdido em um terreno que era incapaz de reconhecer.

Lendo rapidamente as linhas à frente, na busca de um chão sólido onde pisar, procurei por uma ideia

ou conceito que pudesse identificar seguramente como sendo de Kant. Teria Frau Lampe se enganado? Seria o documento algo diferente do que ela supusera? Havia algo tão simplório na redação, muito distante do pensamento refinado e da expressão elegante habitualmente associados a Immanuel Kant. Ainda assim, o que eu lia era, de algum modo, muito familiar...

Recostei-me na cadeira e sorvi um gole do chocolate quente, na tentativa de concatenar os pensamentos e concentrar a atenção. Naturalmente, eu ficara abalado com o funeral. Olhei ao redor e percebi que as mesas vazias começavam a se encher. Pessoas entravam para se abrigar do frio, a cerimônia de enterro devia ter terminado.

Felizmente, não reconheci ninguém e ninguém pareceu me reconhecer. Tampouco bebi o último gole do líquido e pedi mais uma xícara. O dono trouxe um cântaro de chocolate extremamente quente para minha mesa e trocamos algumas palavras sobre o clima e a magnífica cerimônia de enterro. Nenhum outro tópico despertava o interesse em Königsberg naquele dia. Mas então, assim que a educação permitiu, retomei minha leitura, lutando com dificuldade em uma nova página. E outra, até chegar à página quatro. Na metade dela.

Oh, Deus! Meu coração latejou, dolorido.

Fechei os olhos esperando que tudo fosse diferente quando voltasse a abri-los. Seria esse o verdadeiro conteúdo do Inferno? E não labaredas ardentes, a agonia eterna da dor insuportável, mas sim um mundo de sombras onde anjos sagrados arrancassem de repente suas máscaras de querubins e diáfanas asas reluzentes para revelar a realidade hedionda que se escondia por baixo? Corais celestiais entoando harmonicamente versos blasfemos e fazendo gestos obscenos enquanto cantavam?

O testamento filosófico do professor Immanuel Kant, escrito pela mão desajeitada de Martin Lampe, expressava minhas próprias palavras.

As palavras que eu dissera em particular a Kant, onze anos atrás...

A lembrança daquele dia, onze anos atrás, voltou-me em jatos, profundamente perturbadora na sua clareza. — Acompanhe-me em um passeio ao redor da fortaleza, Stiffeniis — Immanuel Kant convidara, tão logo os pratos foram retirados depois do almoço.

— Com o clima tão ruim assim? — *Herr* Jachmann objetara, uma expressão de preocupação claramente estampada no rosto.

O professor Kant optou propositadamente por ignorar o aviso do amigo enquanto vestíamos capas e cachecóis. Lá fora, na rua, a névoa era densa e pesada como uma toalha úmida, e Kant segurou imediatamente meu braço.

— Você guia, Stiffeniis. Eu o seguirei — disse ele.

Parecia sugerir que esperava de mim algo mais que juventude e vigor. Ao fechar o portão, vi *Herr* Jachmann espreitando ansiosamente por detrás das cortinas, mas a névoa era como uma criatura viva. Kant e eu caminhamos diretamente para sua boca aberta e fomos engolidos em um só bocado.

À medida que avançávamos, comecei a tagarelar nervosamente sobre o verão anterior que passara na Itália. Conte-lhe do sol inclemente, do frio bem-vindo com a chegada do outono, da umidade fresca do inverno ao começar minha jornada de volta para casa, passando pela França, minha preferência pelo frio seco das nossas montanhas.

Kant estacou subitamente.

— Chega de falar sobre o tempo! — explodiu. Eu mal o distinguia na luminosidade trêmula. Sua face mortalmente pálida parecia entrar e sair de foco, como um ectoplasma lutando para se materializar. — Uma única experiência humana equivale ao poder da Natureza, disse você durante o almoço. A mais diabólica delas. Assassinato sem motivo. A sangue frio. O que você quis dizer com isso, Stiffeniis?

Hesitei antes de responder. Mas eu viera a Königsberg por aquela razão, e nenhuma outra. Relatei-lhe sucintamente o que presenciara em uma manhã fria e cinzenta há menos de dois meses. Intoxicado pelos ideais do Iluminismo, curioso em ver como os revolucionários iriam lidar com o monarca que agora repudiavam, interrompi minha jornada para casa em Paris. No dia 21 de janeiro de 1793, estava na Place de la Révolution quando Luís XVI subiu os degraus para a guilhotina. Nunca vira uma execução antes, e assisti, entorpecido, o rei se ajoelhar diante do instrumento letal. Quando o triângulo de metal se ergueu, tambores rufaram com a força de trovões. Essas batidas se igualavam ao clamor do meu coração.

— Fitei os olhos do diabo — contei a Kant, talvez melodramaticamente — e o diabo me devolveu o olhar. A lâmina desceu com um rangido alto, interrompido por um esmigalhar nauseante e todo meu ser foi invadido por um cheiro de sangue.

Inalei o odor salgado como se fosse olíbano. Aspirei cada espasmo daquele corpo quando a cabeça decepada caiu na cesta colocada ali com esse propósito. A simplicidade da ação: era levantar uma alavanca e uma vida desaparecia. Era a essência da Causa e Efeito. Tão rápido, tão devastador, tão conclusivo. Queria ver acontecer outra vez, outra vez...

Um monstro se erguera das profundezas do indivíduo racional que eu sempre me considerara ser. Esse Doppelgänger¹ tinha um gosto pela morte e pela euforia selvagem que ela trazia consigo. Tentei traduzir a sensação para Kant em uma palavra que lhe agradaria. — A experiência foi sublime — confidenciei. — Fui arrebatado por ela, senhor. Minha mente estava petrificada, mas minha alma vibrava.

Ali estava! Eu finalmente admitira.

O professor Kant permaneceu em silêncio por alguns momentos.

— Tem mais, não tem? — perguntou ele, de repente. — Por que mencionar um assassinato sem

motivo? As pessoas em Paris tinham motivos mais do que suficientes para matar o rei. Você tem algo mais a me revelar.

Ele parecia enxergar através de mim.

— Realmente, tenho — admiti. — Trouxe a loucura para casa comigo. Há um mês meu irmão morreu...

O que Kant disse a seguir foi pronunciado no mesmo tom educado com o qual, menos de uma hora atrás, ele me perguntara se preferia o pão com ou sem manteiga.

— Você o matou?

Embora chocado, percebi a falta de emoção na sua voz. Ele fizera a conexão que eu próprio temera fazer e, ainda assim, não demonstrara terror, repulsa a esse pensamento.

Era uma pergunta simples que precisava ser feita.

— Stefan fora dispensado do exército um ano atrás — apressei-me a explicar. — Fora eleito o melhor cadete da academia, o filho que meu pai desejava. O extremo oposto da minha personalidade instável. Mas Stefan estava doente. Começara a desmaiar sem nenhuma razão aparente. O grau de açúcar na sua urina foi a causa. Só mel o fazia reviver. Se nada fosse feito para ajudá-lo, os médicos advertiram, a vida dele corria perigo. Todos em casa sabiam disso. Os criados receberam instruções sobre como proceder se ele entrasse em crise. Havia um pote de mel e uma colher em cada aposento. Se Stefan estivesse pálido, suando, falando ou se portando de forma confusa, devíamos dar-lhe o mel. Ele estava proibido de deixar a casa a menos que levasse no bolso um frasco com rolha.

Fiz uma pausa, esperando alguma reação do professor Kant, mas ele permaneceu quieto, observador, uma sombra pálida na névoa espiralada.

— Quando retornei — prossegui —, a turbulência que sentira em Paris ainda persistia dentro de mim, como um dardo invisível e venenoso. Não ousei contar a ninguém. Só a Stefan, meu irmão. Ele me escutou em silêncio. Não proferiu julgamentos ou críticas, mas fitou-me resolutamente nos olhos. Então, quatro dias depois, inesperadamente, ele me desafiou a fazer o que nosso pai nos advertira para nunca mais repetir.

— E o que era? — perguntou Kant, talvez impaciente com a minha narração.

— Há um afloramento rochoso perto de casa chamado Richtergrade. Quando éramos pequenos, senhor, uma corrida ao topo era nosso divertimento favorito. Eu podia, não, devia ter recusado o desafio, mas não o fiz. Ele me atçou, provocou-me. Stefan propusera uma distração, um *divertissement*, um jogo, que eu acolhi entusiasticamente. Uma atividade física exaustiva afastaria da minha mente os problemas que me afligiam. Não pensei nele, exceto para lembrar-lhe de carregar uma garrafa de mel no bolso. Ele respondeu com um assentimento rápido, e assim fomos. Estava frio, era um bom dia para uma subida, e fui o primeiro a atingir o cume da elevação rochosa. Nunca vencera a corrida antes. Em pé na beirada, de frente para o vento, senti que a corrida amainara a tempestade dentro de mim. Desejei compartilhar com Stefan meu contentamento. Queria agradecer-lhe. Mas, então, escutei-o arfar enquanto lutava para segurar a saliência rochosa abaixo de mim. Olhando para baixo, eu... congelei mais uma vez ao me deparar com a face da Morte. Uma espuma borbulhava dos seus lábios, os olhos viravam para trás, os músculos tremiam quando ele se esforçava para falar. A língua era um punho fechado. As unhas arranhavam e resvalavam na pedra úmida. Uma batalha estava sendo travada diante dos meus olhos, mas podia bem ser um... experimento científico. Stefan escorregou, despencou no vazio. E o que eu fiz? Não fiz nada. Realmente nada. Eu o assisti tombar para a morte. Finalmente, desci cambaleando do alto, a mente em turbilhão, encontrando seu corpo sem vida estendido na grama. Uma rocha pontiaguda, como uma fera raivosa, abocanhara um naco da sua cabeça na queda. Sangue e fragmentos de tecido respingaram na ribanceira coberta de musgo.

“Naquela noite, meu pai irrompeu furiosamente no meu quarto. Na mão, trazia um frasco dourado de mel. ‘Encontrei isso no seu bolso’, acusou ele. A expressão de seu rosto está gravada na minha memória.

‘Por que você não salvou seu irmão?’, ele parecia acusar. Talvez ele tenha encontrado o frasco em um paletó diferente daquele que eu usara durante o dia. Não sei dizer. Mas juro, eu não levava mel algum comigo. Não, pelo menos, que consiga me lembrar”.

— Ele não me chamou de assassino. Esta foi a última palavra que minha mãe proferiu antes de morrer. Permaneceu na cama como uma estátua por semanas depois da morte de Stefan, os olhos vidrados encarando o vazio. Ela se virou para mim no instante de sua morte e lançou uma acusação que nenhum filho devoto devia ser obrigado a suportar. Permitiram-me comparecer a seu funeral, mas em seguida meu pai me ordenou que deixasse a casa e que nunca mais retornasse.

Fiz uma pausa para regularizar a respiração.

— No funeral, um amigo do meu pai mencionou o senhor, professor Kant. Contou-me que os ditames morais da Razão são muito mais fortes que os impulsos sentimentais do Homem. Eu tinha que falar com o senhor. Achei que talvez pudesse entender. Tinha a esperança de que a filosofia me redimiria. Foi por essa razão que vim até aqui hoje — expliquei. — E então, ao final da palestra, aproximei-me da mesa do senhor dizendo que...

—“... fui enfeitiçado pela Morte” — Kant completou a frase para mim. Aproximou-se e fitou meu rosto, uma curiosidade ardente queimando-lhe os olhos.

— *Sou um assassino, senhor? — indaguei.*

Eu parecia estar diante de Deus, esperando seu julgamento supremo, mas Kant permaneceu em silêncio por algum tempo.

— *Foi seu irmão que lançou o desafio — disse ele em voz baixa, por fim. — Ele estava mais ciente dos riscos que você. Vamos supor que você tenha apanhado mecanicamente o vidro de mel, sem pensar. Nesse caso, você realmente não sabia que ele estava no seu bolso. Seu irmão, por outro lado, partiu do pressuposto de que levava o mel, como era seu costume toda vez que saía de casa. Mas isso não ocorreu. A mente nos prega umas peças estranhas — observou ele com um sorriso, batendo com o dedo na testa.*

— *Você nunca notou? Algumas vezes temos certos lapsos de memória em relação a alguns hábitos. Esquecemos de fazer as coisas mais óbvias, por mais vitais que elas sejam.*

— *Um lapso de memória, senhor? Mas eu permaneci assistindo. Por que não tentei salvá-lo?*

— *Meu palpite é, Stiffeniis, que você estava tão amedrontado pelo que estava acontecendo que não conseguiu reagir. Imobilizado pelo terror, não havia mais ninguém para ajudar. Você tomou para si a culpa pela morte dele, mas isso é somente parte da situação. O mesmo poderia ter ocorrido, lá ou em qualquer outro lugar, com ou sem a sua presença. Ele estava doente, como você disse.*

— *Eu estava lá — repeti obstinadamente.*

— *Infelizmente sim — Kant replicou, apaziguador. — E com um estado de espírito muito alterado depois do que viu em Paris, imagino. Quando seu irmão morreu, a decapitação do rei ainda o assombrava. A morte nos comanda a todos. O horror toma posse de nós. O terror sublime suscita — ele hesitou, buscando a expressão mais adequada — um estado de espírito extremamente peculiar, uma condição mental para a qual eu não consigo encontrar termo melhor que...*

Ele fez uma pausa e contemplou distraidamente o chão, como se procurasse uma palavra ou conceito que teimosamente se recusasse a se revelar até mesmo para sua mente perspicaz.

— *O que devo fazer? — supliquei, esperando o veredicto. A resposta do professor Kant estava destinada a mudar minha vida.*

— *Você já esteve dentro da mente de um assassino, Hanno. Lá alimentou pensamentos que poucos homens ousariam admitir. Você não está sozinho. E esse conhecimento o torna especial. Agora deve usar isso para uma boa causa — replicou ele, calorosamente.*

— *Mas como, senhor? Como?*

A medida que ele falava, suas palavras apaziguaram meu espírito perturbado como um bálsamo medicinal.

— *Produza ordem onde o crime gera caos. Corrija as injustiças. Estude Direito.*

Duas semanas depois, matriculei-me na Universidade de Halle como aluno de jurisprudência. Cinco anos depois, com meu diploma de bacharelado em mãos, iniciei carreira como magistrado. Acompanhado por Helena Jordaenssen, minha esposa havia sete meses, comecei a trabalhar no vilarejo de Lotingen. Era uma vida tranquila e comum, mas eu gostava do anonimato monótono que lhe era característico. Eu não era obrigado a julgar e punir, mas somente officiar. De modo que eu seguira parcialmente o conselho de Kant. Como não ocorriam crimes violentos na cidade, eu nunca fora efetivamente obrigado a me colocar à prova.

Até o dia em que o sargento Koch entrou no meu escritório.

Desci os olhos para a página e li o que Kant ditara para Lampe.

As leis da natureza são viradas de ponta-cabeça no exercício de poderes semelhantes ao de Deus sobre outro ser humano. Um assassinato a sangue-frio abre as portas para o Sublime. Uma apoteose sem igual...

A questão surgia na minha mente com a força de um golpe de martelo. Teria o professor Kant sido acometido pela insanidade que tentara curar em mim? Teria eu aberto um caminho interdito e entregue a ele a Maçã do Conhecimento Proibido que estava ao final? A filosofia de Kant naufragava em um recife e eu, inadvertidamente, jogara-lhe uma corda salva-vidas. Teria ele encontrado, em seus derradeiros anos, o caminho para a liberdade absoluta que o exercício da disciplina racional e da argumentação lógica lhe haviam negado? Um pouco antes de o corpo do sargento Koch ser encontrado, Kant estava febril, a voz rouca de ardor.

— Eles não podem imaginar o que fui capaz de conceber — esbravejara ele. Comentava sobre seus detratores, os filósofos românticos, os altos prelados do *Sturm und Drang*.² — Eles mal podem imaginar o que...

Completei a frase para ele.

Eles mal podem imaginar o que fiz com sua ajuda, Stiffeniis.

Esse pensamento irrompeu na minha mente como um magma vermelho-ardente explodindo de um vulcão em atividade. Teria Immanuel Kant, com aquele livro, plantado a semente demoníaca na mente do criado, ditando noite após noite, sabendo que Lampe acreditaria em tudo que ele dissesse? Teria Kant, conscientemente, transformado o criado em um Coleman³ assassino e depois o deixado à solta pelas ruas de Königsberg?

Se Kant soubesse...

Jan Konnen, Paula-Anne Brunner, Johann Gottfried Haase e Jeronimus Tifferch eram suas vítimas. Ele provocara a humilhação que vitimara o procurador Rhunken, precipitara a morte do camareiro Morik, induzira os Totz ao suicídio, impelira Anna Rostova a ir além do aceitável e tornara a alma de Lublinsky tão monstruosa quanto o rosto.

A vida de Frau Tifferch e da amarga criada estariam para sempre arruinadas pela sua intromissão. E também a de todos os que conheceram e amaram as vítimas. A cidade e a população de Königsberg foram enredadas na teia de medo que Kant tecera com tamanha maestria.

E ele matara Koch. Meu fiel e sensato assistente. Servo humilde do Estado e meu também. O sargento Koch não identificara nada seguro na filosofia kantiana, nada tranquilizador na figura do próprio professor Kant. Koch pressentira a natureza sinistra do envolvimento de Kant no caso, detectara a perversidade daquele laboratório, enquanto eu ficara esmagado pela admiração.

Se Kant soubesse...

Ele me escolhera por uma única razão. Eu penetrara na mente de um assassino. Ele próprio dissera isso. Ele me escolhera — e não a *Herr* Rhunken ou qualquer outro magistrado mais experiente — para admirar a beleza demoníaca da sua tese filosófica final. A expressão sublime da vontade, o ato que ia além da Lógica ou da Razão, do Bem ou do Mal: o assassinato sem motivo. O momento em que o homem é livre, liberto das cobranças da moralidade. Como a natureza. Ou como Deus. Quando eu insistia na necessidade de provas racionais, explicações verossímeis, quando fracassei em entender o que ele pretendia que eu visse, Kant abriu a porta e me enviou para ser morto trajando sua própria capa sobre os ombros. Mas Koch interpusera-se no caminho. E recebera o golpe fatal que era destinado a mim. Se Kant soubesse...

Ele não demonstrara interesse no homem que eu me tornara, um magistrado diligente com esposa e dois filhos na tranquila cidade de Lotingen, quando me convocara à sua presença. Apelara, em vez disso, a uma criatura confusa e perturbada que só vira uma vez antes, respingado com o sangue de um rei decapitado diante de seus olhos em Paris, um indivíduo melancólico que assistira ao próprio irmão morrer, um tolo que, inadvertidamente, revelara a ele o segredo mais obscuro da alma humana enquanto caminhavam juntos pela névoa de uma tarde fria em volta dos muros da enorme fortaleza de Königsberg. Ao colocar o caso nas minhas mãos, o professor Kant pretendia exumar o demônio que encontrara onze anos atrás.

E, durante aqueles dias em Königsberg, pensei com um violento tremor, não é que ele quase teve sucesso em evocar aquele fantasma?

Aquelas cabeças nos frascos me impressionaram mais do que eu ousava admitir. Era somente a ciência que me fascinava? Não sentira também um tremor de excitação ao examinar o corpo congelado do Dr. Tifferch? Ou o crânio aberto de Morik? Ou quando desferi um soco de punho fechado no rosto inchado de Gerta Tutz e observei a máscara de sangue no suicídio do marido? Eu acolhera com excessiva prontidão a ideia de tortura quando a ocasião se apresentou, apesar do aviso de Koch. Augustus Vigilantius abriu um rombo na minha fina camada da normalidade quando do nosso primeiro encontro. Em seguida, Anna Rostova curvou-se diante do meu *animus* obscuro, reconhecendo um ser idêntico a ela, uma natureza perversa e amaldiçoada como a dela própria. Não posso negar que me senti excitado pela sua lascívia assassina... Fechei os olhos, envergonhado.

Mas um protesto subiu-me das profundezas do coração. Não! Eu fiz de tudo para prender um assassino. Usei o laboratório de Kant tendo em vista os interesses da ciência e da metodologia científica. Foi isso o que eu admirei, e não especificamente os itens macabros ali expostos. O corpo rígido de Tifferch me revelara como as vítimas foram mortas. Ergui minha mão contra Gerta Tutz para poupá-la de uma punição ainda mais severa. Não podia ter previsto a determinação desesperada que unia marido e mulher. Em seguida, Anna Rostova surgira. Era diferente de Helena, a mulher que eu escolhera como companheira. Houve momentos em que acalentara esperanças de proteger a albina das consequências de seus crimes. Não para possuí-la, mas para salvar aquele belo corpo da violência dos soldados.

Aos olhos de Kant, eu fracassara em apreciar a beleza desses crimes. Mas eu não era mais a criatura que ele considerava que eu fosse. Aquele fantasma desaparecera para sempre. Meu coração fora aquecido, redimido, salvo, pelo amor. Amor pela minha esposa. Amor pelos meus filhos. Amor pelo

Direito. Amor pela Verdade Moral. Nada que Immanuel Kant lançara no meu caminho fizera ressurgir aquele meu lado secreto e obscuro novamente. Onze anos atrás, caminhando ao redor da fortaleza na névoa glacial em companhia do professor Kant, eu realmente me curara. Eu renascera. E foi tudo por causa dele...



Recolhi os papéis, joguei uma moeda na mesa e apressei-me em sair do café. Lá fora, o ar frio da noite era uma bênção de todos os tipos. Dissipei as dúvidas sobre o que fazer. Sobre o que eu sabia que devia fazer. Como o próprio professor Kant teria dito, era um Imperativo Categórico. Mas eu percebia a ironia. Não tinha escolha. A Razão me obrigava. Nessas circunstâncias, não havia outra forma de atingir a Bondade Suprema.

Caminhei apressado pelo pavimento de pedras da alameda na escuridão densa. Correndo pela ponte no fim da rua, parei na metade do percurso. As altas águas marrons do rio Pregel borbulhavam abaixo de mim como melaço quente. Inclinando-me sobre a corrente, comecei a rasgar as folhas do documento que Frau Lampe confiara a meus cuidados. Os fragmentos brancos caíram como flocos de neve fresca e foram devorados pelas águas famintas.

Assim, o trabalho final de Immanuel Kant, professor de Lógica na Universidade de Königsberg, foi lançado num mundo confiável.

¹ Duplo, em alemão. (N. T.)

² Movimento literário pré-romântico alemão, que floresceu entre 1770 e 1785 e cujo nome procede da obra de Klinger, *Tempestade e ímpeto* (*Sturm und Drang*, 1776). Surgindo como uma reação ao racionalismo, suas principais características foram a exaltação das forças da natureza e do individualismo. Entre seus adeptos estavam Goethe, Schiller e Herder.

³ Figura do folclore judaico artificialmente construída na forma de um ser humano e dotada de vida. (N. T.)

De volta a Lotingen, retomei o trabalho mais convencido do que nunca de que a rotina diária de um magistrado de cidade do interior seria suficiente para minha felicidade. Disputas sobre terras comuns e pequenas heranças ocupavam-me os dias, controvérsias entre comerciantes rivais, fazendeiros roubando ração dos celeiros dos vizinhos à luz da lua, casos ocasionais de má conduta, casos frequentes de embriaguez, rupturas irrelevantes da paz. Essas eram minhas preocupações diárias.

Nada mais violento perturbava meus dias ou alterava meu descanso que o atropelamento acidental de um galo crescido quando uma carroça puxada por cavalos sacolejava no caminho para casa à luz do crepúsculo. Os eventos de Königsberg não desapareceram da minha memória, mas a experiência parecia retrair-se e diminuir de intensidade com o tempo e a distância. Aquela lembrança era como uma cicatriz ainda sensível que dói em um dia frio, fazendo-nos recordar que o perigo e a dor se acabaram, que o pior já passou, que melhoramos dia após dia. Na verdade, a vida tinha retomado completamente seu curso normal quando, no início de abril, recebi uma carta de Olmuth Hanfstaengel, que, desde que eu me lembrava, sempre fora advogado da família. Sem preâmbulo algum, ele me informava que meu pai falecera há dez dias de um ataque repentino e fora enterrado, de acordo com seu desejo final, ao lado da minha mãe e do meu irmão no túmulo da família no cemitério de Ruisling, e o próprio Hanfstaengel fora designado para executar seu testamento. Na sucinta mensagem, o advogado informou que a propriedade, as terras, a casa e tudo nela contido tinha sido vendido, com uma exceção, conforme meu pai especificara, e a renda obtida fora doada, depois de pagos os custos legais, à Academia Militar Juvenil em Drujba, onde Stefan servira ao país por poucos meses. Em breve codicilo, o Dr. Hanfstaengel informava que eu fora citado diretamente uma vez no testamento do meu pai e que receberia notícias novamente em pouco tempo. E, com esse breve anúncio, terminava a mensagem.

Helena permaneceu em silêncio ao meu lado enquanto eu lia. Mãos apertadas com força no peito, ela parecia lutar para conter a ansiedade crescente que a chegada da carta provocara. Sem uma palavra, entreguei-a a ela. Seus olhos correram pela página e, quando ela os ergueu para mim, alguns instantes depois, havia uma alegria jovial, um contentamento na sua expressão que, embora tentasse, não conseguia conter.

— Acredito que Stefan tenha rezado por nós, como supliquei que fizesse quando fui a Ruisling colocar flores frescas na sua sepultura — disse ela com veemência inesperada para mim.

Evidentemente, ela ainda se inclinava a acreditar que o encontro casual com meu pai aquele dia no cemitério produzira um milagre. Parecia pensar que uma reconciliação fora alcançada, que algo mudara no seu coração e que o fizera se lembrar de mim no testamento, acolhendo-me postumamente como seu único filho vivo. Por um instante, convenci-me de que ela estava certa. Mas havia algo desconcertante naquela carta, algum obstáculo implícito que não permitiria que meu próprio otimismo florescesse como o dela. Sempre que mencionava meu irmão, meu pai falava "Stefan, meu filho adorado", mas, quando se referia a mim, era somente pelo nome.

Ainda assim, em um estado de grande expectativa — se é que esta é a expressão correta —, esperamos novas notícias do Dr. Hanfstaengel. Elas chegaram duas semanas depois. Poucas palavras, nada mais: "Aqui está contida a sua herança, conforme estipulado no testamento final do falecido Wilhelm Ignatius Stiffeniis".

Observamos, em estado de agitação nervosa, a bagagem ser retirada da carroça pelo cocheiro e seu ajudante e carregada até o hall de entrada. Reconheci o baú imediatamente. Era de carvalho maciço com remates de aço em toda a volta. O maior baú que havia em Ruisling sempre guardado no quarto de vestir

da minha mãe. Eu nem precisava abri-lo para adivinhar seu conteúdo. Uma paralisia gradual pareceu tomar conta do meu corpo. Meu coração congelou dentro do peito, latejando dolorosamente enquanto lutava para combater o horror que me consumia a mente.

Ajoelhei no frio chão de pedra e ergui a tampa.

Todos os pertences materiais de Stefan estavam entulhados desordenadamente no interior do baú: as roupas que mais gostava de usar, as bugigangas que guardava como lembrança de dias felizes, os livros favoritos que lia e relia. E, no alto da pilha, cinco frascos de vidro de mel dourado. Na tumultuada e derradeira fase de sua vida, os frascos de açúcar líquido garantiam seu bem-estar. O sexto frasco se quebrara durante a viagem. Cacos de vidro e respingos do líquido pegajoso espalhavam-se por todos os lados.

Aquilo era minha herança.

Meu pai não pretendia me deixar esquecer. Ele não me legaria paz de espírito. A maldição que lançara sobre mim em vida não encontraria repouso junto a seus restos mortais. As relíquias da vida estilhaçada do meu irmão foram transportadas para dentro da minha própria casa.

Virando-me para Helena, vi que a alegria e a esperança haviam desaparecido de seus olhos. Ela me fitava acusadora e inquisitivamente, e, no seu silêncio prolongado, pensei ouvir novamente as perguntas que nunca respondi. As questões explicitadas na carta que ela me escrevera em Königsberg depois do primeiro e único encontro com meu pai. *O que pode suscitar tamanho ódio em um pai, Hanno? O que ele acha que você fez?*

O baú foi levado sem mais uma palavra para o sótão, onde permaneceu acumulando pó por alguns meses. Um verão de umidade incomum havia terminado e um outono frio e cinzento se iniciara quando fui obrigado a ir até o sótão em busca de velas. Tendo encontrado o que procurava, estava prestes a descer novamente quando um impulso repentino me invadiu. Uma curiosidade mórbida, acendida por uma faísca de ressentimento por meu pai, incitaram-me a abrir o baú e examinar seu conteúdo com mais cuidado que meu estado de choque inicial permitira. Quando a tampa se abriu e se apoiou nas dobradiças enferrujadas, uma nuvem poeirenta de dor e pesar pareceu erguer-se no ar. Os vestígios da curta existência do meu irmão na terra foram atirados para dentro da caixa com violenta energia e completo descaso. O mel congelara como âmbar em um maço de cartas de amor amarradas com um laço de fita rosa desbotado e manchara a capa do livro favorito de Stefan, *Os sofrimentos do jovem Werther*.

Sentei-me no chão de madeira, o livro pesado como chumbo nas mãos, recordando o quanto ele amara aquela história. Deve tê-la lido uma centena de vezes com uma paixão que parecia nunca arrefecer, mas, sim, aumentar a cada nova leitura. Com que frequência ele recitava trechos em voz alta na sala de estudos que compartilhávamos? E com que frequência eu cochilava com as nobres frases de Goethe chegando-me aos ouvidos sem que eu as escutasse? Em um momento de distração, enquanto revivia essa Arcádia¹ perdida da juventude, o volume deslizou-me das mãos e caiu no chão. Olhando para baixo, vi que o romance caíra aberto nas páginas que relatam a morte prematura do jovem protagonista. Stefan redigira anotações críticas na margem a lápis, como era seu costume. Mas, em seguida, divisei meu próprio nome escrito ali. “Querido Hanno”, li:

Você deve se perguntar por que permaneci em silêncio enquanto você me contava sobre Paris e a execução do rei Luís. Toda minha vida eu o atormentei com minhas perguntas.

Mas dessa vez não disse nada. Você não pode imaginar as emoções que suas palavras provocaram na minha alma. E como eu poderia lhe contar? Se não houver vida após a morte, nenhum lugar onde possamos nos reencontrar, agradeço-lhe agora por compartilhar seus segredos comigo. Agradeço-lhe por me mostrar o caminho a seguir. Pode o suicídio ser definido como um assassinato a sangue-frio? É a decisão mais grave que qualquer homem

pode tomar. Existe liberdade mais completa?

Se precisamos esperar para ser aniquilados, para "sofrer as pedras e setas de um destino cruel", como nos diz o poeta inglês,² por que postergar a crise por mais um dia? Morrer é a sublimação de cada vida existente.

Decidi acabar com meu sofrimento.

E com sua ajuda, Hanno querido, embora você nunca vá saber. Duvido que você alguma vez leia este livro! Amanhã subiremos o Richtergade. Você não vai me desapontar.

Nossas mentes e nossos corações estão atormentados, querido amigo. Você tem suas razões, eu tenho as minhas. Uma corrida até o topo nos fará todo o bem do mundo.

Mas nunca retornarei, não suporto mais o mel! Talvez você descubra o plano...

Ele inserira sorratamente o próprio frasco salvador de mel no meu bolso quando saímos de casa naquela manhã. Meus olhos marejaram de lágrimas ao ler a última linha do que ele escrevera:

Como você me ofereceu um lampejo da Liberdade, deixo-lhe como herança a visão da minha morte.

Ruisling, 17 de março de 1793

Assim recebi minha verdadeira herança. Poderia eu ter recebido legado mais generoso? Com seu desejo amargo de me amaldiçoar mesmo depois de sua morte, de me atormentar por um crime que eu nunca cometera, meu pai implacável me restituiu a paz de espírito que me ficara por um fio, há onze anos.



Na manhã seguinte, caminhando nos campos ao redor da casa, desfrutando do primeiro dia claro em semanas e das tentativas incertas que o pequeno Immanuel fazia de andar com as próprias pernas, eu finalmente respondi às perguntas de Helena: falei abertamente sobre a morte de Stefan e lhe contei o que meu pai pensara que eu tivesse feito. Ela escutou em silêncio. Seus olhos fitaram calmamente os meus. Como meu irmão, quando lhe contei o que vira em Paris. Como Kant, quando confessei a ele o medo da criatura sombria que me invadira a mente. Contei-lhe da juventude turbulenta que eu tivera antes de nos conhecermos e do homem que eu me tornara desde então. Nesse ponto, ela pôs carinhosamente a mão na minha e tocou o dedo nos lábios, direcionando minha atenção para nosso pequeno filho com um curioso gesto de cabeça. Immanuel se libertara da mão protetora da mãe que o guiava e marchava concentrado e firme com as perninhas rechonchudas na nossa frente.

— Ele é um rapaz bom e corajoso, Hanno. Um pouco independente, talvez. Exatamente como o pai — Helena observou. — Acho que chegou a hora de irmos até Ruisling, você não acha?

Naquela noite, escutei Lotte e Helena conversando na cozinha. Nossa criada parecia ao mesmo tempo admirada e preocupada, dizendo estar feliz em me ver tão sereno depois da notícia da morte do meu pai e da decepção financeira que o testamento nos causara.

— Nunca o vi tão despreocupado como hoje — Lotte exclamou. — O patrão parece ter se recuperado de uma longa e terrível enfermidade.

A resposta da minha esposa foi dada naquele tom de voz animado e feliz que ela, em geral,

empregava com as crianças.

— Ele se recuperou, Lotte. Ele, com certeza, se recuperou.

Dois dias depois fizemos nossa peregrinação ao túmulo da família em Ruisling. Os agradecimentos que dirigi a Stefan, as orações que proferi pela alma da minha mãe e do meu pai soaram ainda mais altas dado o enorme silêncio do local, que parecia ajustar-se em volta de mim como um manto quente e confortável.



No mês de maio, em uma manhã brilhante e ensolarada, depois de uma semana triste de névoa persistente e quase onírica e geadas de madrugada que deixaram reluzentes os campos incultos, Lotte Havaars entrou na cozinha com um ar teatral de segredo.

Esticou as mãos fechadas para as crianças, para, em seguida, abri-las com um gesto repentino, revelando duas brilhantes joaninhas alaranjadas abrigadas juntas na palma das mãos.

— O país inteiro está infestado delas, senhor — anunciou ela, com um sorriso feliz. — Este será um bom verão. Joaninhas tão cedo na estação! É um presságio de bonança. Napoleão nunca vai vencer uma nação tão rica e boa e forte.

Cientes de como rimos das suas amargas previsões no ano anterior, e de tudo que veio a ocorrer nesse ínterim, Helena e eu trocamos um sorriso sem graça. Estávamos mais do que propensos a acreditar que Lotte estava certa.

E estava realmente.

O verão de 1805 foi uma época de grande abundância e produtividade. A paz reinou na Prússia Oriental. Como Königsberg e todas as outras grandes e pequenas cidades do reino, Lotingen retomou seu trabalho firme de tempos passados. Napoleão Bonaparte direcionou seu exército para o sul, a fim de enfrentar as forças combinadas de austríacos e russos na batalha de Austerlitz. Ao que tudo indicava, o imperador francês parecia ter virado as costas para nós. Mas por quanto tempo essa paz não declarada persistiria? Ele marchara para Hanover e ocupara a cidade em 1802 e todos sabiam que podia fazer o mesmo novamente, quando quisesse. Magreta Lungrenek, a arúspice do general Katowice, aventara essa possibilidade, prevendo astutamente o nome do túmulo da nação nas entranhas emaranhadas e sanguinolentas de um corvo morto que jazia crucificado em sua mesa.

A História provou que ela estava certa.

A semente prussiana fora plantada na mente indomável de Napoleão Bonaparte e floresceria um ano mais tarde, carregada para o sul, talvez, nas asas inocentes de uma joaninha migrante de um campo de trigo nos arredores de Jena...

¹ Região da antiga Grécia no centro do Peloponeso cujo nome provém da figura mitológica Arcádio. A vida simples da população local, dedicada ao pastoreio, foi considerada um paraíso da inocência e da felicidade na poesia bucólica da Antiguidade Clássica e representou um importante tópico da literatura renascentista. (N. T.)

² William Shakespeare, Hamlet, ato III cena I. (N. T.)

FIM

Agradecimentos

Vários livros maravilhosos influenciaram o desenvolvimento deste romance, mas uma das investigações mais esclarecedoras da vida e do pensamento da Prússia no início do século XIX deve ser *Tales from the German Underworld*, de Richard J. Evans (New Haven e London, Yale University Press, 1998). No tocante à vida e às opiniões de Immanuel Kant, o recente *Kant — a Biography*, de Manfred Kuehn (Cambridge, Cambridge University Press, 2001) desmascara mil mitos e acrescenta muito ao nosso conhecimento sobre o filósofo. Ambos os livros são altamente recomendados.

Nosso agradecimento especial a nossa agente, Leslie Gardner, pelos comentários críticos e encorajamento sem fim, e para todos na Faber and Faber, particularmente nosso editor, Walter Donohue.

*Este livro foi composto em Minion
para a Editora Planeta do Brasil
em outubro de 2006.*